

# **O Anti-imperialismo na era da Rivalidade das Grandes Potências**

**Os Fatores por trás da Aceleração da Rivalidade  
entre os EUA, a China, a Rússia, a UE e o Japão**

**Uma crítica da análise da esquerda  
e um esboço da perspectiva marxista**

**Michael Pröbsting**



**Publicado Pela Corrente Comunista Revolucionária Internacional**



# **O Anti-imperialismo na era da Rivalidade das Grandes Potências**

**Os Fatores por trás da Aceleração da Rivalidade  
entre os EUA, a China, a Rússia, a UE e o Japão**

**Uma crítica da análise da esquerda  
e um esboço da perspectiva marxista**

---

**Michael Pröbsting**



**Publicado Pela Corrente Comunista  
Revolucionária Internacional**

## ***O Anti-imperialismo na era da Rivalidade das Grandes Potências***

*Os Fatores por trás da Aceleração da Rivalidade  
entre os EUA, a China, a Rússia, a UE e o Japão*

*Uma crítica da análise da esquerda e um esboço da perspectiva marxista*

Autor: Michael Pröbsting

Tradutor: Joao Evangelista

*Este livro é dedicado a todos aqueles que dedicam suas vidas à luta pela libertação da classe trabalhadora e para a construção do partido revolucionário mundial sem o qual esta Luta de libertação não pode vencer.*

Publicado pela

**Corrente Comunista Revolucionária Internacional** (CCRI, em inglês-RCIT)

**Web:** [www.thecommunists.net](http://www.thecommunists.net)

**E-mail:** [rcit@thecommunists.net](mailto:rcit@thecommunists.net)

**Telefone:** +43 (0) 650406 83 14

A *Corrente Comunista Revolucionária Internacional* tem seções e ativistas na Nigéria, Zâmbia, Quênia, Paquistão, Sri Lanka, Iêmen, Israel / Palestina Ocupada, Brasil, México, Grã-Bretanha, Alemanha e Áustria. Além disso, a CCRI mantém relações fraternas com organizações no Quênia, Nigéria, República Democrática do Congo, Rússia e a Turquia.

© **Revolutionary Communist International Tendency (RCIT)**  
**e Michael Pröbsting**

Todos os direitos reservados

# Conteúdo

Lista de Tabelas e Quadros .....	10
Introdução .....	15
<b>Parte 1: Características do imperialismo no século XXI</b>	
I. A crise histórica do capitalismo .....	21
II. A Ofensiva Global dos Capitalistas Contra a Classe Trabalhadora .....	32
III. O Capitalismo e a Crescente Relevância da Imigração .....	39
IV. Os critérios marxistas para uma grande potência imperialista .....	47
<i>Principais Características de um Estado Imperialista</i>	
<i>e Respectivamente de um Estado Semicolonial</i>	
<i>É Possível uma Transição de ser Um Tipo de Estado para Outro Tipo de Estado?</i>	
<i>“Sub-imperialismo” – É uma categoria útil?</i>	
V. O surgimento da China e da Rússia Como Novas Grandes Potências .....	59
<i>Produção e Comércio</i>	
<i>Monopólios e Bilionários</i>	
<i>Exportação de Capital e Gastos Militares</i>	
VI. A Aceleração das Rivalidades Inter-Imperialistas .....	72
<b>e a Guerra Global do Comércio</b>	
<i>O Início de Uma Nova Guerra Fria</i>	
<i>Tianxia - O Desafio Ideológico da China</i>	
<i>Protecionismo e Militarismo</i>	
<i>O Impulso Imperialista pelo Controle do Sul</i>	
<i>A Rivalidade entre EUA e China como eixo principal</i>	
<i>das contradições Internas dos imperialistas</i>	
VII. Grandes poderes imperialistas: algumas comparações históricas .....	93
<i>Análise: A Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado</i>	
<i>Alguns Exemplos Históricos Sobre a Desigualdade das Grandes Potências antes de 1939</i>	
<i>A Globalização e as Grande Rivalidade das Potencias</i>	
<i>no período anterior à Primeira Guerra Mundial</i>	
<i>As vacas “gordas” e as “magras”</i>	

## **Parte 2: Teorias Revisionistas Modernas das Rivalidades das Grandes Potências no Mundo de Hoje**

### **VIII. Cortina de Fumaça Revisionista: Admiradores Estalinistas e Bolivarianos do “Socialismo” de Pequim . . . . . 111**

*A China é um Caso Único de Milagre Capitalista?*

*Os Estalinistas russos: Falta de Compreensão do Imperialismo em seu Próprio País*

*O CPGB-ML ultra-stalinista: Rússia e China “anti-imperialista”?*

*O Ultra-Estalinista CPGB-ML: Rússia e China “Anti-Imperialista”?*

### **IX. Cortina de Fumaça Revisionista: Rússia e China Não São Nem Capitalistas nem Grandes Potências (PO / CRFI) . . . . . 128**

*O capitalismo ainda não está restaurado na Rússia e na China?*

*A Teoria do Imperialismo de Lenin e sua Falsificação Estalinófila*

*Exportação de Capital da Rússia e da China: Mito e Realidade*

*Sobre o Caráter dos Investimentos Estrangeiros da China*

*Empresas Estatais na China e na Rússia: Não São apitalistas?*

*O Papel da Imigração*

### **X. Cortina de Fumaça Revisionista: China e Rússia São Semicolônias, e Não Grandes Potências (LIT / UIT / FT) . . . . . 155**

*LIT: A China se Compara com o Brasil, Índia ou México?*

*UIT: China é Super-Explorada Pelo Imperialismo?*

*FT: Rússia e China Não Podem se Tornar Imperialistas Sem uma Grande guerra?*

### **XI. Cortina de Fumaça Revisionista: Quando a Categoria “Imperialismo” Não Tem Significado (CIT / TMI / TSI) . . . . . 167**

*CIT: “Esquecendo” Sobre o Caráter Imperialista da Rússia ou da China?*

*TMI: Um Reconhecimento Puramente Formal*

*da Rússia e da China como Grandes Potências*

*PST: Indiferença Teórica*

## **Parte 3: O Programa d Derrotismo Revolucionário Contra Todas as Grandes Potências**

### **XII. A Terceira Guerra Mundial é Inevitável? (Notas críticas sobre Michael Roberts) . . . . . 177**

*Crescimento Populacional e Longos Crescimentos Econômicos*

*Quais São as Condições Longos Crescimentos Econômicos?*

*Um Elemento de Kautskyanismo*

<b>XIII. O Proletariado Como Classe Internacional</b> .....	<b>187</b>
<i>Internacionalismo e Libertação Nacional</i>	
<i>Sobre o Aristocratismo e a Aristocracia Trabalhista</i>	
<b>XIV. O Caráter Internacionalista da Luta</b>	
<b>Contra a Guerra Imperialista e a Natureza Social-Patriótica</b>	
<b>da Teoria Estalinista do “Socialismo Num Só País”</b> .....	<b>195</b>
<b>XV. O Significado do Ditado “A Guerra</b>	
<b>é a Continuação da Política por Outros Meios”</b> .....	<b>202</b>
<b>XVI. Derrotismo Revolucionário Como Estratégia Combinada</b> .....	<b>207</b>
<i>A natureza Contraditória do Imperialismo Como Base objetiva do Anti-Imperialismo</i>	
<i>Os Clássicos Marxistas Sobre a Estratégia Combinada</i>	
<b>XVII. A Relação Entre Guerra e Revolução</b> .....	<b>217</b>
<i>“Pequenas” e “Grandes” Guerras Imperialistas</i>	
<i>III Guerra Mundial e Revolução - uma contradição em si mesmo?</i>	
<b>XVIII. Derrotismo Revolucionário nos Conflitos</b>	
<b>entre Estados Imperialistas: Os Clássicos Marxistas</b> .....	<b>223</b>
<i>Marx e Engels na Época Pré-Imperialista</i>	
<i>Os Bolcheviques e a Guerra Russo-Japonesa 1904/05</i>	
<i>A Elaboração Completa do Programa Derrotista</i>	
<i>de Lenin na Primeira Guerra Mundial 1914-17</i>	
<i>A Agitação Bolchevique Contra a Guerra na Rússia</i>	
<i>Trotsky Continua a Luta Revolucionária Contra a Guerra Imperialista</i>	
<b>XIX. Derrotismo Revolucionário em Conflitos</b>	
<b>entre Estados Imperialistas: componentes programáticos (1)</b> .....	<b>235</b>
<i>Pela Independência da Classe Trabalhadora -</i>	
<i>Nenhum Apoio a Qualquer Grande Potência!</i>	
<i>A luta Contra o Chauvinismo</i>	
<i>Mudanças nas Condições e suas Conseqüências</i>	
<i>A Crise Moral nos Países Imperialistas Ocidentais</i>	
<b>XX. Derrotismo Revolucionário nos Conflitos</b>	
<b>entre os Estados Imperialistas: Componentes Programáticos (2)</b> .....	<b>247</b>
<i>A Questão das Sanções de uma Grande Potência Contra Outra</i>	
<i>Guerra Comercial Global e Táticas Internacionalistas</i>	
<i>Guerras entre Grandes Potências, e Respectivamente entre suas Marionetes</i>	
<i>Alinhando-se ao Mal Menor (Imperialista)?</i>	
<i>A Pobreza do Pacifismo</i>	
<i>O Slogan do Desarmamento</i>	
<i>Tribunais Internacionais de Arbitragem e Nações Unidas</i>	

<b>XXI. Derrotismo Revolucionário nos Conflitos entre os Estados Imperialistas e os Povos Oprimidos</b> .....	<b>264</b>
<i>Guerras Imperialistas e Ocupações de Países Semicoloniais</i>	
<i>Agressões Imperialistas Não-Militares Contra os Países Semi-Coloniais</i>	
<i>Opressão das Minorias Nacionais</i>	
<i>Táticas de Luta em Massa</i>	
<i>Em Cenários Complexos de Guerra</i>	

<b>XXII .Derrotismo Revolucionário e a Luta pela Igualdade Total dos Imigrantes</b> .....	<b>276</b>
---	------------

#### ***Parte 4: O Fracasso da Esquerda na Luta Contra o Imperialismo***

<b>XXIII. A Esquerda Enfrentando A Rivalidade das Grandes Potências: Social-Imperialistas Pró-Occidentais</b> .....	<b>284</b>
<i>Observações Gerais Introdutórias</i>	
<i>O Partido da Esquerda Europeia (PEE)</i>	
<i>Islamofobia: O Novo Anti-Semitismo do Século XXI</i>	
<i>O Partido Comunista Japonês</i>	
<i>PCJ: Assessor de uma Estratégia Alternativa Para o Imperialismo Japonês</i>	

<b>XXIV. A Esquerda Enfrentando a Rivalidade das Grandes Potências: Sociais-Imperialistas (Estalinistas) Pró-Orientais</b> .....	<b>300</b>
<i>A Aliança Estalinista em torno do Encontro Internacional dos Partidos Comunistas e Operários</i>	
<i>Estalinismo e a Contra-Revolução na Síria</i>	
<i>Social-Imperialismo Russo: o KPRF, o RKRK e o OKP</i>	
<i>“Defendendo os ireitos soberanos da Grécia”:</i>	
<i>o KKE Estalinista como Exemplo do Social-Chauvinismo burguês</i>	
<i>O KKE Promete “aniquilar qualquer intruso estrangeiro que ouse atacar a Grécia”</i>	
<i>O KKE Nega os Direitos Nacionais da Macedônia</i>	
<i>Conclusões</i>	
<i>Os Estalinistas Saúdam o Chauvinismo Sérvio contra os Albaneses do Kosovo</i>	
<i>O Ultra-Estalinista PCGB-ML: Leais Apoiadores do Imperialismo Russo e Chinês</i>	
<i>Divagações: Algumas Observações sobre os sociais-imperialistas “Pacifistas” e os sociais-imperialistas “Beligerantes”</i>	



<b>XXV. A Esquerda Enfrentando a Rivalidade das Grandes Potências: Social-Imperialistas Pró-Orientais (Não-Estalinistas) . . . . .</b>	<b>326</b>
<i>Boris Kagarlitsky e Rabkor: Grandes “Marxistas” russos prontos para lutar pelos interesses de Moscou “com Sangue e Ferro” Os Pseudo-Trotskistas Pró-Russos/Chineses (PO/CRFI) As seitas Espartaquistas e sua defesa do “Estado Operário Degenerado” Chinês</i>	
<b>XXVI. Sobre o Imperialismo Social Invertido e o Atrativo “Anti-Imperialista” da Rússia e da China . . . . .</b>	<b>338</b>
<i>Quais são as razões para o equivocado atrativo “anti-imperialista” da Rússia e da China? O Social-Imperialismo Invertido como uma Variação da Colaboração de Classe O Que os Social-Imperialistas Invertidos farão em Caso de uma Grande Guerra?</i>	
<b>XXVII. A Esquerda Enfrentando a Rivalidade das Grandes Potências: Negadores do Caráter Imperialista da Rússia e da China sem tirar conclusões . . . . .</b>	<b>347</b>
<b>XXVIII. A Esquerda Enfrentando a Rivalidade das Grandes Potências: Social-Pacifistas Ecléticos . . . . .</b>	<b>351</b>
<i>CIT /TMI: Recusa em Defender os Países Semi-Coloniais Contra o Imperialismo TMI da Rússia: Nenhum Apoio ao “Separatismo Checheno” Lênin “corrigiu” seu Programa de Derrotismo Revolucionário? O Movimento Socialista Russo: Ecletistas Confusos</i>	
 <b><i>Parte 5: A tarefa de organizar a luta anti-imperialista</i></b>	
<b>XXIX: Construindo o Partido Revolucionário Mundial na Era das Rivalidades das Grandes de Potências . . . . .</b>	<b>366</b>
<i>Mudanças nas Condições para Construir um Partido Revolucionário Mundial Orientação para os Novos Setores Militantes da Classe Trabalhadora e da Juventude Reformismo e Centrismo como Obstáculos</i>	
<b>Apêndice: Teses Sobre o Derrotismo Revolucionário nos Estados Imperialistas . . . . .</b>	<b>377</b>
<b>Bibliografia . . . . .</b>	<b>387</b>
<b>Sobre o autor . . . . .</b>	<b>427</b>

## Lista de Tabelas

Tabela 1. O desenvolvimento do Produto Interno Bruto global, 1960–2010 (em números absolutos e crescimento médio anual) . . . . .	22
Tabela 2. Taxas de Crescimento Industrial Regiões e Países Selecionados 1870-2014 (em porcentagem) . . . . .	24
Tabela 3. Crescimento da produção mundial: variação percentual anual 2001-2017 . . . . .	23
Tabela 4. Participação na Produção por Região, 1985 e 2015 (em%) . . . . .	25
Tabela 5. Participação nas exportações de mercadorias mundiais por região e economias selecionadas 1953-2017 (porcentagem) . . . . .	61
Tabela 6. Participação nas importações de mercadorias mundiais por região e economias selecionadas-1953-2017 (porcentagem) . . . . .	61
Tabela 7. Composição nacional das 2.000 maiores empresas do mundo, 2003 e 2017 (lista Global Forbes) . . . . .	61
Tabela 8. Composição regional das 5.00 principais companhias do mundo entre 2.000 e 2016 . . . . .	63
Tabela 9. Os países ricos e super-ricos, 2018 . . . . .	63
Tabela 10. Fluxo de investimentos estrangeiros diretos por país em 2017. . . . .	66
Tabela 11. Investimentos estrangeiros diretos externo disponíveis por país em 2017 . . . . .	66
Tabela 12. Forças nucleares do mundo, 2018 . . . . .	67
Tabela 13. Os 10 principais exportadores de armas, 2016 . . . . .	68
Tabela 14. Declínio dos EUA e Ascensão da China entre 1985 e 2018 . . . . .	84
Tabela 15. O aumento do peso global da China, 2000 vs 2015 . . . . .	84
Tabela 16. População e Produto Interno Bruto em 1913 . . . . .	99
Tabela 16. População e Produto Interno Bruto em 1913 . . . . .	99
Tabela 18. Participação das grandes potências na produção industrial, Comércio e exportação de capitais, 1913. . . . .	100

Tabela 19. Posição de Investimento Estrangeiro dos Estados Unidos, 1914 (em bilhões de dólares) . . . . .	100
Tabela 20. Alemanha e Reino Unido: Investimento Estrangeiro em Porcentagem da Formação Líquida Total de Capital (a preços atuais) . . . . .	100
Tabela 21. Ativos Estrangeiros Líquidos em 1914 (% do PIB) . . . . .	99
Tabela 22. Valor Nominal Bruto do Capital Investido no Exterior em 1938 . . . . .	104
Tabela 23. Principais Parceiros Comerciais da Grã-Bretanha e Alemanha, 1890-1913 (% médio de participação) . . . . .	104
Tabela 24. Nível médio de tarifas na Europa 1914 (em%) . . . . .	104
Tabela 25. Investimento Direto Estrangeiro-IDE da China Investimento Direto Estrangeiro interno da China . . . . .	137
Tabela 26. Total da População Mundial décadas de 1950-2050 (projeção histórica) . . . . .	179
Tabela 27: Participação do Emprego por Ocupação Ampla (por habilidade), Mundo e Regiões, 2013. . . . .	192

## Lista de Quadros

Quadro 1. Taxa de Crescimento do Produto Global Bruto Real Per Capita, 1961-2015 .....	22
Quadro 2. Produção Global e Comércio Mundial, grupos de países selecionados e seus períodos, 1870-2016 .....	23
Quadro 3. Evolução do total de número de horas trabalhadas (1993 a 2014)... 26	
Quadro 4. Mudanças no comércio mundial e no investimento direto estrangeiro, 1980-2015 .....	27
Quadro 5. Taxa Mundial de Lucro e Taxa Média nos Países Centrais e Periféricos (1869-2010) .....	29
Quadro 6. Declínio da Proporção do Salário Global .....	29
Quadro 7. A Massa Salarial Global Ajustadas e Não Ajustadas em Países Selecionados do G20, 1991-2011.....	33
Quadro 8. Evolução da Massa Salarial Ajustada (percentual) .....	33
Quadro 9. Declínio da Massa Salarial nas Maiores Economias.....	34
Quadro 10. Declínio da Massa Salarial nas Maiores Economias Em Desenvolvimento .....	34
Quadro 11. Evolução da Massa Salarial e da Composição da Força de Trabalho por Nível de Habilidade (em percentual) .....	35
Quadro 12. Massa Salarial por Competências, conforme definido pela Formação dos Trabalhadores, 1995-2009 (Brasil, China, Índia, Indonésia, México, Coréia do Sul, Turquia) .....	36
Quadro 13. Principais 1% de rendimentos de ações em todo o mundo, 1980-2016 .....	37
Quadro 14. População Estrangeira e Cidadãos Estrangeiro em 2013 (porcentagem da população total) .....	41
Quadro 15. Produção industrial global, EUA, Europa Ocidental e China Entre 1970-2015 (Em Preços Atuais).....	59
Quadro 16. Participações dos EUA e da China no comércio mundial, 2001-2016 .....	60

Quadro 17. Top dez Países que Gastam em Pesquisa e Desenvolvimento 2.000-2015 .....	67
Quadro 18. Medidas protecionistas dominam e distorcem o comércio global .....	78
Quadro 19. Comércio mundial como porcentagem do PIB mundial-1960-2016 .....	78
Quadro 20. A tendência de transferências dos principais armamentos 1950-2017 .....	79
Quadro 21. Gastos militares em âmbito mundial .....	79
Quadro 22. Mercados Emergentes: Investidores Estrangeiros como uma Classe de Investidora, 2004-12 .....	80
Quadro 23. Parcela dos rendimentos na China, 1978-2015 .....	115
Quadro 24. PIB per capita na China e vizinhos da Ásia Oriental 1960-2011 ..	117
Quadro 25. Crescimento de longo prazo da China e leste da Ásia, 1870-2020 .....	118
Quadro 26. PIB real per capita na Coreia do Sul, 1960-2011 .....	118
Quadro 27. PIB da Rússia por Contribuinte (em US \$ bilhões e em ações) ...	131
Quadro 28. Participação da Renda na Rússia, 1905-2015 .....	132
Quadro 29. Renda dos Estados Unidos sobre investimento direto no exterior, países selecionados, primeiro trimestre de 2000 até o primeiro trimestre de 2018 (bilhões de dólares) .....	149
Quadro 30. Participação nas Exportações Globais de Mercadorias, 1948–2017 (em porcentagem) .....	161
Quadro 32. Porcentagem da População com idades entre 15 e 64 anos, por região, 1970-2030 .....	178
Quadro 31. Taxa média anual de faixa de população, para o mundo e principais áreas, 1970-2050 .....	179
Quadro 33. Fluxo de Investimento Estrangeiro Direto para o PIB Global (em %), 1880-2000 .....	197
Quadro 34. Exportações mundiais como parte do PIB mundial, 1820-2013 .....	197



## Introdução

Um dos maiores problemas do nosso tempo é a crescente rivalidade entre as Grandes Potências imperialistas - os EUA, a China, a UE, a Rússia e o Japão. Então, as disputas diplomáticas, as sanções, as guerras comerciais, as tensões militares e, em última análise, as grandes guerras entre essas Grandes Potências são características marcantes do período histórico que se aproxima. A iminente Guerra Global do Comércio entre os EUA e a China, as tensões no Mar do Sul da China, as sanções entre o Ocidente e a Rússia - tudo isso demonstra a atualidade maior da questão da rivalidade entre as Grandes Potências.

Estes desenvolvimentos estão intimamente relacionados com a crescente agressão das Grandes Potências contra os povos oprimidos - um fenômeno que tem massivamente se acelerado desde 2001 sob o disfarce da “*Guerra ao Terror*”.

Por estas razões, sempre enfatizamos a importância crucial de compreender a natureza do sistema mundial imperialista. Sem essa compreensão da teoria marxista na época moderna, é impossível reconhecer o caráter imperialista das Grandes Potências. Esta é uma questão especialmente urgente, dado o surgimento de novas potências imperialistas - China e Rússia - que estão a desafiar os antigos senhores da antiga ordem imperialista mundial (os EUA, como hegemônico, e a UE e o Japão como potências aliadas).

Consequentemente, uma correta compreensão teórica das principais contradições do capitalismo mundial é o pré-requisito para os socialistas adotarem uma posição anti-imperialista inequívoca - uma das tarefas mais importantes para os marxistas hoje, em especial para aqueles que atuam no coração da besta fera imperialista.

Tal programa marxista de luta anti-imperialista dentro dos próprios países imperialistas tornou-se conhecido como Derrotismo, ou, para ser mais preciso, como *Derrotismo Revolucionário*. Este programa significa, resumindo-o numa fórmula simples, rejeitar qualquer tipo de apoio a toda e qualquer Grande Potência imperialista, apoiar todas as lutas de libertação contra qualquer uma dessas potências e utilizar todas as dificuldades e crises para fazer avançar a luta de classes para derrotar a classe dominante imperialista em todos os países. Nossa organização, a *Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI)*, publicou recentemente um documento substancial sobre esta questão (“*Teses sobre Derrotismo Revolucionário em Estados Imperialistas*”). Este documento programático é republicado aqui como um apêndice. [1]

O presente livro é basicamente estruturado em quatro partes principais. Na primeira parte, lidamos com várias características do imperialismo que são relevantes para o nosso tópico, com foco na rivalidade entre as Grandes Potências. Portanto, não é uma análise abrangente de todos os aspectos do imperialismo, mas se concentra em alguns deles. Nós nos permitimos tal procedimento

também porque já lidamos com numerosas questões do imperialismo atual em outros livros e panfletos da CCRI. [2]

Na segunda parte, discutimos a análise da rivalidade entre as Grandes Potências, como foi elaborada por vários partidos e organizações de esquerda. Ao criticar a posição deles, defendemos e aprimoramos nossos argumentos. Neste processo, apresentamos uma série de fatos históricos e reais. Também comparamos os argumentos dessas organizações de esquerda com a teoria marxista sobre o imperialismo, tal como foi elaborada por Lênin e Trotsky.

A terceira parte elabora os componentes essenciais do programa do derrotismo - sobre as questões de conflitos entre as Grandes Potências, assim como entre os estados imperialistas e os países semicoloniais, respectivamente, as minorias nacionais e os migrantes. Nós explicamos o que os clássicos marxistas disseram sobre esse assunto e por que ele é relevante hoje. Além disso, também analisamos quais mudanças políticas e sociais ocorreram desde os tempos de Lênin e Trotsky e quais são suas consequências para o programa do derrotismo.

Na quarta parte do presente trabalho, discutimos sobre a abordagem de várias organizações de esquerda sobre a questão da luta anti-imperialista. Mais uma vez, submetemos suas posições a uma crítica do ponto de vista marxista e elaboramos nossos argumentos com numerosos exemplos. Demonstramos que várias forças, embora afirmem ter uma posição anti-imperialista, na prática estão do lado de uma ou outra Grande Potência. Em outras palavras, eles não são anti-imperialistas, mas sim social-imperialistas abertos ou disfarçados.

Nós encerramos o livro com um resumo das tarefas dos marxistas na luta contra a guerra imperialista e as agressões.

Finalmente, um “aviso”: este livro não é escrito do ponto de vista “neutro”. Não é indiferente às crescentes rivalidades entre as Grandes Potências e a agressão imperialista contra os povos oprimidos. É preciso uma posição - uma posição contra todas as Grandes Potências no sentido de apoiar todas as lutas de libertação dos trabalhadores e oprimidos! Por isso, polemizamos contra as organizações de esquerda que, a nosso ver, fracassam em tomar uma posição anti-imperialista. Portanto, este trabalho não é escrito com o propósito de se tornar um sucesso comercial, mas sim como uma diretriz para os ativistas anti-imperialistas. Já existem milhares de best-sellers no mercado. O que é necessário é uma autêntica literatura marxista! Lênin gostava de dizer que “*sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário*” [3]. Essa verdade intrínseca não perdeu sua importância.

Estamos plenamente conscientes de que as questões discutidas neste trabalho nem sempre são fáceis de entender. Isto é especialmente verdade quando estamos a discutir fenômenos que surgiram recentemente (como, por exemplo, o surgimento da China e da Rússia como Grandes Potências imperialistas). Muitos socialistas podem preferir manter a velha fórmula tendo a ideia de que apenas os EUA, a Europa Ocidental e o Japão são estados imperialistas. No entanto, consideramos esse “conservadorismo” como altamente perigoso, uma



vez que se perde sobre as mudanças cruciais na política mundial na última década. A observação de Trotsky sobre a importância de manter a análise teórica em sintonia com os desenvolvimentos objetivos permanece plenamente válida.

*“A vasta importância prática de uma orientação teórica correta é manifestada de forma mais impressionante em um período de conflito social agudo de rápidas mudanças políticas, de mudanças abruptas na situação. Nesses períodos, concepções políticas e generalizações são rapidamente usadas e requerem uma substituição completa (o que é mais fácil) ou sua concretização, precisão ou retificação parcial (o que é mais difícil). É justamente nesses períodos que todo tipo de situações e combinações transitórias e intermediárias surgem, por motivo de necessidade, que perturbam os padrões costumeiros e exigem duplamente uma atenção teórica sustentada. Em suma, se no período pacífico e “orgânico” (antes da guerra) ainda se pudesse viver da receita de algumas abstrações prontas, em nosso tempo, cada novo evento traz força à lei mais importante da dialética: A verdade é sempre concreta.” [4]*

Esperamos que este livro ajude a esclarecer as complexas questões teóricas e táticas relacionadas às crescentes rivalidades entre as Grandes Potências. Terá cumprido o seu propósito se ajudar os ativistas e todos os interessados em compreender estas questões para obter uma compreensão mais abrangente de uma das questões mais importantes do nosso tempo e extrair as conclusões necessárias a partir disso.

Finalmente, este livro beneficiou-se de discussões coletivas que o autor teve com vários companheiros na CCRI. Em especial, quero agradecer à camarada Nina Gunić, com quem tenho o privilégio de desenvolver ideias e argumentos conjuntos desde há anos e que desempenha um papel central na elaboração do quadro programático da nossa teoria. Além disso, quero expressar minha gratidão ao camarada Petr Sedov, que ajudou na elaboração deste livro não apenas com uma série de comentários perspicazes, mas também com a tradução de muitas citações de fontes de língua russa.

### **Notas de rodapé**

- 1) Veja também no nosso website: <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/teses-sobre-o-derrotismo-revolucionario-nos-estados-imperialistas/>
- 2) Para referências da literatura da CCRI nesses temas veja relevantes capítulos neste panfleto.
- 3) in: LCW Vol. 5, p. 369. Muitos trabalhos de Marx, Engels, Lenin, Trotsky and outros classicos Marxistas estão publicados no website *Marxist Internet Archive*, [www.marxists.org](http://www.marxists.org), que é uma fonte valiosa para qualquer pessoa interessada no Marxismo.
- 4) Leon Trotsky: Bonapartismo e Fascismo (July 1934), in: Trotsky Writings 1934-35, p. 35



*Parte 1:*

*Características do Imperialismo  
no Século 21*



# I. A Crise Histórica do Capitalismo

Como afirmamos em nossas “*Teses sobre o derrotismo revolucionário nos Estados imperialistas*”, a aceleração global das contradições entre estados e classes só pode ser entendida quando inserida em um contexto histórico mais amplo - a decadência do sistema capitalista que domina o mundo. Tal declínio força a classe dominante de todos os países capitalistas a acelerar os ataques contra a classe trabalhadora e os povos oprimidos, assim como uns países capitalistas contra os outros. Por isso, vemos em tal período de crise histórica do capitalismo que as classes dominantes de todos os estados imperialistas lutam por:

- i) Intensificação da exploração da classe trabalhadora;
- ii) Intensificação da opressão e super-exploração dos imigrantes nesses países;
- iii) Intensificação da opressão e super-exploração dos países semicoloniais;
- iv) Intensificação de suas intervenções militares e guerras de agressão no mundo semicolonial sob a frase hipócrita de “*Guerra ao Terror*” (em especial no Oriente Médio e na África);
- v) Aumentar o uso de sanções e guerras comerciais contra rivais;
- vi) Aceleração do armamento e propaganda militarista contra rivais (EUA e Japão vs. China, EUA e UE vs. Rússia, etc.).

Nos capítulos seguintes, mostraremos essa análise com vários fatos e números. Vamos começar com uma breve visão geral dos antecedentes da recente aceleração das rivalidades entre as Grandes Potências. A situação mundial é caracterizada por uma profunda aceleração das contradições entre as forças produtivas e as relações capitalistas de produção. Como resultado, temos testemunhado uma tendência à estagnação desde a década de 1970 - uma tendência que se transformou em decadência total desde o início do novo período histórico em 2008.

Essa decadência do capitalismo é refletida na dramática crise climática e nas catástrofes ambientais resultantes, na crescente pobreza e no declínio das taxas de crescimento da produção mundial. Como lidamos com isso em detalhes em algum outro lugar, nos limitamos a apresentar alguns quadros e tabelas das instituições burguesas oficiais. [5]

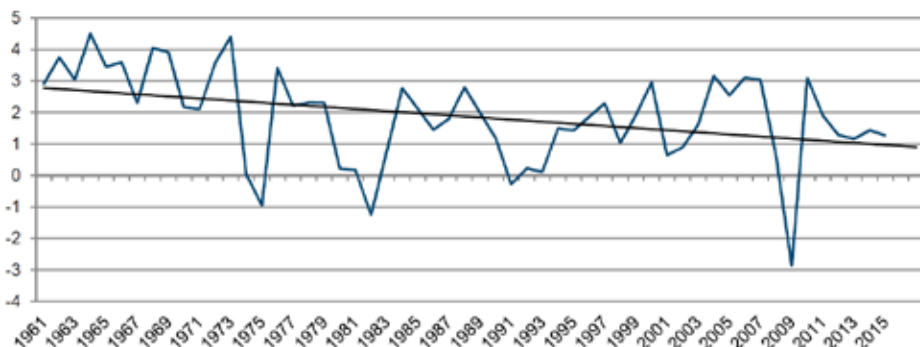
O **Quadro 1** demonstra o declínio a longo prazo da produção mundial per capita. A Tabela 1 e 2, assim como o **quadro 2**, que tiramos de fontes das Nações Unidas, demonstram o mesmo. As taxas anuais de crescimento da produção mundial caíram consecutivamente de + 5,84% (1960-70), + 4,09% (1970-80), + 3,46% (1980-1990), + 3,04% (1990-2000) para + 2,66% (2000-1990). 10) A Tabela 2 mostra também que as taxas de crescimento desde 2007 estão claramente abaixo dos números anteriores em quase todas as regiões do mundo, assim como a Tabela 3 demonstra que o crescimento da produção mundial entre 2008 e 2017 foi substancialmente menor em todos os anos (exceto um). crescimento médio no ciclo anterior.

**Tabela 1. O desenvolvimento do Produto Interno Bruto global, 1960–2010 (em números absolutos e crescimento médio anual) [6]**

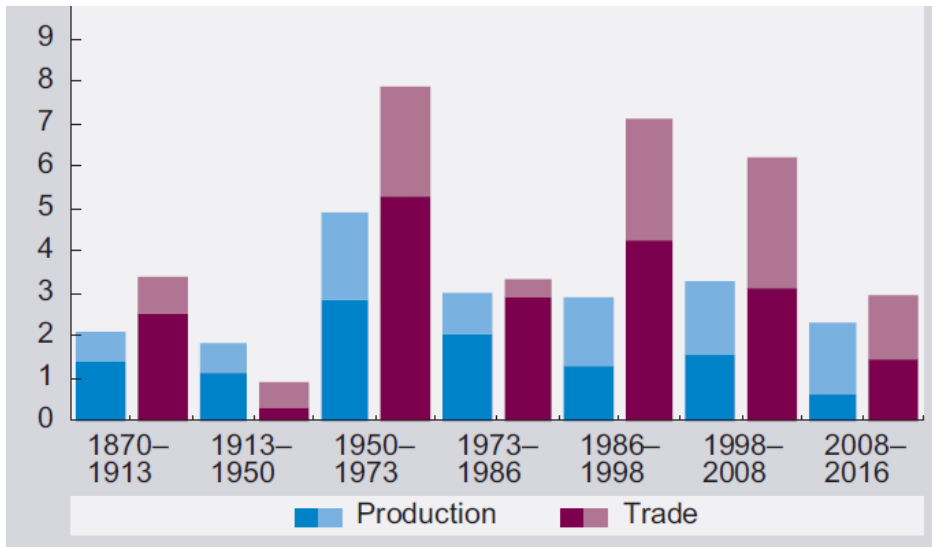
<i>PIB global em números absolutos</i>	<i>Taxa média de crescimento anual (5 anos)</i>	<i>Taxa média de crescimento anual (10 anos)</i>
1960: 7279		
1965: 9420	1960–1965: +5.88%	
1970: 12153	1965–1970: +5.80%	1960–1970: +5.84%
1975: 14598	1970–1975: +4.02%	
1980: 17652	1975–1980: +4.18%	1970–1980: +4.09%
1985: 20275	1980–1985: +2.97%	
1990: 24284	1985–1990: +3.95%	1980–1990: +3.46%
1995: 27247	1990–1995: +2.44%	
2000: 32213	1995–2000: +3.64%	1990–2000: +3.04%
2005: 36926	2000–2005: +2.93%	
2010: 41365	2005–2010: +2.40%	2000–2010: +2.66%

*Legendas: Os números do PIB estão em bilhões de dólares constantes de 2000. Os números de crescimento são os respectivas médias do ciclo de cinco dez anos (nossos cálculos).*

**Quadro 1. Taxa de Crescimento do Produto Global Bruto Real Per Capita, 1961-2015 [7]**



**Quadro 2. Produção Global e Comércio Mundial, grupos de países selecionados e seus períodos, 1870-2016 (Crescimento Anual Médio e Contribuição do Grupo, em Porcentagem) [8]**



$Production = Produção / Trade = Comércio$

*Legenda: As áreas mais escuras representam a contribuição dos países desenvolvidos para os agregados mundiais correspondentes. Os dados representam taxas reais de crescimento composto anual, calculadas usando dólares constantes de 1990 entre 1870 e 1973 e dólares constantes de 2010 entre 1973 e 2016.*

**Tabela 3. Crescimento da produção mundial: variação percentual anual 2001-2017 (Produto Interno Bruto em dólares constantes de 2005) [10]**

2001-08	2008	2009	2010	2011	
3.2	1.5	-2.1	4.1	2.8	
2012	2013	2014	2015	2016	2017
2.2	2.3	2.6	2.6	2.2	2.6

**Tabela 2. Taxas de Crescimento Industrial Regiões e Países Selecionados 1870-2014 (em porcentagem) [9]**

<i>Grupos</i>	1870- 1890	1890- 1913	1913- 1920	1920- 1938	1938- 1950	1950- 1973	1973- 1990	1990- 2007	2007 2014
<b>Alemanha Reino Unido e Estados Unidos</b>	3.1	3.4	1.4	1.9	0.9	5.2	1.1	2.1	0.2
<b>Alemanha, Japão e Estados Unidos</b>	-	-	-	-	-	7.9	2.4	2.2	0.3
<b>Periferia Europeia</b>	4.7	5.0	-6.5	4.7	3.6	8.9	3.3	2.8	0.0
<b>Asia</b>	1.5	4.2	5.2	4.2	-1.7	8.5	5.8	4.2	4.1
<b>America Latina e Caribe</b>	6.4	4.4	3.4	2.8	5.3	5.7	2.7	2.2	1.0
<b>Oriente Médio e Norte da Africa</b>	1.7	1.7	-5.8	4.9	6.0	6.2	6.1	4.5	3.2
<b>África Subsaariana</b>	-	-	13.4	4.6	8.6	5.5	3.5	3.9	4.1



Como demonstramos em nosso livro “*O Grande Roubo do Sul*”, o coração desse declínio tem sido os antigos estados imperialistas - a América do Norte, a Europa Ocidental e o Japão - resultando em uma mudança maciça na produção de valor capitalista para a China e o mundo semicolonial.

Essa mudança é indicada pelas mudanças dramáticas na produção industrial mundial - o setor que cria a maior parte do valor capitalista. Historicamente, os antigos países imperialistas (geralmente chamados de “países desenvolvidos” por economistas burgueses) têm sido o centro da produção de valor capitalista. De acordo com um estudo do economista soviético S.L. Wygodski, em 1938, os países imperialistas tinham uma participação de 91,7% na produção mundial e os países (semi-) coloniais produziam 8,3%. [11] Em 1985, os chamados “países desenvolvidos” ainda representavam 80,8% da produção mundial. Naquela época, os “países em desenvolvimento”, por outro lado, ainda eram a origem de 19,2% do produto industrial mundial. Até 2015, os “países desenvolvidos” representavam apenas 56,3%, enquanto a participação dos “países em desenvolvimento” aumentou para 43,7% (ou seja, mais do que o dobro). (Veja a Tabela 4) Observamos, à parte, que a categoria “países em desenvolvimento” confunde diferentes tipos de estados, isto é, os países semicoloniais, assim como a China e a antiga URSS.

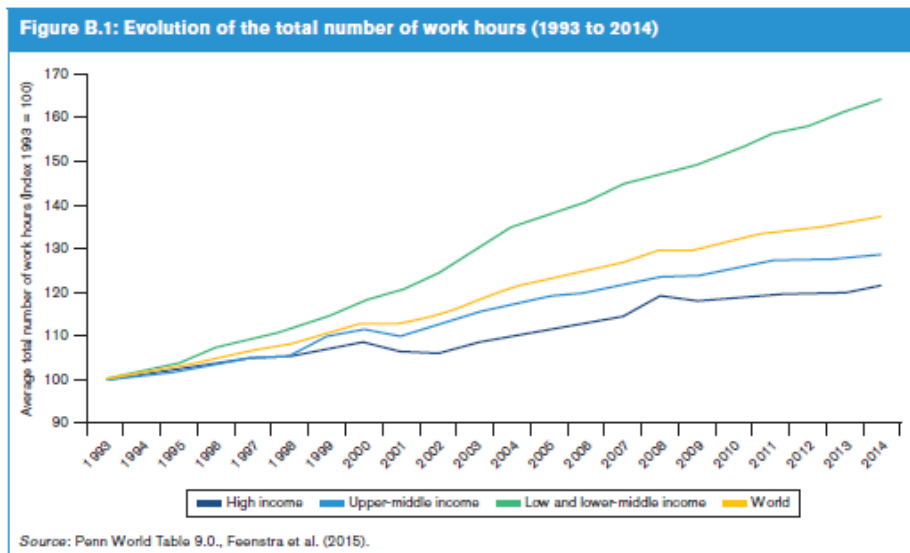
No entanto, como explicamos no livro mencionado acima, esses números ainda subestimam enormemente a verdadeira mudança que ocorreu. Na realidade, a criação de valor real ao Sul é muito maior do que os números oficiais sugerem e, inversamente, a criação de valor real ao Norte é muito menor. (Basicamente, uma parte substancial do valor criado no Sul aparece nos números oficiais criados no Norte.)

Outro indicador dessa mudança dramática da produção de valor capitalista distante das antigas metrópoles imperialistas é a evolução da quantidade total de mão-de-obra empregada em toda a economia, refletida no número total de horas trabalhadas. Como podemos ver no **quadro 3**, o número total de horas trabalhadas globalmente entre 1993 e 2014 aumentou em cerca de 37%. A taxa de crescimento do total de horas trabalhadas tem sido, no entanto, muito maior nos chamados países de “renda baixa e média baixa” (ou seja, os países mais pobres e semicoloniais). Nestes países, o número de horas trabalhadas aumentou em 65%. Em contraste, o total de horas trabalhadas nos países de “alta renda” (ou seja, nos países imperialistas ocidentais) aumentou no mesmo período apenas cerca de 20%. Nos países de “renda média-alta”, aumentou em cerca de 27%.

**Tabela 4. Participação na Produção por Região, 1985 e 2015 (em%) [12]**

	<b>1985</b>	<b>2015</b>
<b>Mundo</b>	100%	100%
<b>Países Desenvolvidos</b>	80.8%	56.3%
<b>Países em Desenvolvimento</b>	19.2%	43.7%

### Quadro 3. Evolução do total de número de horas trabalhadas (1993 a 2014) [13]



*High income = Alto rendimentos*

*Upper-middle income = altos-rendimentos médios*

*Low and Lower-middle income = rendimentos baixos ou médios-baixos*

*World = Mundo*

Notamos, como um sinal, que vários *think-tanks* (peritos em aconselhamento e ideias sobre problemas políticos ou económicos) burgueses alertam contra o “declínio do Ocidente” e a ascensão imparável dos “mercados emergentes”. A *PricewaterhouseCoopers*, por exemplo, um importante *think-tank* baseado na Grã-Bretanha, prevê que até 2050 as dez economias mais importantes devem ser, na seguinte ordem, China, Estados Unidos, Índia, Indonésia, Japão, Brasil, Alemanha, México, Estados Unidos, Reino Unido e Rússia (PIB medido a taxas de câmbio de mercado) [14] Embora tais prognósticos devam ser tratados com cautela, eles refletem o declínio das antigas potências imperialistas, assim como uma profunda crise de autoconfiança do Ocidente. [15]

Outra indicação da decadência do capitalismo, como discutimos em trabalhos anteriores, é a estagnação da globalização econômica e a crescente tendência ao protecionismo. Este desenvolvimento não é uma surpresa para os marxistas. Previmos no passado o fim da globalização e a criação de blocos regionais em torno de Grandes Potências individuais ou Grandes Potências em aliança.

“Neste livro, delineamos o processo de globalização e introduzimos a fórmula” *Globalização = Internacionalização + Monopolização* “. Nós explicamos que a enorme quan-

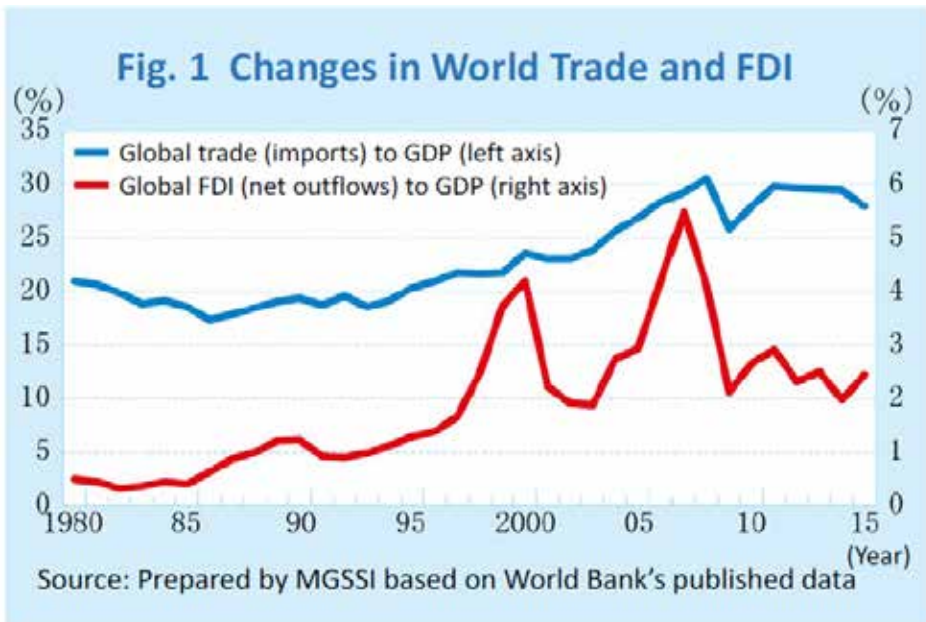
tidade de capital acumulado, o desenvolvimento das forças produtivas, etc. requer um mercado mundial. Um recuo para o isolamento relativo - como havia tal tendência entre a classe dominante dos EUA nos anos 1920 e 1930 - é impossível hoje em dia.

No entanto, também destacamos que o mesmo processo de globalização, que cria melhores condições para os lucros e os lucros extra, também cria enormes contradições e crises ao mesmo tempo. Além disso, o capitalismo repousa - e vai repousar enquanto existir - nos estados nacionais. Sem eles, as classes dominantes capitalistas não podem organizar sua base doméstica para a exploração nem possuem um braço forte para apoiar o mercado mundial.

No entanto, a crescente rivalidade entre as Grandes Potências está minando essa globalização. Os monopólios precisam de um mercado tão grande quanto possível. Mas, ao mesmo tempo, eles precisam de domínio absoluto, acesso irrestrito para si mesmos, mas máxima restrição possível para seus concorrentes. Como resultado, haverá uma tendência para formas de protecionismo e regionalização. Cada Grande Potência tentará formar um bloco regional em torno dela e restringir o acesso para as outras Potências. Por definição, isso deve resultar em inúmeros conflitos e eventuais guerras ". [16]

Tal tendência não está isenta de paralelos históricos como pudemos observar no período histórico entre as duas Guerras Mundiais de 1914-1945. Agora vemos novamente o começo de tal desenvolvimento. Isso se reflete na estagnação do comércio mundial em relação à produção, assim como na estagnação do investimento transfronteiriço. (Veja a **Quadro 4**)

#### Quadro 4. Mudanças no comércio mundial e no investimento direto estrangeiro, 1980-2015 [17]

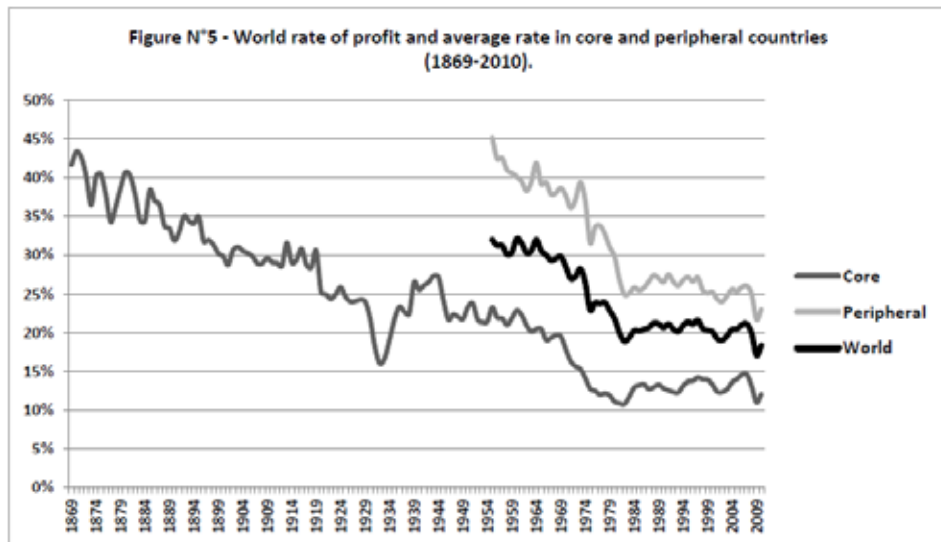


Além disso, há também uma tendência fundamental na Rússia e na China para aumentar os pagamentos em moedas nacionais. Da mesma forma, há um aumento substancial da produção de ouro nesses estados. De fato, a Rússia tornou-se o estado com a quinta maior reserva mundial de ouro, superando o recorde histórico de Stalin de 2.100 toneladas. A estatal Gazprom está discutindo agora um sistema de pagamento relacionado ao equivalente em ouro. Hoje, o Banco Central Russo é responsável por mais de 17% das reservas mundiais de ouro e divisas estrangeiras. [18] Tais políticas levam a uma menor dependência do sistema bancário dos EUA.

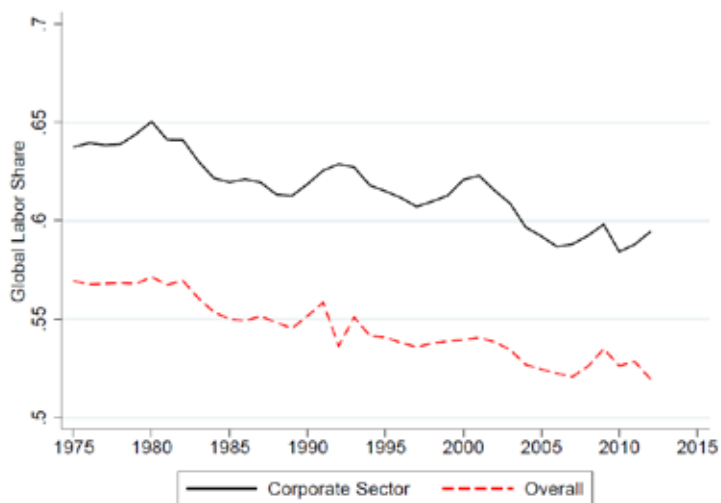
Finalmente, queremos chamar a atenção para a tendência fundamental que é a força motriz por trás da crise histórica do capitalismo: o declínio a longo prazo da taxa de lucro. Como amplamente conhecido, Marx elaborou essa lei fundamental no *Capital Vol.III*. Isso significa basicamente que, a longo prazo, a parcela da mais-valia se torna menor em relação a todo o capital investido na produção (em maquinário, matérias-primas, etc., assim como os salários pagos aos trabalhadores). Portanto, a mais-valia que potencialmente poderia ser usada para a reprodução do capital em um nível estendido torna-se cada vez menor. Isso inevitavelmente leva a rupturas e crises e a uma tendência histórica de declínio, à medida que se torna cada vez menos lucrativo para os capitalistas investirem na expansão da produção. [19]

Naturalmente, a superacumulação de capital, a superprodução de mercadorias e a tendência da queda da taxa de lucro não é um processo linear, mas seu ritmo e dinâmica são influenciados por várias tendências contrárias - principalmente pela relação de forças entre as classes, ou seja, a luta de classes política. [20] No entanto, enquanto esses fatores podem por algum tempo desacelerar ou interromper temporariamente a queda da taxa de lucro (como aconteceu na década de 1990, por exemplo, como resultado da unificação da ofensiva neoliberal, do avanço da globalização imperialista, e colapso dos estados operários stalinistas), eles não podem parar - ou mesmo reverter - o declínio a longo prazo. (Veja a **Quadro 5**)

**Quadro 5. Taxa Mundial de Lucro e Taxa Média nos Países Centrais e Periféricos (1869-2010) [21]**



**Quadro 6. Declínio da Proporção do Salário Global [22]**



## Notas de rodapé

- 5) Veja por exemplo, Michael Pröbsting: O Fracasso Catastrófico da Teoria do “Catastrofismo”. Sobre a Teoria Marxista do Colapso Capitalista e sua Interpretação Errônea pelo Partido Obrero (Argentina) e seu “Comitê Coordenador para a Refundação da Quarta Internacional”, CCRI Pamphlet, maio de 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/the-catastrophic-failure-of-the-theory-of-catastrophism/>; CCRI: O Avanço da Contra-Revolução e a Aceleração das Contradições de Classe Marcam a Abertura de uma Nova Fase Política. Teses Sobre a Situação Mundial, as Perspectivas da Luta de Classes e as Tarefas dos revolucionários (janeiro de 2016), capítulos II e III, em: Comunismo Revolucionário nº 46, <http://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2016/>; Michael Pröbsting: Perspectivas Mundiais 2018: Um Mundo Repleto de Guerras e Levantes Populares. Teses sobre a situação mundial, as perspectivas da luta de classes e as tarefas dos revolucionários, RCIT Books, Viena 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2018/>; Michael Pröbsting: O Grande Roubo do Sul. Continuidade e mudanças na superexploração do mundo semicolonial pela Monopólio do capital. Consequências para a teoria Marxista do Imperialismo, livros de RCIT, Viena 2013, <https://www.thecommunists.net/theory/great-robbery-of-the-south/>; Michael Pröbsting: Imperialismo, Globalização e o Declínio do Capitalismo (2008), em: Richard Brenner, Michael Pröbsting, Keith Spencer: A Trituração do Crédito-uma análise Marxista, Londres 2008, <https://www.thecommunists.net/theory/imperialism-and-globalization/>
- 6) Deepak Nayyar: O Sul na Economia Mundial: Passado, Presente e Futuro, Relatório de Desenvolvimento Humano do PNUD, papel ocasional 2013/01, p. 6
- 7) Leon Podkaminer: É O Comércio que Conduz o Crescimento Econômico global, Instituto de Viena para Estudos econômicos internacionais 2016, documento de trabalho 131, p. 3
- 8) UNCTAD: Relatório de Comércio e Desenvolvimento 2018, Nova York e Genebra, 2018, p. 37
- 9) UNCTAD: Relatório do Comércio e desenvolvimento 2016, Nova York e Genebra, 2016, p. 32
- 10) UNCTAD: Relatório do Comércio e Desenvolvimento 2017, Nova York e Genebra, 2017, p. 2
- 11) S.L. Wygodski: der gegenwärtige Kapitalismus (1969), Berlim 1972, p. 387
- 12) As estatísticas são compiladas a partir de dois relatórios diferentes da ONUDI: ONUDI: desenvolvimento industrial Relatório 2002/2003. Competindo através da Inovação e Aprendizagem, p. 149 (para o ano 1985); UNIDO: relatório de desenvolvimento industrial 2018. Demanda por Manufatura: Condução Inclusiva e Desenvolvimento industrial sustentável, p. 200 (para o ano 2015)
- 13) OMC: Relatório do Comércio Mundial 2017. Comércio, tecnologia e emprego, p. 22
- 14) PricewaterhouseCoopers: A visão de longo prazo. Como a ordem econômica global mudará até 2050? Fevereiro de 2017, p. 68. Neste ponto, pode ser útil observar o seguinte. O leitor atento observará que, nas estatísticas oficiais, os números que comparam vários aspectos da força econômica dos EUA, da China e de outros países são diferentes. Eles às vezes diferem tanto quanto em uma estatística, por exemplo, os EUA são o número um e a China número dois e em outra estatística, um é o mesmo assunto, é o outro é redondo. A razão para isso é que padrões diferentes são usados. Às vezes, os economistas dão números sobre o produto interno bruto na paridade do poder de compra, que ajusta as diferenças no nível de preços entre os países e, às vezes, dão números

sobre o produto interno bruto às taxas de câmbio do mercado. Ambas as metodologias têm suas vantagens. O PIB na PPP é um indicador melhor dos padrões médios de vida ou volumes de produtos ou insumos, porque corrige as diferenças de preços entre países em diferentes níveis de desenvolvimento. No entanto, o PIB nos MERs é uma medida melhor do tamanho relativo das economias na comparação internacional, uma vez que compara todas as economias pelo mesmo padrão. Como os níveis de preços são significativamente menores nos países menos desenvolvidos, olhar para o PIB nas PPPs reduz a diferença de renda com as economias avançadas em comparação com o uso das taxas de câmbio do mercado. Em nossa opinião, é preferível comparar diferentes países usando o PIB a taxas de câmbio do mercado. De qualquer forma, independentemente de se usarmos PPP ou MER, a dinâmica do desenvolvimento econômico nas últimas décadas é a mesma: o velho declínio da potência imperialista e a China e outros países se elevam.

15) Veja por exemplo Michael Pröbsting: O Grande Roubo do Sul, pp. 382-394

16) Michael Pröbsting: O Grande Roubo do Sul, capítulo 14ii), pp. 389-390, <https://www.thecommunists.net/theory/great-robbery-of-the-south/>

17) Tomohiro Omura: A Maturidade das Economias Emergentes e Novos Desenvolvimentos Economia Global, Relatório Mensal do Instituto global de Estudos Estratégicos da Mitsui, abril de 2017, p. 4

18) Reservas de ouro da Rússia excedem 2.000 toneladas pela primeira vez, 02 Nov 2018, <http://www.pravdareport.com/news/russia/economics/02-11-2018/141931-russian-gold-0/>

19) Marx considerou que esta é a lei mais importante do capitalismo: *“Esta é, em todos os aspectos, a lei mais importante da economia política moderna e a mais essencial para compreender as relações mais difíceis. É a lei mais importante do ponto de vista histórico. É uma lei que, apesar de sua simplicidade, nunca foi compreendida e, menos ainda, conscientemente articulada.”* (Karl Marx: *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*; in: MECW Vol. 29, p. 133)

20) Veja por exemplo, Richard Brenner, Michael Pröbsting, Keith Spencer: A Trituração do Crédito-uma análise Marxista, Londres 2008

21) Esteban Ezequiel Maito: A Transitoriedade Histórica do Capital. A tendência descendente na taxa de lucro desde o século XIX, 2014, p. 13

22) Para a nossa caracterização geral da composição da classe trabalhadora mundial e das alterações nas últimas décadas nos referimos, entre outros, Michael Pröbsting: *Marxismo e a Tática da Frente Única Hoje; A luta pela hegemonia proletária no movimento de Libertação em nos Países semicoloniais e Países imperialistas no presente período*, RCIT Books, Viena 2016, capítulo III, <https://www.thecommunists.net/theory/book-united-front/>

## II. Ofensiva Global dos Capitalistas contra a Classe Trabalhadora

Para deter essa tendência de queda da taxa de lucro, os capitalistas estão acelerando seus ataques à classe trabalhadora. Isto tanto é verdade com relação aos antigos países imperialistas, assim como com as novas Grandes Potências China e a Rússia, assim como os capitalistas dos países semicoloniais. Isso se reflete, entre outras coisas, no declínio da massa salarial na renda da maioria dos países - tanto ao Norte quanto ao Sul. [23]

Loukas Karabarbounis e Brent Neiman, dois economistas que publicaram estudos pesquisados sobre esse assunto, chegaram à conclusão de que a massa salarial global declinou de aproximadamente 64% em 1975 para cerca de 59% em 2012. (Ver Quadro 6)

Vemos a mesma situação em outro quadro que mostra os encargos trabalhistas de todas as Grandes potências, assim como outros países do G20. (Veja a quadro 7) De acordo com esta estatística, os ajustamentos dos encargos trabalhistas diminuíram entre 1991-2011 de cerca de 63% para 58%.

Mesmo o Fundo Monetário Internacional (FMI) - conhecidamente uma instituição pouco amigável aos movimentos trabalhistas - tem que admitir esse fato. Em um grande estudo, o FMI descobriu:

*“Em uma amostra de 35 economias avançadas, entre 1991 e 2014, o peso dos salários declinou em 19 economias, o que representou 78 por cento do PIB da economia avançada de 2014, e subiu ou permaneceu relativamente estável no restante. A dispersão global entre países em relação ao peso dos salários é consideravelmente maior em mercados emergentes e em economias avançadas. Numa amostra de 54 mercados emergentes e economias em desenvolvimento (para o qual, em média, o declínio do peso salarial durante o período da amostra está concentrado no início da década de 1990), o peso dos salários diminuiu em 32 economias, o que representou cerca de 70% do PIB dos mercados emergentes de 2014 ” [24]*

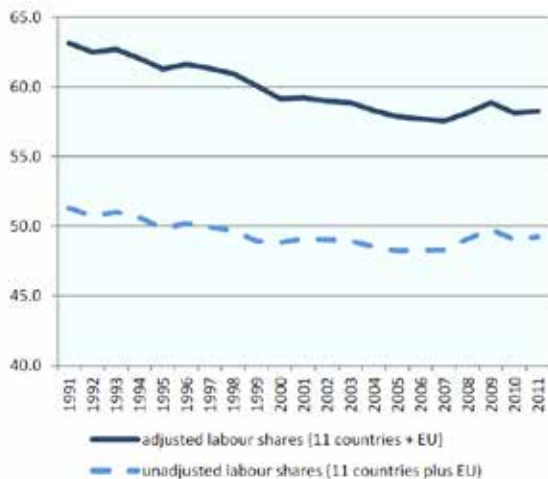
No Quadro 8, vemos os números do FMI para o desenvolvimento da quota de trabalho ajustada nos anos 1980-2014 para os antigos países imperialistas (“economias avançadas”), assim como para os outros países.

Nos quadros 9 e 10, vemos um colapso do desenvolvimento da massa salarial em um conjunto de países importantes - os EUA, Japão, Alemanha, China, Índia, México e Colômbia. Mais uma vez, com exceção do último país, a dinâmica igualmente declinante. [29]

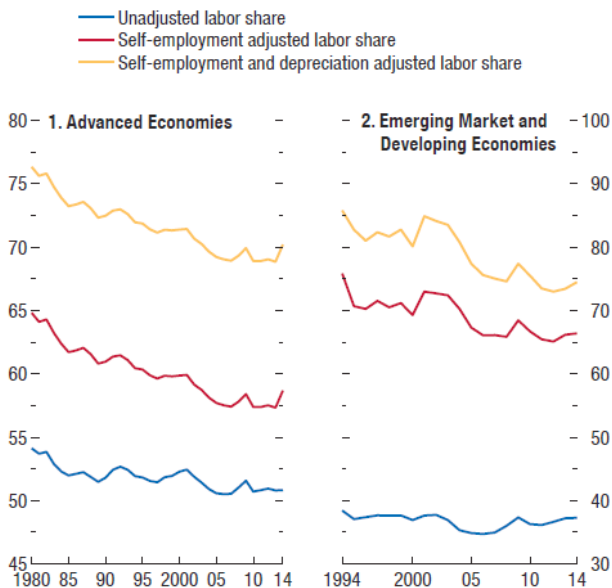
O custo desses ataques capitalistas foi jogado nas costas da massa da classe trabalhadora – ou seja, trabalhadores de baixa e média qualificação, como confirmam os autores do estudo elaborado pelo FMI em outro trabalho de pesquisa. Apenas o setor dos trabalhadores com salário superior, em que muitas vezes



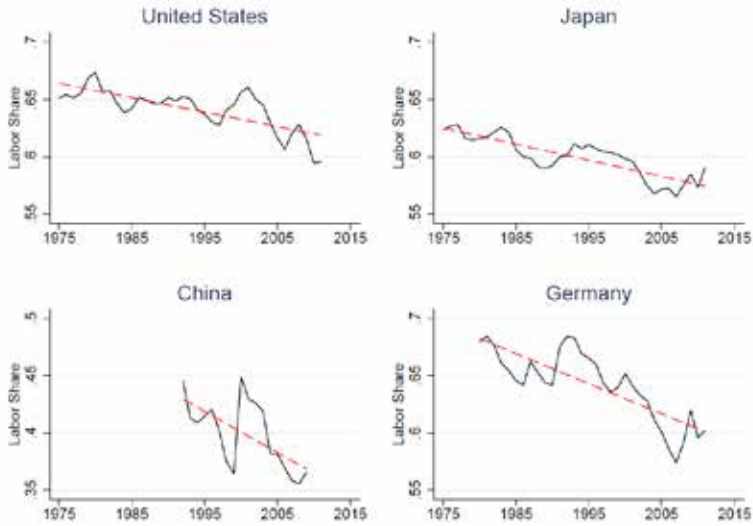
**Quadro 7. A Massa Salarial Global Ajustadas e Não Ajustadas em Países Seleccionados do G20, 1991-2011 [25]**



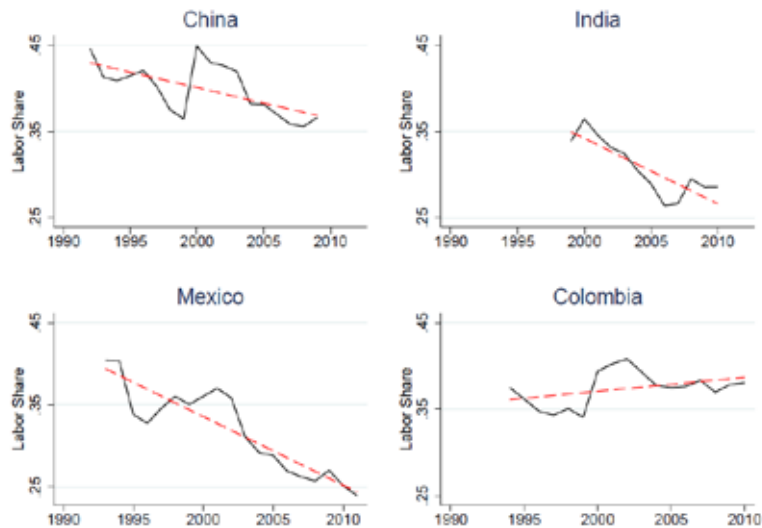
**Quadro 8. Evolução da Massa Salarial Ajustada (percentual) [26]**



Quadro 9. Declínio da Massa Salarial nas Maiores Economias [27]



Quadro 10. Declínio da Massa Salarial nas Maiores Economias Em Desenvolvimento [28]



fazem parte da aristocracia operária privilegiada, foi capaz de aumentar sua parcela de renda. (Veja o Quadro 11)

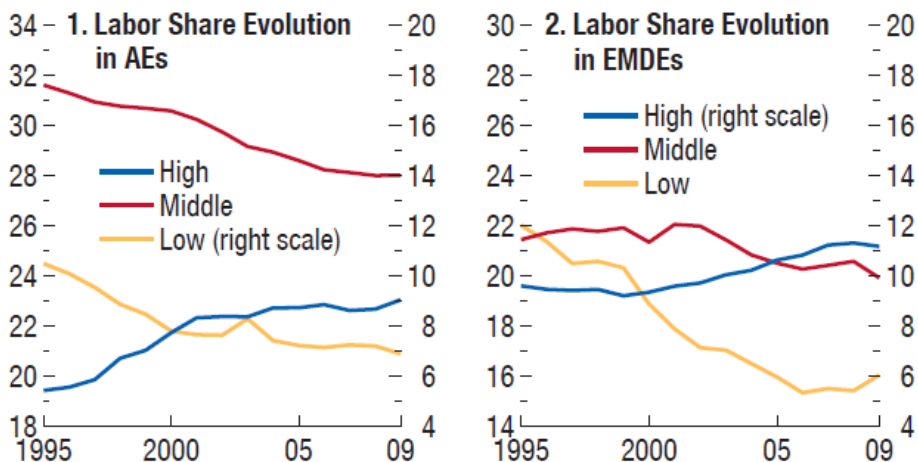
“O declínio da massa salarial global foi jogado nas costas dos trabalhadores de mão-de-obra de faixa salarial baixa e média. Durante o período de 1995 a 2009, sua participação combinada no rendimento do trabalho foi reduzida em mais de 7 pontos percentuais, enquanto a quota global de mão-de-obra altamente qualificada aumentou em mais de 5 pontos percentuais”. [30]

O quadro 12 mostra o desenvolvimento massa salarial nos rendimentos nos anos 1995-2009 na China, assim como em sete outros importantes avançados países semicoloniais. Como podemos ver, em todos os países, exceto no Brasil, a massa salarial diminuiu. Nestes países, a participação nos rendimentos dos estratos médio e inferior do a classe trabalhadora está declinando enquanto a parcela dos estratos superiores aumenta.

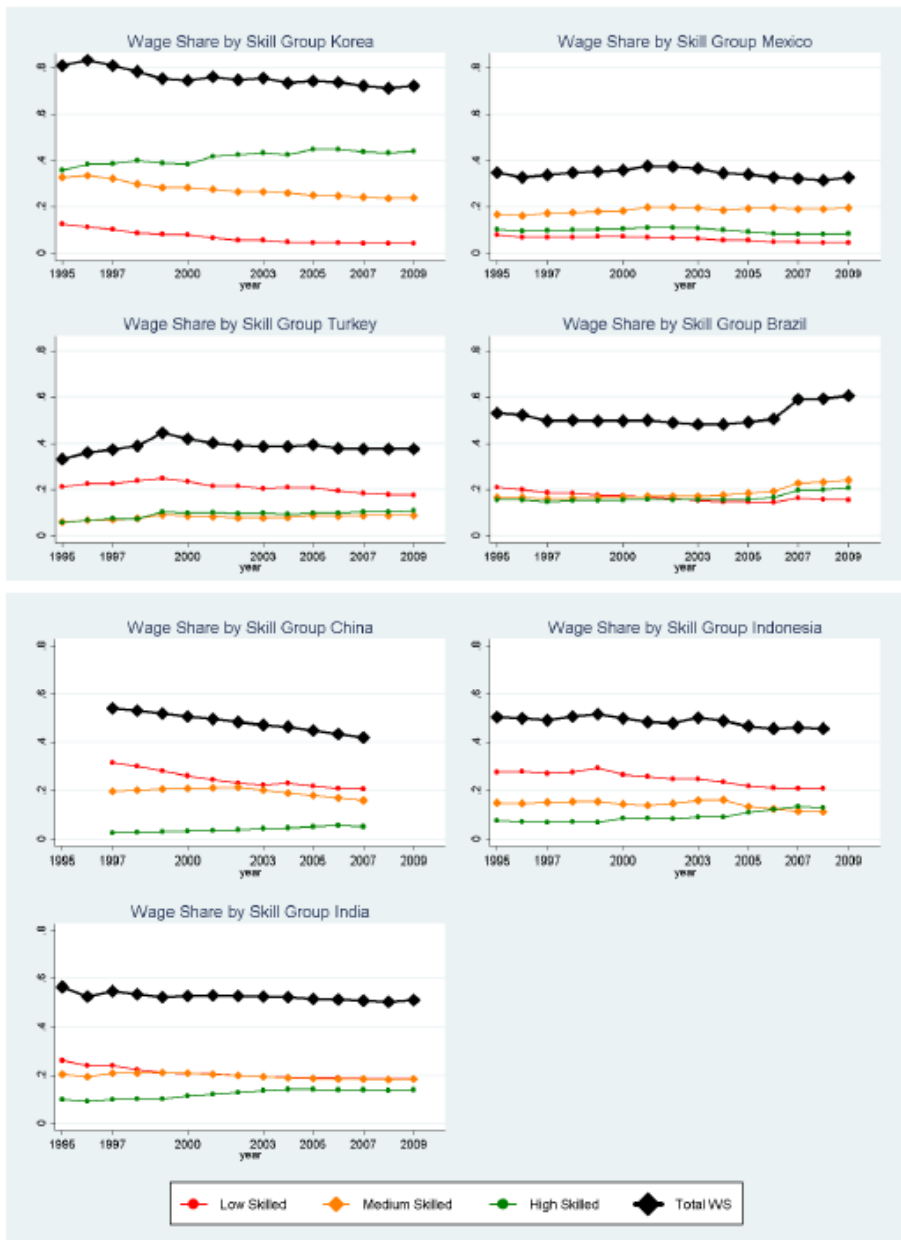
O desenvolvimento reverso de tal declínio dos salários dos trabalhadores tem sido o aumento dos lucros dos capitalistas. Nós nos contentamos em reproduzir os números da recém-publicada e altamente informativo *Relatório da Desigualdade Mundial 2018 (World Inequality Report 2018)*, que demonstra a evolução das principais participações de 1% regiões do mundo entre 1980 e 2016. (Veja o quadro 13)

Nós elaboramos mais detalhadamente sobre o caráter global dos ataques à classe trabalhadora por várias razões. Primeiro, queremos demonstrar a validade da lei marxista de que a classe capitalista, diante do declínio de seu modo de produção, tenta aumentar a mais-valia reduzindo sistematicamente massa salarial.

**Quadro 11. Evolução da Massa Salarial e da Composição da Força de Trabalho por Nível de Habilidade (em percentual) [31]**

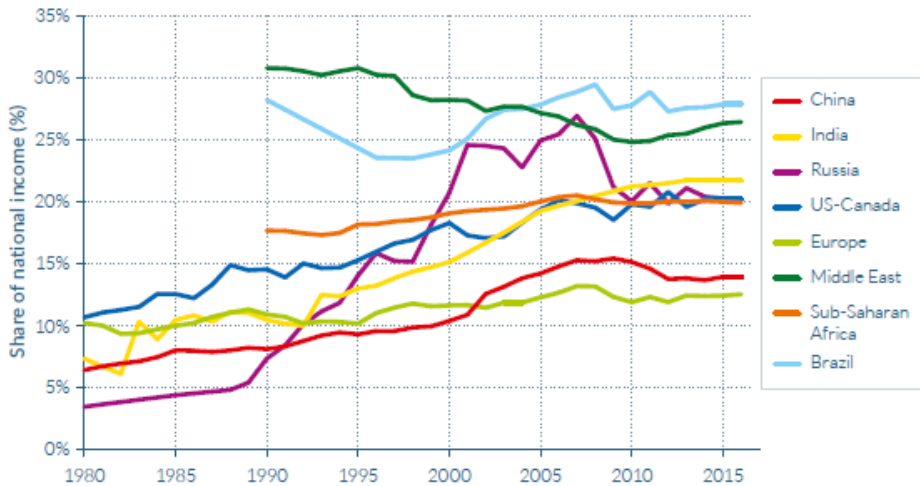


**Quadro 12. Massa Salarial por Competências, conforme definido pela Formação dos Trabalhadores, 1995-2009 (Brasil, China, Índia, Indonésia, México, Coréia do Sul, Turquia) [32]**



### Quadro 13. Principais 1% de rendimentos de ações em todo o mundo, 1980–2016 [33]

Top 1% income shares across the world, 1980–2016



Source: WID.world (2017). See [wir2018.wid.world](http://wir2018.wid.world) for data series and notes.

In 2016, 14% of national income was received by the Top 1% in China.

Em segundo lugar, o caráter profundo da deterioração do padrão de vida dos trabalhadores aumenta o desejo da burguesia imperialista de confundir e manipular a classe trabalhadora através do chauvinismo, ou seja do nacionalismo exacerbado) e da agressividade bélica, a fim de desviar seu ódio do verdadeiro culpado, ou seja, a burguesia imperialista, e contra seus próprios irmão e irmãs de classe ( a classe trabalhadora).

Em terceiro lugar, é importante tomar nota dos fortes ataques à massa do proletariado (a maioria com baixa e média qualificação profissional) nos países imperialistas, pois objetivamente enfraquece a base material da lealdade desta classe trabalhadora ao estado imperialista e, daí conseqüentemente enfraquece a lealdade a “sua” burguesia. Isto, por sua vez, cria as pré-condições férteis no terreno para a política do derrotismo revolucionário, ou seja, a luta de classes contra os mestres imperialistas.

Finalmente, é crucial reconhecer as tendências divergentes nos rendimentos salariais entre os estratos superiores do proletariado e os estratos médio e inferior. O relativo desenvolvimento positivo da parte da renda dos estratos superiores constitui uma base objetiva e material para as tendências aristocráticas e pró-imperialistas, isto é, social-imperialistas, entre este setor privilegiado da classe trabalhadora.

### Notas de rodapé

23) Loukas Karabarbounis e Brent Neiman: O Declínio Global da participação no trabalho, NBER Documento de trabalho 19136, junho 2013, p. 35

24) FMI: Perspectivas Económicas Mundiais: Ganhando Impulso? Washington, abril 2017, p. 126

25) A Participação do Trabalho nas Economias do G20, Relatório da Organização Internacional do Trabalho e a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento econômico com Contribuições do Fundo Monetário Internacional e o Grupo Banco Mundial, relatório elaborado para o emprego do G20 Working Group, Antalya, Turquia, 26-27 fevereiro 2015, p. 5

26) FMI: Perspectivas Econômicas Mundiais: Ganhando Impulso? Washington, abril 2017, p. 133

27) Loukas Karabarbounis e Brent Neiman: O Declínio Global da Participação no Trabalho (e Pensamentos), Universidade de Chicago, março 2014, p. 11

28) Loukas Karabarbounis e Brent Neiman: O Declínio Global da Participação no Trabalho, trimestral Journal of Economics (2014), apresentado por Sergio Feijoo, 29 de março de 2017, p. 6

29) Através de uma nota secundária, chamamos a atenção para o declínio maciço da Massa Salarial na China. É um golpe severo para o mito espalhado pelos defensores stalinistas e semi-stalinistas do capitalismo “comunista” da China. Enquanto eles defendem o modelo da China como “socialismo” ou pelo menos “estado operário degenerado”, a realidade é que uma parcela crescente da renda entra nos bolsos dos capitalistas, enquanto parte do trabalhador declina. (Veja também os quadros 9, 10, 12 e 23.)

30) Mai Chi Dao, Mitali Das, Zsoka Koczan, Weicheng Lian: Por que o Trabalho Recebe uma Parcela Menor da Renda Global? Teoria e Evidência Empírica. Documento de trabalho do FMI, julho de 2017, pp. 14-15

31) FMI: Perspectivas Económicas Mundiais: Ganhando Impulso? Washington, abril de 2017, p. 128

32) Alexander Guschanski e Özlem Onaran: Por que a Participação dos Salários está caindo nas economias emergentes? Evidência do nível da indústria, Universidade de Greenwich, 2017, p. 18

33) Facundo Alvaredo, Lucas Chancel, Thomas Piketty, Emmanuel Saez, Gabriel Zucman: Relatório da Desigualdade no Mundo, 2018, p. 44

### III. O Capitalismo e a Crescente Importância da Imigração

Um setor crucial da classe trabalhadora, que se torna cada vez mais importante nos países imperialistas, são os imigrantes. Como temos abordado extensivamente em outras publicações, essa camada da classe trabalhadora é nacionalmente oprimida e economicamente super-explorada, ou seja, os capitalistas obtêm lucros extra do trabalho dos imigrantes. [34]

A migração do Sul para o Norte imperialista se acelerou nas décadas passadas, em função do crescente empobrecimento e o crescente número de guerras, assim como de catástrofes ambientais nos países semicoloniais. Além disso, os capitalistas têm encorajado cada vez mais um processo de importação de imigrantes dos países mais pobres para as metrópoles imperialistas, a fim de explorá-los como mão-de-obra barata. O pano de fundo para isso é, por um lado, o desejo dos capitalistas de reduzir os custos salariais (assim como os custos da educação). Por outro lado, os estados imperialistas enfrentam uma redução constante da força de trabalho dos jovens. [35]

Um executivo de negócios holandês declarou, em entrevista ao *Wall Street Journal*, que *“a União Europeia terá 32 milhões de pessoas a menos até 2050. Esse número pode chegar a 50 milhões, porque uma parte substancial da população ainda não tem uma educação de boa qualidade. Pode-se fazer o que quiser, mas um aumento na produtividade não ajudará, aumentando a idade de aposentadoria não vai ajudar, você terá que trabalhar no assunto relativo à imigração. Não há escolha”*. [36]

A situação nos EUA não é muito melhor. De acordo com os dados do *United States Census Bureau* (Escritório do Censo dos Estados Unidos), para cada 100 americanos em idade ativa, há atualmente 21 com 65 anos ou mais. No entanto, esse índice aumentará para 35 até o ano 2030. [37]

Da mesma forma, o *Boston Consulting Group* estima que o superávit da China no ano 2020 (cerca de 55,2 milhões a 75,3 milhões de trabalhadores) poderia se reverter drasticamente, chegando a uma escassez de até 24,5 milhões de pessoas até 2030. [38] Segundo a última edição da *ONU World Population Perspectives*, a população da China deverá diminuir de 1,409 milhões (2017) para 1,020 milhões (2100). [39]

A Rússia também enfrenta perspectivas de escassez de mão-de-obra. O Ministério das Finanças de Putin prevê um declínio de 4% na população ativa até 2035. A ONU prevê um declínio da população do país de 144 milhões (2017) para 140,5 milhões (2030), 132,7 milhões (2050) e 124 milhões (2100). [40] O *Instituto para Análise Social e Previsões da Academia Presidencial Russa de Economia Nacional e Administração Pública (RANEPA)* vê a força de trabalho encolher cerca de 0,8-0,9 milhões de pessoas por ano até 2025. A força de trabalho da Rússia,

que subiu desde 1999, ficou em 76,3 milhões de pessoas em julho de 2017, uma queda de 1 milhão no ano anterior. [41]

Como resultado destes desenvolvimentos, nas últimas décadas, milhões de pessoas do hemisfério Sul conseguiram alcançar as regiões relativamente ricas da América do Norte, Europa Ocidental e Oceania. (Veja também a Figura 14) Nos EUA, a proporção de imigrantes entre a população geral aumentou de 5,2% (1960) para 12,3% (2000) para mais de 14% (2010) e 16% (2017). Na Europa Ocidental, a participação dos imigrantes na população cresceu de cerca de 4,6% (1960) para quase 10% (2010) e 14,4% (2017). [42]

As Nações Unidas estimam em seu último relatório de migração: “Entre 2000 e 2015, a migração líquida positiva contribuiu com 42% do crescimento populacional na América do Norte e 31% na Oceania. Na Europa, o tamanho da população teria diminuído durante o período 2000-2015 na ausência de migração líquida positiva”. [43]

A Rússia, uma potência imperialista emergente, experimenta também um processo massivo de migração, em particular das repúblicas da Ásia Central. Segundo as estatísticas oficiais, aproximadamente 11,6 milhões de imigrantes legais residem atualmente dentro da Rússia. Além disso, outros 5 a 8 milhões de imigrantes entraram ilegalmente no país para trabalhar lá. O número oficial da parcela de imigrantes na população da Rússia é de 8,1%. No entanto, existem estimativas que calculam uma parcela maior de imigrantes na Rússia. [44]

O papel dos imigrantes é ainda mais significativo do que estes números indicam, pois estão concentrados nas áreas metropolitanas dos países imperialistas. Já nos primeiros anos da década de 2000, metade de todos os trabalhadores residentes em Nova York eram negros, latinos ou pertenciam a outra minoria nacional. Nas regiões interna e externa de Londres, respectivamente 29% e 22%, dos residentes eram de minorias étnicas em 2000. [45] Na Áustria, os imigrantes constituem oficialmente 19,4% da população total, e em Viena, a capital, esta percentagem é superior com 38,5%. (Se incluirmos a segunda e terceira geração de imigrantes, essa parcela será ainda maior.) Cerca de 2/3 desses imigrantes vêm dos Balcãs, da Europa Oriental ou da Turquia.

Ao contrário do mito espalhado pelos populistas de direita, a migração não é a causa da pobreza e do desemprego. De fato, como demonstramos em outros trabalhos, os imigrantes são super-explorados e contribuem *mais* para a riqueza nacional de seu novo país do que o que recebem. Para dar apenas alguns exemplos: na Áustria, os imigrantes pagaram 1,6 mil milhões de euros pelo serviço social em 2007, mas receberam apenas 0,4 mil milhões de benefícios sociais. Assim, o Estado austríaco se apropriou de 1,2 bilhão de euros somente naquele ano e o utilizou para outros fins. [47] Este exemplo do ano de 2007 não é exceção, mas sim a regra, como outros estudos mostraram. [48]

Outro exemplo de como os capitalistas lucram com o trabalho dos imigrantes pode ser visto na Grã-Bretanha. Segundo o então ministro da migração, Liam Byrne, a “economia britânica” ganhou cerca de 6 bilhões de libras no ano de 2006. Segundo o então ministro das Finanças do Reino Unido, a mão-de-obra

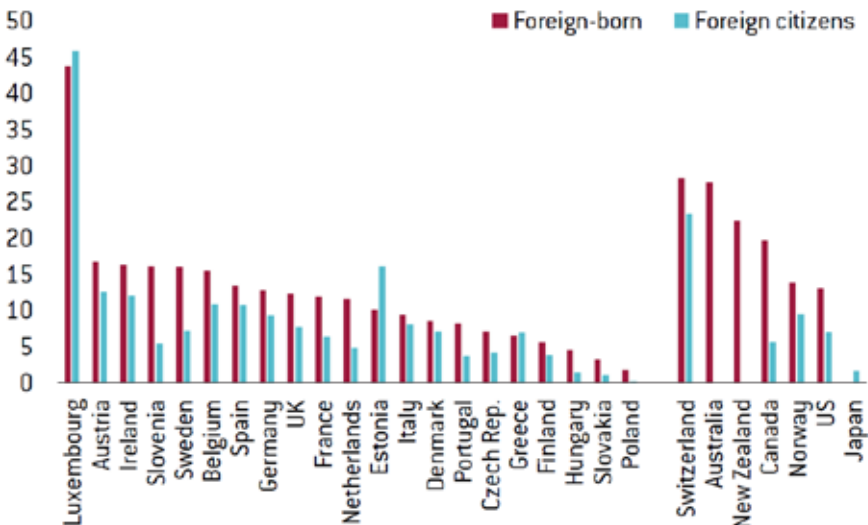


dos imigrantes era responsável por 15% a 20% do crescimento econômico na Grã-Bretanha nos anos 2001-2006. [49] Em nossos estudos sobre migração citados acima, nós vemos muitos outros exemplos dessa forma de superexploração capitalista. [50]

Um estudo publicado recentemente chegou às mesmas conclusões. De acordo com a *Resolution Foundation*, a diferença salarial entre as etnias representou “*um enorme impacto no nível de vida das pessoas afetadas*”. Funcionários de minorias étnicas e os negros estão perdendo £ 3,2 bilhões de libras por ano em salários, em comparação com os colegas brancos fazendo o mesmo trabalho. Depois de levar em conta as diferenças nas qualificações médias e tipos de trabalho, a análise da Fundação de Resolução descobriu que a diferença subiu para até 17%, ou 3,90 por hora, pelo pagamento dos homens negros graduados. Verificou-se que os graduados masculinos paquistaneses e bengaleses obtiveram uma média de £ 2,67 por hora (12%) a menos, enquanto entre mulheres formadas, as mulheres negras enfrentaram a maior diferença, de £ 1,62 por hora (9%). [51]

O mesmo fenômeno pode ser observado na Rússia. Por exemplo, os imigrantes são obrigados a pagar taxas de vários milhares de rublos para obter uma licença para trabalhar. Em Moscou, esses pagamentos estão trazendo ainda mais receitas para o orçamento do que os impostos das empresas petrolíferas! [52]

**Figura 14. População Estrangeira e Cidadãos Estrangeiro em 2013 (porcentagem da população total) [46]**



Em resumo, dado o número crescente de imigrantes nos estados imperialistas, a intensificação do racismo e da opressão nacional contra os imigrantes nestes países e a contínua super-exploração deles como mão-de-obra barata, podemos afirmar, sem dúvida, a crescente importância da imigração tanto para o capitalismo, assim como pela luta de libertação da classe operária internacional.

\* \* \* \* \*

Podemos comparar, até certo ponto, o papel dos imigrantes nos países imperialistas com o papel das nações oprimidas nos estados imperialistas antes de 1918. A Rússia e o Império Austro-Húngaro tinham uma população com uma maioria pertencente a nações oprimidas. Grandes setores da população dos EUA eram negros ou imigrantes. Como todos sabem, a questão nacional desempenhou um papel fundamental no colapso do Império Russo e Austro-Húngaro. (Os EUA conseguiram administrar melhor essa questão, pois ainda era uma potência imperialista em ascensão).

Obviamente, existem diferenças importantes entre os imigrantes atuais e as minorias nacionais nos estados naquela época. Os imigrantes não constituem a maioria da população nos países imperialistas ocidentais. Mas eles são certamente mais significativos do que os imigrantes e as minorias nacionais que estavam na maioria dos países ocidentais antes de 1918. Além disso, a maioria das minorias nacionais naquela época era mais “atrasada” em seu desenvolvimento capitalista do que a nação dominante. Assim, a participação do proletariado dessas nações oprimidas era menos do que a média desses estados, enquanto a parcela do campesinato e da pequena burguesia urbana estava acima da média. Esta realidade é completamente diferente com os imigrantes atuais, pois a maioria deles faz parte da classe trabalhadora ativamente empregada no processo de trabalho. [53] Assim, de fato, os imigrantes nos antigos países imperialistas são ainda mais proletários em sua composição do que a população nativa.

\* \* \* \* \*

Em um livro publicado há 50 anos, Ernest Mandel discutiu as dificuldades objetivas para que a classe trabalhadora europeia desenvolvesse uma consciência internacionalista. Ele apontou as dificuldades materiais e culturais para os trabalhadores europeus entrarem em contato com trabalhadores de outros países, uma vez que, naquela época, os trabalhadores dificilmente tinham dinheiro suficiente para fazer férias no exterior ou para aprender línguas estrangeiras. Ele também atacou a burocracia reformista do movimento dos trabalhadores por dificultar ou mesmo lutar contra qualquer orientação internacionalista. [54]

No entanto, houve mudanças importantes desde então. Os custos de transporte foram reduzidos, tornando as viagens ao exterior muito mais fáceis para os trabalhadores europeus. O nível cultural também melhorou, pois, aprender

inglês na escola tornou-se obrigatório. Além disso, a classe trabalhadora na Europa tornou-se muito mais multinacional em sua composição. Uma parte crescente dos trabalhadores - os imigrantes - tem uma consciência que excede as fronteiras nacionais, não porque sejam inerentemente mais progressistas ou internacionalistas do que os trabalhadores nativos, mas simplesmente porque continuam a ter numerosos laços com seu país de origem. Por isso, eles estão naturalmente mais interessados em (algumas) questões internacionais. O forte interesse e identificação dos imigrantes árabes na Europa com a Revolução Árabe desde 2011 ou a forte solidariedade dos imigrantes muçulmanos com a luta de libertação na Palestina são exemplos vívidos desse fato. [55]

Outro exemplo de consciência internacionalista espontânea entre os imigrantes são os famosos slogans das caravanas de migrantes da América Central que marcham para os EUA: “*No somos criminosos! ¡Somos trabajadores internacionales!*” (“*Não somos criminosos! Somos trabalhadores internacionais!*”)

Como os migrantes não fazem parte da nação nativa dominante, mas sim das minorias nacionalmente oprimidas, a grande maioria deles tem uma identificação substancialmente menor com sua nova “pátria” imperialista do que a população nativa, predominantemente nacional. Isto é comprovado simbolicamente em cada partida de futebol entre um país imperialista e a pátria original dos imigrantes que vivem no estado imperialista em questão. Nesses casos, os imigrantes estarão sempre do lado entusiasta da sua pátria original e não do país de acolhimento imperialista (ver, por exemplo, jogos de futebol entre Alemanha ou Áustria contra a Turquia ou um ex-país iugoslavo; França contra a Argélia; os EUA contra o México). Em muitos casos, os torcedores imigrantes da “equipe visitante” superam em número os torcedores do “time da casa”. É verdade que existem alguns alpinistas sociais e “super-patriotas” colaboracionistas entre os imigrantes, mas a imensa maioria dos imigrantes continua a identificar-se mais com a sua pátria original, semicolonial, do que com o novo país imperialista que o acolheu.

Isto tem consequências importantes para o clima político e a estabilidade social dos antigos países imperialistas, pois a classe dominante tende a contar menos com a lealdade incondicional da sua população com o seu estado-nação do que no passado. Tal desenvolvimento tem consequências importantes para situações em que a classe dominante chamará sua população para se unir à bandeira chauvinista de “defesa nacional” contra uma “ameaça estrangeira”. A observação de Trotsky na década de 1930 sobre o papel potencialmente importante da minoria negra nos EUA na luta contra a guerra imperialista, dado seu patriotismo limitado em um país que os reprime brutalmente, ganha relevância real no caso dos imigrantes de hoje. [56]

Além disso, os imigrantes podem desempenhar um papel importante, pois estão vindo do Sul e vivem agora na América do Norte, Europa Ocidental ou Rússia. Eles podem constituir uma espécie correia de transmissão entre as duas partes do mundo: eles podem trazer o espírito de luta militante de seus países

de origem para o norte e transmitir várias habilidades e experiências do norte ao Sul.

Tal multi-nacionalização também tem efeitos profundos para a consciência dos trabalhadores nativos da Europa Ocidental. É verdade que alguns setores se tornam mais chauvinistas. Isso é frequentemente causado por uma desorientação e retrocesso em sua consciência política como resultado de décadas de traição pela burocracia trabalhista e a consequente ascensão de partidos populistas de direita. Tal desenvolvimento também é facilitado por um certo “instinto aristocrático” dos trabalhadores da Europa Ocidental em relação aos “estrangeiros” dos países mais pobres - isso é resultado do fato de que eles vivem em países que dominaram o mundo por séculos e do fracasso do reformismo em ajudar trabalhadores a superar tal “consciência aristocrática”.

Além disso, a classe trabalhadora não é (e não consegue ser) imune à influência da pequena burguesia e da camada intermediária. Além disso, é preciso levar em conta certas diferenças no desenvolvimento da consciência dos trabalhadores nas áreas metropolitanas (que geralmente têm uma composição mais multinacional) e aquelas no campo (que geralmente têm uma parcela menor de imigrantes).

Por outro lado, existe também um setor significativo da classe trabalhadora da Europa nativa que se solidariza com os refugiados, que os ajudou em 2015, quando muitos chegaram, que rejeitam a islamofobia e que apoiam os direitos dos refugiados de entrar em seus países. É verdade que às vezes esse setor é maior e domina a “opinião pública” (por exemplo, no outono de 2015 e primavera de 2016) mas em outras vezes são os racistas reacionários que dominam. Mas isso não significa que os setores solidários não existam. Eles são menos visíveis para a “opinião pública” burguesa. Seja como for, este sector, juntamente com os imigrantes, desempenhará um papel primordial na construção da resistência da classe trabalhadora e dos partidos revolucionários na Europa.

### Notas de rodapé

34) Veja neste exemplo Michael Pröbsting: Migração e super-exploração: a teoria marxista e o papel da migração no presente período de decaimento capitalista, em: Critique: Journal of Socialist Theory (Volume 43, Issue 3-4, 2015), pp. 329-346; Michael Pröbsting: The Great Robbery of the South, Chapter 9, <https://www.thecommunists.net/theory/great-robbery-of-the-south/>; Michael Pröbsting: Marxismus, Migration und revolutionäre Integration (2010); in: Der Weg des Revolutionären Kommunismus, Nr. 7, <http://www.thecommunists.net/publications/werk-7>. Um resumo deste estudo em inglês: Michael Pröbsting: Marxism, Migration and revolutionary Integration, in: Revolutionary Communism, No. 1 (English-language Journal of the RCIT), <http://www.thecommunists.net/oppressed/revolutionary-integration/>

35) Veja neste exemplo McKinsey Global Institute: Crescimento global: a produtividade

- pode salvar o dia em um mundo que está envelhecendo? January 2015, p. 34; Lukasz Rachel and Thomas D Smith: Fatores seculares da taxa de juros real global, Bank of England, Staff Working Paper No. 571, December 2015
- 36) Andre Sterk and Robin van Daalen: Imigração Mantém a Chave para escassez de mão-de-obra, Wall Street,Journal,June 28, 2011, <https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702304314404576411362925170744>
- 37) Arthur S. Guarino: As Implicações econômicas do Envelhecimento da População Global, 02.08.2018, <https://www.focus-economics.com/blog/economic-implications-of-an-aging-global-population>
- 38) Boston Consulting Group: A Crise Global da Força de Trabalho: US\$ 10 trilhões em risco, BCG Report, June 2014, p. 4
- 39) Perspectivas da População Mundial, The 2017 Revision. Principais Conclusões e Tabelas Avançadas, Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, Divisão de População, New York, 2017, p. 24
- 40) Perspectivas da População Mundial, The 2017 Revision, p. 26
- 41) Denis Pinchuk, Maria Kiselyova: “Nenhum milagre”: Escassez de mão-de-obra para atingir o PIB da Rússia,Reuters,October 3, 2017, <https://www.reuters.com/article/us-russia-labour-demography/no-miracles-labor-shortage-set-to-hit-russias-gdp-idUSKC-N1C80CY>
- 42) Veja Rainer Münz/Heinz Fassmann: Migrantes na Europa e sua Posição Econômica: Evidência da Pesquisa Europeia às Forças de Trabalho e de Outra Fontes (2004), pp. 5-6; Carlos Vargas-Silva: Global International Migrant Stock: The UK in International Comparison (2011), [www.migrationobservatory.ox.ac.uk](http://www.migrationobservatory.ox.ac.uk), p. 5; Nações Unidas: Relatório Internacional de Migração 2017,Highlights, New York, 2017, pp. 29-30. A terceira região onde os migrantes desempenham um papel importante são nos estados produtores de petróleo no Oriente Médio. Nós lidamos com esse caso específico em outro documento. Veja e.g.,Michael Pröbsting: Die halbe Revolution. Lehren und Perspektiven des arabischen Aufstandes, in: Der Weg des Revolutionären Kommunismus, Nr. 8 (2011), p. 14, <http://www.thecommunists.net/publications/werk-8>
- 43) Relatório Internacional de Migração 2017. (Destaques), Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas , New York 2017, p. 18
- 44) Nações Unidas: Relatório Internacional de Migração 2017, Destaques, New York, 2017, p. 29; Irina Sinitsina:Cooperação econômica entre a Rússia e os países da Ásia Central: tendências e perspectiva,, 2012, pp. 38-39
- 45) Veja Peter Dicken: Global Shift. Mapeando os Contornos da Economia Mundial em Mudança (sexta Edição), The Guilford Press, New York 2011, p. 496
- 46) Uuriintuya Batsaikhan, Zsolt Darvas e Inês Gonçalves Raposo: Pessoas em movimento: migração e mobilidade na União Europeia, Bruegel Blueprint Series, Volume XXVIII, Bruegel, Bruxelas 2018, p.86
- 47) See Hans Gmundner: Straches Handlangerdienste, KPÖ, 10.11.07, [http://www.kpoe.at/index.php?id=23&tx\\_ttnews\[tt\\_news\]=105&tx\\_ttnews\[backPid\]=2&cHash=7fe484e968](http://www.kpoe.at/index.php?id=23&tx_ttnews[tt_news]=105&tx_ttnews[backPid]=2&cHash=7fe484e968)
- 48) See Gudrun Biffli: Die Zuwanderung von Ausländern nach Österreich. Kosten-Nutzen-Überlegungen und Fragen der Sozialtransfers (1997), WIFO, p. 8
- 49) House of Lords (Britain): Relatório - Impacto Econômico da Imigração no Reino Unido (2008), p. 22
- 50) Veja também Martin Kahanec and Martin Guzi: Como os Imigrantes Ajudaram os

Mercados de Trabalho da UE a se Ajustar Durante a Grande Recessão, IZA - Instituto de Economia do Trabalho, Discussion Paper No. 10443, December 2016

51) Kathleen Henehan: The £3.2bn pay penalty facing black and ethnic minority workers, 27 December 2018, <https://www.resolutionfoundation.org/media/blog/the-3-2bn-pay-penalty-facing-black-and-ethnic-minority-workers/>

52) Доходы Москвы от мигрантов превысили налоги с нефтяных компаний, 6.8.206, [https://lenta.ru/news/2016/08/06/migrants\\_pay/](https://lenta.ru/news/2016/08/06/migrants_pay/)

53) Havia, é claro, algumas exceções, como os poloneses que viviam na Rússia czarista ou o povo checo que vivia no Império Austro-Húngaro. Essas pessoas eram do ponto de vista capitalista mais desenvolvidas do que a nação dominante e, portanto, tinham um proletariado significativo (e militante). Veja isso em e.g. Georg W. Strobel: Die Partei Rosa Luxemburgs, Lenin und die SPD. Der polnische ‚europäische‘ Internationalismus in der russischen Sozialdemokratie; Franz Steiner Verlag, Wiesbaden 1974; Georg W. Strobel: Quellen zur Geschichte des Kommunismus in Polen 1878-1918, Verlag Wissenschaft und Politik., Köln 1968; Raimund Löw: Der Zerfall der Kleinen Internationale: Nationalitätenkonflikte in der Arbeiterbewegung des alten Österreich (1889-1914), Europaverlag, Wien 1984

54) Ernest Mandel: Die EWG und die Konkurrenz Europa – USA, Europäische Verlagsgesellschaft Frankfurt a.M. 1968, pp. 90-91. Este livro, até onde sabemos, nunca foi publicado em inglês. Para nossa avaliação política de Mandel, um líder central da Quarta Internacional do pós-guerra, tanto em sua fase inicial revolucionária como em seu período de degeneração centrista, encaminhamos os leitores a nosso panfleto Michael Pröbsting: A falha catastrófica da teoria do “catastrofismo”, em: Revolutionary Communism, New Series No.7, June 2018, p.29, <https://www.thecommunists.net/theory/the-catastrophic-failure-of-the-theory-of-catastrophism/>

55) Os ativistas das seções da CCRI na Europa poderiam ganhar muita experiência prática com esses desenvolvimentos ao longo de muitos anos de estreita colaboração com esses imigrantes, tanto no trabalho de solidariedade com as lutas de libertação no mundo árabe quanto nas atividades contra o racismo e a islamofobia. Veja em Michael Pröbsting: O marxismo e a tática da frente unida hoje. A Luta pela Hegemonia Proletária no Movimento de Libertação nos Países Semi-Coloniais e Imperialistas no Período atual, RCIT Books, Vienna 2016, pp. 116-119, <https://www.thecommunists.net/theory/book-united-front/>; Veja também vários relatórios no nosso website.

56) “A questão do negro assume uma nova importância. Os negros dificilmente serão patrióticos na próxima guerra”. (Leon Trotsky: For A Courageous Reorientation (1939), in: Writings of Leon Trotsky, 1938-39, p. 349)

## IV. Os Critérios Marxistas para uma Grande Potência Imperialista

No capítulo seguinte, resumiremos nossa compreensão teórica das consequências da teoria marxista do imperialismo, tal como foi desenvolvida por Lênin, para a respectiva definição de estados imperialistas e estados semicoloniais. [57]

### Principais Características de um Estado Imperialista e Respectivamente de um Estado Semicolonial

Lênin descreveu a característica essencial do imperialismo como sendo a formação de monopólios que dominam a economia. Relacionado a isso, ele apontou a fusão do capital bancário e industrial no capital financeiro, o aumento nas exportações de capital juntamente com a exportação de matérias-primas (commodities), e a luta por esferas de influência, especificamente a luta pelas colônias.

Em *O imperialismo e a cisão do socialismo* - seu ensaio teórico mais abrangente sobre o imperialismo -, Lênin deu a seguinte definição de imperialismo:

*“Temos que começar com uma definição tão precisa e completa do imperialismo quanto possível. O imperialismo é um estágio histórico específico do capitalismo. Seu caráter específico é triplo: o imperialismo é o capitalismo monopolista; capitalismo parasitário ou decadente; capitalismo moribundo. A suplantação da livre concorrência pelo monopólio é a característica econômica fundamental, a quintessência do imperialismo. O monopólio se manifesta em cinco formas principais: (1) cartéis, consórcios e trusts - a concentração da produção atingiu um grau que dá origem a essas associações monopolistas de capitalistas; (2) a posição monopolista dos grandes bancos - três, quatro ou cinco bancos gigantes manipulam toda a vida econômica da América, França, Alemanha; (3) apropriação das fontes de matéria-prima pelos trusts e pela oligarquia financeira (capital financeiro é o monopólio do capital industrial que se fundiu com o capital dos bancos); (4) a partilha (econômica) do mundo pelos cartéis internacionais já começou. Já existem mais de cem cartéis internacionais, que comandam o mercado mundial inteiro e o dividem “amigavelmente” entre si - até que a guerra obrigue a redistribuição. A exportação de capital, como fenômeno particularmente característico, diferentemente da exportação de mercadorias no capitalismo pré-monopolista, está intimamente ligada à divisão econômica e territorial-política do mundo; (5) a partilha territorial do mundo (colônias) está completa.”* [58]

Uma falha generalizada na definição do caráter de classe dos estados é tentar analisá-los *isoladamente*. Um leva a esse ou aquele dado econômico de riqueza, a este ou aquele número variável de corporações e deriva deles o suposto caráter

de classe de um determinado estado. No entanto, tal abordagem não é apropriada para os marxistas, pois está em contradição fundamental com o método no qual nossa *visão de mundo* filosófica é baseada. É impossível chegar a um entendimento correto sem abordar essa questão do ponto de vista da dialética materialista. Este método, que é a base metodológica do marxismo, nos obriga a analisar a cada coisa, cada fenômeno não isoladamente, mas *em relação uns aos outros*.

Abram Deborin, o principal filósofo marxista da URSS nos anos 1920, antes da repressão estalinista, formulou esta questão muito bem. *“Nada no mundo existe em si mesmo, mas tudo existe em relação ao resto da totalidade.”* [59]

Tal visão é baseada na visão dialética das coisas e seu desenvolvimento o qual Lênin formulou tão precisamente em 1915 em seu artigo filosófico *Sobre a Questão da Dialética*. Neste artigo, Lênin enfatizou que é fundamental entender que o desenvolvimento (ou evolução) em geral se baseia na *unidade de opostos*, uma unidade caracterizada pela luta e interação ou, em outras palavras, *relações de contradições em movimento permanente*.

*“As duas concepções básicas (...) de desenvolvimento (evolução) são: desenvolvimento como diminuição e aumento, como repetição, e desenvolvimento como uma unidade de opostos (a divisão de uma unidade em opostos mutuamente exclusivos e sua relação recíproca). Na primeira concepção de movimento, o auto - movimento, sua força motriz, sua fonte, seu motivo, permanece na sombra (ou essa fonte é feita externamente - Deus, sujeito, etc.). Na segunda concepção, a principal atenção é dirigida precisamente ao conhecimento da fonte do “eu” - movimento. A primeira concepção é sem vida, pálida e seca. O segundo é o viver. O segundo sozinho fornece a chave para o “auto-movimento” de tudo o que existe; só ela fornece a chave para os “saltos”, para a “quebra na continuidade”, para a “transformação no oposto”, para a destruição do antigo e o surgimento do novo. A unidade (coincidência, identidade, ação igual) dos opostos é condicional, temporária, transitória, relativa. A luta dos opostos mutuamente exclusivos é absoluta, assim como o desenvolvimento e o movimento são absoluto.”* [60]

Abordar as coisas, incluindo os estados, analisando-as em relação aos outros é a base fundamental para chegar a um entendimento correto. Assim, um determinado estado deve ser visto não apenas como uma unidade separada, mas antes de mais nada *em sua relação com outros estados e nações*. Da mesma forma, a propósito, as classes só podem ser entendidas em relação de uma com a outra. Isso é evidente porque os estados, por definição, não poderiam existir isoladamente, mas apenas porque outros estados existem também. O mesmo acontece, novamente, no caso das classes: não há burguesia sem classe trabalhadora. Não há grandes latifundiários sem trabalhadores rurais e camponeses. Da mesma forma, não há estados imperialistas sem colônias e semicolônias. Não há uma única Grande Potência, mas várias Grandes Potências que estão em rivalidade umas com as outras. [61]

Observamos, à parte, que o teórico centrista alemão Karl Kautsky desenvolveu em 1914 uma teoria segundo a qual as leis econômicas do capitalismo



levariam a burguesia a superar o estágio do imperialismo e a entrar em um estágio chamado “*ultra-imperialismo*”. Essa época seria caracterizada por uma crescente exploração da classe trabalhadora, assim como a crescente exploração dos países coloniais e semicoloniais. Ao mesmo tempo, as potências imperialistas superariam cada vez mais as suas rivalidades e se uniriam numa única confiança ou aliança imperialista. No entanto, esta teoria do ultra-imperialismo foi totalmente refutada pela história do século XX. Porém, existem hoje vários teóricos revisionistas que defendem uma releitura desta teoria sugerindo que o imperialismo moderno seria caracterizado não pela rivalidade entre as Grandes Potências, mas pela existência de um “Império” global (por exemplo, as obras de Negri, Panitch, Gindin, etc). De fato, aqueles marxistas que negam o caráter imperialista da China e da Rússia e que afirmam que existe apenas um bloco imperialista mais ou menos unido, liderado pelos EUA, aproxima-se muito da teoria do ultra-imperialismo de Kautsky! [62]

A comparação entre estados e classes neste contexto é particularmente válida dado o fato de que os estados, no entendimento marxista, são “*corpos especiais de homens armados que servem à classe dominante*”, como Lênin colocou em 1917 em seu famoso livro *O Estado e a Revolução*. [63]

A formação de monopólios e Grandes Potências levou cada vez mais à divisão do mundo inteiro em diferentes esferas de influência entre os estados imperialistas rivais e a subjugação da maioria dos países sob essas poucas Grandes Potências. Daí segue uma característica essencial da análise de Lênin (e de Trotsky) do imperialismo: a caracterização da conexão entre as nações imperialistas e a grande maioria das pessoas que vivem nos países capitalistas menos desenvolvidos como uma *relação de opressão*. De fato, Lênin, e seguindo-o, Trotsky também chegou à conclusão de que essa divisão das nações do mundo em nações opressoras e oprimidas é uma das características mais importantes da época imperialista:

“*Imperialismo significa a opressão progressivamente crescente das nações do mundo por um punhado de Grandes Potências (...)* É por isso que o ponto focal no programa social-democrata deve ser aquela divisão das nações em opressor e oprimido que forma a essência do imperialismo. e é iludida pelos social-chauvinistas e Kautsky. Essa divisão não é significativa do ponto de vista do pacifismo burguês ou da utopia filistina da competição pacífica entre nações independentes sob o capitalismo, mas é mais significativa do ponto de vista da luta revolucionária contra o imperialismo.” [64]

A partir disso, Lenin concluiu que a divisão entre nações oprimidas e opressoras deve constituir uma característica central do programa marxista:

“*O programa da social-democracia (como os marxistas se chamavam então, Ed.), como um contrapeso a essa utopia oportunista pequeno-burguesa, deve postular a divisão das nações em opressora e oprimida como básica, significativa e inevitável sob o imperialismo.*” [65]

A base econômica da relação entre os estados imperialistas e semicoloniais é o que Lenin chamou de *super-exploração* dessas nações oprimidas pelos monopó-

lios imperialistas. Devido a essa super-exploração, o capital monopolista pode adquirir - além da taxa média de lucro - um lucro extra. Esses lucros extras são adições importantes aos lucros que o capital monopolista já extrai dos trabalhadores dos países ricos. Eles são, a propósito, uma fonte essencial para subornar os setores com faixa salarial superiores, aristocráticos da classe trabalhadora e, em particular, a burocracia operária nos países imperialistas - características que ajudam a fortalecer o domínio do capital monopolista.

Em nosso livro *The Great Robbery of the South ( O Grande Roubo do Sul)*, elaboramos basicamente quatro formas diferentes de super-exploração pelas quais o capital monopolista obtém lucros extras de países coloniais e semicoloniais: [66]

- i) Exportação de capital como investimento produtivo
- ii) Exportação de capital como capital monetário (empréstimos, reservas monetárias, especulação, etc.)
- iii) Transferência de valor via troca desigual
- iv) Transferência de valor via imigração (baseada na superexploração de imigrantes, uma camada nacionalmente oprimida da classe trabalhadora)

A relação entre os Estados tem que ser vista sempre na totalidade de suas características econômicas, políticas e militares - “a totalidade das múltiplas relações dessa coisa com os outros” (Lenin). [67] Um estado imperialista geralmente entra em um relacionamento com outros estados e nações as quais ele oprime, de uma forma ou de outra, e os super-explora - isto é, se apropria de uma parte de seu valor capitalista produzido. No entanto, isso deve ser visto em sua totalidade, ou seja, se um estado explorado obtém certos lucros do investimento estrangeiro, mas tem que pagar muito mais (serviço da dívida, repatriação de lucros, etc.) para investimentos estrangeiros, e através de empréstimos etc. de outros países, etc., esse estado geralmente não pode ser considerado como imperialista. Da mesma forma, as diferentes formas de opressão e super-exploração podem ocorrer em várias combinações ou apenas em uma, mas não em outra. Estados imperialistas menores geralmente não atacam ou ameaçam semicolônias por forças armadas. Isso pode ser verdade para uma grande potência como o Japão. Este último, no entanto, super-explora muitos povos oprimidos via exportação de capital, mas apenas em um grau muito pequeno via migração. Essa super-exploração de imigrantes aparece com destaque na Rússia, que, por outro lado, exporta muito menos capital do que o Japão.

Naturalmente, não é suficiente dividir os países em categorias de estados imperialistas ou semicoloniais. Há, claro, muitos tons diferentes. Isso já começa com diferenças entre as Grandes Potências. Há Grandes Potências, como a mais forte, os EUA, mas também outras que foram economicamente fortes, mas militarmente muito mais fracas nas últimas décadas (como o Japão ou a Alemanha). Como dito acima, é preciso considerar a totalidade da posição econômica, política e militar de um estado na hierarquia global dos estados. Assim, podemos considerar um determinado estado como imperialista, mesmo que seja economicamente mais fraco, mas ainda possua uma posição política e militar relati-

vamente forte (como a Rússia antes de 1917 e, mais uma vez, desde o início dos anos 2000). Uma posição política e militar tão forte pode ser usada para oprimir outros países e nações e apropriar-se do valor capitalista deles.

Nós elaboramos com muito detalhe em trabalhos anteriores que tal desigualdade entre as Grandes Potências sempre foi uma característica proeminente em toda a história do capitalismo moderno. [68] No Capítulo VII abaixo, daremos alguns exemplos para demonstrar essa desigualdade. Neste ponto, limitamos a nos referir às vastas diferenças de desenvolvimento industrial, produtividade econômica, exportação de capital, empréstimos, etc. entre diferentes estados imperialistas, numa época em que Lênin e Trotsky elaboraram a teoria marxista do imperialismo.

Podemos afirmar, em geral, que a desigualdade nos desenvolvimentos históricos resultou na situação de que antigas potências imperialistas “amadurecidas” (como a Inglaterra ou a França) existiam (e rivalizavam) com novas potências emergentes (como os EUA ou a Alemanha), bem como com potências mais atrasadas (como a Rússia, o Império Austro-Húngaro, a Itália ou o Japão).

O próprio Lênin chamou a atenção para esse desnível repetidamente. Em seus *Cadernos sobre o imperialismo*, por exemplo, ele sugeriu uma “hierarquização” entre as Grandes Potências. Em uma de suas notas, ele diferenciou entre três categorias de estados imperialistas:

“I. *Três principais países (totalmente independentes): Grã-Bretanha, Alemanha, Estados Unidos*

II. *Secundário (primeira classe, mas não totalmente independente): França, Rússia, Japão*

III. *Itália, Áustria-Hungria*” [69]

Além disso, temos que diferenciar entre Grandes Potências e estados imperialistas menores (como Austrália, Bélgica, Suíça, Holanda, Áustria, países escandinavos, etc.). Obviamente, eles não são iguais às Grandes Potências, mas são subordinados a eles. Estes estados imperialistas menores são política e militarmente dependentes de um ou das várias Grandes Potências para participarem na ordem imperialista global. Assim, garantem sua posição privilegiada ao entrar em alianças econômicas, políticas e militares com as Grandes Potências como a UE, OCDE, FMI, Banco Mundial, OMC, OTAN e várias “parcerias”. No entanto, esses estados imperialistas menores não são super-explorados pelas Grandes Potências, mas participam da super-exploração do mundo semicolonial, apropriando-se de uma quantidade significativa de valor das semicolônias.

Os clássicos marxistas sempre reconheceram que pode haver diferenças importantes com relação ao poder, ao regime político, etc, entre as diferentes potências imperialistas. Em seu famoso panfleto *Socialismo e Guerra*, Lênin e Zinoviev explicaram que, durante a época imperialista, é típico ver poderes imperialistas mais fortes e mais fracos, mais avançados e mais atrasados. No entanto, essas disparidades não levaram os dois líderes do partido bolchevique a abandonar a conclusão de que todas essas Grandes Potências eram imperia-

listas.

*“As principais esferas de investimento do capital britânico são as colônias britânicas, que são muito grandes também na América (por exemplo, o Canadá), para não falar da Ásia, etc. Neste caso, enormes exportações de capital estão ligadas mais de perto colônias, cuja importância para o imperialismo falarei mais tarde. No caso da França, a situação é diferente. As exportações de capital francesas são investidas principalmente na Europa, principalmente na Rússia (pelo menos dez mil milhões de francos). Isto é principalmente capital de empréstimos, empréstimos do governo e não capital investido em empreendimentos industriais. Diferentemente do imperialismo colonial britânico, o imperialismo francês poderia ser chamado de imperialismo da usura. No caso da Alemanha, temos um terceiro tipo; as colônias são insignificantes e o capital alemão investido no exterior é dividido de maneira mais uniforme entre a Europa e a América.”* [70]

Resumindo, é impossível compreender o imperialismo sem reconhecer a desigualdade do capitalismo mundial, que inclui também a compreensão do desenvolvimento desigual entre as próprias Grandes Potências. Não é à toa que Trotsky considerou esse desnível como *“a lei mais geral do processo histórico.”* [71]

Também é essencial ver o capital financeiro como uma fusão entre capital industrial e bancário. É um erro eclético difundido entre vários centristas entender o capital financeiro, no sentido burguês, como unicamente *“capital bancário”*. [72] Como resultado desse erro, tais pessoas caracterizam apenas os estados imperialistas que possuem o sistema financeiro ou bancário mais poderoso (como os EUA). Além disso, o capital financeiro no sentido marxista é caracterizado por um alto grau de monopolização. Como resultado, podemos observar mudanças importantes em comparação com o período do capitalismo ascendente. Hilferding, Lênin e Bukharin observaram que políticas como o protecionismo e até mesmo o comércio simples mudaram seu caráter no estágio monopolista do capitalismo. Aqui o estado desempenha um papel cada vez mais crucial. Uma de suas ferramentas é o protecionismo que ajuda a garantir a posição dos monopólios por meio de tarifas permanentes, subsídios, políticas de crédito dos Estados imperialistas etc. Outros exemplos são a diplomacia financeira estatal por meio de apoio ao crédito, criação de uniões aduaneiras ou acordos de livre comércio etc.

Em conclusão, como os marxistas definirão um estado imperialista? A fórmula, que desenvolvemos em trabalhos passados e que nos parece ainda mais precisa, é a seguinte: *Um Estado imperialista é um Estado capitalista cujos monopólios e aparatos estatais têm uma posição na ordem mundial em que antes de mais nada dominam outros estados e nações. Como resultado, eles obtêm lucros extra e outras vantagens econômicas, políticas e / ou militares de tal relação baseada na super-exploração e opressão.* [73]

Da mesma forma, também é preciso diferenciar os diferentes tipos de semi-colônia. Obviamente, existem grandes diferenças hoje entre Peru e Argentina ou Brasil, Congo e Egito, Paquistão e Turquia, Nepal e Tailândia, Cazaquistão e Polônia. Alguns países são mais industrializados que outros, alguns alcança-

ram certa importância política e outros não. Assim, podemos diferenciar entre *semicolônias avançadas ou industrializadas*, como por exemplo Argentina, Brasil, Egito, Turquia, Grécia, Irã, Polônia ou Tailândia, por um lado, e *semicolônias mais pobres ou semi-industrializadas*, como Bolívia, Peru, Sub - Países da África do Sul (exceto África do Sul), Paquistão, Afeganistão, Indonésia, etc.

No entanto, é importante ter em mente que esses diferentes tipos de semicolônia têm muito mais em comum do que o que se diferencia entre eles, como Trotsky já apontou:

*“Os países coloniais e semicoloniais - e, portanto, atrasados - que abarcam a maior parte da humanidade diferem extraordinariamente um do outro em seu grau de atraso, representando uma escada histórica que vai do nomadismo até o canibalismo até a cultura industrial mais moderna. A combinação de extremos em um grau ou outro caracteriza todos os países atrasados. No entanto, a hierarquia do atraso, se é que se pode empregar tal expressão, é determinada pelo peso específico dos elementos de barbárie e da cultura na vida de cada país colonial. A África Equatorial está muito atrás da Argélia, do Paraguai atrás do México, da Abissínia atrás da Índia ou da China. Com a sua dependência econômica comum da metrópole imperialista, a sua dependência política tem, em alguns casos, o caráter de escravidão colonial aberta (Índia, África Equatorial), enquanto em outros ela é ocultada pela ficção da independência do Estado (China, América Latina).” [74]*

Para resumir nossa definição de semicolônias, propomos a seguinte fórmula: *Um país semicolonial é um estado capitalista cuja economia e aparato estatal têm uma posição na ordem mundial, em que antes de mais nada são dominados por outros estados e nações. Como resultado, criam lucros extras e fornecem outras vantagens econômicas, políticas e / ou militares aos monopólios e estados imperialistas através de sua relação baseada na superexploração e na opressão.*

## **É Possível uma Transição de ser Um Tipo de Estado para Outro Tipo de Estado?**

A análise e divisão de países em diferentes tipos não deve ser entendida de maneira dogmática, mecanicista, mas sim de maneira marxista, isto é, dialética. Lênin já assinalou que as definições não são dogmas abstratos, mas devem ser entendidas como categorias elásticas: *“...sem esquecer o valor condicional e relativo de todas as definições em geral, que nunca podem abarcar todas as concatenações de um fenômeno em seu pleno desenvolvimento ...” [75]*

Por isso, seria errôneo imaginar uma parede chinesa separando as duas categorias, estados imperialistas e semicoloniais. Como temos argumentado em outras ocasiões, houve vários exemplos em que, em circunstâncias excepcionais, um Estado dependente pôde se tornar um país imperialista, assim como o contrário. A razão central para isso é a lei do desenvolvimento desigual e combinado que explica os diferentes ritmos de desenvolvimento das forças produtivas em diferentes nações e sua interação, que novamente resulta em instabilidade,

confrontos, guerras e transformações das relações políticas e sociais existentes. Portanto, é lógico que tais desenvolvimentos possam provocar o surgimento e o crescimento de novas potências capitalistas, assim como o declínio de velhas potências. [76]

O próprio Lênin apontou explicitamente a possibilidade de países atrasados e semicoloniais poderem transformar seu caráter de classe: “*O capitalismo está crescendo com a maior rapidez nas colônias e nos países estrangeiros. Entre estes últimos, novas potências imperialistas estão surgindo (por exemplo, o Japão).*” [77]

De fato, como apontamos em outro lugar, houve vários exemplos históricos de tais transformações. Há o exemplo da Checoslováquia, que foi uma colônia no Império Habsburgo, mas tornou-se -após a implosão do império em 1918- uma pequena potência imperialista. Da mesma forma, a Coreia do Sul e Israel se tornaram estados imperialistas nos anos 90, assim como a Rússia e a China no início e no final da primeira década dos anos 2000, respectivamente. [78] Por outro lado, Portugal perdeu seu status de imperialista durante as últimas quatro décadas após a perda de suas colônias em 1974.

### “Sub-imperialismo” - É Uma Categoria Útil?

Vários teóricos progressistas apoiam a concepção de um estado “transitório” ou “Sub-Imperialista” como uma terceira categoria adicional de países, além de países coloniais e semicoloniais. [79] Elaboramos nossa crítica da teoria do sub-imperialismo em *The Great Robbery of the South (O Grande Roubo do Sul)* e resumiremos brevemente aqui algumas conclusões. [80]

Naturalmente, se os Estados passam por um processo de transformação de um país imperialista para um semicolonial ou vice-versa, eles estão “em transição” e, nesse sentido, pode ser útil descrever um processo temporário de transformação. No entanto, os defensores da teoria do sub-imperialismo não entendem isso como uma categoria para descrever o processo de transição, mas sim vê-lo como uma categoria separada e independente. E aqui reside o problema fundamental.

O capitalismo une todas as nações do mundo através da expansão econômica e política e da formação de um mercado mundial. Este processo ocorreu desde o início do modo de produção capitalista e acelerou tremendamente na época do imperialismo. Nestas condições, nenhuma nação escapa à formação de laços econômicos e políticos cada vez mais próximos das potências imperialistas dominantes. Essas relações estreitas criam, modificam e reproduzem automaticamente mecanismos de exploração e superexploração. Em outras palavras, sob o capitalismo - e ainda mais sob o imperialismo - todas as nações são sugadas para o processo de super-exploração. Ou eles são fortes o suficiente e se tornam parte das nações opressoras, ou são empurrados para o campo da maioria da humanidade – ou seja, as nações oprimidas. Não há “terceiro campo” entre eles.

É claro que existem diferenças significativas no desenvolvimento das forças

produtivas entre os estados imperialistas e entre os países semicoloniais. Isso é apenas lógico, dada a dinâmica desigual de desenvolvimento entre as nações. Por isso, é verdade que existem países imperialistas maiores e menores que são desiguais. No entanto, a questão é que os menores não são explorados por potências imperialistas maiores. Por exemplo, os EUA e o Canadá certamente não são iguais, mas também não exploram sistematicamente um ao outro. O mesmo se aplica à Alemanha e à Áustria ou à França e à Bélgica, Luxemburgo ou Suíça. No entanto, são todas nações imperialistas. Por quê? Porque eles desenvolveram capital monopolista significativo que sistematicamente explora e transfere valor a partir do Sul, e eles são parte de uma ordem imperialista internacional da qual eles lucram e defendem por vários meios. Da mesma forma, há semicolônias avançadas que têm uma certa influência regional (por exemplo, Brasil, Índia, Grécia) e outras que não têm nenhuma; alguns são mais fortes e outros são mais fracos. Mas como marxista, devemos nos concentrar na lei do valor e na transferência de valor entre os países e a ordem política associada a isso. E aqui é óbvio que as semicolônias industrializadas também são dominadas e super-exploradas pelos monopólios imperialistas. Por essas razões, rejeitamos a utilidade da categoria de “*Sub-Imperialismo*” como parte do aparato analítico marxista.

Finalmente, como um aparte, chamamos a atenção para o fato de que, objetivamente, a teoria do sub-imperialismo é uma repetição de tentativas semelhantes na década de 1920. Como apontamos em outro lugar, o ex-marxista japonês Takahashi Kamekichi desenvolveu na época sua notória teoria do Japão como um “*pequeno imperialismo*”. Takahashi observou que, dado o atraso do Japão nas áreas de capital financeiro e exportação de capital, o capitalismo japonês “*ainda não havia atingido o estágio do imperialismo*”, para usar os termos de Lênin. A partir disso, ele concluiu que os socialistas japoneses não deveriam ver o principal inimigo como sendo a burguesia doméstica, mas sim as potências ocidentais.

*“Se você olhar para o capitalismo internacionalmente, [ele argumentou], pode de fato ser imperialista. No entanto, no máximo, é um país imperialista como o pequeno burguês é para o grande burguês. Se tomarmos o termo pequeno-burguês e estabelecermos a categoria do pequeno imperialismo, o Japão não passa de um pequeno país imperialista. Assim, assim como os interesses da pequena burguesia coincidem com os interesses do proletariado e não coincidem com os interesses da grande burguesia, os interesses dos pequenos países imperialistas coincidem mais com os dos países sujeitos ao imperialismo do que com os dos grandes países imperialistas.*”

Takahashi prosseguiu afirmando que havia considerável evidência de que o Japão também “*está na posição de país sujeito ao imperialismo. (...) Consequentemente, o papel de classe internacional [do Japão], em vez de coincidir com o de países imperialistas como a Inglaterra e os Estados Unidos, coincide muito mais com o da China, Índia e outros países sujeitos ao imperialismo.*” [81]

Em suma, Takahashi forneceu objetivamente uma teoria social-imperialista que justificava as aspirações expansionistas da classe dominante japonesa e os

comunistas japoneses o atacaram corretamente por essa teoria falida.

Infelizmente, vários sucessores modernos estão, muito provavelmente, sem saber, seguindo o caminho da teoria de Takahashi para “menosprezar”, isto é, para justificar o imperialismo russo e chinês e, entre outras coisas, para propagar uma aliança de povos oprimidos com as Grandes Potências orientais.

### Notas de rodapé

57) Nós lidamos extensivamente com a teoria do imperialismo de Lênin em outras publicações. Veja, por exemplo: Michael Pröbsting: Lenin’s Theory of Imperialism and the Rise of Russia as a Great Power. On the Understanding and Misunderstanding of Today’s Inter-Imperialist Rivalry in the Light of Lenin’s Theory of Imperialism. Another Reply to Our Critics Who Deny Russia’s Imperialist Character, in: *Revolutionary Communism* No. 25, August 2014, <http://www.thecommunists.net/theory/imperialism-theory-and-russia/>; Michael Pröbsting: The Great Robbery of the South. Continuity and Changes in the Super-Exploitation of the Semi-Colonial World by Monopoly Capital Consequences for the Marxist Theory of Imperialism, 2013, <http://www.great-robbery-of-the-south.net/>; Michael Pröbsting: Imperialism and the Decline of Capitalism (2008), in: Richard Brenner, Michael Pröbsting, Keith Spencer: The Credit Crunch – A Marxist Analysis (2008), <http://www.thecommunists.net/theory/imperialism-and-globalization/>

58) V. I. Lenin: o imperialismo e a divisão no socialismo (1916); in: CW Vol. 23, pp. 105-106 [Emphases in the original]

59) Abram Deborin: Lenin als revolutionärer Dialektiker (1925); in: Nikolai Bucharin/ Abram Deborin: Kontroversen über dialektischen und mechanistischen Materialismus, Frankfurt a.M. 1974, p. 136 [our translation]

60) V.I. Lênin: Sobre a questão da dialética 1915); in: LCW 38, p.358 [Emphases in the original]

61) Isto, a propósito, também é verdade para os estados operários (incluindo os degenerados). Tais países representam, na forma de um estado, o estado do equilíbrio internacional entre as classes antagônicas. Isso também era verdade no caso dos estados stalinistas, embora essa relação fosse complicada pela maquinaria burocrática da casta dominante. Veja nesta nossa análise dos estados stalinistas: Michael Pröbsting: Cuba’s Revolution Sold Out? The Road from Revolution to the Restoration of Capitalism (Chapter II), August 2013, RCIT Books, <https://www.thecommunists.net/theory/cuba-s-revolution-sold-out/>

62) Temos lidado com esses argumentos em Michael Pröbsting: a teoria do imperialismo de Lênin e a ascensão da Rússia como uma grande potência. Sobre a compreensão e a incompreensão da rivalidade interimperialista de hoje à luz da teoria do imperialismo de Lênin. Outra resposta aos nossos críticos que negam o caráter imperialista da Rússia, in: *Revolutionary Communism* No. 25, August 2014,

63) “Um estado surge, um poder especial é criado, corpos especiais de homens armados, e toda revolução, ao destruir o aparato estatal, nos mostra a luta de classes nua, claramente nos mostra como a classe dominante se esforça para restaurar os corpos especiais de homens armados que sirva-a e como a classe oprimida se empenha em criar uma nova organização desse tipo, capaz de servir os explorados em vez dos exploradores.” (V. I. Lenin: The State and Revolution. The



Marxist Theory of the State and the Tasks of the Proletariat in the Revolution (1917), in: LCW Vol. 25, p. 395). Tal entendimento foi baseado na teoria do estado de Marx e Engels. Veja, por exemplo, o livro “A Origem da Família, Propriedade Privada e o Estado em que ele analisou a origem histórica do estado”.: *“Esta força pública existe em todos os estados; consiste não apenas de homens armados, mas também de apêndices materiais, prisões e instituições coercitivas de todos os tipos...”* (Friedrich Engels: The Origin of the Family, Private Property and the State. In the Light of the Researches by Lewis H. Morgan (1884), in: MECW Vol. 26, p. 270)

64) V. I. Lenin: O Proletariado Revolucionário e o Direito das Nações à Autodeterminação (1915); in: LCW 21, p. 409

65) V. I. Lenin: O Proletariado Revolucionário e o Direito das Nações à Autodeterminação (1916); in: LCW 22, p. 147

66) Além da extensa análise em nosso livro *O Grande Roubo do Sul* (veja acima), nós também nos referimos ao nosso livreto sobre a superexploração de migrantes (em alemão): Michael Pröbsting: *Marxismus, Migration und revolutionäre Integration* (2010); in: *Revolutionärer Kommunismus*, Nr. 7, <http://www.thecommunists.net/publications/werk-7>. Um resumo deste estudo em língua inglesa: Michael Pröbsting: *Marxismo, Migração e Integração revolucionária*, em: *Comunismo Revolucionário*, No. 1 (English-language Journal of the RCIT), <http://www.thecommunists.net/oppressed/revolutionary-integration/>

67) V. I. Lenin: *Conspectus of Hegel’s Science of Logic* (1914); in: *Collected Works* Vol. 38, p. 220

68) Nós elaboramos tal exame histórico em várias ocasiões, o mais importante em Michael Pröbsting: *Lenin’s Theory of Imperialism and the Rise of Russia as a Great Power*.

69) V.I.Lenin: Sobre a Questão do Imperialismo, em: LCW 39, p. 202

70) V. I. Lenin: *Imperialism.O mais alto estágio do capitalismo* (1916), in: LCW Vol. 22, p. 243. No mesmo livro, Lênin também explicou que julgou os estados imperialistas não apenas em termos de sua condição atual, mas também em termos de sua *direção de desenvolvimento*. Em outras palavras, ele reconheceu - em contraste com os social-imperialistas pró-orientais, que se recusam a reconhecer a China e a Rússia como potências imperialistas.- O caráter e dinâmica de Grandes Potências emergentes como a Rússia ou o Japão durante seu tempo: *“Isso ocorre porque a única base concebível sob o capitalismo para a divisão de esferas de influência, interesses, colônias, etc., é um cálculo da força dos participantes, sua força econômica, financeira, militar geral, etc. os participantes da divisão não mudam em igual grau, pois o desenvolvimento de diferentes empreendimentos, trusts, ramos da indústria ou países é impossível sob o capitalismo. Há meio século, a Alemanha era um país miserável e insignificante, se sua força capitalista fosse comparada à da Grã-Bretanha da época; O Japão comparou com a Rússia da mesma maneira. É “concebível” que em dez ou vinte anos a força relativa das potências imperialistas permaneça inalterada? Está fora de questão.”* (V. I. Lenin: *Imperialism. The Highest Stage of Capitalism* (1916) ; in: LCW Vol. 22, p. 295)

71) Leon Trotsky: *História da Revolução Russa*(1930), Haymarket Books, Chicago 2008, p. 5

72) Nós lidamos com essa questão com mais detalhes em Michael Pröbsting: *Lenin’s Theory of Imperialism and the Rise of Russia as a Great Power*

73) Pensamos que tal definição de um estado imperialista está de acordo com a breve definição que Lênin deu em um de seus escritos sobre o imperialismo em 1916: *„... Grandes Potências imperialistas (ou seja, poderes que oprimem um grande número de nações e as*

*envolvem na dependência do capital financeiro, etc.)...*” (V. I. Lenin: A Caricature of Marxism and Imperialist Economism (1916); in: LCW Vol. 23, p. 34)

74) Leon Trotsky: A Revolução Chinesa (Introduction to Harold R. Isaacs, A Tragédia da Revolução Chinesa, London 1938); <http://www.marxists.org/archive/trotsky/1938/xx/china.htm>

75) V. I. Lenin: Imperialismo, o Estágio Superior do Capitalismo; in: LCW 22, p. 266

76) Nós lidamos com a questão do surgimento de novas potências imperialistas extensivamente. Sobre a China como uma potência imperialista emergente, ver a literatura do RCIT mencionada acima. Sobre a Rússia como potência imperialista emergente: Michael Pröbsting: A Teoria do Imperialismo de Lênin e a Ascensão da Rússia como uma Grande Potência. Sobre a Compreensão e a Incompreensão da Rivalidade Interimperialista de Hoje à Luz da Teoria do Imperialismo de Lênin. Outra resposta aos nossos críticos que negam o caráter imperialista da Rússia, in: *Revolutionary Communism* No. 25, August 2014, <http://www.thecommunists.net/theory/imperialism-theory-and-russia/>; Michael Pröbsting: Russia as a Great Imperialist Power. The formation of Russian Monopoly Capital and its Empire – A Reply to our Critics, 18 March 2014, in: *Revolutionary Communism* No. 21, <http://www.thecommunists.net/theory/imperialist-russia/>

77) V. I. Lenin: Imperialismo, o Estágio Superior do Capitalismo (1916) ; in: LCW Vol. 22, p. 274

78) Analisamos a transformação da Coreia do Sul em uma potência imperialista menor em Michael Pröbsting: Der kapitalistische Aufholprozeß in Südkorea und Taiwan; in: *Revolutionärer Marxismus* Nr. 20 (1996). Uma versão abreviada deste artigo apareceu como “*Desenvolvimento capitalista na Coreia do Sul e Taiwan*” em: *Trotskyist International* No. 21 (1997), <http://www.thecommunists.net/theory/capitalism-in-south-korea-taiwan/>. Sobre Israel como uma potência imperialista menor, ver Michael Pröbsting: Sobre algumas questões da opressão sionista e da Revolução Permanente na Palestina”, em: *Revolutionary Communism* Nr. 10 (June 2013), p. 29, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/permanent-revolution-in-palestine>

79) See e.g. Ruy Mauro Marini: Subimperialismo brasileiro, em: *Monthly Review* Vol. 23, No. 9 (February 1972), pp. 14-24; Mário Costa de Paiva Guimarães Júnior, Tiago Camarinha Lopes: A Lei de Desenvolvimento Desigual e Combinado de Trotsky na Dialética da Dependência de Marini, Quarta Conferência Anual em Economia Política, July 9-11, 2013, The Hague, The Netherlands; Tiago Camarinha Lopes: Marx and Marini on Absolute and Relative Surplus Value, on: *International Critical Thought*, Vol. 3, Issue 2 (2013); Atualmente, Patrick Bond e Ana Garcia estão entre os mais destacados defensores da teoria do subimperialismo. See e.g. Patrick Bond and Ana Garcia (Eds.): *BRICS – An Anti-Capitalist Critique*, Pluto Press, London 2015; Patrick Bond: Towards a Broader Theory of Imperialism, 2018-04-19, <http://roape.net/2018/04/18/towards-a-broader-theory-of-imperialism/>; Patrick Bond: BRICS and the tendency to sub-imperialism, 2014-04-10, *Pambazuka*, Issue 673, <http://www.pambazuka.org/en/category/features/91303>

80) Veja Michael Pröbsting: *The Great Robbery of the South*, pp. 220-228. See <http://www.great-robbery-of-the-south.net/great-robbery-of-south-online/download-chapters-1/chapter9/>

81) Todas as citações são tiradas de Germaine A. Hoston: *Marxism and the Crisis of Development in Prewar Japan*, Princeton University Press, Princeton 1986, pp. 80-81

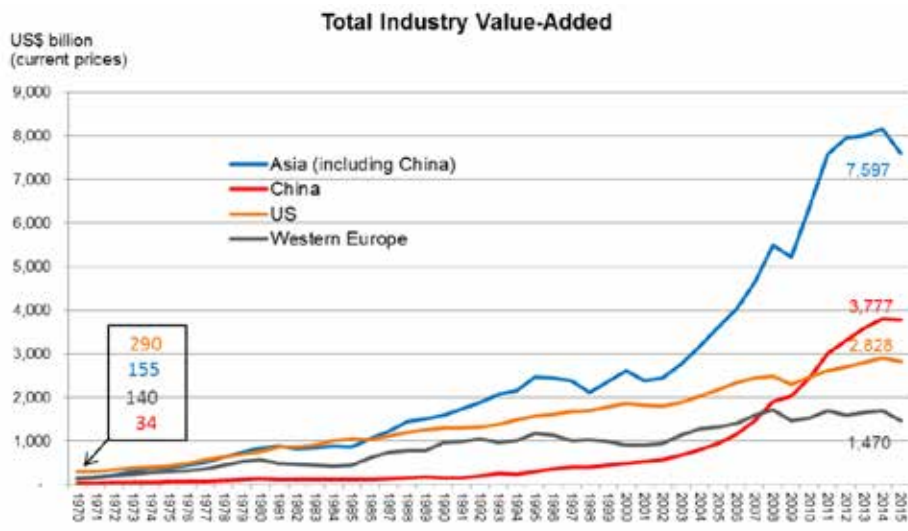
## V. O Surgimento da China e da Rússia Como Novas Grandes Potências

Esse declínio histórico das antigas potências capitalistas e a consequente mudança econômica maciça levaram à criação de novas potências imperialistas (China e Rússia) e, inseparavelmente associadas, levando a uma aceleração da rivalidade entre as Grandes Potências.

### Produção e Comércio

Como demonstramos em vários estudos, a China tornou-se o mais importante desafiante aos EUA como potência imperialista hegemônica. [82] Quando olhamos para a base da produção capitalista - produção industrial global - vemos que a participação dos EUA diminuiu de 25,1% (2000) para 17,7% (2015), a participação da Europa Ocidental também caiu de 12,1% para 9,2%, enquanto a participação da China cresceu de 6,5% (2000) para 23,6% (2015). (Ver quadro 15)

**Quadro 15. Produção industrial global, EUA, Europa Ocidental e China Entre 1970-2015 (Em Preços Atuais) [84]**



*Total Industry value-added = Valor adicionado total da indústria*

Da mesma forma, enquanto a participação dos EUA no comércio mundial caiu de 15,1% (2001) para 11,4% (2016), a participação da China subiu neste período de 4,0% para 11,5%. (Veja o quadro 16)

De acordo com as últimas estatísticas publicadas pela Organização Mundial do Comércio, a participação da China no comércio de mercadorias em 2017 foi de 11,5%, enquanto a dos EUA foram de 11,1%. [83]

Na Tabela 5 e 6, mostramos os números que demonstram o desenvolvimento a longo prazo das exportações e importações mundiais de mercadorias desde o final da Segunda Guerra Mundial. Eles refletem, entre outros, o declínio das antigas potências imperialistas e a ascensão da China - especialmente desde o início do século. Desde a restauração do capitalismo nos antigos estados estalinistas (os números fornecidos são de 1993), a participação dos EUA nas exportações mundiais de mercadorias caiu de 12,6% para 9,0% em 2017. Houve a mesma tendência em outros países ocidentais (Japão : de 9,8% para 4,1%, Alemanha: de 10,3% para 8,4%, França: de 6,0% para 3,1%, Reino Unido: de 4,9% para 2,6%). No mesmo período, a participação da China subiu de 2,5% para 13,2% e a da Rússia de 1,7% para 3,0%. O mesmo desenvolvimento ocorreu nas importações mundiais de mercadorias.

**Quadro 16. Participações dos EUA e da China no comércio mundial, 2001-2016 [85]**



Total Trade Values = Import + Export  
Source: World Trade Organisation

**Tabela 5. Participação nas exportações de mercadorias mundiais por região e economias selecionadas 1953-2017 (percentagem) [86]**

<i>Páís</i>	1953	1963	1973	1983	1993	2003	2017
EUA	14.6	14.3	12.2	11.2	12.6	9.8	9.0
Alemanha	5.3	9.3	11.7	9.2	10.3	10.2	8.4
França	4.8	5.2	6.3	5.2	6.0	5.3	3.1
Reino Unido	9.0	7.8	5.1	5.0	4.9	4.1	2.6
China	1.2	1.3	1.0	1.2	2.5	5.9	13.2
Japão	1.5	3.5	6.4	8.0	9.8	6.4	4.1
Índia	1.3	1.0	0.5	0.5	0.6	0.8	1.7
CEI (Rússia & ex-URSS)	-	-	-	-	1.7	2.6	3.0
África do Sul	1.6	1.5	1.0	1.0	0.7	0.5	0.5

**Tabela 6. Participação nas importações de mercadorias mundiais por região e economias selecionadas-1953-2017 (percentagem) [87]**

<i>Páís</i>	1953	1963	1973	1983	1993	2003	2017
EUA	13.9	11.4	12.4	14.3	15.9	16.9	13.7
Alemanha	4.5	8.0	9.2	8.1	9.0	7.9	6.6
Reino Unido	11.0	8.5	6.5	5.3	5.5	5.2	3.7
França	4.9	5.3	6.4	5.6	5.7	5.2	3.6
China	1.6	0.9	0.9	1.1	2.7	5.4	10.5
Japão	2.8	4.1	6.5	6.7	6.4	5.0	3.8
Índia	1.4	1.5	0.5	0.7	0.6	0.9	2.5
CEI (Rússia & ex-URSS)	-	-	-	-	1.5	1.7	2.3
África do Sul	1.5	1.1	0.9	0.8	0.5	0.5	0.6

**Tabela 7. Composição nacional das 2.000 maiores empresas do mundo, 2003 e 2017 (lista *Global Forbes*) [88]**

	2003		2017	
	<i>Number</i>	<i>Share</i>	<i>Number</i>	<i>Share</i>
EUA	776	38.8%	565	28.2%
China	13	0.6%	263	13.1%
Japão	331	16.5%	229	11.4%
Reino Unido	132	6.6%	91	4.5%
Japão	67	3.3%	59	2.9%
Canadá	50	2.5%	58	2.9%
Alemanha	64	3.2%	51	2.5%

## Monopólios e Bilionários

Tal declínio das antigas potências imperialistas ocidentais e o surgimento da China como uma nova potência desafiante pode ser observado não apenas no âmbito da produção como no âmbito de valor capitalista e do comércio. Vemos o mesmo quando analisamos uma versão nacional dos principais monopólios capitalistas. Comparando a lista de *Forbes Global 2000* - uma lista das maiores corporações do mundo dos anos 2000 - entre o ano de 2003 com o ano de 2017, vemos que, embora os EUA continuem sendo a potência mais forte, sua participação diminuiu substancialmente de 776 corporações (38,8%) para 565 (28,2%). Ao mesmo tempo, a participação da China cresceu dramaticamente e agora se tornou a número dois entre as Grandes Potências. (Veja a Tabela 7)

Vemos a mesma imagem quando comparamos a composição regional das 5.000 maiores empresas do mundo (por capitalização de mercado) para os anos de 2000 e 2016. (Veja a Tabela 8) Dado o maior número de monopólios, essa estatística é ainda mais representativa para a dramática mudança que ocorreu na relação de forças entre os rivais imperialistas. Nesta tabela, a ascensão da China como potência imperialista é confirmada novamente. Em 2000, essa participação entre as principais corporações foi de 402 (8%). Em 2016, essa participação já cresceu para 1.085 (21,7%). Ao mesmo tempo, a participação da América do Norte caiu de 1.958 (39,2%) para 1.519 (30,4), a participação da Europa de 1.346 (26,9%) para 876 (17,5%) e a participação do Japão de 659 (13,2%) para 437 (8,7%).

Outro estudo, publicado pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento-UNCTAD, também confirma a ascensão da China entre os maiores monopólios globais. Relata que a participação da China entre as 2.000 maiores Corporações Transnacionais (CTN) cresceu tão maciçamente nas últimas duas décadas, de modo que, em 2015, elas conseguiram 17% de todos os lucros desses principais monopólios. O relatório da UNCTAD acrescenta: *“Curiosamente, no entanto, a participação das transnacionais financeiras chinesas nas principais Corporações Transnacionais-TNC se expandiu rapidamente para mais de 10% do total dos lucros das principais transnacionais, superando as das principais TCNs dos Estados Unidos em 2015.”* [90]

Estes números provam, sem sombra de dúvida, que a ascensão da China (e o declínio do Ocidente) não se limita a produção e comércio. Como veremos mais adiante, vários revisionistas negadores do caráter imperialista da China afirmam que o Reino do Meio (Como se auto-define) ainda seria somente local de manufatura mantida pelos governos ocidentais. Mas, como temos argumentado em várias obras e como os números acima confirmam, isso não é mais verdade - pelo menos não desde uma década! A China não apenas produz e comercializa uma parte significativa do produto de valor capitalista global, mas também *possui* uma grande parte dela. Isso se reflete na parcela substancial de empresas chinesas entre os principais monopólios do mundo, bem como seus

Tabela 8. Composição regional das 5.00 principais companhias do mundo entre 2.000 e 2016 [89]

	<i>América do Norte</i>	<i>Europa</i>	<i>Japão</i>	<i>China</i>	<i>Outros</i>
2000	1956	1346	659	402	635
2016	1519	876	437	1085	1083

Tabela 9. Os países ricos e super-ricos, 2018 [95]

País	escala de riqueza em milhões de dólares americanos					
	1-5m	5-10m	10-50m	50-100m	100-500m	500+m
Estados Unidos	14,520,885	1,855,679	902,736	50,144	19,253	1,144
China	3,094,768	235,858	132,701	10,113	5,690	708
Japão	2,627,845	125,377	51,947	2,478	1,027	71
Reino Unido	2,247,529	124,244	56,535	3,125	1,422	117
Alemanha	1,985,627	127,157	63,678	4,078	2,042	203
França	2,002,967	99,252	42,117	2,087	886	64

lucros (tanto no setor industrial quanto no financeiro). Em outras palavras, as corporações chinesas (mesmo que sejam estatais) não são uma espécie de mega-empresas “socialistas”, mas, sem dúvida, monopólios capitalistas.

Outro exemplo, falando muito sobre o “socialismo” da China, é o surgimento dos bilionários. Como mostramos em outros estudos, a China tornou-se o lar do maior número de bilionários, ou o segundo maior - dependendo da lista que se observa - no mundo. De acordo com a edição de 2017 da lista *Hurun Global Rich List*, 609 bilionários do mundo são chineses e 552 são cidadãos dos EUA. Juntos, eles respondem por metade dos bilionários em todo o mundo. [91] A *Lista de Bilionários da Forbes*, que tem sede nos EUA, enquanto Hurun é da China, vê os EUA ainda à frente. De acordo com a Forbes: “Os EUA continuam a ter mais bilionários do que qualquer outra nação, com um recorde de 565, acima dos 540 do ano passado. A China está alcançando 319. (Hong Kong tem outros 67, e Macau 1.) A Alemanha tem o terceiro lugar com 114 e a Índia, com 101, a primeira vez que teve mais de 100, é o quarto. [92] Enquanto se diferenciam nos diferentes relatórios, a tendência em todos os estudos disponíveis é a mesma: o peso dos capitalistas monopolistas da China está aumentando.

Um resultado muito semelhante emerge da mais recente edição do relatório anual *Billionaires Insights*, publicado em outubro de 2018 pelo Banco Suíço UBS, em conjunto com a britânica PwC. [93] De acordo com este relatório, existem 2.158 bilionários no mundo, dos quais 373 possuem seus lares na China. Este número sobe para 475 se somarmos os bilionários que vivem em Hong Kong, Macau (ambos fazem parte do estado chinês) e também em Taiwan. Isso significa que cerca de um quinto dos super-ricos globais - ou seja, capitalistas monopolistas - estão vivendo na China! Este número não é muito abaixo do número de bilionários que vivem nos EUA (585) e acima dos números para o Japão, bem como a soma combinada de todas as potências imperialistas na Europa Ocidental (414). Além disso, de todos os países, foram os bilionários chineses que tiveram o crescimento mais rápido de sua riqueza em 2017 (+ 39%). Bilionários em outros países tiveram taxas de crescimento muito menores (o crescimento médio global foi de 12%). A China é também o país com o maior número de novos bilionários. 106 pessoas tornaram-se bilionários em 2017 (embora um número tenha saído da lista a partir de 2016). Isso leva para aproximadamente um novo bilionário a cada três dias. [94]

É evidente que a classe capitalista chinesa experimentou o crescimento mais rápido do mundo na última década. O relatório do UBS / PwC comenta: “Doze anos atrás, o país mais populoso do mundo abrigava apenas 16 bilionários. Hoje, com o progresso do “Século da China”, eles somam 373, quase um em cada cinco do total global.”

É importante reconhecer que o capitalismo da China é baseado não apenas em uma pequena minoria de super-ricos (em contraste com países como a Índia ou a Arábia Saudita), mas em um estrato mais amplo de pequenos e médios capitalistas. Como mostramos na Tabela 9, a China é o número dois em todas as



categorias de milionários - apenas atrás dos EUA e à frente de todas as outras Grandes Potências imperialistas como Japão, Alemanha, França e Grã-Bretanha.

Outro indicador para medir o crescimento da China é o que os economistas chineses chamam de *riqueza social líquida*. Este é o total de ativos não financeiros e ativos externos líquidos. Um relatório recentemente publicado, que foi divulgado pela *Instituição Nacional para Finanças e Desenvolvimento*, calcula que a riqueza social líquida da China chegou a 437 trilhões de yuans (US \$ 63,66 trilhões) no final de 2016, o equivalente a cerca de 70% do total dos EUA. à frente de todas as outras Grandes Potências. [96]

## Exportação de Capital e Gastos Militares

As próximas duas tabelas demonstram que a China e a Rússia (em menor grau) estão se tornando cada vez mais importantes investidores estrangeiros. Na Tabela 10, reproduzimos o último número de exportação de capital das Grandes Potências. Como podemos ver, a China já havia se tornado o número três em Fluxos de Investimento Direto Estrangeiro em 2017 - à frente de todas as potências europeias. O valor da Rússia é menor, um pouco menos da metade do Investimento Direto Estrangeiro-IDE da Alemanha.

Quando olhamos para o estoque acumulado de saídas de *Investimento Estrangeiro Direto*-IED (em 2017), é interessante ver o rápido processo de recuperação especialmente da China. Apesar do fato de que a China só se tornou uma potência imperialista há cerca de uma década, seu estoque de saídas de IED já é igual aos números de todas as outras grandes potências (exceto os EUA (ver Tabela 11).

Podemos observar um desenvolvimento semelhante no setor de investimento em tecnologias modernas. Como mostra o quadro 17, os EUA continuam a ser o país líder mundial em termos de gastos com pesquisa e desenvolvimento. No entanto, a China está se recuperando rapidamente. O atual plano quinquenal de Pequim apela a um aumento da pesquisa e da concepção de gastos para 2,5% do PIB, ante 2,1% em 2011-2015. Como resultado, tornou-se o segundo país na última década.

Enquanto a Rússia é mais fraca em nível econômico, ainda desempenha um papel importante, dado o seu peso militar e político. Além de importantes monopólios como a Gazprom ou a Rosneft, a Rússia tem um enorme complexo militar-industrial, tornando-se a segunda maior potência militar atrás dos EUA e à frente de todos os outros estados imperialistas. (Veja as tabelas 12 e 13). [99]

Além disso, é essencial salientar que o estado russo possui apenas uma quantidade relativamente pequena de dívida externa. [103] Ao mesmo tempo, a dívida corporativa da Rússia é muito maior e sua dívida externa total no momento atual é de cerca de 30% do PIB. No entanto, a crescente rivalidade entre os estados imperialistas está levando dívida empresarial russa a vender sua dívida,

o que resultou em um pagamento recorde de 130 bilhões de dólares em 2018. [104] Essa alta dívida em moeda está ligada à orientação da Rússia de exportar commodities para ganhar moeda estrangeira. No entanto, altos pagamentos da dívida não significam automaticamente que a Rússia seria um estado “semi-colonial”. Havia um padrão semelhante na Rússia czarista quando os bancos franceses e alemães tiveram um papel importante na economia. No entanto, seu aparato militar e sua expansão colonial, combinados com o aumento dos investimentos estrangeiros em nações asiáticas, deram à Rússia seu caráter imperialista.

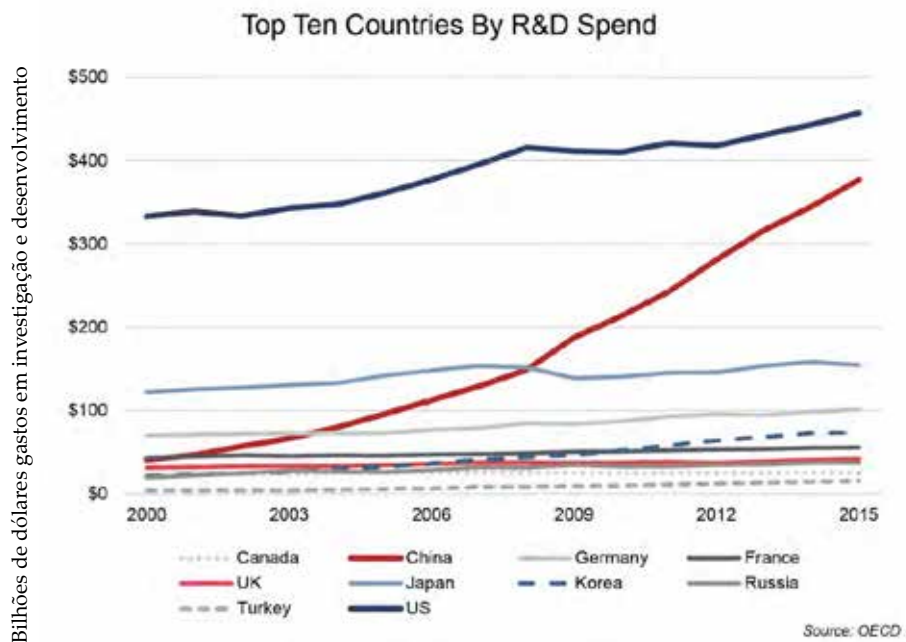
**Tabela 10. Fluxo de investimentos estrangeiros diretos por país em 2017 (em milhões de dólares americanos e participação fluxo de investimentos estrangeiros diretos globais) [97]**

<i>Páís</i>	<i>2017</i>	<i>Share of the Global FDI Outflows</i>
<i>Total</i>	1,429,972	100%
<i>EUA</i>	342,269	23.9%
<i>Japão</i>	160,449	11.2%
<i>Bretanha</i>	99,614	7%
<i>Alemanha</i>	82,336	5.6%
<i>França</i>	58,116	4.1%
<i>China</i>	124,630	8.7%
<i>Rússia</i>	36,032	2.5%

**Tabela 11. Investimentos estrangeiros diretos externo disponíveis por país em 2017 (em milhões de dólares americanos e participação do estoque global de investimentos estrangeiros diretos Disponíveis) [98]**

<i>Páís</i>	<i>2017</i>	<i>Share of the Global FDI Outflows</i>
<i>Total</i>	30,837,927	100%
<i>EUA</i>	7,799,045	25.3%
<i>Japão</i>	1,519,983	4.9%
<i>Bretanha</i>	1,531,683	5%
<i>Alemanha</i>	1,607,380	5.2%
<i>França</i>	1,451,663	4.7%
<i>China</i>	1,482,020	4.8%
<i>Rússia</i>	382,278	1.2%

**Quadro 17. Top dez Países que Gastam em Pesquisa e Desenvolvimento 2.000-2015 [100]**



**Tabela 12. Forças nucleares do mundo, 2018 [101]**

<i>Country</i>	<i>Ogivas à disposição do Departamento de defesa</i>	<i>Outras Ogivas</i>	<i>Inventário Total</i>
EUA	1,750	4,700	6,450
Rússia	1,600	5,250	6,850
França	280	20	300
China	–	280	280
Reino Unido	120	95	215

Hoje, as ambições imperialistas da Rússia moderna são mais abrangentes do que as do antigo Império. Por exemplo, a Rússia está se tornando uma força dominante em países da América Latina, como Venezuela 105 e Cuba. [106] Também está expandindo sua presença no Oriente Médio na Síria, Líbia, Irã e Egito. Na África, a Rússia já emprega mais tropas de “manutenção da paz” da ONU do que outras nações. [107] Há também alguma presença do capital financeiro russo na Nigéria. [108] O governo russo usa diferentes meios para atingir seus objetivos políticos estrangeiros: ajuda militar, empréstimos, investimentos estrangeiros, etc.

Entender o caráter imperialista da Rússia requer que se veja o Estado não apenas do ponto de vista econômico, mas também político-econômico. Geralmente, os pseudo-marxistas de mentalidade economicista tendem a ter uma interpretação linear da relação entre base e superestrutura e veem a política como sempre seguindo diretamente a economia. Engels repetidamente enfatizou a “*relativa independência da superestrutura*” e que a economia é o determinante decisivo apenas na “*análise final*”. [109] Assim, as ações políticas da burguesia às vezes podem ocorrer antes das mudanças e realizações na economia. De fato, esse é o caso da Rússia. Se olharmos para as ações políticas do Estado russo e depois para a sua política externa no Oriente Médio, podemos observar como a sua intervenção bem-sucedida na Síria criou uma posição de muito prestígio para os monopólios russos na região. Por exemplo, a *Rosatom* conseguiu vários acordos com o Egito e a Turquia, o complexo militar-industrial adquiriu novos contratos com vários estados e algumas formas de novas parcerias com aliados tradicionais dos EUA, como a Arábia Saudita e Israel, estão no horizonte.

**Tabela 13. Os 10 principais exportadores de armas, 2016 [102]**

<i>Exporter</i>	<i>Participação Global (%)</i>
1 EUA	33
2 Rússia	23
3 China	6.2
4 França	6.0
5 Alemanha	5.6
6 Reino Unido	4.6
7 Espanha	2.8
8 Itália	2.7
9 Ucrânia	2.6
10 Israel	2.3

## Notas de rodapé

82) Sobre a análise da CCRI da China como uma potência imperialista emergente, ver a literatura mencionada na subseção especial em nosso site: <https://www.thecommunists.net/theory/china-russiaas-imperialist-powers/>. Em particular, referimos os leitores a Michael Pröbsting: A China-Índia Conflito: Suas Causas e consequências. Quais são os antecedentes e a natureza das tensões entre a China e a Índia na região fronteiriça de Sikkim? Quais devem ser as conclusões táticas para Socialistas e Ativistas dos Movimentos de Libertação? 18 de agosto de 2017, Comunismo Revolucionário No. 71. <https://www.thecommunists.net/theory/china-india-rivalry/>; Michael Pröbsting: Questões sobre a China e a teoria marxista do imperialismo, dezembro de 2014, <https://www.thecommunists.net/theory/reply-to-csr-pco-on-china/>; Michael Pröbsting: a transformação da China em potencia imperialista. Um estudo dos aspectos econômicos, políticos e militares da China como uma grande potência, em: Comunismo Revolucionário No. 4, <http://www.thecommunists.net/publications/revcom-number-4>.

83) WTO: World Trade Statistical Review 2018, p. 23

84) Conselho de Desenvolvimento do Comércio de Hong Kong: Mudança no panorama da produção global e na Ásia Flourishing Supply Chain, 3 de outubro de 2017, p.1

85) Conselho de Desenvolvimento do Comércio de Hong Kong: Mudança no panorama da produção global e na Ásia Flourishing Supply Chain, 3 de outubro de 2017, p.4

86) OMC: World Trade Statistical Review 2018, p. 122. Gostaríamos também de chamar a atenção para o fato de que os EUA e a Grã-Bretanha importam substancialmente mais mercadorias do que exportam, ou seja, acima de seus meios. Eles são definitivamente as velhas potências imperialistas podres e parasitas. Não admira que os EUA se tornaram o maior devedor do mundo.

87) OMC: Revisão Estatística do Comércio Mundial 2018, p. 123

88) Lista Global da Forbes Global 2000t (2017), <https://www.forbes.com/global2000/list/45/#tab:overall>

89) Tomohiro Omura: A Maturidade das Economias Emergentes e Novos Desenvolvimentos na Economia Global, Relatório Mensal do Mitsui Global Strategic Studies Institute, abril de 2017, p. 4

90) UNCTAD: Relatório de Comércio e Desenvolvimento 2018, Nova York e Genebra, 2018, p. 58

91) Hurun Global Rich List 2017, <http://www.hurun.net/EN/HuList/Index?num=8407A-CFCBC85>; ver também Zhu Wenqian: Pequim listado como capital bilionário do mundo, mais uma vez, China Daily, 2017-03-08, [http://www.chinadaily.com.cn/business/2017-03/08/content\\_28470987.htm](http://www.chinadaily.com.cn/business/2017-03/08/content_28470987.htm); Michael Pröbsting: Milionários “socialistas” da China, 16.11.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/asia/chinas-billionaires>

92) Luisa Kroll e Kerry A. Dolan: Lista de bilionários da Forbes em 2017: Conheça as pessoas mais ricas do mundo O Planeta, 20.3.2017, <https://www.forbes.com/sites/kerryadolan/2017/03/20/forbes-2017-billionaireslist-meet-the-richest-people-on-the-planet/#2084cc6362ff>, veja também, <https://www.forbes.com/billionaires/list/#version:static>

93) UBS / PwC: Novos visionários e o século chinês. Bilionários insights 2018; Um comunicado de imprensa dos editores que resumem os resultados, pode ser visto aqui: UBS / PwC Billionaires Report 2018: A riqueza total dos bilionários cresce 19% para um recorde de US \$ 8,9 trilhões, 26 de outubro de 2018, <https://www.ubs.com/global/en/ubs-news/r-news-display-ndp/en-20181026-billionaires-report-2018.html>

94) Veja também o nosso artigo sobre este relatório: Michael Pröbsting China: Um Paraí-

- so para Bilionários. O mais recente Relatório do UBS / PwC sobre os super-ricos globais dá outro golpe esmagador ao stalinista Mito do “Socialismo” da China, 27.10.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/china-is-a-paradise-for-billionaires/>; veja também Michael Pröbsting: Os super-ricos globais ficam ainda mais ricos. UBS / PwC publica seu último relatório sobre os bilionários do mundo, 27.10.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/the-global-super-rich-get-even-richer/>
- 95) Credit Suisse Research Institute: Global Wealth Databook 2018, outubro de 2018, p. 125
- 96) Xie Jun: riqueza líquida social da China como segunda maior, enquanto os desequilíbrios precisam de atenção, Global Horários, 2018/12/27 <http://www.globaltimes.cn/content/1133892.shtml>
- 97) UNCTAD: World Investment Report 2018, pp. 184-187
- 98) UNCTAD: World Investment Report 2018, pp. 188-191
- 99) Na análise da CCRI sobre a Rússia como uma potência imperialista, ver a literatura mencionada em a subseção especial em nosso site: <https://www.thecommunists.net/theory/china-russias-imperialist-powers/>. Em particular, referimos os leitores a Michael Pröbsting: Teoria de Lenine de O imperialismo e a ascensão da Rússia como uma grande potência. Sobre o entendimento e mal-entendido da rivalidade interimperialista de hoje à luz da teoria do imperialismo de Lênin, agosto de 2014, <http://www.thecommunists.net/theory/imperialism-theory-and-russia/> ; Michael Pröbsting: Rússia como um grande poder imperialista. A formação do capital monopolista russo e seu império - uma resposta aos nossos críticos, 18 de março de 2014, edição especial do comunismo revolucionário nº 21 (março de 2014), <https://www.thecommunists.net/theory/imperialist-russia/>
- 100) Pentágono: Avaliando e Fortalecendo a Base Industrial de Fabricação e Defesa Resiliência da Cadeia de Suprimentos dos Estados Unidos, Relatório ao Presidente Donald J. Trump pelo Grupo de Trabalho Interinstitucional em Cumprimento da Ordem Executiva 13806, setembro de 2018, p. 39
- 101) Anuário SIPRI 2018, Armamentos, Desarmamento e Segurança Internacional, p. 236
- 102) SIPRI Yearbook 2017 (resumo), p. 15
- 103) Ver p. Total da dívida externa da Rússia, <https://tradingeconomics.com/russia/external-debt>
- 104) Ver p. ING: A Rússia intensifica o resgate da dívida externa líquida no 3T de 11.10.2018, <https://think.ing.com/snaps/russia-intensifies-foreign-debt-redemption-in-3q/>
- 105) Ver p. Anthony Faiola e Karen DeYoung: Na Venezuela, a Rússia concentra os principais ativos de energia em troca de resgates em dinheiro, Washington Post, 24 de dezembro de 2018, [https://www.washingtonpost.com/world/national-security/in-venezuela-russia-pockets-key-energy-assets-in-exchange-for-cash-bailouts/2018/12/20/da458db6-f403-11e8-80d0-f7e1948d55f4\\_story.html?noredirect=on&utm\\_term=.4c57e-deb1009](https://www.washingtonpost.com/world/national-security/in-venezuela-russia-pockets-key-energy-assets-in-exchange-for-cash-bailouts/2018/12/20/da458db6-f403-11e8-80d0-f7e1948d55f4_story.html?noredirect=on&utm_term=.4c57e-deb1009)
- 106) Ver p. Rússia vai desenvolver instalações de produção em Cuba, 21 de junho de 2016, Russia Today, <https://www.rt.com/business/347586-russia-cuba-facilities-development/>
- 107) Ver p. South China Morning Post: Como a Rússia está aumentando seu papel na África com armas, investimento e “instrutores”, 14 de agosto de 2018, <https://www.scmp.com/news/world/africa/article/2159622/how-russia-boosting-its-role-africa-weapons-investment-and>

108) Ver p. Financial Times: Fortunas dos bancos da Nigéria ligados ao preço do petróleo, 20.11.2018; <https://www.ft.com/content/370057c8-c71f-11e8-86e6-19f5b7134d1c>

109) Veja-se, por exemplo: *“De acordo com a concepção materialista da história, o elemento determinante final na história é a produção e reprodução da vida real. Mais do que isso, nem eu e nem Marx jamais afirmamos. Assim, se alguém distorce isto afirmando que o fator econômico é o único determinante, ele transforma esta proposição em algo abstrato, sem sentido e em uma frase vazia. As condições econômicas são a infra-estrutura, a base, mas vários outros vetores da superestrutura (formas políticas da luta de classes e seus resultados, a saber, constituições estabelecidas pela classe vitoriosa após a batalha, etc., formas jurídicas e mesmo os reflexos destas lutas nas cabeças dos participantes, como teorias políticas, jurídicas ou filosóficas, concepções religiosas e seus posteriores desenvolvimentos em sistemas de dogmas) também exercitam sua influência no curso das lutas históricas e, em muitos casos, preponderam na determinação de sua forma. Há uma interação entre todos estes vetores entre os quais há um sem número de acidentes (isto é, coisas e eventos de conexão tão remota, ou mesmo impossível, de provar que podemos tomá-los como não-existentes ou negligenciá-los em nossa análise), mas que o movimento econômico se assenta finalmente como necessário. Do contrário, a aplicação da teoria a qualquer período da história que seja selecionado seria mais fácil do que uma simples equação de primeiro grau.”* (Friedrich Engels: Carta a Joseph Bloch (1890); em: MECW 49, pp. 34-35)

## VI. A Aceleração das Rivalidades Inter-imperialistas e a Guerra do Comércio Global

Dada a crise histórica do capitalismo e a grande mudança na relação de forças entre as Grandes Potências, não é de surpreender que as tensões entre os estados imperialistas estejam se acelerando. Trotsky sempre enfatizou como é crucial para uma organização revolucionária analisar cuidadosamente o processo político, as contradições e as mudanças nas relações entre os estados e as classes, a fim de se preparar politicamente para as guerras imperialistas vindouras.

*“O primeiro pré-requisito para o sucesso é a formação de quadros partidários na correta compreensão de todas as condições da guerra imperialista e de todos os processos políticos que a acompanham. Pobre daquele partido que limita esta questão candente a frases gerais e slogans abstratos! Os eventos sangrentos vão atingir sua cabeça e esmagá-lo.”* [110]

Levar em conta esse conselho é particularmente importante no próximo período de crescentes tensões entre as Grandes Potências. É preciso entender a legitimidade dos processos que ocorrem no sistema mundial imperialista. O surgimento da extraordinariamente chauvinista (e bizarra) Administração Trump não é, portanto, uma piada ruim da história (embora muitas vezes se pareça com isso), mas uma expressão de necessidade histórica. *“Tornar a América Grande Outra Vez”* reflete objetivamente a tentativa desesperada do imperialismo dos EUA de parar e reverter o declínio histórico de sua posição hegemônica. [111] Da mesma forma, a pessoa grotesca de Trump simboliza o fracasso dos EUA em alcançar tal objetivo. [112]

Essa enorme aceleração da rivalidade das Grandes Potências se refletiu na iminente Guerra do Comércio Global, no cancelamento do *INF Treaty* (abreviação em inglês para *Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário*) pela Administração dos EUA, [113] nas tensões no Mar do Sul da China [114], na agressão dos EUA contra o Irã [115], assim como em várias declarações dos principais políticos e militares de ambos os lados.

### O Início de uma Nova Guerra Fria

Vamos dar alguns exemplos do passado recente. O tenente-general aposentado Ben Hodges, ex-comandante do Exército dos EUA na Europa, alertou no Fórum de Segurança de Varsóvia que *“em 15 anos (...) é muito provável que estejamos em guerra com a China”*. [116] O secretário de Relações Exteriores da Grã-Bretanha, Jeremy Hunt, alertou durante a visita ao Irã que um único evento menor poderia desencadear uma catástrofe ao estilo da Primeira Guerra Mundial no Oriente Médio. [117] O ex-secretário do Tesouro dos EUA, Henry Paulson,



alertou recentemente para os riscos de uma “*cortina de ferro*” descer entre as duas maiores economias do mundo. [118] De acordo com a imprensa chinesa, o presidente Xi Jinping disse a seus comandantes militares que “*concentrem os preparativos para combates em uma guerra*”, já que as tensões continuam a crescer no futuro com relação ao Mar do Sul da China e de Taiwan. [119] O conselheiro de segurança nacional dos EUA, John Bolton, afirmou que os EUA estão determinados a impedir a crescente influência da China e da Rússia na África. [120]

Outro exemplo da crescente influência dos agressivos imperialistas é a ascensão de Peter Navarro na Administração do governo dos EUA. Ele é o atual assessor da Casa Branca nos assuntos de comércio e ele foi o autor de várias publicações nos últimos anos que identificam a China como principal rival dos EUA. Um deles tem o título auto-explicativo de “*As Guerras Vindouras da China*”. Sem surpresa, ele é um forte defensor das altas tarifas contra o Reino do Meio. [121]

Graham Allison, ex-secretário de defesa dos EUA, defende uma política externa similar. Allison introduziu a frase da “*Armadilha de Tucídides*”. Ele argumenta que, na maioria dos casos na história, o confronto entre um poder crescente e um poder dominante resultou em derramamento de sangue. Consequentemente, ele está convencido da probabilidade de um grande confronto entre os EUA e a China. [122]

A mídia oficial chinesa tem moderadas expectativas similares sobre as futuras relações entre as Grandes Potências. O *Global Times*, uma espécie de órgão internacional de língua inglesa do Partido Comunista da China-PCCh, publicou um artigo que afirmava que, mesmo que a China e os EUA possam evitar uma guerra comercial no curto prazo, não há motivo para otimismo:

“*No curto prazo, devido à natureza ganha-ganha do comércio, ainda há espaço para negociação nas disputas comerciais. No entanto, no médio prazo, os EUA se tornaram agressivos em relação à ascensão do setor manufatureiro da China e ao estreitamento da lacuna em áreas de alta tecnologia. A longo prazo, em meio às preocupações com a Armadilha de Tucídides, uma contenção total da China pelos EUA não é totalmente impossível. Nesse sentido, a China provavelmente enfrentará mais conflitos com os EUA em diferentes níveis, e é essencial estar preparado para uma guerra prolongada*”. [123]

Nos últimos anos, toda uma série de livros e estudos foram publicados, que enfocam as crescentes tensões entre as Grandes Potências e alertam para grandes confrontos no previsível futuro. O Eurásia Group escreveu, por exemplo: “*Não estamos à beira da III Guerra Mundial. Mas, na ausência de um garantidor de segurança global e com uma proliferação de atores subnacionais e não estatais capazes de desestabilizar as ações, o mundo é um lugar mais perigoso. A probabilidade de acidentes geopolíticos aumentou significativamente, uma tendência que continuará. Em algum momento, é provável que tenhamos um erro que leve a um confronto*.” [124]

Minxin Pei, um especialista chinês que vive nos EUA, advertiu: “*A crescente disputa comercial entre os EUA e a China é cada vez mais vista como a campanha de abertura de uma nova guerra fria. Este confronto de titãs, se continuar a aumentar, cus-*

*tará caro a ambas as partes, ao ponto de que até mesmo o vencedor (mais provavelmente os EUA) provavelmente encontraria sua vitória de Pirro.” [125]*

É importante reconhecer que não é só a China que está desafiando a hegemonia das Grandes Potências ocidentais. A Rússia também está expandindo globalmente sua influência política, militar e econômica.[126] As intervenções militares na Ucrânia [127] e na Síria [128], o crescente papel de Moscou em todo o Oriente Médio [129], na África [130], etc. - tudo isso alarma as antigas potências imperialistas. Isto é verdade para a América Latina - o tradicional reduto do imperialismo norte-americano - que *“a Rússia está descobrindo um novo ‘El Dorado’”*. Moscou expandiu suas relações não apenas com os estados da ALBA como Venezuela e Cuba, mas também com países como a Argentina, até mesmo sob a presidência de direita de Mauricio Macri [131]. As mais recentes tensões entre as grandes potências após o confronto entre a marinha russa e a ucraniana no estreito de Kerch apenas confirmam esta tendência. [132]

## **Tianxia - Desafio Ideológico da China**

Naturalmente, a ascensão da China e da Rússia como grandes potências anda de mãos dadas com uma crescente autoconfiança ideológica. Pequim se vê cada vez mais como uma potência que deve desempenhar um papel central na política mundial. O presidente Xi enfatizou o papel de liderança global da China em um discurso no outono de 2017, quando disse: *“É hora de nos colocarmos no centro do palco e de dar uma contribuição maior à humanidade”*. [133] O principal jornal do PCC, o Diário do Povo, declarou em um editorial que a China enfrenta uma *“oportunidade histórica”* de *“restaurar sua grandeza e retornar a sua posição de direito no mundo”*. Ele enfatiza: *“O mundo nunca se focou tanto na China e precisava tanto da China como agora”*. Ele afirma: *“A oportunidade histórica é completa, que se refere não apenas ao desenvolvimento econômico, mas também à aceleração da ciência, tecnologia e revolução industrial, à crescente influência da cultura chinesa e ao crescente reconhecimento da sabedoria chinesa e a aproximação com a China (...) Estamos mais confiantes e mais competentes do que em qualquer momento da história para aproveitar esta oportunidade.”* Além disso, o editorial aponta que *“o sistema de governança global está passando por profundas mudanças; e uma nova ordem internacional está tomando forma”* Refletindo o movimento imperialista, o *South China Morning Post*, o maior jornal diário de Hong Kong de propriedade de Alibaba, de Jack Ma, intitulou um relatório sobre este manifesto *“Torre a China grande novamente”!* [134]

Elisabeth C. Economy, especialista burguesa nas questões da Ásia no Conselho de Relações Exteriores dos EUA, certamente não está errada ao observar que o presidente Xi da China está defendendo globalmente o *“modelo chinês”*: *“Xi busca seu próprio modelo de política externa: Modelo chinês que ele acredita que vai entregar o seu sonho chinês e, talvez, tornar-se um porta-estandarte de outros países desencantados com os modelos americano e europeu de democracia liberal”*. [135]

A crescente autoconfiança ideológica da classe dominante chinesa também se reflete no ressurgimento do antigo conceito de *Tianxia* (que significa literalmente “sob o céu”), um antigo conceito chinês. Este conceito foi historicamente baseado em uma compreensão do mundo em cinco zonas concêntricas com o Imperador (“Filho do Céu”). o domínio real no centro, os domínios dos príncipes, a zona de pacificação, a zona dos bárbaros aliados e a zona de selvageria. [136] Uma interpretação alternativa é dividir o mundo em três áreas com diminuição da influência chinesa: área de vassalagem interna, área vassalagem externa e área temporária de não vassalagem. [137] Apesar das modificações ao longo da história, o conceito de *Tianxia* sempre foi um conceito confucionista clássico que legitimou o império da classe dominante do Império Han-Chinês.

Hoje, vários ideólogos chineses e não chineses pró-Pequim apresentam *Tianxia* como um modelo alternativo pacífico à ordem mundial imperialista dominada pelo Ocidente. [138] Pepe Escobar, por exemplo, um importante ideólogo que combina propaganda a favor de Moscou e Pequim com uma cor de esquerda liberal [139], defende a superioridade da visão de mundo chinesa de *Tianxia* ao se referir aos escritos de Zhao Tingyang, pesquisador da Academia Chinesa de Ciências Sociais. . Ele caracteriza a *Tianxia* como uma visão de mundo “para enfrentar problemas universais em um processo de formação dinâmica que se refere à globalização. (...) Tingyang mostra que o conceito de *Tianxia* se refere a um sistema mundial onde o verdadeiro sujeito político é o mundo. Sob a visão imperialista ocidental, o mundo sempre foi um objeto de conquista, dominação e exploração, e nunca um assunto político per se. Portanto, precisamos de uma visão unificadora maior e mais abrangente do que a do Estado-nação - sob o esquema de Lao Tzu: “Ver o mundo do ponto de vista do mundo”. Mergulhando nas raízes mais profundas da cultura chinesa, Tingyang mostra que a ideia de que não há nada além de *Tianxia* é, de fato, um princípio metafísico, porque Tian (céu) existe globalmente. Então, *Tianxia* (tudo sob o Céu), como Confúcio disse, deve ser o mesmo, para estar de acordo com o céu. Assim, o sistema de *Tianxia* é inclusivo e não exclusivo; suprime a ideia de inimigo e estrangeiro; nenhum país ou cultura seria designado como um inimigo e não seria desincorporado do sistema”. [140]

No entanto, isso é obviamente um absurdo ideológico burguês, já que toda a história do Reino chinês é caracterizada pelo expansionismo e subjugação dos povos não pertencentes à etnia Han, como muitos povos vizinhos do Turquestão Oriental, do Vietnã, da Coreia, etc. Naturalmente, isso faz com que a China não seja diferente dos impérios ocidentais, já que os últimos também estão sempre tentando expandir e subjugar outros povos. No entanto, os marxistas têm que se opor a quaisquer mitos ideológicos históricos - sejam eles pró-chineses ou pró-ocidentais. Nem o Império da China, nem qualquer outro Império na história, era a favor da inclusão ou pacifista. Eram mecanismos brutais do Estado com o propósito de servir os interesses de classe da elite governante através da exploração do povo trabalhador, assim como através da subjugação de outros povos. O mesmo é verdade nos dias de hoje. Quer se chame “valores globais

da civilização”, “direitos humanos e democracia” ou *Tianxian*, todos esses conceitos ideológicos burgueses servem de justificativa para a política imperialista das Grandes Potências.

Há vários ideólogos que defendem o ponto de vista da Rússia e da China. Naturalmente, em contraste com os ideólogos pró-ocidentais, eles observam com bastante animação que “a transferência do centro de gravidade geopolítico para a Eurásia é algo com o qual o Ocidente terá de se acostumar”. [141] Esses ideólogos, além de vários estalinistas, variam de escritores como o já mencionado Pepe Escobar a William Engdahl, que está próximo do semi-fascista *LaRouche movement* e do fascista russo Aleksandr Dugin. [142] O último é uma figura de proa do movimento *eurasiano*, uma corrente que é extremamente reacionária por natureza, que elogia o chauvinismo dos grandes poderes e as formas autoritárias dos regimes burgueses, e inclui também várias posições afins ao fascismo. Clama pela formação de um império totalitário com a Rússia como seu centro que formará uma aliança com a Europa contra os EUA. Dugin proclamou já duas décadas atrás: “A Rússia é a encarnação da busca por uma alternativa histórica ao atlanticismo. Aí reside sua missão global”. [143]

## Protecionismo e Militarismo

Todas essas tensões refletem a mudança fundamental que está ocorrendo na política mundial. Entramos em uma nova era. Fazendo uma revisão histórica, podemos dizer que houve a era da Guerra Fria entre os estados imperialistas (liderados pelos EUA) e os estados operários estalinistas (liderados pela URSS) nos anos 1948-1989 / 91. Depois disso, experimentamos uma era da *Inter-Guerra Fria* caracterizada pela dominação absoluta do imperialismo norte-americano. E atualmente, estamos entrando em uma *nova era de Guerra Fria* entre as Grandes Potências imperialistas - em primeiro lugar entre os EUA a China. [144]

A Guerra Global do Comércio, que começou em 2018, é um bom exemplo para demonstrar a rápida deterioração das relações entre as Grandes Potências. Como discutimos em documentos recentemente publicados, as tensões políticas e econômicas entre as Grandes Potências se aceleraram enormemente nos últimos meses, com o presidente dos Estados Unidos, Trump, desencadeando uma guerra comercial aberta. [145] No entanto, esse conflito não é um desenvolvimento súbito e inesperado ou um resultado da loucura de Trump. É antes o resultado do crescente número de medidas protecionistas dos EUA e de outras Grandes Potências nos últimos anos. (Veja Quadro 18)

É por isso que as mentes mais brilhantes entre os líderes políticos e empresariais de ambos os lados já se preparam para uma longa Guerra Fria. Chen Hongtian, um importante bilionário chinês que é membro do Comitê Consultivo Político do Povo Chinês e presidente do Harmony Club, um grupo de cerca de 150 magnatas chineses, espera um longo período de Guerra Fria entre as duas Grandes Potências. Em um discurso a outros capitalistas monopolistas, ele advertiu que o próximo inverno “será mais frio e mais longo do que o esperado” e “tudo

*o que posso dizer é que as dificuldades [para empresas privadas] são muito maiores do que as pessoas esperavam". [146]*

Como demonstramos no Quadro 19, houve uma estagnação do comércio mundial desde a Grande Recessão em 2008, após décadas de muito grande crescimento ("Globalização"). Em suma, o período de globalização terminou nos últimos anos resultando na decadência do capitalismo.

A Guerra do Comércio Global, o belicismo no Oriente Médio, a agressão dos EUA contra o Irã, as tensões no Mar da China Meridional, o conflito sobre as armas nucleares da Coreia do Norte, o conflito na Ucrânia, todas são consequências lógicas da aceleração da rivalidade entre as Grandes Potências.

Como resultado, é lógico que o armamento global esteja aumentando novamente. Embora não tenha atingido o nível do ponto alto da Guerra Fria nos anos 80, o processo de aumentar a produção e as vendas de armas desde o início dos anos 2.000 é evidente. (Veja os Quadros 20 e 21)

De acordo com o instituto SIPRI, o gasto militar global foi de US \$ 1,739 bilhão em 2017, um aumento de 1,1% em termos reais em 2016. Os gastos militares totais representaram 2,2% do Produto Interno Bruto global em 2017.

## **O Impulso Imperialista pelo Controle do Sul**

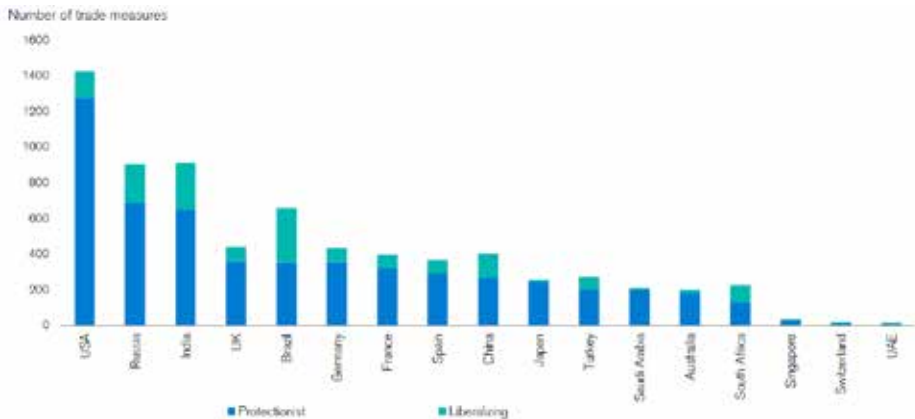
O mesmo fator fundamental que acelera a rivalidade entre as Grandes Potências - o impulso desesperado das classes dominantes imperialistas para aumentar a sua parte do bolo (ou seja, o produto de valor capitalista global) - também está por trás desejo de aumentar a super-exploração dos povos oprimidos e semicolonial mundo. A relevância deste processo - uma característica essencial de toda época do imperialismo - aumentou substancialmente nas últimas décadas. Nós recomendamos aos nossos leitores nosso livro "*O Grande Roubo do Sul*" e outras publicações onde encontrará um relato detalhado da superexploração imperialista do Sul.

Nesse ponto de vista, limitamo-nos a um estudo do FMI que analisou o papel dos "investidores estrangeiros" (ou seja, capital predominantemente imperialista) nos chamados *Mercados Emergentes* (ou seja, os países semicoloniais, mais a China e a Rússia). O relatório conclui que o papel dos "investidores estrangeiros" aumentou consideravelmente - particularmente desde a Grande Recessão em 2008: "*Estimamos que o total de investidores estrangeiros possuía cerca de US \$ 1 trilhão de dívida pública dos Mercados Emergentes (excluindo empréstimos oficiais estrangeiros) no final de 2012.*" [151] (Veja também Quadro 22)

Estes números demonstram o processo de fortalecimento da posição do capital imperialista nos países do Sul desde o início do novo período histórico em 2008.

Como já enfatizamos muitas vezes, o impulso crescente dos monopólios imperialistas para extrair tais lucros extra dos países semicoloniais e controlar seu trabalho barato e suas matérias-primas é o principal fator para o crescente número de guerras imperialistas diretas ou indiretas e intervenções ao Sul.

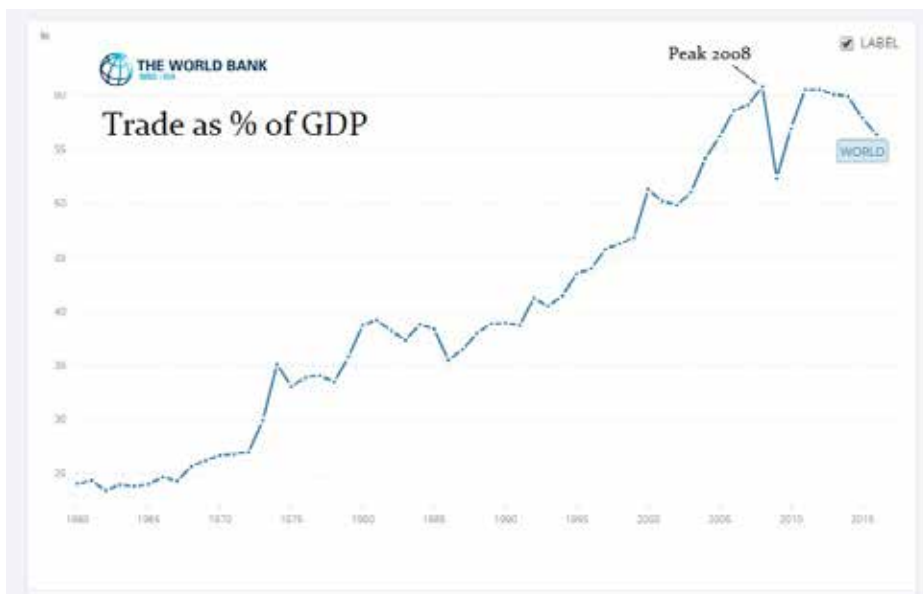
### Quadro 18. Medidas protecionistas dominam e distorcem o comércio global [147]



Source: Global Trade Alert, Credit Suisse

*Number of trade measures = números das medidas comerciais*

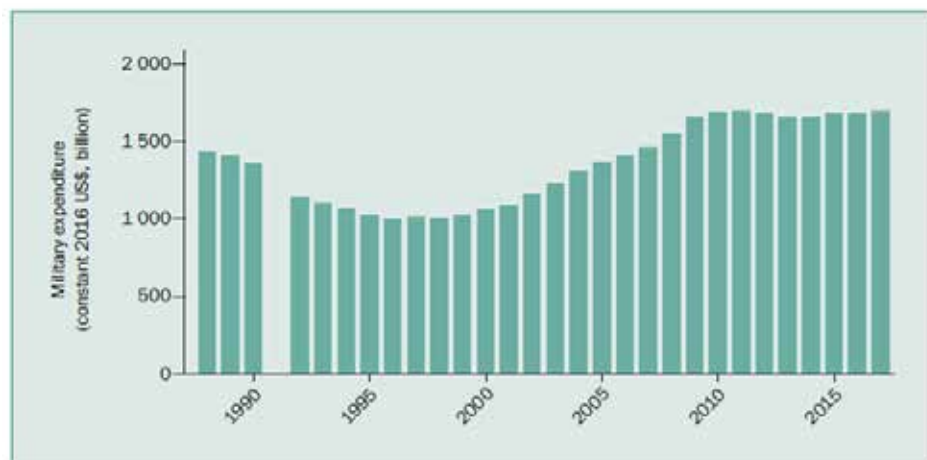
### Quadro 19. Comércio mundial como porcentagem do PIB mundial-1960-2016 [148]



**Quadro 20. A tendência de transferências dos principais armamentos 1950-2017 [149]**



**Quadro 21. Gastos militares em âmbito mundial [150]**



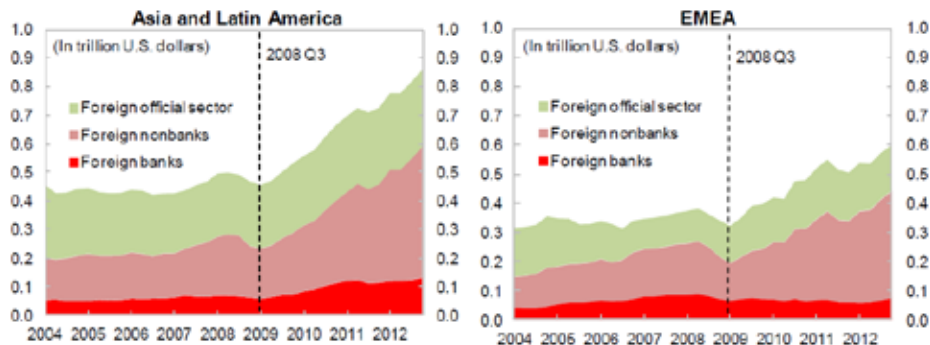
Exemplos desse desenvolvimento são as guerras de ocupação dos EUA no Afeganistão desde 2001 e no Iraque desde 2003, a guerra da Rússia contra o povo checheno ou a ocupação israelense do povo palestino, incluindo suas recentes três guerras contra Gaza (2009, 2012 e 2014). Outros exemplos são a intervenção militar dos EUA na Somália, assim como na África do Norte e Ocidental ou de potências europeias no Mali e noutros estados da África Central. Na mesma categoria se insere a agressão dos EUA contra estados semicoloniais como a Coreia do Norte e o Irã.

Além disso, temos visto nos últimos anos um número crescente de casos em que potências imperialistas colaboram com regimes aliados de estados semicoloniais e equipam e financiam forças militares compostas principalmente por soldados desses países. Exemplos disso são a AMISOM, liderada pela Etiópia, que atua, em estreita colaboração com o imperialismo dos EUA e da UE, como uma força de ocupação na Somália que luta contra o *Al-Shabaab*; a *G5force*, recentemente constituída na África Ocidental, que lutará contra os “terroristas” islâmicos sob o comando francês; ou várias unidades especiais iraquianas que foram treinadas e equipadas pelos EUA. Embora as tropas possam ser de países semicoloniais, elas atuam como representantes imperialistas e suas guerras devem ser caracterizadas como guerras imperialistas.

Tais forças basicamente se assemelham às tropas coloniais dos ingleses, franceses e outros impérios. O Império Britânico, por exemplo, construiu o chamado “*Exército Indiano*”. Este exército comandou centenas de milhares de soldados indianos (durante a Segunda Guerra Mundial chegaram a 2,5 milhões) que foram mobilizados sob o comando britânico e para os interesses britânicos não apenas na própria Índia colonial, mas em todo o mundo. [153]

Em resumo, vemos que a crise histórica do capitalismo acelera tanto as tensões entre as Grandes Potências quanto a agressividade imperialista contra os povos oprimidos no mundo semicolonial.

## Quadro 22. Mercados Emergentes: Investidores Estrangeiros como uma Classe de Investidora, 2004-12 [152]





## A Rivalidade entre os EUA e a China como Eixo Principal das Contradições Internas dos Imperialistas

Vamos concluir esta visão geral das mudanças fundamentais na política mundial nas últimas décadas com as seguintes observações. Como já dissemos, há basicamente cinco grandes potências: os EUA, a China, a União Europeia, a Rússia e o Japão. (Além disso, existem vários estados imperialistas menores, como a Coreia do Sul, a Austrália ou a Suíça).

É claro que não podemos fazer uma previsão exata sobre o futuro alinhamento das Grandes Potências rivais e suas alianças. No entanto, há boas razões para supor que a principal fratura será entre os “saciados” e os “famintos”, isto é, as antigas potências imperialistas dos EUA, UE e Japão que dividiram o mundo entre si nas décadas passadas e os recém-chegados China e Rússia, que estão em ascensão, mas têm que afastar os operadores estabelecidos, a fim de encontrar espaço para seus investimentos estrangeiros, suas participações de mercado e suas bases militares. [154]

Parece-nos mais provável que os polos principais de qualquer campo imperialista sejam os EUA de um lado e a China do outro. Isso ocorre porque essas duas Grandes Potências são as forças mais fortes entre os “saciados” e os “famintos”. Além disso, é possível e necessário chegar a uma certa “hierarquização” entre essas Grandes Potências. Como observamos acima, Lênin também empreendeu tal “hierarquização” entre as grandes potências.

Em nossa opinião, os dois mais fortes, mais importantes, cujo desenvolvimento da política mundial e da economia mundial que mais determinam as potências imperialistas são os EUA e a China. Como mostramos acima, esses dois estados são sem dúvida as duas potências econômicas mais fortes. Embora a Rússia seja militarmente superior à China (e a todas as outras potências imperialistas, exceto os EUA), é economicamente muito mais fraca, portanto, não podemos tratar Moscou como igual a Pequim.

Outras potências imperialistas podem aproximar-se dos EUA e da China, respectivamente, nesta ou naquela área. Mas em sua totalidade elas não correspondem a essas duas Grandes Potências dominantes. O Japão, por exemplo, é economicamente forte. Mas por várias razões, uma delas, as consequências de sua derrota na Segunda Guerra Mundial, é política e militarmente, subordinada aos EUA e não desempenha um papel independente. A Alemanha, a potência europeia economicamente mais forte, enfrenta também consequências de sua derrota na Segunda Guerra Mundial e, como resultado, ainda não pode desempenhar um papel militar independente nos assuntos globais.

Além disso, é preciso ter uma certa reserva sobre a UE como uma potência global. Basicamente, não é um estado unificado, mas sim uma federação com várias contradições internas. Isso limita substancialmente sua capacidade de intervir politicamente e militarmente nos assuntos globais. De fato, a UE encontra-se numa encruzilhada: ou consegue, realisticamente sob a liderança da

Alemanha e da França, dar um grande passo em frente e criar um proto-Estado pan-europeu que possa assumir uma posição independente como uma unificada Grande Potência defendendo seus interesses imperialistas contra os rivais no Oriente e no Ocidente. Ou se torna um objeto de desejo para as outras Grandes Potências e inevitavelmente se enfraquecerá e entrará em colapso. No entanto, não nos concentraremos nesta questão, uma vez que lidamos com ela em outras análises e, além disso, isso não altera o argumento fundamental neste espaço. [155]

É claro que cada uma dessas Grandes Potências é uma potência independente, seguindo seus próprios interesses. Mas elas só podem atuar na arena mundial (e realmente o fazem) se elas operarem em uma aliança com uma das duas Grandes Potências dominantes nos EUA ou China. Elas dificilmente podem desempenhar um papel significativo sem o apoio de um desses dois. E em qualquer aliança com um deles, são os EUA ou China, que desempenhará o papel predominante, não será a UE, nem a Rússia e nem o Japão.

Além disso, ao analisar as Grandes Potências, é crucial levar em conta a *dinâmica do desenvolvimento*. Os EUA, a UE e o Japão são antigas potências imperialistas em declínio, enquanto a China e a Rússia são novas potências emergentes. Para ilustrar essa dinâmica, mais uma vez, comparamos o desenvolvimento econômico dos EUA e da China desde 1985. Na Tabela 14 mostramos as mudanças dramáticas nos EUA e respectivamente a participação da China na produção industrial mundial, bem como entre as 500 maiores corporações globais.

A Tabela 15 também demonstra a dramática mudança e o aumento do peso global desde o início do século. Este quadro geral confirma mais uma vez, que a China se tornou uma Grande Potência imperialista.

No campo da política mundial, é a relação entre os EUA e a China, que é o fator mais importante nas relações globais entre estados. É a relação entre essas duas Grandes Potências que causará uma grande crise econômica e política, que resultará em tensões militares e provocará uma polarização de estados, de partidos e também do movimento operário em campos opostos.

Em sua polêmica contra o programa estalinista adotado no congresso do Comintern em 1928, Trotsky criticou, entre outros temas, que este programa não conseguiu enfatizar o papel crucial da relação entre Europa e América para a política mundial: *“Se na última década a principal fonte de situações revolucionárias estava nas consequências diretas da guerra imperialista, na segunda década do pós-guerra as mais importantes fontes de agitações revolucionárias serão as inter-relações da Europa e América.”* 158

Quase um século depois, podemos dizer que é a relação entre os EUA e a China que desempenhará um papel semelhante nos próximos anos e décadas. É impossível encontrar uma orientação correta na política mundial sem entender essa questão!

Naturalmente, essa dinâmica é um fator altamente importante para a autoconfiança política e o atrativo tanto da China quanto da Rússia. A declaração do

Presidente Xi da China em um recente discurso de destaque - "*Ninguém está em posição de ditar ao povo chinês o que deve ou não deve ser feito*" - reflete essa crescente autoconfiança. [159]

Ao mesmo tempo, o presidente dos EUA anuncia oficialmente uma mudança histórica em sua política externa. Defendendo sua decisão de retirar todas as tropas norte-americanas da Síria e metade das do Afeganistão, Trump declarou que os EUA não podem continuar a ser "*o policial do mundo*". Ele acrescentou: "*Estamos espalhados por todo o mundo. Estamos em países que a maioria das pessoas nem ouviu falar. Francamente, é ridículo.*" [160]

Tal dinâmica de declínio também tem consequências profundas para a estabilidade e coesão doméstica. Basta olhar para os EUA ou a União Europeia. A classe dominante da potência imperialista mais forte está num impasse em uma guerra civil política com Trump como um presidente disfuncional que é detestado pela maioria da burguesia monopolista assim como pela população. Um número crescente de comentaristas compara o declínio dos EUA com o período final do Império Romano e o idiota Trump com o notório Imperador Nero. [161] E os governos imperialistas da União Europeia estão com seus próprios conflitos entre si, com a questão de como lidar com o Brexit, com a migração, a agressão dos EUA contra o Irã, a guerra comercial global, etc.

Relacionado com este declínio das antigas potências imperialistas está o enfraquecimento do tecido social nos EUA, Europa Ocidental e Japão. Historicamente, estas potências imperialistas mais ricas foram capazes de sustentar durante muitas décadas uma democracia burguesa relativamente estável, porque a sua riqueza permitia-lhes construir uma aliança social da classe dominante com a classe média e com a mão de obra aristocrática. Politicamente, esse "*bloco histórico*" (para emprestar uma categoria de Antonio Gramsci) foi expresso em governos relativamente estáveis (às vezes como governos de coalizão) - tanto do partido republicano quanto do Partido Democrata nos EUA, tanto dos líderes conservadores quanto dos partidos reformistas na Europa, etc.

Tudo isso está mudando agora, como vemos com Trump, Macron, o governo M5-Liga do Norte da Itália, etc. Em suma, o declínio das antigas potências imperialistas provocou uma desintegração duradoura desse "*bloco histórico*" e resultou na ruptura de setores da classe média (expressos no surgimento de movimentos racistas radicais de direita ou de movimentos liberal-democráticos radicais). Da mesma forma, vemos crises ou até mesmo divisões em partidos reformistas como o Partido Trabalhista de Corbyn na Grã-Bretanha, o colapso do Partido Socialista Francês e a ascensão de *La France Insoumise* (*França Insubmissa*) de Jean-Luc Mélenchon, a ascensão do Podemos na Espanha, etc.

Em suma, o declínio das antigas potências imperialistas provocou uma desestabilização social e política fundamental. Essa crise política interna enfraquece essas grandes potências, além de seu declínio econômico.

Uma das consequências dessa ruptura do tecido social nos antigos estados imperialistas é a crise da identificação política e ideológica do povo com seu Estado. É claro que isso não deve ser confundido com uma atitude política anti-

Tabela 14. Declínio dos EUA e Ascensão da China entre 1985 e 2018 [156]

	<i>Participação Global (in %)</i>							
	1985		1998/2001		2011		2016/18	
	EUA	China	EUA	China	EUA	China	EUA	China
<i>Produção Industrial</i>	32.4%	4.3%	25.4%	6.3%	20.5%	16.4%	16.3%	23.5%
<i>Principais 500 Corporações</i>	-	-	43.0%	2.0%	26.0%	14.6%	25.2%	24.0%

Tabela 15. O aumento do peso global da China, 2000 vs 2015 [157]

	2000	2015
<i>População</i>	20.7%	18.7%
<i>PIB</i>	3.7%	15.1%
<i>Exportações</i>	3.9%	13.8%
<i>Importações</i>	3.4%	10.1%
<i>Reservas</i>	6.6%	30.1%
<i>Investimentos Diretos Vindos Do Exterior</i>	3.0%	7.7%
<i>Investimentos Diretos Indo Para O Exterior</i>	0.1%	8.7%
<i>Portfolio De Investimentos Vindos Do Exterior</i>	0.5%	1.5%
<i>Portfolio De Investimentos Indo Para O Exterior</i>	0.8%	0.6%

imperialista ou conscientemente derrotista. É antes de tudo uma “disposição social subliminar”, onde as pessoas preferem se concentrar em suas necessidades imediatas, no consumismo, etc. Mas não existe um clima entre a população na América do Norte, na Europa Ocidental ou no Japão para fazer de bom grado essa auto-flagelação para que “a nação” possa se fortalecer; há pouco entusiasmo pelas aventuras militares no exterior e todo governo está ansioso para minimizar baixas nas guerras no além de suas fronteiras. Trump é um chauvinista reacionário por excelência, mas ele ganha pontos entre seus apoiadores ao reduzir o número de tropas dos EUA no Afeganistão e no Oriente Médio. O ponto alto de sua glória chauvinista é... construir um muro na fronteira com o México! Não é uma agressividade chauvinista de uma *Grande Potência*, mas um chauvinismo defensivo de um ex-superpotência decadente! Não é exagero dizer que há um toque de derrotismo (entendido no sentido literal, não o significado leninista da categoria) na atmosfera social dos países ocidentais, como foi o caso da França em 1939/40 antes da máquina estatal rapidamente colapsar quando confrontado com a ofensiva alemã em maio / junho de 1940.

Finalmente, uma nota sobre esses ideólogos burgueses, que são tão “fascinados” com o declínio do Ocidente e a ascensão da China que já falam sobre a substituição dos EUA pela China como a potência hegemônica mundial. Consideramos a ideia de substituição da ordem mundial dominada pelos EUA por uma ordem mundial dominada pela China como um absurdo unilateral e impressionista. Sim, os EUA e o Ocidente em geral estão declinando e, sim, a China está subindo como argumentamos desde vários anos. No entanto, é pura tolice, uma espécie de pacifismo burguês, imaginar que tal substituição seria possível *sem* uma grande guerra mundial (ou, teoricamente, de uma revolução socialista bem-sucedida em uma das maiores potências imperialistas). O declínio do Ocidente e a ascensão do Oriente significam, em primeiro lugar, uma *aceleração das contradições* entre as Grandes Potências. Isso significa mais guerras comerciais, mais guerras por procuração, ou seja, uma guerra instigada por uma grande potência e, eventualmente, grandes guerras entre os rivais. O Ocidente não vai cair sem uma luta desesperada pela hegemonia. E seria tolice excluir a possibilidade de que o Ocidente pudesse ganhar tal confronto. Se a classe trabalhadora não conseguir derrubar os bandidos capitalistas a tempo, é possível, no entanto, que o resultado de tal guerra mundial seja uma aniquilação de todos os participantes.

A Tabela 15 também demonstra a dramática mudança e o aumento do peso global da China desde o início do século. Este quadro geral confirma mais uma vez que a China se tornou uma Grande Potência imperialista.

No campo da política mundial, é a relação entre os EUA e a China, que são os fatores mais importantes nas relações globais inter-estados. É a relação entre essas duas grandes potências que causará uma grande crise econômica e política, que resultará em tensões militares e provocará uma polarização de estados, de partidos e também do movimento operário em campos opostos.

## Notas de rodapé

110) Leon Trotsky: a Guerra e a Quarta internacional (1934), em: escritas de Leon Trotsky, 1933-34, p. 324

111) Veja, por exemplo, Michael Pröbsting e Almedina Gunić: Como o Pentágono Vê a Situação Mundial. Um novo estudo do exército dos EUA confirma a análise dos marxistas do período histórico atual, 25 de julho de 2017, <https://www.thecommunists.net/theory/pentagon-study/>

112) Existe já uma infinidade de literatura sobre a administração Trump. Enquanto nós não concordamos com todos os aspectos de suas análises, o socialista americano John Reimann publicou uma série de artigos perspicazes no site <https://oaklandsocialist.com/>.

113) Veja isso, por exemplo, CCRI: Trump ameaça retirar-se do Tratado INF: Não para uma nova corrida de armas imperialistas! A aceleração da rivalidade entre as grandes potências aumenta os riscos da III Guerra Mundial, 25 de outubro de 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/trump-threatens-to-withdraw-from-inf-treaty/>

114) Veja, por exemplo, Michael Klare, Há uma guerra com China no horizonte? 19 de junho de 2018, [http://www.tomdispatch.com/post/176438/tomgram%3A\\_michael\\_klare%2C\\_is\\_a\\_war\\_with\\_china\\_on\\_the\\_horizon/#more](http://www.tomdispatch.com/post/176438/tomgram%3A_michael_klare%2C_is_a_war_with_china_on_the_horizon/#more); Jane Perlez: Xi Jinping estende o poder, e as cintas de China para uma guerra fria nova, 27 fevereiro 2018 NYT, <https://www.nytimes.com/2018/02/27/world/asia/xi-jinping-china-new-cold-war.html>; James Reinl: Uma guerra EUA-China na Ásia é inevitável? 2018-10-30 <https://www.aljazeera.com/news/2018/10/china-war-asia-inevitable-181029195111603.html> estas tensões estão a aumentar não só devido ao conflito entre os EUA e a China, mas também devido à crescente assertividade do Imperialismo japonês. Veja por exemplo Justin McCurry: Japão começa primeiro portador de avião desde a segunda guerra de mundo em meio a preocupação da China, 29 novembro 2018 <https://www.theguardian.com/world/2018/nov/29/japan-to-get-first-aircraft-carrier-since-second-world-war-amid-china-concerns>; E.U. a culpar se qualquer confronto mar do Sul da China: Pesquisador chinês, 9 de janeiro de 2019, <https://www.reuters.com/article/us-china-usa-military/u-s-to-blame-if-any-south-china-sea-clash-chinese-researcher-idUSKCN1P31CK>

115) Veja, por exemplo, Peter Osborne: Como as sanções dos EUA sobre o Irã poderiam anunciar uma profunda mudança de poder global, 2 de novembro 2018 <https://www.middleeasteye.net/columns/how-us-sanctions-iran-could-herald-profound-global-power-shift-538116542>; Para a posição da CCRI ver, por exemplo, belicismo no Oriente Médio: Abaixo com todas as grandes potências imperialistas e ditaduras capitalistas! Declaração conjunta da Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI), escola Alkebulan de estudos negros (Quênia), movimento Pacesetters (Nigéria), renascimento da consciência Pan-Afrikan (Nigéria), grupo marxista ' política de classe ' (Rússia), e sınıf Savaşı (Turquia), 13 de maio 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/joint-statement-warmongering-in-the-middle-east/>; Yossi Schwartz: Ataque de Israel às forças iranianas na Síria, 14.5.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/israel-s-attack-on-iranian-forces-in-syria/>; Michael Pröbsting: O homem louco joga com o fogo, outra vez. Um comentário sobre a decisão de Trump para puxar os E.U. fora do acordo nuclear Irã, 9 de maio 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/trump-pulls-u-s-out-of-iran-nuclear-deal/>

116) A Associated Press: General Aposentado E.U.I diz guerra com a China provavelmente em 15 anos, 24 de outubro, 2018 <https://www.nytimes.com/aponline/2018/10/24/>

[world/europe/ap-eu-poland-us-china.html](http://world/europe/ap-eu-poland-us-china.html)

117) Secretário do exterior do Reino Unido adverte do “Primeiro risco de guerra mundial” no Oriente Médio, 20 de novembro 2018 <https://www.middleeasteye.net/news/britains-hunt-warns-another-first-world-war-middleeast-2121358881>

118) Gordon Watts: a esperança salta eterno para um negócio de comércio de China -E.U., novembro 9, 2018 <http://www.atimes.com/article/hope-springs-eternal-for-a-china-us-trade-deal/>

119) Xi inspeciona o PLA Southern Theater Command, salienta a capacidade de comando, Xinhua, 2018-10-26 [http://www.xinhuanet.com/english/2018-10/26/c\\_137561097.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2018-10/26/c_137561097.htm)

Jamie Seidel: Presidente Xi diz militar para ‘concentrado preparação para lutar uma guerra’, outubro 29, 2018, <https://www.news.com.au/technology/innovation/military/president-xi-tells-military-to-concentratepreparation-for-fighting-a-war/news-story/e3929306705b623290b925cbba1fda9b>

120) Veja por exemplo Steve Holland, Lesley Wroughton: E.U. para opor China, influência de Rússia em África: Bolton, Dezembro 13, 2018,

<https://www.reuters.com/article/us-usa-trump-africa/u-s-to-counterchina-russia-influence-in-africa-bolton-idUSKBN1OC1XV>; Michael Cohen, Samer Al-Atrush, Henry Meyer, e Margaret Talev: Momento d verdade da América em África: está perdendo para fora a China, 14. Dezember 2018, <https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-12-14/-1-billion-a-month-thecost-of-trump-s-tariffs-on-technology>

121) Veja por exemplo, Como a agressão econômica de China ameaça as tecnologias e a propriedade intelectual dos Estados Unidos e do mundo, escritório da Casa Branca da política do comércio e da fabricação, junho 2018; Peter Navarro: Crouching Tiger: o que o militarismo de China significa para o mundo, livros de Prometheus, New York 2015; Peter Navarro e Greg Autry: Morte por China: confrontando o dragão-uma chamada global à ação para o mundo ocidental, instrução de Pearson, New-Jersey 2011; Peter Navarro: As guerras de vinda da China-onde serão travadas e como podem ser ganhas, imprensa financeira dos tempos, New-Jersey 2006

122) Veja por exemplo Graham T. Allison: Destinado para a guerra: Pode América e China escapar armadilha de Thucydides? Houghton Mifflin Harcourt, New York 2017; Graham Allison: China e Rússia: uma aliança estratégica na tomada, 14 de dezembro de 2018 <https://nationalinterest.org/feature/china-andrussia-strategic-alliance-making-38727> Graham Allison: a armadilha Thucydides: são os E.U. e China dirigido para a guerra? 24 de setembro de 2015 o Atlântico, <https://www.theatlantic.com/international/archive/2015/09/united-states-china-war-thucydides-trap/406756/>

123) Shen Jianguang: China precisa preparar-se para a rivalidade a longo prazo com os E.U. mesmo se o acordo comercial é alcançado, tempos globais, 2019/1/9 <http://www.globaltimes.cn/content/1135170.shtml>

124) Eurasia Grupo: principais riscos 2018, p. 6

125) Minxin Pei: Os danos colaterais da guerra fria sino-americana. 19 de outubro de 2018 <http://www.arabnews.com/node/1390641>; Veja também Minxin Pei: Capitalismo camarada da China.. A dinâmica do regime decadência, Harvard University Press, Cambridge 2016

126) Veja isto por exemplo PONARS Eurasia: Política externa Rússia após Crimeia-come compreender e endereçar-lhe, perspectivas da política, setembro 2017; Bobo lo: A Rússia e a nova ordem mundial, Chatham House, Londres 2015; Rob de Wijk: Política do poder. Como a China e a Rússia remodelam o mundo, Amsterdam University Press B.V.,

Amsterdão 2015; Robert Ross: Corrida superpotência naval: China ultrapassar EUA em 15 anos. 28 de novembro de 2018 <http://www.atimes.com/article/naval-superpower-race-china-to-overtake-us-in-15-years/>; Robert Ross: O fim do domínio naval dos EUA na Ásia, 18 de novembro de 2018, <https://www.lawfareblog.com/end-us-naval-dominance-asia>

127) Sobre a intervenção da Rússia na Ucrânia ver várias declarações CCRI que publicamos em nossa <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/>. Em particular, chamar a atenção para Michael Pröbsting: a revolta na Ucrânia Oriental e imperialismo russo. Uma análise dos desenvolvimentos recentes na guerra civil ucraniana e suas consequências para táticas revolucionárias, 22. Outubro 2014, <https://www.thecommunists.net/theory/ukraine-and-russian-imperialism/>

128) Para a nossa avaliação do papel da Rússia na Síria ver inúmeras declarações e artigos que podem ser lidos em uma subseção especial em nosso site: <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/collection-of-articles-on-the-syrian-revolution/>

129) Veja isto por exemplo Yury Barmin: Rússia e Israel: O vetor do Oriente Médio das relações, Conselho de assuntos internacionais Russian, centro do Afro-Médio Oriente (AMEC) instrução no. 13/2018 10 novembro 2018; Alexey Khlebnikov: 2018: Um ano de muitos desafios para Putin no Oriente Médio. Se a Rússia não atender às expectativas dos atores regionais sobre a Síria, a Líbia ou Israel/Palestina, ela arruinará sua imagem como um parceiro credível, Médio Oriente Eye, 15 de janeiro de 2018, <http://www.middleeasteye.net/columns/russia-middle-east-2018-533160191>; Maxim A. Suchkov: pode a Rússia, China cooperar no Médio Oriente? 12 de dezembro de 2018 <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2018/12/russia-china-cooperation-syria-middle-east.html>

130) Nathan Ghelli: Investimento russo em África contribui para o seu desenvolvimento, 18 de junho de 2018 <https://www.borgenmagazine.com/russian-investment-in-africa/>; Sobre o papel da Rússia na África ver, por exemplo, como a Rússia está a impulsionar o seu papel na África com armas, investimento e “instrutores”, 14 de agosto de 2018, <https://www.scmp.com/news/world/africa/article/2159622/how-russia-boosting-its-role-africa-weapons-investment-and>

131) Veja isto, por exemplo, Roberto Mansilla Blanco: Rússia na América Latina: geopolítica e pragmatismo, 28 de novembro 2018 <https://theglobalamericans.org/2018/11/russia-in-latin-america-geopolitics-and-pragmatism/>; Empresas russas obter luz verde para o meu ouro na Venezuela, 26 DEC, 2018 <https://www.rt.com/business/447438-venezuela-russia-gold-exploration/>

132) Veja por exemplo escalada militar entre Rússia e Ucrânia no Estreito de Kerch. Abaixo com o belicismo reacionário em ambos os lados! Declaração de emergência da CCRI e do grupo marxista “política de classe “ (Rússia), 28 de novembro de 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/military-escalation-between-russia-and-ukraine-at-the-kerch-strait/>

133) BBC: Xi Jinping: ‘ Hora da China tomar o centro do palco ‘, 18 outubro 2017, <http://www.bbc.com/news/world-asia-china-41647872>

134) Todas as citações são tomadas de Bill Bishop: China quer remodelar a ordem global, em: axios China, janeiro 19, 2018, [https://www.axios.com/chinas-growing-global-aspirations-in-the-xi-jinping-era-1516305566-aa5be206-c156-4313-8229-cfa88af9b75a.html?utm\\_source=newsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=&stream=top-stories](https://www.axios.com/chinas-growing-global-aspirations-in-the-xi-jinping-era-1516305566-aa5be206-c156-4313-8229-cfa88af9b75a.html?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=&stream=top-stories); Néctar Gan: Fazer da China grande outra vez: O partido comunista procura



apreender o momento ‘ Histórico ’ para remodelar a ordem do mundo. Peça de comentário de alto perfil insta país a reunir em torno de Xi e realizar aspirações globais da nação, 18 de janeiro de 2018, <http://www.scmp.com/news/china/policies-politics/article/2128711/make-china-great-again-communist-party-seeks-seize>; Xinhua: o jornal do CPC diz China deve “apreender a oportunidade histórica”, 15.01.2018, [http://www.xinhuanet.com/english/2018-01/15/c\\_136897189.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2018-01/15/c_136897189.htm)

135) Elizabeth Economy: A terceira revolução. Xi Jinping e o estado chinês novo, Conselho em relações estrangeiras, imprensa da Universidade de Oxford, New York 2018, p. 12

136) Veja por exemplo Wang Mingming: tudo o céu (Tianxia). Perspectivas cosmológicas e ontologias políticas na China pré-moderna, em: HAU: revista de teoria etnográfica 2 (1), pp. 337–383; Bart Dessein: fé e política: (novo) Confucionismo como religião civil, em: estudos asiáticos II (XVIII), 1 (2014), pp. 39 – 64; Huang, Yang: percepções do Barbarian em Greece adiantado e em China, em: boletim de pesquisa 2 de CHS, no. 1 (2013).

[http://nrs.harvard.edu/urn-3:hln:essay:HuangY.Perceptions\\_of\\_the\\_Barbarian\\_in\\_Early\\_Greece\\_and\\_China.2013](http://nrs.harvard.edu/urn-3:hln:essay:HuangY.Perceptions_of_the_Barbarian_in_Early_Greece_and_China.2013)

137) Veja por exemplo Zhang Feng: Repensar o “sistema de tributo”. Ampliando o horizonte conceptual da política Oriental asiática histórica, em: Zheng Yongnian (Ed.): China e relações internacionais. A visão chinesa e a contribuição de Wang Gungwu, Routledge, New York 2010

138) Veja por exemplo Ban Wang (Ed.): visões chinesas da ordem mundial. Tianxia, cultura, e política do mundo, imprensa da Universidade do Duque, Durham e Londres 2017; Começos chineses do cosmopolitanism: uma crítica Genealogical de Tianxia Guan; Zheng Yongnian (Ed.): China e relações internacionais. A visão chinesa e a contribuição de Wang Gungwu, Routledge, New York 2010; Wang Gungwu e Zheng Yongnian: China e a ordem internacional nova, Routledge, New York 2008; Veja também: Salvatore Babones: Tianxia americano, dinheiro chinês, poder americano, e a extremidade da história, imprensa da política, Bristol 2017

139) Veja, por exemplo, Pepe Escobar: Como as novas rotas de seda se fundem na Eurásia Maior, 13 de dezembro de 2018 <http://www.atimes.com/article/how-the-new-silk-roads-are-merging-into-greater-eurasia/>; Pepe Escobar: Bem-vindo ao G-20 do inferno, 14 de outubro de 2018 <http://www.atimes.com/article/welcome-to-the-g-20-from-hell/>; Pepe Escobar: Eagle-Meets-Bear e o cabo-de-guerra da Síria, 5 de julho de 2018 <http://www.atimes.com/article/eagle-meets-bear-and-the-syria-tug-of-war/>; Pepe Escobar. Aqui vem a guerra de comércio de 30 anos; Setembro 23, 2018 <http://www.atimes.com/article/here-comes-the-30-year-trade-war/>; Pepe Escobar: Guerra econômica em Irã é guerra na integração de Eurasia, agosto 14, 2018 <http://www.atimes.com/article/economic-war-on-iran-is-war-on-eurasia-integration/>; Pepe Escobar: como BRICS Mais confrontos com a guerra econômica dos EUA sobre o Irã, Julho 28, 2018 <http://www.atimes.com/article/how-brics-plus-clashes-with-the-us-economic-war-on-iran/>; Pepe Escobar: Aqui está o verdadeiro motivo que os EUA devem falar com a Rússia, 21 de julho de 2018 <http://www.atimes.com/article/heres-the-real-reason-the-us-must-talk-to-russia/>; Pepe Escobar: Trump, NATO e ‘ agressão russa ’, 13 de julho 2018 <http://www.atimes.com/article/trump-nato-and-russian-aggression/>; Pepe Escobar: as tarifas ‘ Kick off 50-ano de guerra de comércio ’ com a China; 6 de julho de 2018 <http://www.atimes.com/article/tariffs-kick-off-50-year-trade-war-with-china/>; Pepe Escobar: o pivô a Eurasia, julho 23, 2015, [http://www.tomdispatch.com/post/176026/tomgram%3A\\_pepe\\_escobar%2C\\_](http://www.tomdispatch.com/post/176026/tomgram%3A_pepe_escobar%2C_)

[the\\_pivot\\_to\\_urasia/](#); Pepe Escobar: o Big Bang Eurasian. Como China e Rússia são anéis running em torno de Washington, 23.7.2015, [http://www.huffingtonpost.com/pepe-escobar/the-urasian-big-bang\\_b\\_7856614.html](http://www.huffingtonpost.com/pepe-escobar/the-urasian-big-bang_b_7856614.html); Pepe Escobar: o que os BRICS mais a Alemanha estão realmente fazendo? 27 de fevereiro de 2015 <http://rt.com/op-edge/236219-russia-china-germany-trade-axis/>; Pepe Escobar: os terremotos geopolíticos remodelando a economia da Eurásia, 19 de maio de 2014, <http://www.thenation.com/article/179916/geopolitical-earthquakes-reshaping-urasias-economy>; Pepe Escobar; Pepe Escobar: guerra líquida através de Eurasia e o Ásia-Pacífico: cartão de Pipelineistan, em: o jornal de Ásia-Pacífico, Vol 21-2-09, Maio 23, 2009, <http://www.japanfocus.org/-Pepe-Escobar/3149/article.html>; Pepe Escobar: Empire of Chaos. O Roving Eye Collection, Vol. 1, Nimble Books 2014.

140) Pepe Escobar: Tudo sob o céu, o desafio da China para o sistema Westphalian. Pequim está ajustando as regras da ordem ocidental para refletir seu poder geopolítico e econômico revitalizado, mas alguns americanos vêem isso como uma ameaça ao seu modo de vida, 10 de janeiro de 2019 <http://www.atimes.com/article/all-under-heaven-chinas-challenge-to-the-westphalian-system/>; Veja também Pepe Escobar: O acadêmico chinês oferece a introspecção na mentalidade estratégica de Beijing. Ensaio por especialista em segurança professor Zhang Wenmu dá um vislumbre da perspectiva geoestratégica da China, a partir do “Western Pacific Chinese Sea” para o lado mais distante da lua, 5 de janeiro de 2019 <http://www.atimes.com/article/chinese-scholar-offers-insight-into-beijings-strategic-mindset/>

141) William Engdahl: O século Eurasian é agora Imparável ,outubro 7, 2016, <http://www.4thmedia.org/2016/10/the-urasian-century-is-now-unstoppable/>; Veja também F. William Engdahl: A hegemonia perdida. Quem os deuses destruiriam, mineBooks, Wiesbaden 2016; F. William Engdahl: alvo: China. Como Washington e Wall Street planejam engaiolar o dragão asiático, imprensa progressiva, 2014; F. William Engdahl: projetos Transformtional no espaço da terra de Eurasia, 2016-09-10, <http://journal-neo.org/2016/09/10/transformational-projects-in-urasia-land-space-3/>

142) Aleksandr Dugin: última guerra do mundo-ilha-a geopolítica da Rússia contemporânea, Arkto, Londres 2015; Aleksandr Dugin: missão Eurasian: uma introdução ao neo-urasianismo, Arkto, Londres 2014; Aleksandr Dugin: Putin vs Putin-Vladimir Putin visto da direita, Arkto, Londres 2014; Aleksandr Dugin: a quarta teoria política, Arkto, movimento Eurasian, Londres 2012.

143) Aleksandr Dugin em 1998; Citado em Marlene Laruelle: Eurasianismo russo: uma ideologia do Império, Woodrow Wilson Center Press, 2008, p. 119

144) O perito da Rússia Stephen F. Cohen já falou em 2009 sobre uma nova era da guerra fria entre os EUA e a Rússia. (Veja Stephen F. Cohen: destinos soviéticos e alternativas perdidas: do estalinism à nova guerra fria; Imprensa da Universidade de Columbia 2009).

145) Veja por exemplo, os nossos documentos publicados recentemente: declaração conjunta: Guerra do comércio global: não ao grande poder jingoism no Ocidente e no leste! Nem a globalização imperialista nem o proteccionismo imperialista! Pela solidariedade internacional e a luta conjunta da classe trabalhadora e do povo oprimido! 4 de julho 2018, <https://www.thecommunists.net/rcit/joint-statement-on-the-looming-global-trade-war/>; Yossi Schwartz: Comércio capitalista e a 3ª Guerra Mundial iminente, 15 de julho 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/capitalist-trade-and-looming-3rd-world-war/>; Michael Pröbsting: A guerra de comércio global começou. Qual é o seu significado

- e qual deve ser a resposta dos socialistas?, 13 julho 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/the-global-trade-war-has-begun/>; Michael Pröbsting: Onde os socialists estão na cara da guerra de comércio global? Uma amostra das conseqüências práticas da avaliação do caráter da classe do estado chinês, 17 junho 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/where-do-socialists-stand-in-face-of-the-looming-global-trade-war/>; Michael Pröbsting: Perspectivas do mundo 2018: Um mundo grávido com guerras e levantamentos populares. Teses sobre a situação mundial, as perspectivas para a luta de classes e as tarefas dos revolucionários, RCIT Books, Viena 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2018/>
- 146) South China Morning Post: A economia privada da China definida para o inverno ‘ mais frio e mais do que o esperado ‘, avisa magnata bilionário, 28 de dezembro de 2018, <https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/2179762/chinas-private-economy-set-winter-colder-and-longer-expected>
- 147) Credit Suisse: Getting over Globalization, 2017, p. 28
- 148) Martin Armstrong: Comércio Mundial-Quem está realmente ferido na guerra comercial, 7 de abril de 2018; Veja neste também Eastspring investimentos: comércio e tarifas, lições da história, 2018, p. 2
- 149) Anuário SIPRI 2018 (Sumário) p. 9
- 150) Ficha informativa do SIPRI, tendências das despesas militares mundial, 2017, maio de 2018, p. 1
- 151) Serkan Arslanalp e Takahiro Tsuda: Rastreamento da demanda global por dívida soberana do mercado emergente, Fundo Monetário Internacional, documento de trabalho, março de 2014, p. 19
- 152) Serkan Arslanalp e Takahiro Tsuda: Rastreamento da demanda global por dívida soberana do mercado emergente, Fundo Monetário Internacional, documento de trabalho, março de 2014, p. 19
- 153) No exército Indian britânico, Veja por exemplo Kaushik Roy (Ed): o exército Indiano nas duas guerras mundiais, história da guerra 70, editores acadêmicos de Brill, Leiden 2012; Alan Jeffreys, Patrick Rose (EDS): o exército indiano, 1939-47: experiência e desenvolvimento, Ashgate Publishing Limited, Farnham 2012; David Omissi: o sepooy e o Raj: o exército Indian, 1860 – 1940, estudo na história militar e estratégica, Palgrave Macmillan Reino Unido, Londres 1994.
- 154) Nós nos inspiramos a partir de uma formulação Trotsky usado ao comparar os imperialistas “saciados” da Entente como a França e os “famintos” imperialistas como a Alemanha, que perdeu WWI e que estava a procura de vingança. “A contradição entre a Alemanha e a França não é de forma nenhuma a democracia versus o fascismo, mas sim entre um imperialismo faminto e um saciado.” (Leon Trotsky: Quem defende a Rússia? Quem ajuda Hitler? (1935); em: Trotsky escritas 1935-36, p. 61)
- 155) Para uma visão geral dos escritos da CCRI sobre a União Européia, veja Michael Pröbsting: Marxismo, União Européia e Brexit. O L5I e a União Européia: uma volta direita afastado do Marxism. A recente mudança na posição L5I’s para o apoio à adesão à UE representa uma mudança de distância da sua própria tradição, do método marxista e dos factos; Agosto 2016, em: comunista revolucionário no. 55, <http://www.thecommunists.net/theory/eu-and-brexite/>; Michael Pröbsting: Será que a UE representa “Progresso Democrático Búrgues “? Mais uma vez, sobre a UE e as táticas da classe trabalhadora – um adendo a nossa crítica à L5I’s virada à direita e ao seu apoio à adesão à UE, 16.09.2016, <https://www.thecommunists.net/theory/eu-brexite-article/>; Manfred

Meier: Nachbeben des Brexit-Zur Rechtswende von L5I: das "JA" Zum Verbleib in der EU, agosto 2016, <http://www.thecommunists.net/home/deutsch/gam-brexite/>; Michael Pröbsting: A esquerda britânica e a UE-referendo: As muitas faces do pro-Reino Unido ou pró-UE social-imperialismo. Uma análise do fracasso da esquerda para lutar por uma postura independente, internacionalista e socialista, tanto contra o britânico, bem como o imperialismo europeu, o comunismo revolucionário Nr. 40, agosto 2015 <http://www.thecommunists.net/theory/british-left-and-eu-referendum/>; Veja também (somente em língua alemã) Michael Pröbsting: Die Frage der Vereinigung Europas im Lichte der marxistischen Theorie. Zur Frage eines supranationalen Staatsapparates des EU-Imperialismus und der marxistischen Staatstheorie. Die Diskussion Zur Losung der Vereinigten Sozialistischen Staaten von Europa BEI Lenin und Trotzki und ihre Anwendung Unter den heutigen Bedingungen des Klassenkampfes, in: unter der Fahne der Revolution Nr. 2/3 (2008), <http://www.thecommunists.net/theory/marxismus-und-eu/>

156) Para os números sobre a produção ver relatório de desenvolvimento industrial da UNIDO 2002/2003, p. 152 (para os anos 1985 e 1998), relatório de desenvolvimento industrial da UNIDO 2013, p. 196 resp. 202 (para o ano 2011) e relatório de desenvolvimento industrial da UNIDO 2018, p. 205 resp. 209 (para o ano 2016). Note-se que a fabricação não é idêntica à produção industrial, uma vez que o mais tarde também inclui mineração e do setor de construção. Para os números no topo 500 corporações Veja wikipedia: Fortune Global 500, [https://en.wikipedia.org/wiki/Fortune\\_Global\\_500](https://en.wikipedia.org/wiki/Fortune_Global_500) (para 2001), Agence France-Presse: empresas chinesas empurrar para fora Japão em Fortune Global 500 lista, 9 de julho, 2012, [http://www.rawstory.com/rs/2012/07/09/chinese-companies-push-out-japan-on-fortune-global-500-list/\(para 2011\)](http://www.rawstory.com/rs/2012/07/09/chinese-companies-push-out-japan-on-fortune-global-500-list/(para 2011)) e Fortune: Fortune Global 500 lista 2018: ver quem fez isso, [http://fortune.com/global500/list/\(para 2018\)](http://fortune.com/global500/list/(para 2018)).

157) Veja isto por exemplo Logan Wright, Daniel Rosen: crédito e credibilidade-riscos à resiliência econômica de China, centro para estudos estratégicos e internacionais, outubro 2018, p. 12

158) Leon Trotsky: A terceira Internacional após Lenin (1928), imprensa do Pathfinder, New York 1970, p. 10

159) Sebastien Falletti: A guerra de comércio dos E.U. levanta o espectro da guerra fria nova, dezembro 25, 2018 <http://www.atimes.com/article/us-trade-war-raises-the-specter-of-new-cold-war/>

160) David Smith: Trump saúda mudança de política externa em visita surpresa às tropas dos EUA no Iraque, 27 de dezembro 2018 <https://www.theguardian.com/us-news/2018/dec/26/trump-iraq-visit-us-troops-shutdown>

161) Veja por exemplo Jeet Heer: Estamos testemunhando a queda do império americano? A Presidência de Trump é muitas vezes comparada com o declínio de Roma, mas a realidade é muito mais complicada, 7 de março 2018 <https://newrepublic.com/article/147319/witnessing-fall-american-empire>; David Remnick: a unfitness crescente de Donald Trump. A ala oeste tem vindo a assemelhar-se os reinos fadahumor do Twitter, em que todo mundo é atorado com paranóia e todos despreza todos os outros, 15 de janeiro de 2018, <https://www.NewYorker.com/Magazine/2018/01/15/The-Increasing-unfitness-of-Donald-Trump>

## VII. Grandes Potências Imperialistas: Algumas Comparações Históricas

O capitalismo sofreu várias mudanças e modificações nos últimos cem anos, embora sua essência tenha permanecido a mesma. As forças produtivas cresceram e, como resultado, a internacionalização da economia, o papel predominante da economia mundial aumentou (“globalização” do comércio, investimento, migração, etc.). Relacionado com isto está a mudança da produção de valor capitalista dos antigos países imperialistas para novas potências imperialistas (em particular a China) e o Sul semicolonial e, como resultado, uma mudança do centro de gravidade do proletariado mundial na mesma direção. Daí resulta uma crescente superexploração do povo oprimido pelos imperialistas, assim como uma tendência para um novo aburguesamento do movimento operário nos antigos países imperialistas. [162]

Houve também importantes mudanças nas relações entre as Grandes Potências imperialistas. Até 1917, o mundo foi moldado pela rivalidade sangrenta entre as Grandes Potências imperialistas. Essa rivalidade continuou após a Primeira Guerra Mundial por duas décadas (ainda que sem grandes guerras no coração do imperialismo), antes de resultar em outra guerra mundial (1939), ainda mais destrutiva. No entanto, a situação ficou complicada desde 1917 por dois fatores cruciais: primeiro o surgimento da URSS como o primeiro estado operário do mundo e, segundo, com a ascensão das lutas de libertação anticolonial dos povos oprimidos. Quando a URSS se degenerou sob o domínio da burocracia estalinista, mesmo assim ela permaneceu um importante fator anticapitalista.

A Segunda Guerra Mundial terminou com uma vitória da URSS baseada na heroica resistência do povo da União Soviética, assim como na China, Europa Oriental, os Bálcãs, Itália, França, etc. [163] A burocracia estalinista, assim como o fascismo, aniquilou muitos quadros revolucionários, também conseguiu pacificar os levantes da classe trabalhadora e canalizá-los com o propósito de expandir sua esfera de influência. No entanto, o resultado desse processo foi que, no final da década de 1940, não apenas a URSS, mas também a China, o norte da Coreia, a Europa Oriental e a maioria dos Bálcãs deixaram de ser capitalistas.

O resultado da Segunda Guerra Mundial também resultou em um profundo reagrupamento dentro do campo imperialista. A derrota do imperialismo alemão e japonês, o status fragmentado da Grã-Bretanha e da França e a enorme força dos EUA resultaram no domínio absoluto do último dentro do campo imperialista. Esta tendência foi reforçada com o início da Guerra Fria no final da década de 1940, que consolidou a aliança das Grandes Potências imperialistas sob a liderança de Washington.

Embora este desenvolvimento não tenha eliminado a rivalidade entre as Grandes Potências, ele certamente subordinou essas tendências à prioridade primordial dos imperialistas de se unirem contra os estados operários burocráticos pós-capitalistas e as revoltas anti-imperialistas dos povos oprimidos que ocorreram em todos os continentes.

O colapso do campo estalinista em 1989-91 e a restauração do capitalismo expandiram inicialmente a hegemonia dos EUA, como tendo sido a força imperialista dominante por meio século. Os propagandistas imperialistas aplaudiram e ficaram otimistas em relação ao futuro. Quem poderia esquecer a idiota proclamação de Francis Fukuyama sobre “o fim da história”?! [164] Esse período fez lembrar a caracterização do historiador econômico americano David Landes sobre o período no início do século XX.

*“Nos últimos anos do século, os preços começaram a subir e os lucros com eles. À medida que os negócios melhoravam, a confiança retornou - não a confiança irregular e evanescente dos breves booms que haviam marcado a melancolia das décadas anteriores, mas uma euforia geral como a que não prevalecia desde os Gründerjahre do início da década de 1870. Tudo parecia certo novamente - apesar dos estertores de armas e das referências marxistas monitórias ao “último estágio” do capitalismo. Em toda a Europa Ocidental, esses anos vivem na memória como os bons velhos tempos - a era eduardiana, a belle époque”. [165]*

No entanto, o lento declínio econômico do imperialismo norte-americano, que começou há muito tempo, acelerou-se gradualmente. Em 2001, Washington lançou sua reacionária “Guerra ao Terror” - uma enorme ofensiva reacionária que usou o ataque do 11 de setembro como pretexto. Esta ofensiva militarista do imperialismo norte-americano foi essencialmente uma tentativa de impedir o seu declínio - e causou a morte de cerca de meio milhão de pessoas até agora! [166] No entanto, esta tentativa basicamente fracassou, uma vez que os EUA *a)* não conseguiram obter vitórias duradouras em sua agressão colonial e *b)* não puderam deter o surgimento de novas Grandes Potências imperialistas como a China e a Rússia.

A lunática administração Trump é tanto um símbolo da decadência de Washington quanto uma tentativa de recuperar a hegemonia absoluta pela combinação de política externa agressiva contra todos os rivais. Esta tentativa está obviamente fadada ao colapso.

Esta breve visão histórica deve nos ajudar a identificar as principais características das relações entre as Grandes Potências e suas contradições internas. Procurando por analogias históricas, parece-nos que a situação mundial mais semelhante à atual é o período histórico anterior à Primeira Guerra Mundial. No entanto, temos que observar que há dois fatores importantes que diferenciam a atual situação mundial da anterior. 1914. Primeiro, o enorme ganho de importância de países e potências fora das antigas Grandes Potências ocidentais e, portanto, das lutas de classes nessas partes do mundo. E, em segundo lugar, o ameaçador perigo da catástrofe climática causada pelas imprudentes

empresas capitalistas.

Levando essas modificações em consideração, temos que enfatizar que a essência do sistema capitalista mundial não mudou substancialmente. A caça capitalista por lucros, a rivalidade entre os monopólios e as Grandes Potências, a exploração da classe trabalhadora e a superexploração do Sul, o declínio histórico do sistema capitalista (tendência da queda da taxa de lucro, etc.) - todas essas características essenciais do capitalismo moderno ainda dominam o destino da humanidade.

Portanto, é claro para nós que o programa de luta de classes contra o imperialismo e as guerras, tal como foi desenvolvido pelos clássicos marxistas do século XX, permanece plenamente válido em suas características essenciais. No entanto, o desafio para os marxistas não é apenas defender seus princípios fundamentais, mas também aplicá-los às concretas situações de conflitos e lutas e de maneira concreta.

## **Análise: A Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado**

Nossa visão geral do desenvolvimento das Grandes Potências rivais já indicava a natureza desigual desse processo e a interdependência entre os diferentes polos dessa relação. Isso demonstra o fato de que uma compreensão do desenvolvimento histórico do capitalismo em geral e das relações entre as Grandes Potências em particular é impossível sem reconhecer a importância central da *lei do desenvolvimento desigual e combinado* como foi elaborada por Lênin e Trotsky. Por isso, resumiremos brevemente a essência dessa lei. [167]

Essa lei explica - se a formularmos de maneira muito geral - como diferentes estágios de desenvolvimento, assim como diferentes tempos de desenvolvimento em uma dada sociedade, interação entre si e, assim, resultam em diferentes formas ou tipos de desenvolvimento. Naturalmente, esse mesmo processo também ocorre entre diferentes sociedades. Trotsky, primeiro desenvolveu tal concepção - juntamente com sua estratégia de revolução permanente - em 1905/06, quando tentou explicar os possíveis caminhos do desenvolvimento social da Rússia. Ele mostrou que a Rússia - apesar de seu enorme atraso social e econômico em comparação com a Europa Ocidental e, portanto, o pequeno tamanho de seu proletariado - poderia testemunhar uma revolução liderada pela classe trabalhadora sem ter experimentado primeiro um longo período de desenvolvimento capitalista como Europa Ocidental.

*As leis da história não têm nada em comum com um esquematismo pedante. A desigualdade, a lei mais geral do processo histórico, revela-se de maneira mais nítida e complexa no destino dos países atrasados. Sob o chicote da necessidade externa, sua cultura atrasada é compelida a dar saltos. Da lei universal da desigualdade, portanto, deriva outra lei que, pela falta de um nome melhor, podemos chamar a lei do desenvolvimento combinado - pelo qual nos referimos a um conjunto das diferentes etapas da jornada, uma combinação das etapas separadas, um amálgama do arcaico com formas mais con-*

*temporâneas. Sem essa lei, a ser tomada, é claro, em todo o seu conteúdo material, é impossível entender a história da Rússia e, de fato, de qualquer país da segunda, terceira ou décima classe cultural". [168]*

Mais tarde, e em particular após a experiência da Revolução Chinesa de 1925-27, Trotsky generalizou essa concepção e deduziu dela a estratégia da revolução permanente. Ele também generalizaria o significado de sua lei de desenvolvimento desigual e combinado e veria nele um conceito central relevante para toda a história humana. Trotsky rejeitou totalmente a ideia estalinista de que a sociedade humana inevitavelmente se desenvolve através de uma sucessão irrevogável de etapas necessárias. Em vez disso, a história se desenvolve em saltos e em diferentes padrões em diferentes países. Respondendo à afirmação de Stalin de que essa lei só seria relevante para a época capitalista, Trotsky enfatizou *"que toda a história da humanidade é governada pela lei do desenvolvimento desigual"*. [169]

Em sua crítica ao esboço do programa estalinista para a Internacional Comunista, Trotsky explicou a relevância dessa lei para entender o processo de relações entre as nações, incluindo suas mudanças abruptas, no capitalismo moderno:

*"O capitalismo encontra várias seções da humanidade em diferentes estágios de desenvolvimento, cada um com suas profundas contradições internas. A extrema diversidade nos níveis alcançados e a extraordinária desigualdade na taxa de desenvolvimento das diferentes seções da humanidade durante as várias épocas servem como ponto de partida do capitalismo. O capitalismo ganha maestria apenas gradualmente sobre o desnível herdado, quebrando-o e alterando-o, empregando-o em seus próprios meios e métodos. Em contraste com os sistemas econômicos que o precederam, o capitalismo visa inerente e constantemente a expansão econômica, a penetração de novos territórios, a superação das diferenças econômicas, a conversão de economias provinciais e nacionais autossuficientes em um sistema de inter-relações financeiras. Desse modo, traz sua aproximação e equaliza os níveis econômicos e culturais dos países mais progressistas e mais atrasados. Sem esse processo principal, seria impossível conceber o relativo nivelamento, primeiro, da Europa com a Grã-Bretanha e, depois, com a América; a industrialização das colônias, a diferença diminuta entre a Índia e a Grã-Bretanha e todas as consequências decorrentes dos processos enumerados sobre os quais se baseia não apenas o programa da Internacional Comunista, mas também sua própria existência.*

*Ao puxar os países economicamente mais próximos e nivelar seus estágios de desenvolvimento, o capitalismo, no entanto, opera por métodos próprios, isto é, por métodos anarquistas que constantemente minam seu próprio trabalho, colocam um país contra outro, e um ramo da indústria contra o outro, desenvolvendo algumas partes da economia mundial, ao mesmo tempo que dificulta e prejudica o desenvolvimento de outras. Apenas a correlação dessas duas tendências fundamentais - ambas decorrentes da natureza do capitalismo - explica-nos a textura viva do processo histórico.*

*O imperialismo, graças à universalidade, à penetrabilidade e à mobilidade, e à velocidade decadente da formação do capital financeiro como a força motriz do imperialismo, confere vigor a ambas as tendências. O imperialismo liga incomparavelmente mais ra-*



*pidamente e mais profundamente as unidades individuais nacionais e continentais em uma única entidade, trazendo-as para a dependência mais próxima e vital e tornando seus métodos econômicos, formas sociais e níveis de desenvolvimento mais idênticos. Ao mesmo tempo, alcança esse "objetivo" por tais métodos antagônicos, tais saltos de tigre, e ataques a países e regiões atrasados, que a unificação e o nivelamento da economia mundial que ele efetuou, o incomoda ainda mais violentamente e convulsivamente do que nas épocas precedentes. [170]*

Aqui não é o lugar para discutir a lei do desenvolvimento desigual e combinado em geral. Em vez disso, nos limitaremos a discutir sua relevância para o foco deste trabalho - a rivalidade entre as Grandes Potências. Como podemos ver, Lênin e Trotsky consideraram esta lei como relevante não apenas para os chamados países atrasados (semicoloniais) ou a relação entre os estados imperialistas e os semicoloniais, mas também para a relação entre as próprias Grandes Potências. As duas citações seguintes de Trotsky e Lênin demonstram isso muito claramente.

*"... o privilégio do atraso histórico - e tal privilégio existe - permite, ou melhor, obriga a adoção de tudo o que estiver pronto antes de qualquer data especificada, pulando toda uma série de estágios intermediários. Os selvagens jogam fora seus arcos e flechas por rifles de uma só vez, sem percorrer a estrada que fica entre essas duas armas no passado. Os colonos europeus na América não começaram a história desde o começo. O fato de que a Alemanha e os Estados Unidos já superaram economicamente a Inglaterra foi possível graças ao próprio atraso do desenvolvimento capitalista deles ... O desenvolvimento de nações historicamente atrasadas leva necessariamente a uma peculiar combinação de diferentes estágios no processo histórico." [171]*

*"Defendendo o slogan dos Estados Unidos soviéticos da Europa, assinalamos em 1915, que a lei do desenvolvimento desigual não é em si um argumento contra este slogan, porque a desigualdade do desenvolvimento histórico de diferentes países e continentes é em si desigual. Os países europeus desenvolvem-se desigualmente em relação uns aos outros. Não obstante, pode-se manter com absoluta certeza histórica que nem um único desses países está fadado, pelo menos na época histórica em análise, a ir tão longe em relação a outros países quanto os Estados Unidos estão à frente da Europa. Para a América há uma escala de desigualdade, para a Europa existe outra. Geograficamente e historicamente, as condições têm predeterminado um vínculo orgânico tão estreito entre os países da Europa, que não há como fugir delas. Os modernos governos burgueses da Europa são como assassinos acorrentados a uma mesma corda." [172]*

Da mesma forma, Lenin observou um desenvolvimento desigual não apenas na Rússia, mas também em escala global. Na Rússia, os empreendimentos capitalistas modernos existiam ao lado das formas agrárias semifeudais de exploração. Em uma escala global, Lenin pôde ver o país capitalista mais desenvolvido, a Inglaterra, estagnar enquanto outros países com um desenvolvimento capitalista tardio aumentaram dramaticamente seu desenvolvimento (por exemplo, América e Japão). Da mesma forma, a exportação de capital dos países imperialistas europeus para colônias economicamente atrasadas criou fusões de diferentes modos de produção e, assim, levou a um crescimento econômico

acelerado nos últimos países. Lenine concluiu que *“o desenvolvimento econômico e político desigual é uma lei absoluta do capitalismo”*. [173]

Lênin enfatizou a importância da lei do desenvolvimento desigual nas relações entre as Grandes Potências. Ele explicou que é exatamente essa lei que ajuda a entender por que uma relação estável entre as Grandes Potências é impossível e por que tem que haver rupturas e, eventualmente, guerras entre elas.

*“A questão só tem que ser apresentada claramente para que outra que não seja uma resposta negativa seja impossível. Isso ocorre porque a única base concebível sob o capitalismo para a divisão de esferas de influência, interesses, colônias, etc., é um cálculo da força dos participantes, sua força econômica, financeira, militar geral, etc. os participantes da divisão não mudam em igual grau, pois o desenvolvimento de diferentes empreendimentos, trusts, ramos da indústria ou países é impossível sob o capitalismo. Há meio século, a Alemanha era um país miserável e insignificante, se sua força capitalista fosse comparada à da Grã-Bretanha da época; da mesma maneira o Japão foi comparado com a Rússia. É “concebível” que em dez ou vinte anos a força relativa das potências imperialistas permaneça inalterada? Está fora de questão.”* [174]

E, de fato, se olharmos para o desenvolvimento do capitalismo em períodos anteriores da época imperialista, veremos uma confirmação completa de tal desenvolvimento desigual entre as Grandes Potências, como demonstraremos a seguir.

Tal desigualdade entre as grandes potências na época de Lênin e Trotsky é importante reconhecer especialmente porque vários negadores da natureza imperialista da China e da Rússia afirmam hoje que os clássicos marxistas consideravam apenas as nações capitalistas mais fortes e avançadas como “imperialistas”. Já refutamos essa afirmação acima no capítulo IV. Mas vamos demonstrar o caráter desigual das Grandes Potências imperialistas em períodos anteriores do imperialismo, mais detalhadamente abaixo.

## **Alguns Exemplos Históricos Sobre os Desníveis das Grandes Potências Antes de 1939**

Como vimos acima, poderíamos diferenciar as Grandes Potências imperialistas no início do século XX, em termos gerais, em antigas potências imperialistas “maduras” (como a Inglaterra ou a França), novas potências emergentes (como os EUA ou a Alemanha), assim potências mais atrasadas (como a Rússia, Império Austro-Húngaro, Itália ou Japão). Conforme elaboramos em vários trabalhos, existia desigualdade entre essas Grandes Potências em vários aspectos como desenvolvimento industrial, produtividade econômica, exportação de capital, empréstimos etc. - não muito diferente das diferenças entre as atuais potências imperialistas. [175]

Mais óbvia foi a enorme diferença entre as potências imperialistas avançadas e as mais atrasadas. Neste ponto, deve ser suficiente dar apenas dois exemplos. Na Tabela 16 vemos as enormes diferenças na produtividade do trabalho entre

países como a Grã-Bretanha ou os EUA de um lado e de potências imperialistas atrasadas como a Rússia, o Japão ou a Espanha do outro lado do mundo.

Na Tabela 17 vemos números do PIB per capita e níveis relativos de industrialização para várias potências imperialistas às vésperas da Primeira Guerra Mundial. Semelhante ao que vemos hoje, em 1913 houve enormes diferenças de produtividade entre as potências imperialistas ocidentais e seus rivais orientais. A produção industrial britânica per capita (servindo como base de comparação com o valor de 100) foi, por exemplo, mais de três vezes maior do que a da Áustria, quatro vezes maior que a da Itália, e seis vezes o tamanho da Rússia.

Essa desigualdade no desenvolvimento econômico, como demonstramos, não impediu que Lênin caracterizasse as Grandes Potências “atrasadas” como a Rússia, a Áustria-Hungria, a Itália ou o Japão como imperialistas. Veja, por exemplo, sua referência ao caráter imperialista de um país como o Japão, apesar de seu estágio de desenvolvimento econômico muito mais fraco.

*“O capitalismo está crescendo com a maior rapidez nas colônias e nos países estrangeiros. Entre estes últimos, novas potências imperialistas estão surgindo (por exemplo, o Japão).”* [178]

**Tabela 16. População e Produto Interno Bruto em 1913** [176]

	<b>População (em Milhões)</b>	<b>PIB em Bilhões</b>	<b>PIB Per Capita em \$</b>
Estados Unidos	97.6	517.4	5,301
Reino Unido	45.6	224.6	4,921
Espanha	20.3	45.7	2,255
Rússia	156.2	232.3	1,488
Japão	51.7	71.6	1,387
China	437.1	241.3	552

**Tabela 17. PIB Relativo per capita (coluna A)  
E níveis relativos de industrialização (coluna B) em 1913** [177]

<i>País</i>	<i>A</i>	<i>B</i>
Grã-Bretanha	100	100
França	81	51
Alemanha	77	74
Áustria	62	29
Itália	52	23
Espanha	48	19
Rússia	29	17

**Tabela 21. Ativos Estrangeiros Líquidos em 1914 (% do PIB)** [183]

Reino Unido	153%
Alemanha	36%
Estados Unidos	-9%

Tabela 18. Participação das grandes potências na produção industrial, Comércio e exportação de capitais, 1913 [179]

	Industrial Production	World Trade	Overseas Investment
<i>Grã-Bretanha</i>	14%	15%	41%
<i>United States</i>	36%	11%	8%
<i>Alemanha</i>	16%	13%	13%
<i>França</i>	6%	8%	20%

Tabela 19. Posição de Investimento Estrangeiro dos Estados Unidos, 1914 (em bilhões de dólares) [181]

<i>Investimento nos EUA no exterior</i>		<i>Investimento estrangeiro nos EUA</i>	
<i>Total empréstimos do governo</i>	<i>Contas privadas (Investimentos em carteira e investimentos diretos)</i>	<i>total empréstimos do governo</i>	<i>Obrigações Privadas (Investimentos em carteira e investimentos diretos)</i>
3.5	0	7.1	0.1
			7.0

Tabela 20. Alemanha e Reino Unido: Investimento Estrangeiro em Porcentagem da Formação Líquida Total de Capital (a preços atuais) [182]

Alemanha		Reino Unido	
1851/5-1861/5	2.2%	1855-64	29.1%
1861/5-1871/5	12.9%	1865-74	40.1%
1871/5-1881/5	14.1%	1875-84	28.9%
1881/5-1891/5	19.9%	1885-94	51.2%
1891/5-1901/5	9.7%	1895-1904	20.7%
1901/5-1911/13	5.7%	1905-14	51.9%

No entanto, um olhar mais atento aos dados históricos demonstrará que as desigualdades não existiam apenas entre as Grandes Potências desenvolvidas e as atrasadas, mas também entre os próprios estados imperialistas ocidentais. Este foi, em primeiro lugar, obviamente o caso em termos de posses coloniais. Enquanto a Grã-Bretanha e a França tinham vastos Impérios globais sob seu controle, a Alemanha e os EUA quase não tinham colônias.

Nós vemos desigualdades semelhantes entre as Grandes Potências ocidentais quando olhamos para o papel da exportação de capital. Como a Tabela 18 demonstra, a exportação de capital desempenhou um papel muito mais importante para a Grã-Bretanha do que a produção e comércio de commodities. Isto não é surpreendente, uma vez que a Grã-Bretanha era a potência imperialista dominante na época (historicamente desempenhou um papel similar aos EUA na segunda metade do século XX). Somente Londres controlava quase metade do investimento estrangeiro do mundo. Sua participação na exportação de capital foi quase 2,5 vezes maior do que sua participação na produção e comércio industrial do mundo. A situação não era muito diferente na França. No entanto, no caso da Alemanha, vemos uma potência imperialista em que a exportação de capital não desempenhou um papel maior do que o seu comércio de mercadorias. E, no caso dos Estados Unidos, vemos uma imagem em que a produção e o comércio de commodities desempenhavam um papel significativamente maior do que sua exportação de capital.

Até certo ponto, os EUA estavam no início do século XX em uma posição semelhante à da China na última década. Era um recém-chegado e sua exportação de capital ficou atrás das potências imperialistas estabelecidas.

Isso também é evidente em outro indicador. Como a Tabela 18 demonstrou, os EUA não contribuíram de forma importante para a exportação de capital - sua participação nos estoques globais não era nem 1/5 da britânica. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos foram de longe o maior receptor de investimentos estrangeiros em 1913/14, quando importou US \$ 7,1 bilhões - o equivalente a 15,8% do investimento estrangeiro global. [180] Na Tabela 19 vemos que, em 1914, o imperialismo dos EUA recebeu mais que o dobro de investimento de fontes estrangeiras do que os nacionais dos EUA investidos no exterior.

Giovanni Arrighi e Beverly J. Silver relatam que, entre 1870 e 1913, o investimento estrangeiro da Grã-Bretanha e empréstimos de longo prazo para os EUA totalizaram US \$ 3 bilhões. *“Mas durante o mesmo período, os EUA fizeram pagamentos líquidos de juros e dividendos, principalmente para a Grã-Bretanha, no valor de US \$ 5,8 bilhões. A consequência foi um aumento da dívida externa dos EUA de US \$ 200 milhões em 1843 para US \$ 3.700 milhões em 1914. A Grã-Bretanha em contraste, no início da primeira guerra mundial tinha quase metade de seus ativos no exterior e recebeu cerca de 10 por cento do seu rendimento nacional sob a forma de juros sobre investimento estrangeiro.”* [184]

Em outras palavras, os Estados Unidos estavam às vésperas da Primeira Guerra Mundial, como um *importador* líquido de capital, não um *exportador* líquido

de capital. Pagou dividendos e juros líquidos à Grã-Bretanha. Em termos de exportação de capital, o contraste entre os EUA e a Grã-Bretanha dificilmente poderia ser maior. No entanto, tanto os EUA como a Grã-Bretanha eram Grandes Potências imperialistas. Este é um exemplo do desenvolvimento desigual *entre* as potências imperialistas. Não obstante, Lenin caracterizou não apenas a Grã-Bretanha, mas também a Alemanha e os EUA como imperialistas.

Outra estatística reveladora foi fornecida por David Landes em seu famoso estudo sobre o capitalismo *The Unbound Prometheus*. A Tabela 20 demonstra a diferente relevância da exportação de capital para as principais potências imperialistas, como a Grã-Bretanha e a Alemanha. Enquanto o investimento estrangeiro da Grã-Bretanha representou quase 52% de sua formação total de capital líquido, tal investimento foi apenas menos de 6% no caso da Alemanha. Em outras palavras, o capital alemão não só desempenhou um papel muito menor do que a Grã-Bretanha no mercado mundial, a exportação de capital também foi muito menos importante para a Alemanha.

Outro exemplo para o desenvolvimento desigual entre as Grandes Potências imperialistas pode ser visto na Tabela 21. Comparando os ativos externos líquidos em 1914 da Grã-Bretanha, Alemanha e EUA em relação a sua produção econômica, vemos diferenças massivas no papel da exportação de capital para essas Grandes Potências. No caso da Grã-Bretanha, o investimento estrangeiro desempenhou claramente o papel mais proeminente. No entanto, no caso da Alemanha, a exportação de capital, como parte de sua produção, foi de apenas  $\frac{1}{4}$  da britânica. E se tomarmos os EUA, a diferença é ainda maior. Aqui vemos, como outros quadros acima já indicaram, que os EUA não eram sequer um exportador líquido de capital, mas um importador líquido de capital.

Mais uma vez, repetimos, que tal desigualdade não impediu que Lênin caracterizasse todas essas Grandes Potências como imperialistas.

A desigualdade continuou a ser uma característica central entre as potências imperialistas no período entre as duas guerras mundiais. A Alemanha, tendo perdido a Primeira Guerra Mundial, não possuía mais nenhuma colônia. Da mesma forma, vemos grandes diferenças quando olhamos para o papel da exportação de capital a economia de várias potências imperialistas às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Como mostra a Tabela 22, a Grã-Bretanha ainda era dominante, com uma participação de 39,4% do investimento estrangeiro global. Em contraste, a participação da França foi de apenas 8,8%. E o volume de exportação de capital da Alemanha era inferior a 4% do volume da Grã-Bretanha em 1938. Da mesma forma, o investimento estrangeiro do Japão era de apenas 7,1% do dos EUA. Para concluir, vemos grande disparidade na exportação de capital entre as potências imperialistas na década de 1930. No entanto, essa enorme lacuna não fez com que os marxistas negassem a natureza imperialista de *todas* essas potências!

## A Globalização e a Rivalidade das Grandes Potências no Período Anterior à Primeira Guerra Mundial

Notamos acima que o período histórico mais semelhante ao atual é a era anterior à Primeira Guerra Mundial. Obviamente, iria além do objetivo deste trabalho analisar o período anterior à Primeira Guerra Mundial. [185] No entanto, é útil chamar a atenção para várias semelhanças.

Semelhante aos EUA nas últimas décadas, a Grã-Bretanha era, antes da Primeira Guerra Mundial, de longe o país capitalista mais maduro, conforme refletido em seu papel dominante no estoque mundial de investimento estrangeiro. O falecido Eric Hobsbawm, um dos melhores historiadores marxistas no período pós-guerra, assinalou simultaneamente: *“Em 1914, a França, a Alemanha, os EUA, a Bélgica, os Países Baixos, a Suíça e o resto entre eles tinham 56% dos investimentos estrangeiros no mundo; Só a Grã-Bretanha teve 44 por cento. Em 1914, apenas a frota de navios britânicos era 12% maior do que todas as frotas mercantes de todos os outros estados europeus juntos”*. [186]

No entanto, o poder da Grã-Bretanha já estava em declínio à medida que novos rivais surgiam - primeiro e principalmente a Alemanha e os EUA. No entanto, a diferença entre essas potências em termos de exportação de capital ainda era enorme. Hoje, a China desempenha um papel semelhante ao de um desafiante.

Poder-se-ia argumentar que as estreitas relações econômicas - hoje chamadas de globalização (ou *“hiperglobalização”* para tomar emprestada uma frase da UNCTAD [187]) - seriam um obstáculo para uma explosão de rivalidade aberta entre as Grandes Potências. No entanto, como já apontamos no passado, a história prova o contrário. Na verdade, a Grã-Bretanha e a Alemanha, duas grandes rivais na Primeira Guerra Mundial, tinham estreitas relações econômicas antes de 1914. [188] Na Tabela 23 vemos que a Grã-Bretanha era o parceiro comercial mais importante da Alemanha antes de 1914, enquanto a Alemanha era quase tão importante quanto a França para o comércio britânico.

No entanto, como os marxistas apontaram repetidamente, tais relações econômicas próximas não apenas criam laços mais estreitos entre os capitalistas monopolistas, como também aceleram a rivalidade entre eles. Isso ficou amplamente demonstrado com a longa rivalidade entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, que resultou no início das hostilidades entre eles em 1914.

Outro paralelo é o aumento do protecionismo nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial. Com a exceção da potência imperialista mais forte da Grã-Bretanha, todos os outros estados imperialistas impuseram tarifas sobre as importações de commodities - mais uma vez um desenvolvimento semelhante ao início da Guerra do Comércio Global que estamos experimentando atualmente. (Veja a Tabela 24)

Concluamos observando que tal desigualdade entre as potências imperialistas continuou a existir após a Segunda Guerra Mundial. Enquanto os EUA se

**Tabela 22. Valor Nominal Bruto do Capital Investido no Exterior em 1938 (em milhões de Dólares com taxas de câmbio atuais) [189]**

	<i>Europa</i>	<i>ramificações ocidentais</i>	<i>América Latina</i>	<i>Ásia</i>	<i>África</i>	<i>Total</i>
Reino Unido	1.139	6.562	3.888	3.169	1.848	17.335
França	1.035	582	292	906	1.044	3.859
Alemanha	274	130	132	140	-	676
Holanda	1.643	1.016	145	1.998	16	4.818
Outras*	1.803	1.143	820	101	646	4.579
Estados Unidos	2.386	4.454	3.496	997	158	11.491
Japão	53	48	1	1.128	-	1.230
Total	8.331	13.935	8.774	8.439	3.712	43.988

\* *Outros incluem 19 países europeus*

**Tabela 23. Principais Parceiros Comerciais da Grã-Bretanha e Alemanha, 1890-1913 (% médio de participação) [190]**

<i>Bretanha</i>	<i>Alemanha</i>
1. EUA: 19,74%	1. Bretanha: 13,85%
2. França: 8,99	2. EUA: 11,03%
3. Alemanha: 8,90%	3. Austria-Hungria: 10,15%

**Tabela 24. Nível médio de tarifas na Europa 1914 (em%) [191]**

Reino Unido	0	Austria-Hungria, Italia	18
Holanda	4	França, Suécia	20
Suiça, Bélgica	9	Rússia	38
Alemanha	13	Espanha	41
Dinamarca	14	EUA (1913)	30



tornam a potência hegemônica absoluta, o status da Grã-Bretanha e da França estava em rápido declínio, como refletido na perda de seus impérios coloniais ou na tentativa fracassada de parar a nacionalização de Nasser do Canal de Suez em 1956. Alemanha e Japão, como potências imperialistas derrotadas, foram capazes de reconstruir sua economia, mas permaneceram subordinados militares a Washington.

## As Vacas “Gordas” e as Vacas “Magras”

Há também outro aspecto em que vale a pena traçar paralelos com os desenvolvimentos anteriores da história. A Segunda Guerra Mundial, quando essencialmente houve um confronto entre as antigas Grandes Potências, de longa data, que dominavam a ordem mundial, e as novas potências emergentes que desafiavam essa ordem e que estavam determinadas a obter sua fatia imperialista do bolo. As velhas potências imperialistas - a Inglaterra e a França - eram mais ricas e podiam sustentar algum tipo de sistema democrático burguês. As novas potências imperialistas - Alemanha, Itália e Japão - não eram tão ricas. Elas tiveram que centralizar seus recursos econômicos e suprimir totalmente a liberdade política.

Trotsky escreveu sobre essa questão várias vezes em suas obras na década de 1930. *“A classificação de estados acima mencionada tem seu significado histórico, mas não o que é indicado em rabiscos pacifistas baratos. Os primeiros a chegarem ao fascismo ou a outras formas de ditadura foram os países cujas contradições internas haviam atingido a maior nitidez: países sem suas próprias matérias-primas, sem acesso suficiente ao mercado mundial (Alemanha, Itália, Japão); países que sofreram derrota na última guerra (Alemanha, Hungria, Áustria); finalmente, países nos quais a crise do sistema capitalista é complicada por sobrevivências pré-capitalistas (Japão, Polônia, Romênia, Hungria). Todas essas nações historicamente atrasadas ou desfavorecidas são naturalmente as menos satisfeitas com o mapa político de nosso planeta. Suas políticas externas têm, portanto, um caráter mais agressivo que os dos países privilegiados, que se preocupam sobretudo com a preservação do espólio que já adquiriram. Daí surge a divisão muito condicional dos estados em partidários e adversários do status quo, sendo os países fascistas e semifascistas, na sua maior parte, no último alinhamento. Mas isso não significa que precisamente esses dois campos vão lutar entre si”*. [192]

Trotsky certa vez chamou o antigo poder de “vacas gordas” e as potências emergentes “vacas magras” que, conseqüentemente, tinham relações diferentes com os partidos social-imperialistas. *“Assim como o mundo capitalista está dividido entre as vacas gordas das democracias imperialistas e as vacas magras e gananciosas das ditaduras fascistas, também a Segunda Internacional se dividiu em um grupo ‘saciado’ que ainda permanece como acionista em seus empreendimentos nacionalistas imperialistas e um grupo de vacas magras expulsas das pastagens nacionais pelo fascismo”*. [193]

Existe uma certa semelhança com a situação hoje. As antigas Grandes Po-

tências - os EUA, a UE e o Japão - são defensores da ordem mundial existente. Essas “vacas gordas” podem proporcionar um certo grau de direitos democráticos burgueses em seus países. As Grandes Potências emergentes - China e Rússia - não são tão ricas. Têm uma produtividade laboral substancialmente inferior à dos antigos rivais imperialistas. Essas “vacas magras” desafiam agressivamente a ordem existente, pois esta é a única maneira de se tornarem “gordas”. Para conseguir isso, a burguesia desses estados está governando através de regimes autoritários com poucos direitos democráticos (Rússia), ou não direitos democráticos (China).

### Notas de rodapé

162) Veja neste exemplo Michael Pröbsting: O Grande Assalto do Sul (Cap. 8 e 14); Michael Pröbsting: o marxismo e a tática da frente unida hoje. A Luta pela Hegemonia Proletária no Movimento de Libertação nos Países Semi-Coloniais e Imperialistas no Período Atual, Livros RCIT, Viena 2016, pp. 43-51, <https://www.thecommunists.net/theory/book-united-front/>

163) Apesar de algumas limitações, o livro de Ernest Mandel sobre a Segunda Guerra Mundial continua a ser uma excelente visão geral desta questão: Ernest Mandel: O Significado da Segunda Guerra Mundial, Verso, Londres 1986

164) Francis Fukuyama: O Fim da História e o Último Homem, Free Press, Nova York 1992

165) David S. Landes: O Prometeu Unbound. Mudança tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental de 1750 até o presente, Cambridge University Press, Cambridge 1969, p. 231

166) Veja Neta C. Crawford: Custo Humano das Guerras Pós-11 de Setembro: Letalidade e a Necessidade de Transparência, novembro de 2018, Instituto Watson para Assuntos Internacionais e Públicos na Brown University

167) Para uma elaboração mais substantiva de nossa visão sobre essa questão, ver Michael Pröbsting: O Capitalismo Hoje e a Lei do Desenvolvimento Desigual: a tradição marxista e sua aplicação no presente período histórico, em: Critique: Journal of Socialist Theory, volume 44, edição 4, (2016), <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03017605.2016.1236483>

168) Leon Trotsky: História da Revolução Russa (1930), Haymarket Books, Chicago 2008, p. 5

169) Leon Trotsky: A Terceira Internacional Depois de Lenin (1928), Pathfinder Press, Nova York 1970, p.19. Mais tarde, a propósito, Trotsky explicou que a lei do desenvolvimento desigual também é relevante para compreender os desenvolvimentos contraditórios na natureza, consciência humana, etc. (Veja neste Philip Pomper (Editor): Cadernos de Trotsky, 1933-1935: Escritos sobre Lenin, Dialética e Evolucionismo, Columbia University Press, Nova York 1986)

170) Leon Trotsky: A Terceira Internacional Depois de Lenin (1928), Pathfinder Press, Nova York 1970, pp. 19-20

- 171) Leon Trotsky: *História da Revolução Russa* (1930), Haymarket Books, Chicago 2008, p. 4
- 172) Leon Trotsky: *A Terceira Internacional Depois de Lenin* (1928), Pathfinder Press, Nova York 1970, pp. 14-15
- 173) V.I. Lenin: *Sobre o slogan dos Estados Unidos da Europa* (1915), em: LCW 21, p. 342
- 174) V.I. Lenin: *Imperialismo, Fase Superior do capitalismo* (1916), em: LCW 22, p. 295
- 175) Veja para este vários trabalhos listados na subseção especial em nosso site: <https://www.thecomunists.net/theory/china-russia-as-imperialist-powers/>; Em particular, referimos os leitores ao nosso panfleto *A Teoria do Imperialismo de Lênin e a Ascensão da Rússia como uma Grande Potência*.
- 176) Angus Maddison: *A Economia Mundial: uma perspectiva milenar*, vol. 1, 2001, pp. 183-185 e 213-215. Os números são calculados em 1990 dólares americanos internacionais.
- 177) François Crouzet: *Uma História da Economia Europeia, 1000-2000*, University Press of Virginia, 2001, p. 148
- 178) V. I. Lenin: *Imperialismo. Fase Superior do Capitalismo* (1916); em: LCW Vol. 22, p. 274
- 179) A coluna com os números da produção industrial e do comércio mundial foi tirada de Jürgen Kuczynski: *Studien zur Geschichte der Weltwirtschaft*, Berlim, 1952, p. 35 e p. 43. A coluna com os números para o comércio de investimentos no exterior foi tirada de Paul Bairoch e Richard Kozul-Wright: *Mitos da Globalização: Algumas Reflexões Históricas sobre Integração, Industrialização e Crescimento na Economia Mundial*, Documentos de Discussão da UNCTAD No. 113, 1996, p. 12. (Para os leitores não alemães, acrescentamos que o falecido Jürgen Kuczynski foi um famoso historiador da economia alemã na tradição estalinista, que escreveu vários livros sobre a história do capitalismo e da classe trabalhadora. Ele era uma espécie de versão alemã de Eric Hobsbawm. .)
- 180) Dirk Willem te Velde: *Investimento Estrangeiro Direto e Desenvolvimento. Uma perspectiva histórica*, 30 de janeiro de 2006, Documento de referência para o “Inquérito Econômico e Social Mundial para 2006”, Overseas Development Institute, p. 6
- 181) Mira Wilkins: *A História do Investimento Estrangeiro nos Estados Unidos, 1914-1945*, Harvard University Press, Cambridge 2004, p. 64
- 182) Giovanni Arrighi e Beverly J. Silver: *Caos e Governança no Sistema do Mundo Moderno*, Universidade de Minnesota Press, Minneapolis 1999, pp. 132-133
- 183) David S. Landes: *O Prometeu Unbound. Mudança Tecnológica e Desenvolvimento industrial na Europa Ocidental de 1750 até o presente*, Cambridge University Press, Cambridge 1969, p. 331
- 184) Moritz Schularick: *Um Conto de Duas “Globalizações”*: fluxos de capital de ricos para pobres em duas Eras da Global Finance, em: *International Journal of Finance and Economics* 11 (2006), p. 350
- 185) Angus Maddison: *A Economia Mundial: uma Perspectiva Milenar*, vol. 1, 2001, p. 101
- 186) Existe uma miríade de literatura sobre a Primeira Guerra Mundial. Veja por exemplo James Joll: *As Origens da Primeira Guerra Mundial*, Longman, Nova York, 1984; Gerd Hardach: *Primeira Guerra Mundial, 1914-1918*, Penguin Books, Nova York 1987; John Godfrey: *Capitalismo em Guerra: política industrial e burocracia na França, 1914-1918*, Berg Publishers, Leamington Spa 1987; Fritz Klein (Ed.): *Deutschland im ersten Weltkrieg*, vol. 1-3, Akademie-Verlag, Berlim, 1968.

- 187) E. J. Hobsbawm: *A Era dos Impérios*, Livros Vintage, Nova York 1989, p.51
- 188) Veja UNCTAD: *World Investment Report 2018*
- 189) Veja neste exemplo Helga Nussbaum: *Der europäische Wirtschaftsraum. Verflechtung, Angleichung, Diskrepanz*, in: Fritz Klein / Karl Otmar Von Aretin (Eds): *Europaeum 1900*, Akademie-Verlag, Berlin 1989, p. 49
- 190) Stefano Battilossi: *Os Determinantes da Banca Multinacional durante a Primeira Globalização, 1870-1914*, Working Papers 114, Oesterreichische Nationalbank (Banco Central Austríaco), 2006, p. 40
- 191) E. J. Hobsbawm: *A Era dos Impérios*, Livros Vintage, Nova York 1989, p.39
- 192) Leon Trotsky: *No Limiar de Uma Nova Guerra Mundial (1937)*; em: *Trotsky Writings 1936-37*, p. 384
- 193) Leon Trotsky: *Paralisia Progressiva. A Segunda Internacional na Véspera da Nova Guerra (1939)*, em: *Escritos de Leon Trotsky, 1939-40*, p. 36

*Parte 2:*

*Teorias Revisionistas*

*Modernas Sobre a*

*Rivalidade das Grandes*

*Potências no Mundo de Hoje*



## VIII. Cortina de Fumaça Revisionista: Admiradores Estalinistas e Bolivarianos do “Socialismo” de Pequim

Os marxistas sempre insistiram que é um erro grave julgar partidos e pessoas por seus credos ideológicos gerais. Tal crença política por si só não vale nada. Como disse Trotsky: *“Nem as classes nem os partidos podem ser julgados pelo que dizem sobre si mesmos ou pelos slogans que levantam num dado momento. Isso se aplica totalmente aos agrupamentos dentro de um partido político também”*. [194]

Pode-se julgar seu valor apenas comparando-os com as conclusões políticas concretas e a posição concreta na luta de classes internacional. Só então os marxistas podem chegar a um julgamento adequado de tal partido ou pessoa.

A história provou essa verdade fundamental inúmeras vezes. Como apontamos em outro lugar, forças antagônicas de classe lutaram repetidamente uma contra a outra sob a bandeira de uma mesma religião: a igreja cristã oficial servindo o imperador romano contra os *donatistas* e os *agonísticos* que estavam arraigados entre as classes mais pobres (particularmente no norte da África); o corrupto califado *abássida* contra *“Ali ibn Muhammad* e a revolucionária social *Rebelião Zanj* dos escravos e dos pobres; ou *Thomas Münzer* liderando a revolta revolucionária dos camponeses pobres contra a classe feudal dominante na Alemanha e *Martinho Lutero*, comprometendo-se com a mesma classe, sob a mesma bandeira do cristianismo e da luta contra a corrupta Igreja Católica. [195]

Nós vemos o mesmo na história do movimento operário moderno. Em nome do marxismo tivemos, por um lado, forças revolucionárias lideradas por Lênin, Luxemburgo e Liebknecht lutando contra a guerra imperialista e, por outro lado, apoiando a guerra, forças oportunistas como Kautsky e Plekhanov. Em nome do leninismo, tivemos Trotsky e a Quarta Internacional lutando contra a burocracia estalinista totalitária e pró-imperialista que fazia mal uso da mesma bandeira leninista .

As coisas não são diferentes hoje. Há forças que levantam a bandeira do marxismo e ao mesmo tempo apoiam a ditadura reacionária de Assad contra a revolta popular do povo sírio. Outros ficam de lado e assumem uma posição neutra. E outro campo apoia a Revolução Síria contra Assad. [196] O golpe de Estado militar do general Sisi no Egito em julho 2013 é outro exemplo: as organizações que aderiram formalmente à ideologia do marxismo apoiaram o golpe, e outras apoiaram os protestos em massa contra o exército. [197] Poderíamos continuar com muitos mais exemplos.

Isso não surpreende: à semelhança do passado, numerosas forças oportunistas servem à classe dominante, de forma direta ou indiretamente, usando indevidamente a bandeira do marxismo, do leninismo ou do trotskismo e criando

confusão nas fileiras dos ativistas de vanguarda e revolucionários ativistas em geral. É por isso que é crucial que os revolucionários diferenciem o marxismo autêntico daquele que é feito pelos revisionistas que distorcem nossa bandeira. É por isso que a CCRI sempre enfatizou que os revolucionários devem se opor a qualquer unidade com os socialistas somente com base em “princípios gerais”, mas sem um acordo sobre um programa concreto para a luta de classes internacional. Muito pelo contrário, os revolucionários devem travar uma luta intransigente contra aqueles que servem à classe dominante e que criam confusão entre a vanguarda política ao usar mal o nome do marxismo, do leninismo ou do trotskismo.

Vemos os mesmos fenômenos quando se trata do surgimento da China e da Rússia como potências imperialistas e da rivalidade das Grandes Potências. Demonstramos em capítulos anteriores o caráter imperialista da Rússia e da China. No entanto, na verdade, há numerosos partidos que se autodenominam “marxista-leninistas”, que caracterizam a China como um “estado socialista” ou que pelo menos caracteriza a China de Xi Jinping e a Rússia de Vladimir Putin como “objetivamente anti-imperialistas”. Vamos discutir isso com alguns exemplos neste e nos três capítulos seguintes.

Um número substancial de partidos Estalinistas e bolivarianos elogia a China como uma força “socialista” e “progressista”. O Partido Comunista Sul-Africano (PCAS), parte do governo de coalizão que administra lealmente o país a serviço dos capitalistas monopolistas desde 1994, mantém conexões estreitas com o irmão chinês há muito tempo. Aqui está o que Benedict Anthony Duke Martins, um líder do PCAS, disse recentemente sobre *“a orientação do pensamento de Xi Jinping sobre o socialismo com características chinesas para uma nova era”* (uma frase favorita dos ideólogos oficiais chineses):

*“Como membro do Birô Político e do Comitê Central do Partido Comunista da África do Sul (PCAS), Benedict Anthony Duke Martins elogiou a orientação do pensamento de Xi Jinping sobre o socialismo com características chinesas para uma nova era e seu efeito modelador nos partidos comunistas em outros países, incluindo o seu. “Benefícios mútuos existem entre a África do Sul e a China”, disse Martins. “A cooperação entre os dois partidos comunistas subirá para um nível mais alto.” Apreendendo com o estilo único de liderança do Partido Comunista da China (PCC), Martins disse que o socialismo com características “sul-africanas” desenvolveu e irá melhorar continuamente a condição nacional de distribuição de riqueza, igualdade de gênero, financiamento de infraestrutura e outras preocupações sociais. “Durante o período pós-colonial, a África do Sul conseguiu um profundo crescimento nacional que se beneficiou parcialmente do apoio financeiro do seu parceiro comunista chinês”, disse ele. [198]*

Vários partidos stalinistas-maoístas no Nepal seguem a mesma linha. Em uma mensagem parabenizando a liderança do Partido Comunista da China, o presidente do Partido Comunista Unificado do Nepal (Maoísta), Puspa Kamal Dahal Prachanda, disse que *“nós nos sentimos orgulhosos de ver nosso vizinho imediato ter alcançado um notável progresso econômico”* acompanhada de estabilidade política sob a liderança do PCC. *“O mundo está examinando de perto o congresso do*



*PCC, já que os acontecimentos que se desdobram na China terão repercussões diretas no mundo, disse a mensagem, acrescentando acreditar que o resultado do congresso terá O Partido Comunista do Nepal (Maoísta) expressou solidariedade aos esforços feitos pela CPC pela paz, estabilidade e desenvolvimento, tanto no país como no exterior, disse a mensagem. Partido Comunista do Nepal (Unified Marxist Leninist) - Jhala Nath Khanal - disse em uma mensagem que, sob a liderança do PCC, a China registrou grandes progressos e tornou-se a segunda maior economia do mundo. A mensagem dizia que a China construiu com sucesso o socialismo com características chinesas de acordo com as diretrizes básicas estabelecidas pelo camarada Deng Xiaoping.” [199]*

O Partido Comunista de Cuba, que implementou a restauração do capitalismo na ilha nos últimos anos, [200] junta-se ao coro de elogios à “liderança sábia” em Pequim. *“Cuba parabenizou a China por abrigar o 19º Congresso Nacional do Partido Comunista da China, o PCC, em Pequim. “Acreditamos que será um grande sucesso”, disse à mídia chinesa Ulises Guilarte, membro sênior do Partido Comunista de Cuba. “A China é um país que oferece confiança, segurança e, acima de tudo, muita esperança em como construir um mundo melhor em meio a uma ordem econômica internacional caracterizada pela desigualdade, exclusão e interferência de potências imperiais”, acrescentou Guilarte. [201]*

Um elogio semelhante aos governantes da China pode ser ouvido do PSUV bolivariano, o partido governante da Venezuela: *“O Partido Comunista da China (PCC) demonstrou notável liderança que levou o país com sucesso a várias transformações profundas, dizem analistas venezuelanos. Em uma recente entrevista à Xinhua, o especialista em relações internacionais José Antonio Egido disse que o sucesso do PCC e, por extensão, o sucesso da China, está na capacidade do partido de planejar e adaptar suas políticas sem perder de vista seus fundamentais princípios socialistas. “A China viu enormes conquistas no desenvolvimento, tais como ter tirado mais de 700 milhões de pessoas da pobreza”, disse Egido.*

*Earle Herrera, deputado do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) na Assembleia Nacional da Venezuela, acredita que a capacidade do PCC de responder rapidamente às mudanças domésticas e globais decorre de sua capacidade de autocrítica. Para levar a gigante asiática para onde ela está hoje, a liderança do PCC habilmente adaptou as políticas e a gestão às novas circunstâncias. O PCC foi capaz de criar equipes administrativas de alto nível capazes de inventar novas políticas, disse Egido, acrescentando que o partido também sabe quando e onde adotar uma abordagem mais prática. Graças à “autocrítica do partido, o PCC sabe como se renovar quando as circunstâncias políticas e econômicas o exigem”, disse Herrera. [202]*

O Partido Comunista dos EUA pode ser uma força muito menos significativa do que as citadas acima, mas certamente não é menos entusiasta em seu apoio aos governantes imperialistas em roupas “comunistas”. John Bachtell, o presidente do partido, escreve um elogio desavergonhado: *“O PCC é um partido profundamente revolucionário, aplicando criativamente o marxismo à realidade chinesa. Sua abordagem é pragmática, baseada em fatos, autocrítica e auto-reformista. Longe de construir uma economia capitalista, o PCC está traçando um caminho no contexto das realidades da China, guiando o país a alcançar uma sociedade socialista moderna*

*sob condições difíceis extraordinárias e não sem muitos problemas, erros e deficiências, aquele com “características chinesas.”* [203]

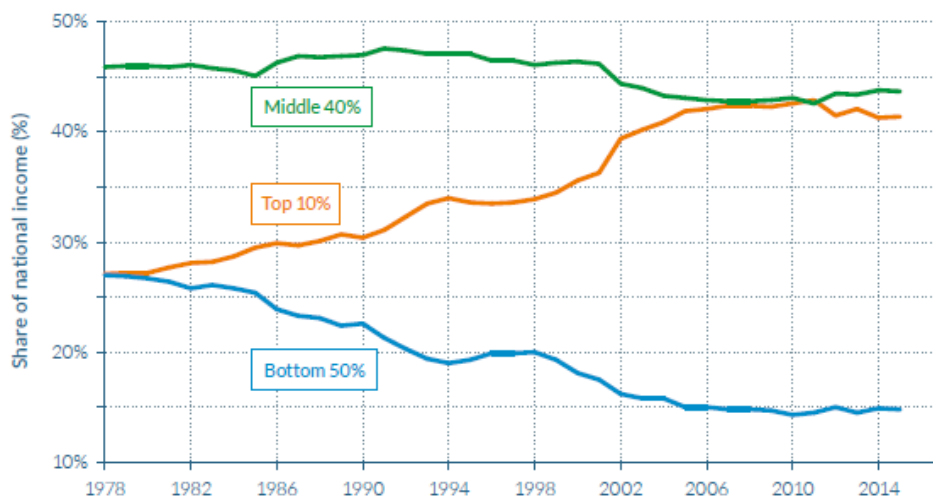
Mesmo periódicos acadêmicos progressistas, como o *Monthly Review*, uma publicação norte-americana que publica frequentemente uma análise cuidadosa das contradições políticas e econômicas do imperialismo, oferece uma plataforma para os bajuladores do imperialismo chinês. Publicou um artigo de Ajit Singh, um advogado indiano e autoproclamado antiimperialista e marxista:

*“Sob a liderança do Partido Comunista, a China sempre se identificou como parte do Terceiro Mundo ou do Sul global e a luta coletiva de nações anteriormente colonizadas e oprimidas contra a desigualdade global forjada pelo imperialismo. (...) Embora a China não seja uma sociedade perfeita e continue a enfrentar muitos desafios, o sistema do socialismo com características chinesas tem sido capaz de responder a uma série de questões urgentes que o mundo enfrenta hoje, melhor do que o sistema capitalista dos EUA”.* [204]

Naturalmente, todos esses elogios não tem nada a ver com a realidade do capitalismo da China, mas sim com um mundo de fantasia. Como mostramos neste livro (e vários outros estudos), o desenvolvimento social e econômico da China nas últimas três décadas foi caracterizado por características muito semelhantes, como outros países capitalistas do mundo. Ao contrário da ideologia socialista oficial, a parte dos salários diminuiu enquanto os lucros para os capitalistas subiram. Como resultado, a parte dos rendimentos dos mais ricos, os 1% mais ricos da população dobraram entre 1980 e 2016, de 7% para 14%. Se tomarmos a parte dos 10% mais ricos, equivalente à burguesia e à classe média alta, vemos a mesma dinâmica. (Veja Quadro 23)

O *Relatório sobre a Desigualdade no Mundo de 2018* analisou e comparou esses desenvolvimentos. Ele concluiu que *“a parcela da renda nacional total representada pelos 10% dos principais produtores (top 10% de participação) era de 37% na Europa, 41% na China, 46% na Rússia, 47% nos EUA e Canadá, e cerca de 55% na África Subsaariana, no Brasil e na Índia. No Oriente Médio, a região mais desigual do mundo, de acordo com nossas estimativas, os 10% mais ricos capturam 61% da renda nacional”.* [206] Esse é um desenvolvimento surpreendente, especialmente se tivermos em mente que menos de três décadas atrás o capitalismo não existia na China e na Rússia! Hoje, a desigualdade nesses dois países é basicamente maior do que nos antigos estados capitalistas da Europa e quase tanto quanto na América do Norte.

Como afirmamos repetidamente, a criação de tal classe de capitalistas, incluindo capitalistas monopolistas, não é um processo “acidental”, ou seja, contrária à intenção do regime do PC chinês. Muito pelo contrário, o regime chinês estimulou deliberadamente esse processo por décadas. O relatório do UBS / PwC mencionado acima, do qual reproduzimos dados sobre o enorme crescimento do número de bilionários na China, confirma esta verdade mais uma vez.

**Quadro 23. Parcela dos rendimentos na China, 1978-2015 [205]****Income shares in China, 1978-2015**

O relatório cita os principais banqueiros ocidentais que enfatizam a importância do apoio do governo para o processo de acumulação capitalista. Josef Stadler, diretor de Ultra High Net Worth da UBS Global Wealth Management, comentou o último relatório: “Na última década, os bilionários chineses criaram algumas das maiores e mais bem-sucedidas empresas do mundo, elevando os padrões de vida. Mas isso é apenas o começo. A vasta população da China, a inovação tecnológica e o crescimento da produtividade combinados com o apoio do governo, estão proporcionando oportunidades sem precedentes para os indivíduos não apenas construírem empresas, mas também para mudar a vida das pessoas para melhor.” Outro pesquisador, Dr. Marcel Widrig, Sócio e Líder Privado de Riqueza, PwC, comentou: “Nosso relatório revela como a China é atualmente o principal país para os empresários com o objetivo de criar riqueza. Em nenhum outro lugar há a mesma combinação de enorme população, inovação tecnológica e apoio governamental”.

Não é de surpreender que os capitalistas monopolistas da China compartilhem dessa visão. Um bilionário chinês disse aos pesquisadores do relatório da UBS / PwC: “Em nenhum outro lugar do mundo você pode encontrar melhores condições para o crescimento do que na China. O progresso contínuo da criação de riqueza é apoiado por políticas governamentais que liberam a economia, enquanto a urbanização e a ruptura do modelo de negócios criam novos e poderosos empreendedores”. [207]

Outra evidência da fusão do partido estatal e dos capitalistas monopolistas da China é o fato de que os milionários são oficialmente autorizados a se tornarem membros do Partido “Comunista”. Por exemplo, o maior capitalista do país, Jack Ma, presidente do gigante chinês de comércio eletrônico Alibaba Group

Holdings Ltd., tornou-se membro do PCC. [208]

Também é característico que a Liga da Juventude Comunista - a organização juvenil do partido no poder - esteja anunciando o slogan “*Siga o nosso partido, comece o seu negócio*”. [209]

Até mesmo a constituição da China revela que os propagandistas estalinistas de um estado operário “socialista” ou “deformado” estão claramente vivendo em uma realidade virtual *absurda*:

*“Artigo 11: Os setores não públicos da economia, como os setores individual e privado da economia, operando dentro dos limites prescritos pela lei, constituem um componente importante da economia de mercado socialista. O Estado protege os direitos e interesses legítimos dos setores não públicos da economia, como os setores individual e privado da economia. O Estado incentiva, apoia e orienta o desenvolvimento dos setores não públicos da economia e, de acordo com a lei, exerce a supervisão e controle sobre os setores não públicos da economia. (...)*

*Artigo 13: A propriedade privada legal dos cidadãos é inviolável. O Estado, de acordo com a lei, protege os direitos dos cidadãos a propriedade privada e a sua herança. O Estado pode, no interesse público e de acordo com a lei, fazer expropriação ou requisição de propriedade privada para seu uso e compensação pela propriedade privada desapropriada ou requisitada.”* [210]

Toda a noção de um *sistema de mercado socialista* é bizarra, porque o socialismo é economia globalmente planejada. Restantes propriedades privadas menores na economia, que existirão nos estágios iniciais do estado operário, estão subordinadas ao plano socialista, em que vão murchar até alcançar o comunismo em tempo integral. É verdade que o Artigo 13 da Constituição da China menciona a possibilidade da requisição de propriedade privada em “interesses públicos”. No entanto, tais políticas eram comuns para as economias capitalistas no século XX em tempos de grave crise econômica.

## **A China é um caso Único de Milagre Capitalista?**

Como vimos acima, os estalinistas gostam de justificar seu elogio pela classe dominante chinesa, referindo-se ao rápido crescimento econômico do país nas últimas décadas. [211] No entanto, o que eles escondem é o fato de que esse crescimento foi baseado *na acumulação capitalista primitiva e na emergência de uma classe de capitalistas, incluindo capitalistas monopolistas*. Isso é comprovado não apenas pelos números que demonstram a ascensão da elite rica mencionada acima. Também é óbvio quando se reconhece o fato de que o crescimento espetacular da economia chinesa foi acompanhado de um crescimento espetacular de seu setor capitalista privado. De acordo com um estudo publicado pelo Banco Mundial e o Centro Chinês de Pesquisa para o Desenvolvimento do Conselho de Estado em 2013, cerca de 70% do PIB do país, bem como do seu nível de emprego, estão localizados nos setores não-estatais. A participação do setor estatal no número total de empresas industriais (com vendas anuais acima de 5 milhões

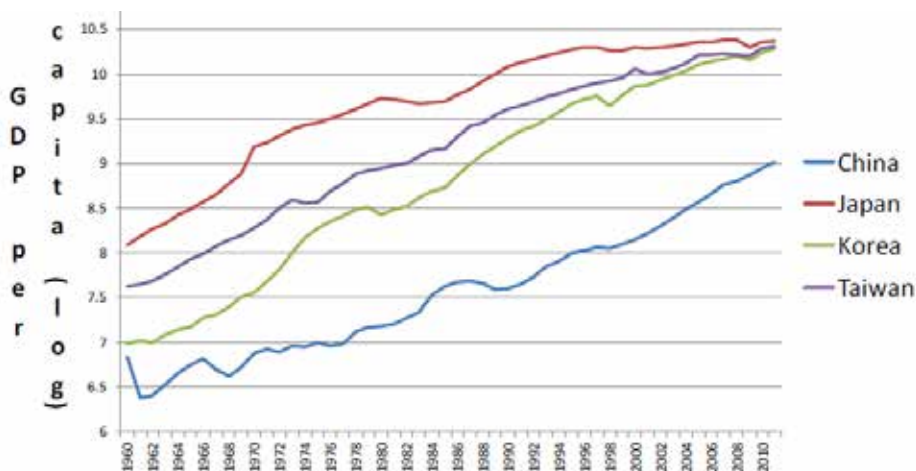
de RMB) caiu drasticamente de 39,2% em 1998 para 4,5% em 2010. Durante o mesmo período, a participação de empresas estatais no total de ativos industriais caiu de 68,8% para 42,4%, enquanto sua participação no nível de emprego declinou de 60,5% para 19,4%. [212] Desde então, esse processo foi muito além.

De acordo com o livro de Arthur Kroeber sobre a economia da China, a participação do setor estatal continuou a diminuir nos últimos anos. Ele estima que “a participação das estatais no nível de emprego urbano continua a cair e, em 2013, registrou uma baixa histórica de 17%”. Ele também calcula que “a participação do estado na produção industrial (com base no valor agregado) é de cerca de 25%”. [213] Kroeber conclui: “A economia da China é, em grande parte, uma história de sucesso do setor privado, e sua capacidade de manter um rápido crescimento no futuro dependerá principalmente de empresas privadas.” [214]

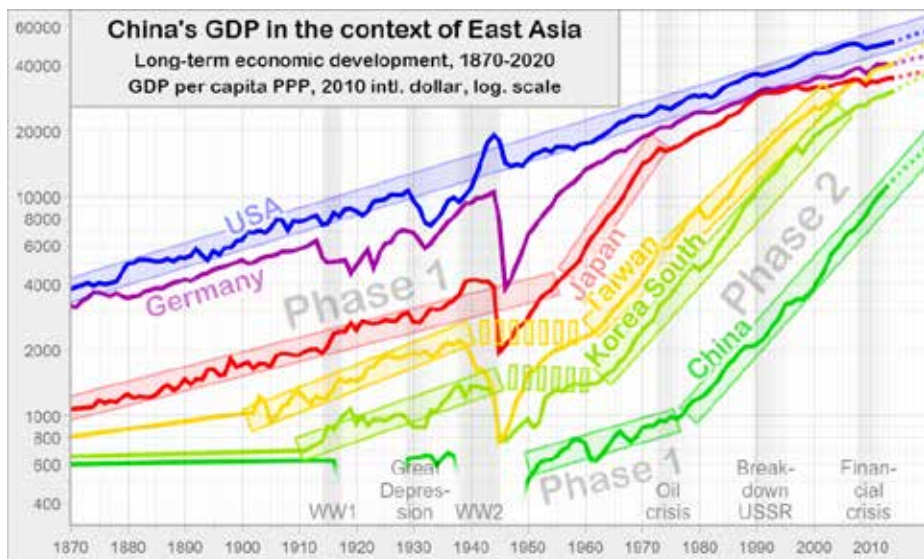
Liu He, principal conselheiro econômico do presidente Xi da China, estima que o “setor privado do país gera 60% da produção do país, 70% da inovação tecnológica e 90% dos novos empregos”. [215]

Além disso, esses defensores da Cortina de fumaça pró-chineses “esquecem” (ou querem que outros esqueçam) que períodos de rápido crescimento econômico não indicam em si o caráter socialista de um dado país. É verdade que a China viveu um período de rápido crescimento econômico desde os anos 80. De acordo com um estudo, o PIB per capita anual da China subiu de US \$ 1.300 em 1980 para US \$ 7.700 em 2010, um aumento de quase 500%. [216]

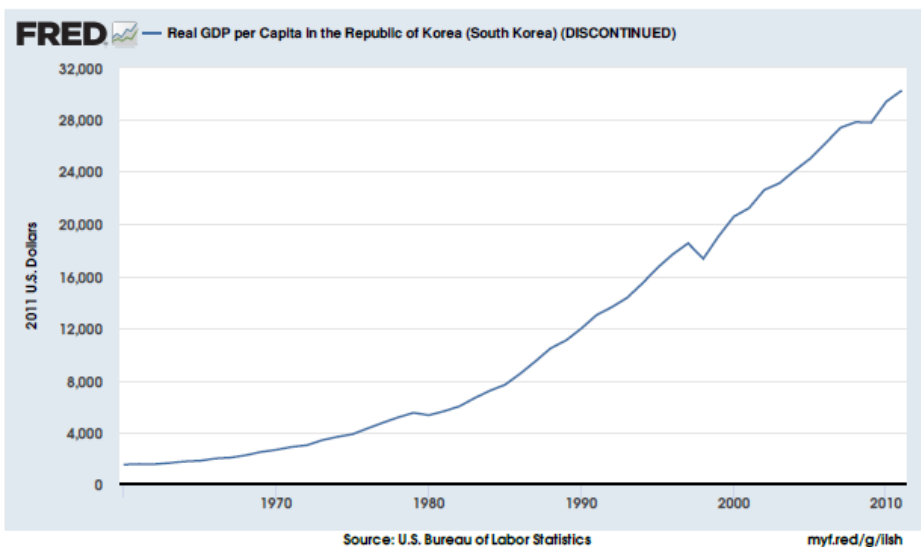
**Quadro 24. PIB per capita na China e vizinhos da Ásia Oriental 1960-2011 [220]**



Quadro 25. Crescimento de longo prazo da China e leste da Ásia, 1870-2020 [221]



Quadro 26. PIB real per capita na Coreia do Sul, 1960-2011 [222]



Esta é certamente um número impressionante. Mas outros estados capitalistas, geralmente países com regimes autoritários e reacionários, fizeram experiências muito semelhantes. Temos em mente os chamados Dragões Asiáticos, ou seja, países como a Coreia do Sul e Taiwan. Esses países registraram taxas de crescimento por décadas semelhantes às da China. (Veja os quadros 24 e 25). [217]

E se olharmos novamente para a Coreia do Sul em detalhes, vemos que em 1950, seu PIB per capita era de cerca de US \$ 850. [218] Em 1960, já havia aumentado para US \$ 1.537. No ano de 1990, o PIB per capita da Coreia do Sul já estava em 11.985 - em outras palavras, havia aumentado quase oito vezes nas três décadas anteriores. (Ver Quadro 26) Outras fontes chegam a afirmar uma taxa de crescimento mais alta. [219]

Assim, quando os ardorosos defensores estalinistas da classe dominante de Pequim justificam seu apoio ao “socialismo” da China referindo-se ao seu impressionante crescimento econômico, eles teriam, conseqüentemente, que louvar também as ditaduras militares capitalistas em Taiwan e na Coreia do Sul ou a classe governante imperialista no Japão!

Em resumo, a cortina de fumaça estalinista do capitalismo chinês como uma espécie de paraíso socialista é uma das falsificações mais bizarras da história moderna. Isto é nada além de uma arma de desinformação a serviço dos imperialistas chineses (e russos).

## **Os Estalinistas russos: Falta de Compreensão do Imperialismo em seu Próprio País**

Permita-nos observar brevemente a posição de alguns partidos estalinistas na Rússia sobre o caráter de classe de “sua” Grande Potência. O maior partido estalinista é o *Partido Comunista da Federação Russa* (KPRF), liderado por Gennady Zyuganov. É um partido burguês-populista que sempre considerou a Rússia como sua “pátria” e que a vê como ameaçada por imperialistas estrangeiros. Claramente, eles nunca considerariam a Rússia como uma Grande Potência imperialista. Muito pelo contrário, o objetivo abertamente anunciado é recriar a URSS e unir todas as minorias russas que vivem no exterior em um único Grande Império Russo (veja mais sobre isso abaixo).

O *Partido dos Trabalhadores Comunistas da Rússia - Partido Revolucionário dos Comunistas* (RKRP-RPK), liderado por Viktor Tyulkin, tem uma posição mais diferenciada. Este partido reconhece o caráter imperialista da Rússia, de fato, elaborou uma análise detalhada e bem informada do capitalismo monopolista da Rússia (que está muito acima da análise de muitos pseudo-trotskistas ocidentais!). Refere-se às vezes à China como um estado imperialista. Viktor Tyulkin afirma em um documento: “*A política externa de Putin está ligada aos interesses do capital russo. O imperialismo russo ainda é jovem. No entanto, está bem estabelecido e tem um bom apetite. Enfrenta a competição na arena mundial de oponentes*”

*tes muito maiores e experientes como os EUA e a UE. (...) Rússia e China como países imperialistas formam algum tipo de união (incluindo os BRICS) ...” [223]*

O problema, como veremos a seguir, com a RKRK é que, como bons e velhos estalinistas, eles tiram as conclusões dessas análises dizendo que se tem que se aliar ao “mal menor” - os imperialismos russo e chinês - contra o “mal maior”, as Grandes Potências ocidentais! Eles estão repetindo mais ou menos o esquema dos estalinistas nos anos 1930: Naquela época, Moscou e seus lacaios internacionais estavam preparados, embora raramente, para chamar a Inglaterra, a França e os EUA de imperialistas. No entanto, o estalinismo considerou-os como “bons” imperialistas (“democráticos”, “antifascistas”, etc.) que eram potenciais aliados na luta contra os imperialistas “realmente maus” (nazistas-Alemanha e seus aliados).

Desnecessário dizer que esse lixo ideológico foi roubado do arsenal do revisionismo internacional que foi usado para justificar por que os social-democratas britânicos, franceses e norte-americanos foram “obrigados” a se unir à sua burguesia contra as “monarquias reacionárias” da Alemanha, Áustria e Turquia. E, usando a mesma lógica reformista nacional, os social-democratas alemães argumentaram que tinham que defender “sua pátria superior cultural” contra os “russos tártaros”.

Vale ressaltar que, quando os interesses da política externa de Moscou mudaram, toda a ideologia hipócrita foi virada de cabeça para baixo. Entre 1939 e 1941, durante o período do Pacto Hitler-Stalin, o fogo estalinista se concentrou no imperialismo ocidental “plutocrático”, enquanto a Alemanha nazista “amante da paz” foi tratada com muito mais cautela. De fato, Moscou entregou um número de comunistas alemães e austríacos à Gestapo (entre eles o fundador do Partido Comunista Austríaco Franz Koritschoner ou a comunista alemã Margarete Buber-Neumann [224]). Da mesma forma, vários partidos estalinistas na França, Dinamarca, etc. se aproximaram dos ocupantes alemães e procuraram possibilidades de colaboração. [225] Nesse período, o estalinismo denunciou a Grã-Bretanha e a França como “brutais mestres coloniais” que oprimiam os povos da Ásia e da África.

É claro que, quando os nazistas invadiram a URSS em junho de 1941 - para surpresa total de Stalin e Molotov - tudo mudou novamente. [226] A Grã-Bretanha e a França já não eram consideradas imperialistas opressores, mas antes aliados antifascistas democráticos. Hipocrisia política, confusão ideológica e manobras inescrupulosas eram certamente o principal negócio do estalinismo!

Naturalmente, esse colapso com um campo de imperialistas contra o outro está em completo contraste com os princípios do marxismo! Não pode haver justificativa para camuflar um campo como “menos agressivo” ou “mais progressivo” do que o outro (e ainda menos justificativa para trocar esses atributos a cada poucos anos)! Trotsky, seguindo a abordagem de Lênin, insistiu que é o caráter de classe de um determinado estado e seus objetivos, que são decisivos para a abordagem dos marxistas.



*“O imperialismo camufla seus próprios objetivos peculiares - apreensão de colônias, mercados, fontes de matéria-prima, esferas de influência - com ideias como “salvaguardar a paz contra os agressores”, “defesa da pátria”, “defesa da democracia” etc. Essas ideias são falsas de um lado para o outro. É dever de todo socialista não apoiá-lo, mas, pelo contrário, desmascará-los perante o povo. “A questão de qual grupo deu o primeiro golpe militar ou primeiro declarou guerra”, escreveu Lênin em março de 1915, “não tem importância alguma na determinação das táticas dos socialistas. Frases sobre a defesa da pátria, repelindo a invasão do inimigo, conduzindo uma guerra defensiva, etc., são dos dois lados uma completa decepção do povo”. “Durante décadas”, explicou Lênin, “três bandidos (a burguesia e os governos) da Inglaterra, Rússia e França) se armaram para despojar a Alemanha. É surpreendente que os dois bandidos (Alemanha e Áustria-Hungria) tenham lançado um ataque antes que os três bandidos conseguissem obter as novas facas que haviam encomendado? “O significado histórico objetivo da guerra é de importância decisiva para o proletariado: Qual é a classe conduzindo isso? e por causa de quê? Isso é decisivo, e não os subterfúgios da diplomacia por meio dos quais o inimigo sempre pode ser retratado com sucesso perante as pessoas como um agressor”. [227]*

Outro partido estalinista é o *Partido Comunista Unido (OKP)*, fundado em 2014 e liderado por Vladimir Lakeev e Darya Mitina. Este partido recusa-se a caracterizar a Rússia como um estado imperialista. Sem o socialismo, dizem os líderes da OKP, a Rússia está condenada a ser um país “periférico” e “colonial”. Assim, o OKP elabora um documento sobre o “*capitalismo periférico russo, enfraquecido pelas sanções internacionais (...)* Uma análise marxista das relações internacionais contemporâneas mostra: A Rússia pode ser mais uma vez “o elo fraco” na cadeia do imperialismo. (...) A escolha que a história nos deixa é simples: ou o socialismo ou uma queda ainda maior no abismo da desindustrialização, desintegração e colonização”. [228]

Apesar dele não ser estalinista, vale a pena mencionar Boris Kagarlitsky, que é um intelectual proeminente da esquerda na Rússia e internacionalmente. É coordenador do projeto *Crise Global do Instituto Transnacional* e Diretor do *Instituto de Globalização e Movimentos Sociais (IGSO)* em Moscou. Além disso, ele também é editor da revista online *Rabkor* (Correspondência dos Trabalhadores). O Kagarlitsky também possui relações de longa data com o *Rosa Luxemburg Stiftung*, o think tank (grupo de reflexão) oficial do LINKE alemão.

Como Kagarlitsky não representa um partido, suas relações são mais comuns entre as empresas russas e também entre as esquerdistas ocidentais. Basicamente, Kagarlitsky e as forças próximas a ele compartilham da análise da chamada “*Teoria do Sistema Mundial*”, que vê o mundo como um centro das Grandes Potências Ocidentais. Tal teoria se encaixa confortavelmente com a finalidade de suavizar o imperialismo russo. Portanto, Kagarlitsky não reconhece a Rússia como um estado imperialista, mas sim como um “*estado capitalista periférico*” comparável a outros países semicoloniais como o México ou a Índia. Tal ele escreveu no seu livro *Empire of Periphery (Império da Periferia)*:

*“A sociedade russa no limiar do século XXI, apesar de todas as suas peculiaridades pós-soviéticas, assumiu todos os traços característicos do capitalismo periférico e estava*

*obedecendo a lógica desse sistema.” [229]*

*“... o desenvolvimento do capitalismo russo tinha um caráter periférico óbvio”. [230]*

*“A posição periférica do Estado russo criou uma necessidade de autoafirmação nacional, assim como em outros países da periferia, desde o México à Índia.” [231]*

Notamos de passagem que Kagarlitsky, neste livro, que cobre a história da Rússia, recusa-se a caracterizar a Rússia antes de 1917 como um estado imperialista. Em suma, temos outra vitrine de revisionismo histórico e reabilitação atual do caráter de classe imperialista da Rússia.

A mesma posição é compartilhada por outros pensadores ecléticos do sistema mundial, como Alexander Buzgalin e Ruslan Dzarasov. [232] Dzarasov nega explicitamente, em seu livro *O Enigma do Capitalismo Russo*, o caráter imperialista da Rússia. Ao contrário, ele afirma: *“O capitalismo russo pertence à periferia (mais precisamente à semi-periferia) do capitalismo mundial”*. [233] Não surpreende que Dzarasov, como outros revisionistas (por exemplo, Roger Annis, PO / CRFI), também negue o caráter imperialista da Rússia czarista antes de 1917: *“A Rússia czarista exibia as características típicas de uma sociedade periférica, que via o capital ocidental como um dos principais força motriz para sua própria industrialização”*. [234]

## **O Ultra-Estalinista CPGB-ML: Rússia e China são “Anti-Imperialistas” ?**

Outro exemplo particularmente grosseiro do estalinismo moderno é o chamado Partido Comunista da Grã-Bretanha (*marxista-leninista*). Este grupo combina a veneração de Stalin e Mao com a avaliação acrítica de Kaddafi, Assad e do regime norte-coreano.

Não surpreende, portanto, que o CPGB-ML também valorize o papel da Rússia e da China como *“progressista e anti-imperialista”*. Eles afirmam que a Rússia é governada por uma burguesia nacional e patriótica que impediu a interferência do imperialismo: *“A burguesia nacional russa retomou o controle das alavancas mais importantes da economia do país e está determinada a manter o controle em seu interesse nacional. É evidente que não deseja tornar-se meramente um facilitador para a pilhagem e superexploração imperialista.”* [235]

Embora até o CPGB-ML não possa negar o avanço do capitalismo na China, ele afirma que o Reino Médio ainda é governado por um *“governo popular”* (socialista): *“Embora várias décadas de socialismo de mercado tenham enfraquecido o setor estatal e reintroduzido o anarquia da produção de commodities na economia da China, o país ainda é administrado por um governo popular que é capaz de exercer o controle sobre as alavancas do que resta do setor estatal no interesse do povo chinês, permitindo-lhe realizar consideravelmente O mais longo prazo de planejamento do que qualquer um dos estados imperialistas em crise possa administrar”*. [236]

Portanto, esses ultra-estalinistas consideram o papel global do regime de Putin e Xi como altamente progressivo. Em uma resolução adotada em seu último congresso, o PCGB-ML elogia as novas potências imperialistas orientais:

*“O Congresso observa ainda que o papel desempenhado tanto pela Rússia quanto pela China no mundo hoje é progressista e anti-imperialista - como mostra a transferência tecnológica da China e a construção de infraestrutura nos países em desenvolvimento, por exemplo, pela assistência militar russa ao povo sírio. em sua luta contra uma invasão jihadista apoiada pelo imperialismo, ou pelo papel de ambos os países na formação de blocos comerciais (como o Brics ou o SCC) que contornam os mecanismos de controle imperialistas. Este congresso acredita que, mesmo sem ações abertamente anti-imperialistas como as mencionadas acima, a Rússia e a China ganharam a inimizade do imperialismo simplesmente mantendo sua própria independência nacional e recusando-se a submeter seus povos, mercados e recursos naturais ao controle imperialista. O Congresso acredita ainda que nem a Rússia nem a China têm intenções agressivas ou expansionistas, e que todo o seu desenvolvimento militar tem como objetivo ajudá-los a evitar um ataque imperialista ou prepará-los para se defenderem no caso de um ser lançado”. [237]*

Sem dúvida, este é um exemplo perfeito de uma vergonhosa colorização “anti-imperialista” das potências imperialistas!

Finalmente, vamos mencionar, de passagem, que existem também alguns grupos pseudo-marxistas que chegam a conclusões semelhantes como os estalinistas. Exemplos disso são o Partido Mundial dos Trabalhadores, em inglês -WWP e o PSL nos EUA, bem como alguns “trotskistas” (ou, digamos, caricaturas do trotskismo). Tais seitas estalinófilas como o epartaquista ICL, a IBT ou a IG / LFI de Jan Norden afirmam que a China ainda é - mais de um quarto de século após a restauração capitalista! - um “estado operário degenerado”! Eles também sugerem que a Rússia não é um estado imperialista. O *World Socialist Website* (WSWS) chegou a publicar uma polêmica contra a CCRI dedicada a um ataque calunioso contra a caracterização que temos da China e da Rússia como sendo potências imperialistas. [238] Como os Bourbons da França, essas pessoas não aprenderam nada e não esqueceram nada!

## Notas de rodapé

194) Leon Trotsky: Uma análise dos slogans e das diferenças, em: Leon Trotsky: o desafio da oposição esquerda 1923-25, New York 1975, p. 390

195) Veja por exemplo Michael Pröbsting: Perspectivas do mundo 2018, pp. 107-108, <https://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2018/>

196) Para a análise do RCIT da revolução Síria ver uma série de livretos, declarações e artigos sobre a revolução Síria, que pode ser lido em uma subseção especial em nosso site: <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/collection-of-articles-on-the-syrian-revolution/>. Em particular, referimo-nos a Michael Pröbsting: está revolução Síria no seu fim? É o terceiro Campo Abstencionista Justificado? Um ensaio sobre os órgãos do poder popular na área liberada da Síria, sobre o caráter dos diferentes setores dos rebeldes sírios, e sobre o fracasso dos esquerdos que desertaram a revolução Síria, 5 Abril 2017, <https://www.thecommunists.net/theory/syrian-revolution-not-dead/e> capítulo V de Michael Pröbsting: Perspectivas Mundiais 2018: Um Mundo Grávido

com Guerras e Revoltas Populares, fevereiro 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/worldperspectives-2018/chapter-v/>. Embora não concordemos com todos os aspectos de suas análises, o socialista australiano Michael Karadjis também publicou uma série de artigos perspicazes sobre a revolução Síria no site <https://mkaradjis.wordpress.com/>.

197) Veja no Golpe no Egito as indicações numerosas e os artigos do RCIT publicaram na seguinte Subseção de nosso Web site: <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/>. Em particular, referimo-nos a um panfleto abrangente sobre esta questão por Michael Pröbsting: o Golpe de Estado no Egito e da Falência do “socialismo do exército” da Esquerda, agosto 2013, <https://www.thecommunists.net/theory/egypt-and-left-army-socialism/>. Veja também Yossi Schwartz: Egito: o Apoio dos EUA para o Golpe Militar e a Ignorância da esquerda, 11.7.2013, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/egypt-us-support-for-military-coup/>

198) Interesses mútuos fortalecem as relações África do Sul-China, 2018-May-29, [http://www.szdaily.com/content/2018-05/29/content\\_21019455.htm](http://www.szdaily.com/content/2018-05/29/content_21019455.htm)

199) Os Líderes dos Partidos do Mundo felicitam China no Congresso do CPC, 2012/11/08, <http://dm.china-embassy.org/eng/zt/sbd/t987943.htm>

200) Sobre a restauração capitalista em Cuba Veja por exemplo Michael Pröbsting: Revolução de Cuba Vendida? A Estrada da Revolução à Restauração do Capitalismo, agosto 2013, <https://www.thecommunists.net/theory/cuba-s-revolution-sold-out/>

201) Cuba Felicita China no Congresso do partido comunista, 18 outubro 2017 <https://www.telesurtv.net/english/news/Cuba-Congratulates-China-on-Communist-Party-Congress-20171018-0029.html>

202) Xinhua: Roundup: Analistas venezuelanos dizem que o partido comunista da liderança da China é notável, 2016-07-11, [http://www.xinhuanet.com/english/2016-07/11/c\\_135504402.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2016-07/11/c_135504402.htm)

203) John Bachtell: Uma Nova Era para o Socialismo da Construção com Características Chinesas’, junho 14, 2018, <http://www.cpusa.org/article/a-new-era-for-building-socialism-with-chinese-characteristics/>

204) Ajit Singh: Ascensão de China Ameaça Imperialism dos E.U., não ameaça o povo americano, Monthly Review Online, abril 09, 2018, <https://mronline.org/2018/04/09/chinas-rise-threatens-u-s-imperialism-not-american-people/>; Ver também, pelo mesmo autor: uma nova era para a China socialista, 24 de outubro de 2017, <https://www.telesurtv.net/english/opinion/A-New-Era-for-Socialist-China-20171024-0008.html>; Índia e China: Rivals ou Potenciais Parceiros na Libertação? 2 de novembro de 2017, <http://www.hamptoninstitution.org/india-and-china.html>

205) World Inequality Report 2018, p. 108

206) Facundo Alvaredo, Lucas chancel, Thomas Piketty, Emmanuel Saez, Gabriel Zucman: relatório de desigualdade mundial 2018, p. 9

207) Citado no South China Morning Post: China fazendo dois bilionários a cada semana como super ricos do mundo se tornam mais rico do que nunca, relatório revela, 26 outubro, 2018, <https://www.scmp.com/news/world/united-states-canada/article/2170348/china-making-two-billionaires-every-week-worlds>

208) Por que a China Comunista é o Lar de Tantos Bilionários, 29 de novembro de 2018, <http://fortune.com/2018/11/29/communist-china-billionaires-jack-ma/>

209) Josh Horwitz: O Partido Comunista de China é tudo dentro do poder da tecnologia, outubro 25, 2017, <https://qz.com/1102948/chinas-communist-party-is-all-in-on-the>

- power-of-technology-and-thats-tricky-for-its-tech-giants/?fbclid=IwAR3F7pagTdownL-CempaER6LSBBUEu4wN1P66YArkLh7SXKIA0gWy4GMUv3x4
- 210) Constituição da República Popular da China, [http://www.npc.gov.cn/englishnpc/Constitution/2007-11/15/content\\_1372963.htm](http://www.npc.gov.cn/englishnpc/Constitution/2007-11/15/content_1372963.htm)
- 211) Veja por exemplo John Ross: por que China e Índia Crescem tão Rapidamente? Investimento estatal, 29 de agosto de 2016, [http://www.huffingtonpost.com/john\\_ross/china-india-growth\\_b\\_11655472.html](http://www.huffingtonpost.com/john_ross/china-india-growth_b_11655472.html); John Ross: os modelos de crescimento econômico asiáticos e chineses-implicações de resultados modernos no crescimento econômico, 2009-09-08, <http://socialisteconomicbulletin.blogspot.com/>
- 212) O Banco Mundial, Centro de Pesquisa de Desenvolvimento do Conselho Estadual, a República Popular da China: China 2030. Construindo uma Sociedade de Alta Renda Moderna, Harmoniosa e Criativa, Washington 2013, p. 104
- 213) Arthur R. Kroeber: Economia da China. O que todo mundo precisa saber, Oxford University Press, New York 2016, p. 100 e 101
- 214) *Ibid.*, p. 105
- 215) Bloomberg: China Construiu uma Economia Global em 40 anos. Agora Ela Tem Um Novo Plano, 16 de dezembro 2018, <https://www.bloomberg.com/news/features/2018-12-15/president-xi-jinping-s-next-moves-dictate-china-s-economic-future?srnd=premium-europe>
- 216) Jingyi Jiang e Kei-MU Yi: O Quanto rica se tornará a China? Um cálculo simples baseado na experiência de Coreia do Sul e de Japão, banco de Reserva Federal de Minneapolis, em: a região, junho 2015, p. 8. Veja também Brian Wang: desenvolvimento de China comparado a Japão, a Coreia do Sul e a Formosa, março 31, 2014 <https://www.nextbigfuture.com/2014/03/china-development-compared-to-japan.html>
- 217) Nós analisamos a característica específica do processo de modernização capitalista da Coreia do Sul e Taiwan em um estudo especial: Michael Pröbsting: der kapitalistische Aufholprozeß em Südkorea und Taiwan; em: *Revolucionärer Marxismus* Nr. 20 (1996), <https://www.thecommunists.net/theory/kapitalismus-in-suedkorea-taiwan/>. Uma versão abreviada deste artigo apareceu como “desenvolvimento capitalista na Coreia do Sul e Taiwan” em: *Trotskyist International* no. 21 (1997), <https://www.thecommunists.net/theory/capitalism-in-south-korea-taiwan/>
- 218) David Dollar: Rebalançamento da China: Lições da História Econômica do Leste Asiático, The Brookings Institution, Working Paper Series, October 2013, p. 5
- 219) Otto Kolbl: Desenvolvimento chinês, <http://www.rainbowbuilders.org/china-entwicklung/>
- 220) Paulina Restrepo-Echavarría e Maria A. Arias: Tigers, Tiger Cubs and Economic Growth, May, maio 25, 2017 <https://www.stlouisfed.org/on-the-economy/2017/may/tigers-tiger-cubs-economic-growth>
- 221) O professor Kwan S. Kim estima que o PIB real da Coreia do Sul cresceu nas taxas médias anuais no período de 1962-1979. Em termos de real per capita, o crescimento foi em um aumento de 18 vezes para \$1481 em 1980 a partir de \$87 em 1962. (Professor Kwan S. Kim: o milagre coreano (1962-1980) revisitado: mitos e realidades em estratégia e desenvolvimento, Instituto Kellogg da Universidade de Notre Dame, documento de trabalho #166, novembro de 1991, p. 5)
- 222) U.S. Secretaria de estatísticas do trabalho, real PIB per capita na República da Coreia do Sul, recuperado do FED, Federal Reserve Bank of St. Louis; <https://fred.stlouisfed.org/series/KORRGDP>, 17 de setembro de 2018. O cálculo é baseado em 2011 dólares

dos EUA, não ajustado sazonalmente.

223) Viktor Tyulkin: Some words on the Russian imperialism, 09.10.2017, <https://tkrp-rpk.ru/2017/10/09/%D0%BD%D0%B5%D1%81%D0%BA%D0%BE%D0%BB%D1%8C%D0%BA%D0%BE-%D1%81%D0%BB%D0%BE%D0%B2-%D0%BE-%D1%80%D0%BE%D1%81%D1%81%D0%B8%D0%B9%D1%81%D0%BA%D0%BE%D0%BC-%D0%B8%D0%BC%D0%BF%D0%B5%D1%80%D0%B8%D0%B0%D0%BB/> (nossa tradução)

224) Veja por exemplo Margarete Buber-Neumann: ALS Gefangene BEI Stalin und Hitler, Seewald Verlag, Estugarda 1985

225) Uma série de livros foram publicados sobre a política estalinista no período do Pacto de Hitler-Stalin. Um número de originais foi publicado em Raymond James Sontag e James Stuart Beddie (Ed.): relações nazi-soviéticas, 1939-1941. Originais dos arquivos do escritório estrangeiro alemão, departamento de estado, 1948. Muitos documentos dos partidos estalinistas neste período tornaram-se públicos apenas após 1989. Muitos deles foram recolhidos no livro de língua alemã: Bernhard H. Bayerlein. Der Verräter, Stalin, BIST du! Vom Ende der Linken Solidarität 1939-1941. Komintern und Kommunistische Parteien im zweiten Weltkrieg, Aufbau Verlag, Berlim 2009; outra documentação é: J. W. Brügel: Stalin und Hitler. Europaverlag, Wien 1973. Veja também: Bisovsky, Gerhard, und Robert Streibel de Hans Schafranek (Ed.): der Hitler-Stalin-pAKT, Verlag: Picus Verlag, 1990.

226) A reação de Molotov, Ministro estrangeiro de URSS naquele tempo, ao embaixador alemão, quando o último informou formalmente Moscovo em 22 junho 1941 que Berlim tinha declarado a guerra, é característico. Ele estava profundamente ferido e respondeu enfurecido: “*nós não merecemos isso!*” (Fonte: Bernhard H. Bayerlein. Der Verräter, Stalin, BIST du! p. 365) Sim, de fato, como os estalinistas esperavam que os nazistas tratem seus aliados de Moscou tão ingratos?!

227) Leon Trotsky: Lenin Sobre Imperialismo (1939), em: Escritas de Leon Trotsky, Vol. 1938-39, imprensa do Pathfinder, New York 1974, pp. 165-166

228) Заявление Президиума ЦК ОКП: мы отвергаем территориальные уступки, осуществленные против воли трудящихся, 21 Дек. 2016 [http://ucp.su/category/news/683-my-otvergaem-territorialnye-ustupki-osushestvlyenny/\(declaração](http://ucp.su/category/news/683-my-otvergaem-territorialnye-ustupki-osushestvlyenny/(declaração) do Presidium do CC OKP: Rejeitamos concessões territoriais feitas contra a vontade dos trabalhadores, 21 de dezembro de 2016) (nossa tradução)

229) Boris Kagarlitsky: Império da Periferia. Rússia e o Sistema Mundial, imprensa de Pluto, Londres 2008, p. 305

230) Ibid, p. 307

231) Ibid, p. 319

232) Sem surpresa, os imperialistas pró-russos ocidentais como o ex-Trotskyista canadense Roger Annis são favoráveis referindo-se a pensadores como Ruslan Dzarasov. Veja, por exemplo, Renfrey Clarke e Roger Annis: o mito do ‘ imperialismo russo ‘: em defesa das análises de Lenin, links International Journal of Socialist renovação, 29 de fevereiro de 2016, <http://links.org.au/node/4629>. Nós lidamos com os argumentos de Roger Annis em Michael Pröbsting: A Teoria do Imperialismo de Lenin e a Ascensão da Rússia Como uma Grande Potência.

233) Ruslan Dzarasov: O Enigma do Capitalismo Russo. A economia pós-soviética no sistema mundial, Pluto Press, Londres 2014, p. 150. Esta afirmação é repetida várias vezes em seu livro (por exemplo, p. 13, 14 e 156).

234) Ibid, p. 42, see also p. 45

235) JOTI Brar: A guerra indo ao encontro da Rússia e da China, CPGB (ML), Shakun Printers, Shahdara 2017, p. 9

236) Ibid, p. 13

237) CPGB (ML): Cuidado com a Unidade para WW3 com a Rússia e a China, declaração do partido do CPGB (ML) 8º Congresso, 21 de novembro 2018 <https://www.cpgb-ml.org/2018/11/21/news/beware-the-drive-to-ww3-with-russia-and-china/>

238) Veja Johannes Stern: Sobre a designação de Rússia e de China como o “imperialistas”: um estudo de caso no charlatanismo teórico, WSWS, 14 abril 2016, <http://www.wsws.org/en/articles/2016/04/14/prob-a14.html> (o WSWS publicou este ataque em nós em diversas línguas Ver, por exemplo, <https://www.wsws.org/de/articles/2016/04/15/proe-a15.html>; <http://www.wsws.org/fr/articles/2016/avr2016/ruch-a30.shtml>) o RCIT publicou duas respostas: Michael Pröbsting: a Autoexposição Involuntária do WSWS. Uma resposta breve a um ataque longo por WSWS de David norte de encontro ao RCIT, 18.4.2016, <http://www.thecommunists.net/theory/reply-to-wsws-short/>; Johannes Wiener: em resposta à auto-proclamada “liderança” do movimento socialista mundial. Uma resposta à polémica recente do ICFI/WSWS contra o RCIT, 30 de abril de 2016, <https://www.thecommunists.net/theory/reply-to-wsws-long/>.

## **IX. Cortina de Fumaça Revisionista: Rússia e China não são nem Capitalistas nem Grandes Potências (PO / CRQI)**

Um exemplo peculiar de grupo “trotskista” defensores da cortina de fumaça do imperialismo russo e chinês tem origem no grupo chamado *Coordenação para a Refundação da Quarta Internacional (CRQI)*, do qual o *Partido Obrero* (Partido dos Trabalhadores) argentino é o componente dominante. É útil lidar com as posições dessa corrente porque elas são mais consistentes do que a maioria dos outros pseudo-trotskistas, ao tirar conclusões de sua teoria de que a Rússia e a China não são imperialistas.

### **O capitalismo ainda não foi restaurado na Rússia e na China?**

O PO/CRQI alega que o capitalismo não foi restaurado na Rússia e na China até hoje. No documento fundador do CRQI, ou seja, no ano de 2004, os autores declararam que “*a restauração do capitalismo (...) está em seus estágios iniciais*” nos ex-estados estalinistas na Europa Oriental e na Ásia. [239] Assim, 15 anos após o colapso do Muro de Berlim e do regime burocrático estalinista em 1989, a restauração do capitalismo e a criação de uma classe capitalista ainda estavam “*em seus estágios iniciais*”?! Que tolice absurda e bizarra! A Europa Oriental, a Rússia, a China etc, não foram dominadas desde 1989-92 por governos que promoveram a restauração do capitalismo? Essas economias não seriam logo governadas pela lei capitalista do valor?! Essas economias já não eram muito antes de 2004, dominadas por um setor capitalista privado? Parece que os líderes do PO/CRQI estavam vivendo em outro mundo! [240]

Pior ainda, o PO/CRQI defende esse dogmatismo estéril até hoje! Em um artigo recentemente publicado sobre a China, a liderança do PO efetivamente ainda nega - no ano de 2017! - que a China se tornou um estado capitalista. [241] Pablo Heller, um teórico líder do PO, ainda fala sobre “o processo de transição para o capitalismo”. (“*A transição para o capitalismo na China entra em um período mais violento.*”) Como se essa transição não tivesse ocorrido há muitos anos!

Inacreditável, em sua última declaração internacional extensa, a liderança do PO até mesmo afirma que o capitalismo não poderia ser estabelecido no futuro na Rússia e na China “em uma via pacífica”: “*Uma transição “pacífica” para o capitalismo, em favor de regimes que expropriaram capital através de revoluções sociais, é inviável*”. [242] Vimos aqueles trotskistas pseudo-ortodoxos que previram em 1989 que seria impossível restaurar o capitalismo nos antigos estados operários sem guerras civis. Já naquela época, criticamos tal doutrinário. No entanto, o PO supera facilmente todos os doutrinários da época, pois ainda defende esse



absurdo três décadas após o colapso do estalinismo e da restauração do capitalismo!

“Armados” com a mesma lógica doutrinária, o PO e suas seções afiliadas internacionais também afirmam que a Rússia e a China ainda não estão integradas à economia capitalista mundial: *“A integração das antigas economias nacionalizadas na economia capitalista mundial não pode se dar por meios ‘pacíficos’*. [243] A mesma avaliação é repetida em um ensaio publicado no outono de 2018: *“O que determina o caráter da guerra no século 21 é o cerco sobre a Rússia e a China pelo imperialismo dos EUA, em aliança com seus aliados subordinados do imperialismo europeu e japonês. a fim de integrar os antigos países no sistema mundial imperialista de forma desenfreada, levando ao processo de restauração capitalista nestes países até a sua conclusão”*. [244]

Alguém pode afirmar seriamente que a Rússia e a China ainda não estão *“integradas no sistema imperialista mundial”*? É verdade que eles não estão subjugados a Washington. Mas como o imperialismo não se reduz a uma Grande Potência, mas é um sistema baseado nas rivalidades entre as Grandes Potências (de acordo com Lênin e Trotsky, rejeitamos a teoria do ultra imperialismo de Kautsky, que supunha que as Grandes Potências superariam suas rivalidades), seria estranho se as Grandes Potências não existissem fora da órbita de Washington.

Mas a China e a Rússia estão certamente integradas no sistema mundial imperialista! Como mostramos acima, Pequim se tornou a maior potência comercial do mundo. É um dos principais investidores estrangeiros, assim como são credores. Como pode um país ser mais integrado na economia mundial imperialista? E pode ser que os líderes do PO nunca tenham ouvido falar do projeto *“Um Cinturão, Uma Rota”* (em inglês-BRI) da China - um programa de investimento internacional que afeta 65 outros países e tem como objetivo expandir a influência econômica e política global de Pequim?! [245]

A iniciativa BRI é a versão chinesa do chamado *Plano Marshal*, que foi crucial para o imperialismo dos EUA consolidar sua dominação imperialista na Europa Ocidental depois da Segunda Guerra Mundial. [246] Que exemplos os companheiros do PO/CRQI precisam mais para reconhecer que a China está totalmente integrada no sistema capitalista mundial?!

Os líderes do PO basicamente mantêm a mesma posição sobre a Rússia. Isso fica evidente em outro artigo publicado há alguns meses. Nele, a liderança da PO afirma: *“Nem na Rússia nem na China uma burguesia emergiu como classe, já que em ambos os casos é mediada pelo Estado, que continua a manter grande parte de sua estrutura burocrática pré-capitalista”*. [247]

Então, novamente, estamos diante de um absurdo monstruoso que até a maioria dos estalinistas não ousa defender! A máquina estatal na Rússia é supostamente uma *“estrutura burocrática pré-capitalista”* quando, na verdade, está atuando como um servo capitalista para os oligarcas - tanto internamente quanto no exterior - há quase três décadas! [248]

Como demonstramos em nossos estudos sobre o imperialismo russo, sua economia é dominada por poderosos monopólios. Os trinta e dois maiores desses monopólios - também chamados de “*grupos financeiro-industriais*” (GFI) na Rússia - controlam quase 51% do PIB da Rússia. (Veja o Quadro 27)

De acordo com um relatório de 2013 do *Credit Suisse*, um pequeno grupo de 110 bilionários detém 35% de toda a riqueza na Rússia. [249] Se olharmos novamente para o *Relatório sobre a Desigualdade no Mundo de 2018*, podemos observar uma tendência semelhante à da China, ainda que mais drástica. Na Quadro 28, vemos que a parcela de rendimentos dos 10% mais altos foi relativamente baixa quando a Rússia ainda era pós-capitalista. No entanto, isso mudou radicalmente a partir de 1989. A parcela de rendimentos dos 10% melhores cresceu de 22% para 41% (2015)! Durante o mesmo período, a parcela da metade inferior da população caiu de cerca de 30% da renda nacional para apenas 17%!

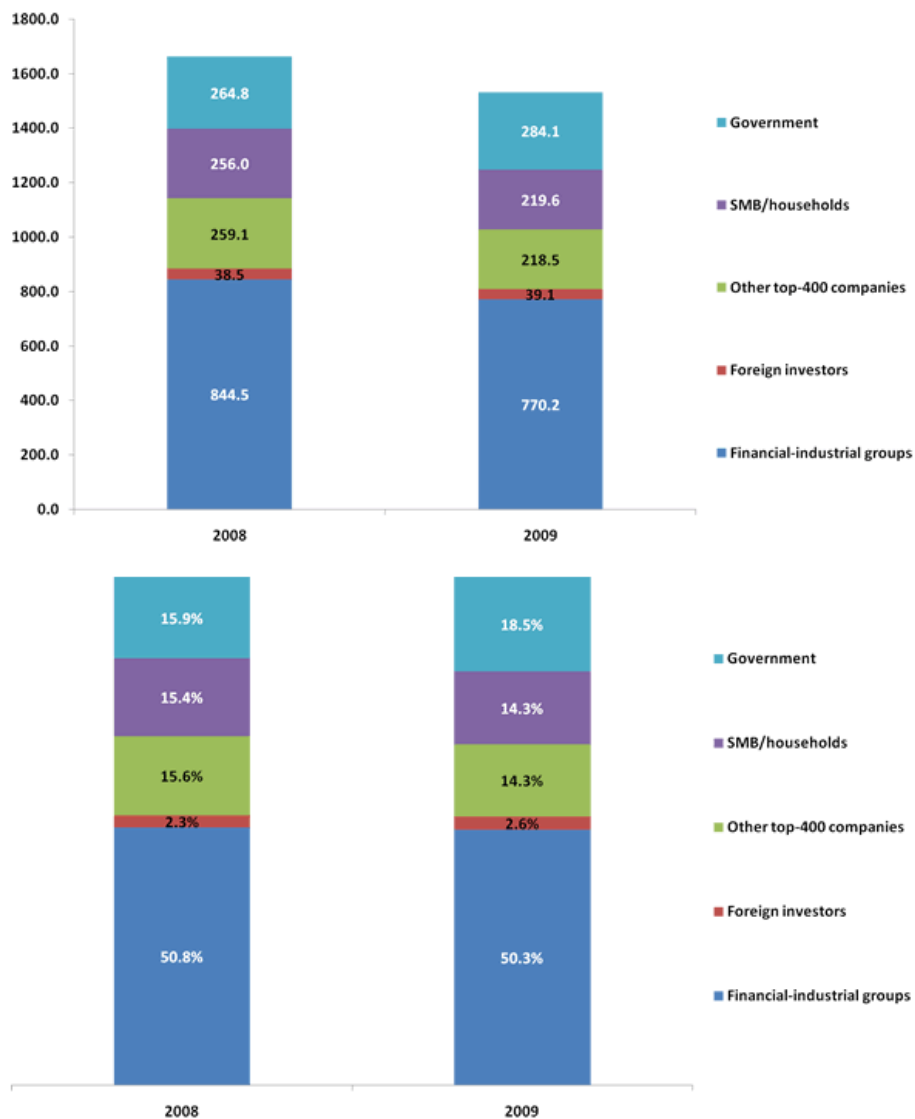
Somente o observador mais ignorante poderia negar que esse processo de radical distribuição do rendimento nacional das massas populares para a elite em um período de restauração capitalista reflete a criação de uma poderosa classe burguesa.

Então, perguntamos aos camaradas do PO: quem são esses 10% mais ricos da Rússia que têm a mesma parcela da renda nacional, como os 10% mais ricos da América do Norte?! Não são estes os capitalistas e a classe média alta?! A PO acredita honestamente que isso é algum tipo de burocracia? Não, na verdade, o processo de restauração capitalista resultou na criação de uma classe capitalista. Hoje, é a burguesia que domina *todos* esses países - os EUA, a Europa, a China e a Rússia. A afirmação do PO de que nenhuma classe capitalista existe na Rússia e na China é um absurdo total que reflete sua indiferença política em relação à realidade do capitalismo global!

Não é de surpreender que os argumentos do PO/CRQI do porquê a Rússia e a China não são supostamente potências imperialistas não são muito melhores. Em resposta ao nosso panfleto dirigido contra a sua fundamentação teórica, o PO/CRQI publicou recentemente um artigo em que se polemizou contra a análise marxista das emergentes Grandes Potências no Oriente. [252] Embora este artigo constitua um esforço sério para defender sua posição, ele sofre de três problemas fundamentais: a) seus argumentos estão em contradição com a teoria marxista, b) eles também estão em contradição com os fatos objetivos c) carecem de coerência interna.

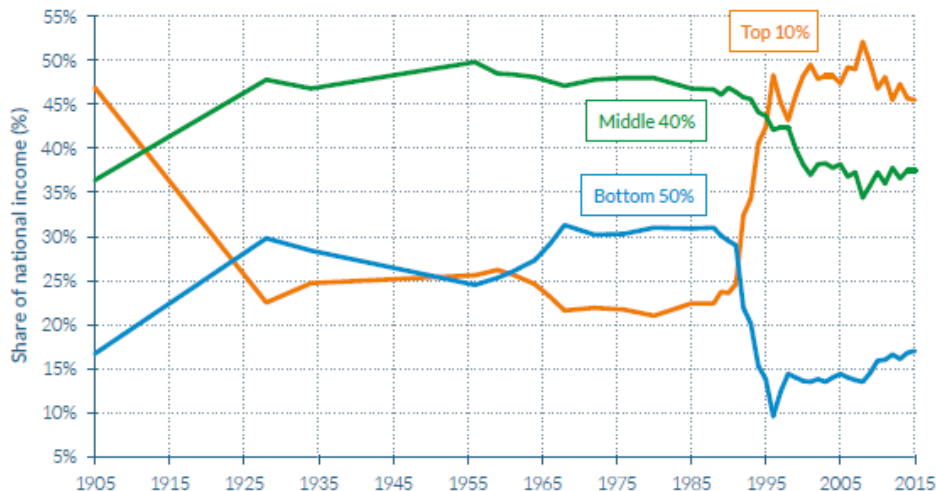
Uma tese chave da PO/CRQI é que a Rússia e a China não podem possuir um caráter de classe imperialista devido ao seu (alegado) atraso em termos de exportação de capital. Desde que o PO/CRQI adere formalmente à teoria leninista do imperialismo, eles enfrentam o problema - como todos os defensores de que “Rússia e China não são imperialistas” - Tese - para explicar por que o líder dos bolcheviques em seu tempo considerava países como a Rússia, Japão, Itália ou Áustria-Hungria como estados imperialistas. Como demonstramos acima, esses estados exportavam muito menos capital do que a Grã-Bretanha, a França ou a Alemanha, e muitas vezes importavam mais capital do que exportavam.

Quadro 27. PIB da Rússia por Contribuinte (em US \$ bilhões e em ações) [250]



**Quadro 28. Participação da Renda na Rússia, 1905-2015 [251]**

Income shares in Russia, 1905-2015



Como mostramos acima, as potências imperialistas na época de Lênin e Trotsky diferiam tanto em sua superestrutura política quanto na configuração específica de sua base econômica. 253 No entanto, o que os uniu foi que eles oprimiram e exploraram, direta ou indiretamente, outras nações. Lênin resumiu sua definição de um Estado imperialista em um de seus escritos sobre o imperialismo em 1916 da seguinte maneira: “... Grandes Potências imperialistas (ou seja, poderes que oprimem um grande número de nações e as envolvem na dependência do capital financeiro, etc.) ...” [254]

## A Teoria do Imperialismo de Lênin versus a falsificação Estalinófila

Portanto, os negacionistas revisionistas do caráter imperialista da Rússia e da China têm hoje de “reinterpretar”, ou seja, falsificar a teoria do imperialismo de Lênin. Eles têm que alegar que, supostamente, Lênin não considerava estados do tipo como a Rússia como sendo imperialista. O PO/CRQI não é o primeiro e provavelmente não o último a revisar a teoria marxista do imperialismo. Vejamos como eles estão discutindo o caso:

*“Na época do imperialismo, as Grandes Potências definem o ato de guerra e realizam a divisão territorial do mundo. No entanto, a análise do imperialismo exige fazer distinções entre essas Grandes Potências. Segundo Lênin, entre as seis Grandes Potências que dividiam o mundo, os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão eram estados capitalistas (imperialistas) jovens e emergentes e a Inglaterra e França eram os antigos estados capitalistas (imperialistas). Com uma estrutura socioeconômica dominada pelas relações*

*pré-capitalistas e cercada pelas forças imperialistas capitalistas modernas, a Rússia era bem diferente das outras. Ao definir a posição da Rússia na Primeira Guerra Mundial como imperialista, Lênin enfatizou essa diferença crucial: “Na Rússia, o imperialismo capitalista do tipo mais recente se revelou plenamente na política do czarismo em relação à Pérsia, Manchúria e Mongólia; mas, em geral, o imperialismo militar e feudal predomina na Rússia”.*

*Os elementos do militarismo e do feudalismo que dominavam o imperialismo russo também estavam presentes no imperialismo otomano. No entanto, o Império Otomano era uma semi-colônia e não possuía as características distintas do imperialismo definidas como as do mais altos estágio do capitalismo. Portanto, nem a Rússia nem o Império Otomano não podem ser vistos como potências imperialistas que definiram o caráter (imperialista) da Primeira Guerra Mundial. Eles eram dependentes das Grandes Potências imperialistas e, portanto, ocupavam uma posição secundária (na melhor das hipóteses) na rivalidade inter-imperialista. Daí o imperialismo da Rússia e dos otomanos assemelhava-se ao imperialismo da Grande Roma e não ao imperialismo capitalista.*

*As ênfases no capitalismo monopolista, no capital financeiro e na exportação de capital na teoria do imperialismo de Lênin mostram os principais fundamentos das Grandes Potências que lutam pela divisão e re-divisão do mundo. Grandes exércitos, territórios expansivos e populações relativamente altas eram as fontes de poder dos impérios pré-capitalistas. Na era do imperialismo, a exportação de capital tomou o lugar das campanhas militares e o capital financeiro, invadindo os mercados, tomou o lugar dos exércitos invasores. No plano internacional, os exércitos imperialistas (que são financiados por super lucros derivados da pilhagem de matérias-primas e exploração da força de trabalho barata e usando as capacidades técnicas e tecnológicas fornecidas pela indústria capitalista) tornaram-se dominantes em todos os campos. Os exércitos dos impérios pré-capitalistas orgulhosos de seu passado todo-poderoso foram derrotados pelos invasores imperialistas (como visto no caso da China) ou tornaram-se poderes auxiliares a serviço do imperialismo (como visto nos casos da Rússia, os otomanos, e Áustria-Hungria). [255]*

Assim, vemos como o PO/CRQI transforma a teoria marxista dos estados imperialistas em sua cabeça em apenas três parágrafos. Enquanto Lênin, Trotsky e os bolcheviques sempre argumentavam consistentemente que a Rússia (ou o Império Austro-Húngaro) eram potências imperialistas, os camaradas do PO/CRQI agora alegam que eram semi-colônias (como o Império Otomano)!

A caracterização bolchevique da Rússia como “imperialista” é apresentada como uma categoria histórica sugerindo que eles consideravam a Rússia apenas “imperialista” como o Império Romano de 2000 anos atrás, ou seja, não como imperialista no sentido de uma potência capitalista! Esta é uma distorção bizarra da verdade!

Já mostramos acima que Lênin via a Rússia como uma potência imperialista (na mesma categoria que a França). Pode-se encontrar dezenas de outras citações que deixam claro, sem sombra de dúvida, que os bolcheviques nunca caracterizaram a Rússia como uma semi-colônia (como o Império Otomano), mas como uma Grande Potência imperialista. Eles certamente estavam cientes das

diferenças entre as várias Grandes Potências (poderes mais e menos independentes, economicamente avançados e atrasados, etc.). Mas eles viram a Rússia na mesma categoria que outras Grandes Potências imperialistas! Entre muitos outros, reproduzimos uma pequena seleção dessas citações:

*“Apenas idiotas ou pessoas imaginativas podem negar que a guerra por parte russa tem um caráter imperialista extraordinário. Toda a ordem política de 3 de junho tem sido uma tentativa de unir a burguesia capitalista com a maquinaria burocrática e a nobreza - sob a condição de que a monarquia consiga satisfazer as ambições internacionais do capital russo. (...) O imperialismo russo, cujo extraordinário caráter contra-revolucionário foi indubitável para todos os socialdemocratas russos, desempenhou um papel enorme na preparação da atual guerra.”* [256]

*“O seu significado é que a Rússia era o mais atrasado e economicamente mais fraco de todos os estados imperialistas. É exatamente por isso que suas classes dominantes foram as primeiras a entrar em colapso, pois os esforços foram insuportáveis sobre as vendas produtivas insuficientes do país. O desenvolvimento desigual e esporádico obrigou, assim, o proletariado do país imperialista mais atrasado a ser o primeiro a tomar o poder.”* [257]

*“A burguesia russa era uma burguesia de um Estado opressor imperialista; a burguesia chinesa, uma burguesia de um país colonial oprimido.”* [258]

*Mas a burguesia russa desfrutou dos benefícios de uma economia imensamente maior do imperialismo estrangeiro do que a burguesia chinesa. A Rússia em si era um país imperialista.”* [259]

*“Na Rússia, o imperialismo capitalista do último tipo revelou-se plenamente na política do czarismo em relação à Pérsia, Manchúria e Mongólia, mas, em geral, os militares e o imperialismo feudal é predominante na Rússia. Em nenhum país do mundo a maioria da população é tão oprimida quanto na Rússia.”* [260]

*“O imperialismo russo difere do imperialismo da Europa Ocidental em muitos aspectos. Não é um imperialismo do último estágio do desenvolvimento capitalista. A Rússia é um país que importa capital, que é objeto de países exportadores de capital. O imperialismo russo é um imperialismo feudal e militarista. (...) Não há imperialismo que seja mais rude, mais bárbaro e mais sangrento do que o imperialismo russo.”* [261]

*“O último terço do século XIX foi a transição para a nova época imperialista. Goza de monopólio o capital financeiro não de uma só, mas de algumas, muito pouco numerosas, Grandes Potências. (No Japão e na Rússia o monopólio da força militar, de um território imenso ou de uma particular facilidade para pilhar os povos estrangeiros, a China, etc., em parte complementa, em parte substitui o monopólio do capital financeiro contemporâneo, moderno.”* [262]

*“Tal era a situação anterior, como era antes da guerra, quando a Inglaterra imperialista ainda tinha rivais nos imperialistas alemães, franceses e russos vorazes, quando ela ainda não ousava apertar as patas em todos os países do Oriente, Temendo que ela pudesse receber um golpe em suas patas estendidas de algum rival voraz.”* [263]

*“... Mesmo em tempos de paz, a Rússia estabeleceu um recorde mundial na opressão das nações com um imperialismo muito mais grosseiro, medieval, economicamente atra-*

sado e militarmente burocrático.” [264]

“O caráter dessa guerra entre as Grandes Potências burguesas e imperialistas não mudaria em nada se o imperialismo militar-autocrático e feudal fosse varrido em um desses países. Isso porque, em tais condições, um imperialismo puramente burguês não desapareceria, mas apenas ganharia força.” [265]

“O capitalismo é a propriedade privada dos meios de produção e a anarquia na produção. Defender uma divisão “justa” de renda em tal base é puro proudhonismo, filistinismo estúpido. Nenhuma divisão pode ser efetuada senão em “proporção à força”, e a força muda com o curso do desenvolvimento econômico. Depois de 1871, a taxa de adesão da Alemanha à força foi três ou quatro vezes mais rápida que a da Grã-Bretanha e da França, e do Japão cerca de dez vezes mais rápida do que a da Rússia. Existe e não pode haver outra maneira de testar o poder real de um estado capitalista do que a guerra. A guerra não contradiz os fundamentos da propriedade privada - pelo contrário, é um resultado direto e inevitável desses fundamentos. Sob o capitalismo, o crescimento econômico suave de empresas individuais ou estados individuais é impossível. Sob o capitalismo, não há outros meios de restaurar o equilíbrio periodicamente perturbado do que as crises na indústria e as guerras na política.” [266]

Poderíamos fornecer muito mais citações que demonstrem o mesmo: Embora Lênin, Trotsky e os bolcheviques estivessem plenamente conscientes do importante papel do regime absolutista do czar e das consequências para o caráter específico e combinado do Estado russo (fundindo o regime semi-feudal e elementos capitalistas), eles insistiram inequivocamente no caráter da Rússia como uma Grande Potência imperialista (e não uma *semi-colônia*)!

Vamos dar outro exemplo: Poucas semanas após a Revolução de Fevereiro na Rússia em 1917, quando o regime autarca do czar foi derrubado e substituído pelo governo da frente popular liberal-burguesa, Trotsky caracterizou este último como um “governo imperialista liberal”. Ele descreveu a continuidade, mudanças e transição do imperialismo russo dos anos 1905-1907 (quando o regime de 3 de junho chegou ao poder) para 1917 da seguinte maneira:

“As classes capitalistas, reconciliadas com o regime de 3 de junho, voltaram sua atenção para a usurpação dos mercados estrangeiros. Uma nova era do imperialismo russo segue, um imperialismo acompanhado por um sistema financeiro e militar desordenado e por apetites insaciáveis. Gutchkov, o atual ministro da Guerra, era anteriormente membro do Comitê de Defesa Nacional, ajudando a tornar o exército e a marinha completos. Milukov, o atual ministro das Relações Exteriores, elaborou um programa de conquistas mundiais que defendia em suas viagens à Europa. O imperialismo russo e seus representantes outubristas e cadetes têm uma grande parte da responsabilidade pela guerra atual. Pela graça da Revolução que eles não queriam e contra a qual lutaram, Gutchkov e Milukov estão agora no poder. (...) Esta transição de um imperialismo da dinastia e da nobreza para um imperialismo de caráter puramente burguês, nunca poderá reconciliar o proletariado russo com a guerra.” [267]

Como vemos, Trotsky não fala de uma Rússia semicolonial, mas de uma Rússia imperialista. Ele caracterizou o Governo Provisório liberal em março de

1917 como representando “*um imperialismo de caráter puramente burguês*”.

Como os companheiros do PO/CRQI reconciliam isso com a visão de que a Rússia era uma semicolônia? Eles querem sugerir que a Rússia era uma semicolônia enquanto o czar governasse e então, entre fevereiro e outubro de 1917, de repente se tornaria um estado imperialista? Deixando de lado que isso seria a) absurdo e b) em contradição com o que os bolcheviques disseram, também contradizia o método da própria PO/CRQI. Os camaradas insistem, como mostramos acima, que a Rússia não atendeu aos critérios da teoria do imperialismo de Lênin (“*ênfase no capitalismo monopolista, capital financeiro e exportação de capital*”). Isso não mudou, e dificilmente poderia ter mudado em fevereiro / março de 1917!

Então, como o PO/CRQI explica a avaliação de Trotsky sobre a Rússia como um “*imperialismo puramente burguês*” em março de 1917? Não é muito mais lógico, como sempre argumentamos, que a Rússia era em essência uma Grande Potência imperialista já antes de 1917 (similarmente à Áustria-Hungria, Japão, Itália, etc.) e que a Revolução de Fevereiro, resultando na derrubada de a autocracia czarista levou a uma mudança importante na superestrutura política do capitalismo russo, mas não em sua base econômica?! [268]

De fato, o PO/CRQI não é o inventor da ideia de que a Rússia antes de 1917 não era uma potência imperialista, mas sim uma “*semicolônia*”. Embora esta tese tenha sido rejeitada pelos marxistas russos na época de Lênin e Trotsky, ela se originou entre os estalinistas nos anos 1930.

Como já observamos no passado, foi a notória “*teoria*” de Stalin nos anos 1930, que declarou que a Rússia antes de 1917 não era uma potência imperialista, mas sim uma “*semicolônia*”. Ele instruiu os historiadores russos a reescrever a análise marxista do caráter de classe da Rússia. [269]

*“Que a Rússia entrou na guerra imperialista ao lado da Entente, ao lado da França e da Grã-Bretanha, não foi acidental. Deve-se ter em mente que, antes de 1914, os ramos mais importantes da indústria russa estavam nas mãos de capitalistas estrangeiros, principalmente os da França, Grã-Bretanha e Bélgica, isto é, os países da Entente. O mais importante dos trabalhos em metal da Rússia estava nas mãos dos capitalistas franceses. No total, cerca de três quartos (72%) da indústria metalúrgica dependiam do capital estrangeiro. O mesmo aconteceu com a indústria de carvão da bacia de Donetz. Campos petrolíferos de propriedade do capital britânico e francês representaram cerca de metade da produção de petróleo do país. Uma parte considerável dos lucros da indústria russa fluía para bancos estrangeiros, principalmente britânicos e franceses. Todas essas circunstâncias, além dos milhares de milhões emprestados pelo czar da França e da Grã-Bretanha em empréstimos, acorrentaram o tsarismo ao imperialismo britânico e francês e converteram a Rússia em um afluente, uma semi-colônia desses países.”* [270]

Naturalmente, esta visão estalinista estava em contradição com as posições de fato de todos os historiadores marxistas que participaram na discussão animada sobre o caráter da Rússia czarista que teve lugar na União Soviética na década de 1920. [271] Deve notar-se que M.N. Pokrovsky, um notável histo-



riador marxista russo e a principal figura da historiografia soviética na década de 1920, possibilitou uma discussão frutífera entre vários historiadores e fez contribuições importantes para a compreensão da história da Rússia (independentemente de sua fraqueza metodológica que Trotsky apontou). [272]

Os camaradas do PO/CRQI falham ao não entender que a lei do desenvolvimento desigual e combinado resultou num desenvolvimento contraditório e na natureza da Rússia como uma potência imperialista atrasada. Foi essa lei que permitiu que os bolcheviques explicassem por que o imperialismo russo combinou características do imperialismo tanto modernas como também absolutistas (czaristas).

Toda essa questão não se limita à Rússia czarista. Como dissemos acima, existiam também outras potências imperialistas atrasadas na época, como o Japão, a Itália ou a Áustria-Hungria. Lênin e Trotsky consideraram essas potências, apesar de seu atraso econômico, como imperialistas. Eles estavam plenamente conscientes do caráter desigual de seu desenvolvimento econômico e político.

Já demonstramos acima da avaliação de Lênin do Japão como uma Grande Potência imperialista. Aqui está outra citação de Trotsky:

*“O Japão é hoje o elo mais fraco da cadeia imperialista. Sua superestrutura financeira e militar repousa sobre uma fundação de barbárie agrária semi-feudal. Explosões periódicas dentro do exército japonês são apenas um reflexo da tensão intolerável das contradições sociais no país. O regime como um todo se mantém apenas através da dinâmica das apreensões militares. (...) Mas a agressão japonesa está entrelaçada com o tradicionalismo. Ao criar uma frota gigantesca do tipo mais moderno, os imperialistas japoneses preferem basear suas atividades em antigas tradições nacionais. Assim como os padres colocam seus pronunciamentos e desejos nas bocas das divindades, os imperialistas japoneses ocultam seus planos e combinações muito modernos como a vontade dos augustos progenitores do imperador reinante. Da mesma forma, Tanaka encobriu as aspirações imperialistas das facções dominantes por referência a um testamento inexistente de um imperador.”* [273]

Lênin dedicou um artigo inteiro sobre o imperialismo italiano em 1915. Totalmente consciente de seu caráter retrógrado (quase não havia exportação de capital italiano e nenhum imigrante vindo para a Itália, mas sim o contrário), ele insistiu no caráter imperialista do Estado italiano.

*“O imperialismo italiano tem sido chamado de ‘imperialismo das pessoas pobres’ (l’imperialismo della povera gente), por causa da pobreza do país e da miséria absoluta das massas de emigrantes italianos.”*

Por isso, ele enfatizou que os *“socialistas internacionalistas da Itália”* têm que *“se opor a uma guerra que de fato está sendo travada pelos interesses imperialistas da burguesia italiana.”* [274]

Como os companheiros do PO/CRQI explicam tudo isso? Eles não podem, pois é óbvio que Lênin e Trotsky viam não apenas essas potências como imperialistas (e não semicoloniais) que eram fortes em termos de capital de exportação e finanças, mas também como, estados mais atrasados. Em contraste

com o PO/CRQI, os bolcheviques abordaram essa questão de maneira dialética, levando em conta a totalidade dos fatores políticos, econômicos e militares que caracterizavam as relações de tais Grandes Potências e nações oprimidas.

Em resumo, demonstramos que o PO/CRQI altera a visão de Lênin e Trotsky sobre o imperialismo russo em seu oposto e distorce totalmente seu método dialético. Não surpreende que a PO/CRQI seja igualmente incapaz de compreender o caráter imperialista da Rússia e da China hoje.

## Exportação de capital da Rússia e da China: Mito e Realidade

O autor do PO/CRQI escreve sob o título *“O que define o caráter das economias russa e chinesa: Exportação de mercadorias ou exportação de capital?”*: *“O imperialismo é um estágio do capitalismo no qual a exportação de capital, ao invés da commodities, torna-se determinante”*. Como veremos, esta é uma afirmação chave no argumento do PO/CRQI que os camaradas distorcem de uma característica do sistema imperialista mundial em um critério caricatural para caracterizar os países individualmente. Mas vamos primeiro continuar com a citação:

*“No século XXI, a exportação de capital tornou-se mais fácil técnica e tecnologicamente. Os ataques neoliberais do imperialismo, ao longo do tempo, dismantelaram consideravelmente as barreiras em frente à circulação do capital. A exportação de capital nestas circunstâncias não se limita a um punhado de potências imperialistas, mas antes se tornou mais difundida. Além disso, a integração aprofundada do mundo imperialista levou a um aumento na exportação de capital entre as economias imperialistas e os EUA e a Grã-Bretanha recebem agora um alto nível de investimento estrangeiro direto, além de serem líderes na exportação de capital como principais potências imperialistas. Que os níveis de investimento que os EUA e a Grã-Bretanha exportam e recebem, cada um, são aproximadamente os mesmos, não altera a característica imperialista do capital financeiro desses países. Pelo contrário, eles estão no centro de um sistema capitalista mundial cada vez mais integrado.*

*Países imperialistas como Alemanha, França e Holanda, mais a União Europeia como um todo e o Japão são exportadores líquidos de capital em termos de investimento estrangeiro direto. Por outro lado, a Rússia e a China são importadores de capital líquido em termos de investimento direto estrangeiro. Enquanto o estoque do investimento estrangeiro direto da China é igual a 24% de seu PIB, sua exportação de capital atinge apenas 12% de seu PIB. Essa porcentagem, para a Rússia, é de 30% e 26%, respectivamente, e isso apesar de ser o maior exportador de capital para as ex-repúblicas soviéticas, o que demonstra que também é um importador líquido de capital.*

*Um exame minucioso da China e da Rússia mostra que o caráter de suas economias é definido não pela exportação de capital, mas pela exportação de commodities. A situação da Rússia é bastante óbvia. 40 por cento da receita do orçamento da Rússia provém do petróleo, gás e seus derivados. Seu desempenho econômico é altamente dependente da flutuação dos preços do petróleo. Em escala global, no entanto, a Rússia, com receita total de exportação de US\$ 353 bilhões, está na base da liga dos países exportadores,*

competindo com os Emirados Árabes Unidos. Por essa razão, não discutiremos mais sobre a situação da Rússia devido à clareza de sua posição, ao passo que a situação da China parece ser mais controversa e merece ser avaliada em mais detalhes.

Com uma receita de 2,3 trilhões de dólares de sua exportação de commodities, a China está no topo da liga dos exportadores. Se somarmos os 550 milhões de dólares das exportações de Hong Kong para esse número, a receita de exportação da China é o dobro da receita de exportação de países como os EUA (1,5 trilhão) ou a Alemanha (1,4 trilhão). Nosso ponto é que a exportação de capital da China é complementar à gigantesca estrutura econômica exportadora de commodities do país. Em outras palavras, a economia chinesa exporta bens e capital, mas o que é determinante no caso chinês é a exportação de commodities, e não a característica distintiva do imperialismo na exportação de capital." [275]

"Ao contrário de suas contrapartes americanas, alemãs, francesas e japonesas, nem a Rússia com seus monopólios de petróleo e gás, seus bancos estatais, seus oligarcas crescentes devido a pilhagem do estado dos trabalhadores, nem a China com suas finanças gigantescas, mas prematuro capital financeiro pode formar a base para uma potência imperialista. Contudo, tal conclusão não implica que a situação atual permaneça a mesma para sempre. Mesmo que o capital financeiro russo esteja longe de ter um caráter imperialista, o desenvolvimento do capital financeiro chinês requer um exame minucioso. No entanto, não podemos falar sobre o imperialismo a menos que a China eleve sua economia a um novo nível no qual a exportação de capital, não a exportação de commodities, se torne dominante." [276]

Cada parágrafo representa violação do método marxista, da lógica simples ou da rigidez dos números. Vamos lidar com os principais erros, ponto por ponto. Como ele já afirmamos, o método do PO/CRQI sofre de sua completa falta de dialética que caracteriza a lei do desenvolvimento desigual e combinado. A partir da verdade geral - de que na época do imperialismo a exportação de capital se torna mais importante do que a exportação de mercadorias - os camaradas concluem erroneamente que as potências só podem ser qualificadas como imperialistas se suas exportações de capital forem substancialmente maiores que suas exportações de commodities. No entanto, esse nunca foi o método de Lênin e Trotsky e por um bom motivo.

Um papel maior da exportação de capital, comparado com a exportação de commodities, é frequentemente o caso de potências imperialistas avançadas e de longa data, mas não necessariamente de potências atrasadas ou de recém-chegads. O Japão, que por exemplo era uma Grande Potência retrógrada com características semifeudais significativas, tinha uma participação de apenas 0,1% do estoque global de investimentos externos diretos em 1914. [277] No entanto, Lênin e Trotsky consideravam que, naquela época, era um estado imperialista.

Da mesma forma, como mostramos acima, sempre existiu um desenvolvimento desigual entre as Grandes Potências em geral e até mesmo os estados imperialistas ocidentais. A Grã-Bretanha foi o principal exportador de capital

em 1914, com 41% de todo o investimento estrangeiro direto global! Na Alemanha, certamente também uma potência imperialista na época, as exportações de capital não tiveram um papel maior do que o comércio de commodities. E, no caso dos Estados Unidos, vemos um quadro em que a produção e o comércio de commodities desempenhavam um papel significativamente maior do que sua exportação de capital.

Como dissemos acima, até certo ponto os EUA estavam no início do século XX em uma posição semelhante à da China na última década. Era um recém-chegado e sua exportação de capital ficou para trás das potências imperialistas estabelecidas. Até 1914, o imperialismo dos EUA recebia mais do que o dobro de investimento de fontes estrangeiras que os cidadãos dos EUA investiram no exterior. Na lógica do PO/CRQI, os EUA em 1914 não teriam se qualificado como uma potência imperialista.

De fato, tanto os EUA quanto a Grã-Bretanha eram Grandes Potências imperialistas. Este é um exemplo para o desenvolvimento desigual entre as potências imperialistas. No entanto, se Lênin tivesse adotado o método estéril e unilateral do PO/CRQI, ele nunca poderia ter caracterizado os EUA como país imperialista. Não assumimos que o PO/CRQI detém tal posição, mas esta é a consequência inevitável de sua interpretação distorcida da teoria do imperialismo de Lênin.

Além disso, a abordagem do PO/CRQI ignora o fato fundamental de que um papel significativo de um país no comércio mundial de commodities pode simplesmente refletir o fato de que ele é uma pátria importante de produção de valor capitalista. Este, por sua vez, geralmente é um indicador do poder econômico capitalista.

Vamos nos mover ainda mais. Em vários casos, o autor do PO/CRQI usa números imprecisos. Por exemplo, não é verdade que a China exporte significativamente menos capital do que importa. Embora esse tenha sido o caso no período inicial da restauração capitalista, esse não é mais o caso. Os números do *Relatório Anual sobre Investimentos* da UNCTAD, a fonte mais autoritária neste campo, demonstram muito claramente o rápido processo de recuperação da China em termos de exportação de capital. Na Tabela 25, podemos ver que o investimento estrangeiro da China aumentou tanto na última década que seu estoque de IDE externo já equivale a seu estoque de IDE interno.

A Alemanha é outro exemplo que demonstra o caráter absurdo do argumento do PO/CRQI de que um país não pode ser imperialista se sua exportação de capital não for mais importante do que sua exportação de commodities. Como mostramos acima, a participação da Alemanha nas exportações mundiais de mercadorias é de 8,4% (2017), enquanto sua participação nas saídas globais de IDE, bem como nos estoques, é significativamente menor (5,6%, respectivamente, 5,2% no mesmo ano). Seguindo o método não-dialético PO/CRQI, não poderíamos caracterizar a Alemanha como uma Grande Potência imperialista.

Vale a pena notar que mesmo as mais antigas Grandes Potências imperialistas

contradizem os critérios do PO/CRQI. A Grã-Bretanha, o estado imperialista mais antigo do mundo, não só tem um estoque de IDE do mesmo tamanho como a China. Também importa um pouco mais de capital do que exporta! De acordo com os últimos dados da UNCTAD, o estoque de IDE interno da Grã-Bretanha é de US \$ 1.563.867 mil. e seu estoque de IDE para o exterior é de US \$ 1.531.683. A mesma proporção entre os estoques de IED interno e externo existe para os Estados Unidos: US \$ 7.807.032, respectivamente, US \$ 7.799.045. Como vemos, toda a teoria do PO/CRQI é baseada em argumentos absurdos, distorção da teoria marxista e falsos números!

## Sobre o Caráter dos Investimentos Estrangeiros da China

Vamos passar para a próxima tentativa do autor do PO/CRQI para salvar sua teoria falida. *“Enquanto 40% das exportações de capital direto da China concentram-se nos setores de mineração, petróleo e energia, apenas 4% vão para a indústria manufatureira. A China é um dos principais clientes de matérias-primas e energia, e essa demanda emerge da produção orientada para a exportação dentro das fronteiras da China, isto é, fora do ímpeto para a exportação de commodities. A variável determinante nos investimentos diretos da China no exterior é a renda nacional do país no qual o capital chinês é exportado. Os investimentos estrangeiros da China não são destinados a mão-de-obra barata, mas a grandes mercados. Os grandes mercados significam mais demanda por produtos chineses, o que demonstra que a exportação do capital chinês é uma extensão de sua exportação de commodities e que essa característica da economia chinesa não pode ser definida como um indicador do imperialismo.”* [279]

Mais uma vez, uma confusão segue a outra. O autor observa que a exportação de capital da China tem foco nos setores de mineração, petróleo e energia e sugere que isso seria um indicador para o caráter não-imperialista da China. (A propósito, ele faz uma observação similar sobre a Rússia na citação que reproduzimos acima.) É difícil seguir essa lógica - colocando diplomaticamente. Pode ser que o autor do PO/CRQI não esteja ciente de que o petróleo, o gás e todo o setor de energia é uma parte crucial da economia mundial capitalista?

**Tabela 25. Investimento Direto Estrangeiro da China**  
**Investimento Direto Estrangeiro interno da China**  
**(em milhões de dólares americanos), 2000-2017 [278]**

<i>Estoque interno de</i>			<i>Investimento Direto Estrangeiro</i>		
<i>Investimento Direto Estrangeiro</i>			<i>externo da China</i>		
2000	2010	2017	2000	2010	2017
193,348	587,817	1,490,933	27,768	317,211	1,482,020

Isto é verdade não apenas para os países semi-coloniais, mas também para os países imperialistas. De acordo com um estudo publicado recentemente, a energia (e, portanto, qualquer flutuação de preço) afeta mais de 60% dos custos totais de produção na França. [280] Entre as 10 maiores empresas listadas na lista Fortune Global 500, no ano de 2018, seis operavam no setor de energia (e duas outras no setor automotivo, fortemente afetadas pelos preços da energia). Toda a história do capitalismo mundial é marcada pelo importante papel do setor energético (basta lembrar o papel dos barões do petróleo na história dos EUA)!

O autor menciona que o orçamento da Rússia é influenciado por mudanças nos preços do petróleo e do gás no mercado mundial. Verdade. Ele apenas deixa de mencionar que não apenas a Rússia, mas toda a economia mundial é influenciada pelas flutuações dos preços do petróleo e do gás, devido ao papel central desse setor para a economia mundial. Houve recessões globais nas últimas décadas que foram desencadeadas (ou pelo menos aceleradas) por causa do aumento do preço do petróleo.

Além disso, esqueceram os camaradas do PO/CRQI que o próprio Lênin considerou a busca de matérias-primas uma das cinco principais características do imperialismo? Como citamos acima, ele escreveu em seu principal ensaio sobre o imperialismo: *“Temos que começar com uma definição tão precisa e completa do imperialismo quanto possível. O imperialismo é um estágio histórico específico do capitalismo. Seu caráter específico é triplo: o imperialismo é o capitalismo monopolista; capitalismo parasitário ou decadente; capitalismo moribundo. A suplantação da livre concorrência pelo monopólio é a característica econômica fundamental, a quintessência do imperialismo. O monopólio se manifesta em cinco formas principais: (...) (3) confisco das fontes de matéria-prima pelos trustes e pela oligarquia financeira ...”* [281]

Em suma, não podemos entender por que o autor do PO/CRQI interpreta a forte exportação de capital da China no setor de energia como um indicador para refutar seu caráter imperialista!

Vamos em frente. O autor afirma. *“Os investimentos estrangeiros da China não são destinados a mão-de-obra barata, mas a grandes mercados.”* Realmente?! Mostramos em estudos anteriores que a China se tornou um dos principais investidores em muitos países semicoloniais. Em 2010, a China tornou-se o terceiro maior investidor na América Latina, atrás dos EUA e da Holanda. [282] Segundo um estudo da McKinsey, as empresas chinesas já desempenham um papel dominante na África. Cerca de 10.000 empresas chinesas (90% das quais são empresas capitalistas privadas) operam na África. Eles controlam cerca de 12% da produção industrial total do continente e cerca de metade do mercado de construção contratado internacionalmente na África. Na África, a China também é líder em *“investimento em o que é conhecido em inglês como Green-field investment* (ou seja, quando uma empresa controladora inicia um novo empreendimento construindo novas instalações fora de seu país de origem); em 2015-16, a China investiu 38,4 bilhões de dólares (24% do investimento total em *Green-field investment* na África). [283] Além disso, a China é um dos principais

investidores estrangeiros em muitos países asiáticos.

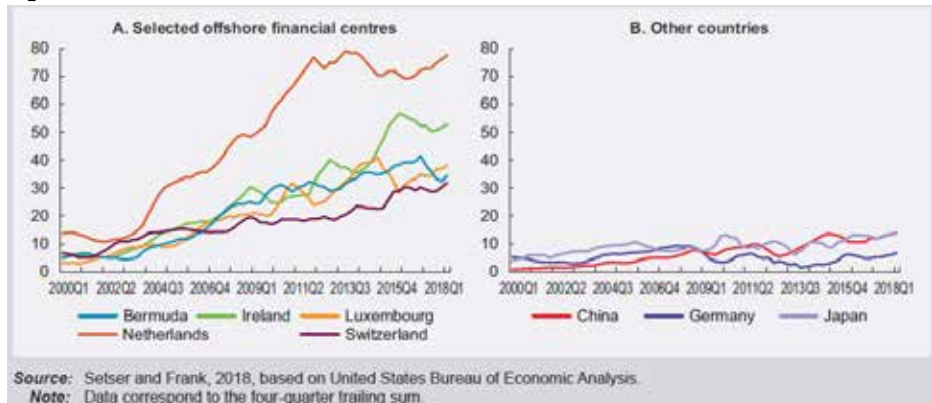
Certamente, não negamos que as corporações chinesas estão interessadas no acesso aos “grandes mercados”. Isso nos parece um desejo bastante comum dos capitalistas - apesar do fato de que os líderes do PO/CRQI querem nos convencer de que o capitalismo ainda não foi restaurado na China! Até onde sabemos, existem também muitas corporações imperialistas ocidentais que estão interessadas em acessar “grandes mercados”.

De fato, procurar matérias-primas, novos mercados, etc. sempre foi uma característica dos monopólios imperialistas. Lênin já escreveu sobre isso em seu livro sobre o imperialismo: “Vimos que em sua essência econômica o imperialismo é o capitalismo monopolista. (...) Devemos notar especialmente os quatro tipos principais de monopólio, ou principais manifestações do capitalismo monopolista, que são características da época que estamos examinando. (...) Em quarto lugar, o monopólio nasceu da política colonial. Para os numerosos “velhos” motivos da política colonial, o capital financeiro acrescentou a luta pelas fontes de matérias-primas, pela exportação de capital, por esferas de influência, ou seja, por esferas de negócios lucrativos, concessões, lucros monopolistas e assim por diante. , território econômico em geral.” [284]

De qualquer forma, o autor do PO/CRQI quer seriamente sugerir que os capitalistas chineses não estão explorando força de trabalho barata nesses países? Quem está trabalhando em todas essas empresas? É verdade que algumas empresas chinesas trazem sua própria força de trabalho, mas esse não é o caso da maioria de seus investimentos estrangeiros!

Outra tentativa do autor do PO/CRQI para relativizar o papel da exportação de capital da China é sua referência à chamada “rodada de viagem” - ou seja, a transferência de dinheiro da China continental para Hong Kong e depois de volta para a China continental ser classificado como “investimento estrangeiro” (ou seja, ganhando de privilégios fiscais, etc.).

### Quadro 29. Renda dos Estados Unidos sobre investimento direto no exterior, países selecionados, primeiro trimestre de 2000 até o primeiro trimestre de 2018 (bilhões de dólares) [289]



“Há também uma séria fonte de mal-entendidos em relação aos dados sobre a exportação chinesa de capital. Quando Hong Kong, ex-colônia britânica, foi entregue à China em 1997, China e Grã-Bretanha fizeram um acordo conhecido como “um país, dois sistemas”, segundo o qual o livre mercado e a estrutura liberal de Hong Kong ganhavam imunidade. Por essa razão, os investimentos da China em Hong Kong são calculados como parte da exportação de capital da China. Além disso, os investimentos estrangeiros de Hong Kong na China estão no status de capital estrangeiro. A China oferece muitos incentivos para atrair investimentos estrangeiros. Por essa razão, o capital chinês que inicia um negócio em Hong Kong retorna à China (“rodada de viagem”) e aproveita os incentivos previstos para o investimento estrangeiro. A participação de Hong Kong na exportação de capital chinês chega a 70% e o capital que é reinvestido na China como resultado de viagens de ida e volta é estimado em 40% da exportação de capital chinês.” [285]

Já lidamos com esse fenômeno em trabalhos anteriores (e também apontamos para uma situação semelhante na Rússia). Aqui, novamente, o autor não pensou no assunto. Primeiro, uma consequência dos números “exagerados” para a exportação de capital da China (uma vez que eles são de fato reinvestidos na China via Hong Kong) é que não são apenas os números para *exportação de capital* que são superestimados, mas, por *importação de capital* também são exageradas. Isto significa que o papel do capital imperialista estrangeiro na China não é tão grande quanto vários revisionistas (incluindo os do PO/CRQI) afirmam frequentemente.

Mas, independentemente disso, há uma questão mais fundamental envolvida. É um mito generalizado, geralmente alegado pela mídia ocidental, que enviar dinheiro para o exterior para paraísos fiscais e reinvesti-lo como “capital estrangeiro” seria peculiaridade da China (e da Rússia). De fato, isso não é verdade. Essa é uma prática padrão em quase todos os países capitalistas - incluindo os imperialistas ocidentais.

Como assinalamos em estudos anteriores, a transferência de dinheiro para países offshore também constitui uma parcela significativa do IDE ostensivo dos imperialistas ocidentais. Segundo um estudo, “pelo menos 30% do estoque global de IDE é intermediado através de paraísos fiscais.” [286] Gabriel Zucman, um discípulo de Thomas Piketty (“O Capital no Século XXI”) publicou um estudo calculando que, a partir de 2008, cerca de US \$ 5,9 trilhões em riqueza financeira (ou seja, excluindo obras de arte e imóveis) foram mantidos em paraísos fiscais pelos ricos do mundo. [287] A *Rede de Justiça Tributária* eleva o valor em dólares entre US \$ 21 e US \$ 32 trilhões em 2010. [288] No Quadro 29 vemos o volume maciçamente crescente de lucros que as corporações norte-americanas recebem formalmente do investimento estrangeiro direto em centros financeiros offshore. Assim, vemos, novamente, que os argumentos do PO/CRQI contra a China como uma potência imperialista são construídos em castelos de areia.



## Empresas Estatais na China e na Rússia: Não São Capitalistas?

Vamos lidar com o próximo argumento do PO/CRQI. Os camaradas são forçados a admitir *“que o capital financeiro, característico da época do imperialismo, existe na Rússia e na China”*. Mas eles fazem uma importante relativização que supostamente solapa a tese de que China e Rússia são estados imperialistas: *“No entanto, quase todas essas empresas são empresas estatais ou sociedades anônimas em qual o estado é o principal acionista.”*

*“Três gigantes do petróleo e do gás natural, Gasprom, Lukoil e Rosneft, e dois bancos nacionais de capital aberto, Sberbank e VTB Bank, são as empresas russas que estão entre as 500 maiores empresas do mundo. A China, por outro lado, entra na lista como um dos países líderes, com aproximadamente 20 empresas na lista dos 500 maiores. Assim, se somarmos a crescente atividade do mercado acionário tanto na China quanto na Rússia à crescente importância do capital dos bancos, podemos facilmente dizer que o capital financeiro, característico da época do imperialismo, existe na Rússia e na China. No entanto, quase todas essas empresas são empresas estatais ou sociedades anônimas nas quais o Estado é o principal acionista. A única empresa privada chinesa que chegou à lista é o Noble Group de Hong Kong, que é na verdade uma empresa britânica fundada por um grande negociante de carvão chamado Richard Elman. A razão pela qual essas empresas estão entre as 500 melhores do mundo não é o capitalismo desenvolvido da China e da Rússia, mas a liderança russa em recursos naturais e enorme mercado da China, devido ao fato de que tem a maior população do mundo.”* [290]

Notamos de passagem que, infelizmente, os camaradas não reconhecem a ironia implicada nesta afirmação: apesar de admitir a existência de capital financeiro, o PO/CRQI insiste que o capitalismo ainda não foi restaurado nestes países! Mas a auto-zombaria não intencional não é certamente a maior desgraça dos companheiros! De fato, a afirmação do PO/CRQI revela que não está ciente da tese de Lênin de *“capitalismo monopolista de estado”*. Em sua teoria do imperialismo, Lênin afirmou que o capitalismo avançado, na era de seu declínio, é cada vez mais caracterizado por um papel central do Estado. Isso resulta no crescente papel das corporações estatais (ou parcialmente estatais), na intervenção estatal indireta na economia, etc.

*“A questão do Estado está adquirindo importância particular tanto na teoria quanto na política prática. A guerra imperialista acelerou e intensificou imensamente o processo de transformação do capitalismo monopolista em capitalismo de monopólio estatal.”* [291]

*“Que o capitalismo também na Rússia se tornou monopolista é o que de forma suficientemente evidente atestam o Prodúgol, o Prodamet, o consórcio açucareiro, etc. Este mesmo consórcio açucareiro mostra-nos claramente a transformação do capitalismo monopolista em capitalismo monopolista de Estado. E o que é este estado? É uma organização da classe dominante...”* [292]

É um mito generalizado do neoliberalismo afirmar que as corporações es-

tatais não poderiam operar lucrativamente. Como demonstramos em estudos anteriores, as empresas estatais chinesas passaram por uma reestruturação maciça, demissões em massa, abolição dos benefícios sociais, de modo que, como resultado, a maioria deles obtém lucro desde muitos anos. De acordo com as estatísticas oficiais da China, as empresas estatais *“apresentaram seu melhor desempenho de rentabilidade em 2018, mesmo com o crescimento do PIB do país desacelerando, pois as reformas iniciais renderam resultados e forneceram apoio sólido à segunda maior economia do mundo. Em 2018, as receitas agregadas das quase 100 empresas estatais administradas centralmente no país aumentaram 10,1% ano a ano para 29,1 trilhões de yuans (US \$ 4,29 trilhões). (...) O crescimento do lucro foi ainda melhor, atingindo 1,7 trilhão de yuans com um aumento de 16,7%, os melhores resultados desde a primeira coleta, segundo o porta-voz da SASAC, Peng Huagang.”* [293]

E os próprios capitalistas ocidentais têm de admitir isso implicitamente quando incluem numerosas empresas estatais ou semi-estatais na lista anual da *Global Fortune 500*. Lembramos nossos leitores a observarem o estudo da UNCTAD citado acima, que relata que as corporações chinesas (muitas delas estatais) estão entre as maiores 2.000 Corporações Transnacionais que obtém 17% de todos os lucros desses principais monopólios! Então, obviamente, as corporações estatais chinesas operam bem lucrativas!

## O Papel da Imigração

Vamos agora lidar com o último argumento do PO/CRQI do porquê a Rússia e a China supostamente não são potências imperialistas. O autor afirma que a China não é um país imperialista porque não há migração para a China onde esses trabalhadores migrantes seriam super-explorados como mão-de-obra barata.

*“Além disso, é impossível para a China subir à liga dos países imperialistas desde que não busque mão-de-obra barata além de suas fronteiras, mas continue a oferecer salários entre os mais baixos do mundo e continue sendo um país no qual o capital flui e de que sua própria população se move. Em relação a isso, devemos mencionar que Lênin também acrescentou o fenômeno da migração aos indicadores do imperialismo: “Uma das características especiais do imperialismo relacionadas com os fatos que estou descrevendo, é o declínio da emigração dos países imperialistas e o aumento da imigração para esses países dos países mais atrasados, onde salários mais baixos são pagos. “No mundo de hoje, se não existem trabalhadores migrantes americanos, alemães, dinamarqueses, holandeses, canadenses, britânicos ou franceses, a razão é que esses países são potências imperialistas. E a relação inversa também deve ser considerada verdadeira.”* [294]

A primeira frase é simplesmente absurda como mostramos. Sim, o capital flui para a China (como também está fluindo para muitos países imperialistas norte-americanos e europeus). Mas muito capital também sai da China como investimento estrangeiro de corporações chinesas. É por isso que eles estão entre os principais investidores estrangeiros na África, Ásia e América Latina. Ao

contrário do mito do PO/CRQI, essas corporações estão explorando as forças de trabalho locais e baratas. O autor parece sugerir que há uma emigração significativa do povo chinês desde a China para outros países. Isso pode ser um erro na tradução do texto (que provavelmente foi escrito em turco). Se não é um erro de tradução, é um simples absurdo. Não há migração significativa da China para outros países.

A única coisa que é verdade é que realmente há pouca migração para a China. Mas antes de lidar com esta questão, queremos chamar a atenção para o fato de que o autor deixou furtivamente o caso da Rússia. Este é provavelmente o caso porque o PO/CRQI também nega o caráter imperialista da Rússia. No entanto, como mostramos em estudos anteriores, o imperialismo russo ganha enormemente com a superexploração de migrantes. Segundo as estatísticas oficiais, aproximadamente 11,6 milhões de migrantes legais residem atualmente dentro da Rússia. Além disso, outros 5-8 milhões de migrantes entraram ilegalmente no país para trabalhar lá. O número oficial da parcela de migrantes na população da Rússia é de 8,1%, o que é próximo dos níveis em vários países europeus. No entanto, isso parece ser uma subestimação. A maioria destes migrantes vêm da Ásia Central e do Cáucaso. Além disso, esse número *não* inclui os migrantes de nações oprimidas dentro da Rússia. [295]

Em geral, o autor tem razão em dizer que a migração desempenha um papel importante nos países imperialistas. De fato, esta é uma característica central do imperialismo, particularmente no atual período histórico de sua decadência. [296] No entanto, é útil ter em mente que existem exceções e nem todo país imperialista experimenta uma migração substancial. Este é, por exemplo, o caso do Japão, uma das potências imperialistas mais fortes do mundo. O Japão tem apenas uma pequena parcela de migrantes entre sua população (1,7% em 2007). [297]

O caso da China tem suas peculiaridades, como apontamos em estudos anteriores. A classe dominante estalinista-capitalista utiliza efetivamente o tamanho da população do país - os 1,4 bilhão de habitantes da China equivalem a 18,5% do total da população mundial! Além disso, utiliza o antigo sistema de registro domiciliar que foi criado pela burocracia estalinista em 1958. De acordo com esse sistema (chamado hukou na China) *“os residentes não tinham permissão para trabalhar ou viver fora dos limites administrativos de seu registro familiar sem aprovação de as autoridades. Depois de deixar o local de registro, eles também deixariam para trás todos os seus direitos e benefícios. Para fins de vigilância, todos, incluindo os residentes temporários em trânsito, eram obrigados a registrar-se junto à polícia de seu local de residência e a sua residência temporária. Na década de 1970, o sistema tornou-se tão rígido que “os camponeses podiam ser presos apenas por entrar nas cidades.”* [298]

Dada a pobreza rural e as oportunidades de emprego nas cidades, milhões e milhões de camponeses rurais, em sua maioria jovens, mudaram-se para as cidades para encontrar emprego. Esses antigos camponeses ou jovens camponeses que se mudaram para as cidades são chamados de migrantes na China. Esta

categoria é enganadora, uma vez que é normalmente utilizada para pessoas que se mudam para outro país. Na verdade, eles são trabalhadores migrantes rurais-para-urbanos. No entanto, não é por acaso que essas pessoas são chamadas de migrantes, porque há uma semelhança importante entre elas e aquelas que são chamadas internacionalmente de migrantes: elas se mudam para áreas onde vivem frequentemente ilegais e sem direitos e reivindicam a segurança social. Assim, esses ex-camponeses se mudam para as cidades onde eles são muitas vezes ilegais e - por causa do sistema *hukou* - não têm acesso a moradia, emprego, educação, serviços médicos e seguridade social.

Vivendo em condições muito precárias, esses migrantes logo se tornaram a principal força motriz do processo capitalista de acumulação primitiva por meio da superexploração. O número de trabalhadores imigrantes na China subiu de cerca de 30 milhões (1989) para 62 milhões (1993), 131,8 milhões (2006) e até o final de 2010, seu número subiu para cerca de 242 milhões. Na capital, Pequim, cerca de 40% da população total são trabalhadores migrantes, enquanto em Shenzhen quase 12 milhões do total de 14 milhões de habitantes são migrantes. Esses trabalhadores migrantes geralmente são empurrados para empregos de trabalho árduo e baixos salários. Segundo o *China Labour Bulletin*, os migrantes representavam 58% de todos os trabalhadores do setor e 52% do setor de serviços em 2008. A proporção de trabalhadores migrantes nas indústrias manufatureiras e na construção chegou a 68% e 80%, respectivamente. [299]

De acordo com outro estudo, trabalhadores migrantes rurais-para-urbanos também se tornaram a maior proporção da força de trabalho, perfazendo cerca de dois terços de todos os trabalhadores não-agrícolas. Eles se tornaram dominantes em vários setores importantes: 90% em construção, 80% em mineração e extração, 60% em têxteis e 50% em comércio de serviços urbanos.

Em suma, o imperialismo chinês não precisa de migrantes importantes porque já está em posição de super-explorar vastos recursos humanos de mão-de-obra barata. De fato, esse sistema de super-exploração de migrantes internos é uma das fontes para o rápido processo de acumulação de capital que resultou na ascensão do capitalismo chinês. Portanto, os camaradas do PO/CRQI estão completamente errados ao concluir que a falta de migração da China reflete o não-imperialismo da China.

Em suma, a análise do PO/CRQI não compreende a natureza do capitalismo na China e na Rússia e, conseqüentemente, não compreende o seu caráter como potências imperialistas emergentes. Daqui decorre o fracasso desta organização em compreender a natureza da rivalidade dessa Grande Potência no presente período histórico. [300]

## Notas de rodapé

239) Projeto de tese programática para o Congresso para a Refundação da IV Internacional, 2004, <http://www.progettocomunista.it/04BairesTesiProgrammatischeing.htm>

240) Nós analisamos a restauração do capitalismo em vários lugares. Veja por exemplo Michael Pröbsting: A Revolução de Cuba está Vendida? O caminho da revolução para a restauração do capitalismo, agosto de 2013, Livros da CCRI (em inglês-RCIT), <https://www.thecommunists.net/theory/cuba-s-revolution-sold-out/>; veja também o capítulo VI (Lidando com a Restauração Capitalista na Coreia do Norte) no livro , Michael Pröbsting: Perspectivas do Mundo de 2018: Um Mundo Grávido de Guerras e Levantes Populares; Sobre a restauração capitalista na China, referimo-nos a Michael Pröbsting: The Great Robbery of the South (Capítulo X).

241) Pablo Heller: China: El Otro Bonapartismo, 9 de março de 2017, Prensa Obrera # 1449 <http://www.prensaobrera.com/prensaObrera/1449/internacionales/china-el-otro-bonapartismo>

242) Contribuição do Partido Obrero ao Debate da Conferência Internacional (adotado pelo Comitê Nacional do Partido Obrero), 21.3.2018, <http://www.prensaobrera.com/prensaObrera/online/en/partido-obrero-s-contribution-to-the-international-conference-debate>

243) Partido Obrero, PT (Uruguai), DIP (Turquia), EEK (Grécia): Declaração da Conferência Internacional, 13.4.2018, <http://www.prensaobrera.com/prensaObrera/online/internacionales/declaration-of-the-international-conference>

244) Levent Dölek: O Caráter da Guerra no Século 21: A China e a Rússia São um Alvo ou um Lado da Guerra? In: Revolução Mundial / Revolução Mundial Edição 1 (Outono de 2018), p. 58

245) O RCIT lidou com a BRI da China em vários documentos. Veja por exemplo nossa declaração: O Corredor Econômico China-Paquistão é um Projeto do Imperialismo Chinês para a Colonização do Paquistão! Declaração Conjunta do Secretariado Internacional do RCIT e da Organização Revolucionária dos Trabalhadores (Secção Paquistanesa do RCIT), 22.1.2017, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/pakistan-pecp/>; veja também nosso panfleto Michael Pröbsting: O Conflito China-Índia: Suas Causas e Consequências. Quais são os antecedentes e a natureza das tensões entre a China e a Índia na região fronteiriça de Sikkim? Quais devem ser as conclusões táticas para os socialistas e ativistas dos movimentos de libertação? 18 de agosto de 2017, Comunismo Revolucionário No. 71, <https://www.thecommunists.net/theory/china-india-rivalry/>

246) Um exemplo semelhante foi a iniciativa dos EUA, chamada Aliança Para o Progresso, na década de 1960, que serviu para expandir sua dominação na América Latina.

247) Contribuição do Partido Obrero ao debate da conferência internacional (adotado pelo Comitê Nacional do Partido Obrero), 21.3.2018, <http://www.prensaobrera.com/prensaObrera/online/en/partido-obrero-s-contribution-to-the-international-conference-debate>; veja também Pablo Heller: A Dónde Va China. Entre a Guerra Comercial e a Restauração Capitalista, 26 de abril de 2018, <http://www.prensaobrera.com/prensaObrera/1499/internacionales/a-donde-va-china/>

248) Na análise do RCIT Sobre a Rússia como uma potência imperialista, ver a literatura mencionada na subseção especial em nosso site: <https://www.thecommunists.net/theory/china-russia-as-imperialist-powers/>

Em particular, referimos os leitores a Michael Pröbsting: A Teoria do Imperialismo de Lênin e a Ascensão da Rússia como uma Grande Potência. Sobre a compreensão e a in-

- compreensão da rivalidade interimperialista de hoje à luz da teoria do imperialismo de Lênin, agosto de 2014, <http://www.thecommunists.net/theory/imperialism-theory-and-russia/>; Michael Pröbsting: a Rússia Como uma Grande Potência Imperialista. A formação do Capital Monopolista Russo e seu Império - Uma Resposta aos Críticos, 18 de março de 2014, Edição Especial do Comunismo Revolucionário No. 21 (março de 2014), <https://www.thecommunists.net/theory/imperialist-russia/>
- 249) Quem é o Dono da Rússia: 32 maiores grupos empresariais fazem 51% do PIB, setor de mercados emergentes, 12 de julho de 2010, [http://www.emergingmarketsvenue.com/2010/07/12/russian\\_business\\_groups/](http://www.emergingmarketsvenue.com/2010/07/12/russian_business_groups/)
- 250) Credit Suisse: Global Wealth Report 2013, p. 53
- 251) World Inequality Report 2018, p. 120
- 252) Nós lidamos com uma das principais teorias do CRFI - a chamada Teoria do “Catastrofismo” - em um panfleto publicado recentemente. Veja Michael Pröbsting: A Falha Catastrófica da Teoria do “Catastrofismo”. Sobre a Teoria Marxista do Colapso Capitalista e sua Má Interpretação pelo Partido Obrero (Argentina) e seu “Comitê Coordenador para a Refundação da Quarta Internacional”, 27 de maio de 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/the-catastrophic-failure-of-the-theory-of-catastrophism/>
- 253) Tratamos desse argumento em detalhes em nosso panfleto Teoria do Imperialismo de Lênin e a Ascensão da Rússia como uma Grande Potência (Capítulo II, pp. 6-32).
- 254) V. I. Lenin: Uma Caricatura do Marxismo e do Economismo Imperialista (1916); em: LCW Vol. 23, p. 34
- 255) Levent Dölek: O Caráter da Guerra no Século XXI, pp. 52-53
- 256) Leon Trotsky: über den russischen Imperialismus (1916), em: Leo Trotzki: Europa im Krieg, Arbeiterpresse Verlag, Essen 1998, pp. 203-204 (nossa tradução). Até onde sabemos, este texto nunca foi traduzido para o idioma inglês.
- 257) Leon Trotsky: A Terceira Internacional Depois de Lenin, Pathfinder Press, Nova York 1970, p. 56
- 258) Leon Trotsky: A Terceira Internacional Depois de Lenine, p. 174
- 259) Leon Trotsky: A Revolução Chinesa (1938), em: Quarta Internacional [New York], Vol. 6 No.10 (Whole No.59), outubro de 1945, p. 316, <http://www.marxists.org/archive/trotsky/1938/xx/china.htm>
- 260) V.I. Lênin: Socialismo e a Guerra. A atitude do R.S.D.L.P. para a guerra (1915), em: LCW 21, p. 306
- 261) Grigori Sinowjew: Die russische Sozialdemokratie und der Russische Sozialchauvinismus (1915); em: W. I. Lenin / G. Sinowjew: Gegen den Strom. Aufsätze aus den Jahren 1914-1916, Hamburgo 1921, pp. 174-175 (nossa tradução)
- 262) V. I. Lenin: Imperialismo e a Divisão no Socialismo (1916); em: LCW Vol. 23, p. 116
- 263) Internacional Comunista: Um Manifesto aos Povos do Oriente, emitido pelo Congresso dos Povos do Oriente, Baku 1920, em: Baku: Congresso dos Povos do Oriente, New Park Publication 1977, p. 169, online: [http://www.marxists.org/subject/arab-world/documents/ppls\\_of\\_east.htm](http://www.marxists.org/subject/arab-world/documents/ppls_of_east.htm)
- 264) V. I. Lenin: A Discussão Sobre a Autodeterminação Resumida (1916); em: CW vol. 22, p. 359
- 265) V. I. Lenin: Política Social-Chauvinista por trás de uma capa de frases internacionalistas (1915); em: CW vol. 21, p. 435
- 266) V.I. Lenin: Sobre o Slogan dos Estados Unidos da Europa (1915), em: LCW 21, pp. 341-342

268) Para uma visão geral sobre o imperialismo russo antes de 1917, referimo-nos ao leitor: D. C. B. Lieven: Rússia e as Origens da Primeira Guerra Mundial, Palgrave Macmillan, Londres, 1983; Ian D. Thatcher: Tarde da Rússia Imperial, Manchester University Press, Manchester 2005; Alexander Semyonov: Liberalismo Russo e o Problema da Diversidade Imperial, em: Matthew Fitzpatrick (Ed): Imperialismo liberal na Europa, Palgrave Macmillan, Nova York 2012, pp. 67-89; Bertram Wolfe: Guerra chega à Rússia, em: The Russian Review Vol. 22 (1963), n.º 2, pp. 123-138; Joshua A. Sanborn: Imperialismo russo, 1914–2014: Anexionista, Adventista ou Ansioso?, em: Revolutionary Russia, vol. 27 (2014), no 2, pp. 92-108; Stephan Velychenko: O tamanho da burocracia imperial russa e do Exército em perspectiva comparativa, em: Jahrbücher für Geschichte Osteuropas, vol. 49 (2001), n.º 3, pp. 346-362; Karin-Irene Eiermann: A Concessão Russa em Wuhan (1896-1925) - Imperialismo e Grande Rivalidade de Poder, em: COMPARATIVO vol. 15 (2005), no. 5/6, pp. 39-49; German-language literature: Dietrich Geyer: Der russische Imperialismus. Studien über den Zusammenhang von innerer und auswärtiger Politik 1860–1914, Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen 1977; Dietrich Geyer (Ed.): Wirtschaft und Gesellschaft im vorrevolutionären Rußland, Kiepenheuer & Witsch, Köln 1975; Fritz Klein (Ed.): Neue Studien zum Imperialismus vor 1914, Akademie-Verlag, Berlin 1980; Jan Kusber: Krieg und Revolution in Russland 1904-1906. Das Militär im Verhältnis zu Wirtschaft, Autokratie und Gesellschaft, Franz Steiner Verlag, Stuttgart 1997; Andreas Kappeler: Rußland als Vielvölkerreich. Entstehung, Geschichte, Zerfall. Beck, München 1992; Horst Gunther Linke: Das zarische Russland und der Erste Weltkrieg. Diplomatie und Kriegsziele 1914-1917, Wilhelm Fink Verlag, München 1982; Georg von Rauch: Rußland im Zeitalter des Nationalismus und Imperialismus (1856-1917), Kopernikus Verlag, München 1961; G.W.F. Hallgarten: Das Schicksal des Imperialismus im 20. Jahrhundert. Drei Abhandlungen über Kriegsursachen in Vergangenheit und Gegenwart, Europäische Verlagsanstalt, Frankfurt a.M. 1969; Gustav Schmidt: Der europäische Imperialismus, R. Oldenburg Verlag, München 1985; Ju.A. Petrov: Die Bourgeoisie Rußlands zu Beginn des 20. Jahrhunderts: Versuche einer politischen Konsolidierung, in: Berliner Jahrbuch für osteuropäische Geschichte, 1997, pp. 49-67; Mark Bassin: Imperialer Raum / Nationaler Raum, in: Geschichte und Gesellschaft Vol. 28 (2002), pp. 378-402; Ulrich Hofmeister: Zwischen Kontinentalimperium und Kontinentalmacht. Repräsentationen der russischen Herrschaft in Turkestan, 1865–1917, in: Martin Aust and Julia Obertreis (Eds.): Osteuropäische Geschichte und Globalgeschichte, Franz Steiner Verlag, Stuttgart 2014; Dittmar Dahlmann: Zwischen Europa und Asien. Russischer Imperialismus im 19. Jahrhundert, in: Wolfgang Reinhard (Ed): Imperialistische Kontinuität und nationale Ungeduld im 19. Jahrhundert, Fischer Taschenbuch Verlag, Frankfurt a.M. 1991, pp. 50-66; Manfred Hagen: Der Russische “Bonapartismus“ nach 1906, in: Jahrbücher für Geschichte Osteuropas, Vol. 24 (1976), No. 3, pp. 369-393; Gottfried Schramm: Das Zarenreich: ein Beispiel für Imperialismus, in: Geschichte und Gesellschaft Vol. 7 (1981), No. 2, pp. 297-310; Heiko Haumann: Staatsintervention und Monopole im Zarenreich - ein Beispiel für Organisierten Kapitalismus? in: Geschichte und Gesellschaft Vol. 5 (1979), No. 2, pp. 336-355; Paul Luft: Strategische Interessen und Anleihenpolitik Rußlands im Iran, in: Geschichte und Gesellschaft Vol. 1 (1975), No. 3, pp. 506-538; Bernd Bonwetsch: Das ausländische Kapital in Rußland, in: Jahrbücher für Geschichte Osteuropas, Vol. 22 (1974), pp. 412-425

269) Para uma visão geral do desenvolvimento da historiografia soviética sob o domínio de Stalin sobre a questão do caráter de classe da Rússia czarista, ver, e. George M. Enteen, Tatiana Gorn e Cheryl Kern: Historiadores Soviéticos e o Estudo do Imperialismo

Russo, The Pennsylvania State University Press, 1979, pp. 23-28; George M. Enteen: O Burocrata Soviético: M. N. Pokrovskii e a Sociedade de Historiadores Marxistas, Universidade Estadual da Pensilvânia 1978, pp. 95-95 e pp. 176-178; James W. Roberts: Teoria do Imperialismo de Lenin no uso soviético, em: Estudos soviéticos vol. 29, nr. 3 (julho de 1977), pp. 353-372.

270) História do Partido Comunista da União Soviética (Bolcheviques): Curso Curto, Editado por uma Comissão do C.C. da C.P.S.U. (B), International Publishers, Nova Iorque 1939, p. 162. Outra edição do mesmo livro, publicada pela Editora de Línguas Estrangeiras em Moscou em 1945, contém a mesma formulação na mesma página.

271) Para uma visão geral da discussão dos historiadores marxistas na União Soviética na década de 1920 sobre o caráter de classe da Rússia czarista nos referimos às seguintes publicações (além das obras de Enteen, Gorn, Kern e Roberts mencionadas acima): John Barber : Soviet Historians in Crisis, 1928-32, Macmillan Press, Londres, 1981; George M. Enteen: Marxistas Versus não-Marxistas: historiografia soviética na década de 1920, em: Slavic Review, vol. 35 (1976), No. 1, pp. 91-110; Robert F. Byrnes: Criando a Profissão Histórica Soviética, 1917-1934, em: Slavic Review, vol. 50 (1991), n ° 2, págs. 297-308; George M. Enteen: Historiadores Soviéticos Reveem seu Próprio Passado: A reabilitação de Pokrovsky, em: Estudos Soviéticos, vol. 20 (1969), n ° 3, págs. 306-320; Samuel H. Baron: Plekhanov, Trotsky e o desenvolvimento da historiografia soviética, em: Estudos Soviéticos, vol. 26 (1974), n ° 3, págs. 380-395. Existe também uma série de trabalhos em alemão sobre esta questão: W. Astrow / A. Sleprow / J. Thomas (Eds): Illustrierte Geschichte der Russischen Revolution, 1917 (publicado em 1928, reimpresso por Verlag Neue Kritik, Frankfurt am Main, 1970). ), pp. 70-72; Karl-Heinz Schlarp: Ursachen und Entstehung des Ersten Weltkrieges im Lichte der sowjetischen Geschichtsschreibung, Alfred Metzner Verlag, Hamburgo, 1971; K.N. Tarnovskij: Probleme des russischen Imperialismus in der sowjetischen Geschichtsschreibung, in: Jahrbuch für Geschichte der sozialistischen Länder Europas, Jg. 27, Berlim 1983, pp 77-95; Vladimir Lavryev: Der staatsmonopolistische Kapitalismus em Rußland. Ergebnisse und Aufgaben der weiteren Forschung, in: Jahrbuch für Geschichte der sozialistischen Länder Europas, Jg. 29, Berlin 1985, pp. 233-243; Erich Donnert: Pokrovskijs Stellung in der sowjetischen Geschichtswissenschaft, em: Jahrbuch für Geschichte der sozialistischen Länder Europas, Jg. 7, Berlim 1963, pp. 35-60; Lutz-Dieter Behrendt: M.N. História de Oktoberrevolution Sozialistischen, em: Jahrbuch für Geschichte der sozialistischen Länder Europas, Jg. 22, Berlin 1978, pp. 97-115; Boris Kolonickij: 100 anos e depois Ende. Sowjetische Historiker und der Erste Weltkrieg, em: Osteuropa Jg. 64 (2014), Bd. 2-4, pp. 369-388

272) Várias de suas obras foram traduzidas para o inglês e para o alemão: M. N. Pokrovskii: Rússia na História do Mundo; Ensaios Seleccionados, Editado por Roman Szporluk, Universidade de Michigan Press, Ann Arbor 1970; M. Pokrowski: Geschichte Russlands von Seiner Entrehung bis zur neuesten Zeit, C.L.Hirschfeld Verlag, Leipzig 1929; M. Pokrowski: Russische Geschichte, Berlim, 1930; M. N. Pokrowski: Historische Aufsätze. Ein Sammelband, Verlag für Literatur und Politik, Viena e Berlim, 1928; M.N. Jogos: Aus den Geheim-Archiven des Zaren. Ein Beitrag zur Frage nach den Urhebern des Weltkrieges, August Scherl, Berlim, 1919; M.N. Pokrowski: Vorwort des russischen Herausgebers, in: Otto Hoetzsch (Ed.): Internationale Beziehungen in Zeitalter des Imperialismus, Reihe 1, 1. Banda, Verlag von Reimar Hobbing, Berlim, 1931.

Trotsky observou em Pokrovsky em sua História da Revolução Russa: “A notícia da morte de M. N. Pokrovsky, com quem tivemos que batalhar mais de uma vez no curso desses dois volu-



mes, chegou depois que nosso trabalho terminou. Tendo chegado ao marxismo do campo liberal quando já era um estudioso terminado, Pokrovsky enriqueceu a literatura histórica mais recente com trabalhos e começos preciosos. Mas mesmo assim ele nunca dominou completamente o método do materialismo dialético. É uma questão de justiça simples acrescentar que Pokrovsky era um homem não apenas de altos talentos e excepcional erudição, mas também de profunda lealdade à causa que ele servia.” (Leon Trotsky: História da Revolução Russa, Haymarket Books, Chicago 2008, p. 353)

273) Leon Trotsky: O “Tanaka Memorial” (1940), em: Trotsky Writings 1939/40, p. 170, <http://www.marxists.org/archive/trotsky/1940/01/tanaka.htm>

274) V.I. Lenin: Imperialismo e Socialismo na Itália (1915), em: LCW vol. 21, p. 358 resp. 365

275) Levent Dölek: O Caráter da Guerra no Século XXI, pp. 55-56

276) Levent Dölek: O personagem da guerra no século XXI, p. 57

277) UNCTAD: World Investment Report 1994, p. 131

278) UNCTAD: World Investment Report 2018, p. 189

279) Levent Dölek: O personagem da guerra no século XXI, p. 56

280) Henri Safa: O Impacto da Energia na Economia Global, em: International Journal of Energy Economics and Policy, vol. 7 (2017), No. 2, p. 294

281) V. I. Lenin: Imperialismo e a Divisão no Socialismo (1916); em: CW vol. 23, pp. 105-106 [ênfase no original]

282) Miguel Perez Ludeña: Adaptação à Experiência Latino-Americana; in: QUARTERLY DO LESTE DA ÁSIA FÓRUM, Vol. 4 No.2 De abril a junho de 2012, p. 13

283) Irene Sun Yuan, Kartik Jayaram, Omid Kassiri: Dança dos Leões e Dragões. Como a África e a China estão se engajando e como a parceria evoluirá? McKinsey & Company, junho de 2017, p. 10 e pp. 29-30

284) V. I. Lenin: Imperialismo. O Estágio mais Avançado do capitalismo (1916); em: LCW Vol. 22, pp. 298-299

285) Levent Dölek: O Caráter da Guerra no Século XXI, p. 56

286) Daniel Haberly e Dariusz Wójcik: Paraísos Fiscais e a Produção de IED offshore: Uma análise empírica (2013), p. 1. The Economist relatou o mesmo. (The Economist: Sobreviventes da tempestade, Relatório Especial sobre Finanças Off Shore, 16 de fevereiro de 2013, p. 2)

287) Zucman, Gabriel: A Riqueza Perdida das Nações: a Europa e os devedores líquidos dos EUA ou credores líquidos? in: O Quarterly Journal of Economics (2013), p. 1344

288) James S. Henry: O preço do offshore revisitado. Rede de Justiça Fiscal 2012, p. 5

289) UNCTAD: Trade and Development Report 2018, New York and Geneva, 2018, p. 39

290) Levent Dölek: O Caráter da Guerra no Século XXI, p. 57

291) V. I. Lenin: O Estado e a Revolução. A Teoria Marxista do Estado e as Tarefas do Proletariado na Revolução (1917); em: LCW Vol. 25, p.387

292) V. I. Lenin: A Catástrofe Iminente e Como Combatê-la (1917); em: LCW Vol. 25, p.361

293) Chu Daye e Zhang Dan: Resultados sustentam a economia em meio à pressão descendente, Global Times 2019/1/17 <http://www.globaltimes.cn/content/1136176.shtml>; ver também SCMP: as empresas estatais da China desfrutam de lucros recordes, mesmo quando os parceiros do setor privado, 18 de janeiro de 2019, <https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/2182552/chinas-state-owned-companies-enjoy-record-profits-even-private>

294) Levent Dölek: O Caráter da Guerra no Século XXI, pp. 57-58

295) Para mais informações sobre migração na Rússia, ver Michael Pröbsting: A Rússia como uma Grande Potência Imperialista. A formação do Capital Monopolista Russo e seu Império - Uma Resposta aos Críticos, 18 de março de 2014, Edição Especial do Comunismo Revolucionário No. 21 (março de 2014), <https://www.thecommunists.net/theory/imperialist-russia/> (Veja o capítulo “Migração e super-exploração”)

296) Para a análise de migração do RCIT, ver, e. Michael Pröbsting: Patriótico “Anti-Capitalismo” Para os Tolos. Mais uma vez sobre o apoio do CWG / LCC ao controle e proteção do imigrante “nos trabalhadores” nos EUA, 30.5.2017, <https://www.thecommunists.net/theory/cwg-lcc-us-protectionism/>; Michael Pröbsting e Andrew Walton: O Slogan do Controle de Imigração dos Trabalhadores: uma concessão ao social-chauvinismo, 27.3.2017, <https://www.thecommunists.net/theory/workers-immigration-control/>; Michael Pröbsting e Andrew Walton: Uma Defesa Social-Chauvinista do Indefensável. Outra resposta ao apoio do CWG / LCC ao controle de imigração de “Trabalhadores”, 14.5.2017, <https://www.thecommunists.net/theory/cwg-immigration-control/RCIT:>

Marxismo, Migração e Integração Revolucionária, <https://www.thecommunists.net/oppressed/revolutionary-integration/>; Michael Pröbsting: The Great Robbery of the South, capítulo 8.iv) e 14ii), <https://www.thecommunists.net/theory/great-robbery-of-the-south/>; Michael Pröbsting: A Esquerda Britânica e o Referendo da UE: As Muitas Faces do Social-Imperialismo pró-Reino Unido ou pró-UE, agosto de 2015, Capítulo II.2, <https://www.thecommunists.net/theory/british-left-and-eu-referendum/part-5-1/>

parte-5-1 /, RCIT-Programa, capítulo V: <https://www.thecommunists.net/rcit-manifesto/fight-against-oppression-of-migrants/>, capítulo RCIT-Manifesto IV: <https://www.thecommunists.net/rcit-program-2016/chapter-iv/>; e várias declarações e artigos reais aqui: <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/articles-on-refugees/>. Veja também Michael Pröbsting: Migração e Super-Exploração: teoria marxista e o papel da migração no presente período de decadência capitalista, em: Critique: Journal of Socialist Theory (Volume 43, Edição 3-4, 2015), pp. 346 Também publicamos um estudo detalhado sobre migração e o programa marxista em alemão. Veja Michael Pröbsting: Marxismus, migração e revolução revolucionária (2010); em: Der Weg des Revolutionären Kommunismus, Nr. 7, pp. 38-41, <http://www.thecommunists.net/publications/werk-7>

297) Gabriele Vogt: Bevölkerungsentwicklung in Japan: Fokus Migration, Berlin-Institut für Bevölkerung und Entwicklung, 2008, p. 3

298) China Labour Bulletin: Migrant workers in China, 6 June, 2008, <http://www.clb.org.hk/en/node/100259>

299) China Labour Bulletin: Migrant workers in China, 6 June, 2008, <http://www.clb.org.hk/en/node/100259>

300) Chamamos a atenção para o fato de que uma organização que fazia parte do CRFI desde o seu início, o Partido Comunista dei Lavoratori (Partido dos Trabalhadores Comunistas) italiano, chegou a conclusões muito diferentes sobre a questão da China e da Rússia. Depois de ser expulso burocraticamente do PO/CRFI em 2018, Marco Ferrando, um dos líderes históricos do PCL, publicou recentemente um artigo que critica as posições de seus antigos camaradas. Neste artigo, o PCL caracteriza a Rússia e a China como potências imperialistas e apoia esta posição com argumentos muito semelhantes que a CCRI elaborou nos últimos sete anos. (Veja Marco Ferrando: Un confronto sulla questione cinese, 9 de dezembro de 2018, <http://www.pclavoratori.it/files/index.php?obj=NEWS&oid=6082>)

## X. Cortina de Fumaça Revisionista. China e Rússia são Semicolônias e não Grandes Potências (LIT / UIT / FT)

Várias organizações que aderiram à ideologia do trotskismo recusam o absurdo reacionário de que a restauração capitalista na Rússia e na China não foi concluída. Eles rejeitam justamente tal condescendência estalinista com as classes dominantes na China e na Rússia. No entanto, eles não compartilham nossa caracterização da China e da Rússia como potências imperialistas. Isso, em nossa opinião, contém o perigo de abrir objetivamente a porta para dar apoio a esses estados no contexto rivalidade das Grandes Potências.

Tomemos por exemplo duas grandes organizações trotskistas, que estão na tradição centrada de Nahuel Moreno, ambas baseadas principalmente na América Latina: a “*Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional*” (LIT-QI) e a “*Unidade Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional*” (UIT-QI). [301]

Como observamos em nosso panfleto recentemente publicado sobre a Revolução Síria e sobre a rivalidade das Grandes Potências, essas organizações se opõem corretamente tanto às intervenções militares da Rússia quanto aos EUA na Síria. No entanto, em suas declarações sobre esta questão, elas caracterizaram apenas as potências ocidentais como “imperialistas”, mas abstiveram-se de fazê-lo com relação à Rússia. [302]

Não foram descuidos acidentais, mas um resultado lógico de sua análise teórica. As lideranças tanto da LIT quanto da UIT afirmaram repetidamente em artigos teóricos que consideram a China e a Rússia não como potências imperialistas, mas como grandes países semicoloniais como o Brasil, o México e a Índia.

### LIT: É Possível se Comparar a China com o Brasil, a Índia ou o México?

Vamos primeiro olhar para os argumentos dos companheiros da LIT.

*“Este exemplo serve para provar que a economia chinesa está sendo usada pelas multinacionais para explorar o mundo, enquanto transforma a China em uma semicolônia do imperialismo mundial, uma condição de submissão que leva a imensas contradições que explodirão nos próximos anos. . (...) E então surgiu um mito: a China será a nova superpotência global, seguida por novas potências regionais: Brasil, Rússia, Índia, México, África do Sul, etc. É verdade que estes países têm uma relação privilegiada com o imperialismo, entretanto, essa relação pressupõe sua subordinação às transnacionais: elas fazem parte do processo de recolonização ”.* [303]

Eles veem a China como uma espécie de subsidiária do imperialismo norte-americano, como demonstram as citações seguintes.

*“Assim, ocorre uma combinação histórica sem precedentes: o aparato estalinista, que liderou a revolução e construiu o Estado dos Trabalhadores Burocratizados, restaurou o capitalismo e permaneceu no poder depois de fazê-lo. Mas agora eles não mais defendem a base econômica e social de um Estado Operário, eles estão a serviço do capitalismo imperialista. (...) Nos referimos ao “mecanismo conjunto” das economias chinesas e norte-americanas. Mas elas não são “locomotivas” iguais e equivalentes. Um era o principal e dominante (EUA), o outro era subsidiário e dominado (China). A China se transformou na “fábrica do mundo” não como uma potência dominante, mas como um país subordinado em um modelo de acumulação dominado pelo capital imperialista. Deste ponto de vista, o mecanismo global do modelo é semelhante a países semicoloniais fortes, como o Brasil. (...) é capitalista por causa da dinâmica do modelo de acumulação que analisamos. É também um capitalismo dependente, porque o capital imperialista controla os dois extremos do processo (investimentos e exportações)”. [304]*

*“A China é um país imperialista?”*

*A realidade que descrevemos leva muitos analistas a considerarem a China como a “potência emergente do século XXI”. Da perspectiva de muitos marxistas, é um novo país imperialista ou sub-imperialista (imperialista, mas dependente de um imperialismo mais forte). Esta última caracterização baseia-se no seguinte raciocínio: dado que Lênin (em seu famoso livro sobre o assunto) definiu a característica principal do imperialismo como a exportação de capital financeiro, países que têm empresas que o fazem (e, portanto, extraem mais-valia dos outros) adquirem um caráter imperialista. Essa lógica é aplicada não apenas à China, mas também a outros países como o Brasil.*

*Acreditamos que essa caracterização está equivocada, pois se concentra em apenas um elemento (a existência de empresas exportadoras de capital) para definir mecanicamente todo o caráter do país e sua localização na “hierarquia internacional”. Mas, se observarmos mais profundamente, descobriremos que, no estágio atual do desenvolvimento capitalista, há empresas como essa em países que ninguém pode caracterizar como imperialistas. (A seguir, os camaradas da LIT referem-se a exemplos de empresas no Peru, Chile, Argentina e Brasil; Ed.) Essas empresas atuam como multinacionais (semelhantes às empresas imperialistas). Eles extraem mais-valia de seus investimentos no exterior. Em muitos casos, eles saqueiam recursos naturais e enviam a maior parte de seus lucros para suas sedes. Mas esta realidade deve ser entendida em todo o contexto do país de origem. Devemos analisar se essa mais-valia obtida no exterior é o principal eixo da economia do país ou, ao contrário, ela representa apenas um elemento contraditório (e privilegiado) em um processo mais geral. Um processo no qual um país entrega a maior parte da mais-valia para os principais países (através da repatriação dos lucros das empresas imperialistas, pagamento da dívida externa, saque dos recursos naturais, etc.). Para nós, esta é claramente a situação do Peru, Chile, Argentina e também do Brasil.*

*O caso da China é mais complexo, porque o Estado e a burguesia têm um volume significativo de capital e fazem grandes investimentos no exterior, o que lhes permite ter uma autonomia relativa, à qual já nos referimos. No entanto, o modelo econômico chinês não trabalha em torno da mais-valia obtida no exterior. Pelo contrário, entregam*

*a maior parte da mais-valia obtida no país ao capital financeiro imperialista. Se analisarmos os investimentos chineses, veremos que a maioria deles é usada para sustentar suas reservas monetárias ou garantir o suprimento e transporte das mercadorias e alimentos que eles importam. Secundariamente, buscam alívio para a superprodução de aço, construção e produtos mecânicos no país. São subsidiárias, subordinadas ao modelo de acumulação como um todo e ao seu serviço. Em outras palavras, eles acabam garantindo a mais-valia do imperialismo". [305]*

A LIT mantém essa posição mesmo agora, quando a Guerra Global entre os EUA e a China começou.

*"Nós conversamos sobre o " mecanismo conjunto "das economias dos EUA-China. Mas ambos os casos não são iguais ou equivalentes. Um é o principal e o controlador (os EUA) e o outro é uma subsidiária, a dominada (a China). A China tornou-se a "fábrica mundial", mas não como potência dominante, mas como país subordinado, num modelo de acumulação controlado por capitais imperialistas. Deste ponto de vista, o modelo econômico global da China é semelhante aos dos países semicoloniais mais fortes, como o Brasil ". [306]*

Assim, em resumo, a LIT imagina que a China é um país semicolonial que é super-explorado pelas potências imperialistas dos EUA (e outras).

## **UIT: A China é Super-explorada pelo Imperialismo?**

Os companheiros da outra grande tendência morenista, a UIT-CI, compartilham basicamente a mesma abordagem metodológica. A UIT, como a citação abaixo demonstra, também caracteriza a China e a Rússia não como uma potência imperialista, mas como uma semicolônia.

*"A definição da China como um país capitalista tem suas peculiaridades, na base de que é um país onde o capitalismo foi restaurado e ainda é governado pelo PCC, um partido estalinista. Não é um país imperialista porque é um país semicolonizado pelas grandes multinacionais do mundo imperialista (EUA e Europa), que o dominam, e pela total dependência das exportações para esses países. A China é uma grande semicolônia em relação ao imperialismo, como, por exemplo, o Brasil, a Índia e a Rússia, ressaltando as diferenças" [307]*

E, como seus companheiros da LIT, a UIT também mantém essa posição mesmo agora, quando a Guerra do Comércio Global demonstra que a China é realmente capaz de desafiar a maior potência imperialista da Terra!

*"China e sua inserção no mercado global*

*(...) Quarenta anos depois, a economia chinesa deixou de representar 1,8% do mercado mundial para 18,2%, mas o custo de se associar com grandes multinacionais e se subordinar aos planos imperialistas foi pago pela perda desses ganhos históricos e pelo retorno a uma brutal desigualdade social, mega corrupção e super-exploração, com jornadas de trabalho extenuantes e salários miseráveis sob um regime de ditadura capitalista de partido único. Sucessivas greves de trabalhadores nos últimos anos, como a de Dongguan em 2014, a maior da história da A República Popular da China põe em causa*

*o modelo de exploração da ditadura chinesa e o seu falso “socialismo com características chinesas”*. [308]

Como mostramos acima (assim como em muitos outros estudos), a avaliação morenista sobre a China e da Rússia como países subordinados e super-explorados, sob a mercê do imperialismo norte-americano, é uma caricatura da realidade. A China tornou-se o desafiante mais importante dos EUA como a potência hegemônica do mundo. Já ultrapassou todas as outras potências imperialistas (como o Japão ou os estados da Europa Ocidental). Embora o capital estrangeiro tenha desempenhado um papel importante no passado, isso foi fortemente reduzido. Enquanto a participação do investimento direto estrangeiro na formação de capital fixo da China foi de cerca de 17% em 1994, foi apenas cerca de 2,5% até 2014. [309]

A Rússia, embora economicamente mais fraca que a China, também se mostrou capaz de desafiar a dominação ocidental no Oriente Médio. Então, perguntamos aos companheiros da LIT e da UIT: como você explica que a Rússia e a China, essas supostas semicolônias do imperialismo norte-americano, conseguem desafiar a supremacia de Washington? Como eles explicam que Putin conseguiu trazer a Síria sob seu controle e expandir a influência de Moscou às custas dos EUA? Como eles explicam que a China está se tornando um dos maiores investidores estrangeiros na África, Ásia e América Latina, e que seu peso político está subindo constantemente causando forte irritação da administração dos EUA?

Infelizmente, todas essas mudanças fundamentais no capitalismo mundial nas últimas duas décadas parecem ter passado despercebidas pelos líderes da LIT e da UIT! Trotsky comentou certa vez: *“O que caracteriza uma genuína organização revolucionária é, acima de tudo, a seriedade com que funciona e testa sua linha política a cada nova virada de eventos.”* [310] Seria muito útil para os companheiros da LIT e da UIT terem esse conselho em conta!

Qualquer equiparação de semicolônias como o Brasil ou a Índia com a Rússia ou a China é completamente absurda. Como mostramos em outros trabalhos, a economia da Rússia é dominada por monopólios domésticos. [311] Setores-chave como petróleo, gás, bancos e metal são controlados por algumas grandes corporações que geralmente estão intimamente ligadas ao Estado. De acordo com um cálculo de 2004, os 22 maiores monopólios russos empregam 42% da força de trabalho e respondem por 39% das vendas, enquanto o estado capitalista (tanto regional quanto federal) emprega outros 21% da força de trabalho e responde por 36% adicionais de vendas. Por outro lado, corporações *estrangeiras* empregam apenas 3% dos trabalhadores russos e vendem apenas 8% dos bens e serviços produzidos no país. [312]

A China, como demonstramos em detalhes, abriga o segundo maior número de corporações multinacionais do mundo (atrás apenas dos EUA). Ao mesmo tempo, a participação do capital estrangeiro no mercado acionário chinês é de apenas cerca de 5% e cerca de 2% no mercado de títulos chinês. [313] Arthur

Kroeber, autor de um importante estudo sobre a economia da China, conclui *“que conta [empresas estatais] para cerca de 35 por cento do PIB (...), representam as empresas privadas nacionais por cerca de 60 por cento do PIB, e as empresas controladas por estrangeiros os investidores respondem pelos 5% restantes”*. [314] Em suma, a China não é dominada pelo capital estrangeiro, mas domina outros países.

Em contraste com a Rússia e a China, o Brasil sempre foi dominado não por nacionais, mas por monopólios estrangeiros. Descrevemos isso com mais detalhes em nosso livro *O Grande Roubo do Sul*. Um estudo do Brasil na década de 1960 demonstra que 31 das 50 maiores empresas privadas eram controladas pelo capital imperialista. Das 276 grandes empresas, mais da metade eram controladas por proprietários estrangeiros. [315]

Desde a época desses estudos, a situação não mudou. Hoje, as corporações imperialistas controlam quase metade do comércio exterior brasileiro e mais da metade das 500 maiores empresas privadas brasileiras: *“Os altos influxos de IDE significaram um aumento na participação estrangeira na economia brasileira. (...) As empresas estrangeiras também aumentaram sua participação no comércio exterior do país, alcançando 41,3% das exportações e 49,3% das importações. O papel do capital estrangeiro é ainda mais forte quando consideramos apenas grandes empresas. Entre as 500 maiores empresas privadas brasileiras, aquelas sob controle estrangeiro foram responsáveis por 41,2% das vendas em 1989. Essa participação aumentou para 49,9% em 1997 e, em 2003, chegou a 51,7%.”* [316]

## **FT: Rússia e China não podem se tornar imperialistas sem uma Grande Guerra?**

A Fração Trotskista - Quarta Internacional (FT), cuja principal força é o *Partido dos Trabalhadores Socialistas (PTS)* na Argentina, também rejeita a caracterização de Rússia e China como imperialista. Como as declarações de outros centristas, a declaração da FT sobre os recentes acontecimentos na Síria usa o termo “imperialista” apenas quando se trata das ações dos EUA e do Ocidente, mas não quando mencionam a guerra de agressão de Putin. [317] Novamente, isso não é um acidente, como se pode ver em documentos mais elaborados do FT.

Isso fica evidente a partir de uma declaração de Philippe Alcoy, líder da FT na França. Este camarada escreveu em abril de 2018:

*“Com a crise econômica internacional de 2007-2008, essa situação começou a mudar. O fracasso da invasão do Iraque e do Afeganistão liderada pelos Estados Unidos marcou um declínio relativo, mas real, da hegemonia mundial do imperialismo norte-americano, ainda que hoje não haja uma nova potência imperialista para desafiar os EUA.*

*É nesse contexto que devemos entender essa nova ofensiva das potências ocidentais contra a Rússia. Não que a Rússia esteja desafiando a hegemonia dos EUA (é realmente longe disso). Nós não estamos em uma “nova Guerra Fria”. No final, o conflito não é nem entre a Rússia e o “Ocidente”. É um movimento dos EUA para impedir que qualquer poder internacional, ou aliança internacional, desafie sua hegemonia como a*

*principal potência imperialista. (...)*

*A Rússia não é realmente uma potência imperialista, mas uma potência regional capaz de influenciar alguns assuntos internacionais. Seu poder militar e suas posições em organizações internacionais (herdadas principalmente do período soviético) criam a “ilusão de superpotência mundial”. Mas desde o fim da Guerra Fria, a economia russa tornou-se quase completamente dependente da produção e exportação de gás e petróleo (cuja tecnologia é em grande parte importada de países imperialistas); sua principal área de influência é o antigo espaço soviético; o papel central que desempenha hoje na Síria é principalmente o resultado do grande golpe que recebeu na Ucrânia em 2014. Além disso, com a ofensiva ocidental, a Rússia está se tornando um “estado pária.” [318]*

Essa afirmação é completamente sem sentido e reflete a falha da FT em entender a dinâmica fundamental do período histórico atual. Embora, de fato, a crescente rivalidade entre as Grandes Potências imperialistas e, em particular, o desafio da hegemonia dos EUA pela Rússia e pela China sejam características-chave da situação mundial, o FT simplesmente nega essa realidade. Afirma: *“hoje não há nova potência imperialista para desafiar os EUA”*

Bem, se supostamente não há desafio para os EUA, perguntamos aos camaradas, como eles explicam que há uma guerra comercial global entre os EUA e a China?! Se isso não é um desafio, o que é um desafio?! E os camaradas da FT querem negar o fato de que a Rússia efetivamente superou os EUA a partir das negociações na Síria - uma área chave da dinâmica política no Oriente Médio. (A explicação da FT sobre o papel da Rússia na Síria de que este *“é principalmente o resultado do enorme golpe que recebeu na Ucrânia em 2014”* não tem qualquer lógica. Se a Rússia foi enfraquecida pelos acontecimentos na Ucrânia por que deveria, como resultado desse, ser capaz de dominar a Síria?!) Da mesma forma, ela desempenha um papel influente em outras potências-chave no Oriente Médio, como Irã e Turquia. E na Europa Oriental e na Ásia Central, a Rússia também é capaz de desafiar os EUA.

Da mesma forma com a China. Embora a FT admita que a China tem certas *“características imperialistas”*, afirma que nem a Rússia nem a China criaram uma *“classe capitalista independente”*. [319] Por isso, fala, no caso da China, não sobre a *“classe dominante”*, mas sobre a *“burocracia dominante”*. A citação a seguir, extraída do documento político central adotado em sua recente conferência internacional, demonstra que a FT afirma que a Rússia e a China são muito fracas e atrasadas para desafiar os EUA. Eles negam explicitamente que a China possa se tornar uma potência imperialista numa *“via pacífica”*, ou seja, sem uma prévia e grande guerra vitoriosa contra o imperialismo norte-americano.

*“Nos últimos anos, as características imperialistas da China se aprofundaram. (...) Resumidamente, a China não pode desafiar hoje a supremacia global dos EUA, que continuará a ser a mais importante potência imperialista nos próximos anos. O PIB per capita da China é muito baixo (...), as diferenças no campo militar ainda são enormes, e o mesmo vale para o setor tecnológico. Além disso, nem na China nem na Rússia poderia uma classe capitalista independente se consolidar, dadas as peculiaridades da restauração capitalista. Portanto, o papel do estado ainda é dominante. (...) Existe um*

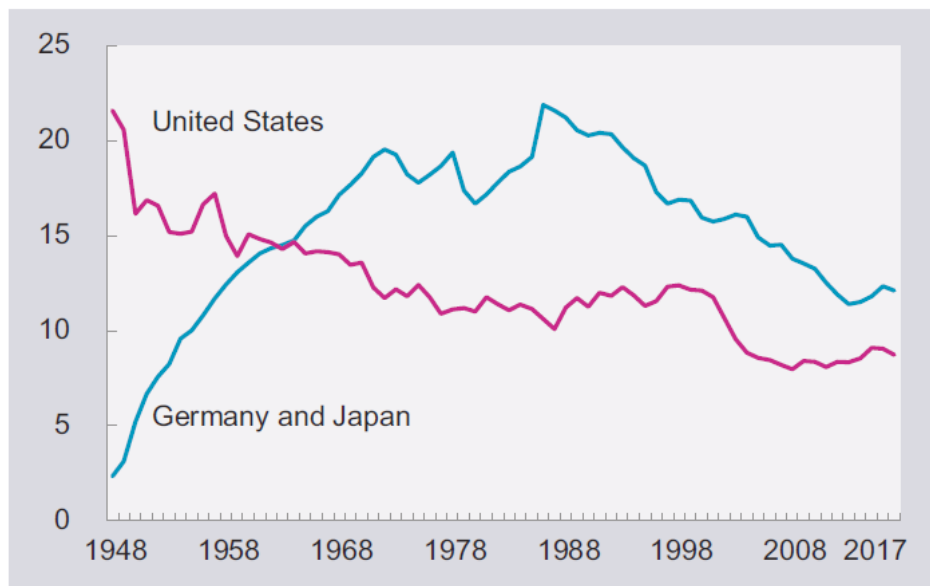


*duplo desafio: a China quer sair das limitações que a economia imperialista mundial impõe e, ao mesmo tempo, os EUA tentam romper a China. (...) Isso demonstra que não há possibilidade de um “caminho pacífico” para um desenvolvimento imperialista da China.” [320]*

Certamente, a China e a Rússia estão “atrasadas”, em comparação com os EUA e outras potências ocidentais, quando olhamos para o seu PIB per capita. Mas, como demonstramos em vários estudos e neste livro, tais discrepâncias entre os estados imperialistas têm sido muitas vezes o caso e não contradizem a natureza imperialista de tais Grandes Potências “atrasadas”. Lembramos aos companheiros da FT que tal desigualdade entre as Grandes Potências sempre existiu na época do imperialismo.

É verdade que o imperialismo norte-americano é, em princípio, ainda superior aos seus rivais, incluindo a Rússia e a China. Mas a verdade é sempre concreta como Lenin gostava de dizer. Sim, os EUA são a maior potência econômica e militar. No entanto, ao mesmo tempo, é sobrecarregada pelas responsabilidades globais como a antiga hegemonia absoluta do mundo. Ao contrário da Rússia e da China, a classe dominante dos EUA está amargamente dividida.

### Quadro 30. Participação nas Exportações Globais de Mercadorias, 1948–2017 (em porcentagem) [321]



Fonte: Cálculos do secretariado da UNCTAD, baseados na UNCTADstat.

A Alemanha se refere às Repúblicas Federal da Alemanha e à República Democrática de Alemanha antes de 1990

Para fazer uma comparação: os EUA são como um grande animal ferido. A Rússia e a China são como tigres menores que, ao contrário do rival, se encaixam e são rápidos. Sob tais condições, a superioridade dos EUA torna-se mais relativa e limitada.

A tese de que a China (ou a Rússia) não pode se tornar uma potência imperialista “*em um caminho pacífico*” não é nova. Já foi levantado contra a CCRI por outro grupo latino-americano. Como já respondemos a esses camaradas, consideramos essa posição fundamentalmente errada. É claro que nunca houve e nunca haverá uma coexistência pacífica entre as potências imperialistas a longo prazo. Este é um pilar da teoria marxista, como sempre indicamos.

Mas por que os camaradas da FT insistem que deve haver uma guerra antes que um estado possa se tornar uma potência imperialista? Onde Lenin ou Trotsky disseram uma coisa dessas? Os EUA, o Japão e a UE declinaram nas últimas décadas sem uma guerra mundial. (Veja, por exemplo, o quadro 30, que demonstra o declínio das grandes potências ocidentais, EUA, Alemanha e Japão nas últimas décadas). No mesmo período, novas Grandes Potências podem e têm surgido.

Além disso, gostaríamos de lembrar aos camaradas que o próprio Lenin apontou explicitamente a possibilidade do surgimento de novas potências imperialistas: “*O capitalismo está crescendo com a maior rapidez nas colônias e nos países ultramarinos. Entre estes últimos, novas potências imperialistas estão surgindo (por exemplo, o Japão)*”. [322]

O fracasso dos camaradas da FT em entender a rivalidade entre os EUA e a China como rivalidade entre duas Grandes Potências imperialistas também se torna evidente em outro artigo recentemente publicado. Este artigo, intitulado “*Nacionalismo Econômico do Século XXI*”, trata das crescentes tensões entre os dois poderes sobre as questões do comércio. No entanto, apesar do tamanho do artigo, o autor não menciona uma única vez a palavra “*imperialista*” ou “*imperialismo*”! [323]

Nós vemos o mesmo fracasso na análise da FT sobre a Guerra do Comércio Global. Em um artigo recentemente publicado, eles não conseguem entender as tensões como um conflito interimperialista entre as grandes potências. Consequentemente, enquanto eles nomeiam os EUA, assim como a União Europeia, de “*imperialistas*”, eles se abstêm de tal caracterização da China. [324]

É claro que o desenvolvimento da realidade é muito mais avançado do que os esquemas vazios do centrismo. Enquanto negam a natureza imperialista da Rússia e da China, a realidade é marcada pelo desafio do imperialismo ocidental pelas novas Grandes Potências do Oriente. Os centristas são, parafraseando Lênin, prisioneiros de velhas fórmulas. [325]

## Notas de rodapé

301) Para a caracterização do RCIT sobre o Morenismo, ver, e. Michael Pröbsting: Resumo da nossa principais diferenças com a UIT-CI, outubro de 2015, <https://www.thecommunists.net/theory/critique-of-uit-ci/>; LRCI: Trotskyism bárbaro: uma história do Morenismo (1992), parte 1 e 2, <https://www.thecommunists.net/theory/morenoism-part-1/> e <https://www.thecommunists.net/theory/morenoism-part-2/>

302) Veja por exemplo. *“O líder (Trump, Ed.) De uma coalizão que, desde 2014, matou milhares de civis, fica repentinamente horrorizado por causa do” barbarianismo “de seu colega sírio. “O que aconteceu é bárbaro e inadmissível. Estamos estudando a resposta. Nada é descartado até agora”, disse ele. Então, ele anunciou “decisões importantes” nas próximas “24 a 48 horas”. Há uma ameaça concreta de um ataque militar em uma escala maior do que a atual - caracterizada por alguns analistas como “iminentes”. Da IWL-FI, repudiamos qualquer tipo de intervenção militar do imperialismo contra a Síria. Essa não é a solução para a opressão e para as atrocidades do regime de al-Assad. No caso sírio, [uma intervenção] sempre buscará derrotar o processo revolucionário, não o ditador. Washington usa seus mísseis servindo uma política: melhores condições para controlar o país em uma futura “transição” política. Ele não se importa com as vidas ou aspirações do povo sírio. (...) O povo sírio já perdeu muito sangue, enfrentando a ditadura de Assad. Uma intervenção militar imperialista vitoriosa, mesmo sob a hipótese de derrubar o regime de Assad, não passará de uma nova ditadura para o povo. Seria a ditadura do imperialismo, o maior genocídio da história humana.” (Daniel Sugasti: Nós repudiamos as ameaças de Trump em mais ataques à Síria! LIT-CI, 10 de abril de 2018 <https://litci.org/en/we-repudiate-trumps-threats-on-more-attacks-to-syria/>)*

*“Encomendado pelo ultra-reacionário Donald Trump, os EUA, o Reino Unido e a França lançaram um ataque criminoso com mísseis em locais próximos à capital Damasco e Homs, na Síria. (...) Nossa corrente socialista, a LIT-QI, passou anos repudiando a ditadura de Bashar al Assad e suas ações genocidas contra o povo sírio, militares apoiados pelo reacionário Putin e pelo regime aiatolá do Irã. (...) A LIT-QI tem relatado sobre a permanente intervenção imperialista dos EUA, junto com a OTAN e seus aliados, as monarquias petrolíferas árabes e o Estado sionista de Israel. (...) Agora nós repudiamos o bombardeio ordenado por Trump. Nós não reconhecemos ao imperialismo qualquer direito de fingir que a “justiça” é servida desta maneira. O imperialismo ianque é o maior assassino da história, com invasões e agressões em todo o mundo. (...) Suas ações são uma cortina de fumaça para mostrar que eles são a polícia mundial e para esconder que, na verdade, eles apoiam al Assad, juntamente com a Rússia e o Irã. Foram anos negociando e acordando ações militares com a Rússia com o argumento de “derrotar o terrorismo” para apoiar o ditador Bashar al Assad que, desde março de 2011, viu seu poder em risco, pois centenas de milhares de sírios foram às ruas. . Nós chamamos as pessoas do mundo e os políticos, sindicatos, estudantes e organizações de esquerda de todo o mundo para expressar sua desaprovação ao bombardeio imperialista. Também chamamos a repudiar o regime de Assad e Putin e a expressar solidariedade ao povo sírio.” Nós repudiamos o bombardeio imperialista na Síria! Não aos mísseis assassinos de Trump! 14 de abril de 2018 <http://uit-ci.org/index.php/news-a-documents/1985-we-repudiate-the-imperialist-shelling-on-syria-no-to-trumps-killer-missiles>*

303) Nazareno Godeiro: A validade da teoria do imperialismo de Lênin, LIT-CI, International Courier, 09 de outubro de 2014, [http://www.litci.org/en/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2568:the-validity-of-lenins-imperialism-theory&catid=729:international-courier&Itemid=39](http://www.litci.org/en/index.php?option=com_content&view=article&id=2568:the-validity-of-lenins-imperialism-theory&catid=729:international-courier&Itemid=39) Em outro artigo mais recente, os líderes do LIT repetem seu esquema de que a classe dominante da China é servidora das potências imperialistas (ocidentais): *“Então, uma combinação histórica sem precedentes ocorre: o aparato estalinista,*

*que liderou a revolução e construiu Estado burocrático dos Trabalhadores, restaurou o capitalismo e permaneceu no poder depois de fazê-lo. Mas agora eles não mais defendem a base econômica e social de um Estado Operário, eles estão a serviço do capitalismo imperialista.* "(Alejandro Iturbe: Restauração Capitalista na China, 7 de setembro de 2017 <https://litci.org/en/capitalist-restoration-in-china-special/>)

304) Alejandro Iturbe (LIT-CI): certezas e questões levantadas pela crise econômica da China - Parte 1, 30 de março de 2016 <https://litci.org/en/certainties-and-questions-raised-by-chinas-economic-crisis-part-1/>

305) Alejandro Iturbe (LIT-CI): certezas e questões levantadas pela crise econômica da China - Parte 2, 22 de março de 2016 <https://litci.org/en/certainties-and-questions-raised-by-chinas-economic-crisis-part-2/>

306) Alejandro Iturbe: As sanções comerciais de Trump contra a China, 29 de março de 2018 <https://litci.org/en/trumps-trade-sanctions-against-china/>

307) Teses de Política Global, discutidas e votadas no IV Congresso da IWU-FI, Capítulo "VI. China: Rumo a uma nova potência hegemônica? ", <http://uit-ci.org/index.php/mundo/2018-04-05-19-24-25/1912-vi-china-towards-a-new-hegemonic-power>

308) Mariana Morena: Sanciones cruzadas entre Estados Unidos y China: ¿Hacia una "guerra comercial global"? <http://www.uit-ci.org/index.php/noticias-y-documentos/crisis-capitalista-mundial/2071-2018-07-13-01-07-42>

309) Arthur R. Kroeber: a economia da China. O que todo mundo precisa saber, Oxford University Press, Nova York 2016, p. 53

310) Quarta Internacional: Guerra Imperialista e Revolução Mundial Proletária; Manifesto adotado pela Conferência de Emergência da Quarta Internacional em maio de 1940; in: Documentos da Quarta Internacional. Os anos formativos (1933-40), Nova York, 1973, p. 343

311) Veja de Michael Pröbsting: a Rússia como uma Grande Potência imperialista. A formação do Capital Monopolista Russo e seu Império - Uma Resposta aos nossos Críticos, 18 de março de 2014, Edição Especial do Comunismo Revolucionário No. 21 (março de 2014), <https://www.thecommunists.net/theory/imperialist-russia/>; Michael Pröbsting: A teoria do imperialismo de Lênin e a ascensão da Rússia como uma grande potência. Sobre o entendimento e a incompreensão da rivalidade entre os imperialistas de hoje à luz da teoria do imperialismo de Lênin, agosto de 2014, <http://www.thecommunists.net/theory/imperialism-theory-and-russia/>

312) Sergei Guriev e Andrei Rachinsky: Oligarcas: o passado ou o futuro do capitalismo russo? Julho de 2004, p. 11

313) Wang Yanfei: China deve reduzir as restrições ao capital estrangeiro, dizem economistas seniores, China Daily, 2017-09-25 [http://www.chinadaily.com.cn/business/2017-09/25/content\\_32448925.htm](http://www.chinadaily.com.cn/business/2017-09/25/content_32448925.htm)

314) Arthur R. Kroeber: a economia da China. O que todo mundo precisa saber, Oxford University Press, Nova York 2016, p. 101

315) Veja Celso Furtado: Desenvolvimento Econômico da América Latina. Antecedentes Históricos e Problemas Contemporâneos, New York 1984, pp. 204-206

316) Celio Hiratuka: Investimento Estrangeiro Direto e Empresas Transnacionais no Brasil: Tendências Recentes e Impactos no Desenvolvimento Econômico, abril de 2008, pp. 5-6

317) Pare de bombardear a Síria! Nada de bom pode resultar deste bombardeio ou de qualquer outra intervenção militar imperialista, 14 de abril de 2018 <http://www.leftvoi->

[ce.org/Stop-Bombing-Syria](http://ce.org/Stop-Bombing-Syria)

318) Philippe Alcoy (FT na França), em: Rossen Djagalov: Perguntamos: Geopolítica e a esquerda (Parte I: Rússia e Ocidente), LeftEast 19 de abril de 2018 <http://www.criticatar.ro/lefteast/we-asked-rusia-and-the-west/>

319) Os camaradas da FT também publicaram uma entrevista com Au Loong Yu, um acadêmico socialista chinês que vive em Hong Kong. Como publicaram a entrevista sem qualquer comentário, pode-se supor que eles vêem suas posições como em amplo acordo com sua análise do capitalismo chinês. E, de fato, Au Loong Yu compartilha a posição do FT de que a China não é um estado imperialista. Notamos como um aparte que os Mandelists publicaram exatamente a mesma entrevista com um título que sugere que o texto preferiria confirmar a caracterização da China como uma Grande Potência imperialista! <http://internationalviewpoint.org/spip.php?article5758> De qualquer forma, aqui está o trecho relevante da entrevista publicada pelos companheiros do FT:

*“Pergunta: Em seu livro Ascensão da China: Força e Fragilidade, você dá conta do impressionante crescimento das corporações transnacionais chinesas até 2007. Nos 10 anos desde então, o ritmo do investimento estrangeiro chinês na América Latina, na África e em outros lugares Podemos falar da China como um novo imperialismo? Em caso afirmativo, tem características específicas? Como a iniciativa One Belt One Road se encaixa neste projeto?”*

*Resposta: (...) O capitalismo burocrático da China necessariamente traz consigo uma lógica expansionista global, primeiro em termos econômicos e depois, cada vez mais, também em termos políticos e militares. Se se mede o grau de monopólio e a fusão entre capital financeiro e industrial - possibilitada pelo capitalismo burocrático e também pelo grau de investimento externo -, então certamente a China já carrega elementos fortes do imperialismo moderno, isto é, uma espécie de imperialismo que, com o apoio do poder militar e do capital excedente, procura dominar os países mais fracos, mas não necessariamente procura dominação política direta sobre eles, como antes. Isso também explica a mudança de política externa do tao guang yang hui de Deng Xiaoping (que significa “não mostrar sua capacidade, mas manter um perfil discreto”) à posição mais assertiva de Xi Jinping em relação aos Estados Unidos e ao Japão, conhecida como fen fa you wei (que significa “esforçar-se por conquista”).*

*Mas é importante identificar o estágio atual pelo qual a China está passando agora. Se estivermos simplesmente satisfeitos em colocar crachás em um país complicado e extremamente rápido, com uma história tão longa e depois colocá-lo em pé de igualdade com todos os outros países imperialistas, então podemos cometer um grande erro. Existem dois fatores que devemos considerar. Primeiro, é o legado colonial que ainda pesa sobre o estado do partido.*

*Se dissermos que a China é imperialista, então é o primeiro país imperialista que é antigamente semicolonial, e que foi repetidamente invadido por múltiplas grandes potências muitas vezes ao longo de um século. Isso necessariamente torna o povo chinês particularmente sensível à autodefesa nacional. É preciso diferenciar essa preocupação legítima do expansionismo agressivo do partido. Outra faceta desse legado colonial é a questão de Taiwan e Hong Kong. Os Estados Unidos vêem Taiwan como seu protetorado. Eu não apoio a posição do Partido Comunista Chinês (PCC) sobre Taiwan, uma vez que acreditamos no direito deste último à autodeterminação, que o PCCh nega. (...)*

*Em comparação, todos os outros países imperialistas estão livres de um legado colonial, mas beneficiam-se do seu passado imperialista (contribuindo para o seu poder brusco e suave). A ascensão da China ainda é sobrecarregada pelo seu legado colonial, que age contra o seu interesse. Essa assimetria define nossas escolhas de diferentes táticas quando lidamos com a rivalidade EUA-China. A expansão da China é cada vez mais imperialista, mas também precisamos levar em conta o fato*

de que a China é profundamente contraditória, possuindo uma lógica de expansão, mas sendo verificada por sua acumulação dependente - ambas dependentes do mercado do Ocidente, mas também de sua tecnologia. aceitar um status de baixo valor agregado na cadeia de valor global. Certamente, a China é cúmplice dos países imperialistas sobre a gestão da cadeia de valor global, mas ainda é um participante menor em comparação. Essa assimetria precisa ser considerada também, se quisermos desenvolver uma tática sensata o suficiente para lidar com a questão de Taiwan. "(Força e Contradições da Economia Chinesa: Uma Entrevista com Au Loong Yu, 13 de setembro de 2018, <http://www.leftvoice.org/Strength-and-Contradictions-of-the-Chinese-Economy-An-Interview-With-Au-Loong-Yu>)

320) Como não conseguimos encontrar uma tradução em inglês deste documento, trazimos as citações a partir da versão em alemão e da versão em alemão. (XI Conferencia De La FT: Tensões económicas e inestabilidad política. Documento sobre situação internacional discutido na XI Conferencia de la FT, 22.3.2018, 2018, <http://www.laizquierdadiario.com/Tensiones-economicas-e-inestabilidad-politica>; FT: Die Welt im Jahr 2018 (Teil 1): Wirtschaftliche Spannungen und politische Instabilität: <https://www.klassegegenklasse.org/die-welt-im-jahr-2018-teil-1-wirtschaftliche-spannungen-und-politische-instabilitaet/>)

321) UNCTAD: Trade and Development Report 2018, New York and Geneva, 2018, p. 37

322) V. I. Lenin: Imperialismo. O estágio mais alto do capitalismo (1916); em: LCW Vol. 22, p. 274

323) Juan Cruz Ferre: Nacionalismo Econômico do Século XXI, 26 de março de 2018 <http://www.leftvoice.org/21st-Century-Economic-Nationalism>

324) Simon Zamora Martin: Neue Eskalationsstufe im Handelskrieg der EUA gegen China, 19. set 2018, <https://www.klassegegenklasse.org/neue-eskalationsstufe-im-handelskrieg-der-usa-gegen-china/>

325) Como uma nota lateral, chamamos a atenção para um exemplo particularmente extremo de tal dogmatismo estéril, que se traduz na recusa em reconhecer os desenvolvimentos sócio-históricos: a chamada "*Fracção Leninista Trotskista Internacional - Coletivo para a Refundação da IV Internacional*". Este é um pequeno agrupamento internacional na tradição do morenismo, com sede na Argentina. Enquanto esses camaradas tomam um lado correto em questões atuais importantes da luta de classes internacional (como a Revolução Síria), os miseráveis não conseguem entender as principais características da situação mundial. Eles não apenas negam o caráter imperialista da China e da Rússia. Afirmando que estas são semicolônias, elas levam esse absurdo às suas conclusões extremas. Em vez de reconhecer a ascensão da Rússia e da China como o desafio capitalista mais sério para o imperialismo ocidental desde muitas décadas, o FLTI reformula a realidade e caracteriza Putin e Xi como "*assassinos do imperialismo dos EUA*" (Veja por exemplo *„Abaixo a Cúpula de Viena a Paz do Cemitério preparado por Obama e seu matador Putin!*" (FLTI: Cúpula de Viena com os EUA, Putin, aiatolás iranianos, o genocida Al Assad, sionismo, Qatar, Turquia levando em sua mão generais burgueses da FSA, os chefes do ISIS da Arábia Saudita Arábia, a burguesia curda ... Sob o comando de Obama, todos os executores das revoluções no Magreb e no Oriente Médio estão se reunindo, 4.11.2015, [https://www.flti-ci.org/ingles/medio\\_oriente/noviembre2015/proclama\\_viena03nov2015.html](https://www.flti-ci.org/ingles/medio_oriente/noviembre2015/proclama_viena03nov2015.html), Para uma crítica da análise FLTI da China ver, e. capítulo 10 do nosso livro *The Great Robbery of the South*. Para uma visão geral de nossa crítica à FLTI, referimo-nos a: Michael Pröbsting: Resumo de nossas principais diferenças com a FLTI, outubro de 2015, <https://www.thecommunists.net/theory/critique-of-flti/>

## **XI. Cortina de Fumaça Revisionista: Quando a Categoria “Imperialismo” não tem Significado (CIT / TMI / TSI)**

Vamos agora passar para o *Comitê por Uma Internacional dos Trabalhadores* (CIT), cuja seção dominante é o Partido Socialista na Grã-Bretanha. Esta organização é certamente um daqueles grupos que, ao longo de toda a sua história, lutavam com a teoria em geral e a teoria marxista em especial. Nos anos 90 e nos anos 2000, discutia-se se o capitalismo finalmente havia sido restaurado na China ou se ainda era um estado operário deformado. Embora esta questão pareça estar resolvida até agora, o CIT não tem uma linha clara sobre a questão se a Rússia e a China são imperialistas ou não.

Por um lado, esta ou aquela seção nacional publica ocasionalmente artigos que designam essas duas Grandes Potências como imperialistas. A seção russa do CIT caracterizou “seu” estado como “imperialista” em várias ocasiões. Da mesma forma, seus camaradas em Hong Kong publicaram recentemente um artigo com uma avaliação correta da China e sua *Iniciativa Um Cinturão, Uma Rota*: “*Na realidade, no entanto, o BRI é uma expressão do surgimento explosivo da China como uma nova potência imperialista global competindo com seus rivais mais antigos, principalmente os EUA, para assegurar esferas de influência econômica e controle.*” [326]

No entanto, o CIT tem uma abordagem federalista sobre essas questões teóricas. Assim, os camaradas russos ou chineses são livres para publicar tais caracterizações, se quiserem, mas isso não tem significado para o CIT como um todo. Tais caracterizações da Rússia ou da China como potência imperialista por camaradas ou seções individuais não se refletem de forma alguma nos documentos teóricos e programáticos internacionais do CIT e não influenciam sua análise das relações mundiais.

### **CIT: “Esquecendo” sobre o Caráter imperialista da Rússia ou da China?**

Isso se torna óbvio quando analisamos os documentos analíticos mais abrangentes do CIT sobre a situação mundial dos últimos anos. Estamos falando sobre os documentos relativos à *Perspectiva Mundial* que foram discutidos e adotados pelo Congresso Mundial do CIT ou por seu mais alto órgão de liderança (o Comitê Executivo Internacional ou o Secretariado Internacional). [327] Nos cinco documentos do *Perspectiva Mundial* que o CIT publicou desde 2011, com uma extensão de quase 68.000 palavras, a China não é caracterizada uma única vez como “imperialista”. E apenas um desses cinco documentos fala duas vezes sobre os “interesses imperialistas” da Rússia. (Mais sobre isso abaixo) Ao mes-

mo tempo, o CIT fala extensivamente nesses documentos sobre o imperialismo americano e europeu.

Essa falha em entender o caráter de classe das Grandes Potências que estão dominando o capitalismo mundial também se reflete na análise do CIT sobre os pontos críticos da situação mundial. Quando a Rússia e os EUA quase entraram em confronto com a Síria em abril de 2018, o relevante artigo do CIT repetidamente atacou o imperialismo norte-americano e ocidental pelo nome, mas não mencionou uma única vez que a Rússia também é uma potência imperialista! [328]

Esta falha fundamental na compreensão do caráter de classe da Grande Potência que domina a situação mundial é acompanhada por um uso superficial e confuso da categoria de “interesses imperialistas”. Como mencionado acima, o CIT ocasionalmente fala sobre “interesses imperialistas” da Rússia. No entanto, isso reflete sua indiferença às categorias centrais da teoria marxista. Eles usam essas categorias também para países que claramente não são potências imperialistas, mas sim semicolônias. No seu documento *Perspectivas Mundiais*, adotado em dezembro de 2014, por exemplo, o CIT fala sobre as “razões imperialistas regionais” do presidente turco Erdoğan. [329]

Tal confusão não é acidental, mas reflete o fracasso fundamental do CIT ao longo de sua história em entender a teoria do imperialismo de Lênin. Como demonstramos em nosso livro *O Grande Roubo do Sul*, o CIT repetidamente confundiu a categoria do imperialismo, geralmente para justificar sua adaptação oportunista às forças social-imperialistas. Assim, por exemplo, o CIT sugeriu que a Argentina seria uma espécie de Estado imperialista que, convenientemente, ajudou sua liderança a justificar sua capitulação ao imperialismo britânico durante a guerra das Malvinas em 1982. Da mesma forma, eles flertaram com a ideia de designar o Iraque como imperialista em 1990/91, quando as potências imperialistas ocidentais montaram suas forças para atacar este país árabe. [330] Outro exemplo da adaptação do CIT ao social-imperialismo é o apoio deles ao Estado sionista de Israel, o direito de existir. [331] Finalmente, em nossa opinião, o artigo sobre a China mencionado acima equivoca-se em caracterizar a Índia como “uma potência imperialista rival”. [332]

## **TMI: Um Reconhecimento puramente formal da Rússia e da China como Grandes Potências**

A situação é semelhante com a *Tendência Marxista Internacional* (TMI). Se tomarmos os documentos analíticos e programáticos centrais desta organização, obteremos efetivamente a mesma imagem que com o CIT. O TMI publicou três longos documentos do *Perspectiva Mundial* desde 2014 (mais uma atualização) com uma extensão de quase 78.000 palavras. [333] Como seus antigos companheiros, o TMI fala incessantemente sobre o imperialismo norte-americano e europeu (como o CIT, eles tendem a “esquecer” o Japão, que é resultado de



sua centralização na Europa). Mas, novamente, *nem uma única vez* eles caracterizam a China ou a Rússia como imperialistas nestes longos documentos! Isso demonstra que um reconhecimento formal da Rússia e da China como Grandes Potências não tem consequências para a análise do TMI da situação mundial e a dinâmica das contradições globais. São como aquelas crianças que prometem à mãe aprender na escola quando pressionadas, mas nunca o fazem. Uma promessa vazia (aplicar a análise marxista) sem consequências.

O fracasso do TMI em entender o caráter de classe das Grandes Potências que estão dominando o capitalismo mundial se reflete em sua análise dos pontos críticos da situação mundial. Quando a guerra civil na Ucrânia se intensificou, o TMI apoiou o lado pró-russo. Um artigo sobre o conflito na Ucrânia denuncia repetidamente o imperialismo norte-americano e europeu, mas menciona apenas uma vez *“as ambições imperialistas russas”*. [334] Isto sugere que a Rússia *gostaria* de se tornar uma potência imperialista (ou seja, *ainda não é* uma potência).

No que diz respeito à China, as publicações do TMI são confusas. Existe um ou outro artigo que fala explicitamente sobre o *“imperialismo chinês”*. [335] Vários outros artigos sobre a China ou não o caracterizam como *“imperialista”* [336] ou falam sobre *“florescentes aspirações imperialistas chinesas”*. [337] Em vários artigos recentemente publicados sobre a iminente Guerra Global do Comércio, o TMI sugere que isso reflete uma rivalidade inter-imperialista. [338] Um artigo fala sobre a China como uma *“potência capitalista em ascensão”*. [339] Em resumo, é fascinante como é difícil para o TMI, diante de expressões tão óbvias de rivalidade inter-imperialista, expressar a simples verdade de que a China se tornou imperialista. Grande Potência desde cerca de uma década!

## **PST: Indiferença Teórica**

Quando chegamos ao *Partido Socialista dos Trabalhadores* -PST (em inglês *Socialist Workers Party-SWP*), a principal força da chamada *Tendência Socialista Internacional* (TSI), vemos um quadro semelhante. A principal diferença para as outras organizações centristas mencionadas neste capítulo é que o PST / TSI é mais aberto, mais ousado, em sua rejeição explícita da teoria marxista do imperialismo, tal como foi desenvolvida e defendida por Lenin e Trotsky. [340] No entanto, o resultado é muito semelhante. Embora o PST / TSI tenha publicado em seus periódicos teóricos vários artigos sobre a China no período recente (incluindo uma edição especial da revista *Socialist Review* dedicada à China), nenhum deles caracteriza a China como imperialista. [341] O mesmo é verdade para os artigos do PST sobre a iminente guerra comercial global. [342] Da mesma forma, um longo artigo teórico sobre a China publicado há alguns anos não caracteriza a Grande Potência como *“imperialista”*. [343]

Há uma única exceção, como em um artigo, em que o PST consegue falar: *“Mas pelo menos no momento a crescente rivalidade Inter imperialista entre os dois navios gigantes”, os EUA e a China, está sendo perseguida por meios econômicos”*.

[344] No entanto, enquanto um grão de sal pode melhorar a sopa, uma colher de sopa não transforma um pote de sal em uma iguaria.

Em resumo, vemos no caso do PST o mesmo problema fundamental que com as outras organizações centristas. Eles falham completamente em reconhecer as mudanças básicas na política mundial que, no entanto, é o pré-requisito para os marxistas encontrarem a orientação correta.

Como veremos abaixo, tal confusão na teoria marxista do imperialismo não é acidental. Tampouco é exclusivamente o resultado de sua ignorância teórica. Tal confusão teórica também serve convenientemente para justificar uma prática arqui-oportunista em deixar de lado os oprimidos atacados por potências imperialistas ou por seus representantes locais.

Concluimos este capítulo chamando a atenção para a importante relação de uma análise correta da rivalidade Inter imperialista e da plataforma tática resultante. Resumimos essa relação em nosso documento cujo título é *SEIS PONTOS Para uma Plataforma de Unidade Revolucionária*:

*“Só é possível entender a dinâmica motriz do atual período de crise capitalista e tomar uma posição correta se reconhecermos o caráter imperialista não apenas dos EUA, UE e Japão, mas também das novas potências emergentes, Rússia e China. Somente com base nisso é possível chegar ao único programa anti-imperialista correto sobre esta questão - internacionalismo proletário e derrotismo revolucionário, ou seja, a perspectiva de luta consistente da classe trabalhadora independente de e contra todas as potências imperialistas. Isso significa que os revolucionários se recusam a apoiar qualquer Grande Potência nos conflitos Inter-imperialistas sob o lema “O principal inimigo está em casa!” (...) Aqueles que não reconhecerem o caráter reacionário e imperialista dessas Grandes Potências inevitavelmente falharão em tomar uma linha consistente anti-imperialista, ou seja, marxista, e acabará, consciente ou inconscientemente, apoiando um ou outro campo imperialista como um “mal menor”. [345]*

Infelizmente, as lideranças das organizações centristas com as quais lidamos nos últimos capítulos estão longe de uma linha tão marxista!

### Notas de rodapé

326) Vincent Kolo: “Belt and Road”: Imperialismo com características chinesas. Cinto gigantesco e Plano de infraestrutura rodoviária - lidera a estratégia econômica e geopolítica da ditadura chinesa, 19 de fevereiro de 2018 <http://chinaworker.info/en/2018/02/19/16985/>. A mesma posição é articulada por outro camarada do CIT em Hong Kong, que fala inequivocamente e corretamente sobre “o EUA e China, as duas maiores potências imperialistas.” (Pasha: China: Aprofundar a crise e a resistência em massa, Ação Socialista (CIT em Hong Kong), 14 de agosto de 2018 <http://www.socialistworld.net/index.php/international/asia/china/9905-china-deepening-crisis-and-mass-resistance>)

327) Veja: CIT: World Perspectives, 08 de dezembro de 2017, Comitê Executivo Internacional do CIT, <http://www.socialistworld.net/index.php/theory-analysis/9544-cwi-world-perspectives>; CIT: CIT World Congress 2016 World Perspectives, <http://www.socialistworld.net/index.php/other-topics/activities/7517-11th-CWI-World-Congress-World-Perspectives>; CIT: Perspectivas mundiais: uma período turbulento da história,

- Secretariado Internacional do CIT, 27 de novembro de 2014 <http://www.socialistworld.net/index.php/other-topics/activities/6995-World-Perspectives--A-turbulent-period-in-history>; ; CWI: World perspectives, Tesis para o Comitê Executivo Internacional (IEC) do o CWI 2013, 22/11/2013, <http://www.socialistworld.net/doc/6565>; CIT: Perspectivas mundiais - novo Período de Instabilidade e Revoluções, Tese do European Bureau of the CIT, 6 de maio de 2011, <http://www.socialistalternative.org/news/article11.php?id=1590>. Um artigo recentemente publicado sobre a discussão sobre Perspectivas Mundiais na Escola CIT de 2018 relata a contribuição de um camarada de Hong Kong que caracterizou a China como imperialista. No entanto, não há indicação que isso influenciaria a análise do CIT sobre a situação mundial. (Kevin Parslow, Partido Socialista (CIO na Inglaterra e País de Gales): CIT School 2018: 10 anos após a crise de 2007/8, o capitalismo resolveu Nada, 08 de agosto de 2018 <http://www.socialistworld.net/index.php/192-cwi/9901-cwi-school-2018-world-perspectives>)
- 328) Serge Jordan: Não ao bombardeio da Síria! Construa um movimento de massa contra a guerra, CWI 12 Abril de 2018 <http://www.socialistworld.net/index.php/international/middle-east/151-syria/9750-no-to-the-bombing-of-syria-build-a-mass-movement-against-the-war>
- 329) CIT: Perspectivas do Mundo. Um período turbulento na história, 15/12/2014 <http://www.socialistworld.net/doc/7008>
- 330) Veja Michael Pröbsting: O Grande Roubo do Sul, Capítulo 9, pp. 211-215
- 331) Veja neste exemplo Yossi Schwarz: Palestina ocupada / Israel: beco sem saída para a solução de dois estados.A Luta de Libertação da Palestina e a Adaptação Centrista do CIT ao Sionismo, 12.11.2015, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/palestine-and-cwi/>; Michael Pröbsting: O sionismo “socialista” do CIT e a luta pela libertação da Palestina. Uma resposta de o RCIT, 15.9.2014, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/cwi-andisrael/>; veja também Michael Pröbsting: O Grande Roubo do Sul, Capítulo 9, pp. 349-365
- 332) Vincent Kolo: “Belt and Road”: Imperialismo com características chinesas. Cinto Gigantesco e Plano de infraestrutura rodoviária - lidera a estratégia econômica e geopolítica da ditadura chinesa, 19 de fevereiro de 2018 <http://chinaworker.info/en/2018/02/19/16985/>
- 333) TMI: Perspectivas mundiais: 2018 - um ano de crise capitalista, 05 de abril de 2018, <https://www.marxist.com/world-perspectives-2018-a-year-of-capitalist-crisis.htm>; TMI: World Perspectives 2016 - Um atualização, 06 de dezembro de 2016, <https://www.marxist.com/world-perspectives-2016-an-update.htm>; TMI: Crise e Luta de Classes: Perspectivas do Mundo 2016, 26 de março de 2016 <https://www.marxist.com/crisis-and-class-struggle-world-perspectives-2016-part-one.htm>; TMI: Perspectivas para o mundo Revolução 2014, 29 de janeiro de 2014, <http://www.marxist.com/world-perspectives-2014.htm>;
- 334) Francesco Merli: anexação russa da Criméia - Quais as consequências para as relações mundiais? 21 de março de 2014 <https://www.marxist.com/russian-annexation-of-crimea-what-consequences-for-world-relations.htm>
- 335) Adam Pal: Paquistão: O poder crescente da China, 02 de março de 2017, <http://www.marxist.com/pakistan-he-ever-growing-power-of-china.htm>
- 336) Daniel Morley: China e a economia mundial em 2016: “Sell Everything”, 12 de janeiro de 2016, <http://www.marxist.com/china-world-economy-2016-sell-everything.htm>
- 337) Zhan Dou Zhe e Dan Morley: Para onde vai a China: de volta à economia planejada ou fortalecimento do capitalismo? 30 de novembro de 2017 <https://www.marxist.com/>

- where-is-china-going-back-to-the-planned-economy-or-strengthening-capitalism.htm
- 338) Veja por exemplo vários artigos de Niklas Albin Svensson: as verdadeiras apostas no comércio Trump-China guerra, 08 outubro de 2018 <https://www.marxist.com/the-real-stakes-in-the-trade-war-entre-trumpchina-trade-war.htm>; China: uma guerra comercial que a burguesia pode obter, 21 de junho de 2018 <https://www.marxist.com/china-a-trade-war-the-bourgeois-can-get-behind.htm>; Guerra de Trump na globalização, 04 de junho de 2018 <https://www.marxist.com/trump-s-war-on-globalisation.htm>; Comércio Mundial: Trump coloca os olhos na China, 29 de março de 2018 <https://www.marxist.com/world-trade-trump-sets-hiseyes-on-china.htm> veja também Rob Sewell: “As guerras comerciais são boas” - Trump ameaça o mundo frágil economia, 12 de março de 2018 <https://www.marxist.com/trade-wars-are-good-trump-threatens-fragileworld-economy.htm>
- 339) Joe Attard (TMI): disputa comercial entre EUA e China: imprudência de Trump aprofunda instabilidade, 17 de maio 2018 <https://www.marxist.com/us-china-trade-dispute-trump-s-reckless-deepens-instability.htm>
- 340) Nós lidamos com a forma específica de revisionismo do PST no campo da teoria do imperialismo em capítulo 9 do nosso livro O Grande Roubo do Sul, pp. 216-236.
- 341) Adrian Budd: Governantes se preparam para o descontentamento, Socialist Review, edição: outubro de 2018 <http://socialistreview.org.uk/439/rulers-make-ready-discontent>; Simon Gilbert: foco na China: trabalhadores e a questão nacional, Socialist Review, Issue: September 2018 <http://socialistreview.org.uk/438/focus-china-workers-and-national-question>; Simon Gilbert: China: um movimento trabalhista na elaboração, Socialist Review, edição: abril de 2018, <http://socialistreview.org.uk/434/china-labourmovement-making> ; Adrian Budd: China: Novas pressões sobre o capitalismo de estado, Socialist Review, Issue: Maio de 2018, <http://socialistreview.org.uk/435/china-new-strains-state-capitalism>; Lawrence Wong: China e nacionalismo, cartas, revista socialista, edição: outubro de 2018 <http://socialistreview.org.uk/435/china-new-strains-state-capitalism>; Sally Kincaid: Mulheres e China: o que mudou? SocialistaRevisão, edição: junho de 2018, <http://socialistreview.org.uk/436/women-and-china-what-changed>
- 342) Charlie Kimber: Trump aumenta as guerras comerciais para aumentar seu apoio, 18 de setembro de 2018, Edição de trabalhador socialista nº 2622, <https://socialistworker.co.uk/art/47220/Trump+ramps+up+trade+wars+to+boost+his+flagging+support>; Alex Callinicos (PST): A guerra comercial global não tem sido resolvido, 31 de julho de 2018, Socialist Worker, edição n ° 2615, <https://socialistworker.co.uk/art/46986/The+global+trade+war+hasnt+been+resolved>; Alex Callinicos: Perspectivas de escurecimento, Internacional Socialist Journal, edição: 159 (2018), <http://isj.org.uk/darkening-prospects/>; Alex Callinicos (PST): A guerra comercial de Trump significa caos para a classe dominante, 6 de março de 2018, Socialist Worker, edição nº 2594 <https://socialistworker.co.uk/art/46224/Trumps+trade+war+seans+chaos+for+the+ruling+class>
- 343) Jane Hardy e Adrian Budd: o capitalismo da China e a crise, International Socialist Journal, Questão: 133, 9 de janeiro de 2012, <http://isj.org.uk/chinas-capitalism-and-the-crisis/>
- 344) Alex Callinicos (PST): Trump fica sério, International Socialist Journal, edição: 158 (2018), <http://isj.org.uk/trump-gets-serious/>
- 345) CCRI: Seis Pontos para uma Plataforma da Unidade Revolucionária Hoje, fevereiro de 2018, <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/seis-pontos-para-uma-plataforma-de-unidade-revolucionaria-nos-dias-de-hoje/>





*Parte 3:*

*O Programa de*

*Derrotismo Revolucionário*

*Contra Todas as Grandes Potências*





## XII. A III Guerra Mundial é Inevitável? (Notas críticas sobre Michael Roberts)

A CCRI tem repetidamente assinalado que a aceleração da rivalidade entre as Grandes Potências desde o início do novo período em 2008 será inevitável resultar em uma nova Guerra Mundial. A única chance de evitar um cenário tão apocalíptico é, como afirmamos nas *“Teses sobre o Derrotismo Revolucionário nos Estados Imperialistas”*, a luta de classes revolucionária da classe trabalhadora contra os belicistas imperialistas que resulte na derrubada deles.

Muitos socialistas rejeitam essa perspectiva. Vamos lidar com alguns argumentos que foram apresentados por Michael Roberts. Roberts é um economista marxista que produz regularmente análises bem concebidas da economia mundial capitalista. Em um ensaio publicado recentemente, ele elabora seus pensamentos sobre o possível fim da longa depressão atual e a transição para uma nova fase de longa expansão. Vamos primeiro citar os parágrafos relevantes do seu artigo e, em seguida, discutir criticamente o seu conteúdo. Em um capítulo intitulado *“Uma nova fase do imperialismo à frente?”* Roberts escreve:

*“A economia mundial está em uma longa depressão. No entanto, o capitalismo mundial não ficará neste estado. Eventualmente, provavelmente após uma outra queda que destruirá o valor suficiente (o valor dos meios de produção, o capital fictício e o emprego), a lucratividade para aqueles capitais que sobreviverem aumentará novamente para iniciar uma nova onda de investimento e crescimento. Isso pressupõe, é claro, que a luta de classes não leve às forças do trabalho triunfando sobre o capital em qualquer economia imperialista importante.*

*Uma nova onda de globalização é assim possível. Há ainda mais seres humanos no mundo para serem explorados e sempre há novas inovações tecnológicas que podem fornecer um novo ciclo de expansão de valor e mais-valia. Ainda existem enormes reservas de mão-de-obra ainda inexploradas, especialmente na África. As últimas projeções da ONU para as economias do mundo mostram que a África deve dominar o crescimento populacional nos próximos noventa anos, à medida que as populações em muitas das economias desenvolvidas do mundo e na China encolherem. [ii] Espera-se que a população da África mais que quadruplique em apenas 90 anos, enquanto a Ásia continuará a crescer, mas atingirá o pico daqui a 50 anos e começará a declinar.*

*Será que o capitalismo pode avançar ainda mais ao explorar essas centenas de milhões que entram nas forças de trabalho da Ásia, da América do Sul e do Oriente Médio? Enquanto a força de trabalho industrial nas maduras economias capitalistas encolheu para menos de 150 milhões; nas chamadas economias emergentes, a força de trabalho industrial chega a 500 milhões, superando a força de trabalho industrial nos países imperialistas no início dos anos 80. Além disso, há um grande exército de reserva de trabalho composto por desempregados, subempregados ou inativos adultos de outros 2,3*

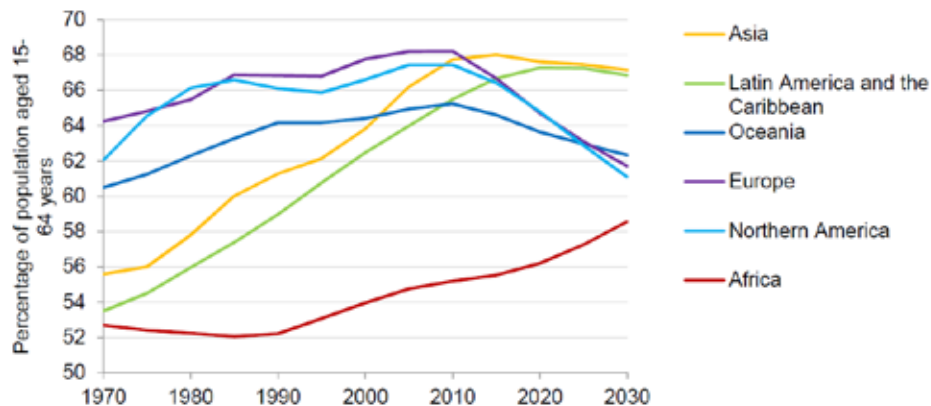
*bilhões de pessoas que também poderiam ser explorados por novo valor*". [346]

Lenin gostava de dizer sobre Máximo Gorki - um famoso escritor russo e defensor socialista da luta da classe trabalhadora que, no entanto, cometeu erros na política - que não se deve julgar muito duro com ele. Ele é um grande artista, disse Lenin, e não se deve esperar as pessoas a encontrar o seu caminho no labirinto da luta de classes. Michael Roberts provoca um julgamento similar sobre grandes economistas. Seus escritos sobre a economia mundial são excelentes e nos referimos a eles repetidamente em nossas análises econômicas. Mas no campo da política, esse antigo defensor da tradição centrada CIT / TMI de Ted Grant, não superou as deficiências desses professores políticos.

Por exemplo, ele ainda considera a China como um "estado operário degenerado" não capitalista. [347] Infelizmente, sua teoria sobre um novo longo *boom* (desenvolvimento acelerado de uma determinada atividade econômica) não é muito melhor. Seus principais argumentos para prever a possibilidade de um novo boom são basicamente i) que, eventualmente, outra queda destruirá valor capitalista suficiente para criar condições prévias para investimentos lucrativos e ii) que ainda existem grandes setores de forças de trabalho na África e em outros países. partes do mundo semicolonial que poderiam ser integradas no processo capitalista de exploração.

É claro, é verdade que as grandes quedas podem destruir enormes quantidades de valor capitalista e isso, por sua vez, é uma pré-condição para um período de ascensão capitalista. E também é verdade que a crescente população jovem na África e na Ásia poderia ser integrada ao mercado capitalista.

**Quadro 32. Porcentagem da População com idades entre 15 e 64 anos, por região, 1970-2030 [350]**

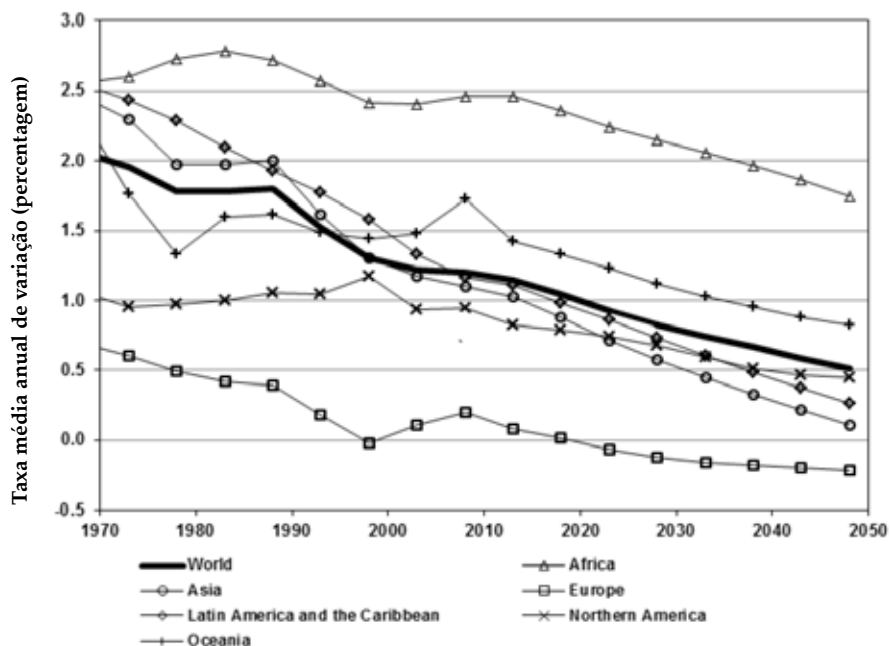


**Tabela 26. Total da População Mundial décadas de 1950-2050 (projção histórica) [348]**

Ano	Total da população mundial (números de média semestral)	taxa de crescimento anual em 1 década (%)
1950	2,556,000,053	18.9%
1960	3,039,451,023	22.0%
1970	3,706,618,163	20.2%
1980	4,453,831,714	18.5%
1990	5,278,639,789	15.2%
2000	6,082,966,429	12.6%
2010*	6,848,932,929	10.7%
2020*	7,584,821,144	8.7%
2030*	8,246,619,341	7.3%
2040*	8,850,045,889	5.6%
2050*	9,346,399,468	—

\* Projected

**Quadro 31. Taxa média anual de faixa de população, para o mundo e principais áreas, 1970-2050 [349]**



## Crescimento Populacional e Longos Crescimentos Econômicos

No entanto, há uma série de falhas nesta tese. Vamos tratar primeiro do argumento da população jovem em África. De fato, as taxas de crescimento da população mundial foram maiores nas últimas décadas do que atualmente e prevê-se que sejam ainda mais baixas nas próximas décadas. (Veja a Tabela 26 e Quadro 31)

Então, em resumo, as “*enormes reservas de trabalho*” cresceram muito mais no passado do que se prevê que cresçam no futuro. E apesar de uma maior taxa de crescimento da população trabalhadora (do que o previsto para o futuro), as taxas de crescimento da economia capitalista mundial declinaram nas últimas décadas, como demonstramos no capítulo 1. Em suma, é desprovido de lógica supor que as taxas de crescimento populacional mais baixas no futuro poderiam ser a base para uma longa recuperação do capitalismo.

Acrescentemos que a dinâmica declinante do capitalismo não foi sequer invertida após o colapso do estalinismo em 1989-91, quando o desaparecimento dos estados operários degenerados na Rússia, China e outras partes do mundo acrescentou centenas de milhões de força de trabalho adicional para o mercado mundial capitalista. Notamos de passagem que vários revisionistas na época assumiram que este evento abriria um período de longo boom econômico - algo contra o qual sempre argumentamos fortemente contra. [351]

### Quais são as Condições para Ocorrer Longos Crescimentos Econômicos?

O segundo argumento de Michael Roberts também é falho. É verdade que uma queda destrói o valor capitalista. Mas a história do capitalismo na época do imperialismo demonstrou que uma queda em si, ou a destruição do valor capitalista em geral, não é suficiente para criar as condições para um longo período de ascensão capitalista. Recapitulemos: as catástrofes econômicas e militares levaram a destruições maciças do valor capitalista em 1914-1918, 1929-1933, 1937 e 1939-1945 e então tivemos as severas recessões em 1974/75, 1980-1982, 1990-91, 2000-2001 e a Grande Recessão 2008-2009. Somente em um único caso (a Segunda Guerra Mundial) isso abriu a estrada por um longo período de ascensão capitalista. Portanto, é óbvio que tais recessões não são uma pré-condição suficiente para outro boom capitalista.

Isso nos leva à questão das causas de um longo período de ascensão capitalista. Michael Roberts comete o erro de abordar as questões de um ponto de vista economicista eclético (talvez não seja atípico para um economista). Ele imagina compreender o desenvolvimento histórico analisando esse ou aquele fator da economia. No entanto, não é à toa que os marxistas falam da “*economia política*”. O capitalismo não existe exclusivamente como *modo de produção*, mas é também uma *formação socioeconômica*. A economia não pode existir sem um

estado para regular as contradições de classe e a economia mundial não pode existir sem estados-nação.

O capitalismo na época do imperialismo é caracterizado pela tendência histórica de declínio, como os marxistas explicaram repetidamente. [352] Em contraste, os defensores da teoria mecanicista das ondas longas acreditam que existe um tipo de lei trans-histórica que um período de ascensão capitalista deve ser seguido por um período de depressão capitalista a ser seguido por um período de ascensão capitalista e assim por diante. Parece que Michael Roberts também adere a essa concepção errada. [353]

Como já explicamos em outro lugar, os marxistas reconhecem o período do “Longo Boom” nos anos 50 e 60. Mas é preciso ver que esse período foi uma exceção na época imperialista, resultado de circunstâncias históricas extraordinárias. Primeiro, a guerra mundial causou massivas destruições de capital. Em segundo lugar, o fascismo resultou em derrotas históricas para a classe trabalhadora. Acrescente a isso o papel devastador da burocracia estalinista que traiu as lutas revolucionárias da classe trabalhadora entre 1945-1948 e, com isso, ajudou a estabilizar o capitalismo. Além disso, o estalinismo concordou com as potências imperialistas no estabelecimento de uma ordem mundial reacionária - o “acordo de Yalta” - que durou mais ou menos até 1989-1991.

Finalmente, e especialmente importante, a Segunda Guerra Mundial resultou no surgimento de uma hierarquia indiscutível das potências imperialistas, com os EU tendo a hegemonia absoluta. Este não foi o caso após a Primeira Guerra Mundial, que não resultou no surgimento de uma potência imperialista hegemônica. Daí a tumultuada década de 1920 e 1930, resultando na Segunda Guerra Mundial. Foi o reordenamento das relações Inter imperialistas resultantes das derrotas da Alemanha e do Japão e o domínio indisputado dos EUA, o que significou que durante todo um período histórico - efetivamente até o final dos anos 2000 - a rivalidade entre as Grandes Potências imperialistas desempenhava apenas um papel secundário.

Então, o que, teoricamente, poderiam ser as pré-condições para um novo período de longo boom capitalista? Nós elaboramos em um ensaio publicado há algum tempo os seguintes argumentos:

*“A precondição para isso é:*

*\* que a classe dominante imponha derrotas históricas sobre a classe trabalhadora e reduza o preço da mão-de-obra para um nível qualitativo inferior,*

*\* que uma enorme massa de capital supérfluo seja destruída (através de guerras ou catástrofes similares) e*

*\* que uma nova ordem mundial capitalista sob a hegemonia indiscutível de uma potência imperialista seja formada (no século XIX era a Grã-Bretanha, depois de 1945 eram os EUA) (...)*

*“Poderíamos experimentar outro longo boom no futuro, semelhante ao das décadas de 1950 e 1960? Do ponto de vista marxista, seria errado excluir tal possibilidade. Mas seria igualmente errado imaginar tal possibilidade como uma simples repetição dos*

*eventos que levaram a essa recuperação. O capitalismo monopolista do século 21 não é o mesmo dos anos 50 e 60. As forças produtivas se desenvolveram enormemente desde então, e com elas também as forças destrutivas. Uma guerra mundial hoje teria consequências imensamente piores para a humanidade do que a Segunda Guerra Mundial (incluindo a eliminação de parte da humanidade e a destruição da civilização). A fina interconexão da economia mundial globalizada significa que qualquer séria perturbação regional - seja econômica, política ou militar - envolveria todo o planeta. A probabilidade de uma diminuição temporária das contradições imperialistas e de uma nova recuperação seria, portanto, muito menor do que em meados do século XX. A alternativa, "socialismo ou barbárie", por outro lado, surge mais acentuada do que nunca no século XXI. Quanto mais o imperialismo decai em sua senilidade, mais explosivas se tornam suas contradições. As pré-condições para um impedimento temporário do seu declínio e outro período de expansão seriam uma destruição maciça sem precedentes do capital, enormes derrotas históricas para a classe trabalhadora e uma guerra entre as Grandes Potências para que uma potência imperialista dominante pudesse estabilizar a situação mundial com uma absoluta hegemonia. Em outras palavras, o capitalismo exigiria métodos bárbaros que colocariam em questão a sobrevivência da humanidade". [354]*

É claro que seria errado excluir qualquer possibilidade teórica de uma vida mais longa do capitalismo. Seria errado excluir o cenário de que uma guerra nuclear entre as Grandes Potências resultaria na aniquilação de um lado e na situação relativamente ileso do outro campo. Ou que uma parte do planeta seria destruída por uma catástrofe ambiental ou uma pandemia e outra parte não. Teoricamente, esses eventos devastadores, resultando na aniquilação generalizada de milhões de pessoas, assim como na indústria e na infraestrutura, poderiam, teoricamente, criar as condições de uma nova ascensão capitalista. No entanto, não é preciso muita explicação de que os socialistas não têm motivos para especular ou mesmo construir uma perspectiva de luta em tal cenário que representaria definitivamente uma horrível regressão social.

## **Um elemento do Kautskyanismo**

Enfatizemos finalmente que nossa insistência na dinâmica interna do capitalismo, resultante inevitável em guerras, está de acordo tanto com as lições da história como com os ensinamentos clássicos do marxismo. Sempre foi o caso na história das sociedades de classes que as Grandes Potências e os Impérios não entregaram pacificamente o poder a um rival. Eles sempre tentaram manter seu poder por qualquer meio necessário e seus rivais tentaram derrubá-los com a mesma ferocidade. Basta pensar sobre a rivalidade entre o Império Romano e Cartago, entre os Três Reinos Chineses (Wei, Shu e Wu), entre a China e o Japão, entre a Inglaterra e a França ou entre as grandes Potências modernas envolvidas nas duas Guerras Mundiais do século XX.

De fato, é uma posição clássica dos marxistas reconhecer que as contradições entre os monopólios capitalistas e as Grandes Potências imperialistas não po-

dem ser mitigadas por algumas quedas econômicas. Não, esses antagonismos devem inevitavelmente resultar em guerras mundiais. Esta sempre foi uma suposição básica de Lenin.

*“A Guerra não acontece por acaso, nada tem a ver com “o pecado” como defendido pelos sacerdotes cristãos (que não ficam atrás dos oportunistas na pregação do patriotismo, da humanidade e da paz), a guerra é uma etapa inevitável do capitalismo, uma forma tão legítima da vida capitalista como a paz.”* [355]

*“... Isto resume, por assim dizer, o moderno capitalismo monopolista em escala mundial. E este resumo prova que, no momento em que exista propriedade privada dos meios de produção as guerras imperialistas são absolutamente inevitáveis sob tal sistema econômico”.* [356]

*“Sob o capitalismo, especialmente em seu estágio imperialista, as guerras são inevitáveis.”* [357]

De fato, seria uma ilusão pequeno-burguesa imaginar que a escalada da rivalidade entre as Grandes Potências não resultaria inevitavelmente em uma nova Guerra Mundial se a classe trabalhadora não derrubasse o capitalismo neste planeta e destruísse o imperialismo. Tal mito pacifista já foi levantado há muito tempo pelo fundador do centrismo, Karl Kautsky. Ele proclamou, apenas algumas semanas após o início da Primeira Guerra Mundial (!), Que seria possível transformar o capitalismo imperialista violento em um “Ultra imperialismo” pacífico”.

*“O que Marx disse do capitalismo também pode ser aplicado ao imperialismo: o monopólio cria concorrência e a concorrência cria monopólio. A competição frenética de firmas gigantescas, bancos gigantes e multimilionários obrigou os grandes grupos financeiros, que estavam absorvendo os pequenos, a pensar na noção do cartel. Da mesma forma, o resultado da Guerra Mundial entre as Grandes Potências imperialistas pode ser uma federação das mais fortes, que renunciam a sua corrida armamentista. Portanto, do ponto de vista puramente econômico, não é impossível que o capitalismo ainda possa em outra fase, ser a tradução da cartelização em política externa: uma fase de ultra imperialismo, que é claro que devemos lutar tão energicamente quanto contra o imperialismo, mas cujos perigos estão em outra direção, não na corrida armamentista e na ameaça à paz mundial.”* [358]

Lenin assinalou muitas vezes que esse era um sonho reacionário que visava pacificar e desarmar a classe trabalhadora e confundir sua perspectiva de luta revolucionária contra a classe capitalista. Num prefácio de um livro de seu colaborador Nikolai Bukharin sobre o imperialismo, ele comentou a ideia de Kautsky:

*“Em Kautsky, especialmente, a ruptura evidente com o marxismo traduziu-se não pela negação ou pelo esquecimento da política; nem, por um “salto” acima dos conflitos políticos, perturbações e transformações especialmente numerosas e variadas nesta época do imperialismo; nem por uma apologia do imperialismo — mas pelo sonho de um capitalismo “pacífico”. Sucede, porém, que o capitalismo pacífico foi substituído por um capitalismo nada pacífico, e antes belicoso e catastrófico — o que Kautsky é forçado a*

*admitir, pois já o fazia em 1909, em obra consagrada especialmente a esse problema<sup>(2)</sup>, e onde falou pela última vez como marxista, capaz de deduzir com inteligência as conseqüências de seus princípios. Se não se pode, porém, sonhar ingenuamente, como um simplista algo grosseiro, com o retorno do imperialismo a um capitalismo “pacífico”, não seria possível dar-se a tais sonhos, que são em suma de pequeno-burguês, a forma de inocente meditação sobre um “super-imperialismo pacífico”? Se chama-se “super-imperialismo” à associação internacional dos imperialismos nacionais (mais precisamente, dos imperialismos particularizados em Estados); se é possível admitir que esse super-imperialismo “poderia” eliminar certos choques particularmente desagradáveis, alarmantes ou importunos para um pequeno-burguês (tais como as guerras, as transformações políticas, etc.) por que não se abstrair da realidade atual, desta época de imperialismo que acarretou os mais graves conflitos e catástrofes, para imaginar, inocentemente, um “super-imperialismo” relativamente pacífico, isento de conflitos e de catástrofes? Por que não se afastar dos sérios problemas colocados pela fase imperialista sobrevida na Europa, para sonhar que, talvez, essa fase passará em breve, e que, talvez, seja lícito conceber uma fase de “super-imperialismo” relativamente pacífica livre de táticas “brutais”? Kautsky diz precisamente que “tal nova [ultra imperialista] nova fase do capitalismo é de qualquer modo imaginável”, mas que “ainda não existem pré-requisitos suficientes para decidir se é ou não viável” (Die Neue Zeit, 7 de abril de 1915). , p. 144). Não há nada a ver com o marxismo neste desejo de ignorar o imperialismo que está aqui e escapar para o reino de um “ultra imperialismo” que pode ou não chegar. Nessa formulação, o marxismo é reconhecido naquela “nova fase do capitalismo” que o próprio inventor não garante possa ser realizado, enquanto no estágio atual (que já está aqui) o desejo pequeno-burguês e profundamente reacionário de neutralizar as contradições é substituído o marxismo”. [359]*

Não nos enganaríamos em dizer que, historicamente falando, estamos entrando em um período anterior à Terceira Guerra Mundial. Para evitar qualquer mal-entendido, não assumimos que tal Terceira Guerra Mundial esteja logo ali na esquina. O que vemos atualmente com a Guerra do Comércio Global é um prelúdio, um começo, de um período histórico mais longo de preparativos de uma guerra tão devastadora. Yossi Schwartz, um dos líderes da CCRI, apontou em um artigo que a classe dominante deve lidar com severas derrotas históricas para a classe trabalhadora antes que ela possa mobilizá-la para tal guerra mundial.

*“Sem essa série de derrotas desmoralizantes, a Segunda Guerra Mundial nunca teria existido. Hoje, a classe trabalhadora internacional ainda não foi derrotada. O resultado das crescentes crises da economia mundial levará a revoluções socialistas ou derrotas que abrirão o caminho para uma terceira guerra mundial”. 360*

A conclusão disso não é ficar petrificado com esses perigos, mas sim organizar a vanguarda da classe trabalhadora sob uma perspectiva sóbria e um programa revolucionário de luta contra os belicistas imperialistas.

*“Finalmente, se as Grandes Potências imperialistas não forem esmagadas pela classe operária internacional revolucionária, sua rivalidade levará à III Guerra Mundial. A classe trabalhadora só pode acabar com essa cadeia contínua de miséria, guerras e catás-*



*trofes através de uma revolução socialista mundial. A declaração de Rosa Luxemburgo de que a humanidade é confrontada com a alternativa “Socialismo ou Barbárie” é mais relevante do que nunca. Sob as condições do início do século XXI, a concretização da declaração de Luxemburgo significa: “Socialismo ou Morte Generalizada através da Destruição do Clima e da Terceira Guerra Mundial”!* [361]

### Notas de rodapé

346) Michael Roberts: Imperialismo, globalização e lucratividade do capital, em: Revista Ruptura, Edição 1, <https://rupturemagazine.org/2018/01/25/imperialism-globalization-and-the-profitability-of-capital/>

347) Nós lidamos com esse mito aqui: Michael Pröbsting: The Great Robbery of the South, capítulo 10, <https://www.thecommunists.net/theory/great-robbery-of-the-south/> ; Michael Pröbsting: Perspectivas Mundiais 2018,

348) <https://www.infoplease.com/world/population-statistics/total-population-world-decade-1950-2050>

349) A Situação Mundial da População em 2014. Um Relatório Conciso, Nações Unidas, Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais, Nova York, 2014, p. 4

350) População 2030. Desafios demográficos e oportunidades para o planejamento do desenvolvimento sustentável, Nações Unidas, Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais, Nova York, 2015, p. 24

351) Veja por exemplo o livro de Richard Brenner, Michael Pröbsting e Keith Spencer: A Crise do Crédito - uma análise marxista, Londres, 2008.

352) Nossa análise foi resumida, entre outras, em: Michael Pröbsting: A Falha Catastrófica da teoria do “Catastrofismo”, <https://www.thecommunists.net/theory/the-catastrophic-failure-of-the-theory-of-catastrophism/>; Michael Pröbsting: The Great Robbery of the South, capítulo 3, <https://www.thecommunists.net/theory/great-robbery-of-the-south/>; Michael Pröbsting: O Imperialismo, a Globalização e o Declínio do Capitalismo, em Richard Brenner, Michael Pröbsting e Keith Spencer: A Crise do Crédito - uma análise marxista, Londres 2008, <https://www.thecommunists.net/theory/imperialism-and-globalization/>

353) Para a nossa crítica da teoria das ondas longas, ver, e. Michael Pröbsting: A Falha Catastrófica da Teoria do “Catastrofismo”, pp. 22-24; Richard Brenner: Globalização e o Mito da Nova Onda Longa, em: A Crise de Crédito - Uma Análise Marxista, <http://www.fifthinternational.org/content/globalisation-andmyth-new-longwave>

354) De um ensaio do autor escrito em 2007, citado em Michael Pröbsting: The Great Robbery of the South, pp. 376-377, <https://www.thecommunists.net/theory/great-robbery-of-the-south/>

355) V. I. Lenin: A posição e as tarefas da Internacional Socialista (1914); em: CW vol. 21, pp. 39-40

356v V. I. Lenin: Imperialismo. O estágio Superior do capitalismo (1916); em: CW vol. 22, p. 190

357) V. I. Lenin: A Conferência do R.S.D.L.P. Grupos no Exterior (1915); em CW 21, p. 162

358) Karl Kautsky: Der Imperialismus, em: Die Neue Zeit 32-II., 1914, 21, p. 921, in: inglês: Karl Kautsky: Selected Political Writings (editado e traduzido por Patrick Goode),

The Macmillan Press, Hong Kong 1983, p. 88, <http://www.marxists.org/archive/kautsky/1914/09/ultra-imp.htm>

359) V.I.Lenin: Prefácio ao panfleto de N. Bukharin, Imperialism and the World Economy (1915), em: LCW vol. 22, pp. 105-106

360) Yossi Schwartz: o comércio capitalista e a iminente 3ª Guerra Mundial, 15 de julho de 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/capitalist-trade-and-looming-3rd-world-war/>

361) CCRI: World Perspectives 2016: Promovendo a contrarrevolução e a aceleração das contradições de classe Marque a abertura de uma nova fase política. Teses sobre a situação mundial, as perspectivas para a luta de classes e as tarefas dos revolucionários (janeiro de 2016), capítulo II, <https://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2016/>; ver também RCIT: Seis Pontos para uma Plataforma da Unidade Revolucionária Hoje, fevereiro de 2018, <https://www.thecommunists.net/rcit/6-points-for-a-platform-of-revolutionary-unity-today/>

## XIII. O Proletariado Como Uma Classe Internacional

O programa de *derrotismo revolucionário* significa que a classe operária nos países imperialistas nunca deve defender sua pátria. Isso reflete a forte oposição da classe trabalhadora contra o estado imperialista. Representa o facto de que não há interesses comuns entre o proletariado e o oprimido, por um lado, e os seus mestres imperialistas, por outro.

Basicamente, isso não significa outra coisa senão a aplicação do programa marxista e os métodos gerais da luta de classes ao terreno da luta anti-chauvinista e antimilitarista. Baseia-se no axioma de que a classe trabalhadora é, por sua própria natureza, uma classe internacional. Isso já foi formulado com mais fama por Karl Marx e Friedrich Engels em seu *Manifesto Comunista* em 1847:

*“Os trabalhadores não têm país. Não podemos tirar deles o que eles não têm. Uma vez que o proletariado deve, antes de mais nada, adquirir supremacia política, deve ser a classe dirigente da nação, deve constituir-se a nação, é até então, ela mesma nacional, embora não no sentido burguês da palavra.”* [362]

Esta declaração causou muitos protestos e confusão. Os chauvinistas de direita utilizaram essas palavras para difamar os socialistas como *“homens sem pátria”* (*“vaterlandslose Gesellen”*, como costumavam dizer na Alemanha). Os social-democratas oportunistas e os stalinistas internalizaram esse preconceito reacionário e trabalham duro para provar à *“opinião pública”* burguesa que eles são diferentes dos marxistas, isto é, que se tornaram defensores leais de sua pátria imperialista.

Outras críticas, muitas vezes pessoas progressistas com melhores intenções, em seguida, os chauvinistas e social-democratas, mas não necessariamente com mais cérebro, interpretam as palavras dos fundadores do socialismo científico de outra forma distorcida. Eles deduzem do *Manifesto Comunista* que os socialistas não têm interesse na *questão nacional* e, conseqüentemente, recusam-se a defender os povos contra a opressão nacional.

É preciso apenas uma pequena quantidade de conhecimento histórico para entender que nada poderia estar mais em desacordo com a verdade do que tão má interpretação. Deveria ser suficiente salientar que, ao mesmo tempo em que Marx e Engels estavam escrevendo o *Manifesto* e o divulgando para o continente europeu, eles se mobilizaram em palavras e ações pelo apoio da luta de libertação nacional do povo polonês. De fato, a causa da independência da Polônia foi um dos fatores mais importantes que levaram à fundação da Primeira Internacional em 1864, como David Riazanov, o famoso fundador do Instituto Marx-Engels na União Soviética (até sua perseguição pelos stalinistas). em 1931), apontou. [363]

Da mesma forma, Marx e Engels apoiaram a unificação nacional da Alemanha, exigiram uma guerra revolucionária da Alemanha contra a Rússia czarista

e apoiaram o povo italiano contra o Império Habsburgo. Mais tarde, continuaram seu apoio incondicional às lutas de libertação nacional de pessoas oprimidas, como, por exemplo, o povo irlandês ou da Índia lutando contra a ocupação britânica. [364]

À primeira vista, isso parece ser uma contradição, mas apenas se abordarmos essa questão de um ponto de vista formalista e mecanicista. Vamos explicar o método marxista sobre internacionalismo e a questão nacional em mais detalhes.

Quando Marx e Engels afirmaram que “*os trabalhadores não têm país*”, eles queriam dizer que a classe trabalhadora não tem lealdade “natural” ao país específico de sua origem. Os trabalhadores deste ou daquele país estrangeiro são para eles tão próximos quanto os camaradas de seu próprio país.

A relação consciência de classe operária com relação ao estado imperialista é semelhante à relação com a corporação na qual ela ou ele é empregado. O trabalhador terá a mesma solidariedade para com o trabalhador de outra corporação (independentemente de as duas corporações serem rivais no mercado ou não) do que para o trabalhador de sua corporação. Toda a ideia de solidariedade dos trabalhadores e sindicatos é construída sobre essa percepção fundamental da *natureza de classe* dos trabalhadores.

O mesmo se aplica à solidariedade dos trabalhadores quando se trata de fronteira, passaporte e cor da pele. O trabalhador consciente da classe sente o mesmo apego ao trabalhador que vive noutro país, vindo de outro país ou com uma cor de pele diferente, como o trabalhador que vive no seu próprio país, nascido no mesmo país ou com a mesma cor de pele.

O que constitui nossa identidade não é o passaporte ou a cor da pele, mas nossa existência como uma classe que enfrenta basicamente as mesmas condições de exploração e opressão pelos capitalistas e sua máquina estatal. A identidade entre as classes, baseada no passaporte ou na cor da pele, é resultado da manipulação da classe dominante, sua mídia e seus pregadores políticos. Somente a identidade de classe, independentemente do passaporte ou da cor da pele, é a verdadeira identidade do proletariado e do oprimido.

## **Internacionalismo e Libertação Nacional**

Então, por que Marx e Engels apoiaram várias lutas nacionais e por que o fazemos hoje? É porque lutamos pela erradicação de todas as formas de exploração e opressão. A opressão nacional é uma forma de opressão que serve à classe dominante deste ou daquele país. É por isso que os revolucionários devem apoiar a luta para esmagar essa opressão nacional.

Mas os trabalhadores conscientes da sua própria classe abordam essa oposição contra a opressão nacional do ponto de vista *internacionalista*. Isso significa que eles apoiam a luta pela igualdade nacional de *todos* os povos oprimidos - independentemente de essas pessoas oprimidas viverem no mesmo país ou em

outro, se viverem no mesmo continente ou em outro, ou se tiverem a mesma cor de pele ou outra. Lutamos contra a opressão nacional porque sabemos que somente a ausência de qualquer opressão pode abrir o caminho para a liberdade e riqueza para a humanidade e não porque compartilhamos o mesmo passaporte ou cor de pele com as pessoas oprimidas envolvidas.

É isso que Marx e Engels queriam dizer no *Manifesto Comunista* e é isso que queremos dizer quando dizemos que a classe trabalhadora é essencialmente uma classe internacional.

Desta compreensão internacionalista proletária fundamental segue logicamente as táticas do *Derrotismo Revolucionário*. O trabalhador consciente de sua classe na corporação A não pode apoiar ativamente seu chefe para prevalecer sobre a empresa rival B na competição econômica. O trabalhador consciente da corporação A buscará contato com seus colegas empregados na corporação B, para que possam deixar de ser jogados uns contra os outros e lutar juntos contra os dois patrões.

Da mesma forma, o trabalhador consciente da classe lutará contra qualquer posição chauvinista de seus colegas que se oponham a que um trabalhador migrante possa ingressar na força de trabalho. E assim os trabalhadores progressistas do sexo masculino rejeitarão qualquer oposição contra empregar uma mulher trabalhadora ou trabalhadores mais velhos rejeitarão qualquer oposição contra o emprego a um trabalhador jovem. Tal oposição contra qualquer forma de chauvinismo reacionário e guildismo atrasado sempre foi um princípio básico do movimento operário desde o dia da Primeira Internacional nos tempos de Marx e Engels e assim é hoje.

Também tem sido um axioma para o movimento operário revolucionário que o Estado capitalista é um corpo totalmente estranho que o proletariado não defende, mas que deve ser destruído e substituído por um novo tipo de comuna de Estado baseado em trabalhadores e conselhos pobres de camponeses e milícias. Ou, para colocar nas palavras de Lenin:

*“O imperialismo - a era do capital bancário, a era dos gigantescos monopólios capitalistas, do desenvolvimento do capitalismo monopolista no capitalismo de monopólio estatal - mostrou claramente um extraordinário fortalecimento da “máquina estatal” e um crescimento sem precedentes de seu aparato burocrático e militar em conexão com a intensificação de medidas repressivas contra o proletariado, tanto nos países monárquicos quanto nos mais livres republicanos.”* [365]

É por isso que os marxistas sempre rejeitaram os devaneios dos reformistas e centristas de que o Estado pode ser reformado e de que o capitalismo possa ser transformado sem violência: *“A superação do estado burguês pelo Estado proletário é impossível sem uma revolução violenta”*. [366]

A mesma ideia foi articulada por Nikolai Bukharin, um importante teórico do Partido Bolchevique:

*“O padrão geral do desenvolvimento do estado é, portanto, o seguinte: no princípio, o estado é a única organização da classe dominante. Então outras organizações começam a*

*surgir, seus números multiplicando-se especialmente na época do capitalismo financeiro. O estado vai se transformando da organização única da classe dominante em uma de suas organizações, com a distinção de que possui o caráter mais geral de todas essas organizações. Finalmente, chega a terceira etapa, na qual o Estado engole essas organizações e, mais uma vez, torna-se a única organização universal da classe dominante, com uma divisão interna e técnica do trabalho. Os agrupamentos organizacionais outrora independentes tornam-se as divisões de um mecanismo estatal gigantesco, que se lança sobre o inimigo visível e interno com força esmagadora. Assim surge o tipo acabado do estado ladrão imperialista contemporâneo, a organização de ferro que, com suas garras tenazes e rijas, abraça o corpo vivo da sociedade. Este é o Novo Leviatã, ao lado do qual a fantasia de Thomas Hobbes parece um brinquedo de criança.” [367]*

Em resumo, como afirmamos nas *Teses sobre Derrotismo Revolucionário*, assim como os trabalhadores de uma dada empresa não têm interesses comuns com seu chefe, a classe trabalhadora também não interesses comuns com a classe dominante de um dado estado capitalista. Como os trabalhadores querem enfraquecer, derrotar e finalmente expropriar os donos da “sua” corporação, os trabalhadores de um dado país imperialista desejam enfraquecer, derrotar e finalmente derrubar a classe dominante. Por essas razões, os trabalhadores utilizarão todos os conflitos em que seu inimigo de classe está envolvido, a fim de promover seus interesses e fortalecer seu poder de luta.

A classe trabalhadora defenderá de todo o coração sua pátria ou seus empreendimentos *somente depois* de ter derrubado e expropriado a burguesia imperialista e criado um Estado e uma economia socialista. Só sob tais condições é que qualquer patriotismo em relação ao seu país é justificado e progressivo.

O mesmo vale para a classe operária de países semicoloniais que estão sob ataque de potências imperialistas ou oprimidos que lutam contra a ocupação estrangeira ou contra uma ditadura reacionária. Em tais casos, a defesa da pátria também é legítima.

## **Sobre o Aristocratismo e a Aristocracia Trabalhista**

Terminaremos este capítulo discutindo brevemente um argumento que é levantado por alguns setores dos socialistas contra nossa teoria. Há a crítica de que a unidade internacional da classe trabalhadora entre os países imperialistas e semi-coloniais não é possível, uma vez que os capitalistas monopolistas subornam toda a classe trabalhadora nos países imperialistas.

É a clássica posição marxista, que a CCRI defendeu e elaborou em vários documentos, que o estrato superior do proletariado nos países imperialistas é de fato subornado pela burguesia. [368] No entanto, pensamos que seria um exagero errado e superficial imaginar que a *massa dos trabalhadores* nos países imperialistas tenha sido subornada. É verdade que, *até certo ponto*, a massa dos trabalhadores dos países imperialistas ganha com a super-exploração do mundo semicolonial - por exemplo, da importação de bens de consumo baratos,

como roupas, televisão ou telefones celulares. Esta não foi a primeira vez na história do capitalismo. Por exemplo, como resultado de seu papel hegemônico mundial como potência colonial, o capitalismo britânico desfrutou de deflação de preços no último quartel do século XIX. Theodore Rothstein - publicitário judeu-russo residente na Grã-Bretanha que apoiava os bolcheviques e líder da ala esquerda do Partido Socialista Britânico - elaborou em seu livro sobre a história do movimento operário na Grã-Bretanha o importante papel da deflação de preços no fortalecimento do reformismo e das políticas de colaboração de classe na classe trabalhadora e, conseqüentemente, na burocracia trabalhista. [369]

Mas isso deve ser qualificado contra as desvantagens da globalização capitalista para a massa dos trabalhadores nos países imperialistas. A terceirização da produção, a depressão dos salários por causa do comércio internacional e da migração etc. - tudo isso é desvantagem das camadas baixas e médias do proletariado nos países imperialistas.

Como mostramos acima, a massa da classe trabalhadora - os trabalhadores de baixa e média qualificação - na América do Norte, Europa Ocidental e Japão perderam maciçamente a renda na última década e apenas o estrato superior, muitas vezes parte da aristocracia trabalhista privilegiada, foi capaz de aumentar sua parcela de renda. Mas é esse trabalho de baixa e média qualificação que constitui a maioria do proletariado - mesmo nos antigos países imperialistas.

Na Tabela 27, vemos que 60,7% da força de trabalho nos antigos países imperialistas pertence aos setores de baixa e média qualificação. (A parcela dos estratos baixos e médios da força de trabalho global é ainda maior, com 82%.) Se tivermos em mente que nem toda a força de trabalho faz parte da classe trabalhadora (basta levar em conta a camada intermediária assalariada entre a qual uma alta desproporção percentual seja altamente qualificada), podemos ver que uma maioria decisiva da classe trabalhadora nos antigos países imperialistas não pertence ao estrato superior do qual um setor significativo faz parte da aristocracia operária subornada.

Em nossa opinião, pode-se dizer que, embora a aristocracia operária tenha algum interesse de curto prazo (mas não fundamental, histórico) em manter o capitalismo, esse não é o caso da massa dos trabalhadores nos antigos países imperialistas. Eles não têm interesse algum em defender o sistema capitalista. Seu interesse é unir a grande maioria do proletariado mundial que vive nos países imperialistas semicoloniais e emergentes e lutar juntos pela revolução permanente para construir o amplo socialismo mundial.

Dado o fato de que a grande maioria do proletariado internacional vive fora dos antigos países imperialistas e, dado o fato de ser menos contaminada pelo mecanismo pacificador dos imperialistas (o peso das ideologias colaboracionistas de classe do reformismo, a esperança de fazer parte do "Ilhas ricas" em um mundo tumultuado, as técnicas sofisticadas de manipular e integrar o mundo da mídia, etc.), fica claro que o foco da luta de classes internacional e da classe trabalhadora mundial está fora dos antigos países capitalistas. Em outras pala-

bras, o foco mudou para o Sul, assim como para os novos países capitalistas, com um poderoso proletariado como a China.

Daqui segue também o papel específico e importante dos migrantes como eles estão vindo do Sul e vivem agora na América do Norte, Europa Ocidental ou Rússia. Eles podem desempenhar o papel de correias de transmissão entre as duas partes do mundo: eles podem trazer o espírito de luta militante de seus países de origem para o Norte e transmitir várias habilidades e experiências do Norte ao Sul.

**Tabela 27: Participação do Emprego por Ocupação Ampla (por habilidade), Mundo e Regiões, 2013 [370]**

<i>Região do mundo</i>	<i>Baixa Qualificação</i>	<i>Qualificação Média</i>	<i>Altamente Qualificação</i>
Mundo total	16.0%	66.0%	18.0%
Economias desenvolvidas	9.8%	50.9%	39.3%
Europa Central e Sudeste europeu	14.1%	52.4%	33.5%
Leste da Ásia	8.2%	79.7%	12.1%
Sul da Ásia e Pacífico	22.0%	65.6%	12.4%
Sul da Ásia	27.7%	58.5%	13.8%
América Latina e Caribe	19.0%	61.3%	19.8%
Oriente Médio e Norte da África	12.0%	65.7%	22.4%
África Subsahariana	16.2%	79.2%	4.6%



## Notas de rodapé

362) Karl Marx e Frederick Engels: Manifesto do Partido Comunista (1847), em: MECW vol. 6, pp. 502-503

363) Ver David Riazanov: Die Entstehung der Internationalen Arbeiter-Assoziation (Zur Geschichte der Ersten Internationale), em: Marx-Engels-Archiv. Zeitschrift des Marx-Engels Instituts em Moskau, vol. 1, pp.165-173, Marx-Engels-Archiv Verlagsgesellschaft, Frankfurt am Main, 1925 (Politladen-Reprint, Erlangen 1971)

364) Para a abordagem de Marx e Engels na questão nacional, ver, e. Roman Rosdolsky: Engels e os povos “não-históricos”: a questão nacional na Revolução de 1848, Critique Books, Glasgow 1986; Michel Löwy: Marxistas e a Questão Nacional, em: New Left Review, 96, março-abril de 1976, pp. 81-100; Neil A. Martin: Marxismo, Nacionalismo e Rússia, em: Journal of the History of Ideas, vol. 29, No. 2 (abril-junho 1968), pp. 231-252

365) V. I. Lenin: O Estado e a Revolução. A Teoria Marxista do Estado e as Tarefas do Proletariado na Revolução; em: CW vol. 25, p.326

366) V. I. Lenin: O Estado e a Revolução. O Ensino Marxista sobre o Estado e as Tarefas do Proletariado na Revolução (1917), em: LCW vol. 25, p. 405. Veja também: *“A revolução proletária é impossível sem a destruição forçada da máquina estatal burguesa e a substituição por ela de uma nova que, nas palavras de Engels, “ não mais um estado no sentido próprio da palavra. ”* (V. I. Lenin: A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky, em: LCW Vol. 25, p. 237). A posição de Lenin, que se tornou o fundamento da teoria marxista da revolução (apesar da rejeição dos revisionistas do passado e do presente que acreditam na possibilidade de transformação acífica para o socialismo como Kautsky no século passado e o CIT de Peter Taffee ou Alan Woods TMI hoje ), baseia-se na análise de Marx e Engels. Veja por exemplo:

*“O poder estatal centralizado, com seus órgãos onipresentes de exército permanente, polícia, burocracia, clero e órgãos judiciais, elaborados segundo o plano de uma divisão sistemática e hierárquica do trabalho, origina-se dos dias da monarquia absoluta, servindo à sociedade nascente de classe média como uma arma poderosa em suas lutas contra o feudalismo. (...); mas seu caráter político mudou simultaneamente com as mudanças econômicas da sociedade. No mesmo ritmo em que o progresso da indústria moderna se desenvolveu, ampliou, intensificou o antagonismo de classes entre capital e trabalho, o poder estatal assumiu cada vez mais o caráter do poder nacional do capital sobre o trabalho, de uma força pública organizada para a escravidão social, de um motor de despotismo de classe.”*(Karl Marx: A Guerra Civil na França, em: MECW Vol. 22, pp. 328-329)

*“Esse Poder Executivo com a sua monstruosa organização burocrática e militar, com a sua máquina estatal multifacetada e artificiosa, esse exército de funcionários de meio milhão de pessoas somado a um exército regular de mais meio milhão, essa terrível corporação de parasitas, que envolve o organismo da sociedade francesa como uma membrana e entope todos os seus poros, surgiu no tempo da monarquia absoluta, na época da decadência do sistema feudal, para cuja aceleração contribuiu. Os privilégios senhoriais dos proprietários de terra e das cidades se transformam na mesma quantidade de atributos do poder estatal, os dignitários feudais passam à condição de funcionários remunerados e o catálogo multicolor dos potentados medievais conflitantes se converte em plano regulamentado de um poder estatal cujo trabalho é dividido e centralizado como numa fábrica. A primeira revolução francesa, ao cumprir a tarefa de quebrar todos os poderes autônomos nos níveis local, territorial, cidadão e provincial, visando criar a unidade nacional burguesa, necessariamente desenvolveu o que a monarquia absoluta havia começado: a centralização e, junto com ela, o raio de ação, os atributos e os servidores do*

*poder governamental. Napoleão aperfeiçoou essa máquina do Estado. Essa monarquia legítima e a Monarquia de Julho nada acrescentaram além de uma maior divisão do trabalho, que crescia na mesma proporção em que a divisão do trabalho no interior da sociedade burguesa criava novos grupos de interesse, ou seja, novo material para a administração estatal. Todo e qualquer interesse comum foi imediatamente desvinculado da sociedade e contraposto a ela como interesse mais elevado, geral, subtraído a atividade dos próprios membros da sociedade e transformado em objeto da atividade governamental, desde a ponte, o prédio escolar e o patrimônio comunal de um povoado até as ferrovias, o patrimônio nacional e a universidade nacional da França. A república parlamentar, por fim, na sua luta contra à revolução, viu-se obrigada a reforçar os meios e a centralização do poder do governo para implementar as medidas repressivas. Todas as revoluções somente aperfeiçoaram a máquina em vez de quebrá-la. Os partidos que lutaram alternadamente pelo poder consideraram a tomada de posse desse monstruoso edifício estatal como a parte do leão dos despojos do vencedor.* "(Karl Marx: O 18 Brumário de Louis Bonaparte (1852), em: MECW Vol. 11, pp. 186)

367) Nikolai Bukharin: Para uma Teoria do Estado Imperialista (1915), em: Robert V. Daniel: Uma História Documentária do Comunismo, vol. 1, Vintage Russian Library, Nova Iorque 1960, pág. 85, <https://www.marxists.org/archive/bukharin/works/1915/state.htm>

368) Veja neste exemplo Michael Pröbsting: o Marxismo e a Tática da Frente Unica hoje. A luta pela hegemonia proletária no movimento de libertação nos países semi-coloniais e imperialistas no presente período, Livros RCIT, Viena 2016, <https://www.thecommunists.net/theory/book-united-front/>, Capítulo III

369) Veja Theodore Rothstein: Tratado da Corte de Arbeiterbewegung na Inglaterra, Viena 1929, Capítulo "O Período do Sindicalismo"

370) International Labour Office: World Employment and Social Outlook – Trends 2015, pp. 72-89, Supporting Data

## XIV. O Caráter Internacionalista da Luta Contra a Guerra Imperialista e a Natureza Social-Patriótica da Teoria Estalinista do “Socialismo Num Só País”

Também é necessário apontar fatores adicionais que tornam obrigatória ver o proletariado como uma classe internacional e, portanto, da luta de classes como internacional por sua natureza. Os marxistas sempre insistiram que o capitalismo em geral e o capitalismo monopolista (ou seja, o capitalismo na época do imperialismo) em particular só pode ser compreendido se for entendido como um sistema político e econômico *mundial*. As relações políticas e econômicas em cada país nunca podem, do ponto de vista marxista, ser derivadas simplesmente de fatores internos. O imperialismo não constitui um conjunto de estados e economias nacionais que estão amarrados juntos. É, antes, o caso em que a economia mundial e a política mundial são as forças motrizes decisivas. Elas agem como um caldeirão de fatores nacionais, formando uma totalidade independente levantada por cima e imposta aos estados nacionais. O desenvolvimento combinado e desigual do capitalismo mundial coincide com as peculiaridades locais de um país e se funde com a dinâmica nacional específica das relações políticas e econômicas desse estado. [371]

Marx já apontou isso nos *Grundrisse*, sua “base” para o *Capital*:

*“No mercado mundial, a conexão do indivíduo com todos os outros, mas ao mesmo tempo também a independência dessa conexão em relação aos indivíduos, desenvolveu-se a tal ponto que sua formação já contém as condições para que ela seja transcendida”*. [372]

Mais tarde, Trotsky elaborou sistematicamente essas ideias fundamentais e desenvolveu sua teoria da revolução permanente. Ele enfatizou que não se deve começar com a economia nacional, mas com o mundo como uma totalidade. Trotsky enfatizou corretamente a importância do mercado mundial. O mesmo é verdade no terreno da política.

*“O marxismo toma seu ponto de partida da economia mundial, não como uma soma de partes nacionais, mas como uma realidade poderosa e independente que foi criada pela divisão internacional do trabalho e do mercado mundial e que em nossa época imperiosamente domina os mercados nacionais.”* [373]

Se olharmos para os desenvolvimentos na economia mundial nas últimas décadas, podemos ver uma completa defesa do prognóstico marxista do papel cada vez mais dominante do mercado mundial. A globalização levou ao crescimento maciço - em relação à produção global - da exportação e importação de commodities mundiais. Da mesma forma, as exportações de capital aumenta-

ram substancialmente em relação à acumulação global total de capital.

Como já indicamos em outro lugar, *“os monopólios são levados a uma maior internacionalização pela queda das taxas de lucro em seus mercados domésticos e uma massa tão alta de acumulação de capital que os mercados nacionais são pequenos demais para eles. Isso ocorre porque os enormes investimentos nas instalações de produção cada vez maiores exigidas pela própria concorrência exigem um mercado cada vez maior para obter lucros. Isso também os leva à terceirização de partes da produção para os mercados de exportação e à mão-de-obra mais barata do planeta. A tecnologia moderna e os custos de transporte baratos ajudam neste processo. A abertura forçada de mercados em todo o mundo anda de mãos dadas com isso. O resultado desse desenvolvimento é que, nos últimos 25 anos, a exportação de capital se tornou maciçamente mais importante tanto nos estados imperialistas quanto no mundo semicolonial.”* [374]

Vamos demonstrar isso com dois quadros. Como mostramos no quadro 33, a exportação de capital (expressa em Investimento Estrangeiro Direto-IDE) e a integração global do mercado mundial subiram, por esse fenômeno, a um nível nunca antes visto na história do capitalismo.

Da mesma forma, demonstramos no quadro 34 até que ponto o comércio global aumentou - quando considerado em relação à produção mundial - ao longo de toda a história do capitalismo de 1820 até hoje.

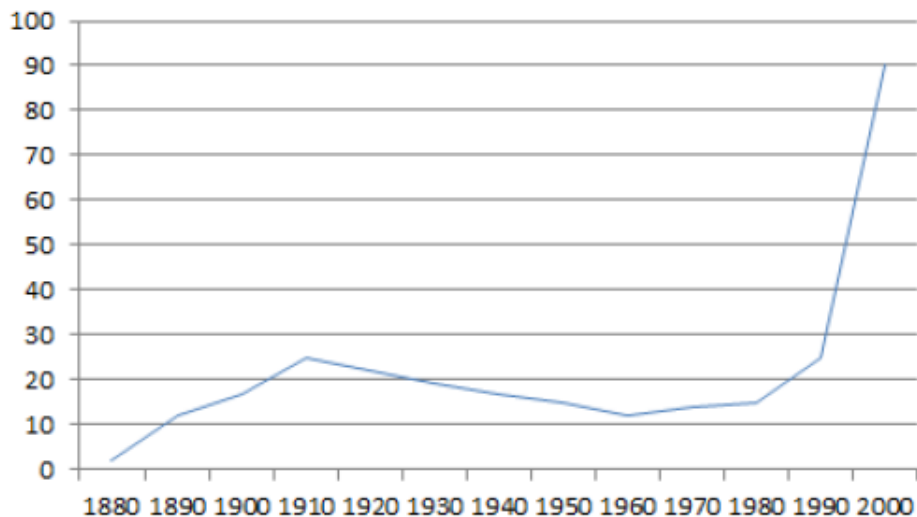
Dessa *visão de mundo* do capitalismo, segue-se que os marxistas se baseiam numa *visão de mundo* do proletariado e, portanto, uma visão de mundo da luta de classes. Isso tem profundas consequências para a política da classe trabalhadora em geral e em suas táticas anti-guerra e anti-imperialista em particular.

Tal visão está em completa contradição com a teoria reformista do *“socialismo em um só país”* que foi desenvolvida pelos estalinistas e que eles contrapuseram à estratégia internacionalista desenvolvida por Lenin e os bolcheviques e mais tarde defendida pela Quarta Internacional de Trotsky. Essa teoria estalinista declarou que o socialismo, ou seja, uma sociedade próspera com um padrão de vida mais alto para a população do que o capitalismo pode fornecer, poderia ser construída em um único país sem a vitória da classe trabalhadora em outros países. Daí se seguiu que a política externa da União Soviética e, portanto, a política da Internacional Comunista, não tinham mais que servir à meta de internacionalizar a revolução, mas sim ajudar a construir o *“socialismo”* na URSS sob o comando de Stalin.

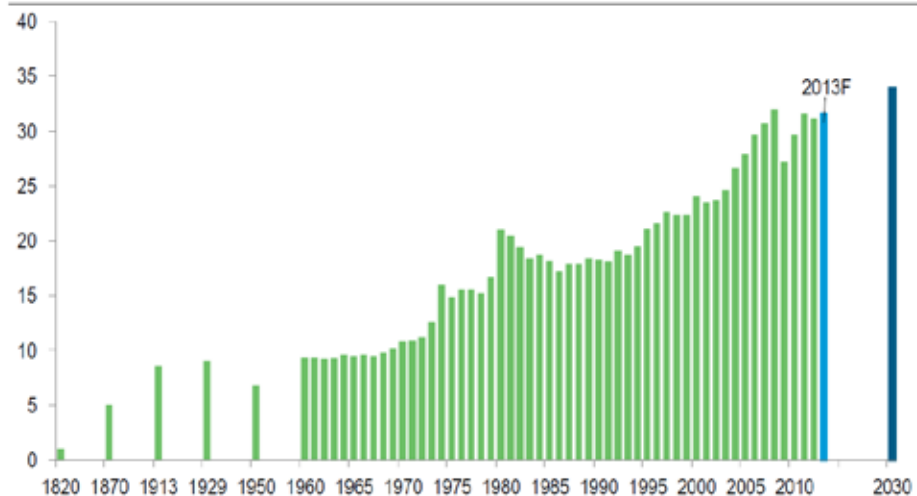
Trotsky resumiu o contraste entre as duas teorias em seu livro sobre a revolução permanente nas seguintes palavras:

*“É precisamente aqui que nos deparamos com os dois pontos de vista mutuamente exclusivos: a teoria revolucionária internacional da revolução permanente e a teoria nacional-reformista do socialismo em um país. Não apenas a China atrasada, mas em geral nenhum país do mundo pode construir o socialismo dentro de seus próprios limites nacionais: as forças produtivas altamente desenvolvidas que cresceram além das fronteiras nacionais resistem a isso, assim como as forças insuficientemente desenvolvidas para a nacionalização. A ditadura do proletariado na Grã-Bretanha, por exemplo, encontrará dificuldades e contradições, de caráter diferente, é verdade, mas talvez não seja mais leve*

**Quadro 33. Fluxo de Investimento Estrangeiro Direto para o PIB Global (em %), 1880-2000 [375]**



**Quadro 34 . Exportações mundiais como parte do PIB mundial, 1820-2013 [376]**



Source: Angus Maddison, IMF WEO, Standard Chartered Research

*do que aquelas que enfrentarão a ditadura do proletariado na China. A superação dessas contradições só é possível em ambos os casos por meio da revolução internacional. Este ponto de vista não deixa espaço para a questão da “maturidade” ou “imaturidade” da China para a transformação socialista. O que permanece indiscutível aqui é que o atraso da China torna as tarefas da ditadura do proletariado extremamente difíceis. Mas repetimos: a história não é feita por encomenda e o proletariado chinês não tem escolha.” [377]*

O que isso significa para a luta revolucionária contra a agressão imperialista e a guerra?

Os estalinistas, acreditando na possibilidade de vitórias duradouras nacionalmente isoladas da classe trabalhadora, concluem que é possível construir o socialismo em um único país se a classe trabalhadora conseguir impedir a burguesia imperialista de interferir e atacar o país socialista. Eles ignoraram a verdade fundamental, declarada por Lenin e muitos outros marxistas, de que a guerra é inevitável no capitalismo e que os imperialistas nunca e jamais poderão coexistir pacificamente com um Estado operário. Assim, os imperialistas provocaram a Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coreia, a Guerra do Vietnã e a Guerra Fria entre o Ocidente e a URSS até o colapso desta última em 1989-91.

Como consequência tática de sua teoria equivocada, os estalinistas proclamaram a possibilidade da “*neutralização da burguesia mundial*”, ou seja, pressioná-la para que ela desistisse de atacar o Estado operário. Essa teoria era sem sentido e historicamente falsificada.

*“Uma condição na qual o proletariado ainda é incapaz de tomar o poder, mas pode impedir a burguesia de utilizar seu poder para uma guerra, é uma condição de equilíbrio de classe instável em sua mais alta expressão. Um equilíbrio é chamado instável precisamente quando não pode durar muito tempo. Deve inclinar-se para um lado ou para o outro. Ou o proletariado chega ao poder ou então a burguesia, por meio de uma série de golpes esmagadores, enfraquece suficientemente a pressão revolucionária para recuperar a liberdade de ação, sobretudo na questão da guerra e da paz. Somente um reformista pode imaginar a pressão do proletariado sobre o estado burguês como um fator permanentemente crescente e como uma garantia contra a intervenção. É precisamente a partir dessa concepção que surgiu a teoria da construção do socialismo em um país, dada a neutralização da burguesia mundial (Stalin). Assim como a coruja voa no crepúsculo, também voa no crepúsculo o estalinista. A teoria da neutralização da burguesia pela pressão do proletariado surge apenas quando as condições que engendraram essa teoria começaram a desaparecer”. [378]*

Tal absurdo pacifista sobre a possibilidade de tornar a burguesia pacifista faz resultar em inevitável capitulação aberta ao imperialismo. Trotski já previa, em 1928, que o desvio nacionalista estalinista deveria resultar num colapso social-patriótico e na colaboração da burocracia com um campo do imperialismo (contra o outro).

*“É possível levar o proletariado à posição de derrotismo em relação ao Estado burguês somente por meio de uma orientação internacional no programa sobre essa questão*

*central e por meio de uma rejeição impiedosa do contrabando social-patriótico que é mascarado, mas que procura construir um ninho teórico para si mesmo no programa da Internacional de Lenin”. [379]*

Pode-se menosprezar a relevância desses pensamentos atualmente, já que não existem mais estados operários. Mas, primeiro, um setor significativo de estalinistas e semi-estalinistas ainda vê a China como um “estado socialista” ou um “estado operário deformado”, como demonstramos acima. Outros revisionistas não vão tão longe, mas ainda veem a China e a Rússia como algo qualitativamente político superior aos antigos estados imperialistas e, por isso, defendem o apoio às Grandes Potências emergentes. Além disso, é facilmente compreensível imaginar um cenário em que os reformistas defenderão uma União Europeia “liberal”, “mais democrática” contra um Estados Unidos “semi-fascista” e ultra-reacionário. O social-patriotismo conhece muitos caminhos diferentes, mas tudo acaba no campo de defesa da pátria imperialista. Ou colocá-lo na fórmula de Trotsky: “O patriotismo social é apenas uma máscara para o imperialismo social”. [380]

Sua raiz teórica é a teoria revisionista malfadada do “socialismo em um só país” que liquida a natureza internacional da classe trabalhadora e a essência internacionalista da luta de classes incorporada no programa do derrotismo revolucionário.

*“A teoria da possibilidade de realizar o socialismo em um país destrói a conexão interna entre o patriotismo do proletariado vitorioso e o derrotismo do proletariado dos países burgueses. O proletariado dos países capitalistas avançados ainda está tentando alcançar o poder.” [381]*

A desastrosa teoria stalinista do “socialismo num só país” não é relevante apenas para a questão da luta revolucionária contra a guerra imperialista. Também tem influência maciça nas questões de programa e construção de partidos. “Socialismo em um país” significa priorizar a luta de classes em seu próprio país e desprivilegiar a luta de classes em outros países. Conseqüentemente, também significa priorizar a construção de um partido em seu próprio país e não priorizar o mesmo em outros países. Além disso, geralmente acompanha também uma atitude ignorante ou mesmo social-chauvinista em relação às minorias nacionais e aos migrantes em seu próprio país. Em resumo, “Socialismo em um país” resulta em nacionalismo e reformismo nacional no campo teórico, programático e organizacional.

De fato, vemos numerosas organizações que estão dispostas a agir como revolucionárias, mas que estão, inconscientemente, infectadas com as ideias do “socialismo em um país”, uma vez que colocam uma forte prioridade no trabalho nacional em contraste com o trabalho internacional. Como resultado, essas organizações se recusam a lidar adequadamente com questões da luta de classes internacional e com a construção do Partido Revolucionário Mundial.

Trotsky explicou em 1928, em sua crítica ao programa estalinista, que um programa internacional não é importante apenas para um partido mundial, mas

também para qualquer organização nacional, uma vez que a política nacional não pode ser entendida sem o contexto internacional:

*“Em nossa época, que é a época do imperialismo, isto é, da economia mundial e da política mundial sob a hegemonia do capital financeiro, nem um único partido comunista pode estabelecer seu programa procedendo exclusiva ou principalmente de condições e tendências de desenvolvimentos em seu próprio país. Isso também é válido para o partido que detém o poder do estado dentro dos limites da União Soviética. Em 4 de agosto de 1914, a sentença de morte soou para programas nacionais de todos os tempos. O partido revolucionário do proletariado só pode se basear em um programa internacional correspondente ao caráter da época atual, a época do mais alto desenvolvimento e colapso do capitalismo. Um programa comunista internacional não é, em hipótese alguma, a soma total de programas nacionais ou um amálgama de suas características comuns. O programa internacional deve proceder diretamente de uma análise das condições e tendências da economia mundial e do sistema político mundial como um todo em todas as suas conexões e contradições, isto é, com a interdependência mutuamente antagônica de suas partes separadas. Na época atual, em uma extensão muito maior do que no passado, a orientação nacional do proletariado deve e pode fluir apenas de uma orientação mundial e não vice-versa. Aqui reside a diferença básica e primária entre o internacionalismo comunista e todas as variedades de socialismo nacional.” [382]*

Pela mesma razão, uma organização revolucionária não pode construir sozinho no terreno nacional. Deve ser construída simultaneamente como uma organização internacional. Trotsky respondeu àqueles revolucionários que consideravam a construção de uma organização internacional como “prematura” o seguinte:

*“Sua concepção de internacionalismo me parece errônea. Em última análise, você considera a Internacional como uma soma de seções nacionais ou como um produto da influência mútua das seções nacionais. Esta é, pelo menos, uma concepção unilateral e, portanto, errada da Internacional. Se a Esquerda Comunista em todo o mundo consistisse em apenas cinco indivíduos, eles teriam, no entanto, sido obrigados a construir uma organização internacional simultaneamente com a construção de uma ou mais organizações nacionais.*

*É errado ver uma organização nacional como a fundação e a internacional como um telhado. A inter-relação aqui é de um tipo completamente diferente. Marx e Engels começaram o movimento comunista em 1847 com um documento internacional e com a criação de uma organização internacional. A mesma coisa foi repetida na criação da Primeira Internacional. O mesmo caminho foi seguido pela esquerda Zimmerwald em preparação para a Terceira Internacional. Hoje esta estrada é ditada de maneira muito mais imperiosa do que nos dias de Marx. É possível, é claro, na época do imperialismo, que uma tendência proletária revolucionária surja em um ou outro país, mas não pode prosperar e se desenvolver em um país isolado; no dia seguinte à sua formação, deve procurar ou criar laços internacionais, uma plataforma internacional, uma organização internacional. Porque a garantia da correção da política nacional só pode ser encontrada ao longo desta estrada. Uma tendência que permaneça fechada nacionalmente ao longo*



de vários anos, condena-se irrevogavelmente à degeneração.

*Você se recusa a responder à pergunta sobre o caráter de suas diferenças com a Oposição Internacional, alegando que falta um documento internacional de princípios. Considero essa abordagem da questão como puramente formal, sem vida, não política e não revolucionária. Uma plataforma ou programa é algo que vem como resultado de extensas experiências de atividades conjuntas com base em um certo número de ideias e métodos comuns. Sua plataforma de 1925 não surgiu no primeiro dia de sua existência como uma facção. A oposição russa criou uma plataforma no quinto ano de sua luta; e, embora essa plataforma tenha surgido dois anos e meio após a sua, ela também ficou desatualizada em muitos aspectos.” 383*

Em resumo, o capitalismo e o imperialismo existem e só podem existir como um sistema mundial. A luta contra ela deve tomar o caminho da luta de classes internacional e deve ter como objetivo a criação de uma economia mundial socialista e uma federação mundial de trabalhadores e repúblicas camponesas. Tal luta requer um partido mundial, ou seja, uma organização internacional e não grupos nacional-isolados.

### Notas de rodapé

371) Tratamos dessa questão com mais detalhes em um ensaio de Michael Pröbsting: O Capitalismo Hoje e a Lei do Desenvolvimento Desigual: A tradição marxista e sua aplicação no período histórico atual, em: Critique: Journal of Socialist Theory, Vol. 44, Edição 4, 2016, <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03017605.2016.1236483>

372) Karl Marx: Grundrisse [Esboços da Crítica da Economia Política (versão preliminar de 1857-58)]; em: MECW 28, p. 98

373) Leon Trotsky: A Revolução Permanente (1929), Pathfinder Press, Nova York 1969, p. 146

374) Veja Michael Pröbsting: O Imperialismo e o Declínio do Capitalismo (2008), em: Richard Brenner, Michael Pröbsting e Keith Spencer: A crise do crédito - uma análise marxista (2008); <http://www.thecommunists.net/theory/imperialism-and-globalization/>

376) O super ciclo vive: o crescimento EM é fundamental, Standard Chartered Bank, Relatório Especial, 06 de novembro de 2013, p. 13

377) Leon Trotsky: A Revolução Permanente (1929), Pathfinder Press, Nova York 1969, p. 255

378) Leon Trotsky: A Revolução Permanente (1929), Pathfinder Press, Nova York 1969, pp. 267-268

379) Leon Trotsky: A Terceira Internacional Depois de Lenine. O Projeto de Programa da Internacional Comunista: Uma Crítica dos Fundamentos (1928), Pathfinder Press, Nova York, 1970, p. 73

380) Leon Trotsky: Paralisia Progressiva. A Segunda Internacional na Véspera da Nova Guerra (1939), em: Escritos de Leon Trotsky, 1939-40, p. 37

381) Leon Trotsky: A Terceira Internacional Depois de Lenine. O Projeto de Programa da Internacional Comunista: Uma Crítica dos Fundamentos (1928), Pathfinder Press, Nova York, 1970, p. 72

382) Leon Trotsky: A Terceira Internacional Depois de Lenin (1928), Pathfinder Press, Nova York 1970, p.4

383) Leon Trotsky: Ao Conselho Editorial d Prometeu (1930); em: Escritos 1930, pp. 285-286

## XV. O Significado do Ditado “A Guerra é a Continuação da Política por Outros Meios”

A abordagem marxista de conflitos e guerras baseia-se no entendimento de que não são uma questão separada da política em geral, mas sim um aspecto específico dela. Friedrich Engels e V.I. Lenin foram grandes admiradores do teórico militar prussiano Carl von Clausewitz do início do século XIX, que resumiu a essência de qualquer conflito militar com as famosas palavras: “*A guerra é uma mera continuação da política por outros meios*”. [384]

Em seu livro *On War (Sobre a Guerra)*, Clausewitz enfatizou e elaborou este ponto: “*A guerra é um instrumento de política; deve necessariamente ter o seu caráter, deve medir com a sua escala: a condução da guerra, em suas grandes características, é, portanto, a própria política, que toma a espada no lugar da caneta, mas não deixa de pensar de acordo às suas próprias leis.*” [385]

De fato, as guerras são travadas por qualquer classe não como um fim em si mesmo, mas para objetivos políticos e econômicos específicos, ou seja, para impor seus interesses. Isso se aplica tanto à política da burguesia quanto à política do proletariado e de outras classes oprimidas.

Um estado imperialista poderia atacar um rival para obter controle sobre territórios estratégicos ou suas colônias (por exemplo, a Primeira Guerra Mundial entre Alemanha, França, Grã-Bretanha, Rússia, etc.), uma Grande Potência poderia atacar uma semi-colônia para roubar seus recursos econômicos (por exemplo, a invasão do Iraque pelos EUA em 2003) ou para impedir uma rebelião que põe em causa a dominação imperialista na região (por exemplo, as duas guerras da Rússia contra a Chechênia em meados dos anos 90 e início dos anos 2000). Ou pode ser uma guerra das classes oprimidas para expulsar invasores estrangeiros (por exemplo, a resistência afegã contra as forças dos EUA desde 2001 ou a luta somali contra as tropas da União Africana-UA dirigidas pela Etiópia) ou para derrubar uma ditadura reacionária (por exemplo, Cuba contra Batista 1953-59, na Líbia contra Gaddafi em 2011 ou na Síria contra Assad desde 2011).

Para colocar nas palavras de Lênin: “*Com referência às guerras, a principal tese da dialética, que foi tão descaradamente distorcida por Plekhanov para agradar a burguesia, é que “a guerra é simplesmente a continuação da política por outros [isto é, violentos.] meios”. Tal é a fórmula de Clausewitz, um dos maiores escritores da história da guerra, cujo pensamento foi estimulado por Hegel. E sempre foi o ponto de vista de Marx e Engels, que consideravam qualquer guerra como a continuação da política das potências envolvidas - e as várias classes dentro desses países - em um período definido*”. [386]

A guerra faz parte da política; o último não pode existir sem o primeiro. Um panfleto dos trotskistas americanos e americanos publicado em 1936 formulou

essa ideia fundamental com muita pertinência:

*"Os disfarces morais, religiosos, raciais e ideológicos que a guerra usa não devem esconder os conflitos fundamentais que são as verdadeiras fontes da guerra moderna. A conclusão geral é inescapável: a guerra moderna não é nem acidental nem devida ao mal da natureza humana nem decretada por Deus. A guerra é da própria essência do capitalismo imperialista, tanto como parte do capitalismo quanto do trabalho assalariado. Falar de capitalismo sem guerra é como falar de um ser humano sem pulmões. O destino de um está inextricavelmente ligado ao destino do outro". [387]*

Disto segue que os marxistas abordam questões sobre as guerras com um método não diferente do que outras características das lutas entre as classes. Portanto, a política da classe trabalhadora está voltada para defender sua independência perante a classe dominante (respectivamente suas diferentes facções) de todas as potências imperialistas em tempos de paz e em tempos de guerra. E está lutando para enfraquecer os capitalistas assim como derrubá-los em tempos de paz e em tempos de guerra.

Lênin apontou para os mesmos princípios fundamentais da luta de classes em tempos de paz e também durante as guerras: *"A guerra é uma continuação da política por outros meios. Todas as guerras são inseparáveis dos sistemas políticos que as engendram. A política que um dado estado, uma determinada classe dentro daquele estado, perseguida por um longo tempo antes da guerra é inevitavelmente continuada por essa mesma classe durante a guerra, a forma de ação sozinha está sendo alterada". [388]*

Essa ideia foi repetida por Trotsky no programa fundador da Quarta Internacional: *"A guerra imperialista é a continuação e o aperfeiçoamento da política predatória da burguesia. A luta do proletariado contra a guerra é a continuação e o aguçamento de sua luta de classes. O começo da guerra altera a situação e parcialmente os meios de luta entre as classes, mas não o objetivo e o curso básico." [389]*

Isso é verdade tanto para questões de política interna quanto externa. Trotsky insistiu em suas teses sobre a *Guerra e a Quarta Internacional* sobre a estreita e inseparável relação entre as políticas internas e externas da classe dominante e do proletariado. A vanguarda do proletariado defende uma política de independência de classe de qualquer burguesia imperialista e de cada uma de suas frações - tanto daquelas domésticas como das estrangeiras: *"A política externa de cada classe é a continuação e o desenvolvimento de sua política interna". [390]*

Em outras palavras, todo o método do derrotismo revolucionário não tem "táticas especiais" para a guerra, mas dita a continuação de táticas dirigidas para promover a independência da classe trabalhadora perante toda burguesia imperialista (e cada fração dela), que são válidas para todas as fases da luta de classes - seja em tempos de guerra ou de paz.

Por essa razão, os marxistas aplicam o mesmo método de "derrotismo revolucionário" não apenas em casos de conflitos entre países imperialistas. Da mesma forma, a CCRI também aplica tal método, por exemplo, sobre questões como a participação de estados imperialistas em alianças entre os estados (por exemplo, a questão da participação na União Europeia). [391]

Outra questão semelhante é o caso das eleições em que apenas os candidatos abertamente burgueses estão competindo (por exemplo, nas eleições presidenciais nos EUA entre os candidatos do Partido Republicano e do Partido Democrata). Em tais situações, os revolucionários *não* podem apoiar *nenhum* desses candidatos e, portanto, exigem a abstenção. [392]

Nesse contexto, vale a pena chamar a atenção para a observação de Lenin de que os revolucionários deveriam estudar os escritos de Clausewitz por causa da proximidade das táticas políticas e das táticas militares. Em um artigo publicado durante o último período da vida de Lenin, o historiador soviético V.I. Sorin atribuiu ao líder dos bolcheviques as seguintes visões sobre o significado de Clausewitz: “*Lenin disse que” as táticas políticas e militares são chamadas de Grenzgebiet (uma fronteira) em alemão e os trabalhadores do partido poderiam estudar com vantagem as obras de Clausewitz, o maior dos Teóricos militares alemães.*” 393

Em resumo, os marxistas não mudam sua abordagem em relação à classe dominante em tempos de guerra, portanto, a classe trabalhadora deve se opor fundamentalmente ao seu governo imperialista igualmente em tempos de paz e em tempos de guerra. A política do derrotismo revolucionário tem sempre a mesma raiz programática: a luta pela independência política da classe trabalhadora perante todas as frações da burguesia e todas as potências imperialistas.

### Notas de rodapé

384) Carl von Clausewitz: Vom Kriege (1832), Hamburgo 1963, p. 22; em inglês: Carl von Clausewitz: Em guerra, <http://www.gutenberg.org/files/1946/1946-h/1946-h.htm>

385) Carl von Clausewitz: Vom Kriege (1832), Hamburgo 1963, p. 221; em inglês: Carl von Clausewitz: na guerra, <http://www.clausewitz.com/readings/OnWar1873/Bk8ch06.html#B>

386) V.I.Lenin: O Colapso da Segunda Internacional (1915), em: LCW Vol. 21, p.219 (ênfase no original)

387) John West (James Burnham): Guerra e os Trabalhadores (1936), Panfleto do Partido dos Trabalhadores, <https://www.marxists.org/history/etol/writers/burnham/1936/war/index.htm>

388) V. I. Lenin: Guerra e Revolução (1917), em: LCW 24, p. 400

389) Leon Trotsky: A Agonia de Morte do Capitalismo e as Tarefas da Quarta Internacional. O Programa de Transição (1938); in: Documentos da Quarta Internacional, Nova York 1973, p. 199

390) Leon Trotsky: Guerra e a Quarta Internacional (1934), em: Trotsky Writings 1933-34, p. 313

391) Veja neste exemplo Michael Pröbsting: o marxismo, a União Europeia e o Brexit. O L5I e a União Europeia: um direito de se afastar do marxismo. A recente mudança na posição da L5I em relação ao apoio à adesão à UE representa uma mudança de sua própria tradição, do método marxista e dos fatos; Agosto de 2016, em: Revolucionário Comunista No. 55, <http://www.thecommunists.net/theory/eu-and-brexit/>; Michael Pröbsting: A UE representa o “progresso democrático burguês”? Mais uma vez, sobre a UE e as táticas da classe trabalhadora - uma adenda à nossa crítica da volta do L5I à direita e seu apoio à adesão à UE, 16.09.2016, <https://www.thecommunists.net/theory/eu-broxit-article/>; RCIT: Após o Voto BREXIT - Tempos tempestuosos à frente para os trabalhadores e

oprimidos na Grã-Bretanha, 24.6.2016, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/brexit-vote-results/>; RED\*LIBERATION (Boletim dos Socialistas no Partido Trabalhista): Reino Unido: Não à Armadilha de Cameron: Nem SIM nem NÃO ao Reino Unido na UE! Por Abstenção no Referendo! Apelamos ao Momentum para criar um "Terceiro Acampamento" e lançar uma campanha socialista e internacionalista! Pela união internacional dos trabalhadores britânicos, migrantes e europeus! 25 de fevereiro de 2016, <https://redliberation.wordpress.com/2016/05/02/100/>; RCIT und RCIT Grã-Bretanha: Boicote Cameron's Trap: Nem Bruxelas, nem Downing Street! Abstenção no referendo da UE na Grã-Bretanha! Para a unidade internacional e luta dos trabalhadores e oprimidos! Lute contra o imperialismo tanto britânico quanto europeu! Encaminhar para os Estados Unidos Socialistas da Europa, 2 de agosto de 2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/eu-referendum-in-uk/>; Michael Pröbsting: A Esquerda Britânica e o Referendo da UE: As Muitas Faces do Social-Imperialismo pró-Reino Unido ou pró-UE. Uma análise do fracasso da esquerda em lutar por uma posição independente, internacionalista e socialista, tanto contra o imperialismo britânico como europeu, Comunismo Revolucionário Nº. 40, agosto de 2015 <http://www.thecommunists.net/theory/british-left-and-eu-referendum/>

392) Veja neste exemplo Yossi Schwarz: Por que não votar no Partido Democrata nas próximas eleições dos EUA ou em qualquer outro momento, 2.3.2016, <https://www.thecommunists.net/worldwide/north-america/no-vote-sanders/>; Yossi Schwartz: Mais uma vez: o oportunismo da esquerda norte-americana exposta. Uma análise da Campanha eleitoral dos EUA 2016, 14 de agosto de 2016, <https://www.thecommunists.net/worldwide/north-america/left-and-us-election/>; Michael Pröbsting: O Significado, Consequências e Lições da Vitória do Trump. Sobre as lições do resultado eleitoral da Presidência dos EUA e as perspectivas para a luta de classes doméstica e internacional, 24 de novembro de 2016, <https://www.thecommunists.net/theory/meaning-of-trump/>

393) V. I. Sorin: Marxism, Tactics, e Lenin (Pravda, No. 1, 1923), citado em A.S. Bubnov: Prefácio ao "Caderno sobre Clausewitz" de Lênin (1931), em Donald E. Davis e Walter S.G. Kohn: Lenin sobre Clausewitz, em: Revista das Forças Armadas Soviéticas, vol. I, Academic International Press, 1977, Gulf Breeze, Flórida, p. 193. Sobre os pensamentos de Lenine sobre Clausewitz e sobre a questão militar em geral, além de seu Caderno mencionado acima, ver também: Jacob W. Kipp: Lenin e Clausewitz: A militarização do marxismo, 1914-1921, in: Military Affairs vol. 49, 1985, pp. 184-191; James Ryan: 'Revolução é Guerra': O Desenvolvimento do Pensamento de V. I. Lenin sobre Violência, 1899-1907, em: The Slavonic and East European Review, vol. 89, No. 2 (abril de 2011), pp. 248-273; Israel Getzler: Concepção de Revolução de Lenin como Guerra Civil, em: The Slavonic and East European Review, vol. 74, n° 3 (julho de 1996), pp. 464-472.

Nós nos arriscamos a aproveitar esta oportunidade para informar os leitores sobre a seguinte pequena anedota que é muito característica do falso caráter do stalinismo. Como o autor dessas linhas está na posse tanto da publicação em alemão quanto da publicação em inglês do Caderno de Lenin sobre Clausewitz, ele pôde comparar os prefácios de ambas as edições. Eles são idênticos, palavra por palavra. No entanto, enquanto o original foi escrito por A.S. Bubnov em 1931, a versão alemã foi publicada sob o nome "Otto Braun". A razão é simplesmente que Bubnov, enquanto isso, foi perseguido pelos stalinistas, então o stalinista alemão simplesmente pegou seu prefácio e o publicou em seu próprio nome! (A edição em alemão é: W.I.Lenin: Clausewitz 'Werk "Vom Kriege". Auszüge und Randglossen, Verlag des Ministerium für nationale Landesverteidigung,

Berlim, 1957)

Sabemos que os stalinistas implementaram essa política de supressão de autores originais muitas vezes. Por exemplo, o “pai” das Obras Coletadas de Marx e Engels foi o grande historiador David Rjazanov. Mas desde que ele foi perseguido e depois morto pelos stalinistas, seu nome nunca apareceu nos famosos volumes! (Sobre o trabalho de Rjazanov sobre as Obras Coletadas de Marx e Engels ver por exemplo David Borisovič Rjazanov: Vorwort zur MEGA 1927, em: UTOPIE kreativ, H. 206 (dezembro de 2007), pp. 1095-1011; Bud Burkhard: DB Rjazanov e o Marx -Engels Institute: Notas para novas pesquisas, em: Estudos em pensamento soviético 30 (1985), pp. 39-54; Colum Leckey: David Riazanov e marxismo russo, em: História Russa / Histoire Russe, Vol. 22, N ° 2 (1995), David Borisovič Rjazanov und die erste MEGA, Beiträge zur Marx-Engels-Forschung, Neue Folge, Sonderband, 1. Argument, Hamburg 1996).

## XVI. O Derrotismo Revolucionário Como Uma Estratégia Combinada

Em nossas teses sobre o Derrotismo Revolucionário, afirmamos a seguinte ideia: *“Os dois aspectos fundamentais do derrotismo revolucionário - (i) a recusa em ficar ao lado de qualquer campo nos conflitos entre as Grandes Potências e (ii) o apoio ativo à luta dos povos oprimidos para derrotar os imperialistas - estão absolutamente ligados uns aos outros. As tensões entre as Grandes Potências baseiam-se, em grande parte, no desejo de cada classe dominante de expandir sua esfera de influência ao Sul (do hemisfério), à custa de seus rivais. A opressão e a super-exploração do povo oprimido é determinada pelo impulso das Grandes Potências pelo domínio global.”*

Ao considerarmos essa abordagem como um dos aspectos mais importantes (e muitas vezes ignorados ou incompreendidos) da luta anti-imperialista, que-remos elaborá-la aqui com mais detalhes.

Para começar, temos que enfatizar novamente que a luta contra o imperialismo, o militarismo e a guerra não é uma luta separada que estaria sujeita a leis diferentes da luta contra outras características do capitalismo. Não, o militarismo e a guerra são parte integrante do mesmo sistema e, portanto, a luta contra o imperialismo e a guerra deve ser conduzida com os mesmos métodos da independência da luta de classes, assim como em todos os outros campos da luta de classes. A Quarta Internacional, liderada por Leon Trotsky, deixou isso muito claro em uma resolução adotada em um congresso em 1936:

*“A ‘luta contra a guerra’ não pode ser conduzida como algo diferente e separado da própria luta de classes, da luta intransigente do proletariado contra o capitalismo imperialista, isto é, contra aquela ordem social que inexoravelmente dá origem à guerra e opressão imperialista e que é inconcebível sem esses flagelos gêmeos. Qualquer tentativa de conduzir uma luta “contra a guerra” por meio de “métodos especiais” separados ou “acima” da própria luta de classes é, na melhor das hipóteses, uma ilusão cruel e, via de regra, um engano malicioso que facilita o trabalho dos belicistas imperialistas.” [394]*

Como vamos descrever nos capítulos abaixo em detalhe, os marxistas basicamente distinguem entre dois tipos diferentes de guerras: entre *guerras de opressão e guerras de libertação*. Guerras de opressão são guerras da classe dominante a fim de impor seus interesses reacionários às custas dos outros - seja contra seus rivais capitalistas ou contra a classe trabalhadora e o povo oprimido. Os socialistas nunca podem, sob nenhuma circunstância, apoiar tais guerras de opressão.

As únicas guerras que merecem o apoio dos socialistas são as guerras de libertação. Tais guerras são guerras em defesa do interesse da classe trabalhadora e do povo oprimido. Tais guerras podem tomar a forma de *guerras civis* - por exemplo, a Guerra Civil Espanhola de 1936-39, a guerra da Índia contra o povo

da Caxemira, a guerra da Rússia contra o povo checheno ou a Guerra Civil Síria desde 2011. Elas também podem assumir a forma de *guerras entre estados* - por exemplo, as guerras imperialistas contra a União Soviética ou contra países semicoloniais (Afeganistão, Iraque etc.). Os socialistas são obrigados a apoiar o proletariado e o povo oprimido em tais guerras e a trabalhar pela derrota do campo reacionário.

Trotsky resumiu a posição marxista sobre guerras concomitantemente em uma declaração para um congresso anti-guerra em 1932: *“Bandidos capitalistas sempre conduzem uma guerra” defensiva”, mesmo quando o Japão está marchando contra Xangai e França contra a Síria ou Marrocos. O proletariado revolucionário distingue apenas entre guerras de opressão e guerras de libertação. O caráter de uma guerra é definido, não por falsificações diplomáticas, mas pela classe que conduz a guerra e pelos objetivos que almeja nessa guerra. As guerras dos estados imperialistas, além dos pretextos e da retórica política, são de caráter opressivo, reacionário e hostil ao povo. Somente as guerras do proletariado e das nações oprimidas podem ser caracterizadas como guerras de libertação (...)* [395]

Os marxistas dão o nome do programa para defender o campo da classe trabalhadora e o do povo oprimido de *“defensismo”* enquanto dão o nome do programa para derrubar o campo reacionário de *“derrotismo”*. Trotsky enfatizou que compreender o verdadeiro caráter de uma guerra e extrair as conclusões corretamente programáticas é uma das tarefas mais importantes de qualquer organização revolucionária: *“O problema ou a guerra, ao lado do problema da revolução, é a pedra de toque de um partido revolucionário. Aqui, nenhum tipo de equívoco é permissível. A decisão baseada em princípios é clara de antemão: o defensismo e o derrotismo são tão incompatíveis quanto o fogo e a água. É necessário dizer isso antes de mais nada. Esta verdade deve ser ensinada aos membros do partido”*. [396]

Em sua definição mais geral, o programa marxista de derrotismo significa que os revolucionários continuam a luta de classes dos trabalhadores e oprimidos contra a classe dominante imperialista em tempos de guerra e recusam qualquer apoio ao inimigo de classe. Os revolucionários desejam utilizar as condições de guerra para enfraquecer e, eventualmente, derrotar o inimigo de classe. Eis como a Oposição de Esquerda, lutando contra os revisionistas stalinistas, formulou a essência do derrotismo em um documento oficial em 1927:

*“O que significa o termo derrotismo? Em toda a história passada do partido, o derrotismo foi entendido como desejando a derrota do próprio governo em uma guerra com um inimigo externo e contribuindo para tal derrota por métodos de luta revolucionária interna. Isso se refere, é claro, à atitude do proletariado em relação ao estado capitalista”*. [397]

O próprio Trotsky deu uma definição mais ou menos idêntica no mesmo ano: *“O que é derrotismo? É uma política que visa contribuir para a derrota do seu “próprio” estado, que está nas mãos da classe inimiga.”* [398]

Rudolf Klement, um líder da Quarta Internacional que foi morto pela GPU stalinista em 1938, resumiu os princípios do derrotismo revolucionário em um



artigo que foi elogiado por Trotsky: *“A guerra é apenas a continuação da política por outros meios. Daí o proletariado deve continuar sua luta de classes em tempo de guerra, entre outras coisas com os novos meios que a burguesia lhe dá. Pode e deve utilizar o enfraquecimento de sua própria burguesia nos países imperialistas para implacavelmente preparar e realizar sua revolução social em conexão com a derrota militar engendrada pela guerra e para tomar o poder. Essa tática, conhecida como derrotismo revolucionário, é uma das mais fortes alavancas da revolução proletária mundial em nossa época e, com isso, do progresso histórico”*. [399]

Os revolucionários na luta contra o inimigo imperialista desejam utilizar cada crise - desde recessões econômicas, crises políticas a conflitos militares - a fim de fortalecer o poder combativo e a consciência da classe trabalhadora e das massas oprimidas e para enfraquecer e, eventualmente, derrubar a classe dominante. É por isso que os marxistas veem as guerras imperialistas sempre da perspectiva de como ela pode ser transformada em uma guerra revolucionária contra os governantes imperialistas.

## **A Natureza Contraditória do Imperialismo como Base Objetiva do Anti-Imperialismo**

No entanto, antes de lidarmos com os aspectos específicos do programa do derrotismo revolucionário, precisamos esclarecer um de seus aspectos mais fundamentais. O derrotismo revolucionário é uma *estratégia combinada*. Isto significa que *combina a luta anti-imperialista contra todas as Grandes Potências juntamente com o apoio a todas as lutas de libertação dos trabalhadores e do povo oprimido contra todas as Grandes Potências*, e respectivamente seus representantes. O programa de derrotismo é uma estratégia combinada ou não é derrotista de verdade!

É por isso que Trotsky enfatizou analisar o caráter de cada conflito o mais concreto possível e, ao mesmo tempo, reconhecer as relações entre eles: *“Ensinar os operários a compreenderem corretamente o caráter de classe do estado – imperialista, colonial, operários – assim como suas contradições internas, permitirá que os operários extraiam as conclusões práticas corretas em cada situação determinada”*. [400]

Essa estratégia combinada é a única conclusão possível da teoria marxista do imperialismo. Como mostramos acima, Lênin, Trotsky e outros proeminentes marxistas do século XX sempre foram claros sobre a natureza do imperialismo como um sistema onde um pequeno número de monopólios e Grandes Potências rivalizam entre si pela dominação do mundo e pela exploração de seus recursos econômicos. Assim, o imperialismo, por definição, implica a opressão e exploração dos países dependentes e subordinados e dos povos ao Sul por esses monopólios e Grandes Potências. Vamos reproduzir novamente a definição de imperialismo de Lênin:

*“Temos que começar com uma definição tão precisa e completa do imperialismo quanto possível. O imperialismo é um estágio histórico específico do capitalismo. Seu caráter específico é triplo: o imperialismo é o capitalismo monopolista; capitalismo parasitário*

*ou decadente; capitalismo moribundo. A suplantação da livre concorrência pelo monopólio é a característica econômica fundamental, a quintessência do imperialismo. O monopólio se manifesta em cinco formas principais: (1) cartéis, sindicatos e trusts - a concentração da produção atingiu um grau que dá origem a essas associações monopolistas de capitalistas; (2) a posição monopolista dos grandes bancos - três, quatro ou cinco bancos gigantes manipulam toda a vida econômica da América, França, Alemanha; (3) apreensão das fontes de matéria-prima pelos trustes e pela oligarquia financeira (capital financeiro é o monopólio do capital industrial fundido com o capital dos bancos); (4) a divisão (econômica) do mundo pelos cartéis internacionais já começou. Já existem mais de cem cartéis internacionais, que comandam o mercado mundial inteiro e o dividem "amigavelmente" entre si - até que a guerra o redistribua. A exportação de capital, diferente da exportação de mercadorias sob o capitalismo não monopolista, é um fenômeno altamente característico e está intimamente ligada à divisão econômica e territorial-política do mundo; (5) a partição territorial do mundo (colônias) está completa." [401]*

Daí resulta que a opressão imperialista e a super-exploração dos povos coloniais e semicoloniais são características essenciais do atual sistema mundial:

*"Imperialismo significa a opressão progressivamente crescente das nações do mundo por um punhado de Grandes Potências (...) É por isso que o ponto focal no programa social-democrata deve ser aquela divisão das nações em opressor e oprimido que forma a essência do imperialismo. e é iludida pelos social-chauvinistas e por Kautsky. Esta divisão não é significativa do ponto de vista do pacifismo burguês ou da utopia filistina de competição pacífica entre as nações independentes sob o capitalismo, mas é mais significativa do ponto de vista da luta revolucionária contra o imperialismo". [402]*

Em outras palavras, os monopólios imperialistas e as Grandes Potências existem e só podem existir a) em rivalidade uns contra os outros e b) oprimindo e explorando as nações oprimidas. Ambos os aspectos estão relacionados uns com os outros, porque os monopólios e as Grandes Potências lutam por mais lucro e poder e só podem ser satisfeitos expandindo sua influência global e sua participação de mercado ao custo de seus rivais e espremendo mais riqueza dos povos oprimidos.

Tal natureza contraditória do imperialismo constitui a base objetiva para o programa do anti-imperialismo e tem profundas consequências para a luta revolucionária. Como ambos os aspectos estão organicamente e objetivamente ligados uns aos outros, qualquer estratégia que seja significativa contra as Grandes Potências deve levar *ambos* em consideração e *integrá-los* em uma *simples e única* estratégia.

É por isso que Lênin enfatizou já no meio da Primeira Guerra Mundial, quando as Grandes Potências estavam massacrando milhões de pessoas umas contra as outras nos campos de batalha, sobre a importância crucial das lutas de libertação das nações oprimidas. Ele fez isso apesar do fato de que naquela época quase não havia tais levantes nacionais. Mas Lênin compreendeu plenamente a estreita conexão entre a rivalidade entre as Grandes Potências e a opressão imperialista dos povos coloniais e semicoloniais. Ele enfatizou essa conexão

inúmeras vezes:

*“Teoricamente, seria absolutamente errado esquecer que toda guerra é apenas a continuação da política por outros meios. A atual guerra imperialista é a continuação das políticas imperialistas de dois grupos de Grandes Potências, e essas políticas foram engendradas e fomentadas pela soma total das relações da era imperialista. Mas esta mesma época deve também necessariamente engendrar e fomentar políticas de luta contra a opressão nacional e de luta proletária contra a burguesia e, conseqüentemente, também a possibilidade e inevitabilidade, em primeiro lugar, de rebeliões e guerras nacionais revolucionárias; segundo, de guerras e rebeliões proletárias contra a burguesia; e, terceiro, de uma combinação de ambos os tipos de guerra revolucionária etc.” [403]*

*“Os marxistas nunca se esqueceram de que a violência acompanhará inevitavelmente a bancarrota do capitalismo em toda a sua amplitude e o nascimento da sociedade socialista. E esta violência constituirá um período histórico-universal, toda uma era de guerras com o carácter mais diverso — guerras imperialistas, guerras civis dentro dos países, entrelaçamento de umas e outras, guerras nacionais, de libertação das nacionalidades esmagadas pelos imperialistas e por diferentes combinações das potências imperialistas que participam inelutavelmente nestas ou naquelas alianças na época dos enormes trusts e consórcios capitalistas de Estado e militares.” [404]*

Daqui se conclui que os marxistas têm que se esforçar ativamente para conquistar a vanguarda da classe trabalhadora e dos oprimidos por combinar sua luta contra as Grandes Potências com a luta de libertação do povo oprimido.

*“As guerras nacionais contra as potências imperialistas não são apenas possíveis e prováveis; elas são inevitáveis, são progressistas e revolucionárias, embora, é claro, para serem bem-sucedidas, exigem o esforço conjunto de um grande número de pessoas nos países oprimidos (centenas de milhões em nosso exemplo da Índia e da China) ou uma conjuntura especialmente favorável de condições internacionais (por exemplo, o fato de que as potências imperialistas não possam interferir, sendo paralisadas pelo esgotamento, pela guerra, pelo seu antagonismo, etc.), ou a revolta simultânea do proletariado contra a burguesia em uma das Grandes Potências (esta última eventualidade em primeiro lugar como a mais desejável e favorável à vitória do proletariado).” [405]*

O caráter objetivamente combinado da estratégia do derrotismo também é sempre refletido no seguinte fato. Dada a interconexão objetiva entre a rivalidade entre as Grandes Potências e a luta do povo oprimido contra as Grandes Potências, acontece frequentemente que a primeira situação influencia a última e vice-versa. Nós lidamos com essa questão extensivamente em outros trabalhos. [406] É suficiente dizer neste local que pode haver casos em que tal interferência das Grandes Potências em uma luta de libertação em curso se torna tão dominante que o caráter dessas lutas se transforma e se torna uma disputa por interesses de uma ou outra Grande Potência. No entanto, seria tolice presumir que a interferência da Grande Potência como tal já resulte em tal transformação. Os marxistas devem empreender uma análise concreta da situação concreta.

A história tem visto numerosos casos em que ocorreram tais combinações de guerras inter-imperialistas e guerras de libertação. Em nossa análise acima men-

cionada, elaboramos vários exemplos. Aqui nos limitamos a alguns exemplos. Na Segunda Guerra Mundial, os revolucionários tiveram que levar em conta que aquela guerra global incluiu três tipos diferentes de guerra: a) a guerra entre as Grandes Potências imperialistas (Alemanha-Itália-Japão x EUA-Reino Unido-França), a guerra entre uma Grande Potência imperialista e um estado de operário degenerado (Alemanha vs. URSS) e guerras entre Grandes Potências versus povos oprimidos (Alemanha versus povos oprimidos em países europeus ocupados; Japão versus povos oprimidos em países do Sudeste Asiático ocupados, Grã-Bretanha versus a população da Índia, etc.) Naturalmente, cada Grande Potência tentou enfraquecer seu inimigo apoiando a URSS ou povos oprimidos com armas, etc. A Terceira Internacional Trotskista implantou uma tática que diferenciava entre os personagens dos diferentes tipos de guerras. Eles assumiram uma posição de derrotismo revolucionário em ambos os lados na guerra entre os dois campos imperialistas, mas apoiaram a URSS e respectivamente o povo oprimido contra a Grande Potência.

Tais situações complicadas também existem hoje, como podemos ver atualmente na Síria. Os revolucionários apoiam a contínua luta de libertação dos rebeldes contra a tirania de Assad e seus mestres imperialistas russos. Nos confrontos entre os rebeldes pró-turcos (apoiando o traiçoeiro processo Astana / Sochi) e os rebeldes que se opõem a Astana, eles, os revolucionários, estão do lado dos últimos. Eles apoiam os rebeldes em sua luta contra o Daesh / ISIS. Mas eles se opõem ao massacre imperialista dos EUA com a ajuda do YPG / SDF curdo contra o Daesh. Nos conflitos entre as tropas pró-russas Assadistas e as tropas pró-EUA YPG / SDF, os revolucionários não defendem lados, pois tratam-se de fantoches dos imperialistas. [407]

Outro exemplo são os ataques aéreos imperialistas ocidentais na Líbia durante a revolução popular contra a ditadura de Gaddafi. Esses ataques aéreos, em que os revolucionários resolutamente se opuseram, não se tornaram, contudo, o elemento dominante na luta de libertação, isto é, a luta de libertação contra Gaddafi manteve seu caráter progressista e não se transformou em uma guerra em favor dos imperialistas (contrária às alegações tolas dos estalinistas e vários pseudo-trotskyistas). Isto foi confirmado pelos eventos que se seguiram à queda de Gaddafi. Se a guerra civil contra Gaddafi tivesse sido uma guerra de agentes da OTAN (como afirmam os estalinistas e semi-estalinistas), a OTAN teria assumido o controle após a queda de Gaddafi no outono de 2011. No entanto, ocorreu o oposto: mais de sete anos depois da queda da ditadura, os imperialistas ainda não conseguiram controlar a Líbia. Na verdade, eles tiveram que evacuar suas embaixadas e um embaixador dos EUA foi assassinado. [408]

Tal natureza complexa e contraditória das guerras, quando o aspecto das lutas de libertação e o aspecto da intervenção imperialista estão presentes, não eram desconhecidos para os clássicos marxistas. Na verdade, Lênin e Trotsky estavam plenamente conscientes de tais combinações de diferentes tipos de guerras e delinearão uma resposta revolucionária.

## Os Clássicos Marxistas Sobre a Estratégia Combinada

Trotsky advertiu contra qualquer esquema mecânico que ignorasse a natureza contraditória e dialética de tais conflitos. *“Em noventa por cento dos casos, os trabalhadores colocam um sinal de menos onde a burguesia coloca um sinal de mais. Em dez por cento, no entanto, eles são forçados a fixar o mesmo sinal que a burguesia, mas com seu próprio selo, no qual se expressa sua desconfiança da burguesia. A política do proletariado não é de forma alguma derivada automaticamente da política da burguesia, tendo apenas o sinal oposto - isso faria de todo sectário um mestre estrategista; não, o partido revolucionário deve se orientar cada vez de maneira independente, tanto na situação interna como externa, chegando às decisões que melhor correspondam aos interesses do proletariado. Esta regra se aplica tanto ao período da guerra quanto ao período de paz”*. [409]

Lênin explicou, na época do imperialismo, que as Grandes Potências sempre tentarão interferir e utilizar conflitos nacionais e democráticos. No entanto, este fato não deve levar os marxistas a adotarem automaticamente uma posição derrotista em vez de defensiva-revolucionária em tais conflitos. Em vez disso, a posição assumida pelos marxistas deve depender de qual fator se torna dominante - a luta nacional de libertação democrática ou a guerra imperialista de conquista.

*“Por outro lado, os socialistas das nações oprimidas devem, em especial, defender e implementar a unidade total e incondicional, incluindo a unidade organizacional, dos trabalhadores da nação oprimida e da nação opressora. Sem isso, é impossível defender a política independente do proletariado e sua solidariedade de classe com o proletariado de outros países, diante de todo tipo de intrigas, traição e malandragem por parte da burguesia. A burguesia das nações oprimidas utiliza persistentemente os slogans da libertação nacional para enganar os trabalhadores; em sua política interna, eles usam esses slogans para acordos reacionários com a burguesia da nação dominante (por exemplo, os poloneses na Áustria e na Rússia que chegam a um acordo com os reacionários para a opressão dos judeus e ucranianos); em sua política externa, eles se esforçam para chegar a um acordo com uma das potências imperialistas rivais, a fim de implementar seus planos predatórios (a política dos pequenos estados balcânicos, etc.). O facto de a luta pela libertação nacional contra uma potência imperialista poder, sob certas condições, ser utilizada por outra “grande” potência para os seus próprios objetivos, igualmente imperialistas, é tão pouco provável que faça os sociais-democratas recusarem reconhecer o direito das nações à autodeterminação, como é improvável que os numerosos casos de utilização burguesa de slogans republicanos para fins de fraude política e pilhagem financeira (como nos países românicos, por exemplo) façam os sociais-democratas rejeitarem seu republicanismo.”* [410]

Mais tarde, quando confrontado com o complexo cenário da aproximação da Segunda Guerra Mundial, Rudolf Klement elaborou a abordagem marxista:

*“A luta de classes e a guerra são fenômenos internacionais decididos internacionalmente. Mas como cada luta permite apenas dois campos (bloco contra o bloco) e desde*

*que as lutas imperialistas se entrelaçam com a guerra de classes (imperialismo mundial - proletariado mundial), surgem casos múltiplos e complexos. A burguesia dos países semicoloniais ou a burguesia liberal ameaçada pelo seu próprio fascismo apelam à ajuda aos imperialismos "amigáveis"; a União Soviética tenta, por exemplo, utilizar os antagonismos entre os imperialismos concluindo alianças com um grupo contra outro, etc. O proletariado de todos os países, a única solidariedade internacional - e não menos que isso, a única classe progressista - encontra-se, assim, na complicada situação em tempos de guerra, especialmente na nova guerra mundial, de combinar o derrotismo revolucionário contra sua própria burguesia, juntamente com o apoio a guerras progressistas."*

Klement defende uma abordagem dialética, argumentando que *"o proletariado, especialmente nos países imperialistas, exige, nessa situação aparentemente contraditória, uma compreensão particularmente clara dessas tarefas combinadas e dos métodos para cumpri-las"*. E, ao final de seu artigo, ele em seguida enfatiza: *"Assim, vemos como diferentes situações de guerra exigem do proletariado revolucionário dos vários países imperialistas, se ele deseja permanecer fiel a si mesmo e ao seu objetivo, com diferentes formas de luta, que podem aparecer para espíritos esquemáticos serem "desvios" do princípio básico do derrotismo revolucionário, mas que resultam na realidade apenas da combinação do derrotismo revolucionário com a defesa de certos campos progressistas."* [411]

É este método concreto e dialético que os clássicos marxistas desenvolveram e que aplicamos hoje aos diferentes tipos de guerras que ocorrem em uma situação mundial caracterizada por contradições crescentes e rivalidades.

É exatamente essa natureza dialética e contraditória dos conflitos que quase todos os reformistas e centristas não conseguem entender. No melhor dos casos, eles tomam apenas um ou outro aspecto do programa derrotista, mas não a estratégia em sua totalidade. Ou pior, eles nem sequer entendem um desses elementos complexos do derrotismo revolucionário como uma estratégia combinada.

O resultado de tal fracasso, como afirmamos nas *Teses* e como elaboramos mais detalhadamente abaixo, é que uma oposição contra as Grandes Potências sem pleno apoio às lutas de libertação do povo oprimido é, na melhor das hipóteses, *"anti-imperialismo platônico"* ou *"na pior das hipóteses Social-imperialismo mascarado"*. O apoio a esta ou aquela luta de libertação sem oposição firme contra todas as Grandes Potências envolve o risco de se aliar a um campo imperialista contra o outro e, portanto, de transformar uma força de libertação em um substituto para esta ou aquela Grande Potência.

Em suma, o *"anti-imperialismo"* sem o pró-liberacionismo não é anti-imperialismo, mas sim o social-imperialismo aberto ou dissimulado!

## Notas de rodapé

- 394) Leon Trotsky: Resolução sobre o Congresso Antiguerra do Bureau de Londres (1936), em: Documentos da Quarta Internacional, Nova York 1973, p. 98
- 395) Leon Trotsky: Declaração ao Congresso Antiguerra em Amsterdã (1932), em: Writings 1932, p. 153 (ênfase no original)
- 396) Leon Trotsky: Derrotismo vs. Defensismo (1937), em: Trotsky Writings 1937-38, p. 86
- 397) L. Trotsky, G. Zinoviev, Yevdokimov: Resolução do Sindicato dos Metalúrgicos de toda a Rússia (1927); em: Leon Trotsky: O Desafio da Oposição de Esquerda (1926-27), pp. 249-250 (Ênfase no original)
- 398) Leon Trotsky: “Defeatism” e Clemenceau (1927); em: Leon Trotsky: O Desafio da Oposição de Esquerda (1926-279), p. 252
- 399) Rudolf Klement: Princípios e Táticas na Guerra (1938); in The New International (Revista Teórica do Partido Socialista dos Trabalhadores, seção norte-americana da Quarta Internacional), maio de 1938, vol. 4, n. 5, pp. 144-145, <https://www.marxists.org/history/etol/revhist/backiss/vol1/no1/printact.html> .A CCRI republicou este texto em: Revolutionary Communism No. 4 (2012), pp. 44-46.
- 400) Manifesto da Quarta Internacional sobre a Guerra Imperialista: Guerra Imperialista e a Revolução Mundial Proletária. Adoptado pela Conferência de Emergência da Quarta Internacional, de 19 a 26 de maio de 1940, em: Documentos da Quarta Internacional. Os anos formativos (1933-40), Nova York, 1973, p. 327, <http://www.marxists.org/history/etol/document/fi/1938-1949/emergconf/fi-emerg02.htm>
- 401) V. I. Lênin: Imperialismo e a Divisão no Socialismo (1916); em: CW vol. 23, pp. 105-106 [ênfase no original]
- 402) V. I. Lênin: O Proletariado Revolucionário e o Direito das Nações à Autodeterminação (1915); em: CW 21, p. 409
- 403) V. I. Lênin: O Programa Militar da Revolução Proletária (1916); em: LCW Vol. 23, p. 80
- 404) V.I.Lênin: Relatório sobre a Revisão do Programa e sobre a Mudança do Nome do Partido, 8 de março de 1918, em: LCW Vol. 27, p. 130
- 405) V.I.Lênin: O Panfleto de Junius (1916), em: LCW vol. 22, p.312 [ênfase no original]
- 406) Ver p. Michael Pröbsting: Lutas pela Libertação e Interferência Imperialista. O fracasso do “antiimperialismo” sectário no Ocidente: algumas considerações gerais do ponto de vista marxista e o exemplo da revolução democrática na Líbia em 2011, outono de 2012, <https://www.thecommunists.net/theory/liberation-struggle-and-imperialism/>
- 407) A CCRI publicou uma série de folhetos, declarações e artigos sobre a Revolução Síria que podem ser lidos em uma subseção especial neste site: <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/collection-of-articles-on-the-syrian-revolution/>. Em especial, nos referimos a Michael Pröbsting: A Revolução Síria está no seu fim? O terceiro abstencionismo é justificado? Um ensaio sobre os órgãos do poder popular na área libertada da Síria, sobre o caráter dos diferentes setores dos rebeldes sírios, e sobre o fracasso dos esquerdistas que desertaram da Revolução Síria, 5 de abril de 2017, <https://www.thecommunists.net/theory/syrian-revolution-not-dead/>; Michael Pröbsting: Perspectivas do Mundo 2018: Um Mundo Grávido de Guerras e Levantes Populares, fevereiro de 2018, Capítulo V, <https://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2018/chapter-v/>; Yossi Schwartz: Raqqa: Derrote a ofensiva imperialista dos EUA! Uma avaliação da guerra dos EUA / SDF / YPG contra o Daesh, em abril de 2017, <https://>

- [www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/us-offensive-in-raqqa/](http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/us-offensive-in-raqqa/)  
408) Veja sobre isto no CCRI: PareM o bombardeio dos EUA sobre a Líbia! 23.2.2016, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/us-bombing-libya/> ; CCRI: Europa / Norte da África: Storm the Gates of Rome! Fronteiras abertas para refugiados! Pare a guerra imperialista da UE contra os refugiados! Não aos Preparativos para uma Agressão Imperialista Contra a Líbia! 22.5.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/eu-war-against-refugees/> ; RCIT: Revolução e Contra-Revolução no Mundo Árabe: Um Teste Ácido para os Revolucionários, <http://www.thecommunists.net/theory/theses-arab-revolution/>; CCRI: General Sisi, Hollande, Obama: Tirem as Mãos da Líbia! Derrotar os Lacaios Imperialistas do General Haftars! Abaixo o Daash-Gang of Killers! Por um Governo Popular e Operário! 26.2.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/hands-off-libya/>
- 409) Leon Trotsky: Aprenda a Pensar: Uma Sugestão Amigável para Certos Ultra-esquerdistas (1938); em: Trotsky Writings 1937-38, pp. 332-333. (Ênfase no original) O RCIT republicou este texto no Comunismo Revolucionário nº 5 (2012).
- 410) V. I. Lênin: A Revolução Socialista e o Direito das Nações à Autodeterminação (1916); em: CW 22, p. 148
- 411) Rudolf Klement: Princípios e Táticas na Guerra (1938); in The New International (Revista Teórica do Partido Socialista dos Trabalhadores, seção norte-americana da Quarta Internacional), maio de 1938, vol. 4, n. 5, pp. 144-145, <https://www.marxists.org/history/etol/revhist/backiss/vol1/no1/printact.html>. A CCRIT republicou este texto em: Revolutionary Communism No. 4 (2012), pp. 44-46.



## XVII. A Relação Entre Guerra e Revolução

Dissemos acima que, como o imperialismo e a guerra são parte orgânica do capitalismo, a luta contra esses fenômenos está sujeita às mesmas leis que a luta contra todas as outras características do capitalismo. No entanto, isso não deve levar a ignorar os elementos específicos incorporados nessa luta. Um dos mais importantes é a relação entre guerra e revolução.

A guerra representa a mais extrema tensão de todas as forças de uma sociedade. Ajuda a classe dominante a suprimir tendências de oposição, mas ao mesmo tempo, abaixo da superfície, acelera as contradições e prepara futuras catástrofes. Os precursores da guerra - as tensões entre as Grandes Potências, as guerras comerciais, o jingoísmo, o chauvinismo anti-migrante, etc. - não têm as mesmas consequências dramáticas, mas são passos nessa direção.

A história demonstrou tal relação entre a guerra - e mais precisamente a derrota de um governo reacionário em uma guerra reacionária - e a revolução numerosas vezes. A razão para isso é bastante óbvia. As guerras representam por definição a tensão de todas as forças de uma sociedade. Enquanto uma guerra de libertação geralmente consegue mobilizar as massas para que elas a apoiem voluntariamente e conseqüentemente dela participem, isso é diferente em uma guerra de opressão. Em tais guerras, a classe dominante é forçada, em vários graus, a usar uma combinação de mentiras chauvinistas, histeria de guerra, compulsão militar e repressão contra forças de oposição.

### **“Pequenas” e “Grandes” Guerras Imperialistas**

Obviamente, há uma diferença entre as guerras de opressão “pequenas” e “grandes”. Por “pequenas” guerras queremos dizer guerras geralmente coloniais como o ataque dos EUA ao Iraque ou ao Afeganistão ou a intervenção da Rússia na Síria. Estas não são pequenas guerras para o povo oprimido - muito pelo contrário, estas guerras resultam no massacre de dezenas ou centenas de milhares de trabalhadores e camponeses. Mas elas são pequenas do ponto de vista dos imperialistas, pois não exigem o recrutamento em massa ou a mobilização de toda a economia para fins militares. Em suma, têm muito menos consequências para a vida cotidiana da sociedade nos países imperialistas.

Isso é completamente diferente no caso de guerras “grandes” pelas quais basicamente queremos dizer guerras entre as Grandes Potências. Tais grandes guerras forçam a classe dominante a uma tensão abrangente de todas as forças sociais. Além disso, tais guerras também têm consequências drásticas para a população civil - escassez de alimentos, falta de medicação até bombardeio aéreo. A Primeira Guerra Mundial e ainda mais a Segunda Guerra Mundial fornecem numerosos exemplos disso. Qualquer futura Guerra Mundial entre

as Grandes Potências terá um caráter ainda mais “total”, já que quase inevitavelmente implicará o uso de armas nucleares.

É claro que não se deve fazer uma divisão muito esquemática entre as guerras imperialistas “pequenas” e “grandes”. Uma guerra colonial sustentada, por exemplo, pode não exigir uma tensão abrangente de todas as forças sociais. No entanto, a sua natureza prolongada, a acumulação de perdas, os custos crescentes, etc., terão consequências políticas importantes - particularmente se terminarem numa derrota para os imperialistas. Tomemos por exemplo a guerra da França na Argélia, a guerra dos EUA no Vietnã ou a guerra de Yeltsin na Chechênia.

Disto resulta que a derrota da classe dominante nas guerras reacionárias tem efeitos potentes. Sua força material, assim como seu prestígio político e moral, são severamente destruídos. Ao mesmo tempo, as massas estão enfurecidas e “militarizadas”, ou seja, mais habituadas no uso de armas. Este é tanto mais o caso do “maior” (nos termos definidos acima) de tal guerra reacionária dos imperialistas. É por isso que tais guerras estão cheias de reviravoltas revolucionárias nas massas oprimidas e é por isso que Lênin, à luz da derrota da autocracia da Rússia contra o Japão em 1904/05, falou sobre “o grande papel revolucionário da guerra histórica em que o trabalhador da Rússia é um participante involuntário”. [412]

A história fornece numerosos exemplos da relação entre as guerras perdidas pela classe dominante e os consequentes desenvolvimentos revolucionários. Para citar apenas alguns exemplos históricos, nos referimos à *Jacquerie*, a grande revolta camponesa no norte da França durante a Guerra dos Cem Anos depois que a classe dominante sofreu uma série de derrotas contra os ingleses [413]; o heroico levante dos camponeses russos liderados por Yemelyan Pugachev em 1774/75, no final da longa e exaustiva guerra russo-turca [414]; as humilhantes derrotas da desprezada dinastia Qing nas duas Guerras do Ópio contra as Grandes Potências ocidentais, que deram origem, em primeiro lugar, a 110 insurreições camponesas locais em 1841-1849 e, finalmente, à poderosa insurreição do movimento da sociedade religiosa revolucionária popular de *Taiping* - uma das mais longas e sangrentas guerras civis da história da humanidade (1850-64) [415]; e então temos os exemplos bem conhecidos da história moderna com a Guerra Franco-Prussiana em 1870-71 que levou à *Comuna Parisiense* [416], a guerra russo-japonesa em 1904/05 que levou à primeira Revolução Russa em 1905-07 [417]. A Primeira Guerra Mundial que resultou na Revolução Russa de Outubro de 1917, bem como em várias outras revoltas de trabalhadores entre 1918/19 e, finalmente, a Segunda Guerra Mundial, que provocou guerras civis e desenvolvimentos revolucionários em vários países (por exemplo, China, Coreia, Grécia).

Marx e Engels já reconheciam a potencialidade de transformar uma guerra em revolução: “Mas não devemos” esquecer que há um sexto poder na Europa, que em determinados momentos afirma sua supremacia sobre as cinco chamadas “Grandes Potências”. e as faz tremer, cada um deles. Esse poder é a revolução. Há muito tempo em

*silêncio e afastada, é novamente chamado a agir por causa da crise comercial e pela escassez de alimentos. De Manchester a Roma, de Paris a Varsóvia e Pesth, é onipresente, levantando a cabeça e despertando de seu sono. Múltiplos são os sintomas de seu retorno, em toda parte visível na agitação e inquietação que tomaram a classe proletária. Só um sinal é necessário, e este sexto e maior poder europeu se apresentará, com armadura brilhante e espada na mão, como Minerva da cabeça do olímpico. Este sinal da iminente guerra europeia se dará, e então todos os cálculos quanto ao equilíbrio de poder serão abalados pela adição de um novo elemento que, sempre flutuante e jovem, confundirá enormemente os planos das antigas Potências europeias, e seus Generais, como o fez de 1792 a 1800.” [418]*

Vale a pena notar que mesmo os sagazes representantes da classe dominante estavam cientes da relação entre guerra e revolução. Por exemplo, o chanceler alemão Bismarck observou em uma exposição para um encontro de seu imperador Guilherme I com o russo Alexandre III em novembro de 1887: *“Em nosso tempo atual, mais do que em qualquer outra época histórica, é do interesse das grandes monarquias evitar a guerra, porque hoje as nações tendem a responsabilizar seus governos por sofrerem derrotas militares. (...) No total, uma possível próxima guerra teria menos o caráter de uma guerra entre governos, mas de uma guerra entre a bandeira vermelha e os elementos de ordem e preservação.” [419]*

Mais tarde, Lênin e outros marxistas processaram as experiências da guerra russo-japonesa em 1904/05 e em especial a Primeira Guerra Mundial. Eles entenderam que as guerras imperialistas podem acelerar maciçamente o ritmo da história: *“A guerra de 1914-1918 foi um gigantesco ‘acelerador’ (Lênin) da revolução socialista.” [420]*

Foi com base nisso que eles desenvolveram o slogan da transformação da guerra imperialista em guerra civil - não como um slogan radical voluntarista, mas como um slogan que é *objetivamente* baseado no potencial de uma guerra reacionária acabar resultando no colapso da ordem vigente e insurreições armadas das massas oprimidas.

É por isso que Lênin despreza os ideólogos reformistas e centristas que se queixam das consequências destrutivas das guerras e esperam uma revolução pacífica. Tal escreveu Lênin numa polêmica contra o principal teórico centrista alemão da época, Karl Kautsky:

*“Estes são os dois ‘pontos favoritos’ deste homem ‘extremamente erudito’! O ‘culto da violência’ e a quebra da indústria - isso é o que o levou ao lamento típico e antigo dos filisteus, em vez de analisar as condições reais da luta de classes. ‘Nós esperávamos’, ele escreve, ‘que a revolução viria como o produto da luta de classes proletária ...’, ‘mas a revolução veio como consequência do colapso do sistema vigente na Rússia e na Alemanha na guerra. . . . Em outras palavras, esse especialista ‘esperava’ uma revolução pacífica! Isso é soberbo! Mas Herr Kautsky perdeu a coragem a tal ponto que esqueceu o que ele mesmo escreveu quando era marxista, a saber, com toda probabilidade, que uma guerra proporcionaria a ocasião para a revolução. Hoje, em vez de investigar com calma e destemidamente quais mudanças devem inevitavelmente ocorrer na forma da*

*revolução como consequência da guerra, nosso “teórico” lamenta o colapso de suas “expectativas”!* [421]

Isso não significa que toda guerra resultará em uma revolta revolucionária das massas populares. Mas a experiência histórica demonstra que grandes guerras que mobilizam os recursos de toda a economia, que afetam todas as classes da sociedade e que influenciam toda a vida política e, conseqüentemente, a consciência das massas, que tais eventos provocam massiva instabilidade social e política e, portanto, pode levar a rupturas revolucionárias. Como estamos convencidos de que o chauvinismo, as tensões e guerras militares estão se tornando uma característica cada vez mais definidora da sociedade capitalista, pensamos que tal desenvolvimento em direção ao militarismo acabará também por abrir caminho a lutas de classe e explosões revolucionárias.

### **III Guerra Mundial e Revolução - Uma Contradição em Si Mesmo?**

Finalmente, vamos lidar brevemente com o seguinte problema. Como elaboramos acima no capítulo XII, consideramos uma nova Guerra Mundial entre as Grandes Potências como mais ou menos inevitável se a seu tempo a classe trabalhadora não derrubar os imperialistas. Da mesma forma, é difícil imaginar uma guerra mundial sem as Grandes Potências usando seu arsenal mortal de armas nucleares. Deve-se concluir disso fatalistamente que a relação entre guerra e revolução não existirá em um cenário futuro de uma Terceira Guerra Mundial?

Em nossa opinião, esta questão não pode ser respondida de forma esquemática. Sim, é verdade, se uma Terceira Guerra Mundial ocorrer com todas as Grandes Potências implantando todas as suas armas nucleares, a humanidade será lançada de volta ao palco da barbárie. Mas, em primeiro lugar, uma guerra nuclear tão completa não sairia do nada. É muito provável que um evento tão catastrófico seja precedido por um período mais longo de tensões globais extremas entre as Grandes Potências. Naturalmente, a elite governante dos rivais imperialistas não iniciará um evento tão extremamente arriscado de maneira clara. É verdade que há lunáticos como Trump, mas não se deve supor que a elite dos EUA deixaria Trump iniciar uma guerra nuclear contra a vontade deles. [422]

Não, é muito mais provável que haja um período mais longo de guerras comerciais, confrontos militares menores, grave crise política interna, talvez golpes de estado, crise diplomática, etc. É quase inevitável que tais eventos sejam desencadeadores de crises de processos revolucionários e pré-revolucionários que oferecerão oportunidades à classe trabalhadora para enfraquecer ou derrubar a classe dominante.

Além disso, não podemos prever o futuro. Não se pode excluir que tal Guerra Mundial não resulte na aniquilação total da humanidade, mas pelo contrário, a

derrota de um lado ou uma devastação nuclear localizada. Nesse caso, a Terceira Guerra Mundial poderia resultar na aniquilação de muitos milhões de pessoas e, ao mesmo tempo, abrir um período de rebelião global contra os belicistas de guerra imperialistas.

De qualquer forma, o ponto é que os revolucionários não devem ficar petrificados pelo perigo de uma Terceira Guerra Mundial. A tarefa não é especular sobre o futuro (ou mesmo usar tais perigos como uma desculpa para ficar preso na passividade), mas intervir resolutamente na luta de classes e mobilizar a vanguarda operária para que as chances da revolução socialista internacional aumentem e os perigos de uma queda na Terceira Guerra Mundial diminuam!

### Notas de rodapé

412) V. I. Lênin: A Queda de Port Arthur (1905), em: LCW vol. 8, p. 53

413) Veja isto, por exemplo, I. M. Shukow (Ed.): *Weltgeschichte*, BVB Deutscher Verlag der Wissenschaften, Berlim 1963, vol. 3, pp. 730-758. Os 10 volumes de *Weltgeschichte* (com um total combinado de 8.500 páginas) são a tradução em alemão da famosa *Enciclopédia de História Soviética* publicada após a morte de Stalin. Até onde sabemos, esta enciclopédia não foi traduzida para o inglês (em contraste com a *Grande Enciclopédia Soviética*). Escrito por um grande coletivo de historiadores soviéticos sob a direção de E. M. Zhukov, esses dez volumes são um verdadeiro tesouro de conhecimento histórico, pois combinam informações detalhadas com uma abordagem materialista. No entanto, é preciso encarar essa enciclopédia criticamente, uma vez que ela sofre das limitações teóricas inevitáveis do stalinismo, em particular, sua concepção mecanicista de história segundo a qual *todas* as sociedades da história passam pela mesma seqüência de estágios de formações sócio-econômicas: Comunismo primitivo, sociedade de escravos, feudalismo, capitalismo e comunismo. Tal visão exclui, por exemplo, o chamado *Modo Asiático de Produção*, ao qual Marx se referiu repetidamente. (Ver, por exemplo, seu Prefácio de uma *Contribuição para a Crítica da Economia Política* publicado em 1859, em: Marx Engels Collected Works, Vol. 29, Editores Internacionais, Nova York, 1987, p. 263.)

414) Veja por exemplo Paul Avrich: *Russian Rebels, 1600-1800*, Schocken Books, Nova York, 1972; Dorothea Peters: *Politische und gesellschaftliche Vorstellungen in Aufstandsbewegung unter Pugačev (1773–1775)*. Wiesbaden, Berlim, 1973; Marc Raeff: *Rebelião de Pugachev*, em: Robert Forster (Ed.): *Pré-condições de revolução no início da Europa Moderna*, Johns Hopkins University Press, Baltimore 1970; Placa de Alice: *Der Pugačev-Aufstand: Protesto de Kosakenherrlichkeit oder sozialer*, em: Heinz-Dietrich Löwe: *Volksaufstände em Rußland. Von der Zeit der Wirren para «Revolução Grünen» gegen die Sowjetherrschaft*, Otto Harrassowitz Verlag, Wiesbaden 2006; Leo Yaresch: *As “Guerras Camponesas” na historiografia soviética*, em: *American Slavic e East European Review*, vol. 16, n.º 3 (outubro de 1957), pp. 241-259; Philip Longworth: *Liderança Camponesa e a Revolta de Pugachev*, em: *The Journal of Peasant Studies*, 2: 2 (1975), pp. 183-205; B. H. Sumner: *Novo Material sobre a Revolta de Pugachev*, em: *The Slavonic and East European Review*, vol. 7, n.º 19 (junho 1928), pp. 113-127; B. H. Sumner: *Novo Material sobre a Revolta de Pugachev: II*, em: *The Slavonic and East European Review*,

vol. 7, n.º 20 (janeiro de 1929), pp. 338-348; Alexander Pushkin: *Geschichte des Pugatschew'schen Aufruhrs*, Stuttgart 1840

415) A *Revolução Taiping* foi um movimento social-revolucionário de mineiros, camponeses pobres e minorias étnicas contra a corrupta dinastia Qing que visava criar um “*Reino Celestial da Paz*” e que foi organizado por uma seita milenar conhecida como Sociedade de Adoração a Deus liderada por Hong Xiuquan, que acreditava ser o irmão mais novo de Jesus Cristo. Veja isso, por exemplo, Franz Michael e Chung-li Chang: *The Taiping Rebellion. História e Documentos Vol.1*, University of Washington Press, Londres, 1966; Stephen R. Platt: *Outono no Reino Celestial: China, o Ocidente e a história épica da Guerra Civil de Taiping*, Alfred A. Knopf, Nova York 2012; I. M. Shukow (Ed.): *Weltgeschichte*, vol. 6, pp. 440-455

416) Obviamente, existe uma variedade de literatura sobre a Comuna de Paris. Para citar apenas uma visão dos clássicos socialistas sobre o assunto: von P.L. Lavrov: *Die Pariser Kommune vom 18. März 1871*, Verlag Klaus Wagenbach, Berlim, 1971; Jean Villain: *Die großen 72 Tage. Ein Report de Jean Villain über die Pariser Kommunarden*, Verlag Volk und Welt, Berlin 1981; Prosper Lissagaray: *Geschichte der Kommune de 1871*, Rütten & Loening, Berlim, 1956. Ver também Donny Gluckstein: *A Comuna de Paris: Uma Revolução na Democracia*, Bookmarks Publication, Londres 2006; I. M. Shukow (Ed.): *Weltgeschichte*, vol. 6, pp. 628-643 e vol. 7, pp. 15-39.

417) Novamente, existe uma variedade de literatura sobre a Guerra Russo-Japonesa de 1904/05 e a subsequente Revolução Russa de 1905-07. No lugar de muitos, nos referimos a *Die Russische Revolution 1905*, de Leon Trotsky, Vereinigung Internationaler Verlagsanstalten, Berlim 1923 (republicado em Leo Trotzki: *Ausgewählte Werke*, vol. 1, Verlag Neuer Kurs, Berlim, 1972); M. Pokrowski: *Russische Geschichte*, Berlim, 1930; M. Pokrowski: *Geschichte Russlands von Seiner Entrehung bis Zeuren Zeit*, C.L. Hirschfeld Verlag, Leipzig 1929, pp. 314-496; Abraham Ascher: *A Revolução de 1905. Vol. 1 e 2*, Stanford University Press, Stanford 1992.

418) Friedrich Engels: *A guerra europeia (1854)*, em: MECW 12, pp. 557-558

419) Citado em: Heinz Wolter: *Die Alternativkonzeption der Sozialdemokratie zum außenpolitischen Kurs Bismarcks nach 1871*, in: Ernst Engelberg (Ed.): *Diplomatie und Kriegspolitik vor und nach der Reichsgründung*, Akademie-Verlag, Berlin, 1971, p. 255 (nossa tradução)

420) A Plataforma da Oposição (1927), em: Leon Trotsky: *O Desafio da Oposição de Esquerda (1926-27)*, p. 382

421) V. I. Lênin: *Os Heróis da Internacional de Berna (1919)*; em: LCW 29, p. 397. Veja também Nikolai Bukharin e Evgenii Preobrazhensky: *O ABC do Comunismo (1920)*, publicado pelo Partido Comunista da Grã-Bretanha, 1922; Nikolai Bukharin: *Introdução ao Transformationsperiode. Mit Randbemerkungen von Lênin*, Dietz Verlag, Berlim 1990

422) É provável que, se houver conselheiros que roubem as ordens presidenciais da mesa de Trump, a fim de evitar que eles sejam implementados (e eles possam confiar no esquecimento do homem laranja para que ele não perceba), haverá também generais e assessores de segurança. que se certificarão de que Trump não teria acesso ao Botão Vermelho. (Pode ser que eles mostrem o botão vermelho para ele pedir sua Coca-Cola diária!)

## XVIII. Derrotismo Revolucionário nos Conflitos entre Estados Imperialistas: Os Clássicos Marxistas

A CCRI elabora em suas “*Teses sobre Derrotismo Revolucionário em Estados Imperialistas*” que a posição dos marxistas nos conflitos inter-imperialistas é baseada nos princípios da *solidariedade internacional da classe trabalhadora*. Portanto, eles devem recusar-se a ficar do lado de sua própria classe dominante, bem como recusar a ficar do lado do campo imperialista oposto. O seu slogan deve ser: *Abaixo todas as Grandes Potências imperialistas - seja os EUA, a UE, o Japão, a China ou a Rússia!*

Em vez de apoiar sua própria classe dominante, eles, os marxistas, defendem a luta de classes irreconciliável, conforme foi resumida pelo famoso líder revolucionário alemão Karl Liebknecht durante a Primeira Guerra Mundial: “*O principal inimigo está em casa*”. Os revolucionários tentam utilizar todos os conflitos da classe dominante imperialista contra um rival, a fim de enfraquecer a classe dominante, promover a luta de classes e, finalmente, transformar tais conflitos em uma guerra civil contra a classe dominante.

Estes princípios resultam, sob as condições de guerra, na estratégia que se tornou conhecida como “*a transformação da guerra imperialista em guerra civil*”, isto é, o avanço da luta dos proletários pelo poder sob as condições da guerra. Os mesmos princípios significam, sob as condições de uma guerra comercial entre potências imperialistas, advogar a *transformação da Guerra do Comércio Global em luta política doméstica de classes contra a elite dominante*.

Em todos os cenários, o objetivo é *unir* a classe trabalhadora internacional em uma base *internacionalista* e *romper qualquer unidade “patriótica” de trabalhadores com a “burguesia imperialista” deles, bem como romper com os lacaios social-imperialistas* dentro do movimento operário.

Tais são os objetivos estratégicos do programa do derrotismo revolucionário. É um programa que *sempre* faz parte da política do partido revolucionário e respectivamente da organização pré-partido. Seria um erro imperdoável acreditar que seria apenas um programa relativo à luta contra as guerras e, portanto, que só se tornaria relevante quando a guerra eclodisse. Se uma organização marxista só começar a lutar contra a agressão imperialista e as guerras quando esses conflitos começarem, será tarde demais. Quando uma grande guerra começar, a classe dominante já terá acionado seu maquinário político e ideológico do chauvinismo muito antes. E se um partido revolucionário somente abrir a luta derrotista no começo da guerra então não terá chance contra um inimigo de classe superior. Não, o programa do derrotismo revolucionário deve ser implementado a partir de agora.

Tal trabalho para uma orientação derrotista revolucionária requer agitação

e propaganda abrangentes, utilizando todos os meios legais (de acordo com o espaço democrático permitido pela classe dominante) e todos os meios ilegais. Esse trabalho deve ser realizado em locais de trabalho, bairros, escolas, universidades e quartéis e, sempre que possível, também no parlamento. O objetivo deve ser mobilizar as massas para ações de luta de classes, como manifestações, greves gerais, revoltas - de acordo com as condições e com a relação de forças.

Dado o fato de que os revolucionários constituem apenas uma pequena minoria hoje, é urgente que eles apliquem a tática da frente única. Isto significa que eles deveriam chamar os trabalhadores e organizações de massa populares (sindicatos, partidos, organizações de migrantes, etc.), que são normalmente liderados por forças não-revolucionárias, para atividades conjuntas contra planos de armamento governamentais, contra agressão colonial no exterior, contra medidas protecionistas e sanções contra rivais, etc. Eles devem chamar esses partidos, onde têm representantes no parlamento, para votar contra o orçamento militar e contra todas essas medidas. Os revolucionários deveriam criticar tais forças - geralmente reformistas e populistas pequeno-burgueses - sempre que eles deixarem de agir contra a política imperialista da classe dominante.

Além disso, é de extrema importância para os revolucionários advogarem declarações conjuntas transfronteiriças e atividades de socialistas, sindicatos, bem como outros trabalhadores e organizações populares de massas dos respectivos países imperialistas envolvidos no conflito. Tais medidas podem ser um forte sinal da solidariedade internacionalista concreta da classe trabalhadora!

## Marx e Engels na Época Pré-Imperialista

Antes de entrarmos mais detalhadamente na substância e na tática do derrotismo revolucionário, vamos elaborar brevemente o contexto histórico dessa estratégia.

Como é sabido, Marx e Engels viveram no século XIX, isto é, na época pré-monopolista do capitalismo. Nesta época, o capitalismo estava em expansão e, portanto, a burguesia nos países industrializados poderia ocasionalmente desempenhar um papel historicamente progressista. Como resultado, as guerras entre estados europeus, ou entre o norte e o sul nos EUA, geralmente não tinham um caráter reacionário em ambos os lados. As relações interestatais na situação política internacional eram antes, como Marx e Engels elaboraram, caracterizadas pela constante ameaça da Rússia czarista como a maior e mais reacionária Grande Potência. [423] Além disso, existiam tarefas democráticas historicamente progressistas como a unificação nacional da Alemanha fragmentada, assim como na Itália, a libertação nacional da Polônia, assim como a Irlanda, etc.

Foi esse pano de fundo histórico onde Marx e Engels convocaram entusiasticamente a guerra revolucionária da Alemanha contra a Rússia czarista em 1848:

*“Só uma guerra contra a Rússia seria uma guerra da Alemanha revolucionária, uma guerra pela qual ela poderia se purificar de seus pecados passados, poderia tomar co-*



*ragem, derrotar seus próprios autocratas, espalhar civilização pelo sacrifício de seus próprios filhos como se torna um povo que está sacudindo as correntes da escravidão longa e indolente e libertando-se dentro de suas fronteiras, trazendo libertação para os que estão do lado de fora. Quanto mais a luz da publicidade revela em linhas gerais os eventos mais recentes, mais fatos confirmam nossa visão das guerras nacionais pelas quais a Alemanha desonrou sua nova era.” [424]*

Da mesma forma, os fundadores do socialismo científico mais tarde se aliaram a outras potências, como a Inglaterra ou o Império Otomano, em conflitos militares com a Rússia. [425]

## Os Bolcheviques e a Guerra Russo-Japonesa 1904/05

No entanto, isso mudou com a transição do capitalismo pré-monopolista para o capitalismo monopolista, ou seja, o início da época imperialista no início do século XX. Como Lênin explicou em seus escritos durante a Primeira Guerra Mundial, a burguesia não poderia desempenhar um papel historicamente progressista em nenhum dos países desenvolvidos. Assim, a defesa da pátria nos países capitalistas avançados perdeu qualquer caráter progressista:

*“O que queremos dizer quando dizemos que os estados nacionais se tornaram grilhões, etc.? Temos em mente os países capitalistas avançados, sobretudo a Alemanha, a França, a Inglaterra, cuja participação na atual guerra foi o principal fator para torná-la uma guerra imperialista. Nesses países, que até então estiveram na vanguarda da humanidade, particularmente em 1789-1871, o processo de formação de estados nacionais foi consumado. Nesses países, o movimento nacional é coisa de um passado irrevogável, e seria uma absurda utopia reacionária tentar revivê-lo. O movimento nacional dos franceses, ingleses e alemães está há muito tempo concluído. Nesses países, o próximo passo da história é diferente: as nações liberadas transformaram-se em nações opressoras, em nações de rapina imperialista, nações que estão passando pelas “vésperas do colapso do capitalismo.” [426]*

Em outras palavras, de então, a classe trabalhadora e o povo oprimido não enfrentaram apenas a Rússia czarista, mas todas as Grandes Potências imperialistas como seu *“maior inimigo e o maior reduto da reação.”*

Lênin e os bolcheviques elaboraram completamente o programa do derrotismo revolucionário no começo da Primeira Guerra Mundial. No entanto, eles já haviam desenvolvidos elementos-chave dessa estratégia durante a guerra entre Rússia e Japão em 1904-05. [427] Como se sabe, esta guerra terminou com uma derrota para a Rússia e desencadeou a primeira Revolução Russa em 1905-07.

Lênin enfatizou, já antes do início da revolta revolucionária de janeiro de 1905, a conexão entre guerra e revolução: *“devemos reconhecer o grande papel revolucionário da guerra histórica em que o trabalhador russo é um participante involuntário.” [428]*

*“A catástrofe militar é inevitável e, juntamente com o descontentamento, a inquietação e a indignação, aumentará inevitavelmente dez vezes. Precisamos nos preparar para esse momento com a máxima energia. Naquele momento, um dos surtos recorrentes,*

*agora aqui e acolá, com tanta crescente frequência, se transformará em um tremendo movimento popular. Nesse momento, o proletariado se levantará e se posicionará à frente da insurreição para ganhar a liberdade de todo o povo e assegurar à classe trabalhadora a possibilidade de empreender a luta aberta e ampla pelo socialismo, uma luta enriquecida por toda a experiência. da Europa.” [429]*

Como consequência, os bolcheviques defendiam uma posição derrotista, ou seja, defendiam a derrota de seu próprio governo reacionário.

*“A causa da liberdade russa e da luta do proletariado russo (e do mundo) pelo socialismo depende em grande parte das derrotas militares da autocracia. Esta causa foi grandemente avançada pelo desastre militar que atingiu o terror nos corações de todos os guardiões europeus da ordem existente. O proletariado revolucionário deve levar adiante uma incessante agitação contra a guerra, sempre lembrando, no entanto, que as guerras são inevitáveis enquanto existir o domínio de classe. Frases banais sobre a paz ao estilo Jaurès não têm qualquer utilidade para a classe oprimida, que não é responsável por uma guerra burguesa entre duas nações burguesas, que está fazendo tudo o que pode para derrubar toda burguesia, que conhece a enormidade do sofrimento do povo mesmo em época da exploração capitalista “pacífica”. (...) Foi a autocracia russa e não o povo russo que iniciou essa guerra colonial, que se transformou em uma guerra entre o velho e o novo mundo burguês. É o regime autocrático e não o povo russo que sofreu uma derrota ignóbil. O povo russo ganhou com a derrota da autocracia. A capitulação de Port Arthur é o prólogo da capitulação do czarismo. A guerra ainda não terminou, mas cada passo para sua continuação aumenta imensamente o desassossego e o descontentamento do povo russo, aproxima-se a hora de uma nova grande guerra, a guerra do povo contra a autocracia, a guerra do proletariado por liberdade.” [430]*

Eles polemizam contra os mencheviques por causa de sua posição pacifista. É verdade que este último não adotou uma postura social-patriótica - nessa guerra, mesmo grandes setores da intelligentsia urbana e da burguesia não conseguiram apoiar os objetivos militaristas do Czar ao menosprezar a autocracia. (Na verdade, muitos partidos da oposição estavam mesmo em contato com o serviço secreto japonês e ganhou dinheiro com isso!) [431] Mas os mencheviques criticaram a defesa de Lênin do “derrotismo” e acusaram-no de promover o “Japanofilismo”. Em contraste, eles defendiam o slogan de “paz imediata.” [432]

Lênin rejeitou tal posição pacifista: *“Nem o novo Iskra poderia ajudar a mostrar o pensamento confuso. Na primeira vez, tinha muito a dizer sobre paz a qualquer preço. Então, apressou-se a “corrigir-se”, quando Jaurès mostrou claramente que seus interesses, os dos progressistas ou os da burguesia reacionária, seriam atendidos por uma campanha quase socialista pela paz em geral. E agora terminou com platitudes sobre a irracionalidade de “especular” (!) Sobre uma vitória da burguesia japonesa e sobre a guerra ser uma calamidade “independentemente de” terminar na vitória ou na derrota da autocracia.” [433]*

Como vemos, as diferenças essenciais entre a estratégia bolchevique de derrotismo e a estratégia menchevique de esquerda do antimilitarismo e do pacifismo platônicos já eram visíveis uma década antes.

## A Elaboração Completa do Programa Derrotista de Lenin na Primeira Guerra Mundial 1914-1917

Portanto, não é de surpreender que Lênin tenha sido capaz de elaborar completamente um programa revolucionário derrotista poucos dias depois que os primeiros tiros iniciaram a Primeira Guerra Mundial, conforme testemunharam colaboradores próximos dele. [434] Após a sua libertação da prisão depois de onze dias em agosto de 1914 na Galícia, Lênin, juntamente com sua esposa e camarada Nadezhda Krupskaya, bem como Grigory Zinoviev e Zlata Lilina, foram para a Suíça, onde eles se jogaram a trabalhar a ruptura da Segunda Internacional politicamente colapsada e a criação da Terceira Internacional revolucionária. [435]

De acordo com as memórias do bolchevique russo GL Shklovsky, Lênin proclamou no momento de sua chegada à Suíça após o início da Primeira Guerra Mundial: *“Ele não é um socialista que rejeita, em tempos de guerra imperialista, a derrota de seu próprio país.”* [436]

Nos dias seguintes, depois de chegar a Berna, Lênin começou a organizar reuniões com seus camaradas, explicando-lhes as táticas necessárias nessa guerra imperialista. Ele obteve sucesso nesse esforço e suas teses sobre a guerra, depois expandidas para um Manifesto e várias resoluções, foram acordadas e adotadas tanto pelas principais instituições do partido clandestino na Rússia quanto pela Conferência de Berna dos grupos bolcheviques no exterior (no final de fevereiro de 1915). [437]

A ideia central da abordagem de Lênin era que os revolucionários devem avançar a luta contra as guerras imperialistas através dos métodos da luta de classes e utilizar a crise causada pela guerra pela derrubada revolucionária de uma burguesia proprietária. Daí a posição inequívoca da derrota do próprio governo na guerra: *“Durante uma guerra reacionária, uma classe revolucionária não pode deixar de desejar a derrota do seu governo. Isso é axiomático, e disputado apenas por partidários conscientes ou satélites indefesos dos social-chauvinistas.”* [438]

Lênin citou com aprovação os marxistas italianos que proclamaram no início da guerra mundial a sua posição derrotista e afirmaram que a única guerra justa é a guerra dos oprimidos para tomar o poder: *“Estamos sempre em guerra santa tutti gli oppressi per la conquista. delle loro patrie! ”*(uma guerra santa de todos os oprimidos, pela conquista da própria pátria!).” [439]

Essa abordagem foi combinada com a luta pela revolução socialista. Daí que o slogan central dos bolcheviques fosse a “guerra civil”: *“A conversão da atual guerra imperialista em guerra civil é o único slogan proletário correto.”* [440]

*“Consideramos as guerras civis, isto é, guerras travadas por uma classe oprimida contra a classe opressora, por escravos contra senhores de escravos, por servos contra proprietários de terras e por trabalhadores assalariados contra a burguesia, como plenamente legítimos, progressistas e necessários.”* [441]

Os bolcheviques concretizaram sua estratégia de transformar a guerra impe-

rialista em uma guerra civil da seguinte maneira:

*“Os passos seguintes devem ser indicados como os primeiros para converter a atual guerra imperialista em guerra civil: (1) recusa absoluta de votar por créditos de guerra e renúncia de governos burgueses; (2) uma ruptura completa com a política de trégua de classe (bloco nacional, Burgfrieden); (3) a formação de uma organização clandestina, quando os governos e a burguesia abolirem as liberdades constitucionais, introduzindo a lei marcial; (4) apoio à confraternização entre soldados das nações beligerantes, nas trincheiras e nos campos de batalha em geral; (5) apoio a todo tipo de ação de massa revolucionária do proletariado em geral.” [442]*

Os bolcheviques estavam plenamente conscientes do fato de que a guerra imperialista inevitavelmente provoca uma situação explosiva objetiva que teve de ser utilizada para promover a luta de classes: *“A guerra sem dúvida criou uma crise aguda e aumentou incomensuravelmente a aflição das massas. A natureza reacionária dessa guerra e as mentiras impensadas contadas pela burguesia de todos os países para ocultar seus objetivos predatórios com a ideologia “nacional” servem como base em uma situação objetivamente revolucionária, inevitavelmente criando humores revolucionários entre as massas. É nosso dever ajudar as massas a tornarem-se conscientes desses humores, aprofundá-las e dar-lhes forma. Esta tarefa encontra expressão correta apenas no slogan: converter a guerra imperialista em guerra civil; todas as lutas de classes consistentemente travadas em tempo de guerra e todas as táticas de “ação de massa” levadas a sério levam inevitavelmente a isso. É impossível prever se um poderoso movimento revolucionário surgirá em conexão com, durante ou depois da primeira ou segunda guerra imperialista das Grandes Potências; em qualquer caso, é nosso dever trabalhar de forma sistemática e inabalável nessa direção.” [443]*

## **Agitação Bolchevique Contra a Guerra na Rússia**

Os bolcheviques na Rússia se esforçaram para resistir às mobilizações em favor da guerra imperialista. Apesar de sofrerem uma onda de prisões em massa nas semanas anteriores, distribuíram panfletos ilegais em Petersburgo e outras cidades em julho, agosto e setembro de 1914. Além disso, tentaram organizar manifestações de rua e protestos de soldados recrutados. Em sua propaganda, os bolcheviques defendiam slogans como *“Abaixo a guerra!”*, *“Abaixo o regime czarista!”* e *“Viva a revolução!”*. Eles também levantaram slogans como *“Fiquem politicamente organizados!”* e *“Peguem em Armas, o tempo está se esgotando!”* [444]

Alexander Shlyapnikov, um dos líderes bolcheviques durante o período da guerra, relatou em sua memória sobre a agitação anti-guerra do partido nas ruas e nas fábricas. Ele cita um panfleto, emitido pelo comitê de Petersburgo do partido no início da guerra:

*“Abaixo a guerra!” “Guerra a guerra!” Devemos atravessar poderosamente a cidade e o povoado em toda a largura de nossa Rússia. Os trabalhadores devem lembrar-se de que não têm inimigos além da fronteira: em toda parte, a classe trabalhadora é oprimida pelos ricos e pelo poder dos proprietários. Em todo lugar é oprimido pelo jugo da explo-*

*ração e pelas cadeias da pobreza. (...) Sem ter tempo para lavar o sangue dos trabalhadores das ruas de Petersburgo e só ontem marcar todos os trabalhadores da cidade de Petersburgo, bem como todos os trabalhadores da Rússia como “inimigos dentro” contra quem cossacos selvagens e policiais mercenários entraram em ação, eles agora pedem a defesa da pátria. Soldados e trabalhadores! Você está sendo chamado a morrer pela glória do açoite dos cossacos e pela glória de uma pátria que atira camponeses e trabalhadores famintos e estrangula seus melhores filhos na prisão. Não, nós não queremos a guerra, você deve declarar. Nós queremos a liberdade da Rússia. (...) Abaixo a guerra, abaixo o governo czarista! Vida longa à revolução!” [445]*

Em outro folheto, distribuído no outono de 1914, eles chamaram os trabalhadores para se organizarem e obterem armas para a luta vindoura. [446]

## **Trotsky Continua a Luta Revolucionária Contra a Guerra Imperialista**

Mais tarde, depois que a burocracia stalinista transformou a Internacional Comunista em uma força revisionista, Trotsky e a Quarta Internacional continuaram a lutar por um programa revolucionário derrotista contra a guerra imperialista. Pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, Trotsky declarou:

*“Derrotismo é a política de classe do proletariado, que mesmo durante uma guerra xê o principal inimigo em casa, dentro de seu próprio país imperialista. O patriotismo, por outro lado, é uma política que localiza o principal inimigo fora do próprio país. A idéia de derrotismo significa, na realidade, o seguinte: conduzir uma luta revolucionária irreconciliável contra a própria burguesia como o principal inimigo, sem ser dissuadido pelo fato de que essa luta pode resultar na derrota do próprio governo; num movimento revolucionário, a derrota do próprio governo é um mal menor.” [447]*

Além disso, Trotsky enfatizou que o movimento dos trabalhadores só estará preparado para a luta contra as guerras imperialistas se já aprender a se opor ao “seu” estado imperialista em tempos de paz.

*“A defesa do Estado nacional, antes de tudo na Europa balcanizada - o berço do Estado nacional - é, no sentido pleno da palavra, uma tarefa reacionária. O estado nacional, com suas fronteiras, passaportes, sistema monetário, mercadorias e o exército, para a proteção das mercadorias, tornou-se um terrível impedimento para o desenvolvimento econômico e cultural da humanidade. A tarefa do proletariado não é a defesa do estado nacional, mas sua completa e final liquidação. (...) Um “socialista” que prega a defesa nacional é um reacionário pequeno-burguês ao serviço do capitalismo decadente. Não se vincular ao estado nacional em tempo de guerra, seguir não o mapa de guerra, mas o mapa da luta de classes, só é possível para aquele partido que já declarou guerra irreconciliável ao Estado nacional em tempo de paz. Somente realizando plenamente o papel objetivamente reacionário do Estado imperialista é que a vanguarda proletária se torna invulnerável a todos os tipos de patriotismo social. Isso significa que uma ruptura real com a ideologia e a política de “defesa nacional” só é possível do ponto de vista da revolução proletária internacional.” [448]*

Foi durante os anos 1914-16 que a categoria “derrotistas” e “derrotismo” emergiu. Inicialmente foi usado pelos opositores dos bolcheviques que os acusavam de “antipatrioticamente” defender a derrota (em russo: “*porashenzy*” - “*aqueles que defendiam a derrota*”). Seus inimigos social-patrióticos foram chamados de “*Oboronzy*” - “*aqueles que defendem a pátria*”. Além disso, a categoria “*derrotismo*” também foi usada (inclusive pelos bolcheviques) para descrever um estado de espírito generalizado na sociedade de falta de apoio aos esforços de guerra da classe dominante.

Os bolcheviques captaram essa categoria e se identificaram positivamente com ela. Grigori Zinoviev, que editou junto com Lênin o órgão central dos bolcheviques durante a Primeira Guerra Mundial, publicado na Suíça, escreveu em um artigo programático em outubro de 1916: “*É impossível ser um internacionalista consistente na guerra imperialista de 1914-16 sem ser um ‘derrotista’.*” [449] Mais tarde, os bolcheviques, a Internacional Comunista e a Quarta Internacional usaram a categoria “*derrotismo*” ou “*derrotismo revolucionário*” mais sistematicamente.

Também vale a pena ressaltar que a estratégia do derrotismo dos bolcheviques poderia basear-se em declarações de marxistas anteriores. Gregory Zinoviev observou que Jules Guesde, um pioneiro do marxismo na França, defendeu o “derrotismo” de ambos os lados quando a Rússia e a Grã-Bretanha chegaram perto da guerra sobre o Afeganistão em 1885.

*“Em 1885, Jules Guesde regozijou-se com a ameaça de guerra entre a Rússia e a Inglaterra na esperança de que uma revolução social emergisse de tal catástrofe. Quando Guesde agiu dessa maneira, quando convocou o proletariado a fazer uso da guerra entre duas potências gigantes para acelerar o desencadeamento da revolução proletária, ele era muito mais marxista do que atualmente quando, junto com Sembat, ele prossegue sobre a tradição do “grande orador pacifista Jean Jaurès.”* [450]

Guesde publicou na época um artigo intitulado “*Longa Vida à Guerra*”, no qual ele caracterizava a Grã-Bretanha e a Rússia como “*igualmente opressivas, embora de maneiras diferentes*”. Guesde explicou que qualquer um dos dois governos sendo derrotado, será uma coisa boa “*para nós*”, ou seja, para o socialismo.

*“A derrota da Rússia significaria o fim do czarismo, a libertação política da Rússia. (...) E o primeiro resultado, o resultado inevitável de uma revolução política em Petersburgo, será a libertação dos trabalhadores alemães. (...) A derrota da Grã-Bretanha não teria menos consequências nem menos vantajosas. (...) Poderia libertar a Irlanda do estado de sítio (...) enquanto o Sudão - e consequentemente o Egito - poderiam libertar-se (...). Logo após a primeira desgraça da Inglaterra, a separação das maiores e mais exploradas colônias começaria ...”* [451]

Zinoviev resumiu a abordagem de Guesde: “*A guerra entre a Inglaterra e a Rússia poderia acelerar a solução, o fim da ordem social burguesa. Mas - de qual país vitorioso e de qual país derrotado é mais desejável? Inglaterra ou Rússia? Desejo a derrota de ambos.*” [452]

Alguns anos depois, a Internacional Comunista resumiu a experiência da luta

revolucionária contra a guerra imperialista. Em uma declaração programática, adotada pelo ECCI em março de 1922, listou as seguintes medidas conforme apropriado na luta antimilitarista.

*“Partindo desses fatos e considerações, o Executivo ampliado da Internacional Comunista declara que a única defesa eficaz contra o perigo ameaçador da guerra é uma revolução proletária. . . . Os representantes reunidos de 36 nações consideram que é uma tarefa de todos os partidos comunistas preparar ideologicamente e de forma organizada para a luta de classe revolucionária mais intensa para evitar a guerra. Para alcançar esse fim eles sugerem:*

1. *Educação sistemática das massas trabalhadoras, incluindo a juventude, sobre as causas e o caráter das guerras.*
2. *Colocar perante o tribunal das massas mais amplas todos os problemas e decisões relativas à política externa, armamentos, etc.*
3. *Propaganda legal e ilegal bem organizada entre as forças e formações armadas de todo tipo para esclarecê-las sobre essas questões.*
4. *Incentivar o proletariado com a determinação de impedir o transporte de tropas e suprimentos do exército por todos os meios e a qualquer custo, caso a guerra imperialista venha a eclodir.*
5. *Fortalecer a vontade revolucionária das massas populares de lutar contra a eclosão da guerra imperialista através de manifestações de rua, greves gerais, levantes armados.*
6. *A criação de órgãos legais e ilegais para trabalhar na execução dessas tarefas.*
7. *A criação de órgãos e instituições legais e ilegais para garantir a cooperação internacional unificada e enérgica dos comunistas nos países entre os quais as contradições são mais agudas.”* [453]

No mesmo espírito, os trotskistas americanos definiram as tarefas dos revolucionários na preparação para a guerra imperialista: *“Enquanto isso, ao continuar a luta diária, é dever dos marxistas se preparar para a crise de guerra. Para esse fim, eles devem expor constantemente os planos de guerra das potências imperialistas; eles devem resistir à militarização das massas; eles devem deixar claro para a classe trabalhadora cada passo no processo em direção à guerra; eles devem combater a propaganda patriótica de guerra; eles devem ajudar a fortalecer, ideológica e materialmente, as organizações dos trabalhadores, para que estas não sejam esmagadas no início da guerra. E eles devem estar em todos os lugares e em todos os momentos, a expor os enganadores e os traidores nessa luta contra a guerra, de qualquer campo - expor aqueles que se preparam, por mil e um artifícios, a entregar os trabalhadores aos mandantes da guerra.”* [454]

Essas táticas não perderam a validade desde então!

### Notas de rodapé

423) Eleanor Marx Aveling, a filha de Marx, resumiu apropriadamente a visão de seus pais sobre a Rússia czarista como sendo “o maior inimigo de todos os avanços, o maior reduto da reação” (Karl Marx: The Eastern Question. Uma Reimpressão de Cartas escritas 1853-1856). lidando com os eventos da Guerra da Crimeia, Editado por Eleanor Marx Aveling e Edward Aveling, Swan Sonnenschein & Co, Londres, 1897, p.

424) Karl Marx, Friedrich Engels: Política Externa Alemã e os Últimos Eventos em Praga (em: Neue Rheinische Zeitung, 12 de julho de 1848), em: MECW vol. 7, p. 212

425) Veja sobre isso, além das duas coleções de escritos de Marx sobre o assunto mencionado acima, por exemplo. Karl Marx: Die Geschichte der Geheimdiplomatie des 18. Jahrhunderts. Über den asiatischen Ursprung der russischen Despotie, Berlim, Olle & Wolter, Berlim, 1977; David B. Rjazanov, Karl Marx über den Ursprung der Vorherrschaft Rußlands, em Europa. Kritische Untersuchungen, in: Karl Marx, Die Geschichte der Geheimdiplomatie des 18. Jahrhunderts; M. Pokrowski: Geschichte Russlands von Seiner Entrehung bis zur neuesten Zeit, C.L.Hirschfeld Verlag, Leipzig 1929; M. Pokrowski: Russische Geschichte, Berlim, 1930; Paolo Dalvit: Die Außenpolitik im Klassenkampf. Die Position von Marx und Engels zum Krimkrieg; Hanno Strauß: “Panslawismus” zu Marx “de Geheimdiplomatie” de Von Engels. Eine Herleitung politischer Ambitionen; ambos os ensaios foram publicados em: Marx und Russland. Mensagem de Marx-Engels-Forschung Neue Folge 2012, Argument, Hamburgo 2014, pp. 9-20 resp. 83-104

426) V. I. Lênin: Uma Caricatura do Marxismo e do Economismo Imperialista; em: LCW Vol. 23, p. 38

427) Sobre a guerra russo-japonesa em 1904-05 ver, e. John W. Steinberg, Bruce W. Menning, David Schimmelpenninck, Van Der Oye, David Wolff, Shinji Yokote (Eds.): A Guerra Russo-Japonesa em Perspectiva Global. World War Zero, vol. I e II, Brill, Leiden 2005 e 2007; J. N. Westwood: Rússia contra o Japão, 1904-1905: Um Novo Olhar para a Guerra Russo-Japonesa, Universidade Estadual de Nova York, 1986; Evgeny Sergeev: Inteligência Militar Russa na Guerra com o Japão, 1904-05. Operações secretas em terra e no mar, Routledge, Nova York 2007; Rotem Kowner: O Impacto da Guerra Russo-Japonesa, Routledge, Nova York 2007; Josef Kreiner (Ed.): Der Russisch-Japanische Krieg (1904/05), V & R unipress, Göttingen 2005

428) V.I.Lênin: A Queda de Port Arthur (1905), in: LCW vol. 8, p. 53

429) V.I.Lênin: A Autocracia e o Proletariado (1904), em: LCW vol. 8, p. 28

430) V.I.Lênin: A queda de Port Arthur (1905), em: LCW vol. 8, p. 53

431) Veja por exemplo Akashi Motojirô: Rakka ryusui: Relatório do coronel Akashi sobre sua cooperação secreta com os partidos revolucionários russos durante a guerra russo-japonesa. O. Fält e A. Kujala (Eds.), Studia Historica 31, Helsínquia, 1988; Dmitrii B. Pavlov: Dinheiro Japonês e a Revolução Russa, 1904-1905, em: Acta Slavica Iaponica, No. 11 (1993), pp. 79-87

432) Ver Júlio Martí: Geschichte der russischen Sozialdemokratie (1918/26), Erlangen 1973, pp. 93-95; veja também Dmitrii B. Pavlov: Dinheiro Japonês e a Revolução Russa, p. 82

433) V.I.Lênin: A Queda de Port Arthur (1905), em: LCW vol. 8, pp. 52-53

434) Ver p. As Lembranças do Velho Bolchevique de Shklovsky: “Posso testificar que os slogans fundamentais da tática de Lênin na guerra imperialista haviam sido formulados por ele na Áustria durante os primeiros dias da guerra, pois ele os levou a Berna completamente formulados. Além disso, Eu tenho todos os motivos para afirmar que essa tática amadureceu na cabeça de Lênin, provavelmente no primeiro dia da guerra. Minha prisão no terceiro ou quarto dia da guerra pode servir como uma prova dessa afirmação ... Minha prisão foi causada por um



telegrama de Vladimir Ilich [Lênin] endereçado a mim, interceptado pelas autoridades militares suíças, que sugeriu, neste telegrama, que eu entrasse em contato com nossos camaradas em Paris com o objetivo de organizar a questão dos panfletos e proclamações de guerra. Isso indica que não houve um momento de dúvida ou vacilação por parte de Vladimir Ilich e que no primeiro dia da guerra ele já estava pensando em uma guerra contra a guerra, isto é, em transformar a guerra imperialista em uma guerra civil. Mais ou menos no segundo dia [depois da chegada de Lênin em Bernal], realizou-se uma reunião na floresta ... onde Ilich falou sobre a atitude em relação à guerra, sendo este o único assunto possível de discussão para nós naquela época. Alguns dias depois, ou seja, em 6 ou 7 de setembro, uma reunião mais íntima foi realizada no meu apartamento; Nessa reunião, Ilich apresentou suas teses sobre a guerra. "(G. L. Shklovsky: Recordações (1925), em: O.H. Gankin e H.H. Fisher: *The Bolsheviks and the World War*, Stanford University Press, Stanford, 1940, p. 143)

435) Notamos, como um aparte, que a crítica da estratégia de derrotismo revolucionário de Lênin, que tem sido articulada por vários marxistas (no sentido amplo da palavra) após a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, por pessoas como Hal Draper ou Brian Pearce, é completamente infundado. O primeiro foi um acadêmico pseudo-marxista, o segundo, um estudioso que fez um valioso trabalho como tradutor de numerosas obras de Trotsky e outras, do russo ao inglês. Ao contrário de suas acusações, nem Lênin inicialmente considerou o derrotismo como uma estratégia válida apenas para a Rússia, nem relativizou mais tarde ou até mesmo derrubou o derrotismo. Nesse sentido, concordamos com a resposta de Cliff Slaughter (*Lênin e a Guerra Imperialista de 1914-1918*, em: *Fourth International*, Vol. 4, No. 3, novembro de 1967, pp. 81-88). Brian Pearce elaborou suas visões no ensaio *Lênin e Trotsky sobre Pacifismo e Derrotismo*, in: *Labour Review*, vol. 6 (1961), nº 1, <http://www.whatnextjournal.co.uk/Pages/History/Pearce.html>. O ataque revisionista de Hal Draper ao leninismo é chamado de "O Mito do Derrotismo Revolucionário de Lênin" e foi publicado inicialmente na revista *Shachmanita New International* em 1953/54, <http://www.marxists.org/archive/draper/1953/defeat/index.htm>. Uma apresentação muito superior e precisa do programa de derrotismo de Lênin foi publicada por Roman Rosdolsky em sua obra *Studien über revolutionäre Taktik. Zwei unveröffentlichte Arbeiten über die II. Internationale und über die österreichische Sozialdemokratie* (Verlag für das Studium der Arbeiterbewegung, Berlim Ocidental, 1973; este trabalho foi posteriormente traduzido para o inglês com o título *Guerra Imperialista e a Questão da Paz* e pode ser lido online aqui: <https://www.marxists.org/archive/rosdolsky/1978/impwarqpeace/index.htm>). Rosdolsky foi um trotskista ucraniano e um excelente estudioso marxista (ver, por exemplo, seu trabalho sobre a pré-história do capital de Marx). No entanto, até mesmo seu estudo ponderado não está isento de fraquezas ao relativizar o derrotismo de Lênin nos casos em que uma Grande Potência poderia conquistar todo o país de seu rival.

436) Citado em Alfred Erich Senn: *A Revolução Russa na Suíça, 1914-1917*, University of Wisconsin Press, Londres, 1971, p. 33

437) Shklovsky relatou a partir do julgamento dos deputados bolcheviques à Duma: "Do depoimento do deputado Petrovsky no julgamento dos bolcheviques, foi revelado que essas teses também foram adotadas por sete das maiores preocupações em Petrogrado". Os editores acrescentam uma nota: "Na Rússia, essas teses foram mimeografadas e enviadas a várias grandes organizações partidárias. Aparentemente, elas foram discutidas e adotadas pelos trabalhadores de várias fábricas em Petersburgo durante a segunda metade de setembro de 1914; elas foram enviadas para Kamenev, em outubro elas foram discutidas em Moscou, de acordo com registros da polícia. Elas foram descobertas também em Baku .... Samoilov lembra que em meados de setembro de 1914, imediatamente

- após seu retorno do exterior, ele apresentou o ponto de vista do Mesa do Comitê Central no exterior em uma reunião de membros do partido em Ivanovo-Voznesensk* ". (ibid, p. 144)
- 438) V.I. Lênin: A Derrota do próprio Governo na Guerra Imperialista (1915); em: LCW 21, p.275
- 439) V. I. Lênin: A Guerra Européia e o Socialismo Internacional (1914); em: LCW 21, p. 20
- 440) V.I. Lênin: A Guerra e a Social-Democracia Russa (1914); em: LCW 21, p.34
- 441) V.I. Lênin e G. Zinoviev: Socialismo e Guerra (1915); em: LCW 21, p.299
- 442) V.I. Lênin: A Conferência do R.S.D.L.P. Grupos no Exterior (1915); em: LCW 21, p. 161
- 443) V.I. Lênin e G. Zinoviev: Socialismo e Guerra (1915), em: LCW 21, p.313
- 444) Citado em Lênin: Sämtliche Werke, Banda XVIII (Der imperialistische Krieg 1914-15), Verlag für Literatur und Politik, Wien 1929, p. 493 (nossa tradução) Veja também, por exemplo Olga Hess Fisher, H. H. Gankin: Os bolcheviques e a guerra mundial; a origem da terceira Internacional, Stanford University Press, Stanford 1940; Barbara C. Allen: Alexander Shlyapnikov, 1885-1937. Vida de um velho bolchevique, Haymarket Books, Chicago 2015, pp. 56-75; Alexander Shlyapnikov: Na véspera de 1917 (1923), <http://www.marxists.org/archive/shliapnikov/1923/eve1917/index.html>; W. Astrow, A. Sleprow, J. Thomas (Eds): Revolução Illustrierte Geschichte der Russischen 1917 (publicado em 1928, reimpresso por Verlag Neue Kritik, Frankfurt am Main 1970), pp. 73-82
- 445) Alexander Shlyapnikov: Na véspera de 1917 (1923)
- 446) Ver as notas históricas em W.I.Lênin: Sämtliche Werke Band XVIII, Wien-Berlim, 1929, p. 493. Este panfleto também é mencionado na lembrança de Shlyapnikov.
- 447) Leon Trotsky: Um passo em direção ao patriotismo social (1939), em: Escritos de Leon Trotsky, 1938-39, p. 209
- 448) Leon Trotsky: Guerra e a Quarta Internacional (1934); em: Trotsky Writings 1933-34, pp. 304-305 (Enfatize no original)
- 449) Gregory Zinoviev: Der Defaitismus "Früher und heute (1916); em: Lênin / Sinowjew: G. Sinowjew / V. I. Lênin: Gegen den Strom, Verlag der Kommunistischen Internationale, Hamburgo 1921, p. 442 (nossa tradução)
- 450) Gregory Zinoviev: Pazifismus oder Marxismus (Böse Folgen einer Losung.), Em: G. Sinowjew / V. I. Lênin: Gegen den Strom, Verlag der Kommunistischen Internationale, Hamburgo 1921, p. 119 (Em inglês: Pacifism or Marxism (As desventuras de um slogan), em: Spartacist English edition No. 64, Summer 2014, <http://www.icl-fi.org/english/esp/64/zinoviev.html>)
- 451) Citado em: Gregorij Sinowjew: Der Krieg und die Krise im Sozialismus, Verlag für Literatur und Kritik, Wien 1924, p. 475 (nossa tradução)
- 452) Citado em: Gregorij Sinowjew: Der Krieg und die Krise im Sozialismus, Verlag für Literatur und Kritik, Wien 1924, pp. 475-476 (nossa tradução). Veja também: Edgar Hardcastle: Socialistas e Guerra (sobre Boris Souvarine), Socialist Standard, agosto de 1932, [https://www.marxists.org/archive/hardcastle/1932/socialists\\_war.htm](https://www.marxists.org/archive/hardcastle/1932/socialists_war.htm)
- 453) Internacional Comunista: Teses sobre o Combate ao Perigo da Guerra (1922), em: Jane Degras: A Internacional Comunista 1919-1943. Documentos Volume I 1919-1922, p. 332
- 454) John West (James Burnham): Guerra e os Trabalhadores (1936), Panfleto do Partido dos Trabalhadores, <https://www.marxists.org/history/etol/writers/burnham/1936/war/index.htm>; veja também: Um Manifesto contra a Guerra Imperialista! O Comitê Executivo da Quarta Internacional (Partido Mundial da Revolução Socialista) setembro de 1938, em: Documentos da Quarta Internacional, Nova York 1973, p. 171-176

## **XIX. Derrotismo Revolucionário nos Conflitos entre os Estados Imperialistas: Componentes Programáticos (1)**

Vamos agora lidar com vários componentes do programa de derrotismo revolucionário que o CCRI defende nos conflitos inter-imperialistas.

### **Pela Independência da Classe Trabalhadora - Nenhum Apoio a Qualquer Grande Potência!**

O ponto de partida para qualquer orientação correta em um conflito entre os estados imperialistas deve ser a independência política da classe trabalhadora. Isto significa que os socialistas devem rejeitar o apoio ou para o seu próprio estado imperialista ou para qualquer outro estado imperialista. Em seu documento programático *“Seis Pontos para uma Plataforma da Unidade Revolucionária Hoje”*, o CCRI resumiu a posição marxista da seguinte forma:

*“Só é possível entender a dinâmica motriz do atual período de crise capitalista e tomar uma posição correta se reconhecermos o caráter imperialista não apenas dos EUA, UE e Japão, mas também das novas potências emergentes, Rússia e China. Somente com base nisso é possível chegar ao único programa anti-imperialista correto sobre esta questão - internacionalismo proletário e derrotismo revolucionário, ou seja, a perspectiva de luta consistente da classe trabalhadora independente de e contra todas as potências imperialistas. Isto significa que os revolucionários se recusam a apoiar qualquer Grande Potência nos conflitos inter-imperialistas sob o slogan “O principal inimigo está em casa!” (...) Aqueles que não reconhecerem o caráter reacionário e imperialista destas Grandes Potências inevitavelmente falharão em tomar uma linha consistente anti-imperialista, ou seja, marxista, e acabará, consciente ou inconscientemente, apoiando um ou outro campo imperialista como um “mal menor.” [455]*

Esta linha está de acordo com a linha de classe como Lenin e os bolcheviques elaboraram durante a Primeira Guerra Mundial. Em *Socialismo e Guerra*, um de seus principais panfletos que publicaram pouco antes da primeira conferência internacional contra a guerra imperialista em Zimmerwald, em setembro de 1915, os líderes bolcheviques enfatizaram que a classe trabalhadora deve se opor a sua própria Grande Potência, assim como a qualquer outra Grande Potência. [456]

*“Social-chauvinismo é defesa da ideia de “defesa da pátria” na presente guerra. Essa ideia logicamente leva ao abandono da luta de classes durante a guerra, ao voto por créditos de guerra, etc. Na verdade, os social-chauvinistas estão perseguindo uma política burguesa anti-proletária, pois eles estão na verdade defendendo, não “a defesa da pátria”, no sentido de combater a opressão estrangeira, mas o “direito” de uma ou outra das “Grandes” Potências de saquear colônias e oprimir outras nações. Os social-chauvinistas*

*reiteram a mentira burguesa ao povo de que a guerra que está sendo travada é para proteger a liberdade e a existência das nações, assim tomando partido da burguesia contra o proletariado. Entre os social-chauvinistas estão aqueles que justificam e embelezam os governos e a burguesia de um dos grupos das potências beligerantes, bem como aqueles que, como Kautsky, argumentam que os socialistas de todas as potências beligerantes têm igual direito a “defender a pátria”. “O social-chauvinismo, que é, na prática, defesa dos privilégios, das vantagens, do direito de pilhagem e pilhagem da própria burguesia imperialista (ou de qualquer outra) é a traição total de todas as convicções socialistas e da decisão do Congresso Socialista Internacional de Basileia.” [457]*

Tal posição deve ser tomada também hoje. No entanto, como elaboramos acima, isso só é possível se formos capazes de reconhecer corretamente o caráter de classe não apenas das antigas potências imperialistas (EUA, UE e Japão), mas também das novas emergentes (China e Rússia). Sem esse reconhecimento, qualquer organização inevitavelmente entrará no pântano social-chauvinista.

## **A Luta contra o Chauvinismo**

A luta contra o imperialismo e o militarismo não é aquela que começa apenas quando tiros são disparados entre as Grandes Potências. É um combate que está organicamente relacionado à luta total contra a classe dominante. Assim, como Trotsky observou uma vez, requer uma consciência política completamente internacionalista e anti-chauvinista da vanguarda dos trabalhadores, em primeiro lugar, e, eventualmente, a maioria do proletariado: *“A luta contra a guerra é inseparável da luta de classes do proletariado. A consciência de classe irreconciliável é a primeira condição para uma luta bem-sucedida contra a guerra.”* [458]

A luta contra a guerra está intimamente relacionada com a luta política contra todas as formas de chauvinismo ideológico, contra o ódio aos refugiados, contra a opressão nacional aos migrantes, contra o belicismo dirigido aos rivais imperialistas etc. Em outras palavras, a luta contra o imperialismo e o militarismo deve ser uma parte orgânica do trabalho político diário de qualquer organização revolucionária.

De fato, vemos nos últimos anos uma onda maciça de chauvinismo em todas as Grandes Potências. Esse chauvinismo é, antes de tudo, dirigido contra migrantes e minorias nacionais. Tem havido um enorme aumento do chauvinismo anti-migrante nos EUA, Europa Ocidental e Rússia nos últimos anos, resultando tanto no aumento da repressão estatal assim como das forças racistas de direita e fascistas (principalmente dirigidas contra os latinos e negros nos EUA, migrantes muçulmanos na Europa Ocidental e na Rússia e, no caso da carta, também contra as minorias nacionais no Cáucaso). Na China, atualmente existem poucos migrantes do exterior porque há uma vasta oferta de “migrantes internos” (como explicamos acima). No entanto, Pequim está instigando o chauvinismo contra suas minorias nacionais - em especial os muçulmanos uigures no Turquestão Oriental (ou Xinjiang, como a província é oficialmente

chamada pelas autoridades chinesas). [459] O Japão, historicamente o mais isolado de todas as Grandes Potências com quase nenhum migrante e com apenas uma pequena minoria coreana, tem tradicionalmente muita xenofobia (o que provocará tensões políticas internas, dada a necessidade da classe capitalista de importar mão-de-obra imigrante barata no próximo período.) [460]

No entanto, o chauvinismo das Grandes Potências é também cada vez mais dirigido contra os rivais imperialistas. Veja, por exemplo, a histeria anti-russa nos EUA e na UE - em especial desde os acontecimentos na Ucrânia em 2014 e ainda mais desde as eleições presidenciais dos EUA em 2016 e o ataque venenoso a Sergei Skripal, um ex-oficial militar russo agente duplo para os serviços de inteligência do Reino Unido. [461]

Da mesma forma, vemos uma campanha cada vez mais agressiva nos velhos estados imperialistas contra a China. Acusando-o de se esforçar para controlar as tecnologias modernas e espionar os sistemas de comunicação ocidentais. [462] Vice-versa, o Estado russo toma medidas contra várias ONGs sob o pretexto de que elas atuam como "agentes estrangeiros". O chauvinista faz campanhas na China e no Japão em torno do conflito sobre as ilhas Senkaku / Diaoyu em o Mar da China Oriental [463] ou as campanhas chauvinistas contra o pano de fundo da iminente Guerra do Comércio Global são outros exemplos.

Lênin enfatizou que os reformistas e centristas geralmente subestimam as dificuldades de lutar contra a guerra imperialista. Eles imaginam que uma vez que a guerra começa, eles possam organiza greves ou outras ações em massa para detê-la. Em suas anotações para a delegação comunista em um congresso internacional organizado por sindicatos reformistas em Haia, no final de 1922, Lênin explicou que isso é uma ilusão total.

*"Sobre a questão do combate ao perigo da guerra, em conexão com a Conferência de Haia, acho que a maior dificuldade está em superar o preconceito de que se trata de uma questão simples, clara e comparativamente fácil. "Vamos retaliar a guerra por uma greve ou revolução" - é o que todos os proeminentes líderes reformistas costumam dizer à classe trabalhadora. E muitas vezes a aparente radicalidade das medidas propostas satisfaz e apazigua os trabalhadores, cooperadores e camponeses. Talvez o método mais correto seja começar com a refutação mais aguda dessa opinião; declarar que, especialmente agora, após a recente guerra, somente as pessoas mais tolas ou totalmente desonestas podem afirmar que tal resposta à questão do combate à guerra é de alguma utilidade; declarar que é impossível "retaliar" a guerra com uma greve, assim como é impossível "retaliar" a guerra pela revolução no sentido simples e literal desses termos. Devemos explicar a situação real às pessoas, mostrar-lhes que a guerra é idealizada no maior sigilo e que as organizações operárias comuns, mesmo que se chamem de organizações revolucionárias, são totalmente incapazes diante de uma guerra realmente iminente. (...) Devemos nos esforçar especialmente para explicar que a questão da "defesa da pátria" inevitavelmente surgirá, e que a esmagadora maioria dos trabalhadores inevitavelmente a decidirá em favor de sua burguesia."* [464]

Uma das consequências dessa avaliação, além de preparar o partido revo-

lucionário e seus quadros para trabalhar em condições ilegais, ou seja, para o trabalho clandestino, é a necessidade da preparação *política* da vanguarda dos trabalhadores e da classe trabalhadora como um todo. Tal preparação *política* requer uma educação completamente internacionalista e anti-chauvinista da classe trabalhadora. Os revolucionários devem combater qualquer pensamento de que a pátria seria a pátria dos trabalhadores. Eles têm que explicar que a pátria é “possuída” e controlada por uma pequena minoria de capitalistas ladrões. Esses bandidos exploram “nós, os revolucionários, e eles, os trabalhadores” - ou seja, os trabalhadores nativos, os trabalhadores migrantes e trabalhadores no exterior. É por isso que os trabalhadores dos países imperialistas não devem defender a pátria dos patrões. Somente se os trabalhadores expropriam e expulsam os exploradores, somente se eles tomam o poder, somente então a pátria se torna “sua” pátria, somente então se torna legítimo, de fato necessário, defender a pátria. Esta linha, este espírito, deve ser um fio comum constante na propaganda e agitação dos revolucionários nos países imperialistas!

Notamos, de passagem, que a oposição marxista contra a ameaça vazia de anarquistas, bem como os oportunistas de “*retaliar a guerra por uma greve ou uma revolução*” foi distorcida por vários centristas, a fim de justificar a sua oposição contra a organização de quaisquer atividades de greve contra as guerras imperialistas. No entanto, na verdade, Lênin e os bolcheviques só se opuseram à seguinte ideia específica: a de ameaçar organizar uma greve geral apenas quando uma grande guerra imperialista começou. Eles o fizeram corretamente porque, em tal situação, no início de uma grande guerra com todas as grandes mobilizações da opinião pública burguesa e da repressão do Estado, seria muito tarde organizar uma greve geral. No entanto, os marxistas não se opuseram a organizar greves e ataques gerais contra o militarismo e a guerra, ou seja, *antes* que uma guerra inter-imperialista tão grande fosse iniciada (ou também durante uma guerra tão grande como na Rússia, Alemanha). e a Áustria em 1916-18 ou na Itália na primavera de 1943).

Durante o período em que a Internacional Comunista seguia um caminho revolucionário, ela codificou essa abordagem em sua declaração programática mais importante sobre a questão da guerra imperialista (que já mencionamos acima). Entre os meios decisivos na luta contra a guerra, o Comintern defendia: “*Fortalecer a vontade revolucionária das massas mais amplas de lutar contra a eclosão da guerra imperialista por manifestações de rua, greves gerais, revoltas armadas.*” [465]

Neste espírito, por exemplo, a delegação sindical soviética no congresso internacional anti-guerra em Haia, em dezembro de 1922, propôs organizar uma campanha antimilitarista internacional, incluindo uma greve geral internacional de protesto de 24 horas. [466]

Lênin explicou, ao discutir o dever dos marxistas nos países imperialistas, que é obrigatório apoiar incondicionalmente o direito de autodeterminação da nação oprimida. Ele enfatizou que a importância disso não é apenas por causa da natureza legítima da luta de libertação das nações oprimidas, mas também

por causa da necessidade de educar a classe trabalhadora nativa das Grandes Potências no espírito do internacionalismo, do anti-chauvinismo.

*“O importante não é se um quinto ou um centésimo das pequenas nações são libertadas antes da revolução socialista, mas o fato de que na época do imperialismo, devido a causas objetivas, o proletariado foi dividido em dois campos internacionais, um dos quais foi corrompido pelas migalhas que caem da mesa da burguesia da nação dominante - obtido, entre outras coisas, da exploração dupla ou tripla de pequenas nações - enquanto o outro não pode libertar-se sem libertar as pequenas nações, sem educar as massas em um espírito anti-chauvinista, isto é, anti-anexacionista, isto é, “autodeterminacionista”. [467]*

A mesma ideia foi defendida por Trotsky, como ele explicou em suas famosas teses *A Guerra e a Quarta Internacional*, publicadas em 1934: *“Um ‘socialista’ que prega a defesa nacional é um reacionário pequeno-burguês a serviço do capitalismo decadente. Não se ligar ao estado nacional em tempo de guerra, não seguir o mapa de guerra, mas o mapa da luta de classes, é só possível para partido que já declarou guerra irreconciliável ao estado nacional em tempo de paz. Somente percebendo plenamente o papel objetivamente reacionário do Estado imperialista é que a vanguarda proletária se torna invulnerável a todos os tipos de patriotismo social. Isso significa que uma ruptura real com a ideologia e a política de “defesa nacional” só é possível do ponto de vista da revolução proletária internacional.” [468]*

De fato, pode-se generalizar esse importante pensamento dos líderes da revolução socialista de outubro. Os revolucionários são obrigados a utilizar *todas* essas questões relacionadas à defesa da pátria imperialista - das guerras coloniais, pilhagem financeira de países semicoloniais, fechamento da fronteira para refugiados, discriminação de migrantes, “leis antiterroristas”, islamofobia, guerras comerciais, patriotismo contra rivais imperialistas, etc. - para educar as massas populares no espírito do anti-chauvinismo, do internacionalismo proletário, da solidariedade internacional da classe operária.

Além disso, a questão da luta consistente contra todas as formas de chauvinismo, anti-imperialismo em palavras e ações, é também um critério decisivo para avaliar a verdadeira natureza política das organizações do movimento operário. Os revolucionários têm de julgá-los - são combatentes honestos contra a classe dominante imperialista, são oportunistas vacilantes ou são lacaios social-imperialistas da burguesia - examinando suas posições sobre todas essas questões de política interna e externa do imperialismo.

Trotsky enfatizou, nas mesmas teses citadas acima, a importância de tal teste para qualquer organização socialista: *“Ao mesmo tempo, é necessário seguir atentamente a luta interna no campo reformista e atrair, com o tempo, os agrupamentos socialistas de esquerda desenvolvendo-os para a revolução, para a luta contra a guerra. O melhor critério das tendências de uma determinada organização é a sua atitude na prática, em ação, em direção à defesa nacional e às colônias, especialmente naqueles casos em que a burguesia de um determinado país possui escravos coloniais. Só uma ruptura completa e real com a opinião pública oficial sobre a questão mais candente da*

*“defesa da pátria” significa uma virada, ou pelo menos o começo de uma mudança de posições burguesas para posições proletárias. A abordagem das organizações de esquerda desse tipo deve ser acompanhada de críticas amigáveis a toda indecisão em sua política e por uma elaboração conjunta de todas as questões teóricas e práticas da guerra.” [469]*

## Mudanças nas Condições e suas Consequências

Essa educação política constante da classe trabalhadora e das massas populares é ainda mais importante hoje pelas seguintes razões. Primeiro, a classe dominante aumentou suas já enormes possibilidades de manipular a classe trabalhadora e as massas populares. Como subproduto do desenvolvimento das forças produtivas, o volume da mídia e sua presença cotidiana também aumentaram enormemente - especialmente nos países imperialistas. A expansão da TV e da internet, sua presença não só em casa e no trabalho, mas também nos transportes públicos e shoppings, nas mídias sociais, no uso generalizado de smartphones, etc., tudo isso dá à burguesia a oportunidade de expor as pessoas com um fluxo permanente de manipulação ideológica em torno do relógio. Há 100 anos, os trabalhadores foram expostos à propaganda do proprietário de escravos uma vez por semana, quando visitavam a igreja ou a mesquita onde o padre ou o imane (sacerdote muçulmano) lecionavam as pessoas em questões instruídas pelas autoridades religiosas ou estatais. Hoje, os trabalhadores e jovens estão expostos às manipulações ideológicas da classe dominante, trabalhadas 24 horas todos os dias e sete dias por semana. Agora, não é tanto o padre ou o imã, mas as miríades de estrelas da mídia anônimas, “influenciadores”, “especialistas” e, é claro, os políticos oficiais e seus lacaios que estão realizando o tratamento ideológico do povo.

Há numerosos exemplos que demonstram como a classe dominante e as forças reacionárias são capazes de utilizar as mídias sociais para manipular as massas populares. A disseminação de “notícias falsas” sobre “refugiados criminosos” por forças racistas reacionárias na Europa, as campanhas demagógicas da campanha de direita de Bolsonaro durante as eleições presidenciais no Brasil, ou pelos Assadistas (defensores de Assad) e Putinistas (defensores de Putin) contra a Revolução Síria, são apenas alguns exemplos.

Lênin já chamou a atenção para o fato de que as massas populares estão enfrentando uma rede maciça de instituições, ideologias, tradições, etc., o que torna impossível para elas enxergar espontaneamente tudo isso e reconhecer sua posição de classe e as tarefas correspondentes. Tal reconhecimento pelas massas requer a ajuda dos marxistas organizados.

*“Os democratas pequeno-burgueses, seus principais representantes atuais, os socialistas e os social-democratas, estão sofrendo de ilusões quando imaginam que o povo trabalhador é capaz, sob o capitalismo, de adquirir o alto grau de classe. consciência, firmeza de caráter, percepção e visão política ampla que lhes permitirão decidir, simplesmente por meio de votação, ou em qualquer caso, decidir antecipadamente, sem longa*



*experiência de luta, que seguirão uma determinada classe, ou uma determinada parte. É uma mera ilusão. É uma história sentimental inventada por pedantes e socialistas sentimentais do tipo Kautsky, Longuet e MacDonald. O capitalismo não seria o capitalismo se, por um lado, não condenasse as massas a um estado de existência oprimido, esmagado e aterrorizado, à desunião (com relação aos camponeses!) E à ignorância, e se o (capitalismo) e, por outro lado, não seria capitalismo se não colocasse nas mãos da burguesia um aparato gigantesco de falsidade e engano para enganar as massas de trabalhadores e camponeses, para estupidificar suas mentes, e assim por diante.” [470]*

É claro que, como marxistas, sempre reconhecemos as contradições internas de todos os fenômenos. A presença expandida da internet e das mídias sociais não pode ser usada apenas pela classe dominante, mas também pela classe trabalhadora e pelos oprimidos. E, como podemos ver em vários protestos (mais recentemente os protestos dos *Coletes Amarelos* na França [471]), esses meios de comunicação têm sido efetivamente usados para organizar manifestações e contra-mobilizações em curto prazo.

No entanto, ao contrário dos ideólogos pequeno-burgueses que imaginam que a “internet é livre”, no mundo real os meios de produção, bem como os meios de comunicação, são geralmente de propriedade e controlados pela classe dominante. O estrito controle estatal da China sobre sua internet, o crescente número de censuras no Facebook, Twitter, etc. - tudo isso reflete que a idéia de que a internet e as mídias sociais existiriam no vácuo fora do controle capitalista é uma pura ilusão.

Isso não significa que os ativistas socialistas não devam usar o máximo possível da internet e das mídias sociais. Primeiro, fazer tal uso sem censura ainda é possível em muitos países. Em segundo lugar, mesmo que esses meios sejam censurados, será necessário utilizá-los de maneira semelhante, pois os revolucionários fazem uso de limitadas possibilidades legais em uma semi-ditadura (como, por exemplo, os bolcheviques assim fizeram na Rússia czarista depois de 1905 publicando documentos como o *Pravda* ou utilizando a Duma do Estado como uma tribuna de propaganda revolucionária). Em terceiro lugar, as organizações revolucionárias têm que fazer uso de ativistas tecnicamente qualificados que podem contornar o controle capitalista da mídia e utilizá-los de forma ilegal (ou seja, uma versão do século 21 de impressão ilegal de papel por revolucionários em países governados por uma ditadura - como os bolcheviques). quando eles produziram o *Sotsial-Democrata* ou o *Proletário ou os trotskistas* franceses durante a Segunda Guerra Mundial quando produziram *La Vérité* com a ajuda de uma gráfica underground). [472]

Uma outra razão para a crescente importância da constante educação política da classe trabalhadora e das massas populares reside na natureza mutável da guerra. O desenvolvimento das forças produtivas também resultou na enorme modernização de tecnologias militares. Este não é o lugar para discutir essa importante questão em detalhes. É suficiente dizer que aviões, satélites, drones, internet, etc. desempenham um papel cada vez mais dominante na guerra

militar.

Por um lado, isso torna os militares menos dependentes dos soldados (e, portanto, do potencial risco do colapso de sua moral patriótica). Por outro lado, esse desenvolvimento torna os militares muito mais dependentes da indústria e das pessoas que produzem os segmentos necessários para o equipamento militar, ou seja, a classe trabalhadora. Daí se segue, mais uma vez, que a luta contra o imperialismo e o militarismo não deve se limitar ao próprio exército, mas sim começar já na fábrica.

Victor Serge, um revolucionário militante e trotskista (um dos poucos que conseguiu escapar do Gulag de Stálin em 1935), já chamou a atenção para esse desenvolvimento em um artigo ponderado publicado em 1926: *“A própria técnica da guerra torna cada vez mais difícil sustentar a distinção entre combatentes e não combatentes. Na última guerra havia - acredito - atrás de cada artilheiro da trincheira, cinco soldados ou trabalhadores absorvidos pelo trabalho industrial e pela organização do massacre. O número de trabalhadores por trás dos combatentes, sem dúvida, crescerá com a mecanização adicional do abate. A guerra é travada agora na fábrica, mais do que no campo de batalha. Um é o prolongamento do outro. É a fábrica que determina o valor dos soldados e o talento dos oficiais que estão a seu serviço. Deste fato, segue-se que os centros industriais são mais que fortalezas, os pontos vulneráveis de um país, são os próprios lugares onde cada lado procurará aterrar seu golpe mortal. Uma boa mobilização industrial é a condição subjacente da operação militar. Conclusão: a guerra começará com a mobilização de toda a nação. De fato, a vida de todo o proletariado estará ameaçada porque o desenvolvimento da aviação e das armas químicas possibilitará ao inimigo atingir seu objetivo, a destruição dos centros industriais. (...) Nas guerras futuras, a mobilização da retaguarda terá tanta importância quanto a das próprias tropas. Tudo está arranjado. Com cada fábrica, cada oficina tem sua tarefa; cada homem sua função. Nenhuma máquina é omitida dos inventários. Na preparação da máquina, é evidente que o aparato de coerção dará o primeiro golpe.”* [473]

Hoje, quase um século depois, essa observação é cem vezes mais relevante. A maquinaria de guerra imperialista depende da produção de metal, bem como do computador, dos tanques, das aeronaves (incluindo todos os componentes individuais) e da Internet. A luta contra o imperialismo e o militarismo pode e deve ser conduzida em todos os locais de trabalho, na internet, etc.!

## **A Crise Moral nos Países Ocidentais Imperialistas**

Finalmente, temos repetidamente chamado a atenção para o importante desenvolvimento do declínio do apoio das massas populares nos países imperialistas para as aventuras militares no exterior. A decadência do imperialismo se reflete, entre outros, no fato de que o estado capitalista não é mais capaz de manipular as massas a tal ponto que elas não mais se identificam totalmente com os objetivos da classe dominante e não estão prontas para fazer sacrifícios em uma guerra.

Isso levou à situação em que os imperialistas estão determinados a limitar as perdas de vidas entre seus exércitos o máximo possível. Isto é provado pelo fato de que os EUA foram forçados a retirar a maior parte de suas tropas do Afeganistão e do Iraque, apesar do fato de que suas perdas foram muito menores do que durante a Guerra do Vietnã ou a Guerra da Coréia de 1950-53. Segundo dados oficiais do Pentágono, os militares dos EUA perderam 4.423 soldados no Iraque entre 2003 e 2010 e 2.216 soldados no Afeganistão entre 2001 e 2014. [474] É verdade que estes são os números oficiais e é bem possível que subestimem os números reais. Mas podemos dar como certo que as diferenças não serão tão grandes, já que vários documentos sobre as baixas na Guerra do Iraque foram publicados pelo Wikileaks e não indicam um número diferente.

Outro exemplo é a Rússia. Já na primeira guerra na Chechênia, em 1994-96, pôde-se observar a baixa moral dos soldados russos. Isso resultou na situação de que os guerrilheiros chechenos foram capazes de derrotar o exército russo, apesar do fato de que o exército russo era cerca de dez vezes mais forte em número (cerca de 70.000 soldados) do que o lado checheno. [475] Ainda hoje O regime de Putin, que está em uma posição muito mais forte do que o seu antecessor, Yeltsin, nos anos 90, é cauteloso em evitar muitas perdas de vidas em sua intervenção militar na Síria. Como resultado, Moscou terceiriza muitas tarefas militares para mercenários como o de Contratados Militares Privados *Grupo Wagner*. [476]

Até mesmo o estado colonizador de Israel enfrenta uma crise moral. Perdeu a guerra no Líbano contra o Hezbollah no verão de 2006, apesar do fato de que apenas 122 soldados israelenses foram mortos (de um total de 30 mil soldados enviados ao campo de batalha). Ou compare o resultado da mais recente Guerra de Gaza em 2014, quando Israel não conseguiu derrotar o Hamas, apesar do fato de apenas 73 israelenses (67 deles soldados) terem morrido, enquanto mais de 2.300 palestinos (a maioria civis) foram mortos!

Estes desenvolvimentos refletem o fato de a classe trabalhadora nos países imperialistas não identifica o seu estado com qualquer grande ideia e, por isso, não estão preparados para fazer sacrifícios por isso. Victor Serge, no artigo mencionado acima, já apontou: *“Você não pode levar as massas a cometer assassinato sem justificá-lo por grandes ideias.”* [477]

Isto é evidentemente diferente do povo oprimido que luta contra os agressores imperialistas e tirânicos. Eles lutam contra a ocupação e a ditadura e estão preparados para fazer muitos sacrifícios por esse objetivo. Há um famoso ditado entre os chamados Jihadistas Islâmicos: *“Nós amamos a morte como você ama a vida!”* De fato, quantas pessoas nos estados imperialistas estão preparadas para dar a vida pelo “seu” país?! Compare isso com o incrível heroísmo do povo que luta pela liberdade na Palestina, Síria, Afeganistão, Chechênia, Caxemira, etc.!

Pode-se objetar que isso seria uma questão religiosa e que somente os muçulmanos estariam preparados para fazer tais sacrifícios. mas isso não é verdade. Há também numerosos exemplos de pessoas não-muçulmanas que estavam

prontas para fazer enormes sacrifícios em sua luta pela libertação. Tomemos por exemplo os trabalhadores e camponeses russos que defenderam com sucesso sua pátria revolucionária contra os reacionários Exércitos Brancos e contra os invasores imperialistas estrangeiros na guerra civil de 1918-21. Da mesma forma, o exército soviético e os partidários da Europa Oriental e dos Bálcãs lutaram heroicamente contra os ocupantes nazistas em 1941-45. O mesmo poderia ser observado no Vietnã contra os invasores americanos em 1965-75 em que cerca de um milhão de vietnamitas foram mortos! Ou tomemos como exemplo o povo tâmil no Sri Lanka que defendeu sua pátria com sucesso por um quarto de século contra um inimigo numericamente superior até que sofreu uma derrota sangrenta em 2009. (Os “Tigres Tâmil” tinham uma ala especial para operações suicidas contra o exército do Sri Lanka, os chamados “Tigres Negros”).

Em resumo, as sociedades imperialistas decadentes, que são estados ladrões, podem absorver *muito menos golpes* do que as pessoas oprimidas que lutam por uma causa justa! Os revolucionários nos estados imperialistas podem utilizá-lo para ajudar a luta dos oprimidos, minando ainda mais a “moral” chauvinista entre o povo e defendendo a solidariedade internacionalista.

Naturalmente, essa tarefa faz parte de um objetivo mais amplo - a educação política da classe trabalhadora no espírito de solidariedade internacional, no espírito do anti-chauvinismo e à ruptura com qualquer Grande Potência. Este é o verdadeiro significado das famosas palavras do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels - “*Os trabalhadores não têm pátria.*” É nesse espírito que os socialistas se opõem resolutamente a todas as formas de chauvinismo imperialista que estão a incentivar o ódio de um povo contra o outro. Esse belicismo visa a envenenar a consciência do povo trabalhador e, portanto, deve-se lançar uma campanha determinante contra qualquer forma de apoio político ou ideológico a qualquer Grande Potência - seja sua própria burguesia imperialista ou burguesia imperialista estrangeira - e os socialistas devem explicar a necessidade de os trabalhadores romperem com *todas as formas de identificação política e ideológica com o estado nacional imperialista.*

### Notas de rodapé

455) CCRI: Seis pontos Para uma Plataforma de Unidade Revolucionária hoje. Proposta da Tendência Internacional Revolucionária Comunista (RCIT), fevereiro de 2018, <https://www.thecommunists.net/rcit/6-points-for-a-platform-of-revolutionary-unity-today/>

456) Sobre o Movimento Zimmerwald e, em particular, a Esquerda de Zimmerwald, liderada por Lenin, ver, e. John Riddell, *Luta de Lenin por uma Internacional Revolucionária*, Nova York: Pathfinder, 1984; R. Craig Nation, *Guerra à Guerra*, Duke University Press, Durham 1989; Olga Hess Fisher, H. H. Gankin: *Os bolcheviques e a guerra mundial; a origem da terceira Internacional*, Stanford University Press, Stanford 1940; Ian D. Thatcher: *Leon Trotsky e Primeira Guerra Mundial*, agosto de 1914 a fevereiro de 1917, Macmillan Press Ltd, Londres 2000 (Capítulo 4); Alfred Erich Senn: *A Revolução Russa na Suíça, 1914-1917*, Universidade de Wisconsin Press, Londres, 1971; Akito Yamanouchi: “*Bolchevismo Internacionalizado*”: *Os Bolcheviques e a Internacional, 1914-1917*, em: *Acta Slavica Iaponica Vol.7* (1989), pp. 17-32; Horst Lademacher: *Die Zimmerwalder*

Bewegung. Vol. 1 e 2, Den Haag 1967; Jules Humbert-Droz: Der Krieg und die Internationale. Die Konferenzen von Zimmerwald e Kienthal, Viena, 1964; Angelica Balabanova: Die Zimmerwalder Bewegung 1914-1919. Hirschfeld, Leipzig 1928; Arnold Reisberg: Lênin und die Zimmerwalder Bewegung. Berlin, 1966

457) G. Zinoviev / V. I. Lenin: Socialismo e Guerra (1915); em: LCW Vol. 21, pp. 306-307 (nossa ênfase)

458) Leon Trotsky: Como Lutar contra a Guerra (1937), em: Trotsky Writings 1937-38, p. 54

459) Veja por exemplo Michael Pröbsting: China: Defenda os muçulmanos uigures contra a opressão! 18.10.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/china-defend-the-muslim-uyghurs-against-oppression/>

460) William Pesek: O Japão de Abe tenta um conceito decididamente estrangeiro, 19 de novembro de 2018 <http://www.atimes.com/article/abes-japan-tries-a-decidedly-foreign-concept/>

461) Veja nesta CCRI a literatura mencionada na subseção especial em nosso site: <https://www.thecommunists.net/theory/china-russia-as-imperialist-powers/>. Em particular, nos referimos ao nosso panfleto de Michael Pröbsting: A Revolta no Leste da Ucrânia e o Imperialismo Russo. Uma análise dos recentes desenvolvimentos na guerra civil ucraniana e suas conseqüências para as táticas revolucionárias, 22 de outubro de 2014, <https://www.thecommunists.net/theory/ukraine-and-russian-imperialism/>; ver também as duas declarações conjuntas do CCRI e do MGKP (Rússia): Escalada Militar entre a Rússia e a Ucrânia no Estreito de Kerch. Abaixo o belicismo reacionário em ambos os lados! 28 de novembro de 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/military-escalation-between-russia-and-ukraine-at-the-kerch-strait/> e abaixo com imperialista belicismo de todos as grandes potências! Ataque à Síria, Tarifas Protecionistas e envenenamento por Salisbury: Contra toda agressão diplomática, econômica e militar imperialista! Nos EUA, UE, Rússia e China: o principal inimigo está em casa! Apoie as lutas de libertação democrática e nacional dos povos oprimidos! 13.04.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/syria-down-with-imperialist-warmongering-of-all-great-powers/>

462) Veja por exemplo Yukon Huang: Opinião: Guerra comercial da China com EUA é sobre domínio tecnológico, 16 de maio de 2018 <https://www.caixinglobal.com/2018-05-16/opinion-chinas-trade-war-with-us-is-about-dominancia-tecnologico-101250670.html>; Gordon Watts: apreensão de Meng e reclamações da Huawei ilustram o dilema da alta tecnologia da China, 12 de dezembro de 2018 <http://www.atimes.com/article/meng-arrest-and-huawei-claims-illustrate-chinas-high-tech-dilemma/>; Joanna Plucinska, Anna Koper: Polônia detém duas supostas acusações de espionagem, incluindo funcionário da Huawei, 11 de janeiro de 2019, <https://www.reuters.com/article/us-poland-security/poland-arrests-two-over-spying-alegacoes-incluindo-huawei-employee-idUSKC-N1P50RN>; David Hutt: Olho nos EUA, a Europa parece desconfiada da Huawei, 14 de janeiro de 2019 <http://www.atimes.com/article/eye-on-us-europe-looks-askance-at-huawei/>

463) Veja neste Michael Pröbsting: Não ao fanfarrão chauvinista do imperialismo japonês e chinês! 23.9.2012, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/no-war-between-china-and-japan/>

464) V. I. Lênin: Notas sobre as tarefas de nossa delegação na Haia (1922), em: LCW vol. 33, pp. 447-448

- 465) Internacional Comunista: Teses sobre a Luta contra o Perigo da Guerra (1922), em: Jane Degras: A Internacional Comunista 1919-1943. Documentos Volume I 1919-1922, p. 332
- 466) Veja por exemplo Autorenkollektiv: Studien zur Geschichte der Kommunistischen Internationale, Dietz Verlag, Berlin, 1974, pág. 101
- 467) V. I. Lênin: A discussão sobre a autodeterminação resumida (1916); em: CW vol. 22, p.343
- 468) Leon Trotsky: Guerra e a Quarta Internacional (1934), em: Trotsky Writings 1933-34, p. 305
- 469) Leon Trotsky: Guerra e a Quarta Internacional (1934), em: Trotsky Writings 1933-34, p. 328
- 470) V.I.Lênin: As Eleições da Assembléia Constituinte e a Ditadura do Proletariado, em: LCW 30, pp. 266-267
- 471) Veja isto e. CCRI: França: Defenda o Movimento “Coletes Amarelos” contra a Repressão do Estado! 03.12.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/france-defend-the-yellow-vests-movement-against-state-repression/>
- 472) Sobre a experiência dos trotskistas franceses na Segunda Guerra Mundial ver e. Yvan Craipeau: Nadando contra o córrego. Trotskistas na Alemanha Ocupada França, Merlin Press, Pontypool 2013
- 473) Victor Serge: Novos Aspectos do Problema da Guerra (agosto de 1926), <https://www.marxists.org/archive/serge/1926/08/war.htm>
- 474) Departamento de Defesa dos EUA: Status da vítima a partir das 10:00 da manhã em 21 de novembro de 2018, <https://dod.defense.gov/News/Casualty-Status/>
- 475) Veja por exemplo Tropas russas para fora! Autodeterminação da Chechênia! Declaração Conjunta da Liga para a Internacional Comunista Revolucionária (LRCI) e a Facção Trotskista, 30.06.1996, <https://www.thecommunists.net/theory/freedom-for-chechnya/>; Onde fica o RCIT em relação à ocupação russa da Chechênia? <https://www.thecommunists.net/theory/russia-and-chechnya/>
- 476) TASS: Rússia perdeu 112 militares ao longo de três anos de operação contra o terror na Síria - MP, 30 de setembro de 2018, <http://tass.com/defense/1023714>
- 477) Victor Serge: Novos Aspectos do Problema da Guerra (agosto de 1926), <https://www.marxists.org/archive/serge/1926/08/war.htm>

## XX. Derrotismo Revolucionário nos Conflitos entre os Estados Imperialistas: Componentes Programáticos (2)

A tarefa de educar e preparar a classe trabalhadora para o período que se aproxima com chauvinismo raivoso não é nem deve ser uma tarefa puramente literária. Deve ser implementado em relação a vários aspectos concretos e práticos da luta política.

### O Problema das Sanções de uma Grande Potência Contra A Outra

Uma forma de rivalidade inter-imperialista são as sanções impostas por uma Grande Potência (ou um grupo de Grandes Potências) contra outra (ou outro grupo de Grandes Potências). Atualmente, tais sanções foram impostas pelos EUA e pela União Europeia contra a Rússia desde a anexação da Criméia e o início da guerra civil no leste da Ucrânia. Em resposta, a Rússia retaliou com sanções.

Vimos desenvolvimentos semelhantes no período anterior à Segunda Guerra Mundial. Por exemplo, a *Liga das Nações* (a organização predecessora das *Nações Unidas* dominadas pelo imperialismo) impôs sanções econômicas contra a Itália fascista após a invasão da Etiópia pela segunda vez em 1935.

Os socialistas têm de se opor a todo tipo de sanções contra os rivais imperialistas. Naturalmente, não o fazemos por solidariedade com a Grande Potência afetada por tais sanções. Nós nos opomos a elas porque elas são um instrumento de agressão econômica, de guerra imperialista por meios não-militares. As sanções imperialistas contra os rivais são o primeiro passo para a agressão militar. Elas servem para manipular ideologicamente a população doméstica, mobilizá-los em favor da Grande (s) Grande (s) Potência (s) e para eliminar a hostilidade contra a sua própria potência ou sua rival.

Os trotskistas norte-americanos alertaram adequadamente em um panfleto publicado em 1936, à luz da invasão da Itália na Etiópia e das sanções resultantes da Liga das Nações contra a Itália, contra os perigos do apoio a tais sanções imperialistas: *“Mas as sanções são medidas de guerra. Elas incluem a retirada do crédito financeiro, embargos ao comércio, várias formas de boicote. Para aplicá-las genuinamente exigiria um bloqueio do país contra o qual as sanções foram invocadas. O provável, quase certo resultado de tal bloqueio, como a história tem provado tantas vezes, é a guerra - já que a nação bloqueada não pode aceitar pacificamente tal medida sem renunciar à soberania política. (...) Em ambos os casos, o apoio às sanções a serem aplicadas pelos governos capitalistas (sejam ou não membros da Liga) é, na verdade, o apoio a esses próprios governos. Isso significa que tal apoio necessariamente leva a uma traição da luta revolucionária contra a guerra, e à traição da defesa revolucionária da Etiópia, que é sempre uma luta contra os governos capitalistas e os governos da burguesia (...) Marxistas, então, rejeitam e expõem como traição toda e qualquer defesa da Liga*

ou “sanções” governamentais.” [478]

Isso não significa de modo algum que a classe trabalhadora internacional deva permanecer passiva diante dos ataques reacionários de uma certa Grande Potência. Para usar o exemplo mencionado acima, os marxistas revolucionários mobilizaram-se pela solidariedade internacional com a guerra de libertação da Etiópia e defenderam as *sanções dos trabalhadores* contra a Itália. Tais sanções consistiam em ações de boicote organizadas por sindicatos e outras organizações proletárias ao redor do mundo contra o comércio com a Itália, contra o envio de petróleo ou armas etc. Uma campanha de boicote similar foi tentada em 1933 contra a Alemanha depois que Hitler chegou ao poder.

Para citar novamente o panfleto dos trotskistas americanos: *“Naturalmente, no entanto, isso não significa que eles tomem uma posição passiva e sem intervenção na atual crise ou em qualquer outra. Os marxistas não são neutros na disputa entre a Itália e a Etiópia. Eles são pela derrota da Itália fascista e pelo golpe no imperialismo que tal derrota seria; e eles são, portanto, pela vitória da Etiópia. Mas eles propõem ajudar em tal derrota e tal vitória não apelando aos governos capitalistas e à Liga imperialista por sua assistência e sanções; mas para a classe trabalhadora aplicar suas “sanções” proletárias. Somente as sanções resultantes das ações independentes e autônomas da classe trabalhadora são de algum valor na luta revolucionária contra a guerra - uma vez que somente elas separam a classe do estado e o inimigo de classe, e somente estas constroem a força de luta dos trabalhadores, que é o único caminho para o poder dos trabalhadores e, assim, para a derrota da guerra. Manifestações em massa, greves, boicotes trabalhistas, fundos de defesa para ajuda material à Etiópia, recusa de carregar munições para a Itália, agitação revolucionária para o marxismo quando se aplica à crise de guerra, são sanções que a classe trabalhadora deve usar. Mas estas serão ineficazes na crise imediata? Eles são românticos e utópicos? Se assim for, então a luta revolucionária é em si mesma ineficaz, romântica e utópica. Talvez tais sanções não “resolvam” a crise atual. Mas elas, e somente elas, ajudarão a preparar a classe, material e ideologicamente, para a luta que está por vir - a luta pelo poder dos trabalhadores, que é, no final, a única solução.”* [479]

No entanto, como Trotsky explicou naquela época, há uma diferença importante, de fato decisiva, entre as sanções *imperialistas* e as sanções *trabalhistas*. O primeiro é um instrumento da burguesia imperialista de uma certa Grande Potência a serviço de suas metas expansionistas contra rivais. O segundo é um instrumento da classe trabalhadora internacional por seus próprios métodos e por seus próprios objetivos.

Trotsky enfatizou essa diferença em uma polêmica contra os stalinistas: *“O mais perigoso de todos, porém, é a política estalinista. Os partidos da Internacional Comunista tentam apelar especialmente aos trabalhadores mais revolucionários, denunciando a Liga (uma denúncia que é um pedido de desculpas), pedindo ‘sanções dos trabalhadores’, e mesmo assim dizendo: “Precisamos usar a Liga quando for declarada sanção”. Eles tentam amarrar os trabalhadores revolucionários ao carro da Liga. Para que eles o arrastem. Assim como em 1926, o Conselho Geral aceitou a greve geral, mas*



*assinou um acordo nos bastidores com o clero e os pacifistas de esquerda, usando assim a opinião e a influência burguesas para “disciplinar” os trabalhadores e sabotar a greve geral, os stalinistas tentam disciplinar os trabalhadores mantendo o boicote dentro dos limites da Liga das Nações.” [480]*

Da mesma forma, Trotsky explicou em uma polêmica contra o centrista “London Bureau” que os revolucionários devem romper resolutamente com qualquer organização que tolera tais “pró-sancionistas”: *“A luta contra a guerra, entendida e executada apropriadamente, pressupõe a hostilidade intransigente do proletariado e suas organizações, sempre e em toda parte, em direção a sua própria burguesia imperialista e a todas as outras. No entanto, entre os adeptos anunciados do congresso do London Bureau encontram-se apoiantes notórios das “sanções” da Liga das Nações (isto é, imperialistas) como o Partido Socialista Italiano, que presumivelmente organizará uma luta comum contra a guerra contra os opositores destas “sanções”, como o ILP britânico afirma ser. Um pré-requisito para a luta proletária contra a guerra não é a unidade entre “sancionistas” e “anti-sancionistas”, mas a separação implacável deles.” [481]*

Na história moderna, temos visto casos de campanhas internacionais de solidariedade popular contra Estados especialmente reacionários que provocaram ódio global por causa de seus crimes. Um exemplo disso foi a campanha internacional contra o apartheid na África do Sul até 1994. Nos últimos anos vimos o surgimento do movimento *Boicote, Desinvestimento, Sanções* (BDS) contra o reacionário Estado do Apartheid Israel como uma reação à brutal opressão de Israel contra o povo palestino. Da mesma forma, a maioria dos estados muçulmanos se recusa a manter quaisquer relações econômicas ou diplomáticas com o Estado imperialista de Israel.

A CCRI apoia criticamente as sanções impostas pelos países semicoloniais enquanto aponta suas limitações. No caso de estados imperialistas impondo tais sanções, estamos conscientes de que estas não são o mesmo que as sanções reacionárias dos estados imperialistas contra rivais ou contra as semicolônias subordinadas. No entanto, como marxistas, defendemos sanções dos trabalhadores e populares contra forças reacionárias como contra o estado sionista. Isso significa ações dos trabalhadores para interromper o comércio e a ajuda militar a Israel, o boicote do consumidor, o boicote acadêmico etc. Por isso, apoiamos criticamente a campanha do BDS contra Israel, apesar de suas limitações.

## **Guerra Comercial Global e Táticas Internacionalistas**

Nos últimos meses, vimos o surgimento de uma guerra comercial global entre as Grandes Potências. Iniciado pela Administração Trump, a Guerra Global do Comércio - em especial entre As duas maiores potências, EUA e China, ameaçam perturbar gravemente a economia mundial, pois estão impondo um número crescente de medidas protecionistas uma contra a outra.

Mais uma vez, tal protecionismo não é sem precedência. Como mostramos

acima, as Grandes Potências - como a Alemanha, a França, a Rússia, os EUA, etc. - com exceção do mais poderoso estado imperialista da época, a Grã-Bretanha - impuseram altas tarifas entre si nas duas décadas anteriores à Primeira Guerra Mundial.

Como explicamos em nossas declarações e artigos, a Guerra do Comércio Global não é um conflito puramente econômico entre duas ou mais potências. Está inextricavelmente ligado às tensões políticas e militares. É inevitavelmente, ligada a mobilizações políticas e ideológicas do chauvinismo. É, no sentido histórico, uma luta pela dominação do mundo e o prelúdio da Terceira Guerra Mundial.

Os clássicos marxistas sempre apontaram a inter-relação dos conflitos econômicos, políticos e militares entre as Grandes Potências. Em um artigo publicado em 1911, Rosa Luxemburgo escreveu:

*“Neste mesmo ponto de vista, as tarefas dos social-democratas, no que diz respeito às declarações do tipo feitas pelo governo britânico, podem apenas mostrar a ideia de uma limitação parcial dos armamentos, em toda a sua impraticabilidade, como uma meia medida. e esforçar-se para deixar claro ao povo que o militarismo está intimamente ligado à política colonial, à política tarifária e à política internacional, e que, portanto, as atuais nações, se realmente querem, séria e honestamente, pôr fim aos armamentos competitivos. , teria que começar por se desarmar no campo político comercial, desistir de campanhas predatórias coloniais e da política internacional de esferas de influência em todas as partes do mundo - em uma palavra, em sua política externa e interna teria que fazer exatamente o contrário de tudo que a natureza da política atual de um estado de classe capitalista exige. E assim seria explicado claramente o que constitui o cerne da concepção social-democrata, que o militarismo em suas duas formas - como guerra e como paz armada - é uma criança legítima, um resultado lógico do capitalismo, que só pode ser superado com a destruição de capitalismo, e que, portanto, quem quer que deseje sinceramente a paz mundial e a liberação do tremendo peso dos armamentos, também deve desejar o socialismo. Somente assim, pode-se realizar o real esclarecimento e recrutamento social-democrata em conexão com o debate sobre armamentos.”* [482]

Karl Radek, um dos principais colaboradores de Lênin desde 1914 e posteriormente figura central na *Oposição de Esquerda* de Trotsky contra a burocracia stalinista na década de 1920, também enfatizou em um estudo sobre o imperialismo que a falha em reconhecer o caráter imperialista de um conflito tarifário é a falha contra o imperialismo como tal.

*“Quem não considera o imperialismo em sua conexão com a cartelização da indústria e a política tarifária protecionista, isto é, como um resultado necessário da última fase do desenvolvimento da política capitalista, sucumbirá facilmente à tentação de subestimar os antagonismos imperialistas.”* [483]

Como em todos os outros confrontos entre as Grandes Potências imperialistas, os marxistas não devem apoiar qualquer campo imperialista. Os conflitos entre os estados imperialistas - seja no campo econômico, político ou militar - exigem *um e mesmo* programa de derrotismo revolucionário e anti-imperialis-

mo. Consequentemente, os revolucionários devem se opor à Guerra do Comércio Global, como declaramos em nossa declaração conjunta com várias outras organizações revolucionárias:

*“Em vista de uma iminente guerra comercial global, os socialistas chamam os trabalhadores e organizações populares em todo o mundo para agir de forma decisiva com base nos princípios da solidariedade internacional da classe trabalhadora. Tais princípios são válidos em tempos de paz e guerra, no caso de sanções econômicas, assim como em caso de agressão militar.*

*\* Não a uma guerra comercial global! Oponha-se ao belicismo da Grande Potência no Ocidente e no Oriente! Contra o tilintar do sabre militarista! Nos Estados imperialistas, os socialistas dizem: “O principal inimigo está em casa!” Em caso de sanções ou uma guerra comercial entre os EUA, China, União Europeia, Rússia, Canadá, Japão ou outros poderes, os socialistas em todos os países envolvidos devem se opor tais sanções. (...)*

*\* Nem a globalização imperialista nem o protecionismo imperialista! Contra todas as Grandes Potências e corporações capitalistas no ocidente e no oriente! Pela solidariedade internacional e luta conjunta transfronteiriça em defesa dos interesses dos trabalhadores e oprimidos!” [484]*

Naturalmente, isso não significa que os marxistas apoiem de qualquer forma a globalização imperialista. Não, o movimento operário deve se opor a todas as formas de dominação dos monopólios imperialistas - seja sob a forma de globalização ou sob a forma de protecionismo. Naturalmente, isso foi diferente na época do capitalismo ascendente, quando a burguesia ainda era uma classe historicamente progressista. Nesta época, Marx e Engels defenderam o livre comércio e as tarifas opostas. [485]

No entanto, com a transformação do capitalismo em seu estágio de monopólio, ou seja, o início da época imperialista, as táticas do movimento operário revolucionário também mudaram da mesma forma. O livre comércio e o protecionismo tornaram-se cada vez mais interligados e eram apenas formas diferentes de impor a dominação dos monopólios imperialistas contra os povos oprimidos ou contra seus rivais. Enquanto marxistas apoiam medidas de países semicoloniais que se defendem contra a dominação dos monopólios imperialistas, eles não apoiam qualquer dos lados nos conflitos entre corporações ou potências imperialistas.

Pelas mesmas razões, os marxistas não podem apoiar nenhum lado no chamado conflito do Brexit, ou seja, a questão de saber se a Grã-Bretanha deveria permanecer na União Europeia ou abandoná-la? A CCRI e sua organização predecessora sempre enfatizaram que tanto o estado nacional imperialista (como a Grã-Bretanha) como uma federação estatal imperialista (como a UE) são duas formas de governo político imperialista. Como é sabido, a classe dominante britânica está profundamente dividida entre uma facção que quer ficar e outra que quer deixar a UE. O último quer manter um acordo comercial favorável com a UE, mas também orienta mais para relações políticas e econômicas mais

próximas com outras Grandes Potências (como os EUA).

Como elaboramos em vários panfletos e declarações, os marxistas não devem apoiar nenhum desses dois lados imperialistas. Não devem lutar contra o protecionismo imperialista e o nacionalismo, apoiando “criticamente” a globalização imperialista e as instituições supranacionais imperialistas como a UE, a OMC, o FMI, etc. Ambas representam formas reacionárias de exploração imperialista. O nacionalismo imperialista é apenas uma forma do impulso inerente à expansão do capital monopolista imperialista; A globalização imperialista e a criação de impérios (como a UE) é outra forma.

De fato, a globalização imperialista e o protecionismo imperialista são apenas opostos relativos. No capitalismo moderno, não existe protecionismo absoluto (ou seja, autarquia total). Existem apenas diferentes variações do comércio internacional. As forças produtivas são desenvolvidas de tal forma que o isolamento é simplesmente impossível. Ao mesmo tempo, não se deve ter ilusões sobre as globalizações. Mesmo nas últimas duas décadas - o ponto alto da globalização - várias barreiras comerciais continuaram a existir entre as nações imperialistas (por exemplo, regulamentos ambientais, regulamentos de segurança, etc.). Não falaremos agora sobre os acordos comerciais entre as potências imperialistas e os países semicoloniais que sempre foram desvantajosos para os últimos. [486]

Um exemplo real da relatividade do contraste entre a globalização imperialista e o protecionismo imperialista é o recentemente renegociado acordo do NAFTA entre os EUA, Canadá e México. Inicialmente Trump retirou-se do NAFTA com grandes fanfarras. Mais tarde, uma versão modificada do NAFTA foi acordada com algumas condições mais vantajosas para o imperialismo norte-americano. [487] Seria absurdo ver uma diferença qualitativa entre essas duas versões do acordo comercial.

Os socialistas não devem apoiar nenhuma dessas formas de expansionismo imperialista. Apoiar o chamado Brexit ou o chamado *Remain* (ou seja, *Permanecer na Zona do Euro*) é equivalente a apoiar uma dessas duas formas de domínio político imperialista. Ambos são inadmissíveis para os revolucionários. É por isso que a CCRI sempre defendeu uma posição revolucionária, independente e derrotista dirigida contra as duas formas políticas de governo imperialista.

Tal tática baseada no princípio da independência proletária retorna ao ponto de vista dos clássicos marxistas. Para eles, era um valor fundamental que a classe trabalhadora não pode apoiar nenhuma das duas facções da burguesia monopolista na época do imperialismo - nem os que favorecem o livre comércio e a internacionalização da produção, nem aqueles que defendem tarifas protecionistas e a promoção do mercado estadual nacional.

Rudolf Hilferding, um marxista austríaco, que em 1910 publicou um livro inovador sobre o surgimento do capital financeiro (mais tarde ele se tornou um ideólogo do reformismo), escreveu:

*“Enquanto o capital não pode seguir outra política senão a do imperialismo, o proletariado não pode em se opor ela com uma política derivada do período em que o capital*

*industrial era soberano; Não adianta ao proletariado opor-se à política do capitalismo avançado com uma política antiquada da era do livre comércio e da hostilidade ao Estado. A resposta do proletariado à política econômica do capital financeiro - o imperialismo - não pode ser livre comércio, mas apenas socialismo. O objetivo da política proletária não pode ser o ideal agora reacionário de restabelecer a livre concorrência pela derrubada do capitalismo. O proletariado evita o dilema burguês - protecionismo ou livre comércio - com uma solução própria; nem o protecionismo nem o livre comércio, mas o socialismo, a organização da produção, o controle consciente da economia nem por e nem para o benefício dos magnatas capitalistas, mas pela sociedade como um todo, que finalmente subordinará a economia a si mesma, tem sido capaz de subordinar a natureza desde que descobriu as leis do movimento do mundo natural. (...) É precisamente nos países onde a política da burguesia foi posta em prática mais plenamente e onde os aspectos sociais mais importantes das demandas políticas democráticas da classe trabalhadora se realizaram, que o socialismo deve ser o mais lugar de destaque na propaganda, como a única alternativa ao imperialismo, a fim de assegurar a independência da política da classe trabalhadora e demonstrar sua superioridade na defesa dos interesses proletários.” [488]*

Em seu livro sobre o imperialismo, Lênin citou com aprovação essa citação de Hilferding e acrescentou:

*“Kautsky rompeu com o marxismo defendendo na época do capital financeiro um “ideal reacionário”, “democracia pacífica”, “a mera operação de fatores econômicos”, pois objetivamente esse ideal nos leva de volta do monopólio ao capitalismo não monopolista, e é uma fraude reformista. O comércio com o Egito (ou com qualquer outra colônia ou semi-colônia) teria crescido mais “sem ocupação militar, sem imperialismo e sem capital financeiro”. O que isto significa? Que o capitalismo teria se desenvolvido mais rapidamente se a livre concorrência não tivesse sido restringida pelos monopólios em geral, ou pelas “correções”, jugo (ou seja, também o monopólio) do capital financeiro, ou pela posse monopolista de colônias por certos países? O argumento de Kautsky não pode ter outro significado; e este “significado” não tem sentido. Vamos supor que a livre concorrência, sem qualquer tipo de monopólio, teria desenvolvido o capitalismo e o comércio mais rapidamente. Mas quanto mais rapidamente o comércio e o capitalismo se desenvolvem, maior é a concentração da produção e do capital que dá origem ao monopólio. E monopólios já surgiram - precisamente fora da livre concorrência! Mesmo que os monopólios tenham agora começado a retardar o progresso, não é um argumento a favor da livre concorrência, que se tornou impossível depois de ter dado origem ao monopólio. Seja qual for o modo como se vira o argumento de Kautsky, não se encontrará nada nele exceto a reação e o reformismo burguês.” [489]*

A mesma posição foi posteriormente defendida por Trotsky em sua polêmica com os reformistas britânicos:

*“Um dos bastante claros reacionários dentro do Partido Trabalhista Britânico, Dr. Haden Guest, um chauvinista, militarista e protecionista no parlamento, desdenhou impiedosamente a linha de seu próprio partido na questão do livre comércio e protecionismo: a posição de MacDonald, nas palavras de Guest, tem um caráter puramente negativo e não indicam nenhuma saída para o impasse econômico: que os dias de livre co-*

*mércio acabaram, na verdade, é absolutamente óbvio: o desmembramento do liberalismo também foi condicionado pelo desmembramento do livre comércio. Mas a Grã-Bretanha pode igualmente buscar uma saída para o protecionismo: para um jovem país capitalista que está apenas se desenvolvendo, o protecionismo pode ser um estágio inevitável e progressivo de desenvolvimento. Mas para o país industrial mais antigo cuja indústria era voltada para o mercado mundial e tinha um caráter ofensivo e conquistador a transição para o protecionismo é testemunho histórico do início de um processo de mortificação, e significa na prática a manutenção de certos ramos da indústria que são menos viáveis na situação mundial dada, à custa de outros ramos da mesma indústria britânica que se adaptam melhor às condições do mundo e do mercado interno. O programa de protecionismo senil do partido de Baldwin pode ser combatido não por uma política de livre comércio igualmente senil e moribunda, mas apenas pelo programa prático de uma reviravolta socialista. Mas, para lidar com este programa, é necessário preliminar purgar o partido tanto dos protecionistas reacionários quanto dos restauradores convidados e reacionários como MacDonald.” [490]*

Tal abordagem ainda é válida hoje, quando os revolucionários enfrentam a Guerra do Comércio Global, o Brexit e outras formas de rivalidade com as Grandes Potências.

## **Guerras entre Grandes Potências, e Respectivamente Entre Suas Marionetes**

Como já dissemos acima, os revolucionários não devem dar apoio a um campo em um conflito militar entre as Grandes Potências. Eles defendem os slogans de “O principal inimigo está em casa”, “A derrota do seu próprio país é o mal menor” e a “Transformação da guerra imperialista numa guerra civil”. Sempre que possível, eles devem votar no parlamento contra todas as medidas que apoiam essa guerra. Eles devem se preparar para enfrentar a repressão do Estado e, portanto, trabalhar no subsolo sob condições ilegais. Eles devem agitar contra a guerra - por meios legais e ilegais - nos locais de trabalho, bairros, entre os soldados, em escolas e universidades, etc. Sempre que possível, eles devem defender confraternizações entre as tropas e pedir ações em massa em protesto contra a guerra.

Com base nesses princípios, os marxistas assumiram uma posição derrotista na Primeira Guerra Mundial em ambos os campos imperialistas - as potências da Entente (Grã-Bretanha, França, Rússia, EUA) - e as Potências Centrais (Alemanha, Áustria, Império Otomano). Durante a Segunda Guerra Mundial, os marxistas - na pessoa de Trotsky e da Quarta Internacional - assumiram uma posição semelhante na guerra entre a Alemanha imperialista e o Japão, por um lado, e a Inglaterra imperialista, a França e os EUA, por outro. (Na guerra entre a Alemanha imperialista e o Estado operário degenerado da URSS, no entanto, como mencionamos acima, a Quarta Internacional chamou pela defesa da URSS. Da mesma forma, apoiaram a luta de libertação do povo colonial contra seus senhores imperialistas.)

Hoje, vemos conflitos entre os EUA e a UE contra a Rússia, os EUA contra a China, o Japão contra a China etc. Embora esses conflitos não tenham se transformado em uma guerra total até agora, é claro que a lógica interna das contradições globais inevitáveis aponta na direção de novas grandes guerras incluindo, eventualmente, uma III Guerra Mundial. O aviso de Lênin no começo da Primeira Guerra Mundial continua válido:

*“O imperialismo coloca em risco o destino da cultura europeia: esta guerra será seguida em breve por outras, a menos que haja uma série de revoluções bem-sucedidas. A história sobre esta ser a “última guerra” é uma fabricação oca e perigosa, um pedaço de “mitologia” filistina.”* [491]

Como elaboramos em trabalhos anteriores, podem existir situações em que os países atuam como representantes das potências imperialistas, embora eles próprios sejam alguma forma de estado semicolonial. Na Primeira Guerra Mundial, por exemplo, a Sérvia (um país semicolonial) não desempenhou um papel independente em sua guerra com a Áustria-Hungria, mas atuou como um substituto para as potências da Entente. Assim, os marxistas assumiram uma posição derrotista na Sérvia - como nos outros estados participantes.

Recentemente, vimos uma certa semelhança no conflito entre a China e a Índia. Enquanto a primeira é uma potência imperialista e a segunda é uma semicolônia (embora também seja uma potência regional dada sua enorme dimensão), a CCRI defendeu, não obstante, uma posição derrotista em ambos os lados. Fizemos isso, como explicamos em nosso panfleto, porque se a Índia entrasse em conflito com a China imperialista, só poderia agir sob tais circunstâncias como uma marionete para o imperialismo dos EUA. [492] O mesmo tem sido o caso no conflito entre a Ucrânia e a Rússia, quando entraram em confronto no estreito de Kerch, em novembro de 2018. [493]

## **Alinhando-se ao Mal “Menor” (Imperialista)?**

Um programa derrotista consistente deve defender a oposição fundamental contra *todos* os estados imperialistas. Esse mesmo programa derrotista deve evitar apoiar, tomar partido ou opor-se de forma mais leve a uma Grande Potência em relação a sua rival. Várias organizações pseudo-socialistas o fazem argumentando que todas as forças devem ser apoiadas, o que contraria a potência imperialista mais forte, ou seja, os EUA. Tal abordagem não tem nada a ver com o marxismo e o socialismo independente. É um *geopolitismo* ou um *social-imperialismo burguês* - política externa equivalente à estratégia reformista de Frente Popular em âmbito doméstico. Caracterizamos tal abordagem como geopolítica burguesa porque significa definir a situação mundial e as tarefas da luta não do ponto de vista da *luta de classes internacional* para promover a causa da classe trabalhadora e dos povos oprimidos, mas sim do ponto de vista de *reordenar o mundo* para a desvantagem das antigas Grandes Potências (EUA, UE e Japão) e para a vantagem das novas Grandes Potências (China e Rússia).

Os marxistas sempre enfatizaram que seria ilegítimo para os sindicatos fazerem uma aliança com uma empresa que explora 10.000 trabalhadores contra outro que está explorando 20.000 trabalhadores apenas porque o último é maior (e, portanto, o inimigo mais poderoso). Da mesma forma, os socialistas não podem dar apoio eleitoral a um candidato de um pequeno partido burguês contra um candidato de um partido burguês maior. É ainda menos permissível formar uma aliança de frente popular com algumas forças liberais contra mais quantidades de partidos de direita.

Tais princípios também se aplicam em nível internacional. Os socialistas não podem ficar do lado de uma Grande Potência contra a outra só porque uma conquistou menos esfera de influência até agora que a outra.

*“Vamos supor que dois países estão em guerra na época dos movimentos burgueses de libertação nacional. Que país deveríamos desejar sucesso do ponto de vista da democracia atual? Obviamente, para aquele país cujo sucesso dará maior ímpeto ao movimento de libertação da burguesia, tornará mais rápido o seu desenvolvimento e enfraquecerá mais decisivamente o feudalismo. Vamos supor ainda que a característica determinante da situação histórica objetiva tenha mudado, e que o lugar do capital que luta pela libertação nacional tenha sido assumido pelo capital financeiro internacional, reacionário e imperialista. O primeiro país, digamos, possui três quartos da África, enquanto o último possui um quarto. A repartição da África é o conteúdo objetivo de sua guerra. Para que lado deveríamos desejar sucesso? Seria absurdo afirmar o problema em sua forma anterior, uma vez que não possuímos o velho critério de avaliação: não há um movimento de libertação burguesa em décadas, nem um longo processo de decadência do feudalismo. Não é tarefa da democracia moderna nem ajudar o primeiro a consolidar o seu “direito” a 3/4 da África nem ajudar o segundo (ainda que economicamente ele se tenha desenvolvido mais rapidamente que o primeiro) a apropriar-se desses 3/4.” [494]*

É tarefa da classe trabalhadora derrotar os imperialistas; tal tarefa não pode e não deve ser delegada a outra Grande Potência, como Trotsky assinalou: *“Mas eles estão absolutamente errados ao pensar que o proletariado pode resolver grandes tarefas históricas por meio de guerras que não são levadas por si mesmas, mas por seus mortais inimigos, os governos imperialistas.” [495]*

## A Pobreza do Pacifismo

Uma resposta generalizada, mas impotente, à guerra imperialista é o pacifismo. Na sua forma mais geral, propõe os apelos à paz e aos métodos não violentos contra os conflitos militares. Como tal, este é um programa burguês dos pés à cabeça. A história provou que todas as soluções fundamentais para conflitos sociais incluíram o uso da força. Por exemplo, defendendo a Grécia contra o enorme exército e a marinha de Xerxes 480-479 a.C, destruindo o opressivo Império Romano em 476, defendendo o Vietnã contra a invasão mongol 1258-88, libertando a China dos ocupantes mongóis pela *Rebelião Turbante Vermelho* em 1351-68, a Revolução Americana contra a administração colonial inglesa em



1775-83, a Revolução Francesa em 1789, a abolição da escravatura nos EUA em 1861-65, a Revolução Russa em 1917, a destruição do Terceiro Reich nazista em 1945, a destruição dos impérios coloniais britânicos e franceses da África e da Ásia, para citar apenas alguns exemplos - nem um desses passos históricos progressistas teria sido possível sem violência!

Além disso, é absurdo imaginar que o capitalismo pudesse existir sem conflitos, tensões e guerras. É um sistema baseado no antagonismo e competição de classes. Tais tensões inevitáveis devem provocar repetidamente guerras, como os trotskistas dos EUA já indicaram em um panfleto publicado pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial.

*“O marxismo ressalta que enquanto o capitalismo perdurar, as guerras virão, que a guerra sob o capitalismo não é um “acidente” ou um “evento excepcional”, mas uma parte integral do próprio mecanismo do capitalismo. A guerra é tanto uma parte do capitalismo quanto as crises econômicas. Você não pode ter capitalismo sem ter crises periódicas e não pode ter capitalismo sem guerras periódicas. As causas que provocam as guerras, a inevitável necessidade de todas as nações capitalistas avançadas de tentar expandir seus mercados, obter fontes de matérias-primas mais baratas, encontrar novas saídas além do mercado interno para investimento de capital, não podem ser eliminadas sem eliminar o próprio capitalismo. [496]*

Pregar métodos não violentos em contraste com as medidas necessárias para alcançar a libertação é, na melhor das hipóteses, ingênuo e impotente sonhar acordado, no pior dos casos, total traição contra a luta de libertação do povo oprimido e contra o progresso histórico da humanidade! Como Trotsky disse: *“É impossível lutar contra a guerra imperialista suspirando pela paz, à moda dos pacifistas.” [497]*

Discutindo o problema do pacifismo mais concretamente, é preciso fazer certas diferenciações. Primeiro, temos que diferenciar entre o pacifismo honesto das massas e o pacifismo fictício e hipócrita dos políticos profissionais e seus acadêmicos contratados. O primeiro representa a consciência confusa das massas, mas contém um desejo progressivo de se livrar da praga do militarismo e da guerra imperialista. Naturalmente, os revolucionários têm que explicar pedagogicamente as deficiências de tal visão, mas, ao mesmo tempo, têm que tentar relacionar-se com tais esperanças e utilizá-las para o avanço da luta coletiva das massas.

O pacifismo de políticos burgueses e intelectuais esquerdistas de frases-vazias é algo diferente. Os revolucionários têm que denunciá-los e explicar às massas populares o papel objetivamente reacionário de tais fraudes.

O pacifismo em sua forma pura - recusa consistente de todas as formas de armas e violência - raramente existe. É, antes, um fenômeno excepcional de simplórios inofensivos, mas inofensivos, à maneira de Bertha von Suttner. A forma mais difundida de pacifismo é bastante inconsistente, “pragmática”. Esses pacifistas “pragmáticos” não se opõem à existência de policiais armados (ou mesmo de um exército) nem se opõem à repressão do Estado contra “elementos radi-

cais". Eles só se opõem às guerras antes de começarem (geralmente, tornam-se defensores da pátria assim que a guerra começa) ou se o povo oprimido em um país colonial usa força contra as forças de ocupação imperialistas.

Mais uma vez, os revolucionários podem se dar ao luxo de lidar com a ironia no caso das besteiras inofensivas do tipo Bertha von Suttner. No entanto, eles devem veementemente denunciar os traiçoeiros pacifistas "pragmáticos" que não são nada além de servos perigosos do imperialismo.

Os marxistas não negam a legitimidade de usar o slogan da paz sob certas condições em sua agitação. No entanto, a questão é *como* isso é feito. Apelar para a paz pode ser útil se for combinado com a defesa dos métodos de luta de classes contra os esforços de guerra imperialistas, se for combinado com o chamado para virar as armas contra a classe dominante, se for combinado com uma estratégia para transformar a guerra imperialista em guerra civil. Isso também significa que os revolucionários rejeitam fortemente a contraposição de uma "paz" imperialista à guerra imperialista, já que isso só poderia significar a interrupção temporária dos conflitos militares, a fim de preparar a próxima rodada da guerra imperialista.

No entanto, a necessidade fundamental permanece para o marxista de explicar a necessidade de combater a guerra com a guerra, a guerra de ocupação com a guerra de libertação, a guerra imperialista com a guerra civil. Pregar a paz como tal não é uma estratégia, apenas confunde a consciência das massas. Gregory Zinoviev explicou esta ideia muito apropriadamente no órgão central do bolchevique durante a Primeira Guerra Mundial:

*"Die Friedensidee zum Mittelpunkt" - "A ideia da paz no coração dos nossos slogans"! Agora eles dizem isso - depois que a primeira guerra imperialista pan-européia estourou! Isto é o que você aprendeu com os eventos!*

*"Nicht Friedensidee, sondern Bürgerkriegsidee" - não à ideia de paz, mas à ideia de guerra civil - é o que somos tentados a gritar para esses grandes utopistas que prometem uma utopia tão mesquinha. Não à ideia de paz, mas à ideia de guerra civil, cidadão Adler! Este será o ponto central do nosso programa.*

*O problema não é que deixamos de pregar suficientemente a ideia de paz antes da guerra; é que não pregamos a ideia de luta de classes, de guerra civil, suficiente ou seriamente o suficiente. Porque em tempos de guerra, o reconhecimento da luta de classes sem o reconhecimento da guerra civil é uma verborragia vazia; é hipocrisia; está enganando os trabalhadores" [498]*

*"Sim, nós não somos de forma alguma pacifistas como princípios; Não nos opomos absolutamente a todas as guerras. Somos contra as suas guerras, somos contra as guerras dos opressores, contra as guerras imperialistas, contra as guerras cujo objetivo é reduzir incontáveis milhões de trabalhadores à escravidão. Contudo, "os social-democratas não podem negar o significado positivo das guerras revolucionárias, isto é, guerras não-imperialistas e, por exemplo, aquelas travadas entre 1789 e 1871 para derrubar a opressão estrangeira e criar estados nacionais capitalistas a partir de terras feudais fragmentadas ou guerras que podem ser empreendidas para salvaguardar as conquistas conquistadas*

*pelo proletariado em sua luta contra a burguesia "(ver nossa resolução sobre o pacifismo em Sotsial-Demokrat No. 40)." [499]*

Alguns anos depois, a Internacional Comunista resumiu os perigos do pacifismo da seguinte maneira: *"O imperialismo é a realidade capitalista, o pacifismo burguês a ilusão capitalista. O pacifismo é tão incapaz quanto a reforma social burguesa de superar as contradições, os males e os crimes do capitalismo. Mas introduzirá a dissensão e a incerteza nas fileiras da burguesia, da pequena e média burguesia e, portanto, enfraquecerá o inimigo de classe do proletariado. Os comunistas devem aproveitar tal enfraquecimento usando a oportunidade de toda iniciativa burguesa pacifista de levar a classe trabalhadora à luta, no curso da qual aprenderão que o militarismo e o imperialismo não podem ser abolidos pelo triunfo gradual da razão e do amor à paz. . . . Essa convicção neutralizará quaisquer efeitos paralisantes e debilitantes do pacifismo sobre a energia militante revolucionária do proletariado, um perigo associado à propaganda burguesa pacifista. . . . As névoas das esperanças pacifistas sentimentais não devem obscurecer o reconhecimento de que a burguesia domina e explora graças ao seu domínio dos meios de produção da vida e dos meios de produção da morte. O proletariado deve tomar posse de ambos para libertar-se da exploração e da servidão. Uma vez que eles são impedidos de sua liberdade pela força das armas, eles devem conquistá-lo e defendê-lo pela força das armas."* [500]

## O Slogan do Desarmamento

A luta contra a guerra imperialista e o militarismo inclui necessariamente a luta contra todos os orçamentos militares, bem como contra todas as medidas de armamento do Estado imperialista. No entanto, essa tática necessária na luta de classes não deve ser confundida com o apoio a uma estratégia burguesa de desarmamento como forma de evitar as guerras. De fato, é um método bem conhecido das potências imperialistas mais fortes pedir por tratados de desarmamento, a fim de manter sua vantagem militar contra qualquer rival emergente. No final, como podemos ver hoje, todos esses tratados não poderiam evitar o armamento das Grandes Potências, o surgimento de novas Grandes Potências e a corrida armamentista global.

Paul Lensch, um dos principais representantes da ala esquerda da social-democracia alemã antes da Primeira Guerra Mundial, formulou com bastante propriedade em 1912: *"A ideia de uma limitação de armamentos é estranha ao nosso programa, bem como à nossa literatura teórica. Até agora, era considerado uma fraude reacionária ou um ridículo sussurro pacifista."* [501]

No mesmo espírito escreveu Trotsky, em uma declaração para um congresso anti-guerra em 1932: *"A pretensão de" desarmamento "tem e não pode ter nada em comum com a prevenção da guerra. O programa de "desarmamento" significa apenas uma tentativa - até agora apenas no papel - de reduzir em tempo de paz o custo deste ou daquele tipo de armamento. É acima de tudo uma questão de técnica militar e dos cofres imperialistas. Os arsenais, as fábricas de munição, os laboratórios e, finalmen-*

*te, o mais importante, a indústria capitalista como um todo preserva toda a sua força em todos os “programas de desarmamento”. Mas os estados não lutam porque estão armados. Pelo contrário, eles forjam armas quando têm que lutar. Em caso de guerra, todas as limitações da paz cairão como se fosse tanto palha... É puro charlatanismo tentar distinguir entre metralhadoras defensivas e ofensivas, tanques, aviões. A política americana é ditada também pelos interesses particulares do militarismo americano, o mais terrível de todos. A guerra não é um jogo que é conduzido de acordo com regras convencionais. A guerra exige e cria todas as armas que podem com sucesso aniquilar o inimigo. O pacifismo pequeno-burguês, que vê em uma proposta de 10%, ou 33%, ou 50% de desarmamento o “primeiro passo” para a prevenção da guerra, é mais perigoso do que todos os explosivos e gases asfíxiates. Melinita e yperita só podem fazer seu trabalho porque as massas de pessoas são envenenadas em tempo de paz pelas emanções do pacifismo.” [502]*

Além disso, é preciso perguntar: quem controla se tais tratados de desarmamento são implementados?! Tomemos por exemplo o *Tratado de Não-Proliferação Nuclear*. Sua finalidade é principalmente impedir que países semicoloniais adquiram armas nucleares para que não possam se defender contra tentativas de intimidação por parte das Grandes Potências. Desenvolvimentos nos últimos anos demonstraram isso muito claramente. Israel é bem conhecido por possuir não-oficialmente até 200 mísseis nucleares. Mas ninguém se importa e ninguém puniria o estado sionista por sua violação do Tratado de Não-Proliferação Nuclear. Agora, compare isso com a reação das Grandes Potências quando a Coreia do Norte tentar construir armas nucleares! O Conselho de Segurança da ONU impõe uma sanção após a outra contra Pyongyang. A administração Trump ameaçou fazer uma guerra contra o pequeno país. Que exemplo de hipocrisia imperialista! Quando Israel, um aliado próximo das Grandes Potências ocidentais, viola o tratado, não há consequências. Quando a Coreia do Norte tenta fazer o mesmo, ela é ameaçada de aniquilação!

É tarefa dos marxistas explicar às massas populares que quaisquer ilusões nos tratados imperialistas sobre o desarmamento são completamente equivocadas e que a única solução é que a classe trabalhadora tome todo o arsenal de armas em suas próprias mãos, isto é, que derrube a classe dominante e tome o poder!

## **Tribunais Internacionais de Arbitragem e Nações Unidas**

Outro slogan confuso, no mesmo espírito do pacifismo pequeno-burguês, é o apelo por Cortes Internacionais de Arbitragem e Nações Unidas para resolver conflitos entre Grandes Potências. A ONU, assim como sua organização antecessora - a *Liga das Nações* -, sempre foi nada além de um instrumento das Grandes Potências. A ONU não pode tomar nenhuma decisão vinculante contra o veto de uma das grandes potências dos EUA, Rússia, China, França ou Grã-Bretanha. Portanto, só imporá decisões que sejam congruentes com seus interesses de classe política. Por outras palavras, não poderá nem poderá tomar

decisões contra os interesses imperialistas.

O exemplo mais óbvio é o caso de Israel e dos palestinos, direitos de autodeterminação nacional. Desde décadas, uma Assembleia Geral da ONU (que é a assembleia plenária anual de todos os estados) após a outra, adota uma resolução que condena Israel e apoia a criação de um Estado palestino. No entanto, isso não tem nenhuma consequência porque o imperialismo dos EUA e seus aliados estão por trás do Estado colonialista de Israel e o apoiam sob quaisquer circunstâncias.

E se os EUA concordarem com medidas conjuntas, pode-se admitir que é contra os interesses do povo oprimido. Veja por exemplo a decisão da ONU em 1947 de apoiar a criação do Estado colonial israelense, que resultou na expulsão da população nativa da Palestina; ou a decisão de apoiar a guerra imperialista contra a Coréia do Norte em 1950; ou a decisão de impor sanções contra o Iraque em 1990, que resultou na guerra dos EUA em janeiro-março de 1991; ou as sanções de fome contra a Coreia do Norte nos últimos anos.

Os políticos inteligentes da classe dominante sempre estiveram conscientes da verdadeira natureza de tais instituições há muito tempo. Kurt Riezler, um diplomata alemão e conselheiro próximo do chanceler Theobald von Bethmann Hollweg escreveu em um livro publicado pouco antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial: *“Em geral, o instrumento dos Tribunais Internacionais de Arbitragem serve apenas para evitar a eclosão de guerras indesejadas, que podem resultar de incidentes imprevistos e que não são relevantes para interesses vitais nacionais.”* [503]

A aguda denúncia de Trotsky contra a organização predecessora da ONU foi completamente apropriada e permanece válida até hoje: *“A Liga das Nações é a cidadela do pacifismo imperialista. Representa uma combinação histórica transitória de estados capitalistas em que os mais fortes comandam e compram os mais fracos, depois rastejam em suas barrigas diante dos Estados Unidos ou tentam resistir; em que todos são igualmente inimigos da União Soviética, mas estão preparados para encobrir todo e qualquer crime dos mais poderosos e vorazes entre eles. Somente os politicamente cegos, somente aqueles que são totalmente indefesos ou que deliberadamente corrompem a consciência do povo, podem considerar a Liga das Nações, direta ou indiretamente, hoje ou amanhã, um instrumento de paz. (...)”* [504]

Portanto, os marxistas devem sempre se opor a qualquer apelo à ONU. Tais apelos podem apenas criar ilusões deslocadas em uma instituição imperialista. Eles devem sistematicamente denunciar a ONU e chamar as massas populares para lutarem pela libertação em vez de esperar a ajuda de tais instrumentos das Grande Potências.

Nossa avaliação formulada no programa da CCRI permanece completamente correta: *“Os comunistas bolcheviques lutam em toda parte contra o militarismo burguês e a guerra imperialista. Rejeitamos categoricamente a política dos pacifistas, social-democratas e estalinistas de apelo ao desarmamento, à mediação da ONU, à coexistência pacífica entre os estados e à promoção da resistência não-violenta. Os governantes, com suas conversas moles, como a ONU ou seus tribunais internacionais hipócritas, nunca*

*podem abolir a guerra do mundo. Isso só pode ser alcançado pela classe trabalhadora e pelos próprios povos oprimidos através da intransigente luta de classes - incluindo a luta armada. É por isso que defendemos um treinamento militar da classe trabalhadora sob seu próprio controle. Nas guerras imperialistas, rejeitamos qualquer apoio à classe dominante. Nós defendemos a derrota do estado imperialista. Nosso slogan é o de Karl Liebknecht: "O principal inimigo está em casa". Nosso objetivo é transformar a guerra imperialista em uma guerra civil contra a classe dominante."* [505]

### Notas de rodapé

478) John West (James Burnham): Guerra e os Trabalhadores (1936), Panfleto do Partido dos Trabalhadores, <https://www.marxists.org/history/etol/writers/burnham/1936/war/index.htm> ; Veja também Maurice Spector: Sanções e a próxima guerra (1935), New International, Vol.2 No.7, dezembro de 1935, <https://www.marxists.org/history/etol/writers/spector/1935/12/sanctions.htm>

479) John West (James Burnham): Guerra e os Trabalhadores (1936), Panfleto do Partido dos Trabalhadores, <https://www.marxists.org/history/etol/writers/burnham/1936/war/index.htm>

480) Leon Trotsky: Mais uma vez o ILP (1935); em: Trotsky Writings 1935-36, p. 201; ver também

Leon Trotsky: Carta aberta a um Camarada Britânico (1936); em: Trotsky Writings 1935-36, p. 295

481) Leon Trotsky: Resolução sobre o Congresso Antiguerra do Bureau de Londres (1936), em: Documentos da Quarta Internacional, Nova York, 1973, p. 99

482) Rosa Luxemburgo: Utopias da Paz (1911), em: Richard B. Day e Daniel Gaido (Ed.): Descobrimo o Imperialismo. Social Democracia à Primeira Guerra Mundial, Koninglijke Brill NV, Leiden 2012, p. 447, online: <https://www.marxists.org/archive/luxemburg/1911/05/11.htm>

483) Karl Radek: Nossa Luta contra o Imperialismo (1912), em Richard B. Day e Daniel Gaido (Ed.): Descobrimo o Imperialismo, p. 551. Notamos de passagem que, embora os bolcheviques - comparados à esquerda alemã anterior a 1914 - fossem superiores na luta contra o revisionismo e tirando conclusões disso, há, no entanto, muito que se pode aprender com a experiência de Luxemburgo, Liebknecht, Radek, Mehring e outros. Veja neste exemplo Kurt Mandelbaum: Sozialdemokratie und Imperialismus (1928), em: Kurt Mandelbaum: Sozialdemokratie e Leninismus, Rotbuch Verlag, Berlim 1974

484) Declaração Conjunta: Guerra Global de Comércio: Não à Grande Potência belicista no Ocidente e no Oriente!

485) Ver p. Parte V em Rudolf Hilferding: Capital Financeiro. Um Estudo da Última Fase do Desenvolvimento Capitalista (1910), Routledge & Kegan Paul, Londres, 1981.

486) Veja por exemplo Michael Pröbsting: O Grande Roubo do Sul

487) Veja neste exemplo Joe Nocera: Este Mapa Mostra Porque Trump não Pode Matar o Nafta, 1. Outubro 2018, <https://www.bloomberg.com/view/articles/2018-10-01/virginia-and-canada-forged-deals-through-nafta?srnd=premium-europe>; David Fickling: os globalistas vão adorar o novo acordo Nafta da Trump. Apesar da fanfarra, o acordo não muda muito. 1. Oktober 2018, <https://www.bloomberg.com/view/articles/2018-10-01/globalists-will-love-trump-s-new-nafta-deal?srnd=premium-europe>; Jenny Leonard, Josh Wingrove, Jennifer Jacobs e Andrew Mayeda: Trump Clinches re-fechou o Nafta no Canadá e se une ao México, 1. Oktober 2018, <https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-10-01/us-canada-concordo-nafta-substituição-que-vai-incluir-mexico?srnd=premium-europe>.

488) Rudolf Hilferding: Capital Financeiro. Um Estudo da Última Fase do Desenvol-

- vimento Capitalista (1910), Routledge & Kegan Paul, Londres, 1981, pp.366-367 (nossa ênfase)
- 489) V. I. Lenin: Imperialismo. A Fase Superior do capitalismo (1916); em: LCW Vol. 22, pp. 289-290 (nossa ênfase)
- 490) Leon Trotsky: Onde está indo a Grã-Bretanha? (1925), em: Trotsky's Writings on Britain, vol. 2, New Park Publications, Londres 1974, pp. 115-116
- 491) V. I. Lenin: A posição e as Tarefas da Internacional Socialista (1914); em: CW vol. 21, p. 40
- 492) Veja neste de Michael Pröbsting: O Conflito China-Índia: Suas Causas e Consequências. Quais são os antecedentes e a natureza das tensões entre a China e a Índia na região fronteira de Sikkim? Quais devem ser as conclusões táticas para os Socialistas e Ativistas dos Movimentos de Libertação? 18 de agosto de 2017, Comunismo Revolucionário nº 71, <https://www.thecommunists.net/theory/china-india-rivalry/> ; Veja também: Alan Boyd: Por que o Quad não pode se dar bem, 20 de novembro de 2018 <http://www.atimes.com/article/why-the-quad-cant-get-it-together/>
- 493) Veja por exemplo, por exemplo Escalada militar entre a Rússia e a Ucrânia no Estreito de Kerch. Abaixo o belicismo reacionário em ambos os lados! Declaração de emergência do RCIT e do Grupo Marxista "Política de Classe" (Rússia), 28 de novembro de 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/military-escalation-between-russia-and-ukraine-at-the-kerch-strait/>
- 494) V. I. Lenin: sSob uma Bandeira Alheia; em: LCW Vol. 21, pp.143-144
- 495) Leon Trotsky: Um passo em direção ao patriotismo social (1939), em: Escritos de Leon Trotsky, 1938-39, p. 211
- 496) James Burnham: Como combater a guerra - isolamento, segurança coletiva, luta implacável de classes? (1938), panfleto de SWP, p. 14
- 497) Leon Trotsky: Lenin sobre o imperialismo (1939), em: Trotsky Writings 1938-39, p. 167
- 498) Gregory Zinoviev: Pazifismus oder Marxismus (Böse Folgen einer Losung.), Em: G. Sinowjew / V. I. Lenin: Gegen den Strom, Verlag der Kommunistischen Internationale, Hamburgo 1921, p. 116 (Em inglês: Pacifism or Marxism (As desventuras de um slogan), em: Spartacist, No. 64, Summer 2014, <http://www.icl-fi.org/english/esp/64/zinoviev.html>
- 499) Gregory Zinoviev: Pazifismus oder Marxismus (Böse Folgen einer Losung.), Em: G. Sinowjew / V. I. Lenin: Gegen den Strom, Verlag der Kommunistischen Internationale, Hamburgo 1921, p. 119 (Em inglês: Pacifism or Marxism (As desventuras de um slogan), em: Spartacist No. 64, Summer 2014, <http://www.icl-fi.org/english/esp/64/zinoviev.html>
- 500) Internacional Comunista: Teses sobre a Luta contra o Perigo de Guerra (1922), em: Jane Degras: A Internacional Comunista 1919-1943. Documentos Volume I 1919-1922, pp. 331-332
- 501) Paul Lensch, Eine Improvisation, em: Neue Zeit 30 (1912), citado em inglês: Richard B. Day, Daniel F. Gaido (Eds): Descobrimo o Imperialismo: Social-Democracia à Primeira Guerra Mundial, Série de Livros de Materialismo Histórico vol. 33, Leiden 2012, p. 563
- 502) Leon Trotsky: Declaração ao Congresso Antiguerra em Amsterdã (1932), em: Escritos 1932, S. 151-152
- 503) J. J. Ruedorffer: Grundzüge der Weltpolitik in der Gegenwart, Deutsche Verlags-Anstalt, Berlim 1914, p. 167 (nossa tradução). Ruedorffer foi o pseudônimo de Kurt Riezler.
- 504) Leon Trotsky: Declaração ao Congresso Antiguerra em Amsterdã (1932), em: Escritos 1932, S. 151
- 505) CCRI: O Manifesto Comunista Revolucionário, publicado em 2012, p. 62; on-line no site do RCIT em [www.thecommunists.net/rcitmanifesto](http://www.thecommunists.net/rcitmanifesto)

## **XXI. Derrotismo Revolucionário nos Conflitos entre os Estados Imperialistas e os Povos Oprimidos**

Neste capítulo, elaboraremos a posição marxista sobre conflitos entre estados imperialistas e países semicoloniais. Como explicamos acima, o derrotismo revolucionário é uma estratégia *combinada*. Integra a luta consistente contra *todas* as Grandes Potências com o apoio da luta de libertação do povo oprimido contra elas.

No entanto, neste local, não trataremos da questão do derrotismo no caso de conflitos entre Estados imperialistas e países semicoloniais da mesma forma extensiva que fizemos com os conflitos inter-imperialistas no capítulo anterior. As razões para isso são, por um lado, que o foco deste livro é a rivalidade das Grandes Potências e a estratégia do derrotismo em tais conflitos. Por outro lado, já elaboramos extensivamente essa questão em nosso livro *O Grande Roubo do Sul*. [506]

Da mesma forma, não trataremos aqui da questão das táticas nos conflitos em guerras entre países semicoloniais. Em primeiro lugar, esta questão está além do escopo deste livro e, em segundo lugar, abordamos essa questão extensivamente em um capítulo especial em nosso livro sobre as Perspectivas Mundiais de 2018. [507]

Por essas razões, nos limitaremos a resumir os principais componentes do programa revolucionário derrotista nos conflitos entre as Grandes Potências e os povos oprimidos, destacando a abordagem dos clássicos marxistas sobre essa questão e discutindo alguns exemplos importantes de tais conflitos de hoje.

\* \* \* \* \*

Vamos começar com um breve resumo da abordagem geral que a CCRI e sua organização predecessora defenderam ao longo de toda a sua história. Basicamente, é dever de todos os socialistas tomar uma posição clara nos conflitos entre a burguesia imperialista e os povos oprimidos. Devem apoiar incondicionalmente os povos oprimidos contra os agressores imperialistas e lutar pela derrota dos últimos.

Qualquer outra posição é equivalente ao social-imperialismo, como Trotsky enfatizou: “... é um mau marxista quem tenta fixar regras comuns para a França imperialista e para a China colonial. Não distinguir os países opressores dos países oprimidos é o mesmo que não distinguir entre a classe exploradora e a explorada. Aqueles que colocam países imperialistas e países coloniais no mesmo nível, não importa que frases democráticas possam usar para ocultar esse fato, não são nada além de agentes do imperialismo.” [508]

Apoiar essas lutas de libertação inclui a necessidade de aplicar a *tática da fren-*



te única anti-imperialista. Isso significa apoiar as forças que representam esses povos oprimidos sem dar apoio político às suas respectivas lideranças. Tais lideranças são geralmente nacionalistas pequeno-burguesas ou forças islamistas. Notamos, como um aparte, que tal situação também existiu em muitos países coloniais na época de Lenin e Trotsky. Em suas teses programáticas sobre a guerra imperialista, a Internacional Comunista afirmou: “A devastação e espoliação forçadas pelas Grandes Potências capitalistas por quatro anos suscitaram movimentos revolucionários tempestuosos nas colônias inglesas (...) que extraem coragem e força do exemplo da Revolução Russa e a existência da Rússia Soviética. Eles são primariamente de caráter nacionalista e religioso, mas também estão ligados às lutas revolucionárias sociais.” [509]

Também pode haver casos em que mesmo os estados burgueses semicoloniais estejam no topo de uma luta legítima contra as Grandes Potências (por exemplo, o Iraque contra a coalizão imperialista liderada pelos EUA em 1991 e em 2003).

Assim, enquanto os socialistas lutam impiedosamente contra todas as formas de chauvinismo imperialista, eles são obrigados a apoiar o *patriotismo anti-imperialista* dos oprimidos e ajudá-los a desenvolver uma consciência socialista e internacionalista.

Combater a dominação e o chauvinismo das Grandes Potências inclui combater a influência das forças social-pacifistas e social-chauvinistas nos países imperialistas. Tais correntes geralmente dominam o movimento oficial de trabalhadores (partidos social-democratas e stalinistas, sindicatos e outras organizações de massa), bem como a chamada esquerda “radical”. Normalmente, essas forças se abstêm de apoiar ativamente a luta dos oprimidos.

Tal programa anti-imperialista e internacionalista baseia-se na tradição do movimento operário revolucionário, tal como foi originalmente elaborado pela Internacional Comunista na época de Lênin e Trotsky e posteriormente defendido pela Quarta Internacional. Somente com base em tal programa será possível aos socialistas criar as condições para a confiança e unidade dos trabalhadores e camponeses pobres do povo oprimido com os trabalhadores progressistas nos países imperialistas. Somente com tal fundamento será possível unir a classe trabalhadora internacional numa base internacionalista.

## Guerras Imperialistas e Ocupações de Países Semicoloniais

Toda a história do imperialismo é caracterizada por uma série de ataques militares das Grandes Potências contra os povos do Sul, resultando muitas vezes na ocupação de suas terras. É verdade, a forma de dominação imperialista mudou na segunda metade do século XX. A *dominação colonial direta* foi substituída, na maioria dos casos, por *dominação indireta e semicolonial*. Embora tais mudanças, é claro, fossem importantes, elas não poderiam mudar a essência da dependência e exploração imperialista desses países pelas Grandes Potências e

seus monopólios. De fato, como demonstramos em *O Grande Roubo do Sul*, os imperialistas estão espremendo os povos oprimidos mais do que nunca!

Os clássicos marxistas estavam plenamente conscientes do fato de que a independência formal das antigas colônias não alterava a essência de sua dominação pelo imperialismo. Em seu famoso livro sobre o imperialismo, Lênin se referiu explicitamente aos países semicoloniais como “*formalmente independentes, mas, na verdade, estão enredados na rede da dependência financeira e diplomática*”:

“*Quanto aos estados semicoloniais, eles fornecem um exemplo das formas de transição que podem ser encontradas em todas as esferas da natureza e da sociedade. O capital financeiro é uma força tão grande, tão decisiva, pode-se dizer, em todas as relações econômicas e internacionais, que é capaz de sujeitar, e de fato sujeita, a si mesmo estados que gozam de total independência política; Em breve, veremos exemplos disso. É claro que o capital financeiro é mais “conveniente” e obtém o maior proveito de uma forma de sujeição que envolve a perda da independência política dos países e povos sujeitos. A esse respeito, os países semicoloniais fornecem um exemplo típico do “estágio intermediário”. É natural que a luta por esses países semi-dependentes tenha se tornado especialmente amarga na época do capital financeiro, quando o resto do mundo já foi dividido.*” [510]

E ele continuou algumas páginas depois:

“*Como estamos falando de política colonial na época do imperialismo capitalista, deve-se observar que o capital financeiro e sua política externa, que é a luta das grandes potências pela divisão econômica e política do mundo, dão origem a um número de formas transicionais de dependência do estado. Não são apenas os dois principais grupos de países, os que possuem colônias e as próprias colônias, mas também as diversas formas de países dependentes que, politicamente, são formalmente independentes, mas, na verdade, estão emaranhados na rede da dependência financeira e diplomática, típico desta época. Já nos referimos a uma forma de dependência - a semicolônia. Um exemplo de outro é fornecido pela Argentina.*” [511]

No entanto, apesar dessa independência formal, ou melhor, por causa disso, as Grandes Potências atacam repetidamente tais países ou até mesmo ocupam-nos temporariamente para derrotar as insurgências populares e instalar marionetes confiáveis.

No passado recente, vimos um aumento substancial de tais tentativas. Para citar alguns exemplos nos referimos às intervenções militares, guerras e ocupações dos EUA no Afeganistão desde 2001, no Iraque desde 2003, da França no Mali desde 2013, da Rússia na Síria desde 2015, etc. A ocupação contínua da Palestina pelo o estado colonizador israelenses é outro exemplo.

Há também vários casos em que as Grandes Potências não enviam suas próprias tropas, mas usam tropas de Estados semicoloniais aliados para atuar como seus representantes. Como já mencionamos acima, tais táticas já foram desenvolvidas pelo Império Britânico nos séculos XIX e XX. As Grandes Potências implantam cada vez mais uma política semelhante hoje em dia. Como exemplos, referimo-nos à denominada *Missão da União Africana na Somália* (AMISOM), que

foi mandatada pelo Conselho de Segurança da ONU (ou seja, as grandes potências imperialistas) em 2007. Cerca de 20.000 tropas africanas, sendo a Etiópia a força mais significativa e com a ajuda dos EUA e do exército francês, lutam desde 2007 contra uma insurgência popular liderada pelo movimento pequeno-burguês islâmico *Al-Shabaab*.

Outro caso em questão são as recém-formadas forças do G5 *Sahel* na África Ocidental. Iniciada pela França em 2014, essas forças compreendem cerca de 10 mil soldados de cinco países do Sahel (Burkina Faso, Chade, Mali, Mauritânia e Níger). Sua missão é lutar “em cooperação” com a França (ou seja, sob o comando deste último), contra “terroristas”.

A CCRI sempre defendeu, em tais casos, uma posição anti-imperialista consistente, exigindo a derrota dos agressores imperialistas (e também de suas marionetes) e da vitória militar das forças que representam o povo oprimido.

Tal abordagem sempre foi a posição do movimento operário revolucionário. Os líderes do Partido Bolchevique foram muito sinceros sobre esta questão. Tal escreveu Lênin:

*“As guerras nacionais travadas por colônias e semicolônias na era imperialista não são apenas prováveis, mas inevitáveis. Cerca de 1 bilhão de pessoas, ou mais da metade da população mundial, vivem nas colônias e semicolônias (China, Turquia, Pérsia). Os movimentos de libertação nacional já são muito fortes ou estão crescendo e amadurecendo. Toda guerra é a continuação da política por outros meios. A continuação da política de libertação nacional nas colônias inevitavelmente tomará a forma de guerras nacionais contra o imperialismo.”* [512]

Lênin e Zinoviev concluem daí que é o mais alto dever de todos os socialistas tomar o lado dos oprimidos em tais guerras:

*“Por uma guerra ‘defensiva’, os socialistas sempre entenderam uma guerra ‘justa’ nesse sentido específico (Wilhelm Liebknecht certa vez se expressou exatamente dessa maneira). É somente nesse sentido que os socialistas sempre consideraram as guerras ‘pela defesa da pátria’, ou guerras ‘defensivas’, como legítimas, progressistas e justas. Por exemplo, se amanhã o Marrocos declarasse guerra à França, ou a Índia à Grã-Bretanha, ou a Pérsia ou a China à Rússia, e assim por diante, estas seriam guerras ‘justas’ e ‘defensivas’, independentemente de quem seria o primeiro. atacar; qualquer socialista desejaria aos oprimidos, dependentes e estados desiguais a vitória sobre as opressoras, escravistas e predadoras ‘Grandes Potências.’”* [513]

No Quarto Congresso da Internacional Comunista em 1922, Trotsky expressou a mesma abordagem: *“Todo movimento colonial que enfraquece a potência capitalista no país governante (metrópole) é progressivo, porque ajuda o proletariado em sua tarefa revolucionária.”* [514]

Da mesma forma, os trotskistas americanos declararam em um panfleto em 1936: *“Portanto, o negócio dos marxistas não é deixar de lado, mas apoiar ativamente, de todas as maneiras possíveis, qualquer luta armada que seja contra e capaz de enfraquecer o capitalismo: por exemplo, as revoltas de colônias contra seus opressores imperialistas e as revoltas de todas as raças e nações oprimidas e exploradas - assim como os*

*marxistas apoiam greves ou quaisquer outras manifestações dirigidas contra a classe capitalista ou seus governos.” [515]*

Conseqüentemente, Trotsky denunciou severamente todos aqueles pseudo-socialistas que se recusaram a tomar o lado do povo oprimido: *“A luta contra a guerra e sua fonte social, o capitalismo, pressupõe apoio direto, ativo e inequívoco aos povos colonos oprimidos em suas lutas e guerras. contra o imperialismo. Uma posição “neutra” equivale a apoiar o imperialismo. No entanto, entre os adeptos anunciados do congresso do London Bureau encontram-se ILPers que defendem a saída dos corajosos guerreiros etíopes contra o fascismo italiano em apuros com base em “neutralidade” e “esquerdistas” sionistas Poale que estão neste momento inclinados O imperialismo britânico em sua selvagem campanha contra a luta legítima, ainda que confusa, do campesinato árabe.” [516]*

Um lado tão inequívoco das lutas do povo oprimido nas guerras com as Grandes Potências foi repetido centenas de vezes nas proclamações oficiais da Terceira e, depois, da Quarta Internacional. Em que se tornou uma parte indispensável do arsenal programático do marxismo. Não pode haver revolucionário que não implemente essa linha em palavras e ações!

## **Agressões Imperialistas Não-Militares Contra os Países Semicoloniais**

Com base em tal abordagem anti-imperialista, os marxistas também se opõem a todas as outras formas não-militares de agressão imperialista contra países semicoloniais. Um exemplo bem conhecido de tal pressão são as sanções econômicas das Grandes Potências contra países semicoloniais selecionados que, de uma forma ou de outra, não se atreviam a cumprir os desejos dos imperialistas. O exemplo recente mais horrível de tais sanções imperialistas são as sanções bárbaras impostas pelas Nações Unidas contra o Iraque nos anos 1990-2003. Segundo vários estudos, essas sanções causaram a morte de mais de 500.000 crianças com menos de cinco anos de idade. [517]

Outros exemplos são as sanções imperialistas contra a Coreia do Norte, o Irã, o Zimbábue e a Venezuela. A CCRI sempre chamou os trabalhadores internacionais e o movimento popular para opor-se incondicionalmente a tais sanções e apoiar medidas para minar, quebrar e, se possível, cancelar tais sanções.

Às vezes, as Grandes Potências justificam tais sanções alegando que afetam países que se esforçam para possuir armas nucleares. Muitas vezes, isso é simplesmente uma mentira. Em todo caso, é hipocrisia total que as Grandes Potências, que possuem centenas ou milhares de mísseis nucleares, proibam que outros façam o mesmo! De fato, as Grandes Potências querem manter o monopólio das armas nucleares para poder impor melhor sua dominação sobre o Sul. Enquanto os socialistas lutam por um mundo sem armas nucleares, rejeitamos fortemente qualquer agressão imperialista contra o país semicolonial que possui (ou se esforça para possuir) armas nucleares.

## Opressão Contra as Minorias Nacionais

Uma característica do imperialismo é a opressão das minorias nacionais. Lênin reconheceu este fato já há muito tempo quando concluiu que essa divisão das nações do mundo em nações opressoras e oprimidas é uma das características mais importantes da época imperialista:

*“O programa da social-democracia (como os marxistas se chamavam então, Ed.), Como um contrapeso a essa utopia oportunista pequeno-burguesa, deve postular a divisão das nações em opressora e oprimida como básica, significativa e inevitável sob o imperialismo.”* [518]

*Em outro artigo, Lênin repete essa ideia que mais tarde se tornou um pilar fundamental do programa da Internacional Comunista:*

*“Imperialismo significa a opressão progressivamente crescente das nações do mundo por um punhado de Grandes Potências (...). É por isso que o ponto focal no programa social-democrata deve ser aquela divisão das nações em opressor e oprimido que forma a essência do imperialismo. e é iludida pelos social-chauvinistas e Kautsky. Essa divisão não é significativa do ponto de vista do pacifismo burguês ou da utopia filistina da competição pacífica entre nações independentes sob o capitalismo, mas é mais significativa do ponto de vista da luta revolucionária contra o imperialismo.”* [519]

Trotsky enfatizou a mesma ideia: *“A humanidade moderna, sem exceção, desde os trabalhadores britânicos aos nômades etíopes, vive sob o jugo do imperialismo. Isso não deve ser esquecido por um único minuto. Mas isso não significa que o imperialismo se manifeste igualmente em todos os países. Não. Alguns países são portadores do imperialismo, outros, suas vítimas. Esta é a principal linha divisória entre nações e estados modernos.”* [520]

A explosiva atualidade da questão nacional nos países imperialistas pode ser observada por várias crises, protestos em massa, insurgências populares e repressão do Estado. Veja, por exemplo, a luta pela independência do povo checheno, que resultou em duas guerras com o exército russo. Outras pessoas do Cáucaso (região da Europa oriental e da Ásia ocidental, entre o mar Negro e o mar Cáspio) também resistem à opressão de Moscou. Na China, os uigures e os tibetanos estão resistindo à crescente repressão do Estado. Da mesma forma, vemos movimentos de massa para a autodeterminação nacional na Catalunha, assim como na Escócia.

Os revolucionários se opõem incondicionalmente à opressão das minorias nacionais e apoiam plenamente o direito de autodeterminação nacional dos povos oprimidos. Isto significa apoiar todos os seus direitos nacionais, democráticos e culturais, incluindo o direito de ter um estado independente, se assim o desejarem. Da mesma forma, apoiamos o auto-governo local para minorias étnicas, como os ciganos, os nativos americanos nos EUA, etc.

O bolchevismo condenou severamente todos aqueles que se recusaram a apoiar a luta do povo oprimido pela autodeterminação nacional: *“Os socialistas não podem alcançar seu grande objetivo sem lutar contra toda a opressão das nações.*

*Devem, portanto, exigir inequivocamente que os partidos social-democratas dos países opressores (especialmente as chamadas “Grandes Potências”) reconheçam e defendam o direito da nação oprimida à autodeterminação, no sentido especificamente político do termo, ou seja, o direito à secessão (separação) política. O socialista de um governo ou de uma nação colonial que não defende esse direito é um chauvinista.”*

Este princípio não é menos relevante hoje do que era nos tempos de Lênin!

## **Táticas de Luta em Massa**

Os socialistas que vivem nos países imperialistas têm a obrigação de apoiar a luta de libertação dos povos oprimidos através de várias táticas. Para ganhar a simpatia pela luta dos povos oprimidos, os socialistas têm que agitar nos locais de trabalho, nos bairros, nas escolas, nas universidades e nas trincheiras. Eles devem conscientizar a causa justa da luta de libertação. Eles devem combater os preconceitos chauvinistas generalizados (por exemplo, histeria sobre “ameaças terroristas”, “refugiados invadindo nosso país”, islamofobia, arrogância para com os pobres vindos do Sul, etc.).

Os revolucionários devem apoiar todas as ações práticas que ajudem a avançar a luta dos oprimidos para derrotar os agressores imperialistas. Tais atividades abrangem todas as formas de luta de classes (por exemplo, manifestações, greves gerais, revoltas, participação em guerras, etc. - de acordo com as condições e a relação de forças). Inclui também ações práticas que sabotam as agressões dos senhores imperialistas (greves seleccionadas contra o maquinário de guerra imperialista, recusa colectiva de trabalho que serve a opressão, ajuda aos refugiados a ultrapassar os muros bárbaros das fortalezas imperialistas, etc.).

Como exemplo, tais atividades de solidariedade dos revolucionários em países imperialistas pode servir à campanha do Partido Comunista da França (PCF) em apoio à luta dos berberes riffianos no início da década de 1920. Esse povo lutou, sob a liderança do islâmico pequeno-burguês Abd el-Krim, contra os imperialistas espanhóis e franceses e tentou expulsar esses ocupantes de seu país. O PCF travou uma campanha militante anti-colonial solidária com os riffs, que incluiu até uma greve geral em 12 de outubro de 1925. Em sua propaganda e agitação, o PCF expressou publicamente seu apoio à luta riffiana até que “*o solo marroquino fosse completamente liberado*”. dos imperialistas espanhóis e franceses. [521]

Uma forma de tática útil de solidariedade internacional é o *boicote popular e operário* contra as forças reacionárias. Houve casos raros na história recente em que as Nações Unidas (ou Estados individuais) - sob a pressão de movimentos de massa progressivos - formalmente impuseram sanções a estados claramente reacionários (por exemplo, sanções contra o Estado sul-africano do apartheid antes de 1994). Hoje muitos estados muçulmanos impõem sanções ao estado imperialista de Israel. Como mencionamos acima, a CCRI apoia criticamente as sanções impostas pelos países semicoloniais, ao mesmo tempo em que aponta

suas limitações. No entanto, como marxistas, defendemos trabalhadores e sanções populares contra forças reacionárias como o estado Sionista. Isso significa apoiar ações dos trabalhadores para impedir o comércio e a ajuda militar a Israel, o boicote do consumidor, etc. Por isso, apoiamos criticamente a campanha do BDS contra Israel, apesar de suas limitações.

Além disso, os socialistas deveriam conduzir a agitação política entre os soldados dos exércitos imperialistas, a fim de minar o reacionário controle dos generais, para promover a deserção em massa, bem como promover a confraternização com o “inimigo”, etc.

Os povos oprimidos envolvidos em lutas de libertação armada estão compreensivelmente em necessidade de ajuda material, incluindo militar. Essa ajuda só pode vir de produtores de armas e estados. Somente “anti-imperialistas” e hipócritas platônicos podem denunciar essas forças de libertação para adquirir armas de tais fontes. Defendemos o direito dos povos oprimidos de obter ajuda militar e material de outros estados (incluindo estados imperialistas), desde que isso não leve à subordinação política a esses estados. (Um exemplo negativo disso é o YGP curdo pequeno-burguês na Síria, que se tornou representante do imperialismo dos EUA.) Os trabalhadores nesses estados devem apoiar e não bloquear essa ajuda material para a luta de libertação.

É crucial construir movimentos internacionais para solidariedade com as lutas de libertação dos povos oprimidos. Um primeiro passo em direção a esse objetivo pode ser declarações e atividades conjuntas internacionais de socialistas, sindicatos e outros trabalhadores e organizações populares de massa dos respectivos países imperialistas e semicoloniais.

Os revolucionários, geralmente se constituindo de pequenas minorias entre os ativistas, devem aplicar uma tática útil para alcançar a máxima unidade na luta. Eles devem chamar as organizações de massa dos trabalhadores e oprimidos para organizar campanhas de massa eficazes. Ao mesmo tempo, é essencial que os revolucionários se reservem a liberdade de propaganda e agitação independentes. Tal liberdade inclui também o direito de criticar as forças não-revolucionárias participantes sempre que suas atividades violarem os interesses da luta de libertação. Uma tática evita o auto isolamento sectário e, ao mesmo tempo, permite aos revolucionários ajudar os trabalhadores e oprimidos a fazer sua experiência com a deficiência das lideranças estabelecidas. No final, essa tática deve ajudar a avançar a organização independente dos trabalhadores e oprimidos e conquistá-los para uma perspectiva revolucionária.

Observamos, como uma nota lateral, que tais táticas são ainda mais importantes nos próprios países semicoloniais, onde normalmente as forças nacionalistas ou islamistas pequeno-burguesas desempenham um papel de liderança nas lutas de libertação. Tal tática tornou-se conhecida no movimento operário revolucionário como a tática da *frente única anti-imperialista*. Foi originalmente elaborado pela Internacional Comunista nos tempos de Lênin e Trotsky e resumido em suas “*Teses sobre a questão oriental*” em seu quarto congresso em 1922. [522]

O objetivo estratégico é libertar a classe trabalhadora, o povo oprimido, de qualquer domínio das forças burguesas ou pequeno-burguesas e promover sua organização independente. Somente com base em tal independência política e organizacional a classe trabalhadora será capaz de levar outras classes e camadas do povo oprimido à libertação do jugo do imperialismo e do capitalismo.

Concluimos citando um adequado resumo elaborado por Rudolf Klement, um jovem líder da Quarta Internacional na década de 1930, que aborda o programa de derrotismo revolucionário no caso de conflitos entre Grandes Potências contra pessoas oprimidas: *“Acontece o contrário - no que diz respeito à forma externa de sua luta - com o proletariado dos países imperialistas envolvido em uma luta direta contra a causa progressista. Além de sua luta pela revolução, é seu dever realizar sabotagem militar em benefício do “inimigo” - o inimigo de sua burguesia, mas seu próprio aliado. Como meio do derrotismo revolucionário na luta entre os países imperialistas, a sabotagem militar, como o terror individual, é completamente inútil. Ela não substitui a revolução social, nem avança um centímetro, e nada mais ajuda do que um imperialismo contra o outro, enganando a vanguarda, semeando ilusões entre as massas e facilitando assim o jogo dos imperialistas. Por outro lado, a sabotagem militar é imperativamente imposta como uma medida imediata em defesa do campo que luta contra o imperialismo e, conseqüentemente, progressivo. Como tal, isso é entendido pelas massas, acolhendo e promovendo. A derrota do “próprio” país se transforma aqui, não em um mal menor que vem em adição (um mal menor que a “vitória” comprada com a paz civil e o abandono da revolução), mas no objetivo imediato, a tarefa de a luta proletária. A derrota do “próprio” país não seria, neste caso, um mal, ou um mal que é aceito muito mais facilmente como algo que vem além disso, pois significaria a simples vitória do povo libertado do jugo imperialista existente ou potencial, bem como o do proletariado sobre seu inimigo, sobre o mestre comum, o capital imperialista. Essa vitória seria um poderoso ponto de partida para a revolução proletária internacional, sobretudo entre os países imperialistas “amigos”. [523]*

## **Em cenários complexos de guerra**

Pode haver casos específicos de conflitos entre uma Grande Potência e um país semicolonial, onde este último recebe algum tipo de apoio de outra Grande Potência (que é rival do primeiro). Tais situações existiram durante a Segunda Guerra Mundial, quando o imperialismo anglo-americano apoiou a URSS (um Estado operário degenerado) contra o imperialismo alemão. Houve casos semelhantes quando as potências ocidentais apoiaram a China semicolonial contra o imperialismo japonês ou o Japão apoiou as forças indianas lideradas por Subhash Chandra Bose lutando contra os britânicos. Um exemplo real poderia ser o Irã semicolonial, apoiado pela China e pela Rússia contra os EUA. Se as “negociações de paz” se romperem novamente, a agressão dos EUA contra a Coreia do Norte semicolonial, que recebe apoio do imperialismo chinês, poderia ser outro exemplo.



Da mesma forma, pode haver guerras civis em que os trabalhadores e oprimidos lutam contra uma ditadura reacionária. O regime recebe forte apoio de uma Grande Potência e dos rebeldes, algum apoio de uma grande potência rival. A Síria tem sido um desses casos até que os EUA desistiram de seu apoio já muito limitado aos rebeldes.

Já lidamos em outros dos nossos documentos com mais detalhes com cenários de guerra tão complexos e as táticas militares finais. [524] Neste ponto, nos limitamos a resumir nosso método em abordando essas questões. O ponto decisivo é abordar essas questões de maneira dialética e não mecanicamente. Seria totalmente simplista concluir que, por causa da interferência de forças imperialistas e/ou reacionárias de ambos os lados, é aconselhável tomar uma posição *neutra*. Embora tal conclusão possa ser correta e aplicável em vários casos, ela também pode estar incorreta em outros casos. Os revolucionários devem levar em conta a origem, a história e os fatores determinantes (bem como os fatores secundários) de qualquer conflito, bem como a natureza de classe dos diferentes campos.

Se isso não for feito, a análise marxista e a arte revolucionária de elaborar táticas seriam reduzidas a uma mera contagem de vantagens e desvantagens. No entanto, de fato, a realidade é uma *"totalidade concreta, uma unidade do universal e do particular"* - para usar as palavras do distinto filósofo soviético da década de 1920, Abrão Deborin. [525]

Aqueles socialistas que sempre assumem uma posição neutra e abstencionista em conflitos e guerras tão complexos acreditam erroneamente que tal linha garantirá que eles defendam a independência da classe trabalhadora. No entanto, na verdade, eles apenas defendem a *"independência"* da classe trabalhadora da realidade objetiva, impedindo-a de promover seus próprios interesses em participar das lutas concretas entre as forças sociais!

Em contraste com tais abstencionistas, os marxistas têm que estudar concretamente um determinado conflito ou guerra e derivar as táticas apropriadas a partir dele. Sem essa abordagem, o marxismo é reduzido a uma amostra de truismos abstratos e uma passividade tática de esperar nos bastidores por melhores tempos, enquanto na realidade milhões de trabalhadores e oprimidos estão lutando por seus direitos democráticos e sociais contra as classes dominantes.

Em conclusão, repetimos o que já afirmamos há alguns anos: *"É verdade que as potências imperialistas tentaram historicamente utilizar as lutas democráticas para os seus próprios fins e interferir nelas. Tal interferência deve ser combatida pelas forças marxistas. Mas, como disse Lênin, na época do imperialismo, as Grandes Potências sempre tentarão interferir e utilizar conflitos nacionais e democráticos, mas isso não deve levar os marxistas a adotarem automaticamente uma posição derrotista em vez de defensiva-revolucionária em tais conflitos. Mais do que isso, os marxistas devem depender de qual fator se torna dominante - a luta nacional de libertação democrática ou a guerra imperialista de conquista."* [526]

### Notas de rodapé

506) Ver capítulos 12 e 13 em *O Grande Roubo do Sul*

507) Veja o Capítulo II em Michael Pröbsting: *Perspectivas do Mundo 2018: Um Mundo Grávido de Guerras e Levantes Populares*. Teses sobre a situação mundial, as perspectivas para a luta de classes e as tarefas dos revolucionários, livros RCIT, Viena 2018, <https://www.thecomunists.net/theory/world-perspectives-2018/>

508) Leon Trotsky: *Democratas Pequeno-burgueses e Moralizadores (1938-39)*; em: *Escritos de Leon Trotsky*, Suplemento 1934-40, p. 866

509) Internacional Comunista: *Teses sobre a Luta contra o Perigo de Guerra (1922)*, em: *Jane Degras: A Internacional Comunista 1919-1943. Documentos Volume I 1919-1922*, p. 330

510) V. I. Lenin: *Imperialismo. Fase Superior do capitalismo (1916)*; em: *LCW Vol. 22*, pp. 259-260

511) V. I. Lenin: *Imperialismo. Fase Superior do capitalismo (1916)*; em: *LCW Vol. 22*, p. 263 (ênfase no original)

512) V.I. Lenin: *O panfleto de Junius (1916)*; em: *LCW 22*, p. 310

513) V.I. Lenin / G. Zinoviev: *Socialism and War (1915)*; em: *LCW 21*, pp. 300-301

514) Leon Trotsky: *Discurso no Quarto Congresso da Internacional Comunista (1 de dezembro de 1922)*, em: *John Riddell (Ed.): Rumo à Frente Unida. Anais do Quarto Congresso da Internacional Comunista, 1922, Série de Livros de Materialismo Histórico*, Brill, Leiden 2012, p. 1000

515) John West (James Burnham): *Guerra e os Trabalhadores (1936)*, Panfleto do Partido dos Trabalhadores, <https://www.marxists.org/history/etol/writers/burnham/1936/war/index.htm>

516) Leon Trotsky: *Resolução sobre o Congresso Antiguerra do Bureau de Londres (1936)*, em: *Documentos da Quarta Internacional, Nova York 1973*, p. 99

517) Ver p. UNICEF: *Resultados dos Inquéritos sobre a Mortalidade Infantil e Materna no Iraque em 1999*. O relatório foi publicado pela Federação de Cientistas Americanos, [fas.org/news/iraq/1999/08/990812-unicef.htm](https://fas.org/news/iraq/1999/08/990812-unicef.htm), mas foi excluído sem surpresa no passado recente.

518) V. I. Lenin: *A Revolução Socialista e o Direito das Nações à Autodeterminação (1916)*; em: *LCW 22*, p. 147

519) V. I. Lenin: *O Proletariado Revolucionário e o Direito das Nações à Autodeterminação (1915)*; em: *LCW 21*, p. 409

520) Leon Trotsky: *Combater o Imperialismo para Combater o Fascismo (1938)*; em: *Escritos de Leon Trotsky*, vol. 1938-39, p. 26

521) Citado em: David H. Slavin: *A Esquerda Francesa e a Guerra Rif, 1924-25: Racismo e os Limites do Internacionalismo*, em: *Journal of Contemporary History*, vol. 26, n° 1, janeiro de 1991, p. 10; ver também numerosos documentos do PCF que são reproduzidos (em língua alemã) em Jakob Moneta: *Die Kolo-polpolitik der französischen KP*, Hannover 1968, S. 42-61

522) A tática da frente única antiimperialista enfatizou a natureza progressista da luta contra a dominação imperialista - mesmo que ela ocorra sob a liderança de forças (pequeno) burguesas:

*“A tarefa principal que é comum a todos os movimentos revolucionários nacionais é trazer unidade nacional e alcançar a independência política. A solução real e logicamente consistente desta questão depende da medida em que tal movimento nacional é capaz de romper com os elementos*

*feudais reacionários e conquistar as amplas massas trabalhadoras para sua causa, e em seu programa para dar expressão as demandas sociais dessas massas. Tomando plena consciência do fato de que aqueles que representam a vontade nacional de declarar independência podem, por causa da variedade de circunstâncias históricas, ser eles próprios do tipo mais variado, a Internacional Comunista apóia todo movimento nacional revolucionário contra o imperialismo. Ao mesmo tempo, não esquece que apenas uma política revolucionária consistente, destinada a atrair as massas mais amplas para a luta ativa e uma ruptura completa com todos os adeptos da reconciliação com o imperialismo em prol de sua própria dominação de classe, pode levar as massas oprimidas. para a vitória.”*(Internacional Comunista: Teses sobre a Questão Oriental, 5 de dezembro de 1922, IV Congresso da Internacional Comunista, em: Jane Degras: A Internacional Comunista, 1919-1943. Documentos Volume I 1919-1922, pp. 385-386)

A Internacional Comunista enfatizou que os marxistas não devem ter ilusões em forças (pequeno) burguesas no topo dos movimentos de libertação nacional. Eles devem aplicar a tática da frente única para maximizar o poder de mobilização e enfraquecer a influência dessas lideranças.

*“A conveniência deste slogan resulta da perspectiva de uma longa e prolongada luta contra o imperialismo mundial, que exige a mobilização de todos os elementos revolucionários. Essa mobilização é mais necessária, pois as classes dominantes nativas estão inclinadas a realizar compromissos com o capital estrangeiro dirigido contra os interesses vitais das massas populares. E assim como no Ocidente o slogan da frente única proletária ajudou e ainda está ajudando a expor a traição social-democrata contra os interesses proletários, então o slogan da frente única antiimperialista ajudará a expor a vacilação de vários grupos nacionalistas burgueses. Este slogan também promoverá o desenvolvimento da vontade revolucionária e o esclarecimento da consciência de classe das massas trabalhadoras e as colocará na linha de frente daqueles que estão lutando não apenas contra o imperialismo, mas também contra as sobrevivências do feudalismo.”*(Ibid 390)

523) Rudolf Klement: Princípios e Táticas na Guerra

524) Ver Capítulo II “Excuse: Diferentes Tipos de Guerras no Período Atual e Táticas Revolucionárias Conseqüentes” em Michael Pröbsting: Perspectivas do Mundo 2018: Um Mundo Grávido de Guerras e Levantes Populares; Michael Pröbsting: Dialética e Guerras no Período Atual. Prefácio aos Princípios e Táticas na Guerra de Rudolf Klement, junho de 2017, <https://www.thecommunists.net/theory/dialectics-war/> ; Michael Pröbsting: Lutas pela Libertação e Interferência Imperialista. O fracasso do “antiimperialismo” sectário no Ocidente: Algumas considerações gerais do ponto de vista marxista e o exemplo da revolução democrática na Líbia em 2011”, em: RCIT: Revolutionism Communism, No. 5; <http://www.thecommunists.net/theory/liberation-struggle-and-imperialism>

525) Abram Deborin: Revolucionário Lenine Dialektiker (1925); em: Nikolai Bucharin / Abram Deborin: O diatretismo e o materialismo de Kontroversen sobre o materialismo, Frankfurt a.M. 1974, p. 125 (fora da tradução)

526) Michael Pröbsting: Lutas pela Libertação e Interferência Imperialista

## XXII. Derrotismo Revolucionário e a Luta pela Igualdade Total dos Imigrantes

Como já dissemos acima, a crescente participação de imigrantes entre a população dos países imperialistas resulta na *multinacionalização da classe trabalhadora*. Isto tem consequências importantes para a luta de classes em geral e para a luta derrotista contra o imperialismo e o militarismo em especial.

Como já dissemos acima, os imigrantes provenientes de países mais pobres e semicoloniais constituem um cinturão de transmissão crucial entre os povos oprimidos que vivem em seu país de origem e a classe trabalhadora no respectivo país imperialista. Eles podem ajudar na conscientização dos trabalhadores nativos nos países imperialistas, eles podem introduzir o espírito de luta militante de seus países de origem para o Norte e transmitir várias habilidades e experiências do Norte ao Sul. O importante papel dos imigrantes e das minorias nacionais e raciais em geral, que eles desempenham em várias lutas de classes, sublinha esse fato.

Em especial, os imigrantes são um setor crucial do proletariado para orientar nos casos de trabalho de solidariedade anti-imperialista. Existe uma tendência natural para que eles se solidarizem com o povo oprimido sob ataque da potência imperialista. Exemplos proeminentes para isso têm sido o papel central dos imigrantes muçulmanos no movimento de massas contra a guerra do Iraque em 2003 ou as mobilizações de solidariedade de massas para a Palestina.

Pensamos que, dada uma menor identificação nacional dos imigrantes com o Estado imperialista, os imigrantes também desempenharão um papel importante para o trabalho de massa dos revolucionários para minar os esforços imperialistas de mobilização chauvinista e militarista. Construir ligações com comunidades imigrantes e construir um partido revolucionário com um forte foco em imigrantes é, portanto, uma tarefa central para os Marxistas nos países imperialistas.

A questão do racismo e migração, pela sua própria natureza, toca em elementos cruciais do chauvinismo imperialista. A luta anti-chauvinista neste terreno desafia a identidade “nacional” do Estado nacional imperialista, enfraquece o domínio absoluto da linguagem estatal, desafia o sistema legal que nega a cidadania para muitos imigrantes (apesar do fato de que os imigrantes têm “o direito de “aumentar a riqueza nacional”, desafia o controle do Estado imperialista sobre suas fronteiras, etc.

Por estas razões, a CCRI considera a política sobre imigrantes e refugiados como uma preparação e um teste decisivo para cada organização progressista. A sua abordagem a esta questão irá testar se será capaz de resistir às pressões de uma guerra imperialista.

Nós sempre enfatizamos que os socialistas devem defender os imigrantes e refugiados contra a opressão nacional e a discriminação racista. Eles devem lutar pela plena igualdade para os imigrantes e se opor a qualquer abordagem que os considere “trabalhadores convidados” ou como “estrangeiros”. As potências imperialistas têm uma longa história de super-exploração, aventuras militares, colonialismo, etc., da qual os países de onde muitos imigrantes se originam ainda sofrem. Hoje, essas potências ainda ganham enormemente com a superexploração contínua dos países semicoloniais. Além disso, os capitalistas dos países imperialistas também lucram com a super-exploração dos imigrantes à medida que recebem salários mais baixos (do que os trabalhadores nativos), têm menos acesso ao serviço social (do que os trabalhadores nativos), etc. Portanto, é evidente que os imigrantes devem ter plena igualdade.

Tal igualdade inclui o uso da língua nativa nas escolas, universidades, administração pública etc. Como já enfatizamos repetidamente, os bolcheviques pediram, na época, a abolição da linguagem estatal e a igualdade de todas as línguas faladas pelas diferentes pessoas na Rússia. Tal programa é totalmente apropriado hoje em dia. Outra demanda importante é salários iguais para trabalho igual.

A CCRI se opõe a todas as tentativas social-chauvinistas de impor qualquer “aculturação” dos imigrantes. Queremos unidade em bases iguais, interação mútua e não dominação da população nativa sobre os imigrantes.

Os socialistas também devem exigir direitos cívicos dos imigrantes, que incluem o direito de votar, de reunir, ter acesso a serviços públicos, segurança social, saúde, etc. Essa perspectiva democrática consistente inclui a oposição contra as várias leis chamados “antiterroristas”. “Leis que, na verdade, são usadas pela polícia para reprimir os imigrantes.

A crescente discriminação religiosa cada vez mais aberta contra os muçulmanos demonstra o quanto é importante para os socialistas exigir uma completa separação entre Estado e religião e a total liberdade de todos os grupos religiosos para exercitar sua fé.

Os socialistas deveriam convocar um programa de emprego público que incluísse a construção de novas casas para que todos pudessem ter moradias acessíveis. Tal programa garantiria o fim do desemprego. Os chauvinistas e reformistas se opõem: “*Como isso deve ser financiado?*” Nossa resposta é pegar o dinheiro daqueles que roubaram em massa dos trabalhadores em seu próprio país, assim como no exterior - os capitalistas! Portanto, esse programa de emprego público deveria ser financiado por aumentos maciços na taxação dos ricos e na expropriação dos super-ricos.

Confrontados com o crescente número de ataques racistas de grupos de direita e de forças do Estado, os socialistas devem pedir uma frente única para defender fisicamente os imigrantes e refugiados contra ataques racistas (grupos de auto-defesa, etc.).

Outra questão crucial, que afeta em especial a questão do poder do Estado

imperialista, é o direito dos imigrantes e refugiados de atravessar livremente as fronteiras e entrar nos países ricos. Como elaboramos em numerosos documentos, os socialistas devem lutar contra o controle racial da imigração nos Estados imperialistas e defender as “*fronteiras abertas*” para os refugiados. Podemos observar a atualidade dessa questão nos EUA com as tentativas de deportações em massa de imigrantes de Trump, enviando soldados para a fronteira com o México a fim de deter a Caravana de imigrantes [527], sua determinação de construir um muro maciço na fronteira, sua “proibição muçulmana”.”, Etc.

O mesmo se aplica à Europa, onde os refugiados que fogem da guerra, da fome e da miséria são ameaçados e detidos pelo regime racista da Frontex na UE, no Mar Mediterrâneo e nos Balcãs. Os refugiados que conseguiram entrar na Europa são perseguidos, discriminados e muitas vezes expulsos. Discriminação racista semelhante ocorre na Rússia contra pessoas do Cáucaso e da Ásia Central.

O objetivo estratégico de um movimento tão revolucionária é trabalhar para a *unidade multinacional da classe trabalhadora em uma base internacionalista*. Isto significa que nos esforçamos para unir os trabalhadores nativos e trabalhadores imigrantes que vivem nos países imperialistas, assim como os trabalhadores que vivem nos países imperialistas com os povos oprimidos que vivem nos países semicoloniais do sul. Tal unidade só é possível com base no internacionalismo consistente da classe trabalhadora. Só é possível se os trabalhadores dos países privilegiados, imperialistas, compreenderem a necessidade de rejeitar quaisquer privilégios e preconceitos aristocráticos e aceitarem a igualdade de seus irmãos e irmãs de classe oriundos desses países ou, ainda vivendo em outros países. Em outras palavras, os marxistas devem explicar que a classe trabalhadora é, por natureza, uma classe internacional e, portanto, que seus interesses só podem ser defendidos com base no internacionalismo. A oposição consistente contra a defesa de quaisquer direitos especiais para uma minoria privilegiada do proletariado mundial (aqueles que vivem nos países ricos) contra a vasta maioria do proletariado mundial (aqueles que vivem no Sul) é uma pré-condição para a construção de tal unidade internacional. Por essa razão, os marxistas sempre se opuseram ao controle da imigração pelos estados imperialistas e apoiaram o direito das pessoas de se movimentarem livremente.

Como dissemos acima, a multinacionalização da classe trabalhadora cria uma base objetiva para o surgimento de uma consciência internacionalista. No entanto, essa tendência enfrenta importantes tendências contrárias. Estas contratendências são, em primeiro lugar, a massiva pressão repressiva e a propaganda chauvinista da máquina estatal imperialista, assim como dos partidos racistas de direita. Em segundo lugar, há a tremenda influência das lideranças reformistas dos partidos social-democratas e estalinistas, assim como a influência dos sindicatos que sempre pregaram o social-chauvinismo aberto ou dissimulado. A fim de transformar as *tendências espontâneas* e direcioná-las para o internacionalismo em uma consciência de classe anti-chauvinista plenamente desenvolvi-

da, a intervenção de um partido revolucionário é indispensável.

Tal unidade internacional entre trabalhadores nativos e imigrantes não pode ser criada por apelos abstratos pela solidariedade internacional. Nem pode ser criado por adaptação ao estado nacional. Ela só pode ser alcançada com base em *lutas conjuntas por reivindicações econômicas e políticas imediatas, pelos direitos democráticos dos imigrantes e pela solidariedade internacional com as lutas de libertação dos trabalhadores e oprimidos no sul.*

As numerosas campanhas conjuntas para lutar contra a islamofobia, opor-se à agressão imperialista ao Sul e apoiar as lutas de libertação, as revoltas espontâneas conjuntas de jovens como, or exemplo, no distrito londrino de Tottenham e outras cidades britânicas em agosto de 2011, iniciativas populares espontâneas para ajudar os refugiados a fugir da guerra e da miséria, (como aconteceu em vários países europeus no outono de 2015) - todos esses são exemplos de que esse trabalho no espírito do internacionalismo anti-imperialista e anti-chauvinista tem uma base real à qual os socialistas podem se relacionar.

Trabalhar em direção a essa estratégia ajudará os revolucionários a combater as tentativas da classe dominante de dividir a classe trabalhadora quando promove o ódio entre seus diferentes setores nacionais através da disseminação do ódio chauvinista contra os imigrantes e da histeria sobre a chamado “Crise dos Refugiados”. Esse trabalho permitirá aos revolucionários transformar essa polarização reacionária na criação de unidade internacional de trabalhadores e oprimidos de diferentes países.

É com base em tal programa que os revolucionários tentam organizar os imigrantes nos sindicatos e em outras organizações de massa da classe trabalhadora. Mais importante ainda, os revolucionários devem se esforçar para construir partidos operários revolucionários nos países imperialistas com um forte foco em trabalhadores imigrantes e jovens. [528]

Tal programa baseia-se na abordagem revolucionária, tal como foi desenvolvida pela Internacional Comunista nos tempos de Lênin e Trotsky. Esta posição foi elaborada nas “*Teses sobre a Questão Oriental*”, adotadas no Quarto Congresso da Internacional Comunista em 1922. Este documento afirma inequivocamente:

*“Em vista do perigo que se aproxima, os partidos comunistas dos países imperialistas - América, Japão, Grã-Bretanha, Austrália e Canadá - não devem simplesmente fazer propaganda contra a guerra, mas devem fazer todo o possível para eliminar os fatores que desorganizam o movimento dos trabalhadores em seus países, ou seja, eliminar fatores que possibilitam tornar mais fácil para os capitalistas a explorar os antagonismos nacionais e raciais.*

*Esses fatores são a questão da imigração e a questão do trabalho barato dos imigrantes não brancos.*

*A maioria dos trabalhadores trazidos da China e da Índia para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar na parte sul do Pacífico ainda é recrutada sob o sistema de trabalho escravo. Este fato levou os trabalhadores dos países imperialistas a exigirem a introdução de leis contra a imigração e o trabalho barato dos imigrantes não brancos,*

*tanto na América como na Austrália. Essas leis restritivas aprofundam o antagonismo entre trabalhadores de brancos e não brancos, o que divide e enfraquece a unidade do movimento operário.*

*Os Partidos Comunistas da América, Canadá e Austrália devem conduzir uma campanha vigorosa contra as leis restritivas de imigração e devem explicar às massas proletárias nesses países que tais leis, ao inflamar o ódio racial, irão se recuperar sobre elas a longo prazo.*

*Os capitalistas são contra as leis restritivas no interesse da livre importação de mão de obra barata e com isso provocar a redução dos salários dos trabalhadores brancos. A intenção dos capitalistas de tomar a ofensiva pode ser adequadamente tratada de uma única maneira - os trabalhadores imigrantes devem se juntar às fileiras dos sindicatos existentes de trabalhadores brancos. Simultaneamente, deve-se aumentar a demanda para que o salário dos trabalhadores não brancos seja elevado ao mesmo nível que o salário dos trabalhadores brancos. Tal movimento por parte dos Partidos Comunistas exporá as intenções dos capitalistas e ao mesmo tempo demonstrará graficamente aos trabalhadores não brancos que o proletariado internacional não tem preconceito racial.” [529]*

Tal abordagem comunista não perdeu sua atualidade!

### **Notas de rodapé**

527) Veja por exemplo, por exemplo CCRI (em inglês RCIT): América Central / México / EUA: Solidariedade com a Caravana dos Imigrantes! 01.11.2018, <https://www.thecommunists.net/pt/worldwide/latin-america/central-america-mexico-u-solidarity-with-the-migrants-caravan/>

528) Para uma elaboração mais detalhada da posição do RCIT sobre a migração e o programa internacionalista de igualdade revolucionária, encaminhamos os leitores a vários documentos que publicamos e que estão acessíveis em nosso website. Veja, por exemplo, Michael Pröbsting: Patriótico “Anti-Capitalismo” para os tolos. Mais uma vez sobre o apoio do CWG / LCC ao controle e proteção contra imigrante “trabalhadores” nos EUA, 30.5.2017, <https://www.thecommunists.net/theory/cwg-lcc-us-protectionism/>; Michael Pröbsting e Andrew Walton: O slogan do controle de imigração dos Trabalhadores”: uma Concessão ao Social-chauvinismo, 27.3.2017, <https://www.thecommunists.net/theory/workers-immigration-control/>; Michael Pröbsting e Andrew Walton: uma defesa social-chauvinista do indefensável. Outra resposta ao apoio do CWG / LCC ao controle de imigração de “Trabalhadores”, 14.5.2017, <https://www.thecommunists.net/theory/cwg-immigration-control/> RCIT: marxismo, migração e integração revolucionária, <https://www.thecommunists.net/oppressed/revolutionary-integration/>; Michael Pröbsting: The Great Robbery of the South, capítulo 8.iv) e 14ii), <https://www.thecommunists.net/theory/great-robbery-of-the-south/>; Michael Pröbsting: A Esquerda Britânica e o Referendo da UE: As Muitas Faces do Social-Imperialismo pró-Reino Unido ou pró-UE, agosto de 2015, Capítulo II.2, <https://www.thecommunists.net/theory/british-left-and-eu-referendum/part-5-1/> RCIT-Programa, capítulo V: <https://www.thecommunists.net/rcit-manifesto/manifesto-iv/>, capítulo RCIT-Manifesto IV: <https://www.thecommunists.net/rcit-program-2016/chapter-iv/>; e várias declarações e artigos reais aqui: <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/articles-on-refugees/>. Veja também Michael Pröbsting: Migração e super-exploração: teoria marxista e o papel da migração no presente período de decadência capitalista, em: Critique: Journal of Socia-



list Theory (Volume 43, Edição 3-4, 2015), pp. 346 Também publicamos um estudo detalhado sobre migração e o programa marxista em alemão. Veja Michael Pröbsting: *Marxismus, migração e revolução revolucionária* (2010); em: *Der Weg des Revolutionären Kommunismus*, Nr. 7, pp. 38-41, <http://www.thecommunists.net/publications/werk-7> 529) *Internacional Comunista: Teses sobre a Questão Oriental*, Quarto Congresso da Internacional Comunista, dezembro de 1922, em: *Jane Degras: A Internacional Comunista 1919-1943. Documentos. Volume I 1919-1922*, pp. 391-392, <http://marxists.org/history/international/comintern/4th-congress/eastern-question.htm>



*Parte 4:*

*O Fracasso da Esquerda  
na Luta Contra o Imperialismo*

## XXIII. A Esquerda Enfrentando A Rivalidade das Grandes Potências: Sociais-Imperialistas Pró-Occidentais

Neste capítulo, discutiremos as estratégias que várias forças de esquerda estão oferecendo em resposta a acelerada rivalidade das Grandes Potências. Antes de fazer isso, vamos resumir brevemente as principais conclusões dos capítulos anteriores, nos quais elaboramos a estratégia do derrotismo revolucionário no período atual.

### Observações Gerais Introdutórias

As pré-condições para qualquer internacionalismo significativo da classe trabalhadora na era da rivalidade das Grandes Potências são:

a) o reconhecimento da existência dessas potências imperialistas (ou seja, que os EUA, a UE, o Japão, a Rússia e a China são imperialistas) e, conseqüentemente,

b) que os socialistas devem permanecer na oposição anti-imperialista intransigente e consistente contra *todas* as Grandes Potências.

Assim, os socialistas não devem escolher um “mal menor” nos conflitos entre as Grandes Potências (ou seus representantes), mas devem assumir uma posição derrotista contra todos eles. (“*O principal inimigo está em casa!*”, “*Transformar a guerra imperialista em guerra civil*”)

Essa categórica rejeição em se posicionar ao lado de qualquer Grande Potência permanece puramente negativa e platônica, se não for *combinada* com apoio ativo às lutas dos trabalhadores e oprimidos contra a classe dominante em todos esses países, assim como pelas lutas de libertação dos povos oprimidos atacadas por qualquer uma dessas Grandes Potências (ou suas marionetes). Exemplos disso são as lutas de libertação nacional como as do Afeganistão contra os EUA, na Síria contra a Rússia e sua marionete Assad, no Iêmen contra a coalizão liderada pelos sauditas (e apoiada pelo ocidente) do povo palestino contra Israel ou do povo uigur contra a China. Também inclui apoio a lutas democráticas como as do Egito contra a ditadura militar do general Sisi ou do povo da Caxemira contra a ocupação indiana. E inclui a defesa de países como a Coreia do Norte, Cuba ou Venezuela contra a agressão dos EUA.

Além disso, a luta consistente pela plena igualdade dos Imigrantes nos países imperialistas, assim como pelas fronteiras abertas para os refugiados, também faz parte de uma estratégia anti-imperialista consistente.

Sem essa *estratégia combinada de anti-imperialismo e pró-liberacionismo*, de oposição contra todas as Grandes Potências e apoio a *todas* as lutas de libertação

dos trabalhadores e oprimidos, sem um tal programa combinado, *é impossível* seguir uma linha marxista no atual período histórico.

Infelizmente, tal programa de derrotismo revolucionário é parcial ou completamente rejeitado pela maioria das forças de esquerda reformistas e centristas. Já discutimos e criticamos em capítulos anteriores como essas organizações não conseguem captar o caráter dos novos gigantes imperialistas Rússia e China e as consequências disso para a acelerada rivalidade das Grandes Potências. Abaixo, trataremos das consequências que esses partidos e organizações extraem de suas análises por suas táticas nas principais lutas do período atual.

Basicamente, podemos classificar as seguintes correntes entre as forças reformistas de esquerda e centristas:

1. *Sociais-imperialistas abertamente pró-ocidentais*
2. *Sociais-imperialistas abertamente pró-orientais*
3. *Negadores do caráter imperialista da Rússia e da China, mas hesitantes em tirar as conclusões*
4. *Ecléticos Sociais-Pacifistas*

Independentemente de suas diferentes alianças e diferenças táticas, os sociais-imperialistas pró-ocidentais e pró-orientais compartilham a mesma fisionomia política e socio-econômica. Eles têm a mesma base histórica-social de classe, bem como a mesma perspectiva estratégica. Na maioria dos casos, essas forças representam os partidos operários burgueses, baseados em um programa reformista. Em alguns casos, são formações burguesas-populistas como o KPRF russo ou simplesmente partidos que representam o aparato estatal dominante como os partidos “comunistas” na China, em Cuba, no Vietnã, etc.

Esses partidos são geralmente bem integrados na superestrutura política do sistema capitalista - seja pela participação repetida em governos nacionais ou regionais (em países democráticos burgueses), pela representação parlamentar regular, pela integração na burocracia sindical, etc. ou simplesmente dominando como o único partido governante existente (em ditaduras).

Em ditaduras como China, Cuba ou Vietnã, esses partidos “comunistas” representam a aliança entre a burocracia estatal e a burguesia emergente. Em países onde as forças reformistas não são partidos governantes de longa data, elas geralmente têm sua base social na aristocracia operária (ou seja, os estratos mais privilegiados da classe trabalhadora) e setores da classe média. Eles se adaptam a uma ala da burguesia - seja de seu próprio país imperialista ou de um rival imperialista.

A relação entre reformismo, social-imperialismo e aristocracia trabalhista é antiga e já foi enfatizada por Lênin.

*“Qual é a substância econômica do defensismo na guerra de 1914-15? A burguesia de todas as Grandes Potências está travando a guerra para dividir e explorar o mundo e oprimir outras nações. Algumas migalhas dos enormes lucros da burguesia podem ser o caminho do pequeno grupo de burocratas trabalhistas, aristocratas trabalhistas e companheiros de viagem pequeno-burgueses. O social-chauvinismo e o oportunismo*

*têm a mesma base de classe, a saber, a aliança de uma pequena seção de trabalhadores privilegiados com a “sua” burguesia nacional contra as massas da classe trabalhadora; a aliança entre os lacaios da burguesia e da burguesia contra a classe que este último está explorando. O oportunismo e o social-chauvinismo têm o mesmo conteúdo político, a colaboração de classes, o repúdio à ditadura do proletariado, o repúdio à ação revolucionária, a aceitação incondicional da legalidade burguesa, a confiança na burguesia e a falta de confiança no proletariado. O social-chauvinismo é a continuação e consumação diretas da política trabalhista liberal britânica, do milerandismo e do bernsteinismo.”* [530]

Hoje, com a integração muito mais profunda dos partidos reformistas no sistema burguês, incluindo sua participação regular em governos regionais e nacionais, essas tendências sociais-imperialistas têm uma base econômica e política muito mais forte e sólida. [531]

Não há parede chinesa (trocadilho intencional) entre os sociais-imperialistas pró-ocidentais e os pró-orientais. Eles se adaptam às (correntes) da burguesia de diferentes potências nacionais. Mas como é bem sabido, as potências imperialistas estão alternando conflitos com a colaboração entre si. Além disso, a burguesia de um determinado país não é uma classe monolítica, mas tem diferentes facções. Entre eles, muitas vezes, setores que, pelo menos por um certo período, favorecem a colaboração com outra potência, em vez de um confronto.

Isto é especialmente verdadeiro dado o fato de que existem setores dentro da classe dominante (e ainda mais entre a classe média) na União Europeia e no Japão que simpatizam com uma política global mais “independente” de seus estados, ou seja, independente do imperialismo dos EUA e que luta por mais colaboração com a Rússia e a China.

Por isso, não é de surpreender que haja contatos e, às vezes, cooperação entre as partes do campo pró-Occidente e do pró-Leste. Veja por exemplo as relações amistosas e a cooperação entre os sociais-imperialistas pró-ocidentais do Partido da Esquerda Europeia-PEE, dos partidos stalinistas pró-orientais, vários centristas e o YPG curdo que estão servindo como marionetes para o imperialismo norte-americano na Síria.

Além disso, as burocracias reformistas podem trocar o mestre que estão servindo. A história da social-democracia está cheia de contradições desse tipo. Não nos esqueçamos de que os partidos social-democratas da Europa Ocidental nas décadas de 1920 e 1930 faziam parte da mesma organização (a Segunda Internacional). No entanto, eles estavam alinhados com facções de suas respectivas burguesias nacionais, que frequentemente mantinham relações hostis entre si (por exemplo, Alemanha vs. França ou Grã-Bretanha). Houve também períodos em que tais partidos mantinham relações estreitas com o imperialismo norte-americano. Naturalmente, isso resultou, às vezes, em rupturas acentuadas entre si.

Neste capítulo, vamos lidar com os sociais-imperialistas pró-ocidentais. Caracterizamos essas forças reformistas como sociais-imperialistas abertamente pró

-ocidentais que, lado a lado com a “sua” pátria imperialista ocidental, apoiam em palavras e ações os interesses políticos e econômicos de “sua” burguesia. Como os partidos mais importantes desta corrente, podemos identificar os partidos reformistas de esquerda unidos no *Partido da Esquerda Europeia* (PEE), bem como os japoneses *Partido Comunista* (PCJ). Os principais partidos da PEE são o *Partido Comunista Francês-PCF* (França), o *die LINKE* (Alemanha) e o *SYRIZA* (Grécia). [532] *Todos esses partidos eram ex-forças Estalinistas que, entretanto, se transformaram em partidos democráticos neo-sociais.*

## O Partido da Esquerda Europeia (PEE)

Como já elaboramos em vários documentos, os partidos membros do PEE são formações sociais-imperialistas completamente reformistas e pró-ocidentais. [533] Vamos demonstrar isso com vários exemplos. Nos anos 1997-2002, o *Parti Communiste Français* (PCF) fez parte do governo Jospin, que participou ativamente das guerras da OTAN contra a Sérvia em 1999 e o Afeganistão em 2001. Seu partido membro na Itália na época - o *Partito della Rifondazione Comunista* de Fausto Bertinotti - apoiou o governo neoliberal de Romano Prodi em 1996-98 e juntou-se a um segundo governo Prodi em 2006-08. Nesse papel, votou pela participação italiana na ocupação imperialista do Afeganistão, bem como pelo envio de tropas ao Líbano. O LINKE alemão não participou de governos nacionais até agora (apesar do grande desejo da liderança do partido), mas juntou-se a vários governos regionais de coalizão implementando a política de austeridade neoliberal.

O SYRIZA lidera o governo grego desde janeiro de 2015 em aliança com o partido de extrema direita ANEL. Nos últimos quatro anos, implementou o programa de austeridade ditada pela UE com mais sucesso do que qualquer um dos seus predecessores conservadores ou social-democratas. No *Conselho da União Europeia*, o líder do SYRIZA e o primeiro-ministro da Grécia, Alexis Tsipras, apoiaram todas as decisões do imperialismo da UE, incluindo várias sanções contra a Rússia.

Importantes partidos membros da PEE também têm um histórico vergonhoso de apoiar a guerra imperialista (sob o pretexto da “guerra ao terror”) contra os povos oprimidos no Oriente Médio e na África. Eles mantinham relações estreitas com o *Partido Comunista Iraquiano*, que apoiava a ocupação do Iraque pelos EUA desde 2003 e participava de várias administrações coloniais do país. O PCF - assim como a *Frente de Esquerda* de Jean-Luc Mélenchon - expressaram em suas declarações públicas que “*compartilham as metas do governo de Mali de derrotar os terroristas jihadistas no norte*”. [534] Quando o governo social-democrata decidiu enviar tropas francesas para o Mali, o PCF e Mélenchon apoiaram totalmente essa decisão. Apenas criticou que tal intervenção deveria ter tido o aval das Nações Unidas. O deputado parlamentar do PCF André Chassaigne declarou: “*Uma intervenção internacional foi urgente e necessária para deter a ofen-*

*siva dos fanáticos islâmicos.*” A mesma posição foi expressa por François Asensi, deputado da Frente de Esquerda (em francês FdG) de Mélenchon: “*A posição dos deputados da Frente de Esquerda, ambos Comunista e republicano, é claro: abandonar o povo do Mali à barbárie dos fanáticos teria sido um erro político e um pecado moral. A não intervenção teria sido o pior ato de covardia.*” [535]

Após o ataque à revista racista *Charlie Hebdo* em 7 de janeiro de 2015, o PCF e a FdG de Mélenchon elogiaram este lixo islamofóbico como “*progressista*”. Eles se juntaram à campanha reacionária “*Je Suis Charlie*” e convocaram a participar da manifestação pró-imperialista pela “*unidade nacional*” em Paris no dia 11 de janeiro - uma marcha televisionada mundialmente liderada por, entre outros, chefes dos governos imperialistas ocidentais incluindo o criminoso de guerra e presidente de Israel Benjamin Netanyahu. Eles nem conseguiram votar no parlamento em 13 de janeiro contra a extensão da intervenção militar da França no Iraque! [536]

Depois dos atentados terroristas em Paris, em 13 de novembro de 2015, o PCF juntou-se novamente à “*Union Nationale*”. Todos os seus deputados votaram pelo estado de emergência e, depois, por sua extensão por três meses! [537] Não é de surpreender que esse partido social-chauvinista também apoie a proibição do hijab e da burca para as mulheres muçulmanas. [538]

O mesmo espírito social-chauvinista está por trás da posição de Sahra Wagenknecht e sua iniciativa *aufstehen*. Wagenknecht é a líder da facção parlamentar do LINKE alemão. Ela denuncia abertamente o slogan de “*fronteiras abertas*” como “*quixotesco*”, critica o governo conservador de Ângela Merkel por deixar entrar tantos refugiados do sexo masculino no país nos ataques de 2015 - similar aos racistas de direita e sionistas - por Imigrantes muçulmanos não “*se Integrem na sociedade.*” [539]

## Islamofobia: O Novo Anti-Semitismo do Século XXI

Neste ponto, queremos chamar a atenção para o fato, amplamente ignorado por muitos “*esquerdistas*”, de que a islamofobia imperialista é o novo anti-semitismo do século XXI. Enquanto as Grandes Potências estão em rivalidade umas contra as outras em várias questões, elas concordam totalmente em uma coisa: a discriminação e opressão das minorias muçulmanas. Naturalmente, elas o fazem por razões *políticas* e não religiosas. Um dos principais aliados de Washington no Oriente Médio é o Reino Wahhabite, na Arábia Saudita, e um dos principais aliados de Moscou é o regime teocrático do Irã, bem como o açougueiro Kadyrov, na Chechênia. [540] Mas eles pregam e utilizam o ódio contra as minorias muçulmanas e os muçulmanos por várias razões:

- i) oprimir e explorar os imigrantes como mão-de-obra barata nos países imperialistas;
- ii) oprimir as minorias nacionais muçulmanas (por exemplo, chechenos e outros povos caucasianos, uígures, etc.);



iii) legitimizar o apoio a ditaduras “seculares” como as de Assad, General Sisi, do Uzbequistão, do Tadjiquistão, etc.;

iv) legitimizar as guerras e intervenções imperialistas na Síria, Iraque, Afeganistão, Somália, Mali, Níger, etc.

Por estas razões, consideramos a abordagem da islamofobia imperialista como um dos testes mais importantes para a chamada “esquerda”. Fazer qualquer tipo de concessão a essa praga - seja em questões domésticas relativas a imigrantes ou minorias nacionais, ou em questões de política externa, como intervenções militares em países muçulmanos ou na aproximação com Israel sionista e a luta de libertação palestina - é evidência inequívoca do social-chauvinismo e capitulação ao imperialismo. Infelizmente, toda a história recente de numerosos partidos reformistas e centristas demonstra que a maioria deles vergonhosamente falhou neste teste!

Essa política social-chauvinista é colocada em prática pelo SYRIZA - o partido governante da Grécia e uma das principais forças da PEE. Assume plena co-responsabilidade pelo ataque imperialista da UE contra os refugiados, uma vez que concorda com todos os programas anti-imigrantes do *Conselho da União Europeia* e os executa lealmente (programa Frontex, etc.). É uma verdade marxista de longa data que, como Lênin gostava de dizer, “os homens não devem ser julgados por suas palavras, mas por suas ações.” [541] Julgados por seus atos, o PEE não tem nada a ver com o anti-imperialismo e solidariedade internacionalista para os imigrantes e refugiados!

Outra expressão do social-chauvinismo arraigado do PEE é seu apoio ao estado sionista de Israel. As principais lideranças da PEE expressaram repetidamente seu apoio a esse estado colonizador colonial. Gregor Gysi, um líder permanente do LINKE alemão e atualmente presidente do PEE, repetidamente enfatizou que seu partido significa “*Solidariedade com Israel*”. Em um discurso, ele caracterizou “*a solidariedade com Israel como um elemento moral bem fundado para a razão alemã de estado.*” [542]

Durante a guerra de Gaza em 2008/09, o presidente do LINKE em Berlim, Klaus Lederer, juntou-se a uma manifestação com o slogan “*Apoiar Israel - Operação Cast-Lead*” e foi - ao lado de políticos dos outros partidos burgueses - um dos oradores principais. O LINKE alemão chega a criticar qualquer apoio a uma solução de um estado na Palestina, assim como criticar apelos ao boicote de commodities israelenses ou à participação em comboios de solidariedade a Gaza. Até associa essas atividades ao “anti-semitismo”. Declara também o apoio a tais posições como incompatível com a participação no grupo parlamentar! Essas posições foram adotadas em 2011 por unanimidade pela liderança, respectivamente o grupo parlamentar, do LINKE! [543] Como informamos, o Partido Comunista Austríaco, também membro da PEE, difamou repetidamente a Seção local da CCRI como “Anti-semita”. Expulsou a CCRI até mesmo de seus eventos públicos por causa de nossa consistente posição anti-sionista e o consequente apoio à luta de libertação palestina. [544]

Sob a luz da aceleração da rivalidade entre as Grandes Potências, a liderança da PEE apoia a formação da UE imperialista como uma potência independente: *“Os estados-nação individuais devem parar de se permitir serem jogados uns contra os outros por corporações e bancos. Países como a Irlanda não devem mais ser autorizados a atrair investidores reduzindo seus impostos e baixando os padrões sociais e ambientais. Não conseguiremos fazer quase nada para evitar esses desequilíbrios se continuarmos a nos opor como estados-nação - e é por isso que precisamos de abraçar a integração europeia. Por si próprios, cada nação nunca será capaz de responder eficazmente a uma guerra comercial com os EUA. Aqui, precisamos ver uma resposta unida da União Europeia. Evidentemente, estou consciente do triste estado em que algumas partes desta União Europeia se encontram. Mas a economia europeia, os desafios ambientais que a Europa enfrenta, a prevenção da guerra neste continente e, em última análise, a questão social e os jovens na Europa, em especial, que estão cada vez mais abraçando uma identidade europeia - todos eles pedem a integração europeia, e não o seu oposto.”* [545]

É claro que o PEE combina esse apoio à intervenção militar imperialista na África ou no Oriente Médio, apoio para Israel, ou para a declaração do estado de emergência com intermináveis invocações de pacifismo, a *“importância das Nações Unidas”*, da *“necessidade de soluções pacíficas”*, etc. [546] Esse tipo de argumentação está parcialmente enraizado na tradição pacifista pequeno-burguesa de décadas dessas forças como (ex-) partidos estalinistas da oposição e em parte no fato de defenderem uma política externa diferente para a UE. Eles se adaptam àquela ala da burguesia monopolista europeia que deseja uma posição independente de Washington. Naturalmente, como uma Grande Potência independente (isto é, sem o apoio militar dos EUA), a UE seria do ponto de vista político e militar muito mais fraca. Como um bloco imperialista enfraquecido, a UE deve esforçar-se não por um confronto de curto prazo com outros rivais, mas sim por cooperação e relações *“pacifistas”* com eles.

## O Partido Comunista Japonês

O *Partido Comunista Japonês* (PCJ) nunca fez parte de um governo de coalizão. É um importante partido de oposição social-democrata, ex-Estalinista, que tem oficialmente cerca de 300.000 membros e 20.000 seções em todo o país. Nas eleições para a Câmara dos Deputados, em 2017, o PCJ recebeu 4,4 milhões de votos, ou 7,91%. E nas eleições de 2016 para a Câmara dos Conselheiros, o partido obteve 6,02 milhões de votos, ou 10,74%. [547]

Uma característica programática crucial do PCJ desde o início de sua existência legal em 1945 é a negação do caráter imperialista do Japão. Enquanto o partido aceita que o Japão havia sido uma potência imperialista antes de 1945, alega que uma mudança fundamental ocorreu desde então. Já em uma declaração programática adotada no Plenário do Comitê Central, realizada em agosto de 1948, o PCJ definiu como metas a recuperação do status do Japão como um Estado independente (ou seja, imperialista independente). Apelou para o *“di-*

reito do Japão à autodefesa”, o “retorno para o Japão das ilhas que nacional e historicamente pertencem a ele”, assim como para uma “garantia de independência da economia japonesa”:

“2. Independência: a recuperação completa da soberania. (Nenhuma obrigação apoiar algo que irá infringir a soberania). 3. Território: o retorno para o Japão de ilhas que originalmente pertencem ao Japão nacional e historicamente. (...) 5. Denúncia da guerra e direito à autodefesa: a denúncia da guerra; oposição a qualquer condição que possa envolver o Japão em uma disputa internacional e a aprovação do direito do Japão de autodefesa. 6. Economia: garantia de independência da economia japonesa e melhoria da vida das pessoas e a formação de relações econômicas iguais com todos os países do mundo.” [548]

Em um rascunho de programa publicado pela liderança do PCJ em setembro de 1957 (e posteriormente adotado em um congresso), a seguinte caracterização foi dada: “É o imperialismo dos EUA e o capital monopolista japonês, que está em relações aliadas subordinadas com os primeiros, que basicamente governam” o Japão hoje. Embora sendo um país capitalista altamente desenvolvido, o Japão tornou-se um país virtualmente dependente, semi-ocupado pelo imperialismo dos EUA.” [549] O partido concluiu a partir disso que o objetivo principal é uma “revolução democrática do povo”, cujas principais tarefas são, entre outras, a conquista da “independência completa da nação”. Os opositores do partido interno, “como Shojiro Kasuga, Tomochika Naito e outros que consideravam o Japão como uma potência imperialista basicamente independente” foram denunciados como “revisionistas” e conseqüentemente expulsos. [550]

O JCP mantém esta posição até os dias atuais - mais de 70 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial - quando o Japão se tornou uma das potências imperialistas mais fortes da economia global! Em seu programa, adotado em 2004, o PCJ oferece a seguinte caracterização do Japão:

“Embora o Japão seja um país capitalista altamente desenvolvido, é praticamente um país dependente, com uma parte importante de sua terra, assuntos militares e outros assuntos de estado sendo controlados pelos Estados Unidos. (...) Os Estados Unidos ainda mantêm poder significativo sobre os assuntos militares e diplomáticos do Japão e constantemente usam seu enorme poder para interferir nos assuntos econômicos do Japão. Nas Nações Unidas e em outros fóruns internacionais, os representantes do governo japonês geralmente desempenham o papel de porta-vozes do governo dos EUA. O relacionamento Japão-EUA não é de uma aliança de direitos iguais. O atual estado do Japão é marcado por sua subordinação estatal aos Estados Unidos, o que é extraordinário não apenas entre os países capitalistas desenvolvidos, mas também nas relações internacionais do mundo atual, em que a colonização é história. A dominação norte-americana do Japão claramente tem um caráter imperialista, pois espezinha a soberania e a independência do Japão, no interesse da estratégia mundial dos EUA e do capitalismo monopolista dos EUA.” [551]

A partir disso, seguem as tarefas programáticas do PCJ que efetivamente é a criação de um estado imperialista independente (e claro, “pacífico”):

*“Uma mudança que a sociedade japonesa precisa atualmente é uma revolução democrática em vez de uma revolução socialista. É uma revolução que põe fim à extraordinária subordinação do Japão aos Estados Unidos e ao domínio tirânico das grandes corporações e dos círculos empresariais, uma revolução que assegure a genuína independência do Japão e realize reformas democráticas na política, na economia e na sociedade. Embora estas sejam reformas democráticas realizáveis dentro do quadro do capitalismo, suas conquistas plenas podem ser possibilitadas por meio da transferência do poder do Estado para as forças que representam os interesses fundamentais do povo japonês, ao contrário daqueles que representam o capitalismo monopolista do Japão e o subordinam aos Estados Unidos. O sucesso em alcançar essa mudança democrática ajudará a resolver problemas que causam sofrimento ao povo e abrirá o caminho para a construção de um Japão independente, democrático e pacífico que proteja os interesses fundamentais da maioria do povo.”*

De acordo com o programa PCJ, esse Japão imperialista independente revogaria o Tratado de Segurança do Japão-EUA ... e continuaria a cooperação com o imperialismo dos EUA *“em pé de igualdade”!* *“O Japão concluirá um tratado de amizade com os Estados Unidos em pé de igualdade. A intervenção injustificável dos EUA será rejeitada também em assuntos econômicos, de modo a estabelecer independência em todos os campos, incluindo finanças, divisas e comércio.”*

Enquanto o PCJ, como todos os partidos reformistas de esquerda, prega o pacifismo e elogia as Nações Unidas [552], também indica em seu programa sua disposição de apoiar a *“guerra ao terrorismo”* imperialista: *“Opor-se a ataques terroristas indiscriminados que vitimam o público em guerras de retaliação, e trabalhar para aumentar os apelos internacionais e aumentar a ação comum para erradicar o terrorismo.”* Da mesma forma, o líder do PCJ, Shii Kazuo, chamou *“a comunidade global”* (ou seja, as Grandes Potências imperialistas que dominam o Conselho de Segurança da ONU) para unir forças *“para eliminar o terrorismo”* : *“Ele (Shii, Ed.) Continua enfatizando a necessidade de a comunidade global se unir nos esforços para eliminar o terrorismo de todo o mundo.”* [553]

## **PCJ: Conselheiro de uma Estratégia Alternativa Para o Imperialismo Japonês**

Esse tipo de apoio a um Japão imperialista independente se reflete em posições sociais-imperialistas sobre questões centrais no período atual. Em um comunicado programático, publicado em setembro de 2000, o PCJ declarou mais uma vez a sua vontade de trabalhar em prol de um mundo pacífico e a dissolução do exército ... embora com duas condições cruciais. Primeiro, tal cenário pacifista só deveria ser desejado *“na condição de que a paz estável na Ásia seja mantida firmemente, e que o consenso público tenha amadurecido na implementação completa do Artigo 9 da Constituição”*. Uma vez que a *“paz estável”* não pode e não existirá em um mundo dominado por potências imperialistas (e certamente não existe dada a rivalidade entre os EUA, China, Japão e Índia pela hegemonia

no leste e sul da Ásia) e desde que “*consenso público*” significa que também as forças reacionárias do capital monopolista japonês teriam que concordar com o desarmamento (o que, é claro, nunca acontecerá), tal futuro pacifista é adiado para um futuro muito distante.

A afirmação mais importante de toda essa declaração, no entanto, é a última frase: “*Será natural que façamos uso da Força de Auto Defesa existente, se a situação exigir, para garantir a segurança das pessoas.*” [554] Isso não significa mais nada, a não ser que o PCJ dê apoio à mobilização do exército imperialista do Japão “*se a situação o exigir*”.

Com efeito, o PCJ atua como conselheiro do imperialismo japonês para “*emancipar-se*” de seu papel subordinado ao imperialismo norte-americano. Outro exemplo disso é a crítica do PCJ ao governo Abe por não se unir ao *Banco de Investimento em Infraestrutura da Ásia* (AIIB), dominado pela China, que foi fundado em 2015 como uma instituição financeira alternativa imperialista. O líder do PCJ, Shii Kazuo, exigiu “*que o governo japonês se junte ao planejado novo banco de investimento global com foco na Ásia [em reação à] decisão do governo de não se tornar um membro fundador do Banco de Investimentos em Infraestrutura da Ásia.*” [555] Grotescamente, a liderança do PCJ justifica esta proposta afirmando que “*o AIIB representa um movimento para explorar uma ordem econômica internacional alternativa, deslocando a ordem atual centrada nas principais potências econômicas*”. Obviamente, eles não ouviram falar do fato de que a própria China já se tornou uma “*uma Grande Potência Econômica*”. É claro que, na realidade, isso tudo não passa de hipocrisia que obscurece o conceito do PCJ de oferecer uma estratégia independente para o imperialismo japonês.

Outro exemplo para o papel social-imperialista do PCJ como conselheiro para o Japão atuar como uma Grande Potência é sua crítica ao conservador governo Abe por não negociar o suficiente com o governo Trump no recente conflito tarifário: “*O PCJ se opõe fortemente ao comércio bilateral negociações entre o Japão e os EUA que vendem a soberania econômica do Japão para os EUA.*” [556]

Além disso, o JCP também continua a exigir, respectivamente a devolução de várias ilhas que o Japão conquistou em sua história. É o que se exige em seu programa de 2004 “*o retorno ao Japão das Ilhas Chishima (Kurile), bem como as Ilhas Habomai e a Ilha de Shikotan, que são historicamente parte do Japão*” (Essas ilhas foram controladas pela antiga URSS e atualmente pela Rússia desde 1945.) [557] Da mesma forma, eles insistem no direito do Japão de controlar as ilhas Senkaku / Diaoyu que foram entregues ao Japão pelo imperialismo dos EUA em 1972. No entanto, essas ilhas também são reivindicadas pela China e, como resultado, houve um aumento das tensões entre as duas potências em 2012. [558] No entanto, o PCJ social-imperialista tem defendido fortemente as reivindicações do Japão de 1972 até hoje. [559]

O PCJ tem a mesma posição social-patriótica quando se trata de reivindicações do Japão sobre a *Ilha Dokdo / Takeshima*. Estas ilhas foram roubadas pelo imperialismo japonês da Coreia em 1905 e também são reivindicadas desde há

muito pela Coreia do Sul. [560]

No entanto, um exemplo ainda pior para o social-imperialismo do PCJ tem sido o seu apoio total e incondicional à agressão das Grandes Potências contra a Coreia do Norte, quando aquele país mais tarde ousou fazer testes nucleares e de mísseis nos últimos anos. [561] Em vez de apoiar este pequeno país contra a pressão das maiores potências imperialistas (os EUA com o apoio do Japão e até o apoio tácito da China e da Rússia), em vez de defender o direito da Coreia do Norte de obter alguns mísseis nucleares para se defender da agressão imperialista. Em vez de tudo isso, o PCJ social-imperialista emitiu uma série de declarações hostis. O PCJ *“condena veementemente a ação imprudente da Coreia do Norte. (...) O PCJ exige firmemente que a Coreia do Norte cumpra as resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas e pare de se envolver em novas provocações militares.”* [562] Até mesmo vai mais longe ao exigir explicitamente a implementação do bloqueio da fome contra a Coreia do Norte pedindo *“um severo aumento da implementação das sanções econômicas contra o país.”* [563]

Em resumo, tanto o PEE como o PCJ são partidos sociais-imperialistas pró-ocidentais convictos. Eles defendem uma política alternativa para o imperialismo europeu, respectivamente o japonês (para a independência dos EUA, para a cooperação com a Rússia e a China) em vez de um programa socialista no interesse da classe trabalhadora. Eles combinam esse programa social-imperialista com a frases de propaganda pacifistas.

### Notas de rodapé

530) V.I.Lênin: Oportunismo e Colapso da Segunda Internacional (1915), em: LCW 22, p. 112

531) Para uma análise mais detalhada do reformismo hoje, ver Michael Pröbsting: *Marxismo e a Tática da Frente Única Hoje . A Luta pela Hegemonia Proletária no Movimento de Libertação nos Países Semi-Coloniais e Imperialistas no Presente período*, Livros RCIT, Viena 2016, <https://www.thecommunists.net/theory/book-united-front/>

532) Houve uma divisão recentemente no PEE. A insurreição francesa de Mélenchon, do PODEMOS na Espanha, do Bloco de Esquerda (Portugal), da Aliança Vermelho-Verde (Dinamarca), do Partido de Esquerda (Suécia) e da Aliança de Esquerda (Finlândia) fundaram um novo movimento chamado *“Maintenant le peuple”*. *“(“ Agora as pessoas). Esta nova aliança vai ficar como uma lista separada nas eleições da UE em maio de 2019. Além disso, uma divisão também está surgindo no LINKE alemão no momento em que Sarah Wagenknecht lançou sua iniciativa aufstehen. No entanto, até agora as diferenças políticas entre o MLP e o PEE estão centradas na crítica do MLP à política pró-austeridade do SYRIZA, assim como na crítica do PEE à adaptação do MLP ao populismo. As forças pró-PEE também atacam Mélenchon e Wagenknecht pela sua adaptação ao social-chauvinismo (por exemplo, a rejeição de “fronteiras abertas” para refugiados). De fato, como mostraremos a seguir, Wagenknecht defende posições reacionárias sobre a questão da migração. No entanto, esta é uma batalha ridícula entre os bandidos hipócritas. É verdade que Mélenchon e Wagenknecht expressam abertamente posições social-chauvinistas. No entanto, o SYRIZA, uma das principais forças da PEE e do partido governista na Grécia, vem implementando desde há anos um programa social-chauvinista arqui-reacionário ao*

participar dos regimes imperialistas Frontex da UE! Da mesma forma, formou um governo de coalizão com o partido de extrema direita ANEL. Dada a natureza burocrática da divisão - na realidade, a questão principal é o número de assentos que ambas as partes esperam ganhar nas próximas eleições europeias - não está claro até agora se há consequências relevantes dessa divisão para o caráter específico de sua orientação social-imperialista. Consequentemente, não é possível considerar a questão da divisão do PEE neste livro. (Para mais informações sobre a divisão ver por exemplo Angelina Giannopoulou: O Partido da Esquerda Europeia, Diem25 e a campanha transnacional de Jean-Luc Mélenchon para as eleições europeias em 2019, transformar a Europa! 2018; Cécile Barbière: La France Insoumise quer transformar Eleições europeias para o referendo anti-Macron, 3. Okt. 2018, <https://www.euractiv.com/section/eu-elections-2019/news/la-france-insoumise-wants-to-turn-european-elections-into-anti-macron-referendum/> ; Steffen Vogel: Linke Sammlungsbewegung: Falsches Vorbild Mélenchon, aus: »Blätter« 3/2018, <https://www.blaetter.de/archiv/jahrgaenge/2018/maerz/linke-sammlungsbewegung-falsches-vorbild-melenchon> ; Jürgen Meyer: »Manutenção do Peuple« (MLP, Jetzt das Volk): Spaltung der Europäischen Linken oder neue linke Sammlungsbewegung? 12. Juli 2018 <http://internetz-zeitung.eu/index.php/4839-%C2%BBmaintenant-le-peuple%C2%AB-mlp,-jetzt-das-volk-spaltung-der-europ%C3%A4ischen-linken-oder-neue-linke-sammlungsbewegung>)

533) Ver p. Michael Pröbsting: *O Grande Roubo do Sul*, Capítulo 13

534) Ver PCF: L «Intervenção Militar Francesa de Grandes Riscos de Guerre (12.1.2013), <http://www.pcf.fr/33977>; PCF: C'est le Mali qu'il faut reconstruire, (11.1.2013), <http://www.pcf.fr/33940>

535) Citado em Don Franks: Mali invadida em uma nova 'corrida pela África', 2 de fevereiro de 2013, <https://rdln.wordpress.com/2013/02/02/mali-invaded-in-new-scramble-for-africa/> . A mesma citação é reproduzida em Kumaran Ira: Frente de Esquerda Francesa promove a guerra em Mali, WSWS, 22 de janeiro de 2013, <https://www.wsws.org/en/articles/2013/01/22/left-j22.html> assim como no CoReP: Abaixo a Intervenção Imperialista Francesa no Mali, <http://www.revolution-socialiste.info/CoRePCCItMaliEV.htm> ver também L'Intervention Jugée Nécessaire par les Députés, 16 Janvier, 2013, <https://www.humanite.fr/politique/l-intervention-jugee-necessaire-par-les-deputes-513009> e Raoul Rigault: Por que Tropas Francesas estão no Mali e porque o Partido Comunista Francês Apoia a Guerra, 26 de fevereiro de 2013 <https://www.marxist.com/why-french-troops-are-in-mali-and-why-the-french-supports-the-war.htm>

536) Veja por exemplo RCIT: França Depois dos Ataques em Paris: Defender o Povo Muçulmano Contra as Guerras Imperialistas, o ódio teatral chauvinista e a repressão do Estado! 9.1.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/statement-paris-attacks/>; Michael Pröbsting: França: Partido "Comunista" Não vota no Parlamento Contra a Guerra Imperialista no Iraque! 15.1.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/french-pcf-iraq-war/>; Michael Pröbsting: Após o ataque de Paris: os socialistas devem unir forças com o povo muçulmano contra o imperialismo e o racismo! Forças reformistas e centristas tentam atrapalhar o movimento dos trabalhadores ao não defenderem a solidariedade com os muçulmanos e contra a luta imperialista contra a guerra! 17.1.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/france-defend-muslims/>; Michael Pröbsting: O Caráter Racista do Charlie Hebdo e a Campanha pró-imperialista "Je Suis Charlie". Solidariedade com o povo muçulmano! NÃO Solidariedade com Charlie Hebdo! 17.1.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/racist-charlie-hebdo/>

537) Ver por exemplo, RCIT: O Terror em Paris é o Resultado do Terrorismo Imperialista

no Oriente Médio! Parem os beligerantes da França e de outros Potências Imperialistas! Nenhuma mobilização do exército dentro da França! Defender os Povos Muçulmanos contra a Beligerância Chauvinista e a Repressão do Estado! 14.11.2015, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/terror-in-paris/>; RCIT: Aumentar a Instabilidade e a Militarização na União Europeia. Sobre as tarefas dos revolucionários na nova fase política que se abriu na Europa após o ataque terrorista em Paris, em 08.12.2015, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/militarism-in-eu/>

538) Veja por exemplo, RKO BEFREIUNG: Áustria: O Racismo Islamofóbico em Ascensão! Solidariedade com os irmãos e irmãs muçulmanos! Não ao fechamento de 7 mesquitas e à expulsão de 40 imãs e suas famílias! 8. Junho de 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/islamophobic-racism-on-the-rise-in-austria/> ; Almedina Gunić: Gegen das Verhüllungsverbot! Für Religionsfreiheit und Frauenrechte! Kampf dem islamophoben Rassismus e der Diskriminierung muslimischer Frauen! <https://www.rkob.net/aktuell/kurzmeldungen/kurzmeldungen-september-1/>; ver também Yossi Schwartz: Anti-semitismo e Anti-sionismo, 16 de novembro de 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/anti-semitism-and-anti-zionism/>

539) Ver por exemplo: “Offene Grenzen für alle - das ist weltfremd”, Entrevista com Sahra Wagenknecht, erschienen im FOCUS am 10.02.2018, <https://www.thecommunists.net/theory/anti-semitism-and-anti-zionism/>

540) Na adaptação formal de Kadyrov ao islamismo e, ao mesmo tempo, servindo como ditador local de Putin contra o povo checheno, ver, por exemplo, Fred Weir: Kremlin se irrita quando a região islâmica da Rússia, uma vez inquieta, adota o islamismo político. O forte Ramzan Kadyrov foi instalado por Putin para reprimir a insurreição islâmica da Chechênia. Mas a adoção da sharia e do islamismo político por Kadyrov na região está desafiando a ordem constitucional secular da Rússia, 20 de setembro de 2017 <https://www.csmonitor.com/World/Europe/2017/0920/Kremlin-frets-as-Russia-s-once-restive-Islamist-region-takes-up-political-Islam>

541) V. I. Lênin: Chauvinismo Alemão e não Alemão (1916); em: LCW 22, p. 183

542) Gregor Gysi: Die Haltung der deutschen Linken zum Staat Israel, Vortrag de Dr. Gregor Gysi auf einer Veranstaltung „60 Jahre Israel“ der Rosa-Luxemburg-Stiftung am 14.4.2008, [http://www.juedische.at/TCgi/\\_v2/TCgi.cgi?target=home&Param\\_Kat=3&Param\\_RB=33&Param\\_Red=9722](http://www.juedische.at/TCgi/_v2/TCgi.cgi?target=home&Param_Kat=3&Param_RB=33&Param_Red=9722)

543) Veja LINKE weist Antisemitismus-Vorwürfe zurück. A Parteivorstand der LINKEN hat é 21. Mai 2011 the Gegenstimmen the following Erklärung verabschiedet, <http://www.die-linke.de/partei/organe/parteivorstand/parteivorstand20102012/beschluesse/linkeweistantisemitismusvorwurferzuerueck/>; Grupo Parlamentar da LINKE: Entschieden gegen Antisemitismus, 8 de junho de 2011, <http://www.die-linke.de/nc/dielinke/nachrichten/detail/artikel/entschieden-gegen-antisemitismus>

544) Sobre a repressão do estado contra a seção austríaca do RCIT, bem como a campanha de difamação e ataques físicos por várias forças de “esquerda”, ver, e. os seguintes relatórios (que incluem links para mais relatórios): RKOB: Ministério Público em Viena Interrompe Investigação contra Michael Pröbsting, 09.02.2017, <https://www.thecommunists.net/rcit/investigation-vs-proebsting-stopped/>; RKOB: Áustria: Partido da Direita abre inquérito parlamentar contra a Seção RCIT. O Maior Partido de Oposição manchou os trotskistas por supostos “extremismo de esquerda”, “anti-semitismo” e “islamismo radical” e pediu ao Ministério Federal do Interior para investigá-los oficialmente, 29.01.2017, <https://www.thecommunists.net/rcit/investigation-vs-proebsting-stopped/> ; RCIT: Pare com o



Processo Judicial pela Solidariedade com a Palestina! Um apelo ao Estado austríaco para deixar cair suas acusações contra Michael Pröbsting! <https://www.thecommunists.net/rcit/solidarity-proebsting/>; RKOB: Áustria: Sionistas de “esquerda” atacam imigrantes árabes em manifestação solidária com refugiados! Relatório (com fotos e vídeos) da manifestação anti-racista em 26 de novembro em Viena pela seção austríaca do RCIT, 27.11.2016, <https://www.thecommunists.net/rcit/zionists-attack-rcit-austria/>; RKOB: KPÖ schließt RKOB aus und machen den Weg frei für Frauenschläger der Anti-Nationalen Szene. Wiederholter körperlicher Angriff auf Genossin Gunic am Volksstimmefest, Organização da Revolução-Comunista alemã BEFREIUNG zum Volksstimmefest 2016, 05.09.2016, <https://www.rkob.net/wer-wir-sind-1/rkob-aktiv-bei/bericht-vs-fest-2016/>; Relatório sobre o dia de maio de 2016 na Áustria: resistência conjunta contra ataques racistas. Demonstração vigorosa, militante e internacionalista, apesar de ataques racistas, Reportagem (com Imagens e Vídeos) sobre a manifestação multinacional e internacionalista em Viena, marcando o Dia de Maio 2016 organizado pela Organização Comunista Revolucionária LIBERATION, <https://www.thecommunists.net/rcit/report-dias-dia-2016-em-áustria/>; RCIT: Vitória! A acusação contra o porta-voz do RKOB e ativista de solidariedade da Palestina, Johannes Wiener, foi abandonada! 10.1.2013, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/solidarity-with-wiener-won/>

545) Uma Resposta Internacionalista, Discurso de Gregor Gysi, Presidente da Esquerda Europeia, realizada no Congresso do Partido Federal em Leipzig, 9 de junho de 2018, sobre a disputa sobre os refugiados e a migração, <https://www.transform-network.net/blog/article/an-internationalist-answer/>.

546) Os marxistas começaram a lutar contra tais ilusões nos tribunais internacionais de arbitragem já antes da Primeira Guerra Mundial. Infelizmente, os reformistas ainda não aprenderam nada com isso! (Veja isto, por exemplo, Annelis Laschitz: Zur Rolle des Zentrismus 1911/12. Ein Beitrag über den Zusammenhang von Imperialismus und Opportunismus, em: Fritz Klein (Ed.): Studien zum deutschen Imperialismus vor 1914, Berlim, 1976)

547) O que é o JCP? Um perfil do Partido Comunista Japonês (novembro de 2017), [https://www.jcp.or.jp/english/2011what\\_jcp.html](https://www.jcp.or.jp/english/2011what_jcp.html)

548) Comitê Central do Partido Comunista do Japão: Os Cinquenta Anos do Partido Comunista do Japão, publicado pelo Departamento de Publicação do Comitê Central do Partido Comunista do Japão, Tóquio, 1973, p. 106

549) Os cinquenta anos do Partido Comunista do Japão, p. 136

550) Sobre a história do Partido Comunista Japonês, ver também Hans Modrow e Manfred Sohn: Vor dem großen Sprung? Überblick über die Politik der Japanischen Kommunistischen Partei, PNG-Verlag, Schkeuditz 2000

551) Programa do Partido Comunista Japonês, adotado em 17 de janeiro de 2004 no 23º Congresso do JCP, [http://www.jcp.or.jp/english/23rd\\_congress/program.html](http://www.jcp.or.jp/english/23rd_congress/program.html)

552) Ver p. o entusiasmado apoio do PCJ aos apelos descomprometidos e sem sentido das Nações Unidas para a proibição de armas nucleares: Presidente do JCP, Shii, faz um pronunciamento para saudar o tratado de proibição de armas nucleares, 9 de julho de 2017 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/07/20170709jcp-chair-shii-issues-statement.html>; e Shii emitem declaração dando as boas-vindas ao projeto de tratado N-ban, 24 de maio de 2017 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/05/20170524shii-issues-statement.html>

553) Shii condena ataques terroristas em Paris, 15 de novembro de 2015 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2015/11/20151115-shii-condemns-terror-attacks-in-paris.html>

554) A visão do JCP sobre a relação entre o Artigo 9 da Constituição e as Forças de Autodefesa, 30 de setembro de 2000, [https://www.jcp.or.jp/english/jps\\_weekly/e000930\\_03.html](https://www.jcp.or.jp/english/jps_weekly/e000930_03.html)

555) Não é tarde demais para o Japão ingressar no AIIB: Shii, 2 de abril de 2015 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2015/04/20150402i.html>

556) A JCP opõe-se às negociações comerciais Japão-EUA que desconsideram a soberania econômica do Japão, 28 de setembro de 2018, <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2018/09/20180928-jcp-oppos-the-japan-us-trade.html>

557) Notamos de passagem que o JCP já exigia a entrega dessas ilhas desde 1945, ou seja, em um tempo em que a União Soviética era um Estado de Trabalhadores Degenerados (ou um “país socialista” como o JCP até mesmo afirmou). Em outras palavras, foi um partido tão social-chauvinista que colocou os “direitos nacionais” do imperialismo japonês mais elevados do que o de um “país socialista” estrangeiro! Sua compreensão do “socialismo em um país” significava que eles eram os primeiros patriotas japoneses e apenas os “socialistas”!

558) Michael Pröbsting: Não ao fanfarrão chauvinista do imperialismo japonês e chinês! 23.9.2012, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/no-war-between-china-and-japan/>

559) Em 1972, quando o imperialismo norte-americano entregou as ilhas Senkaku / Diaoyu ao Japão, o JCP em 31.3.1972 emitiu um comunicado intitulado “As Ilhas Senkaku - Território Japonês”, para declarar sua posição: “A Legistatura de Okinawa, em 3 de março A sessão plenária decidiu que “é claro que os Senkakus são território japonês e não há espaço para disputa sobre seu direito territorial”. A opinião do nosso partido é que esta afirmação está correta. Gostaríamos novamente de deixar claro a opinião do nosso partido sobre a questão de Senkakus. Por algum tempo, nosso partido realizou investigações e estudou o contexto histórico e as relações sob o direito internacional em relação a isso. Nossas investigações deixaram claro que os Senkakus são o território do Japão.” (As Ilhas Senkaku - Território do Japão. Conferência de imprensa de Tomio Nishizawa, Membro do Presidium Permanente do JCP, Akahata, 31.3.1972; [http://www.japan-press.co.jp/modules/feature\\_articles/index.php?id=34](http://www.japan-press.co.jp/modules/feature_articles/index.php?id=34)), [www.japan-press.co.jp](http://www.japan-press.co.jp) é o site do jornal PCJ Japan Weekly Press) E, novamente, em meio a uma escalada com a China, o JCP reformista insistiu em 21.8.2012: “Em relação às Ilhas Senkaku, Ichida mencionou a declaração de 2010 do JCP que deixou claro que a posse das ilhas pelo Japão é legítima com base na história e no direito internacional.” (Esforços diplomáticos calmos necessários para resolver questões territoriais: JCP Ichida; 21.8.2012, [http://www.jcp.or.jp/english/jps\\_2012/20120821\\_04.html](http://www.jcp.or.jp/english/jps_2012/20120821_04.html))

560) A liderança do JCP declarou em 1977: “... o PCJ em 1977 expressou sua visão de que o Japão tem a legitimidade histórica para reivindicar a soberania do Japão sobre a ilha Tkashima” (a questão de Takeshima deve ser resolvida por diplomacia: presidente do JCP; 11 de agosto de 2012, [http://www.jcp.or.jp/english/jps\\_2012/20120811\\_01.html](http://www.jcp.or.jp/english/jps_2012/20120811_01.html)) Este ponto de vista foi repetido em agosto de 2012: “Em relação à Ilha de Takeshima, Ichida referiu-se à declaração do JCP de 1977 que afirmava que o Japão tinha fundamentos históricos para reivindicar sua soberania sobre a ilha.” (Calmos esforços diplomáticos necessários para resolver questões territoriais: JCP Ichida; 21 de agosto de 2012, [http://www.jcp.or.jp/english/jps\\_2012/20120821\\_04.html](http://www.jcp.or.jp/english/jps_2012/20120821_04.html))

561) Veja o RCIT: A Cúpula Trump-Kim Abriu o Caminho para a Paz no Leste Asiático? 14.06.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/has-the-trump-kim-summit-opened-the-road-to-peace-in-east-asia/> ; RCIT: Coreia do Norte: Parem os belicistas americanos! Defenda a Coreia do Norte contra o louco do imperialismo dos EUA! Abaixo as sanções imperialistas contra a Coreia do Norte! Nenhum apoio político ao regime stali-

nista de Kim! 11 de agosto de 2017, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/stop-us-madman-threatening-north-korea/>; RCIT: As sanções dos EUA contra a Rússia, o Irã e a Coreia do Norte são uma Declaração de Guerra Econômica, 30 de julho de 2017, <https://www.thecommunists.net/worldwide/north-america/us-sanctions-vs-russia-iran-north-korea/>; RCIT: Coreia do Norte: Pare a guerra. Mongering do imperialismo dos EUA! 4 de abril de 2017, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/us-aggression-vs-north-korea/>; RCIT: Novas ameaças imperialistas no leste da Ásia: Tire a mão da Coreia do Norte! 12.3.2013, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/defend-north-korea/>; RCIT: Nenhuma guerra contra a Coreia do Norte! Chamada para protestos no dia em que começa uma guerra! 6.4.2013, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/no-war-against-north-korea/>; Michael Pröbsting: Agressão dos EUA contra a Coreia do Norte: O Pacifismo “Socialista” do CIT, 12.09.2017, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/cwi-and-north-korea>. Sobre a questão da restauração capitalista na Coreia do Norte, referimos os leitores a vários ensaios que publicamos recentemente: Michael Pröbsting: A restauração capitalista na Coreia do Norte cruzou o Rubicão ou não? Resposta a uma polêmica de Władza Rad (Polônia), 15 de julho de 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/has-capitalist-restoration-in-north-korea-crossed-the-rubicon-or-not/>; Michael Pröbsting: Em que sentido se pode falar da restauração capitalista na Coreia do Norte? Resposta a várias objeções levantadas pelos camaradas poloneses de “Władza Rad”, 21 de junho de 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/north-korea-and-the-marxist-theory-of-capitalist-restoration/>; Michael Pröbsting: Mais uma vez sobre a restauração capitalista na Coreia do Norte, 12 de junho de 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/again-on-capitalist-restoration-in-north-korea/>; Michael Pröbsting: Perspectivas do Mundo 2018: Um Mundo Grávido de Guerras e Levantes Populares. Teses sobre a Situação Mundial, as Perspectivas para a Luta de Classes e as Tarefas dos Revolucionários, Livros RCIT, Viena 2018, Capítulo VI. A Península Coreana: Agressão Imperialista, Restauração Capitalista e Defensismo Revolucionário, pp. 95-105, <https://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2018/>

562) Kazuo Shii: JCP condena veementemente o lançamento do míssil balístico da Coreia do Norte e novamente pede negociações diretas imediatas para superar a atual crise, 29 de novembro de 2017 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/11/20171129-jcp-strongly-condemns-north-koreas.html>. A mesma posição é expressa em várias outras declarações. Veja por exemplo JCP condena teste nuclear da Coreia do Norte e novamente pede negociações diretas para desarmar a crise atual, 4 de setembro de 2017, <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/09/20170904-jcp-condemns-north-koreas-nuclear.html>; Shii emite declaração protestando contra o lançamento do míssil balístico da Coreia do Norte, 22 de maio de 2017 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/05/20170522shii-issues-statement.html>; Shii protesta o lançamento do míssil da Coreia do Norte, 14 de fevereiro de 2017 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/02/20170214-shii-protests-north-koreas.html>; Shii saúda as novas sanções do UNSC contra a Coreia do Norte, 4 de março de 2016 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2016/03/20160304-shii-welcomes-new-uns-sanctions-on-north-korea.html>

563) Shii emite comunicado condenando o lançamento do míssil da Coreia do Norte, 30 de agosto de 2017, <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/08/20170830-shii-issues-statement.html>; a mesma formulação é repetida em que Shii explica a proposta da JCP sobre a questão da Coreia do Norte, 20 de fevereiro de 2017 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/02/20170220-shii-explains-to-press.html>

## XXIV. A Esquerda Enfrentando a Rivalidade das Grandes Potências: Sociais-Imperialistas (Estalinistas) Pró-Orientais

Tradicionalmente, o estalinismo (como o reformismo em geral) sempre buscou uma *aliança estratégica* com um setor da burguesia contra outro. O estalinismo tem estado disposto a *subordinar e manipular* sua influência entre os trabalhadores e oprimidos por esse objetivo. Isso é verdade tanto no terreno nacional quanto no internacional. Em contraste, o autêntico trotskismo sempre se esforçou para reunir a classe operária e os oprimidos, nacional e internacionalmente, contra *todos* os setores da burguesia e contra *todas* as Grandes Potências.

Assim, quando os estalinistas eram uma força globalmente mais forte, isto é, antes do colapso da URSS em 1989-91, eles procuravam a colaboração com uma facção “democrática”, “antifascista”, “patriótica” da burguesia imperialista contra uma facção reacionária “burguesia imperialista”. Essa era a justificativa teórica para unir governos de frente popular a partidos imperialistas (por exemplo, na França em 1936, 1945, 1981 ou 1997; na Itália em 1945, 1996, 2004). [564] E foi também a justificativa teórica para apoiar um campo de estados imperialistas contra o outro (por exemplo, no apoio durante a Segunda Guerra Mundial para os EUA e o Reino Unido contra a Alemanha e a Itália).

No caso da China maoísta e pós-maoísta, essa teoria reformista foi usada até para justificar a colaboração ultra-reacionária com o imperialismo americano e europeu contra a suposta situação “social-imperialista da URSS.” [565] (De fato, todos os estados estalinistas - tanto o campo liderado pela URSS como a China - não eram estados capitalistas ou mesmo imperialistas, mas estados operários degenerados em que uma casta burocrática, que de forma ditatorial dominava a classe trabalhadora e o campesinato com base em uma economia planejada pós-capitalista. [566] Como resultado, para mencionar uma anedota bizarra, membros dos grupos maoístas da Europa Ocidental foram instruídos na década de 1970 a se unirem ao exército imperialista para defender sua “*pátria*” contra a “*ameaça social-imperialista*” do Oriente”!

Em suma, os partidos estalinistas justificaram a sua colaboração com um campo da burguesia contra o outro, respectivamente com um campo de estados imperialistas contra o outro, argumentando que isso ajudaria a defender os estados “socialistas” (URSS, China, Europa Oriental, Vietnã, Coreia do Norte, Cuba, etc.). Como resultado, eles eram pró-capitalistas e pró-imperialistas pseudo-socialistas a serviço da burocracia estalinista dominante dos estados operários degenerados.

No entanto, isso é diferente da situação atual, já que hoje não existe nenhum estado “socialista”, isto é, não existe nenhum estado operário degenerado.

Agora, esses estalinistas servem *diretamente* a uma facção da classe dominante, respectivamente, um campo dos estados imperialistas - e não indiretamente através da burocracia conservadora de um estado operário degenerado. É por isso que esse tipo de social-imperialismo assume a forma *geopolítica burguesa*. Dizemos geopolítica burguesa porque significa definir a situação do mundo e as tarefas da luta não do ponto de vista da luta de classes internacional para promover a causa da classe trabalhadora e dos povos oprimidos, mas do ponto de vista de reordenar o mundo para a desvantagem das antigas Grandes Potências (EUA, UE e Japão) e para a vantagem das novas Grandes Potências (China e Rússia). A geopolítica burguesa é filha bastarda da clássica teoria estalinista do “socialismo num só país”. Exclua a palavra “socialismo” e estará satisfeito com algum tipo de “capitalismo num só país”.

### **A Aliança Estalinista em torno do Encontro Internacional dos Partidos Comunistas e Operários**

Desde o colapso da URSS, os partidos estalinistas estão rachados e divididos e não possuem qualquer organização internacional centralizada. Em vários países existem várias formações estalinistas em paralelo. Fiel ao seu dogma do “socialismo em um só país”, eles existem em primeiro lugar como partidos *nacionais* e subordinam qualquer tática internacional aos seus interesses nacionais. No entanto, isso não significa que os partidos estalinistas não tomem posições sobre questões da política mundial. Nem significa que eles não se esforcem por colaboração internacional.

Hoje, muitos partidos estalinistas são vagamente afiliados em torno do chamado *Encontro Internacional dos Partidos Comunistas e Operários* (EIPCO). Esta é uma conferência anual que foi iniciada pelo *Partido Comunista da Grécia* (KKE) em 1998. As partes presentes nesta conferência emitiram declarações conjuntas. Vários deles publicam uma revista - a *International Communist Review* [567] - e constituem um *grupo de trabalho*. Embora essas estruturas existam em uma base muito federalista e solta, elas, no entanto, conseguem às vezes iniciar declarações conjuntas sobre eventos políticos mundiais importantes.

Alguns dos partidos estalinistas mencionados acima frequentemente participam das conferências do EIPCO. Entre eles estão os partidos estalinistas da China, Vietnã, Cuba, Coréia do Norte e Laos; outros partidos são os dois grandes partidos comunistas da Índia - PCI e PCI (M) -, o russo KPRF e RKRP, os PC da África do Sul, Brasil, Venezuela, Síria, Grécia, Portugal, bem como um número de outros partidos menores .

Vários desses partidos, como demonstramos acima, consideram a China imperialista como um “estado socialista” que eles apoiam incondicionalmente. Entre eles estão os partidos que controlam estados nacionais - tais como os chineses, os cubanos, etc., assim como outros como o PC da África do Sul. No entanto, os partidos estalinistas não têm uma visão unificada do caráter de classe

da Rússia e da China. O grego KKE, por exemplo, é mais crítico e expressa sua insatisfação com as reformas de mercado. Da mesma forma, existem diferentes pontos de vista sobre o caráter de classe da Rússia - incluindo entre os participantes russos, como mostramos acima.

No entanto, todos eles concordam em ver o mundo *não* como um caracterizado pela rivalidade entre as diferentes Grandes Potências imperialistas (incluindo a China e a Rússia), mas como um país dominado por um campo imperialista com os EUA e seus aliados no topo. Como resultado, eles também concordam em apoiar as forças que estão em conflito com os EUA e em denunciar as forças que estão em conflito com o campo chinês / russo.

Isto fica evidente a partir de várias declarações conjuntas do EIPCO anual. Em sua última declaração, adotada em uma conferência em Atenas, em novembro de 2018, os partidos Estalinistas usam a categoria "imperialista" apenas quando falam sobre os EUA e seus aliados. Rússia e China não são mencionados e nem conflitos de povos oprimidos por essas Grandes Potências.

*"Os Partidos Comunistas e Operários saúdam as lutas dos trabalhadores e dos povos do mundo contra a ofensiva do imperialismo, contra a ocupação, contra qualquer ameaça aos direitos soberanos e à independência nacional, pela paz, pela defesa e pelo alargamento das relações sociais e direitos democráticos. A experiência adquirida em muitos países das lutas contra os planos imperialistas e a linha política dos EUA, da OTAN, da UE e dos seus aliados é valiosa.*

*A intensificação das contradições envolve o risco de novas guerras imperialistas, o controle de recursos produtores de riqueza, mercados e dutos de energia; este risco define tarefas sérias para o movimento operário e os comunistas para o fortalecimento de uma ampla luta anti-imperialista pela paz e pelo desarmamento, a intensificação da luta contra a linha política dos governos burgueses que serve à lucratividade do grande capital e à agressão imperialista e guerra. (...)*

*Eles reafirmaram sua solidariedade internacionalista com os povos sírios, palestinos e cipriotas; com os povos do Líbano, do Sudão, da Cuba Socialista, da Venezuela, do Brasil, do Irã, com todos os povos que enfrentam ataques e ameaças imperialistas. (...)"*

Quando se trata de atividades para as quais esses partidos estalinistas convocam, novamente elas são dirigidas apenas contra os EUA e seus aliados (além disso, eles também convocam por atividades em torno do dia primeiro de maio, várias datas comemorativas, etc.).

*"Os partidos comunistas e operários exigem o desenvolvimento de ações comuns e convergentes no próximo período, ao longo desses eixos principais:*

*Contra a guerra imperialista, as intervenções e a militarização.*

*Ações contra a OTAN - cujo 70º aniversário é em 4 de abril de 2019 - e a UE, que está sendo militarizada através da União Estrutural Permanente- (em inglês PESCO) e outros mecanismos. (...)*

*Fortalecer a Solidariedade Internacionalista com os povos em luta, que enfrentam ocupação, ameaças e intervenções imperialistas*

*Fortalecer a solidariedade e a luta internacionalista exigindo o fim do bloqueio dos*

*EUA contra Cuba e as intervenções e ameaças contra a Venezuela bolivariana. Apoiar a luta do povo palestino pelo fim da ocupação e autodeterminação, estabelecendo um estado nacional independente com Jerusalém Oriental como capital, de acordo com as resoluções da ONU, apoiando a resistência do povo palestino e condenando a política criminosa de Israel. Denunciar as intervenções imperialistas na península coreana e expressar solidariedade com o povo coreano pela reunificação independente e pacífica. Expressar solidariedade aos refugiados e a todos os povos que enfrentam ocupação, intervenção e bloqueios pelo imperialismo.”* [568]

Vemos que, enquanto os partidos estalinistas condenam o imperialismo norte-americano e seus aliados, eles “ignoram” os outros estados envolvidos na rivalidade das Grandes Potências - China e Rússia. Eles estão do lado do regime de Assad, que foi salvo temporariamente pela massiva intervenção militar da Rússia. Eles defendem o povo palestino, mas não falam uma palavra sobre o povo egípcio brutalmente oprimido pela ditadura militar do general Sisi (que tem boas relações com Moscou e que em julho de 2013 o golpe foi apoiado pelo Partido Comunista do Egito). Eles não falam uma palavra sobre o povo checheno oprimido pela Rússia ou o povo uigur sofrendo em campos de concentração chineses. Caracteristicamente, esses partidos estalinistas vão mais longe e elogiam, sem crítica, o regime do culto à personalidade estalinista-capitalista de Kim Jong-Un na Coreia do Norte! [569]

### ***Estalinismo e a Contra-Revolução na Síria***

Um exemplo real para caracterizar o caráter reacionário, anti-libertador e pró-russo/chinês desses partidos estalinistas é a guerra civil na Síria. Quando a administração Trump ordenou a sua marinha a disparar alguns mísseis em casas vazias na Síria em abril de 2018 (em “retaliação” por outro Massacre de Armas Químicas cometido pelas forças Assadistas contra o povo sírio), os partidos estalinistas se reuniram em defesa do regime fantoche de Moscou em Damasco. [570]

Como analisamos em outro lugar, a reação dos estalinistas a esse evento foi característica. [571] Em duas declarações, assinadas por dezenas de partidos estalinistas (a maioria da Europa, mas também de outros países), limitaram sua condenação exclusivamente às ações do imperialismo norte-americano. Eles o fazem independentemente do fato de que, de acordo com sua própria conta, Moscou enviou 63 mil soldados desde o início de sua intervenção em setembro de 2015 e matou 85 mil “terroristas”. [572]

*“As partes signatárias expressam veementemente a condenação da agressão militar imperialista contra a República Árabe Síria levada a cabo pelos EUA, Reino Unido e França.”* [573]

*“Os partidos comunistas e operários da Europa condenam a escalada da agressividade imperialista e o aguçamento da situação na Síria e na região mais ampla depois da declaração de D. Trump, Presidente dos EUA, em 11 de abril sobre o bombardeio da Síria*

sob o pretexto do uso de armas químicas, algo que os EUA fizeram repetidamente no passado.” [574]

Da mesma forma, expressam, em termos mais ou menos explícitos, seu apoio ao regime de Assad contra o levante popular:

*“As partes signatárias apelam à solidariedade com o povo sírio que há sete anos vem enfrentando a agressão do imperialismo norte-americano e seus aliados - seja diretamente ou por ação de grupos terroristas -, resistindo e lutando para defender a soberania, independência e integridade territorial de seu país, e seu direito de decidir sobre seu destino, livre de qualquer interferência.”*

*“Os partidos comunistas e operários expressam a sua solidariedade internacionalista ao povo da Síria e dos outros povos da região, apelam à classe trabalhadora, às forças populares para que reforcem a luta contra as intervenções e guerras imperialistas, da NATO, da EUA e a UE.”*

Portanto, é lógico que uma das duas declarações tenha sido assinada pelo Partido Comunista Sírio, que faz parte do bloco governante oficial no pseudo-parlamento de Assad, em Damasco.

Encontramos a mesma posição em uma declaração emitida ao mesmo tempo pela Federação Mundial dos Sindicatos, dominada pelos estalinistas. Eles condenam duramente *“os governos dos EUA, França e Grã-Bretanha e seus aliados que estão realizando preparativos de guerra e ameaçando a Síria e o povo sírio com ataques de mísseis”*. Eles alegaram que as acusações sobre o uso de armas químicas pelo regime de Assad são *“falsas”* e condenam *“o papel sujo da maioria das ONGs como as que são denunciadas de terem montado a provocação com as armas químicas”*. Da mesma forma os estalinistas denunciam *“o papel sujo das lideranças sindicais amarelas que apoiaram as intervenções imperialistas no Iraque, na Líbia, no Líbano, na Síria e agora justificam as estratégias da OTAN e da União Europeia.”* [575]

Mais uma vez, nem uma única palavra sobre a intervenção militar da Rússia na Síria, que tem sido muito maior e muito mais mortal do que a do Ocidente. E nem uma única palavra contra o regime tirânico de Assad que está massacrando o povo sírio.

Em outra declaração anterior, o KKE grego também declarou explicitamente sua condenação à Revolução Árabe e à revolta síria em especial: *“Deve-se notar que o KKE desde o primeiro momento, em 2011, denunciou a intervenção que tem consequências muito sérias. para o povo da Síria e também para os povos da região ao redor. Quando partidos burgueses e oportunistas celebraram a chamada “Primavera Árabe”, nosso partido expôs os esforços organizados para financiar e armar a chamada oposição síria patrocinados pelas potências imperialistas.”* [576]

Como observamos em uma ocasião anterior, a abordagem hipócrita dos estalinistas à intervenção das Grandes Potências na Síria nos lembra a política de seu precursor em 1939-41, quando a Internacional “Comunista” denunciou o imperialismo britânico e francês unilateralmente por sua política colonial e por sua agressiva política externa, mas poupou a Alemanha nazista.

Vamos agora lidar com alguns dos principais partidos estalinistas. Não trata-



remos dos partidos oficiais do Estado, pois sua política é idêntica à do aparato estatal chinês, cubano, vietnamita etc. Na verdade, esses partidos não são tanto partidos no sentido real, mas sim um componente-chave do respectivo aparato estatal - inicialmente de um estado operário degenerado, entretanto de um estado capitalista.

## Social-Imperialismo Russo: o KPRF, o RKRP e o PCU

Como já mencionamos acima, o *Partido Comunista da Federação Russa* (PCFR), liderado por Gennady Zyuganov, é o maior partido estalinista da Rússia. Não considera a Rússia como uma Grande Potência imperialista e é um comprometido defensor da “pátria”. De fato, é um grande partido social-imperialista russo.

O PCFR vê a Rússia como um país que está ameaçado pelos imperialistas ocidentais (assim como por “homossexuais” e “imigrantes”). Contra tais ameaças estrangeiras, pede uma “luta de libertação nacional” - como se a Rússia não fosse um país imperialista, mas um oprimido país semi-colonial!

Assim, o partido afirma em seu programa: *“Nas condições atuais, o Partido Comunista da Federação Russa vê sua tarefa de unir a classe social e os movimentos de libertação nacional em uma frente popular unida. (...) O partido luta pela unidade, integridade e independência da Pátria, pela restauração da União fraterna dos povos soviéticos, pelo bem-estar e segurança, pela saúde moral e física dos cidadãos. (...)*

*[O partido também luta para] garantir a integridade territorial da Rússia e a proteção de compatriotas no exterior; (...) O fogo dos conflitos internacionais não diminui. A questão russa adquiriu extrema urgência após os anos de restauração capitalista. Hoje, os russos se tornaram os povos mais divididos do planeta. Há um franco genocídio de uma grande nação. O número de russos está diminuindo. A cultura e a linguagem historicamente estabelecidas são destruídas. As tarefas de resolver a questão russa e a luta pelo socialismo são essencialmente as mesmas.”* [577]

Francamente, este é um programa do grande chauvinismo russo. Lutar pela “unidade e integridade” da pátria significa nada mais do que negar as minorias nacionais, como por ex. os chechenos, o direito de separação. Chamar “pela proteção dos compatriotas russos no exterior” é o programa do expansionismo.

E, de fato, o PCFR convoca abertamente o expansionismo para criar um Grande Império Russo. Seu líder Zyuganov pediu recentemente a anexação do Donbass na Ucrânia. *“Se eu fosse presidente (da Federação Russa, Ed.), Faria imediatamente a região de Donbass fazer parte da Rússia. Primeiro, reconhecemos a República de Donetsk e Lugansk, assim como foi na Ossétia do Sul e na Abkházia.”* [578]

Da mesma forma, o PCFR tomou o partido do regime de Putin quando iniciou a segunda guerra contra a Chechênia em 1999 assim como no caso da intervenção militar russa na Ucrânia em 2014. [579] Em outras palavras, Zyuganov é um “patriota” tão comprometido que ele em breve poderá usar um boné com o slogan *“Make Russia Great Again”* (Fazer a Rússia Grande de Novo)!

Animado pelo mesmo grande espírito, o PCFR também apoia os esforços do regime de Putin para promover a língua russa entre as minorias nacionais na Rússia. Artem Prokofiev, deputado do PCFR do Conselho de Estado do Tartaristão, expressou a opinião do partido que “*que a língua russa no Tartaristão é ensinado em um volume muito menor do que a média na Rússia Mas devemos lembrar que, de acordo com os resultados do Exame Unificado do Estado Russo, Tartaristão obteve uma muito boa colocação. Se o volume do ensino de língua russa aumentar, os resultados serão ainda melhores.*”. [580]

Em um artigo com o título auto-explicativo “*Como proteger a língua russa?*” (realmente? Língua russa está em perigo na própria Rússia de Putin?!), um autor próximo ao PCFR pede maiores esforços para a “*defesa da língua do Estado.*” [581]

Da mesma forma, um partido verdadeiramente patriótico, o PCFR de Zyuganov apoia a política anti-Imigrante do regime de Putin, assim enquanto se opõe à “*propaganda homossexual*” tece elogios ao papel da Igreja Ortodoxa. [582]

Portanto, é lógico que o PCFR também apoie a guerra de Putin na Síria desde o começo. Por exemplo, expressa sua admiração pela tirania do presidente sírio Bashar Assad em um artigo com um título auto-explicativo “*Presidente sírio Bashar Assad elogiou a ajuda do Partido Comunista e seu líder, GA Zyuganov*” [583] Em outro artigo, o PCFR aplaude “*o governo da Síria [que] está fazendo tudo para cristãos e muçulmanos viverem em paz.*” (matando meio milhão deles!) [584]

O PCFR é certamente um dos partidos socialistas-chauvinistas mais sinceros e indisfarçados que servem uma Grande Potência imperialista. É um social-imperialista tão chauvinista que até mesmo alguns estalinistas se sentem constrangidos com isso. No entanto, participou de 20 reuniões do *Encontro Internacional dos Partidos Comunistas e Operários* e segue sendo uma força central desta frouxa “internacional” estalinista.

Com afirmamos acima, *O Partido dos Trabalhadores Comunistas Russos - Partido Revolucionário dos Comunistas* ( em russo-RKRP-RPK) por Viktor Tyulkin tem uma posição mais diferenciada. Reconhece o caráter imperialista da Rússia, assim como sem qualquer pudor admira de Stalin, a liderança do partido adere à teoria clássica de diferenciação entre estados imperialistas “democráticos”, “antifascistas” que deveriam ser apoiados contra os rivais imperialistas “reacionários”, “fascistas”. Não se pode deixar de reconhecer a ironia na aplicação errada de uma teoria errada. Se seria legítimo diferenciar entre Estados imperialistas “democráticos” e “reacionários”, a RKRP - seguindo consistentemente a sua lógica errônea - seria obrigada a ficar do lado do Ocidente contra a Rússia e a China. Eles dificilmente podem negar que há mais democracia burguesa na América do Norte, na Europa Ocidental e no Japão do que nas duas Grandes Potências orientais!

Mas a liderança da RKRP não considera a teoria marxista como uma diretriz científica, mas como um servo pragmático por seu apoio ao grande imperialismo russo. Assim, ele molda a diferenciação estalinista entre o “bom” e o

“mau” imperialismo, a fim de legitimar seu apoio à política externa reacionária de Moscou. Como tal, por exemplo, a liderança da RKRП apoia as intervenções militares da Rússia no exterior, assim como as intervenções na Ucrânia ou na Síria. *“As autoridades russas hoje, expressando os interesses do capital russo, apoiando a luta da Síria e do Donbass”* [585]

A crítica do partido ao regime de Putin não é que ele esteja implementando intervenções imperialistas, mas não está intervindo energeticamente o suficiente! Como tal escreveu Viktor Tyulkin, primeiro secretário do Comitê Central da RKRП: *“Por exemplo, acompanhamos essa luta no Donbass e na Síria. A posição da Federação Russa objetivamente contribui na luta contra as milícias de Donbas contra o regime fascista de Poroshenko. A RKRП não apenas aprova o apoio das autoridades russas para as milícias de Donbas, mas exige ainda mais, exige uma caracterização como fascista dos princípios do regime de Poroshenko . (...) A Rússia e a China, como países imperialistas, formam algum tipo de união (incluindo os BRICS) e se opõem ao imperialismo norte-americano mais agressivo e desavergonhado. Isso é bastante compreensível e oferece oportunidades para certos cursos e situações específicas para usar essa luta no interesse da classe trabalhadora e do mundo.”* [586]

Nesse contexto, é crucial reconhecer que a “crítica” do regime de Putin não é progressiva. Para dar uma analogia: o governo alemão liderado pelo partido conservador de Angela Merkel. Forças progressistas e internacionalistas denunciaram-no por ser restritivo e discriminatório. As forças de direita e semi-fascistas (incluindo a AfD) atacaram violentamente Merkel por serem muito liberais em relação aos refugiados. Portanto, as críticas à política de refugiados de Merkel não são progressivas por si mesma. É preciso julgar concretamente se tal crítica vem de um ponto de vista reacionário, nacionalista ou de um ponto de vista progressista e internacionalista.

É semelhante à crítica da política externa de Putin. Pode-se atacar por ser muito chauvinista e por dar apoio a forças reacionárias como Assad. Ou pode-se atacar por não ser suficientemente favorável para tais objetivos imperialistas. A primeira crítica é progressiva, a segunda ultra-reacionária. Infelizmente, os estalinistas escolhem a última opção.

Um aspecto do apoio da RKRП à política reacionária da Rússia é sua avaliação acrítica sobre Aleksey Mozgovoy, um ex-comandante militar da autoproclamada República Popular de Lugansk-RPL, em Donbass. Em uma necrologia, o RKRП elogiou-o como um “comunista espontâneo”: *“Ele estava muito próximo dos trabalhadores, ele era o mais” vermelho “entre os comandantes. Ele tem a maior parte da divisão comunista e tem faixas vermelhas com slogans “Morte aos invasores fascistas!” Ele aceitou o fórum anti-fascista internacional, que foi rejeitado pelo governo do RPL. (...) Ele era um comunista espontâneo por suas intenções e espírito. Tais pessoas são geralmente chamadas de comunistas sem partido.”* [587]

No entanto, na verdade, Mozgovoy combinou a fraseologia comunista com o Grande Chauvinismo Russo e o Anti-Semitismo (ou Judeofobia). Como ele publicou diários demonstram, ele acusou os “nazistas judeus” das coisas mais

absurdas, subscrevendo as clássicas teorias anti-semitas da conspiração: *“Eles [judeus nazistas] não estão apenas destruindo o campo e as cidades de Donbass. Eles destroem o exército da Ucrânia aqui, triturando-o em caldeiras e ataques sem sentido. Seus médicos, suas brigadas sanitárias estão desmontando os soldados das Forças Armadas da Ucrânia e os civis de Donbas, coletando aqui uma rica colheita de órgãos humanos que fluem para Israel, Europa e EUA. Eles já publicaram um novo Israel na Ucrânia. Eles estão fazendo isso junto com a oligarquia russa. (...) O assassinato de escritores, padres e deputados não é sobre a “agonia da junta de Kiev” nem sobre a “ira dos nacionalistas ucranianos”, como é apresentado na mídia. É o terror judeu depois da revolução judaica que ganhou na Ucrânia. É o mesmo que em 1917. Desdobrou-se agora em nosso Donbass “.* [588]

Quão absurdo para o RKRП louvar Mozgovoy como herói comunista quando ele era de fato um lunático anti-semita! Notamos que isto também é verdade para muitos defensores “antifascistas” ocidentais das Repúblicas de Donbass que publicamente admiravam Mozgovoy.

Em suma, a RKRП alega que apoiar o imperialismo russo e chinês contra a rivalidade ocidental e as ditaduras anti-populares e reacionárias, como Assad ou os regimes fantoches de Donbass, ajudariam a luta de classes e os interesses da classe trabalhadora internacional. Como explicamos acima, tal abordagem é uma geopolítica burguesa ou social-imperialista. Os líderes bolcheviques argumentaram contra esse absurdo há muito tempo:

*“Do ponto de vista da justiça burguesa e da liberdade nacional (ou do direito das nações à existência), a Alemanha sem dúvida teria alguma razão contra a Inglaterra e a França, uma vez que ficou “decepcionada” com a distribuição das colônias. , e seus inimigos oprimem muito mais nações que ela; Quanto ao seu aliado, na Áustria, os eslavos oprimidos certamente gozam de mais liberdade do que na Rússia czarista, uma verdadeira “prisão dos povos”. Mas a própria Alemanha não luta para libertar os povos, mas para subjugar-los. E não cabe aos socialistas ajudar um bandido mais jovem e vigoroso (Alemanha) a desvalorizar outros bandidos mais velhos e mais preparados. O que os socialistas devem fazer é aproveitar a guerra que os bandidos estão fazendo para derrubar todos eles. Para poder fazer isso, os socialistas devem antes de mais dizer ao povo a verdade, a saber, que esta guerra é, em três aspectos, uma guerra entre escravistas com o objetivo de consolidar a escravidão. Esta é uma guerra, em primeiro lugar, para aumentar a escravização das colônias por uma distribuição mais equitativa e subsequente exploração concertada das colônias; em segundo lugar, aumentar a opressão de outras nações dentro das “Grandes” Potências, desde a Áustria e a Rússia ); e em terceiro lugar, para aumentar e prolongar a escravidão assalariada, uma vez que o proletariado é dividido e suprimido, enquanto os capitalistas são os ganhadores, fazendo fortunas com a guerra, incentivando preconceitos nacionais e intensificando a reação, que levantou a cabeça em todos os países , mesmo nos mais livres e mais republicanos “.* 589

Como mencionamos acima, o Partido Comunista Unido (PCU), aliado do pseudo-trotskista Comitê Coordenador para a Refundação da Quarta Internacional (CRFI) em torno do Partido Obrero argentino, considera a Rússia não um país capita-

lista mas um “país capitalista periférico” Isto, naturalmente, se encaixa em uma política “patriótica” de defender a “pátria” contra o imperialismo ocidental. Nós mencionamos acima o Partido Comunista Japonês “patriótico” que exige o retorno das Ilhas Kurilas ao Japão. O PCU, impulsionado pelo mesmo chauvinismo social-imperialista, rejeita fortemente quaisquer concessões ao Japão. Certamente não é menos “patriótico” do que os “camaradas” japoneses! Em um comunicado intitulado “*Nós rejeitamos as concessões territoriais feitas contra a vontade dos trabalhadores*”, a liderança da PCU denuncia que o Japão quer “cancelar a soberania da Rússia sobre parte das Kurilas do Sul”. (...) *Nós Rejeitamos quaisquer concessões territoriais feitas contra a vontade do povo trabalhador da Rússia e servindo de moeda para o acerto de contas com os imperialistas*”. [590]

Da mesma forma, o PCU também apoia várias intervenções militares da Rússia no exterior. Darya Mitina, líder central do PCU, serviu por algum tempo à frente da sucursal de Moscou do Ministério do Exterior da República Popular de Donetsk. [591] Da mesma forma, os líderes do PCU “apoiam” criticamente o tirânico regime de Assad e o imperialista PKK/YPG: “*Sim, hoje o PKK e Assad estão longe dos ideais do socialismo e do marxismo. No entanto, eles são provavelmente os únicos que trazem verdadeiro internacionalismo para o conflito no Oriente Médio.*” [592] Darya Mitina até tirou uma foto dela com um enorme retrato de Assad, posando com admiração na frente dela!

É característico da posição social-imperialista do PCU que Darya Mitina afirmou em um comentário que ela fica ao lado do regime imperialista no Afeganistão contra o Taliban islamista pequeno-burguês que está no topo de uma insurgência popular. Ela comentou sobre a reação à iniciativa Moscou sediar negociações entre os grupos em guerra no Afeganistão:

“*Eu não acho que vou viver até tal desgraça. (...) Terroristas, assassinos e canibais apertam suas mãos, perguntam sobre sua opinião, fazem fotos com eles ao fundo dos símbolos estatais de alto nível em Moscou. “O Taleban não está pronto para negociações diretas com o governo do Afeganistão e vai conduzir um diálogo com os Estados Unidos”, disse Mohammad Abbas Stanakzai, chefe do departamento do Taleban em Moscou, na sexta-feira. “Primeiro de tudo, não vamos negociar com eles”, observou ele. Na minha opinião, a autoridade oficial de Cabul está absolutamente certa. Ninguém deve beber chá no hotel do presidente com os terroristas, eles devem ser destruídos*”. [593]

Sem dúvida, esta é a voz repugnante de um conselheiro para os mestres imperialistas, não de um socialista que está do lado das insurreições populares anti-imperialistas!

## ***“Defendendo os direitos soberanos da Grécia”*: o KKE Estalinista como Exemplo do Social-Chauvinismo burguês**

Como dissemos acima O KKE ( Partido Comunista da Grécia) desempenha um papel fundamental no meio estalinista europeu e mundial. [594] É um exemplo clássico do estalinismo tradicional, ou seja, o reformismo de base nacional. [595] Condena o imperialismo e o capital monopolista ... em declarações gerais. No entanto, quando se trata de seu próprio estado burguês e do chauvinismo de sua “própria” burguesia, o KKE troca seu internacionalismo pelo social-chauvinismo. O internacionalismo é excelente ... quando é dirigido contra inimigos estrangeiros. No entanto, é um obstáculo quando o KKE tem de lidar com os *“direitos soberanos da Grécia”*.

Não importa para esta questão que a Grécia seja um país semi-colonial avançado que, nos anos 90, falhou em se tornar um estado imperialista. [596] Não é importante neste contexto porque a própria liderança do KKE nega a natureza semicolonial da Grécia e (erradamente) enfatiza que se tornou um estado imperialista. [597]

Além disso, também não é relevante porque os “inimigos” contra os quais o KKE social-chauvinista defende os *“direitos soberanos da Grécia”* não são potências imperialistas atacando o país, mas sim seus “inimigos” de longa data e países vizinhos - em especial a Turquia. e Macedônia. Esses dois países são eles próprios estados semicoloniais e a Macedônia teve alguma experiência com a Grécia desde que declarou sua independência em 1991. [598]

De fato, o estado burguês da Grécia tem uma longa e vergonhosa história de opressão e limpeza étnica das minorias nacionais em seu território. De fato, Atenas expulsou centenas de milhares de cidadãos turcos, macedônios e outros cidadãos de seu território desde a década de 1920. Os marxistas sempre categorizaram qualquer forma do chauvinismo grego contra essas minorias e defenderam seu direito de autodeterminação nacional. [599]

*O KKE promete “aniquilar qualquer intruso estrangeiro que ouse atacar a Grécia”*

No entanto, o estalinista KKE está longe de tal posição anti-chauvinista comunista. Ele é categorizado em seu programa de “socialismo” na Grécia e está inextricavelmente ligado à defesa de suas fronteiras atuais e aos *“direitos soberanos da Grécia”*. *“A luta pela defesa das fronteiras, os direitos soberanos da Grécia, do ponto de vista da classe trabalhadora e as camadas populares é parte integrante da luta pela derrubada do poder do capital”*. [600]

Isto significa nada mais que a defesa do estado capitalista contra qualquer “inimigo”, assim como a defesa deste estado contra os direitos nacionais de qualquer oprimido pela soberania dos *“direitos soberanos da Grécia”* chauvinista! Em outras palavras, a concha “anti-imperialista” do KKE esconde um núcleo social-chauvinista burguês.

Isso se torna óbvio quando os alegados *“direitos soberanos da Grécia”* estão em

risco - pelo menos quando tal risco existe de acordo com a mídia burguesa histórica. Vamos demonstrar isso com dois exemplos recentes. Durante um período de tensão entre a Grécia e a Turquia em 2018, os fascistas gregos acusaram o KKE de que, no caso de uma guerra com a Turquia, não defenderiam o seu país. Em resposta, o KKE expressou sua indignação. Seu secretário-geral, Dimitris Koutsoumbas, disse literalmente em uma manifestação pública em Tessalônica: *“Nós comunistas, como sempre fizemos em nossa centenária história, estaremos unidos em defender nossa integridade territorial e nossos direitos soberanos. Estamos fazendo isso para que qualquer invasor estrangeiro que ouse atacar a Grécia seja aniquilado”*. [601]

Vemos que o KKE não tem problemas em elogiar o marxismo-leninismo e os princípios do internacionalismo anti-imperialista. No entanto, quando a *“integridade territorial e os direitos soberanos”* de sua terra natal são (supostamente) ameaçados pela Turquia, a liderança do KKE se transforma em uma fração de segundo em chauvinistas ferozes que estão prontos para aniquilar seus vizinhos.

O discurso do líder de KKE não foi uma gafe retórica desde que o partido republicou em sua imprensa como a citação acima demonstra. Isso também é confirmado pelo fato de que o partido repetiu esta linha social-chauvinista em teses programáticas que publicou para uma conferência internacional em abril de 2018.

*“Especialmente na nossa região, é possível melhorar a situação entre a Grécia e a Turquia, com o envolvimento de outros países. O questionamento das fronteiras e dos direitos soberanos da Grécia por parte da classe burguesa turca está integrado no quadro de suas relações competitivas com a classe burguesa grega na região. A classe burguesa grega participa ativamente dos planos, intervenções, competição e guerras imperialistas, orientada por seu objetivo de melhorar estrategicamente sua posição na região mais ampla. Ela é responsável pelo possível envolvimento do país em uma guerra. O Programa do Partido determinou a posição sobre a guerra imperialista, onde se observa que: “A luta pela defesa das fronteiras, os direitos soberanos da Grécia, do ponto de vista da classe trabalhadora os estratos populares são parte integrante da luta pela derrubada do poder do capital. Não tem qualquer relação com a defesa dos planos de um ou outro polo imperialista ou com a rentabilidade de um ou outro grupo monopolista. No caso do envolvimento da Grécia numa guerra imperialista, ou numa guerra defensiva ou agressiva, o partido deve liderar a organização independente da luta do povo operário em todas as suas formas, tanto o doméstico quanto o invasor estrangeiro, e conectar tal ação com a conquista do poder”*. [602]

Todas as conversas do KKE sobre oposição *“às guerras imperialistas”* e *“a conquista do poder”* são uma retórica vazia a fim de ocultar sua capitulação social-patriótica ao chauvinismo grego. De fato, este partido está longe de conquistar o poder. Isto se provou mais uma vez pelo seu fracasso em tentar crescer sua influência - sem falar sobre a intenção de tomada de poder-durante a crise pré-revolucionária na Grécia na última década. De fato, o KKE recebe menos votos

nas eleições do que antes!

Embora a conquista do poder seja uma possibilidade incerta no futuro distante, as tensões com a Turquia ou a Macedônia e a propaganda chauvinista da opinião pública da Grécia acontecem hoje. E hoje, em tais conflitos, o KKE promete defender a *“integridade territorial e os direitos soberanos”* do Estado capitalista grego contra qualquer *“invasor estrangeiro”*!

Os comunistas autênticos não devem apoiar a Grécia ou a Turquia. Ambos são estados semi-coloniais capitalistas dominados por uma burguesia reacionária que colabora com potências imperialistas como os EUA, a UE e a Rússia. Nenhum deles é *“o menor mal”*. O programa leninista de derrotismo revolucionário é plenamente aplicável em tal caso, como nossos camaradas na Palestina Ocupada declararam uns tempos atrás:

*“Para reiterar, num caso de guerra apenas entre a Turquia e a Grécia, a CCRI conclama pelo derrotismo revolucionário em ambos os lados. Isso significa que eles não devem apoiar a guerra em seu país, mas defender a derrota do “seu” estado. Naturalmente, o envolvimento das potências imperialistas de cada lado não alterou o caráter da guerra. Como princípio geral, argumentamos que a CCRI se opõe ao imperialismo dos EUA, UE e Rússia.”* [603]

*O KKE nega os direitos nacionais da Macedônia*

O KKE exibiu o mesmo chauvinismo repugnante quando a Macedônia realizou seu referendo sobre a mudança de seu nome oficial. Nós não discutimos a questão deste referendo ao ponto e indicamos a declaração dos camaradas trotskistas do grego OKDE que nós republicamos (com um breve prefácio) em nosso site. [604] O interesse aqui são os argumentos usados pelo KKE.

Em uma recente declaração oficial publicada, o KKE critica o acordo entre os governos grego e macedônio por causa de seu conteúdo pró-OTAN (que os revolucionários naturalmente também rejeitam), mas também porque supostamente abre as portas para o *“irredentismo (ou seja, um projeto de retomadas de terras) macedônio”*!

*““O acordo entre os governos da Grécia e da FYROM foi alcançado pela intervenção aberta dos EUA, da OTAN e da UE, tem seu selo e foi assinado nas instalações dos prazos e agendas que essas organizações determinaram, a fim de a integração euro-atlântica avançar nos Balcãs Ocidentais. Este objetivo deriva claramente do texto do acordo. Não é por acaso que os primeiros a saudarem este acordo sejam o Departamento de Estado, a OTAN e a UE. É por isso que todo o processo se concentra na questão do tema, enquanto uma série de questões críticas, tais como o combate ao irredentismo, as mudanças necessárias na Constituição dos países vizinhos, não só são adiadas para um futuro incerto mas também a situação se torna complicada com a aceitação por parte do governo grego de posições relativas aos “cidadãos macedônios e à “língua macedônica”, posições que constituem a essência do irredentismo. Consequentemente, é um acordo que não pode garantir uma solução a favor do povo grego, dos povos dos países vizinhos nem dos povos da região.”* [605]



Nada poderia ser mais absurdo! O estado grego tem uma longa história de opressão brutal contra o povo macedônio que resultou na expulsão de quase todos eles. Hoje, apenas uma pequena minoria de macedônios continua a viver no norte da Grécia. A Macedônia é um país pequeno e pobre, explorado por monopólios capitalistas estrangeiros (entre eles, não poucos da Grécia). A Grécia tem uma longa e vergonhosa tradição de chauvinismo anti-macedônio. (Por exemplo, as maiores manifestações na história do país ocorreram em 1992 e 1994 em protesto contra o fato de que a Macedônia independente se atreveu a escolher a “Macedônia” em sua designação oficial!)

Independentemente desta tradição chauvinista, ou melhor, por causa disso, o KKE se junta à tradição nacionalista grega e acusa a Macedônia de “irredentismo” (em vez de acusar o estado grego de seu insuportável chauvinismo)! Até acusa o governo reformista do SYRIZA de fazer concessões ao “irredentismo macedônio” porque aceita “cidadãos macedônios” e uma “língua macedônia”!

Esta declaração reflete que o KKE apoia totalmente as mais reacionárias mentiras que o chauvinismo grego disseminou ao longo de toda a sua história e que simplesmente fazem negar a existência da nação Macedônia!

Isso também é confirmado por um artigo recentemente publicado em sua revista teórica, que afirma: “Uma solução real significa garantias da eliminação do irredentismo macedônio, do nacionalismo, das reivindicações [territoriais], garantindo a inviolabilidade das fronteiras, o que significa mudanças agora, não no futuro próximo, à Constituição da Antiga República Jugoslava da Macedônia-ARJM.” O KKE insiste que qualquer nome adotado pela República “deve ter uma definição estritamente geográfica”.

Além disso, o KKE repete, sem nenhuma vergonha, o clássico mito chauvinista grego que nega a existência nacional de outros povos balcânicos: “Uma nação” macedônia “formada historicamente, etnicidade da “macedônia”, língua da “macedônia”, que forma a base do irredentismo levanta questões sobre a existência de uma minoria, suas reivindicações e defesa de seus direitos, etc., não existem.” [606]

### Conclusões

Lênin costumava dizer: “Raspe alguns comunistas e você encontrará grandes chauvinistas russos”. [607] É óbvio que não é necessário raspar todo o chauvinismo grego da desenfreada liderança reacionária do KKE!

Em resumo, o KKE grego é um excelente exemplo para nossa análise do estalinismo como uma tendência reformista burguesa. Quando se trata de imperialismo e guerra, o estalinista pode se referir aos clássicos marxistas e recitar uma ou outra citação de Lênin sobre o imperialismo. Mas, em essência, eles seguem uma linha reacionária social-chauvinista e defendem o estado capitalista da Grécia e suas atuais fronteiras contra qualquer “invasor estrangeiro”. Eles não são derrotistas contra sua própria burguesia. Eles são apenas derrotistas contra a classe trabalhadora internacional e os povos oprimidos!

## Os Estalinistas Saúdam o Chauvinismo Sérvio contra os Albaneses do Kosovo

Seria completamente errado imaginar que tais explosões chauvinistas são uma espécie de questão peculiar unicamente do Partido Comunista grego, o KKE. Não, a adaptação ao chauvinismo das nações opressoras está no DNA político do estalinismo. Quando serve aos interesses de uma burocracia governante ou estados aliados, os estalinistas sempre estiveram dispostos a apoiar a opressão das minorias nacionais e a pregar o chauvinismo. A política de Stalin de tornar o grande chauvinismo russo a política oficial da URSS e as terríveis deportações do povo caucasiano em 1944 são conhecidas. [608]

Os stalinistas continuam a se adaptar ao chauvinismo ainda muitos anos depois de perderem a cidadela de seu poder burocrático pelo colapso dos regimes burocráticos no Leste Europeu e na URSS em 1989-91. Já demos o exemplo do KKE grego. Aqui está outro exemplo real.

Muitos partidos estalinistas apoiam a reivindicação expansionista sérvia ao Kosovo (Kosoya em idioma albanês). 36 partidos estalinistas, presentes no 20º congresso anual do *Encontro Internacional dos Partidos Comunistas e Operários* (EIPCO) em novembro de 2018, publicaram uma declaração conjunta que re-produzimos aqui na íntegra:

*“Apoio ao Kosovo [sic] como parte integrante da República da Sérvia.*

*O partido “Comunistas da Sérvia” pede apoio dos partidos comunistas e operários do mundo para apoiar o Kosovo como parte integrante da República da Sérvia, que está sob ocupação da OTAN desde 1999 e de um regime subordinado aos separatistas albaneses.* “ [609]

Da mesma forma, os estalinistas austríacos, do *Partido do Trabalho* (Partei der Arbeit), que também participaram deste congresso, publicaram no relatório de suas atividades em que se referiam a Kosovo no mesmo espírito soviético-chauvinista (*“a província sérvia de Kosovo”*). [610]

Este é um escândalo vergonhoso, pois o Kosovo é povoado por uma maioria de 90% albanesa! Eles haviam sido nacionalmente oprimidos pela Sérvia desde o início da sua ocupação colonial em 1913 e sempre desejaram independência de Belgrado. Ao longo de toda a história da ocupação do Kosovo, os albaneses resistiram e tentaram revoltas populares que foram brutalmente esmagadas pelas forças de ocupação sérvias. Finalmente, uma insurreição armada, iniciada em 1997, teve êxito e os albaneses do Kosovo se livraram da tirania sérvia.

No entanto, a legítima luta de libertação dos kosovares, liderada pelo nacionalista pequeno-burguês UCC, foi sequestrada pelo imperialismo da OTAN em 1999 e explorada para ocupar a nova república.

A organização precursora da CCRI se posicionou pela vitória da revolta e pediu uma república operária do Kosovo. Não demos apoio político à liderança do UÇK e defendemos a Sérvia contra os bombardeamentos da OTAN. Nossa seção austríaca participou das atividades da comunidade albanesa durante a

revolta em 1997/98. Hoje, a CCRI apoia incondicionalmente o desejo do povo de Kosovo de se livrar da ocupação da OTAN/UE e de ter um estado totalmente independente, em nossa opinião, deveria ser uma república operária. Enquanto apoiamos os direitos das minorias para a população sérvia no Kosovo, denunciamos firmemente qualquer tentativa do estado sérvio de reocupar o país. [611]

Algumas décadas atrás, os estalinistas justificaram o apoio ao chauvinismo sérvio referindo-se ao caráter “socialista” do regime de Tito na ex-Iugoslávia. Naturalmente, isso não se justificava para suprimir o desejo albanês de independência. No entanto, tal apoio às reivindicações nas atuais circunstâncias carece até mesmo de falsas justificativas. Não existe mais Tito nem Iugoslávia e a Servia tornou-se um estado capitalista. Ainda assim, é uma Sérvia é governada pelo governo de Aleksandar Vučić e a sua SNS, uma divisão do partido semi-fascista Chetnik SRS liderada pelo notório criminoso da guerra Vojislav Šešelj. Esses arqui-reacionários justificam suas reivindicações históricas referindo-se à chamada *Batalha do Kosovo Field*, um evento no ano de 1389, envolto em mito.

No entanto, todos esses fatores não são susceptíveis de serem aplicados a uma declaração de direito e de “*apoio ao Kosovo como parte integrante da República da Sérvia*” e que ao mesmo tempo denunciam os “*separatistas albaneses*”. Isto não é nada além de um apoio desavergonhado ao reacionário expansionismo sérvio contra a vontade do povo do Kosovo!

É claro que a lógica dos estalinistas é tão transparente quanto reacionária. Na sua opinião, apenas os EUA, a UE e o Japão são imperialistas, enquanto a Rússia e a China representam supostamente forças “socialistas” (ou pelo menos “progressistas”, “anti-imperialistas”). Em consequência, os estalinistas apoiam todos os regimes e forças - incluindo, por exemplo, os monarquistas, fascistas e semifascistas no Donbass - que são aliados da Rússia e da China.

É simbólico que esta declaração tenha sido assinada pelo lambe-botas *Partido Comunista da Síria*, também pelos vários partidos estalinistas russos (por exemplo, KPRF de Zyuganov e RKRP-RPK de Tyulkin), o KKE grego, o PC alemão, o Partido Comunista (Itália) e outros .

Finalmente, também apontamos que o chauvinismo sérvio dos estalinistas compartilha a companhia de várias forças ultra-reacionárias. Todos os grandes chauvinistas russos, incluindo os monarquistas da Rússia Branca, apoiam a reivindicação da Sérvia ao Kosovo. O mesmo é verdade para vários partidos radicais de direita na Europa Ocidental. Por exemplo, a FPO austríaca sempre declarou que o Kosovo faz parte da Sérvia. Seu líder, HC Strache, usa orgulhosamente o chamado *Brojanica* - um rosário sérvio-ortodoxo - em seu pulso. [612] Que aliança profana de “esquerdistas” e chauvinistas de direita!

Tudo isso prova uma vez mais: o estalinismo nunca foi, não é, e nunca será uma força internacionalista da classe operária. É organicamente corrupto e chauvinista. Na época atual da rivalidade das Grandes Potências, os estalinistas inevitavelmente servem como lacaios das outras Grandes Potências imperialistas. Os revolucionários devem impiedosamente denunciar essa tendência reformista burguesa!

## O Ultra-Estalinista PCGB-ML: Leais Apoiadores do Imperialismo Russo e Chinês

Já mencionamos acima sobre o ultra-estalinista *Partido Comunista da Grã-Bretanha (Marxista-Leninista)* cuja abreviação é PCGB-ML. Este grupo considera o papel da Rússia e da China como “*progressista e anti-imperialista*”. Embora esses adoradores de Stalin, de Gaddafi e de Assad, sejam burros no campo da teoria marxista, eles são mais consistentes e sinceros do que a maioria de seus companheiros de viagem estalinistas. Eles saúdam Assad e clamam por “*vitória para o presidente, o governo, o exército e o povo da Síria!*” (*Nessa ordem!*). [613]

Joti Brar, um de seus líderes, deixou inequivocamente claro que o PCGB-ML também se posiciona pela vitória da China e da Rússia contra seus rivais ocidentais: “*Além disso, se a Grã-Bretanha e os EUA realmente começarem uma guerra contra a Rússia ou a China, é a opinião do PCGB-ML de que os verdadeiros anti-imperialistas e socialistas apoiarão a defesa dos países Rússia e China e trabalharão pela derrota classe dominante dos inimigos Grã-Bretanha e EUA. Os slogans de um movimento anti-guerra verdadeiramente anti-imperialista nesse caso devem ser: a vitória para a Rússia e a China; Derrota do imperialismo britânico; Nenhuma cooperação com as guerras imperialistas britânicas!*” [614]

A mesma linha foi confirmada em uma resolução adotada em seu último congresso: “*O Congresso confirma que, no caso de uma guerra como esta, o proletariado britânico não teria interesse na vitória de sua própria burguesia imperialista, e teria todos os interesses uma vitória das forças do anti-imperialismo. (...) O Congresso também resolve que, no caso de a guerra estourar, nosso partido pedirá a vitória da Rússia e da China e trabalhará para mobilizar as massas contra o próprio sistema imperialista, que é a causa de toda a guerra no sistema moderno. mundo.*” [615]

Esses ultra-estalinistas são certamente mais consistentes em tirar conclusões táticas do que a maioria dos outros defensores do imperialismo russo e chinês. O seu apelo às vitórias de Moscovo e Pequim contra os seus rivais ocidentais qualificou-as de sociais-imperialistas pró-orientais. Este é o complemento perfeito para o seu papel como apoiantes reacionários das ditaduras capitalistas de Assad e Gaddafi, que massacraram o seu povo quando se levantaram pela liberdade!

Sem dúvida, esses estalinistas britânicos se veem como anti-imperialistas radicais, pois se opõem à “burguesia” deles e apoiam os rivais da OTAN. Sua posição assemelha-se à abordagem “derrotista” dos estalinistas britânicos no período do Pacto Hitler-Stalin, quando o PCGB denunciou furiosamente o imperialismo britânico e o transformou (e na França) nas únicas forças responsáveis pela eclosão da Guerra Mundial (elogiando as denominadas “iniciativas de paz” de Hitler). Naturalmente, essa posição pseudo-derrotista foi substituída sem cerimônia pelo patriotismo ultra-servil quando Moscou então o exigiu, depois de 22 de junho de 1941.

Obviamente, tal tipo de “derrotismo” na época não tinha nada a ver com “an-

ti-imperialismo”, pois não era dirigido contra o imperialismo, mas apenas contra os interesses de uma Grande Potência e um dos interesses de outra Grande Potência. Trotsky denunciou corretamente tal pseudo-derrotismo quando uma política foi lançada pelos reformistas alemães depois de 1933.

“*Lembremos que todos os líderes da social-democracia alemã na emigração são “derrotistas” à sua maneira. Hitler os privou de suas fontes de influência e renda. A natureza progressiva desse derrotismo “democrático” e “antifascista” é exatamente zero. Ela está ligada não à luta revolucionária, mas a depositar esperanças no papel “libertador” do francês ou de algum outro imperialismo. Os autores do documento, obviamente contra sua própria vontade, deram, infelizmente, um passo nessa mesma direção.*” [616]

Ele acrescentou: “*Mas eles estão absolutamente errados ao pensar que o proletariado pode resolver grandes problemas por meio de inimigos mortais, os governos imperialistas*”. [617]

Em resumo, a adulação desavergonhada da Rússia e da China pelo PCGB-ML nada mais é que uma versão moderna da política social-imperialista de Stálin.

## **Reflexões: Algumas Observações sobre os sociais-imperialistas “Pacifistas” e os Sociais-Imperialistas “Beligerantes”**

Neste ponto, desejamos fazer uma interessante e importante diferença “metodológica” entre os sociais-imperialistas pró-ocidentais e os pró-orientais. O primeiro, o *Partido da Esquerda Europeia* (PEE) e o *Partido Comunista Japonês* (PCJ), geralmente criticam seus governos por serem muito agressivos e confrontados contra a Rússia e a China. Eles pedem a seus governos que aceitem várias iniciativas de Putin e Xi (por exemplo, a criação do *Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura*). Eles pregam a necessidade de pacifismo e reconciliação de interesses entre o Ocidente e a Rússia a China respectivamente.

As coisas são diferentes com os sociais-imperialistas pró-orientais. Se eles expressam críticas contra o regime de Putin e Xi no campo da política externa, não é que eles *não* seriam muito hostis ao Ocidente, mas seriam complacentes. Alguns estalinistas russos chegam a afirmar que o Kremlin seria um servo dos EUA! [618] Por exemplo, vários estalinistas russos e outros intelectuais de esquerda como Buzgalin e Kagarlitsky criticam o estado russo não do ponto de vista anti-imperialista. Muito pelo contrário, eles atacam a política do governo de Putin por “*não ser agressiva o suficiente*”, por não cumprir suas promessas a Assad, etc. O site Vestnik Buri é um exemplo supremo. Em sua propaganda na rede social, eles afirmam: “*Basta lembrar a derrubada dos caças bombardeiros Sukhoi Su-24 russo em 2015, Su-25 e do Tu-154 (em Sochi), e dos aviões de apoio aéreo An-26, Su-30, que foram perdidos em várias circunstâncias. Lembre-se dos golpes não respondidos pela coalizão liderada pelos EUA / Israel contra o Estado soberano, que é aliado a nós (sic!) Como Bashar Assad pediu ajuda à Rússia em 2011, incluindo complexos de defesa aérea, e ajuda veio somente em 2014, quando a situação estava quase sem esperança. O fato de a Síria estar dividida em áreas de influência e uma das tarefas de nossos*

*militares (a preservação da integridade territorial da Síria) fracassou”*. [619]

A denúncia de *Vestnik Buri* sobre a política da Rússia é feita de tal maneira que é sugerido que se eles estivessem na posição do Estado russo imediatamente esmagariam brutalmente vários rivais estrangeiros em contraste com o governo atual supostamente “fraco”. Essa política social-imperialista geralmente não é consciente, mas sim o subproduto da adaptação às forças reformistas - no caso de *Vestnik Buri*, é a liderança burocrática dos sindicatos da CLR.

Assim, enquanto os sociais-imperialistas pró-ocidentais pedem aos seus governos que cooperem mais com a Rússia e a China, os sociais-imperialistas pró-orientais instam os seus governos a agir de forma mais antagônica. Qual é a razão para essa diferença?

A principal razão para isso não é tanto nas ideologias ou programas específicos desses partidos. São basicamente todas as forças reformistas que se adaptam a setores da classe dominante. Mas eles precisam se adaptar a diferentes países, a classes dirigentes que enfrentam diferentes condições concretas com bases econômicas e super-estruturas políticas específicas.

Conforme elaboramos acima, as classes dominantes das Grandes Potências no Ocidente e no Oriente são caracterizadas por diferentes dinâmicas. O Ocidente em geral, e os EUA em especial, estão em declínio, enquanto a Rússia e, em especial, a China, estão num ascenso. Deste fato seguem várias consequências importantes, por exemplo:

a) Um sentimento social de pessimismo relativo no Ocidente em geral, em especial os EUA e de relativo otimismo na Rússia e na China.

b) Entre as Grandes Potências ocidentais: crise interna, profundas divisões dentro da burguesia e graves rupturas dentro do “*bloco histórico*” da classe dominante, da classe média e da aristocracia operária; em comparação, há um forte apoio ao regime ou, pelo menos, não há divisões profundas nem forças de oposição fortes na China e na Rússia.

Como resultado, há setores entre a burguesia europeia e japonesa em conjunto com a classe média que busca a cooperação e não o confronto com as Grandes Potências orientais (ou que até simpatiza com seu tipo político de governo). Eles querem se tornar mais independentes da hegemonia tradicional dos EUA. Os partidos sociais-imperialistas pró-ocidentais estão se adaptando a esses setores. Em contraste, os sociais-imperialistas pró-orientais se adaptam a setores entre a burguesia russa e chinesa e a classe média que defendem uma abordagem mais agressiva contra os rivais ocidentais, que odeiam o neoliberalismo ocidental etc. Esta é a base material para as diferenças entre os sociais-imperialistas “pacifistas” e os sociais-imperialistas “beligerantes”.

## Notas de rodapé

564) Existe uma vasta literatura sobre a política e da Frente Popular. Veja por exemplo Tom Kemp: *Estalinismo na França*, New Park Publications, Londres 1984; Jaques Darnos, Marcel Gibelin: *Die Volksfront em Frankreich. Generalstreik und Linksregierung im Juni '36*, Junius Verlag, Hamburgo, 1982. Leon Trotsky criticou extensivamente essa concepção estalinista. Veja por exemplo *Leo Trotsky: Para onde vai a França?* New Park Publications, Londres. O principal teórico estalinista declarou o conceito de Frente Popular em vários discursos e escritos depois de 1935. Eles estão resumidos em: Georgi Dimitroff: *The United Front. A luta contra o fascismo e a guerra*, editores proletários, San Francisco 1975

565) Veja neste exemplo o capítulo “A Origem Maoísta da Teoria da Superpotência” em nosso panfleto *A Teoria do imperialismo de Lênin e a ascensão da Rússia como uma Grande Potência* (veja a nota de rodapé acima para o título completo e link).

566) Uma elaboração mais detalhada da teoria trotskista dos estados estalinistas pode ser lida em Leon Trotsky: *A Revolução Traída* (1936), Pathfinder Press, 1972. A análise da CCRI é resumida no capítulo II de Michael Pröbsting: *A Revolução de Cuba Vendida ? O caminho da revolução para a restauração do capitalismo*, Viena 2013, <https://www.thecommunists.net/theory/cuba-s-revolution-sold-out/> . Veja também Yossi Schwartz: *A República Popular Democrática do Iêmen era um Estado Deformado pelos Trabalhadores?* Agosto de 2015, <https://www.thecommunists.net/theory/south-yemen/>

567) Até agora, 8 edições desta revista apareceram. Seu site é <https://www.iccr.gr/en/home/>.

568) Apelo do 20º Encontro Internacional de Partidos Comunistas e Operários, 29.11.2018, <http://www.solidnet.org/article/20-IMCWP-Appeal-of-the-20th-International-Meeting-of-Communist-and-Workers-Parties/>

569) Em um comunicado conjunto, assinado por 63 partidos estalinistas que participaram do 20º congresso anual do Encontro Internacional dos Comunistas e Partidos de Trabalhadores-IMCWP em novembro de 2018, eles declararam: *“Nós, participantes do 20º Encontro Internacional dos Partidos Comunistas e Operários, realizado em Atenas, Grécia, em 23 e 25 de novembro. 2018 expressam total apoio e solidariedade à justa causa do Partido dos Trabalhadores da Coreia e do povo coreano para realizar uma reunificação independente e pacífica da Coreia e manter a paz e a segurança na península coreana. (...) A justa causa do Partido dos Trabalhadores da Coreia e do povo coreano para defender a paz e a segurança da península coreana e construir um poderoso país socialista constitui uma contribuição ativa para a luta dos partidos comunistas e operários para garantir justiça internacional e paz e vitoriosamente avançar a causa do socialismo em escala global. (...) Esperamos que a comunidade internacional responda positivamente às medidas tomadas de boa fé pela RDPCoreia para a facilidade de tensão e reconciliação na península coreana e convoque todos os partidos comunistas e operários e as organizações progressistas do mundo. intensificar o movimento de solidariedade internacional pela causa justa do Partido dos Trabalhadores da Coreia e do povo coreano. ”*(*Declaração de solidariedade dos partidos comunistas e operários em apoio à causa justa do Partido dos Trabalhadores da Coreia e do povo coreano para uma Reunificação Independente e Pacífica da Coreia e para a Paz e a Segurança na Península da Coreia*, 20 IMCWP, *Declaração de Solidariedade dos Partidos Comunistas e Operários*, 25 de novembro de 2018, Atenas, Grécia, <http://www.solidnet.org/article/20-IMCWP-Statement-of-Solidarity-of-Communist-and-Workers-Parties/>)

570) Veja os seguintes documentos da CCRI: Abaixo a Beligerância Imperialista de todas as Grandes Potências! Ataque à Síria, Tarifas Protecionistas e envenenamento por Sa-

lisbury: Contra toda agressão diplomática, econômica e militar imperialista! Nos EUA, UE, Rússia e China: O Principal Inimigo está em Casa! Apoie as lutas de libertação democrática e nacional dos povos oprimidos! Declaração Conjunta da CCRI e do Grupo Marxista 'Política de Classe' (Rússia), 13.04.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/syria-down-with-imperialist-war mongering-of-all-great-powers/>; ISL: Sobre o ataque de Trump à Síria, 15.04.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/on-trump-s-attack-on-syria/>

571) Veja em Michael Pröbsting: Síria e Rivalidade das Grandes Potências: O Fracasso da "Esquerda". A sangrenta Revolução síria e a recente escalada da rivalidade entre os imperialistas entre os EUA e a Rússia - uma crítica marxista da social-democracia, estalinismo e centrismo, 21 de abril de 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/syria-great-Poder-rivalidade-e-a-falha-da-esquerda/>

572) AFP: Rússia diz que mais de 63.000 soldados lutaram na Síria, 22 de agosto de 2018, <https://www.yahoo.com/news/russia-says-over-63-000-troops-fought-syria-141424820.html>; TASS: Rússia perdeu 112 militares ao longo de três anos de operação contra o terror na Síria - MP, 30 de setembro de 2018, <http://tass.com/defense/1023714>; veja também Michael Pröbsting: 63.000 tropas. Forças Imperialistas Russas Apoiam o Regime Reacionário de Assad na Síria, 27.08.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/63-000-russian-troops-in-syria/>

573) Declaração conjunta: Condenar o Bombardeio da Síria pelos EUA, Reino Unido e França, 17 de abril de 2018, <http://www.solidnet.org/portugal-portuguese-communist-party/portuguese-cp-condemnation-of-the-bombing-of-syria-by-the-usa-united-kingdom-and-france-en-fr-es-pt>

574) Declaração dos Partidos Comunistas e Operários da Europa condenando a escalada da agressividade imperialista na Síria, 13 de abril de 2018, <http://www.solidnet.org/greece-communist-party-of-greece/cp-of-greece-statement-of-the-communist-and-workers-parties-of-europe-condemning-the-escalation-of-the-imperialist-aggressiveness-in-syria-en-ru-es-ar-fr-sq>

575) FSM sobre a situação em S.E. Mediterrâneo, 12 Abr 2018, <http://www.wftucentral.org/wftu-on-the-situation-in-s-e-mediterranean/>

576) Eliseos Vagenas: A Equação Político-Militar na Síria (Extensos trechos do artigo publicado em "Kommunistiki Epitheorisi", a revista política-teórica do CC do KKE, edição 1 de 2016), <https://inter.kke.gr/en/articles/THE-MILITARY-POLITICAL-EQUATION-IN-SYRIA/>

577) KPRF: Party Program (2008), <https://kprf.ru/party/program> (nossa tradução)

578) Зюганов попросил признать Донбасс территорией России (Zyuganov pediu para reconhecer o Donbass como território da Rússia), dp.ru, 11.09.2018, <https://www.msn.com/ru-ru/news/featured/%D0%B7%D1%8E%D0%B3%D0%B0%D0%BD%D0%BE%D0%B2-%D0%BF%D0%BE%D0%BF%D1%80%D0%BE%D1%81-%D0%B8%D0%BB-%D0%BF%D1%80%D0%B8%D0%B7%D0%BD%D0%B0%D1%82%D1%8C-%D0%B4%D0%BE%D0%BD%D0%B1%D0%B0%D1%81%D1%81-%D1%82%D0%B5%D1%80%D1%80%D0%B8%D1%82%D0%BE%D1%80%D0%B8%D0%B5-%D0%B9-%D1%80%D0%BE%D1%81%D1%81%D0%B8%D0%B8/ar-BBN8FXU>

579) Veja por exemplo Gennady Zyuganov: A crise na Ucrânia e suas raízes profundas, setembro de 2014, <http://cprf.ru/2014/09/1108/>

580) Катерина Коростиченко: «Изучение татарского превращается в муку для родителей», 8 de setembro de 2017, <https://vz.ru/society/2017/9/8/886257.html> (nossa tradução)



ção)

581) Viktor Kozhemyako: Como proteger o idioma russo? 15.06.2012, [https://kprf.ru/rus\\_soc/107254.html](https://kprf.ru/rus_soc/107254.html) (nossa tradução)

582) Por exemplo, Zuyganov escreveu em 2012: “*É um dever sagrado dos comunistas e da Igreja Ortodoxa se unirem*”. (Mansur Mirovalev: Partido Comunista da Rússia se volta para a Igreja Ortodoxa. Após décadas de ateísmo militante, os comunistas russos recorre-mo ao estabelecimento religioso para ganhar adeptos, 2016-12-12, [http://www.al-jazeera.com/indepth/features/2016\\_12/russia-communist-party-turns-orthodox-church-161212075756966.html](http://www.al-jazeera.com/indepth/features/2016_12/russia-communist-party-turns-orthodox-church-161212075756966.html))

583) Президент Сирии Башар Асад высоко оценил помощь КППФи ее лидера Г.А. Ганова, 25.10.2015, <https://kprf.ru/dep/gosduma/activities/147743.html> (nossa tradução)

584) Сирия: Так было и так будет! 17.04.2018, <https://kprf.ru/party-live/opinion/174882.html> (nossa tradução)

585) RKPR: Contra a guerra! Contra o belicismo! 16.04.2018, <https://rkrp-rpk.ru/2018/04/16/%D0%BF%D1%80%D0%BE%D1%82%D0%B8%D0%B2-%D0%B2%D0%BE%D0%B9%D0%BD%D1%8B-%D0%BF%D1%80%D0%BE%D1%82-%D0%B8%D0%B2-%D0%BD%D0%B0%D0%B3%D0%BD%D0%B5%D1%82%D0%B0-%D0%BD%D0%B8%D1%8F-%D0%B2%D0%BE%D0%B5%D0%BD%D0%BD/> (nossa tradução)

586) Viktor Tyulkin: Algumas palavras sobre o imperialismo russo, 09.10.2017, <https://rkrp-rpk.ru/2017/10/09/%D0%BD%D0%B5%D1%81%D0%BA%D0%BE%D0%BB%D1%8C%D0%BA%D0%BE-%D1%81%D0%BB%D0%BE%D0%B2-%D0%BE-%D1%80-%D0%BE%D1%81%D1%81%D0%B8%D0%B9%D1%81%D0%BA%D0%BE%D0%BC-%D0%B8%D0%BC%D0%BF%D0%B5%D1%80%D0%B8%D0%B0%D0%BB/>

587) Sobre a morte do camarada, 24.05.2015, <https://rkrp-rpk.ru/2015/05/24/%D1%83%D0%B1%D0%B8%D1%82-%D0%B0%D0%BB-%D0%B5%D0%BA%D1%81%D0%B5%D0%B9-%D0%BC%D0%BE%D0%B7%D0%B3-%D0%BE%D0%B2%D0%BE%D0%B9/> (nossa tradução)

588) Citado em: Дневник комбрига. Алексей Мозговой, 22.06.2016, <http://rusdozor.ru/2016/06/22/dnevnik-kombriga-aleksej-mozgovoj/> (nossa tradução)

589) G. Zinoviev / V. I. Lenin: Socialismo e a Guerra (1915) ; in: LCW Vol. 21, pp. 303-304

590) аявление Президиума ЦК ОКП: Мы отвергаем территориальные уступки, осуществленные против воли трудящихся, 21 Дек. 2016 <http://ucp.su/category/news/683-my-otvrgaem-territorialnye-ustupki-osushestvlenny/> (Declaração do Presidium do CC PCU: Rejeitamos as concessões territoriais contra a vontade dos trabalhadores, 21 de dezembro 2016) (nossa tradução)

591) [https://wikivisually.com/wiki/Darya\\_Mitina](https://wikivisually.com/wiki/Darya_Mitina)

592) Comentário da UCP sobre destruição de estátuas em Palmira, [https://vk.com/wall-9225\\_48085](https://vk.com/wall-9225_48085) (nossa tradução)

593) Darya Mitina: Comente sobre o Taleban no Afeganistão, Не думала, что доживу до такого позорища, 10 de novembro de 2018, <https://kolobok1973.livejournal.com/4688030.html> (nossa tradução)

594) Para a avaliação da CCRI do KKE, ver por exemplo RKOВ: Perspectivas da Revolução Grega, 10.11.2011, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/greece-revolution-or-tragedy/> ; Michael Pröbsting: Grécia: por um governo dos trabalhadores! Apoio eleitoral crítico para SYRIZA e KKE! Trabalhadores: Organize-se e prepare-se

para a luta pelo poder! 6.6.2012, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/greece-for-a-workers-government/>; Michael Pröbsting: Após a vitória do SYRIZA nas eleições gregas: A questão do governo dos trabalhadores e o caminho revolucionário a seguir, junho de 2012, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/after-the-greek-elections/>; Michael Pröbsting: Grécia: uma semi-colônia moderna. O desenvolvimento contraditório do capitalismo grego, suas tentativas fracassadas de se tornar um poder imperialista menor e sua situação atual como um país semi-colonial avançado com algumas características específicas (capítulo IV.4: O KKE e o caráter de classe da Grécia), <https://www.thecommunists.net/theory/greece-semi-colony/>

595) A CCRI e sua organização antecessora analisaram o estalinismo - um presente sobre o movimento operário - em numerosas ocasiões. Veja por exemplo Michael Pröbsting: a revolução de Cuba está esgotada? O caminho da revolução para a restauração do capitalismo, agosto de 2013, Livros da CCRI, <https://www.thecommunists.net/theory/cuba-s-revolution-sold-out/>. Veja também LRCI: A Revolução Degenerada: A Origem e Natureza dos Estados Estalinistas, <https://www.thecommunists.net/theory/stalinism-and-the-degeneration-of-revolution/>

596) Veja neste artigo Michael Pröbsting: Grécia: Uma Semi-Colônia Moderna (ver capítulo III e IV), <https://www.thecommunists.net/theory/greece-semi-colony/>

597) Tal como o KKE afirma em seu programa, adotado em 2013: *“O capitalismo na Grécia está na etapa imperialista de seu desenvolvimento, em uma posição intermediária no sistema imperialista internacional, com fortes dependências desiguais nos EUA e na UE. (...) A participação da Grécia na OTAN, as dependências econômico-políticas e político-militares da UE e dos EUA limitam a margem da burguesia grega para manobrar de forma independente, pois todas as relações de aliança do capital são governadas pela concorrência, desigualdade e conseqüentemente a posição vantajosa do mais forte; eles são formados como relações de interdependência desigual. ”*(Programa do KKE, adotado em 2013, <http://inter.kke.gr/en/articles/Programme-of-theKKE/>)

Da mesma forma, Aleka Parariga, secretária geral do KKE na época, escreveu: *“A posição básica do oportunismo na Grécia é que o país está sob ocupação alemã, está sendo transformado ou foi transformado em colônia e está sendo saqueado principalmente por Merkel, os credores. A tríade dos representantes da UE, do Banco Central Europeu e do FMI que supervisionam e determinam a gestão da dívida interna ou externa, os déficits fiscais são vistos como o principal inimigo à parte da própria Alemanha. Eles acusam a classe burguesa do país e os partidos governamentais como sendo traidores, antipatrióticos, subordinados e subservientes em relação à Alemanha, aos credores ou aos banqueiros.*

*Aqueles que falam de subordinação e ocupação não reconhecem a exportação de capital da Grécia (uma característica do capitalismo na fase imperialista), que foi significativa antes da crise e continua inalterada nas condições da crise. A exportação de capital está sendo realizada para investimentos produtivos em outros países e, é claro, em bancos europeus, até que as condições sejam formadas, para que possam reentrar no processo de garantir o máximo lucro possível. Eles vêem uma falta de capital e não excesso de acumulação.*

*Eles não vêem a questão da acumulação excessiva, porque serão forçados a admitir o caráter da crise econômica capitalista, algo que faz explodir sua proposta política pró-monopólio. Tanto os partidos burgueses quanto os oportunistas, apesar das diversas diferenças, apoiam a salvaguarda da competitividade dos monopólios domésticos, que inevitavelmente traz à tona as reestruturações reacionárias, garantindo mão-de-obra mais barata, intensificação da intimidação estatal, repressão e antidiscriminação. comunismo, e, ao mesmo tempo, especialmente foco na expansão*

*do capital grego na região mais ampla (os Balcãs, o Mediterrâneo Oriental, a área do Mar Negro). Isto é, entre outras coisas, um círculo vicioso que conduz a um novo e mais profundo ciclo de crise. Lênin e seu trabalho sobre o imperialismo acrescentam que a comparação não pode ser feita entre países capitalistas desenvolvidos e países capitalistas atrasados, mas entre exportações de capital, uma questão que oportunistas em todos os lugares não querem e não ousam reconhecer porque sua opinião sobre a ocupação da Grécia, que A Grécia é uma colônia, é refutada apenas por este critério. (...)*

*Consequentemente, a posição do KKE de que a Grécia pertence ao sistema imperialista, é organicamente incorporada e desempenha um papel ativo na guerra como um aliado dos protagonistas é absolutamente justificada. Esta é a escolha do interesse da burguesia que duas vezes convidou o imperialismo britânico e norte-americano a esmagar o povo armado com forças militares, armas e operações militares directas. "(Aleka Parariga (Secretária Geral do KKE): A Posição da Grécia no Capitalismo Internacional, Artigo para "El Machete", a Revisão Teórica e Política da CP do México, <http://mltoday.com/the-position-of-greece-within-international-capitalism>)*

Para a crítica da CCRI da análise do KKE sobre o capitalismo grego, ver capítulo IV.4. Excurse: O KKE e o Caráter de Classe da Grécia em nosso livro Grécia: Uma Semi-Colônia Moderna, mencionada acima.

598) Na análise da CCRI sobre a Turquia como uma semi-colônia avançada, ver: Michael Pröbsting: Perspectivas do Mundo 2018: Um Mundo Grávido de Guerras e Levantes Populares. Teses sobre a situação mundial, as perspectivas para a luta de classes e as tarefas dos revolucionários (Capítulo V), Livros da CCRI, Viena 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2018/>; Michael Pröbsting: O Grande Roubo do Sul. Continuidade e mudanças na super-exploração do mundo semi-colonial pelo capital monopolista. Consequências para a Teoria Marxista do Imperialismo (Capítulo 9), Livros da CCRI, Viena 2013, <https://www.thecommunists.net/theory/great-robbery-of-the-south/>; TEK YOL DEVRİM! Programa de Ação para a Turquia por Sınıf Savaşı (Seção da Tendência Internacional Comunista Revolucionária na Turquia), outubro de 2016, <https://www.thecommunists.net/theory/program-turkey/> Na Macedônia, veja da CCRI: Macedônia: Pare a Violência Policial! Apoie a autodeterminação nacional da minoria albanesa! Para um governo dos trabalhadores e camponeses! Para uma federação socialista dos povos balcânicos! 8.5.2015, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/macedonia-statement/>; ver também capítulo II.3 Excurse: Chauvinismo Grego e a Questão Macedônia em nosso livro Grécia: Uma Semi-Colônia Moderna mencionada acima.

599) Veja nesta Michael Pröbsting: Grécia: Uma Semi-Colônia Moderna (ver capítulo II.3 Excurse: Chauvinismo Grego e a Questão Macedônia, bem como o capítulo V.3 A Luta contra o Chauvinismo Grego: A Questão Macedônia), <https://www.thecommunists.net/theory/greece-semi-colony/>. Como mostramos nesse livro, Leon Trotsky e os trotskistas gregos sempre adotaram uma posição internacionalista consistente sobre essa questão. Eles se opunham ao chauvinismo grego e defendiam os direitos das minorias nacionais. Trotski, por exemplo, aconselhou os marxistas gregos a respeito da questão macedônica: *"Apenas dizemos que, se os macedônios o querem, nós então nos colocaremos ao lado deles, para que eles possam decidir, e também apoiaremos sua decisão. O que me perturba não é tanto a questão dos camponeses macedônios, mas sim se não há um toque de veneno chauvinista nos trabalhadores gregos. Isso é muito perigoso. Para nós, que somos para uma federação balcânica de estados soviéticos, é tudo a mesma coisa se a Macedônia pertencer a essa federação como um todo autônomo ou parte de outro estado. No entanto, se os macedônios são oprimidos*

*pele governo burguês, ou se sentem oprimidos, devemos dar-lhes apoio.*” (Leon Trotsky: Uma discussão sobre a Grécia (primavera de 1932), In: Escritos de Leon Trotsky: Suplemento (1929- 33), Pathfinder, New York 1979, pp. 129-130)

Pantelis Pouliopoulos, o primeiro Secretário Geral do KKE e líder histórico do trotskismo grego nas décadas de 1920 e 1930, também declarou categoricamente: *“Quem quer que refute a existência, não resolvida até hoje, de uma questão macedônica nacional em grego, búlgaro, sérvio sem dúvida um cachorrinho da burguesia. Quem quer que refute o movimento histórico de libertação dos macedônios, é ignorante e deve aprender a história desse movimento e seus heróis nacionais, ou é novamente um cão de uma das três burguesias opressoras.”* (Pantelis Pouliopoulos: Comunistas e a questão macedônica [ Maio de 1940], republicado em Spartakos No. 30, 1991, <https://www.marxists.org/archive/pouliop/works/1940/05/commac.htm>)

600) Programa do KKE, adotado no 19º Congresso do KKE, de 11 a 14 de abril de 2013, <http://inter.kke.gr/en/articles/Programme-of-the-KKE/>

601) Citado em Nikos Mottas: Foi morto por griechischen Kommunisten em Falle eines Krieges tun ?; em: Einheit und Widerspruch (Theoretisches und Diskussions der der Partei der Arbeit Österreichs), Heft 6, Juni 2018, p. 117, [http://parteiderarbeit.at/?page\\_id=1915](http://parteiderarbeit.at/?page_id=1915) (nossa tradução)

602) O perigo da guerra imperialista e a postura dos comunistas, Teses do Partido Comunista da Grécia (KKE) na 12ª Conferência Internacional “V.I. Lênin e o mundo contemporâneo”, 20.04.2018, <https://inter.kke.gr/pt/artigos/ESTE-DIS-COMUNISTA-PARTY-DO-GREECE-KKE-AT-TH-12-INTERNATIONALCONFERENCE-VI-LENIN-E-O-MUNDO-CONTEMPORANEO/>

603) Veja isto, além de nosso livro sobre a Grécia capitalista mencionado acima, por exemplo. Max Bonham: Sobre a Crescente Tensão greco-turca, a Liga Socialista Internacionalista (Seção da CCRI em Israel / Palestina Ocupada), 30 de abril de 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/escalating-tensões-greco-turcas/>

604) OKDE: Acordo de Prespa - Referendo na vizinha Macedônia, 24.9.2018, <https://www.thecommunists.net/forum/okde-greece-referendum-in-neighboring-macedonia/>

605) KKE: Sobre o acordo entre a Grécia e a ARJM, 14/6/2018, Serviço de Imprensa do CC do KKE, <http://www.solidnet.org/article/CP-of-Greece-On-the-agreement-between-Greece-FYROM/>

606) Kommounistiki Epitheorisi (No. 2, 2018), citado em SL: Por uma Federação Socialista dos Bálcãs! Grécia: Frenesi Chauvinista sobre a Macedônia, Parte Um, Workers Vanguard No. 1142, 19 de outubro de 2018, <https://www.icl-fi.org/english/wv/1142-macedonia.html>

607) V. I. Lenin: Discurso Encerramento O Debate Sobre o Programa do Partido, Oito Congresso da R.C.P. (B.) 18-23 março de 1919, em: LCW Vol. 29, p. 194, <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1919/rcp8th/04.htm>

608) Veja por exemplo William Flemming: A deportação dos Povos Chechenos e Injustos: Um Exame Crítico, em: Ben Fowkes (Ed.): Rússia e Chechênia: A Crise Permanente. Ensaio sobre as relações russo-chechenas, Macmillan Press Ltd 1998, pp. 65-88; Alex Marshall: O Cáucaso sob o domínio soviético, Routledge, Londres 2010, pp. 244-271; Brian Glyn Williams: Inferno na Chechênia, University Press of New England 2015, pp. 46-75; John Dunlop: Rússia enfrenta a Chechênia. Raízes de um Conflito Separatista, Cambridge University Press 1998, pp. 46-74; Amjad Jaimoukha: os chechenos. Um ma-

nual, RoutledgeCurzon 2005, pp. 60-73

609) 20 IMCWP, APOIO À KOSOVO COMO PARTE INTEGRAL DA REPÚBLICA DA SÉRVIA, 10/12/2018 <http://www.solidnet.org/article/20-IMCWP-SUPPORT-FOR-KOSOVO-AS-AN-INTEGRAL-PART-OF-THE-REPUBLIC-OF-SERBIA/> . É uma anedota engraçada que os estalinistas estúpidos não reconheceram que, sem querer, escreveram o nome “Kosovo” no título em sua versão albanesa (Kosovo)! Ou talvez o tradutor do texto original para o idioma inglês tenha expressado sua repulsa por essa declaração dessa maneira?

610) 20 IMCWP, Nota Informativa do Partido do Trabalho da Áustria, 19/11/2018 <http://www.solidnet.org/article/20-IMCWP-Informative-note-of-Party-of-Labour-of-Austria/>, <http://parteiderarbeit.at/?p=5020>

611) Ver p. Johannes Wiener e Ime Berisha: Liberdade e autodeterminação para o Kosovo! Abaixo o governo de Isa Mustafa Hashim Thaçi, Lacaio pelos ricos e imperialismo! 31.01.2015, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/freedom-for-kosova/>

612) Ver p. “Solidariedade com a Sérvia”: Jubel für Strache em Belgrad, Der Standard, 5. Mai 2008, <https://derstandard.at/3290627/Solidaritaet-mit-Serbien-Jubel-fuer-Strache-in-Belgrad>

613) Ver p. um artigo publicado recentemente do CPGB-ML que conclui: “*Permanecendo firme contra todas as tramas e intrigas pelas quais o imperialismo espera enganar o povo sírio de sua vitória, Assad afirmou: “Esta é a nossa terra, é nosso direito, é nosso dever para liberar [essas áreas ocupadas], e os americanos deveriam partir. De alguma forma, eles vão partir”. Vitória para o presidente, governo, exército e povo da Síria!*” (CPGB-ML: A Síria avança para a libertação. O povo sírio está firme contra todas as conspirações e intrigas que o imperialismo espera enganá-los de sua vitória, 10 de julho de 2018, <https://www.cpgb-ml.org/2018/07/10/news/syria-advances-to-liberation/>); veja também: CPGB-ML: Imperialismo dos EUA perdendo a conspiração na Síria. Os imperialistas estão furiosos, enquanto uma forte diplomacia combinada com avanços militares aproximam cada vez mais o povo sírio da sua vitória final, 9 de dezembro de 2018, <https://www.cpgb-ml.org/2018/12/09/news/us-imperialism-perdendo-o-enredo-na-síria-guerra/>

614) Joti Brar: A unidade para a guerra contra a Rússia e China, CPGB (ML), Shakun Impressoras, Shahdara 2017, p. 45

615) CPGB (ML): Cuidado com a campanha para a WW3 com a Rússia e China, declaração do Partido do 8º Congresso da CPGB (ML), 21 de novembro de 2018 <https://www.cpgb-ml.org/2018/11/21/news/beware-the-drive-to-ww3-with-russia-and-china/>

616) Leon Trotsky: Um passo em direção ao patriotismo social (1939), em: Escritos de Leon Trotsky, 1938-39, p. 209

617) Leon Trotsky: Um passo em direção ao patriotismo social (1939), em: Escritos de Leon Trotsky, 1938-39, p. 211

618) Ver p. o site estalinista Politsturm: Почему Путин помог Майдану победить? (Por que Putin ajudou Maidan a vencer), 16.08.2018, <https://politsturm.com/pochemu-putin-pomog-majdanu-pobedit/>

619) [https://vk.com/wall-73211733\\_50539](https://vk.com/wall-73211733_50539)

## XXV. A Esquerda Enfrentando a Rivalidade das Grandes Potências: Sociais-Imperialistas Pró-Orientais (Não-Estalinistas)

Seria errado imaginar que a corrente dos sociais-imperialistas pró-orientais se limitaria aos partidos estalinistas. De fato, há também um número de forças não-estalinistas que veem, com mais ou menos críticas, o imperialismo russo e chinês como aliados. Neste capítulo, vamos lidar com alguns exemplos representativos.

### **Boris Kagarlitsky e Rabkor: Grandes “Marxistas” Russos Prontos a Lutar Pelos Interesses de Moscou “com Sangue e Ferro”**

Já mencionamos acima Boris Kagarlitsky, que é o diretor do Instituto de *Globalização e Movimentos Sociais* (IGSO) em Moscou, bem como o editor da revista online Rabkor. Embora ele não represente um partido, suas teorias são bastante influentes entre a esquerda russa e altamente respeitadas entre os esquerdistas ocidentais. Infelizmente, Kagarlitsky, que nunca foi stalinista (ele era um dissidente nos anos 80), desenvolveu-se cada vez mais como um defensor “marxista” do Grande chauvinismo russo.

Como demonstramos no capítulo VIII, ele não reconhece a Rússia como um estado imperialista, mas sim como um “estado capitalista periférico” comparável a outros países semicoloniais maiores como o México ou a Índia (semelhante às posições de LIT e UIT). Essa avaliação é usada como justificativa teórica para apoiar na prática o imperialismo russo e seus aliados reacionários.

Por exemplo, Kagarlitsky e sua revista *Rabkor* tornaram-se apoiadores da intervenção russa na Ucrânia desde 2014. Em 2016, esta revista publicou um artigo que alertava sobre a transformação da Ucrânia de “de Weimar em um novo Reich”, despertando associações com o Terceiro Reich de Hitler. ! Consequentemente, a revista chamou Moscou para lidar com a Ucrânia “com sangue e ferro”!

“Então, os russos observarão a transformação da Ucrânia da República de Weimar para o Reich. No entanto, se a Rússia não estiver disposta a lidar com o Reich, isso não significa que o Reich deixará a Rússia em paz. Não, a Rússia terá que enfrentar uma Ucrânia transformada no futuro e os únicos instrumentos para lidar com esse problema serão o sangue e o ferro.” [620]

Assim, vemos que está apenas a um pequeno passo de negar o caráter imperialista da Rússia para se tornar um chicote fervoroso da guerra reacionária!

Não é de surpreender que Kagarlitsky e sua revista *Rabkor* também tenham

oferecido seu espaço para o aventureiro extremamente direitista Igor Strelkov. Dizem que Strelkov é um coronel aposentado do GRU (organização de inteligência militar externa da Rússia). Ele se tornou proeminente em 2014 como líder militar da República de Donbass em sua primeira fase. Ele é um grande chauvinista russo, um monarquista russo branco e um antisemita. Ele se descreve abertamente: *“Eu me considero um defensor da monarquia autocrática na Rússia”*. Caracteristicamente, ele fala sobre os *“interesses de seus oponentes [que] estão inextricavelmente ligados ao capital internacional judaico-anglo-saxão”*. [621] Em 2016, ele fundou um novo partido chamado *Movimento Nacional Russo*, que chama em seu Manifesto para *“unir a Federação Russa, a Ucrânia, Bielorrússia e outras terras russas em um único estado russo e transformar todo o território da antiga URSS em uma zona incondicional da influência russa”*. Também favorece o rígido sistema de cotas para os trabalhadores imigrantes das antigas repúblicas soviéticas da Ásia Central e do Cáucaso. [622]

Tudo isso não impediu que Kagarlitsky e sua revista *Rabkor* promovessem Strelkov e lhe dessem uma tribuna para sua propaganda reacionária. Em 2015, publicou uma entrevista com Strelkov em que o último pediu a criação de uma aliança vermelho-marrom. [623]

E é também o mesmo espírito vermelho-marrom reacionário que guiou Kagarlitsky a participar de reuniões com figuras fascistas e semifascistas do Movimento Eurasiano de Aleksandr Dugin. [624]

Notamos de passagem que a primeira adaptação de Kagarlitsky ao grande chauvinismo russo começou muito antes da guerra da Ucrânia em 2014. Em seu livro sobre a história da Rússia - que foi publicado em 2008 e que também cobre os eventos mais recentes na Rússia - ele ignora completamente o trágico destino dos chechenos no século XX. A bárbara deportação desse pequeno povo caucasiano por Stalin, as duas guerras genocidas da Rússia - a primeira travada por Yeltsin em 1994-96 e a segunda por Putin em 1999-2002 - tudo isso não vale nem uma única palavra para esta Grande Federação Russa. *“Marxista”!* [625]

Tal adaptação reacionária ao Grande Imperialismo russo tem enormes e inevitáveis consequências para as opiniões de Kagarlitsky sobre outros assuntos. Em um editorial, a revista *Rabkor*, de Kagarlitsky, proclama que o derrotismo revolucionário, tal como foi elaborado por Lênin, não é mais válido. *“O Derrotismo”*, afirma Kagarlitsky, tornou-se *“burguês”*:

*“Não adianta, cem anos depois da Primeira Guerra Mundial, fazer referências a Lênin, à conferência de Zimmerwald e ao derrotismo anti-imperialista. Em primeiro lugar porque, ao contrário do início de 1914, não há guerra, não vai e não pode acontecer. Em segundo lugar, o derrotismo no início do século XX era anti-sistêmico e anti-burguês. Mas hoje estamos lidando com a ideologia totalmente burguesa, orientada para a promoção da mesma política neoliberal com a qual todos os socialistas devem lutar. Não importa como se avalia a posição de Lênin ou Martov em 1914, eles não foram às manifestações sob as bandeiras alemã e austríaca, não escreveram panfletos pedindo que esses impérios aumentassem a pressão sobre o exército russo.”* [626]

Em um artigo sobre o movimento de independência popular na Catalunha, Kagarlitsky denuncia agudamente essa revolta. [627] Ele declara: *“A revolta catalã, como o separatismo escocês, é uma revolta dos ricos contra os pobres. É um protesto de uma sociedade liberal contra os restos de um-Estado social redistributivo”* Ele até mesmo denunciou o nacionalismo dos povos oprimidos – em colocá-lo no mesmo nível como o chauvinismo de uma nação opressora: *“... Então, a esquerda não ousa reconhecer que o nacionalismo das minorias não é menos hostil aos interesses dos trabalhadores do que qualquer outro nacionalismo.”* [628]

Portanto, não foi surpresa, mas confirmou a transformação de Kagarlitsky em um porta-voz “crítico” do regime de Putin, quando ele saudou a vitória eleitoral do ultra-reacionário presidente dos Estados Unidos, Donald Trump! Louvou-o por ser um oponente da oligarquia financeira e representante da ideologia antiliberal do protecionismo imperialista - algo que ele considera digno de apoio contra a globalização imperialista. Ele até chamou a classe trabalhadora para apoiar Trump nisso. Em um artigo publicado por *Counterpunch*, ele disse a um público desconcertado:

*“Além disso, Trump nunca disse nada de errado em relação a afro-americanos, mulheres ou gays, exceto por uma conversa particular muitos anos atrás, quando ele contou ao amigo sobre uma tentativa frustrada de molestar alguma dama .”*

*“O quadragésimo quinto presidente dos Estados Unidos está firmemente comprometido com os princípios do protecionismo; ele protegerá os mercados e empregos dos EUA. E, mais importante, ele encoraja outros países a fazer o mesmo, sem levar em consideração os interesses de corporações multinacionais baseadas nos Estados Unidos. Pior, ele considera essas corporações como a principal ameaça à América.”*

*“Esta parte da burguesia rebelou-se bastante naturalmente contra as corporações transnacionais (...) O negócio médio, que se rebelou contra as oligarquias transnacionais, foi forçado a procurar aliados. Por sua vez, as classes mais baixas da sociedade, que durante décadas sofreram com políticas do neoliberalismo entusiasticamente aderiram à revolta. Tal aliança não durará por muito tempo, mas não é acidental. O desenvolvimento da indústria, do mercado interno e da política social que fortalece a posição dos trabalhadores e lhes dá confiança é necessário para restaurar o movimento dos trabalhadores, para que ele ganhe força. Em suma, precisamos de protecionismo.”*

*“Sem dúvida, a ideologia do quadragésimo quinto presidente dos Estados Unidos é plena de contradições, seu programa, assim como a coalizão de forças sociais que se estabelecem ao redor, é transitória, focada apenas na decisão de uma, mas absolutamente fundamental tarefa - minar o domínio da oligarquia financeira. Não há como apoiarmos suas ações impedindo que os muçulmanos da Síria ou do Irã (qualquer pessoa) entrem nos EUA. Há muitas outras decisões e políticas de Trump que a Esquerda, jamais concordará. No entanto, a administração em Washington, finalmente, parece ser liderada por um político que está determinado a colocar em prática as demandas que os ativistas radicais apresentaram pelo menos desde o tempo dos protestos em Seattle em 1999. E isso é realmente um ponto de inflexão histórico.”*

*“... o presidente dos EUA está ciente de que enfrenta um possível golpe e sabe de onde*



*vem a ameaça. Ele será forçado a contribuir para a mobilização e organização das classes mais baixas. Nesta situação, ninguém irá ajudá-lo, mas a classe trabalhadora.*" [629]

Que Trump seja a encarnação de uma oligarquia corrupta e especulativa, de que ele é um inimigo reacionário dos trabalhadores, dos imigrantes e das mulheres, que ele é um beligerante ) da Guerra (Fria) contra os rivais dos EUA - tudo isso é convenientemente varrido para debaixo do tapete por este Putinista "marxista"!

Concluimos este capítulo observando que também outros pensadores reformistas do sistema mundial, como Alexander Buzgalin e Ruslan Dzarasov, compartilham um apoio "crítico" ao Estado russo e sua intervenção na política interna e externa. Buzgalin, por exemplo, promove uma aliança de esquerda com o Estado russo e exige reformas a fim de estabelecer algum bem-estar social combinado com elementos do planejamento capitalista de estado ("*Gosplan do século XXI*" de Buzgalin). Não é de surpreender que os economistas imperialistas pró-russos conectados com o Estado, como Sergey Glazyev, também se refiram repetidamente à análise do Sistema Mundial. [630]

## Os Pseudo-Trotskistas Pró-Russos/Chineses (PO/CRFI)

Há também vários pseudo-trotskistas que se recusam a reconhecer o caráter imperialista da Rússia e da China e que, conseqüentemente, estão lado a lado com os rivais ocidentais. O maior desses "trotskistas" sociais-imperialistas é a tendência internacional em torno do *Partido Obrero* (PO), que é chamado de *Comitê Coordenador para a Refundação da Quarta Internacional* (CRQI) e que também inclui o PT (Uruguai), EEK (Grécia) e DIP (Turquia). E, como já mencionamos acima, o PO/CRQI também colabora com os estalinistas russos (e simpatizantes de Assad) do *Partido Comunista Unido* (OKP).

Como descrevemos em detalhes acima, o PO/CRQI nega que a restauração capitalista tenha sido concluída na Rússia e na China. Conseqüentemente, eles rejeitam fortemente a noção de que esses estados se tornaram Grandes Potências. Em uma declaração recentemente adotada, eles proclamam que a Rússia e a China não se tornaram imperialistas e não podem se caracterizar como tal. Eles afirmam que esses países só têm a alternativa de se tornar colônias do imperialismo ocidental ou estados socialistas. Eles consideram nossa caracterização de classe da China e da Rússia como "*propaganda imperialista*": "*O reflexo dessa propaganda imperialista à esquerda, seja ela consciente ou não, é descrever a Rússia e a China como potências imperialistas*". [631]

A partir disso, eles tiram a conclusão inevitável de que a Rússia e a China precisam ser defendidas hoje contra os EUA, a UE e o Japão. Notamos, como um aparte, que a teoria do PO/CRFI os teria obrigado, em retrospectiva, a ficar do lado da Rússia capitalista em uma guerra isolada com a Alemanha ou a Grã-Bretanha antes de 1917. [632]

Lênin gostava de dizer: "*Nossa doutrina não é um dogma, mas um guia para a*

ação.” [633] Uma teoria correta guia um partido a uma prática correta. Ao contrário, podemos dizer que uma teoria revisionista guia um partido para uma prática revisionista.

Infelizmente, este é o caso do PO/CRQI. A partir de sua análise - de que a Rússia e a China não são potências imperialistas - eles traçam a conclusão estratégica para apoiar essas potências orientais contra seus rivais ocidentais. Isso se torna evidente a partir de uma declaração conjunta recentemente publicada em reação à mais recente escalada das tensões entre as Grandes Potências:

*“A escalada da guerra comercial internacional entre a América, a Europa, a Rússia e a China está intensificando o movimento de guerra imperialista em todos os lugares. Do vulcão de guerra do Oriente Médio aos Bálcãs e das fronteiras orientais da Europa na Ucrânia, do Cáucaso à Ásia Central, ao Mar da China Meridional e à Coreia, o imperialismo já está em confronto direto ou indireto com a Rússia e a China para fragmentá-los e recolonizá-los, absorvendo-os no capitalismo mundial. A classe trabalhadora e os movimentos populares não podem ser neutros neste confronto, que ameaça a humanidade e todos os seres vivos da Terra com a guerra mundial e a extinção nuclear: declaramos guerra contra a guerra imperialista de recolonização da Rússia e da China, sem apoiar ou cultivar ilusões nas elites restauracionistas bonapartistas no Kremlin ou em Pequim.”* [634]

É preciso agradecer aos companheiros do PO/CRQI, que articulam mais explicitamente do que outros defensores as devastadoras consequências da tese “Rússia e China são semicolônias”. A mesma posição foi expressa em uma declaração adotada em um congresso do CRQI em abril de 2018.

*“Um capital imperialista não foi criado na Rússia ou na China, e a probabilidade de um imperialismo exclusivamente estatal é uma hipótese frágil. Esses regimes de transição para o capitalismo enfrentam, por um lado, a colonização imperialista (e as guerras) e, por outro, a revolução proletária. Dada a hipótese de uma guerra imperialista contra a Rússia e / ou a China, para levar a cabo uma restauração capitalista de natureza colonial, os socialistas revolucionários lutarão pela derrota completa do imperialismo e aproveitarão esta luta para promover o ressurgimento dos soviets, como o poder político independente da classe trabalhadora; expropriar a oligarquia e a burocracia e desenvolver uma revolução socialista, defendendo a livre autodeterminação dos povos, na perspectiva da reconstrução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas [inspiradas] na origem revolucionária e internacionalista da Revolução de Outubro.”* [635]

A retórica pseudo-socialista mal consegue esconder a posição social-imperialista contida nesta declaração. Se a Rússia e a China não são imperialistas (na verdade, de acordo com a liderança da PO, nem sequer são totalmente capitalistas) e se as Grandes Potências ocidentais são imperialistas, então a formulação “socialistas revolucionários lutarão pela derrota completa do imperialismo” pode ter único significado: que o PO está do lado da Rússia e da China contra as antigas potências imperialistas.

Esta é a base teórica e estratégica para a aliança que a liderança do PO/CRQI criou com o OKP estalinista russo de Darya Mitina. Como demonstrámos acima,

este partido também rejeita a noção de que a Rússia é um Estado imperialista e considera-o antes como um “país capitalista periférico”. Em uma base comum, essas forças podem concordar em apoiar o imperialismo russo e chinês. Vemos: a confusão teórica e o fracasso abismal em reconhecer os desenvolvimentos sócio-históricos da política mundial resultam inevitavelmente no lado errado da luta de classes e na traição aberta à causa da libertação do proletariado internacional e dos povos oprimidos! A teoria revisionista cria cortinas de fumaça revisionistas sobre o imperialismo chinês e russo. E tudo isso em nome do “marxismo” e do “anti-imperialismo”!

Não obstante, é preciso agradecer aos companheiros do PO/CRQI por uma coisa: como mostramos em outros trabalhos, muitas organizações autoproclamadas “trotskistas” compartilham a tese de que a Rússia e a China não são estados imperialistas. No entanto, apenas alguns estão preparados para articular de forma tão consistente e explícita as consequências devastadoras dessa posição ao apelar para apoiar a China e a Rússia contra seus rivais ocidentais.

Os marxistas autênticos traçam uma linha divisória entre o anti-imperialismo consistente e o social-imperialismo pró-oriental. O primeiro se opõe a todas as Grandes Potências e apoia a luta de libertação dos povos oprimidos contra eles. O último se põe ao lado com a China e a Rússia contra seus rivais ocidentais e se recusa a apoiar as lutas de libertação do povo oprimido que são dirigidas contra os regimes de Putin e Xi, respectivamente. seus aliados locais. E, de fato, é lógico que a liderança do PO/CRQI se recuse a dar qualquer apoio ao povo sírio que luta contra a tirania de Assad e seus mestres imperialistas russos e iranianos. Na verdade, eles estão se preparando para se juntar abertamente ao campo de Assad, tal como eles estão alertando em sua última declaração conjunta:

*“A 4ª Conferência Euro-mediterrânea em maio de 2017 enfatizou as implicações da primeira viagem de Trump fora dos EUA na Arábia Saudita e em Israel: a formação de um eixo de guerra pró-imperialista de Israel, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito e Sudão apontou contra o Irã e seus aliados na região, em primeiro lugar o Hezbollah no Líbano e o regime sírio de Bashar al Assad.”* [636]

Negando o caráter imperialista da Rússia, que é o mestre do Irã e da Síria, eles veem os eventos políticos no Oriente exclusivamente com o prisma da oposição contra o imperialismo ocidental. Então, o que significa quando o PO/CRQI levanta, como fez nesta declaração, o chamado “Imperialistas fora da Síria”, mas nunca menciona a necessidade de as tropas russas e iranianas serem expulsas da Síria?! Não significa outra coisa senão o apoio implícito à continuação da presença das forças contra-revolucionárias russas e iranianas que estão implantadas no solo sírio para reprimir a luta popular de libertação! Obviamente, os marxistas revolucionários se opõem fortemente a essa cortina de fumaça revisionista do imperialismo chinês e russo.

Concluimos ao reiterar nossa posição que delineamos em nossas “*Teses sobre o Derrotismo Revolucionário nos Estados Imperialistas*”: “*Em casos de conflitos entre estados imperialistas, a CCRI convoca os trabalhadores e as organizações populares em*

*todo o mundo a agir de forma decisiva com base nos princípios da solidariedade internacional da classe trabalhadora. Isso significa que eles não devem apoiar nenhum dos lados. Eles devem recusar-se a ficar do lado de sua própria classe dominante, assim como do campo imperialista opositor: Abaixo todas as Grandes Potências imperialistas - sejam os EUA, a UE, o Japão, a China ou a Rússia!"*

*"A recusa em reconhecer a rivalidade das Grandes Potências como uma característica chave do período atual e, relacionado a isso, a recusa em reconhecer o caráter imperialista da China e da Rússia" inevitavelmente resulta em "apoiar o imperialismo russo e chinês." [637]*

## **As seitas Espartaquistas e sua defesa que fazem do "Estado Operário Degenerado" Chinês**

Vamos mencionar, de passagem, que há também outros grupos pseudo-marxistas que chegam a conclusões semelhantes como os stalinistas. Exemplos disso são o *Partido Mundial dos Trabalhadores-PMT* (em inglês WWP) e o Partido para o Socialismo e Libertação-PSL nos EUA, assim como alguns "trotskistas" – melhor dizendo, caricaturas do trotskismo. Tais seitas estalinófilas, como a Espartaquista *Liga Comunista Internacional-LCI*, a Tendência Bolchevique Internacional-TBI ou o *Grupo Internacionalista-Liga Pela Quarta Internacional- GI/LQI* de Jan Norden, afirmam que a China ainda seria um "estado operário deformado" - mais de um quarto de século após a restauração capitalista! Certamente, os numerosos bilionários chineses não parariam de rir caso se deparem com tais proclamações! Eles também sugerem que a Rússia não é um estado imperialista. [638] Como nós mencionado acima, o *World Socialist Website (WSWS)* publicou até mesmo uma polêmica contra a CCRI porque nos atrevemos a caracterizar a China e a Rússia como potências imperialistas.

Consequentemente, todos eles se recusam a apoiar a luta de libertação popular em curso do povo sírio contra a ditadura de Assad. Alguns, como o PMT americano e o PSL ou o grupamento britânico *Socialist Fight-SF (Luta Socialista)*, chegaram a apresentar declarações de apoio à Rússia e a Assad contra os EUA e contra a Revolução Síria.

Como resultado, estes grupos apelam para uma *frente única social-imperialista* com a Rússia contra os EUA - em vez de uma "frente única anti-imperialista", como eles pretendem: *"Nós não chamamos pela expulsão dos russos, pois isso seria objetivamente dar apoio aos Imperialistas dos EUA / OTAN e aos grupos jihadistas que eles apoiam (assim como aqueles a quem se opõem, isto é, o EI). Se os EUA e seus aliados da Otan atacarem diretamente as forças russas na Síria, nós somos pela defesa das forças contra o imperialismo."* [639]

Escrevendo com o mesmo espírito, o grupo SF intitulou uma declaração: *"Defender a Síria e a Rússia: o imperialismo fora do Oriente Médio."* [640]

Na superfície, pode parecer que os marxistas concordam com os estalinistas e os pseudo-trotskistas na oposição contra a interferência militar do imperialis-

mo norte-americano na Síria e em todo o Oriente Médio. Mas a verdade é que alguém pode se opor à política externa dos EUA nesta região por razões muito diferentes. Pode-se opor a isso de um ponto de vista revolucionário internacionalista e anti-imperialista. Mas também se pode opor a isso de um pacifista pequeno-burguês, liberal-humanista, ou de um social-imperialista pró-russo, pró-Assad, ou mesmo de um ponto de vista fascista. [641]

Trotsky certa vez observou que o pensamento dialético requer a fusão da análise geral da situação mundial com uma análise concreta dos fatores cruciais e sua interação. Repetindo frases comuns sobre o “imperialismo” e focalizando apenas as antigas Grandes Potências do Ocidente sem entender as mudanças fundamentais que ocorreram nas últimas duas décadas - tal pensamento esquemático e mecanicista deve inevitavelmente resultar em erros grosseiros da dinâmica da situação mundial e, conseqüentemente, das tarefas conseqüentes da luta de classes.

*“O pensamento marxista é concreto, isto é, considera todos os fatores decisivos ou importantes em qualquer questão, não apenas do ponto de vista de suas relações recíprocas, mas também de seu desenvolvimento. Nunca dissolve a situação momentânea na perspectiva geral, mas por meio da perspectiva geral possibilita uma análise da situação momentânea em todas as suas peculiaridades. A política tem seu ponto de partida precisamente nesse tipo de análise concreta. O pensamento oportunista e o pensamento sectário têm essa característica em comum: extraem da complexidade das circunstâncias e forçam um ou dois fatores que parecem ser os mais importantes (e às vezes são, com certeza), isolá-los da realidade complexa, e atribuir-lhes poderes ilimitados e irrestritos.”* [642]

E, de fato, a realidade objetiva - caracterizada pela rivalidade inter-imperialista entre as Grandes Potências e as contínuas lutas de libertação dos povos oprimidos - é um livro fechado para esses grupos. Na falta de qualquer orientação teórica, eles são forçados a tropeçar no campo do imperialismo russo com uma coerência muito mais patética do que a maioria dos estalinistas.

Lênin advertiu sobre tais organizações confusas: *“Estamos constantemente cometendo o erro na Rússia de julgar os slogans e táticas de um determinado partido ou grupo, de julgar sua tendência geral, pelas intenções ou motivos que o grupo reivindica por si mesmo. Tal julgamento é inútil. O caminho para o inferno - como foi dito há muito tempo - é pavimentado com boas intenções. Não é uma questão de intenções, motivos ou palavras, mas da situação objetiva, independente deles, que determina o destino e o significado de slogans, de táticas ou, em geral, da tendência de um determinado partido ou grupo.”* [643]

Da mesma forma, tal realidade existe hoje com os sociais-imperialistas pró-orientais. Eles elogiam o anti-imperialismo e muitas outras coisas boas. Mas algumas frases trotskistas não podem ocultar sua política social-imperialista pró-russa ou pró-chinesa. Na verdade, nem o pecador entrará no paraíso só porque ele disse algumas orações apressadas, muito menos como os semi-estalinistas camuflados não se juntarão ao campo do internacionalismo da classe trabalha-

dora só porque recitam algumas citações memorizadas dos livros de Trotsky.

Não se deve ignorar a amarga verdade: os pseudo-trotskistas pró-Rússia / China que combinam admiração vazia e sem sentido pelo fundador do Exército Vermelho cobrindo com cortina de fumaça revisionista o imperialismo chinês e russo são nada mais que lobos estalinistas em roupas de ovelha “trotskistas”!

### Notas de rodapé

620) Ivan Lisan: Da República de Weimar ao Reich, 01.02.2016, <http://rabkor.ru/columns/debates/2016/02/01/weimar-republic-to-reich/> (nossa tradução)

621) Ambas as citações retiradas de: Zbigniew Marcin Kowalewski: Ucrânia: Guardas Brancos Russos no Donbass, 29 de junho de 2014, <https://www.nihilist.li/2014/07/25/rus-skie-belogvardejtsy-na-donbasse/#english>

622) Líder ex-separatista lança partido destinado a restaurar o império da Rússia, [https://web.archive.org/web/20160602041435/http://georgiatoday.ge/news/3927/Ex-Separatist-Leader-Launches-Party-Aimed-at-Restaurando-Rússia% E2% 80% 99s-Empire](https://web.archive.org/web/20160602041435/http://georgiatoday.ge/news/3927/Ex-Separatist-Leader-Launches-Party-Aimed-at-Restaurando-Rússia%E2%80%99s-Empire)

623) Стрелков рассказал, что сейчас объединяет “красных” и “белых”, 24.01.2015 <http://rabkor.ru/columns/events/2015/01/24/conference-novorossia/> Impulsionado pela mesma solidariedade reacionária marrom-avermelhada, Dzarasov Ruslan Soltanovich, pesquisador do Instituto Central de Economia e Matemática da Academia Russa de Ciências e associado de Kagarlitsky, afirmou em 2016: *“Não vou esconder que não posso aceitar a anticomunista visão de mundo de Strelkov. No entanto, vou abster-me de criticá-lo, porque não quero nem mesmo apoiar indiretamente a campanha ideológica contra ele, que se tornou o símbolo da rebelião de Novorossiya”*.

624) Veja sobre este Anton Shekhovtsov: Boris Kagarlitsky, uma toupeira do Kremlin no movimento esquerdista, <http://anton-shekhovtsov.blogspot.co.uk/2014/09/boris-kagarlitsky-kremlins-mole-in.html>

625) Boris Kagarlitsky: Império da Periferia. Rússia e o Sistema Mundial, Pluto Press, Londres 2008

626) Editorial: Rússia e Crimeia, 24.03.2014, <http://rabkor.ru/columns/editorials/2014/03/24/russia-and-crimea/> (nossa tradução)

627) A CCRI publicou vários documentos sobre a luta pela independência do povo catalão. Eles são coletados em uma sub-página especial em nosso site: <https://www.the-communicists.net/worldwide/europe/collection-of-articles-on-catalunya-s-independence-struggle/>. Em especial, nos referimos a um longo ensaio sobre o pano de fundo dessa luta: Michael Pröbsting: A Luta pela Independência da Catalunha e suas Críticas da Pseudo-Esquerda, 27.10.2017, <https://www.thecommunicists.net/theory/catalunya-s-luta-pela-independência-e-pseudo-esquerda-crítica/>

628) Boris Kagarlitsky: Revolta dos ricos, 06.10.2017, <http://rabkor.ru/columns/editorial-columns/2017/10/06/bunt-bogatih/> (nossa tradução)

629) Todas as citações de Boris Kagarlitsky: As Escolhas para a Esquerda na Era de Trump, 7 de fevereiro de 2017, <http://www.counterpunch.org/2017/02/07/the-choices->

### for-the-left-in -a-idade-de-trunfo/

630) Ver p. Por que o Ocidente odeia Putin? - RAI com A. Buzgalin (10/12), 25 de julho de 2018, <https://therealnews.com/stories/why-does-the-west-hate-putin-rai-with-a-buzgalin-10-12> ; Демидова Светлана Евгеньевна Особенности индикативного планирования в России // Вестник Псковского государственного университета. Серия: Экономика. Право. Управление. 2016. №3. URL: <https://cyberleninka.ru/article/n/osobennosti-indikativnogo-planirovaniya-v-rossii>; Александр Бузгалин: «Российский капитал не пустили на рынки - и он начал драться», 16.03.2018, <https://www.business-gazeta.ru/article/382298>.

Notamos de passagem que também há algumas exceções. Alexander Tarasov, por exemplo, também é um defensor de esquerda da análise do Sistema Mundial e considera a Rússia como semi-periferia e semi-colônia. No entanto, em contraste com os social-imperialistas como Kagarlitsky, Buzgalin e Dzarasov, ele é um oponente corajoso do Estado imperialista russo. Ele já era um dissidente sob o stalinismo, construindo um grupo clandestino chamado “Partido dos Novos Comunistas” no início dos anos 1970, pelo qual ele foi preso pela KGB. Ao contrário de outros ex-dissidentes, ele recusou qualquer colaboração com o Estado capitalista depois de 1989. Ele continua a ser um militante e escritor esquerdista de esquerda, mesmo que muitas de suas posições sejam antes “pós-marxistas” e ultra-esquerdistas.

631) Levent Dölek: O Caráter da Guerra no Século 21: A China e a Rússia são um alvo ou um lado da guerra? In: Revolução Mundial / Revolução Mundial Edição 1 (Outono de 2018), p. 49

632) Conforme elaboramos acima, a nova teoria do PO / CRQI nega o caráter imperialista da Rússia não apenas para hoje, mas também para o período anterior a 1917. Como mostra a seguinte citação, isso os aproxima da renúncia ao programa revolucionário derrotista dos bolcheviques: *Os elementos do militarismo e do feudalismo que dominavam o imperialismo russo também estavam presentes no imperialismo otomano. No entanto, o Império Otomano era uma semi-colônia e não possuía as características distintas do imperialismo definido como o mais alto estágio do capitalismo. Portanto, nem a Rússia nem o Império Otomano não podem ser vistos como potências imperialistas que definiram o caráter (imperialista) da Primeira Guerra Mundial. Eles eram dependentes de Grandes Potências imperialistas e, portanto, ocuparam uma posição secundária (na melhor das hipóteses) na rivalidade inter-imperialista. Assim, o imperialismo da Rússia e dos otomanos assemelhava-se ao imperialismo da Grande Roma, em vez do imperialismo capitalista. (...) Lênin enfatizou continuamente essa distinção, especialmente no que diz respeito à Rússia. Por outro lado, Lênin usou a tática do “derrotismo revolucionário” e a estratégia de “transformar a guerra em guerra civil” na luta contra a Rússia que se juntou à Primeira Guerra Mundial do lado do imperialismo inglês e francês e travou uma guerra colonial/ caráter saqueador. Essa luta, sem dúvida, necessitava enfatizar o caráter injusto e imperialista da guerra liderada pelas classes dominantes da Rússia. O erro daqueles que alegam que a Rússia sempre foi imperialista deriva de uma má interpretação desta ênfase.* (Levent Dölek: O Caráter da Guerra no Século XXI, pp. 52-53)

Isso efetivamente significa a seguinte idéia revisionista: a Rússia antes da Primeira Guerra Mundial não era uma potência imperialista, mas sim uma semi-colônia (“como o Império Otomano”). Se a Rússia não tivesse estado envolvida no lado das potências imperialistas Grã-Bretanha e França na Primeira Guerra Mundial, mas, vamos supor, teria travado uma guerra exclusivamente com a Alemanha (que era indubitavelmente uma potência imperialista, mesmo pelos padrões PO / CRQI) , os camaradas do PO /

CRQI teriam sido obrigados a defender a Rússia (“semicolonial”) contra a Alemanha (imperialista)! É preciso pensar apenas um segundo para imaginar o horror que Lênin e os bolcheviques teriam sentido sobre a posição do PO / CRQI

633) V.I. Lênin: Certos Recursos do Desenvolvimento Histórico do Marxismo (1910); em: CW 17, p. 39

634) Encontro Euro-Mediterrânico de Emergência Resolução Final: Combater o imperialismo e a guerra com a revolução socialista internacional! Encaminhar para a Internacional revolucionária! Eretria, Grécia, 25 de julho de 2018 (Tese 3), <http://redmed.org/article/emergency-euro-mediterranean-encounter-final-resolution-fight-imperialism-and-war>.

A mesma idéia é elaborada no artigo recentemente publicado no periódico PO/ CRQI: *„O mundo inteiro percebe que estamos à beira de uma nova guerra. Agora é amplamente aceito que os EUA constituirão um lado das forças combatentes, enquanto a Rússia e a China, de uma forma ou de outra, se posicionarão contra os EUA. “(Levent Dölek: O Caráter da Guerra no Século 21, p. 49) Veja também: “O que determina o caráter da guerra no século XXI é o cerco da Rússia e da China pelo imperialismo dos EUA, em aliança com seus aliados subordinados do imperialismo europeu e japonês, a fim de integrar os antigos países ao sistema imperialista mundial de forma desenfreada, trazendo o processo de restauração capitalista nestes países até a sua conclusão. (...) O interesse do proletariado mundial reside na derrota do imperialismo. O poder militar da Rússia e da China reduz a possibilidade de uma invasão imperialista a quase impossível. No entanto, antes de um ataque militar, esses países enfrentam o risco de um colapso econômico e político, resultante da destruição de todas as conquistas da revolução proletária e da aguda mobilização de toda a dinâmica da crise capitalista para esses países. Isso quer dizer que, embora esses poderes possam resistir ao imperialismo, eles não podem derrotá-lo. Por outro lado, a derrota da Rússia e da China nas mãos do imperialismo daria origem a resultados regressivos em todo o mundo. Assim, nenhuma imparcialidade é possível entre o imperialismo e esses países. Pelo contrário, cada golpe recebido pelo imperialismo abriria o caminho para a dinâmica revolucionária”* (ibid, pp. 58-59).

635) Partido Obrero, PT (Uruguai), DIP (Turquia), EEK (Grécia): Declaração da Conferência Internacional, 13 de abril de 2018, <http://www.prensaobrero.com/prensaObrera/online/internacionales/declaration-of-the-conferencia-Internacional>

636) Encontro Emergencial Euro-mediterrânico Resolução Final: Combate o imperialismo e a guerra com a revolução socialista internacional! Encaminhar para a Internacional revolucionária! Eretria, Grécia, 25 de julho de 2018 (Tese 4), <http://redmed.org/article/emergency-euro-mediterranean-encounter-final-resolution-fight-imperialism-and-war>

637) RCIT: Teses sobre Derrotismo Revolucionário em Estados Imperialistas, 8 de setembro de 2018, <https://www.thecomunists.net/theory/theses-on-revolutionary-defeatism-in-imperialist-states/>

638) O pequeno grupo TBI recentemente teve uma ruptura - que continua a se chamar TBI em oposição à outra - mudou sua posição tradicional na Rússia. Notamos com aprovação que esta corrente agora reconhece que a Rússia se tornou uma potência imperialista nos anos 2000. Também extrai as conclusões táticas necessárias e defende uma posição derrotista na Rússia. (Ver TBI: Uma Nota sobre a Situação Mundial. Partidas Recentes e Mudança de Linha na Rússia, 27.10.2018, [http://www.bolshevik.org/statements/ibt\\_20181019\\_world\\_situation.html](http://www.bolshevik.org/statements/ibt_20181019_world_situation.html) ) Infelizmente, estes camaradas ainda - no final do ano de 2018! - Acreditam que a China é um “Estado Operário Degenerado”!

639) Ver IG: expulsar os imperialistas do Oriente Médio! U.S./OTAN: Tirem suas garras sangrentas da Síria! <http://www.internationalist.org/syriausnatobloodyhands1804.html>



640) Veja SF: Defender a Síria e a Rússia: fora o imperialismo do Oriente Médio, 14/04/2018 [https://socialistfight.com/2018/04/14/defend-syria-and-russia-imperialism-out-of-the -Médio Oriente/](https://socialistfight.com/2018/04/14/defend-syria-and-russia-imperialism-out-of-the-Médio Oriente/)

641) Vários artigos foram publicados documentando o apoio de muitas organizações fascistas ao regime de Assad. Veja por exemplo Alex Rowell: Pequena maravilha: O Caso de Amor Fascista Global com o Regime de Assad, <https://pulsemedia.org/2017/08/20/small-wonder-the-global-fascist-love-affair-with-assass-regime/>; Patrick Strickland: Por que os fascistas italianos adoram Bashar al-Assad da Síria? 14 de fevereiro de 2018, <http://www.aljazeera.com/news/2018/01/italian-fascists-adore-syria-bashar-al-assad-180125115153121.html>. Sobre a oposição à mais recente greve dos EUA contra a Síria pelos Nazistas dos EUA, ver por exemplo a declaração de Gregory Conte e Richard Spencer: Fiquem fora da Síria, 14 de abril de 2018 <https://nationalpolicy.institute/2018/04/14/stay-out-of-syria/>

642) Leon Trotsky: Ultra-esquerdistas em geral Incuráveis Ultra-esquerdistas em especial (Algumas Considerações Teóricas), 1937, em: Leon Trotsky: A Revolução Espanhola (1931-39), Pathfinder Press, Nova York 1973, p. 292, <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1937/1937-ultra.htm>

643) V. I. Lênin: Palavra e Ação (1913); em: LCW 19, p. 262

## XXVI. Sobre o Imperialismo Social Invertido e o Atrativo “Anti-Imperialista” da Rússia e da China

Neste capítulo, queremos abordar algumas questões específicas que surgem do caráter peculiar da China e da Rússia como Grandes Potências imperialistas emergentes. Em particular, discutiremos as consequências desse caráter peculiar para a específica fisionomia política do social-imperialismo.

### Quais são as razões para o equivocado atrativo “anti-imperialista” da Rússia e da China?

Parece-nos importante compreender o apelo específico que o social-imperialismo pró-oriental pode ter para um certo número de ativistas. Pode ser o caso de que, para alguns, essas forças, ao lado da Rússia e da China, parecem mais radicais, mais “anti-imperialistas” do que os social-imperialistas pró-ocidentais. Para a maioria dos ativistas progressistas, não é preciso muita explicação para entender porque os EUA, as potências europeias ou o Japão devem ser considerados imperialistas. Estas potências imperialistas têm uma longa história de décadas ou mesmo séculos de opressão direta e indireta e exploração dos povos ao Sul.

É diferente no caso da Rússia e da China. A história da China como uma Grande Potência opressiva terminou mais ou menos com a primeira Guerra do Ópio em 1839-1842, quando as potências ocidentais atacaram o Reino do Meio e iniciaram a humilhação dessa orgulhosa nação. Antes disso, Pequim dominou vários povos muçulmanos, Coréia, Vietnã, Tailândia, etc. - direta ou indiretamente através do *Sistema Cefong* (Sistema Tributário Imperial da China). No entanto, a partir de meados do século XIX, a China lutou contra a dominação das potências europeias, da Rússia e do Japão. Após a Revolução de 1949, a China se reconstruiu como um Estado estalinista. Somente duas últimas décadas Pequim tentou reconstruir o Império do Meio como uma potência de atuação global.

O caso da China é semelhante à Rússia. Embora a Rússia tenha sido uma Grande Potência opressora e em expansão durante séculos, isso mudou radicalmente com a Revolução Socialista de Outubro de 1917. Com a criação da União Soviética, já não era uma potência imperialista, mas sim o adversário mais importante das Grandes Potências e um aliado fundamental de muitos povos oprimidos que lutavam contra a dominação imperialista. Mesmo quando Moscou perdeu seu apelo revolucionário com a degeneração estalinista, até certo ponto, permaneceu um fator progressista em um mundo dominado pelo imperialismo norte-americano e seus aliados. Após a restauração do capitalis-

mo em 1991/92, a Rússia permaneceu um estado fraco nos primeiros anos. Sua ascensão como nova potência imperialista é, como no caso da China, um fenômeno bastante recente.

Não é de surpreender que tanto Pequim quanto Moscou enfatizem que não estão lutando pela hegemonia. Um tema central em sua propaganda é a oposição contra a “*ordem mundial unipolar*” e a defesa do “*multilateralismo*”, ou seja, a coexistência de várias Grandes Potências no Oriente e no Ocidente. Tal ideologia tem uma base na realidade objetiva, pois como a Rússia, e respectivamente, a China não podem num futuro próximo realisticamente esperar derrotar os EUA e substituí-lo como a *nova* hegemonia mundial. Até certo ponto, sua posição é semelhante à dos EUA, Japão ou Alemanha no final do século 19 e início do século 20, que também eram potências “emergentes”. Em contraste com a Grã-Bretanha, a França ou a Rússia, eles quase não tinham posses coloniais e reivindicaram sua “parte justa” do bolo.

Por todas estas razões, não é de surpreender que a Rússia e a China apareçam para muitos ativistas progressistas em todo o mundo não como “imperialistas”, mas sim como opositores ou desafiantes das antigas potências imperialistas do Ocidente. (Da mesma forma, os EUA sob o presidente Wilson, entre 1913 e 1921, também pareceu para muitos como uma potência “progressista” e não imperialista.) De fato, semelhante aos períodos anteriores às duas Guerras Mundiais, a situação mundial atual é caracterizada pela ascensão das Grandes Potências imperialistas. Esforçando-se para desafiar as antigas potências. Como resultado, *tanto* as velhas *quanto* as novas potências imperialistas estão alimentando a corrida armamentista e ameaçando os povos oprimidos.

É por isso que a CCRI adverte contra quaisquer ilusões nas Grandes Potências emergentes e contra qualquer apoio a elas. Trotsky explicou na década de 1930 que a *Internacional Comunista* (Comintern) comandada pelo estalinismo era o inimigo mais perigoso para a luta de libertação, pois era menos desacreditado que os social-democratas:

*“A luta contra a guerra é inseparável da luta de classes do proletariado. A consciência de classe irreconciliável é a primeira condição para uma luta bem-sucedida contra a guerra. Os piores destruidores da consciência de classe e os piores sabotadores da luta revolucionária na atualidade são os chamados “comunistas”. (...) É por isso que a luta contra a guerra deve começar e terminar com o desmascaramento do papel traiçoeiro do Comintern, que finalmente se tornou um agente da burguesia imperialista. A Segunda Internacional, claro, não é melhor. Mas é mais comprometida e, portanto, menos perigosa.” [644]*

Daí se segue que qualquer apoio ao objetivo estratégico da China e da Rússia de uma “*ordem mundial multilateral*”, como é proclamada pelos reformistas pró-orientais, é inerentemente social-imperialista. Uma vez que uma “*ordem mundial multilateral*” não significa mais do que uma ordem mundial com várias Grandes Potências que, por sua natureza, estão em completa rivalidade umas contra as outras, o apoio estalinista a tal objetivo não tem nada a ver com o so-

cialismo e tudo a ver com geopolítica burguesa. Não é preciso ser um Einstein para entender que tal ordem mundial não teria um caráter mais pacífico, mas no mínimo tão cheio de crises e de guerras quanto era no passado.

Por trás desse sonho reformista de uma *“ordem mundial multilateral”* de longo prazo e estável, está a ilusão revisionista da possibilidade de pressionar a burguesia imperialista a parar de lutar pela expansão e concordar com uma coexistência pacífica com seus rivais. É, como já assinalamos acima, um resultado da falsa teoria estalinista de que uma *“neutralização da burguesia mundial”* seria possível. A crítica de Trotsky não perdeu sua validade:

*“A luta contra a guerra é decidida não por pressão sobre o governo, mas apenas pela luta revolucionária pelo poder. Os efeitos “pacifistas” da luta de classes proletária, assim como seus efeitos reformistas, são apenas subprodutos da luta revolucionária pelo poder; eles têm apenas uma força relativa e podem facilmente se transformar em seu oposto, isto é, podem levar a burguesia a tomar o caminho da guerra.”* [645]

Conseqüentemente, esses sociais-imperialistas veem as lutas de libertação dos trabalhadores e dos oprimidos a partir do ponto de vista se elas avançam os objetivos na reordenação do mundo no interesse da Rússia e da China ou não. Eles só apoiarão as lutas que enfraquecerão o Ocidente e fortalecerão a posição global das Potências Orientais. Assim, a resistência do povo iemenita contra o aliado norte-americano Arábia Saudita é boa. Assim é a resistência do Irã e da Venezuela contra os EUA. Assim é o movimento de massa dos *“Gilet Jaunes”* (coletes amarelos), uma vez que é dirigido contra um governo da UE. Mas isso se torna diferente com relação a greves de trabalhadores chineses ou russos, com lutas nacionais dos chechenos ou dos uigures ou do povo sírio contra o aliado russo Assad.

Novamente, vemos que o *“anti-imperialismo”* estalinista é apenas *“anti-imperialista”* contra um campo das Grandes Potências, mas não contra o outro. Isso não é melhor do que as forças liberais na Rússia e na China, que apoiam as sanções ocidentais e a pressão da *“comunidade internacional”* contra os *“seus”* governos, a fim de melhorar a situação dos direitos humanos em seus países. É verdade que os estalinistas nos países ocidentais geralmente encerram seu apoio às Grandes Potências orientais em uma linguagem *“socialista”*, enquanto os democratas pequeno-burgueses ou burgueses na Rússia e na China se referem à Carta dos Direitos Humanos da ONU. Mas isso significa nada mais do que a folha de sua figueira pode ser diferente. A essência é em ambos os casos a mesma: apoio social-imperialista invertido para uma Grande Potência rival. Em outras palavras, tal *“anti-imperialismo”* é apenas metade *“anti-imperialista”* e metade *“pró-imperialista”* que, no final, se equivale ao social-imperialismo.

Esse pseudo *“anti-imperialismo”* é frequentemente combinado com o centralismo nacionalista isolacionista. Esses estalinistas ou semi-estalinistas afirmam que a única questão importante seria se opor à própria burguesia. Para justificar tal posição, eles se referem à famosa fórmula *“O principal inimigo está em casa”*. Naturalmente, tal argumento não se sustenta em base alguma. Como se Lênin

e Liebknecht tivessem se oposto apenas à classe dominante russa ou alemã! Como todos os calouros da história do movimento operário durante a Primeira Guerra Mundial estão conscientes, os marxistas se opuseram não apenas à “classe dominante” deles, mas também a todas as outras classes dominantes das Grandes Potências participantes!

O conteúdo remanescente com a burguesia opositora reflete a teoria estalinista do “socialismo em um só país”. Expressa a ideia errada de que a política socialista autêntica pode ser definida em linhas puramente nacionais, tomando uma posição apenas sobre questões relevantes nas suas próprias fronteiras. Mas, na verdade, isso é impossível para os socialistas! As questões políticas de uma determinada nação estão inextricavelmente ligadas a questões globais. O imperialismo é um sistema mundial. A oposição contra o imperialismo só é possível em escala mundial e não em apenas em um país! Se os “socialistas” se opõem aos seus “próprios” governantes imperialistas, mas apoiam os rivais, eles não são sociais-imperialistas em relação à sua própria burguesia, mas sim em relação à burguesia rival! Eles são simplesmente *sociais-imperialistas invertidos*, como a Quarta Internacional denominou tais forças! [646]

É uma prática bem conhecida das Grandes Potências apoiar as lutas dos povos oprimidos contra os seus rivais imperialistas. Os japoneses fizeram isso durante a guerra contra a Rússia em 1904/05; os alemães apoiaram os revolucionários irlandeses contra a Grã-Bretanha durante a Primeira Guerra Mundial; durante a Segunda Guerra Mundial, os japoneses apoiaram o *Exército Nacional Indiano* de Bose e os imperialistas ocidentais apoiaram as forças chinesas que combatiam o Japão, bem como os partidários anti-alemães nos Bálcãs. Teríamos muitos mais exemplos. Em suma, apoiar uma luta de libertação contra uma Grande Potência rival não demonstra necessariamente o anti-imperialismo, mas pode simplesmente servir para ajudar os interesses das Grandes Potências de um campo imperialista.

Notemos finalmente que Estados poderosos também podem, por vezes, concordar e unir forças para lutar contra essa ou aquela força em países semicoloniais. Esse já era o caso durante a Revolta de Taiping na China nas décadas de 1850 e 60, ou contra a chamada Revolta dos Boxers na China em 1899-1901. Exemplos reais são a hostilidade das Grandes Potências contra a Revolução Árabe e contra várias forças islâmicas pequeno-burguesas. Portanto, não é de surpreender que também os partidos sociais-imperialistas pró-orientais e pró-ocidentais às vezes concordem, por exemplo, contra os chamados radicais islâmicos.

A tarefa dos autênticos revolucionários não é reordenar para o mundo em proveito desta ou daquela Grande Potência, mas lutar contra todas as Grandes Potências e destruir completamente a ordem imperialista e substituí-la por um mundo socialista!

## O Social-Imperialismo Invertido como uma Variação da Colaboração de Classe

É necessário, neste contexto, lidar brevemente com as raízes históricas do fenômeno do social-imperialismo invertido. Como acabamos de explicar, essa categoria caracteriza as forças pseudo-socialistas que, abertamente ou ocultas, não apoiam sua própria burguesia imperialista, mas a burguesia imperialista de uma Grande Potência rival. Os clássicos marxistas têm repetidamente chamado a atenção para o fato de que não existe apenas uma única forma de social-chauvinismo, mas sim diversas variantes. Lênin e Trotsky explicaram que, além da capitulação à própria classe dominante imperialista, existe também o social-chauvinismo como capitulação à classe dominante das potências imperialistas rivais. Durante a Primeira Guerra Mundial, um setor significativo da *União Judaica Trabalhista da Rússia-Bund* pequeno-burguês (que fazia parte da Segunda Internacional) apoiou o campo imperialista alemão, considerando que o *tzar* era o principal inimigo. Outro exemplo famoso foi o socialista russo-judaico Alexander Parvus, ex-colaborador próximo de Trotsky em sua juventude, bem como da ala de esquerda da social-democracia alemã. Mais tarde, ele se tornou um reformista e colaborador do imperialismo alemão.

Na década de 1920 - durante o chamado período de “estabilização” do capitalismo - a social-democracia da Europa tornou-se defensora do Plano Dawes e apoiou a hegemonia da América sobre o velho continente. Colaborou com o imperialismo dos EUA e estava em uma espécie de oposição às “suas” classes dominantes. Nas palavras de Trotsky, “a social-democracia europeia está se tornando, diante de nossos olhos, a agência política do capitalismo norte-americano”. [647]

Da mesma forma, nos anos 1930 e durante a Segunda Guerra Mundial, os social-democratas alemães, austríacos e italianos, os estalinistas e a maioria dos centristas, como o Partido Socialista dos Trabalhadores-PST (em alemão-SAP), apoiaram o imperialismo ocidental. Eles justificaram seu apoio ao imperialismo francês, britânico e norte-americano afirmando que seu principal inimigo era a classe dominante fascista em casa. Quando a burocracia dominante na União Soviética estava em aliança com Hitler em 1939-41, os estalinistas ficaram ao lado dos nazistas e concentraram seu fogo contra as “democracias plutocráticas” britânicas e francesas. [648]

Os trotskistas sempre condenaram duramente esses sociais-imperialistas invertidos, não menos do que condenaram os sociais-imperialistas “comuns”. Tal como escreveram os trotskistas americanos *sobre a natureza patética dos líderes exilados da democracia social alemã depois de 1933*:

*“Enquanto uma medida da democracia burguesa é mantida em um país, isto é, enquanto a social democracia é tolerada, [socialdemocracia, Ed.] ela prova sua indispensabilidade à burguesia em todas as crises, acima de tudo quando a guerra chega, então não se deixa sobressair no zelo patriótico. Mas e o partido social-democrata daquele país em que o fascismo o suprimiu ou exilou grosseiramente, no qual não há nem mesmo uma*

*pretensão de democracia - como pode sair em favor da “defesa da pátria”? Não pode e, por via de regra, não faz. O que ele faz, no entanto, é contratar seus serviços para a classe dominante de uma democracia estrangeira, pedindo em troca apenas que seja trazido de volta à posição que ocupou em sua terra natal nas carretas de seu empregador temporário estrangeiro. A liderança social-democrata alemã exilada está agora desempenhando justamente esse papel não muito digno nos assuntos mundiais. Um exemplo flagrante foi a revelação há um ano e meio que o lamentável herói da democracia social do Sarre, Max Braun, solicitara ao governo francês apoio financeiro ao seu jornal e ao seu movimento em troca de propaganda militar entre os jovens do país. Emigração alemã que os converteria em soldados ardentes para o exército francês “contra o fascismo alemão”. Os pervertidos líderes socialdemocratas alemães, que capitulavam ao fascismo quando tinham forças invencíveis sob seu comando e agora esperam restaurar seu poder por “uma política que espera a salvação das baionetas estrangeiras”, como um de seus dissidentes coloca, não se limita a França. Em todas as “democracias” imperialistas, os social-democratas alemães têm seus emissários e representantes cuja principal atividade é direcionada para mobilizar o movimento trabalhista para a nova Guerra Santa, desta vez não “contra o tsarismo,” mas “contra o fascismo”. Os Estados Unidos têm a sua parte dessas senhoras e senhores, principalmente ex-membros do Reichstag de Weimar.” [649]*

Trotsky também rejeitou totalmente o argumento daqueles que justificaram o apoio a um Estado imperialista com o argumento da necessidade de combater o fascismo. Ele respondeu àqueles que distorceram seu apoio a uma intervenção do Exército Vermelho da União Soviética contra Hitler em 1933:

*“Mas eles estão absolutamente errados ao pensar que o proletariado pode resolver grandes tarefas históricas por meio de guerras que são conduzidas não por eles mesmos, mas por seus inimigos mortais, os governos imperialistas. Pode-se interpretar o documento da seguinte maneira: durante a crise na Tchecoslováquia, nossos camaradas franceses ou ingleses deveriam ter exigido a intervenção militar de sua própria burguesia, e assim assumido a responsabilidade pela guerra - não pela guerra em geral e, claro, não por uma guerra revolucionária, mas para a guerra imperialista dada. O documento cita as palavras de Trotsky no sentido de que Moscou deveria ter tomado a iniciativa de esmagar Hitler já em 1933, antes de se tornar um perigo terrível (Biulleten Oppozitsii, 21 de março de 1933). Mas essas palavras significam apenas que tal deveria ter sido o comportamento de um verdadeiro governo revolucionário de um Estado operário. Mas é permitido emitir a mesma demanda a um governo de um estado imperialista?” [650]*

Hoje estamos testemunhando um fenômeno semelhante entre os chamados “anti-germânicos” ou “anti-nacionais” na Alemanha e na Áustria. Trata-se de uma corrente arqui-reacionária, de pseudo-esquerda, extremamente pró-sionista e pró-americana, e que justifica seu apoio a essas forças reacionárias com sua oposição ao chauvinismo e ao supostamente inerente “anti-semitismo” do alemão e austríaco.

Lênin e Zinoviev deram a seguinte definição abrangente de social-chauvinismo que deixou claro que esta corrente inclui não apenas aqueles que apóiam

sua “própria” burguesia imperialista, mas também aqueles que apoiam a classe dominante de uma potência imperialista rival.

*“Social-chauvinismo é defesa da ideia de “defesa da pátria” na presente guerra. Essa ideia logicamente leva ao abandono da luta de classes durante a guerra, ao voto por créditos de guerra, etc. Na verdade, os social-chauvinistas estão perseguindo uma política burguesa anti-proletária, pois eles estão na verdade defendendo, não “a defesa da pátria”, no sentido de combater a opressão estrangeira, mas o “direito “de um ou outro das” Grandes Potências de saquear colônias e oprimir outras nações. Os social-chauvinistas reiteram o engano burguês do povo de que a guerra está sendo travada para proteger a liberdade e a existência das nações, assim tomando partido da burguesia contra o proletariado. Entre os social-chauvinistas estão aqueles que justificam e envernizam os governos e a burguesia de um dos grupos de potência beligerantes, bem como aqueles que, como Kautsky, argumentam que os socialistas de todas as potências beligerantes têm igual direito a “defender a pátria”. “ O social-chauvinismo, que é, na verdade, a defesa dos privilégios, as vantagens, o direito de saquear e saquear, de uma burguesia “própria” (ou qualquer outra) imperialista, é a traição total de todas as convicções socialistas e da decisão do Congresso Socialista Internacional de Basileia.” [651]*

Nem será preciso dizer que Trotsky e a Quarta Internacional denunciaram resolutamente todas essas manifestações do social-imperialismo invertido. O marxismo autêntico é consistentemente internacionalista e anti-imperialista ou não é marxismo! A CCRI luta por um novo Partido Revolucionário Mundial baseado em um consistente programa anti-imperialista. Tal programa inclui a oposição incondicional a *todas* as formas de social-imperialismo.

## **O Que os Sociais-Imperialistas Invertidos farão em Caso de uma Grande Guerra?**

O que acontecerá em caso de aceleração qualitativa dos conflitos inter-imperialistas? Irão os sociais-imperialistas invertidos permanecer leais aos apoiantes das Grandes Potências rivais ou entrarão em colapso e capitularão perante a sua própria classe dominante?

Pode-se tomar o exemplo dos estalinistas nas décadas de 1930 e 1940. De modo geral, eles implementaram lealmente cada virada política que Moscou ditava: eles serviam à própria burguesia e serviam aos rivais - o que quer que fosse solicitado pelo quartel-general da Comintern. Houve algumas dificuldades quando os estalinistas franceses e britânicos tiveram que declarar “sua” burguesia como principais inimigos no outono de 1939 (em vez de Hitler). Por exemplo, um terço dos membros estalinistas dos parlamentos na França deixou o partido e muitos membros deixaram os partidos “comunistas” naquela época. Mas, em geral, Moscou conseguiu evitar grandes rupturas.

Será que vamos ver uma repetição de tal cenário em futuros períodos de guerra? Claro, isso não é fácil de prever. No entanto, pensamos que isso é bastante improvável, já que nos parece que as diferenças entre o presente e aquela situ-



ação superam as semelhanças. Primeiro, os estalinistas daquela época tinham uma organização internacional consolidada, com muitos quadros altamente leais que ainda viam a URSS como pátria da Revolução de Outubro. Muitos quadros passaram um tempo em Moscou e lá foram treinados por anos. Nada disso existe hoje. Não há Comintern - o hoje denominado *Encontro Internacional de Comunistas e Partidos Operários* é uma aliança frouxa e heterogênea sem nenhum centro organizacional; em suma: não é uma organização unificada. Os estalinistas estão do lado da Rússia, mas seria totalmente absurdo vê-los como parte orgânica do aparato do regime de Putin. Os chineses nunca - mesmo na época de ouro maoísta - tentaram construir qualquer coisa que se aproximasse de uma organização do tipo Comintern. Eles sempre foram muito mais centrados no seu próprio país do que seus rivais estalinistas em Moscou.

Além disso, o Comintern estalinista gastou muito dinheiro para financiar o aparato do partido em numerosos países. Como resultado, esses partidos eram altamente dependentes da burocracia soviética. Hoje, nem Moscou nem Pequim gastam somas significativas semelhantes. Sim, existem vários meios de comunicação como a *Russia Today-RT* ou instituições acadêmicas como a *Associação Mundial para Economia Política (AMEP)* sediada na China, mas isso não é nada comparado com os esforços da URSS na época.

Assim, em geral, quando se chega a empurrar, os sociais-imperialistas invertidos - treinados na mentalidade do patriotismo - provavelmente, em sua maioria, abandonarão seu pseudo-derrotismo e se unirão às fileiras dos defensores patrióticos de sua pátria. O único fator que levaria a uma direção oposta seria uma situação como a Alemanha depois de 1933, quando um novo regime simplesmente aprisionaria todos os oposicionistas em massa. Em tais condições, mesmo os reformistas críticos não veriam nenhum benefício em ser social-patriotas, mas prefeririam se voltar para um rival imperialista na esperança de recuperar sua posição em um momento posterior. Essa seria uma situação em que os reformistas não seriam mais “gordos”, mas teriam se tornado “magros” para usar a caracterização adequada de Trotsky.

*“O campo das partes magras é representado por um quadro diferente. No caráter de sua burocracia dominante, em todo o seu passado e em suas aspirações, esses partidos não diferem dos gordos. Mas eles, infelizmente, foram privados de pastagens assim como as pátrias imperialistas que os expulsaram foram privadas de colônias. Os mais gordos estão mais preocupados em preservar o status quo tanto dentro de seus próprios países quanto internacionalmente. Para os magros, o status quo implica impotência, exílio, escassas rações. Os partidos socialistas italiano, alemão, austríaco e agora espanhol também não estão diretamente ligados à disciplina do imperialismo nacional que rejeitou seus serviços com um chute. Eles foram lançados em uma ilegalidade contra suas tradições e suas melhores intenções. Por causa disso, naturalmente, eles não se tornaram, no menor grau, revolucionários. Eles não pensam, é claro, em pensar em preparar a revolução socialista. Mas seu patriotismo está temporariamente virado do avesso. Eles obstinadamente sonham que as forças armadas das “democracias” irão derrubar seu regime*

*fascista nacional e permitir que eles se restabeleçam em seus antigos cargos, escritórios editoriais, parlamentos, órgãos dirigentes dos sindicatos e reabrir suas contas bancárias. Enquanto os gordos estão interessados apenas em ficar em paz, os magros, ao contrário, estão interessados em seu próprio caminho em uma política internacional ativa.” [652]*

### Notas de rodapé

644) Leon Trotsky: Como Lutar Contra a Guerra (1937), em: Trotsky Writings 1937-38, p. 54

645) Leon Trotsky: A Revolução Permanente (1929), Pathfinder Press, Nova York 1969, p. 268

*“Os estalinistas alemães em emigração tornaram-se patriotas socialistas invertidos, transformando-se de campeões nacionalistas contra o Tratado de Paz de Versalhes a defensores do status quo criado por este mesmo tratado. Segue-se da atual posição do estalinista alemão que eles se transformarão em verdadeiros social-patriotas assim que a ditadura fascista na Alemanha for substituída por outro tipo de regime burguês.”* (A Evolução do Comintern. Resolução da Primeira Conferência para a Quarta Internacional em julho de 1936, em: Documents of the Fourth International, Nova York, 1973, p. 127)

645) Leon Trotsky: A Revolução Permanente (1929), Pathfinder Press, New York 1969, p. 268

646) *“Os estalinistas alemães na emigração tornaram-se patriotas sociais invertidos, transformando-se de campeões nacionalistas contra o Tratado de Paz de Versalhes em defensores do status quo criado por esse mesmo tratado. Segue-se da posição atual dos estalinistas alemães que eles se transformarão em patriotas sociais reais assim que a ditadura fascista na Alemanha for substituída por outro tipo de regime burguês.”* (The Evolution of the Comintern. Resolution of the First Conference para a Quarta Internacional em julho de 1936, em: Documents of the Fourth International, Nova York 1973, p. 127)

647) Leon Trotsky: Perspectivas do Desenvolvimento Mundial (1924), <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1924/07/world.htm>

648) A Quarta Internacional condenou a súbita reviravolta de 180 graus dos estalinistas após a assinatura do Pacto de Hitler-Stalin: *“À primeira vista, a conduta das seções francesa e inglesa da Internacional Comunista parecia ser diametralmente oposta. Em contraste com os alemães, eles foram obrigados a atacar seu próprio governo. Mas esse derrotismo repentino não era internacionalismo, mas uma variedade distorcida de patriotismo - esses senhores consideram a pátria como o Kremlin, do qual depende o bem-estar deles. Muitos dos estalinistas franceses se comportaram com inquestionável coragem sob perseguição. Mas o conteúdo político dessa coragem foi ofuscado pelo embelezamento da política voraz do campo inimigo. O que os trabalhadores franceses devem pensar disso?”* (Quarta Internacional: Guerra Imperialista e Revolução Mundial Proletária, adotada pela Conferência de Emergência da Quarta Internacional, 19-26 de maio de 1940; em: Documentos da Quarta Internacional, Os Anos Formativos (1933-40), Pathfinder Press, Nova York, 1973, p. 337, <http://www.marxists.org/history/etol/document/fi/1938-1949/emergconf/fi-emerg02.htm>)

649) Max Shachtman: Lixo Antigo em Novas lixeiras, em: New International, Vol.5 No.6, junho de 1939, <https://www.marxists.org/archive/shachtma/1939/06/garbage.htm>

650) Leon Trotsky: Um passo em direção ao patriotismo social (1939), em: Writings 1938-39, p. 211

651) G. Zinoviev / V. I. Lenin: Socialismo e Guerra (1915); em: LCW Vol. 21, pp. 306-307 (nossa ênfase)

652) Leon Trotsky: Paralisia Progressiva. A Segunda Internacional na Véspera da Nova Guerra (1939), em: Escritos de Leon Trotsky, 1939-40, p. 37

## XXVII. A Esquerda Enfrentando a Rivalidade das Grandes Potências: Negadores do Caráter Imperialista da Rússia e da China sem Tirar Quaisquer Conclusões

Vamos agora lidar com as organizações que negam o caráter imperialista da Rússia e da China, mas que, em contraste com as forças discutidas anteriormente, não tiram consistentemente as conclusões (ainda) ao se colocarem lado a lado com elas contra as potências ocidentais. Como discutimos acima, essas organizações - a Morenista *Liga Internacional dos Trabalhadores-LIT*, a *Unidade Internacional dos Trabalhadores-UIT* e a *Fração Trotskista-FT* - equiparam a Rússia e a China como países semicoloniais maiores iguais ao Brasil.

Como já havíamos elaborado, tal caracterização da Rússia e da China como países não imperialistas e semicoloniais os forçaria - se eles pensassem a questão consistentemente em sua conclusão lógica - a ficar do lado das potências orientais contra seus rivais ocidentais. Isto porque, como é bem conhecido, é a posição clássica e correta para os marxistas apoiarem em qualquer conflito os países semicoloniais contra as potências imperialistas. Tomando o exemplo de um conflito entre o Brasil semicolonial e a Grã-Bretanha imperialista, Trotsky deixou isso inequivocamente claro:

*“Vou dar o exemplo mais simples e óbvio. No Brasil, agora reina um regime semi-fascista que todo revolucionário só pode ver com ódio. Suponhamos, no entanto, que no dia seguinte a Inglaterra entre em conflito militar com o Brasil. Eu pergunto a você de que lado do conflito está a classe trabalhadora? Responderei pessoalmente - neste caso, ficarei do lado do Brasil “fascista” contra a Grã-Bretanha “democrática”. Por quê? Porque no conflito entre eles não será uma questão de democracia ou fascismo. Se a Inglaterra for vitoriosa, ela colocará outro fascista no Rio de Janeiro e fará duplas cadeias no Brasil. Se o Brasil, ao contrário, for vitorioso, dará um poderoso impulso à consciência nacional e democrática do país e levará à derrubada da ditadura de Vargas. A derrota da Inglaterra, ao mesmo tempo, dará um golpe ao imperialismo britânico e dará um impulso ao movimento revolucionário do proletariado britânico. Na verdade, é preciso ter uma cabeça vazia para reduzir os antagonismos mundiais e os conflitos militares à luta entre o fascismo e a democracia. Sob todas as máscaras, é preciso saber distinguir exploradores, donos de escravos e ladrões!” [653]*

É verdade que os líderes da LIT e da UIT, felizmente, não tiraram tais conclusões (até agora) para o lado do imperialismo russo e chinês contra os EUA. Mas isso não é o resultado de sua análise correta, mas sim um produto de sua indolência política. Seu fracasso teórico em entender o que o imperialismo é e o que não é, sem dúvida, um arranhão que pode facilmente se tornar gangrena.

Embora a FT também não tenha tirado essas conclusões social-imperialistas, há declarações que refletem o perigo inerente de sua análise equivocada da

Rússia e da China. Philippe Alcoy, um de seus líderes na França, afirmou em uma declaração publicada recentemente que, embora O regime de Putin seja reacionário, não é imperialista. Ele enfatizou que este regime representa um regime reacionário (errado) contra a ofensiva imperialista.

*“Isso tudo significa que o movimento da classe trabalhadora e a esquerda revolucionária devem ver em Putin uma espécie de “anti-imperialista”? Não. Putin está no topo de um regime reacionário; ele é o rosto do capitalismo russo contemporâneo. E, como podemos ver, para defender o interesse dos capitalistas russos, ele é capaz de produzir desastres humanitários, massacres e apoiar ditadores assassinos como Assad na Síria. Mas será impossível combater a influência de Putin entre as classes trabalhadoras e populares da Rússia se a esquerda revolucionária não tiver uma clara posição anti-imperialista. Putin é resultado da ofensiva imperialista na Rússia nos anos 90, representando a resposta reacionária do capitalismo russo a essa ofensiva. A esquerda revolucionária deve condenar e denunciar a ofensiva ocidental contra a Rússia, incluindo as sanções econômicas, que prejudicam não tanto os oligarcas, mas a classe trabalhadora russa e a grande maioria das pessoas comuns. Claro, isso nunca deve significar expressar apoio político para Putin. Uma postura de classe contra a agressão imperialista é a melhor maneira de combater Putin também.” [654]*

Apesar de não tirar conclusões abertamente social-imperialistas, esta declaração abre a porta em tal direção. Caracterizando o regime de Putin como uma *“um regime reacionário contra a ofensiva imperialista”*, se opondo a sanções contra a Rússia (mas não vice-versa), chamando o movimento operário para denunciar o Ocidente (mas não a Rússia) - tudo isso sugere que se alie à Rússia em vez de manter uma posição derrotista contra ambos os campos imperialistas.

A caracterização que a FT faz do regime russo de Putin nesta declaração se assemelha a um regime burguês semicolonial (por exemplo, como a ditadura de Saddam Hussein no Iraque). Como dissemos antes, os marxistas condenam esses regimes e os caracterizam como reacionários, mas também defendem esses países, mesmo com um regime reacionário no comando. Embora tal abordagem fosse e ainda permaneça completamente legítima no caso de um país semicolonial atacado por potências imperialistas, é totalmente errado quando se trata de Grandes Potências. No entanto, tal desastrosa defesa social-imperialista da Rússia e da China (contra os EUA ou o Japão) é apenas a consequência lógica da análise fatal da FT dessas Grandes Potências como estados não-imperialistas.

Não é por acaso que a confusão teórica da LIT, UIT e FT no campo da rivalidade das Grandes Potências corresponde a uma confusão semelhante em outros eventos políticos mundiais importantes. Para seu crédito, LIT e UIT ainda defendem a Revolução Síria contra o regime de Assad - em contraste com muitos outros centristas. Aqui não é o lugar para lidar com a falta de firmeza deles com relação a sua solidariedade com a Revolução Síria. Neste ponto, basta dizer que eles fazem parte da pequena minoria de socialistas que continuam a apoiar a luta de libertação da Síria.

No entanto, não se pode deixar de assinalar que tal vantagem está desvalori-

zada por posições devastadoras em outras lutas centrais em que essas organizações se aliaram à contra-revolução. Temos em mente, por exemplo, o apoio deles à direita, à rebelião semifascista na Ucrânia em 2014 [655] ou o apoio pelas provocações reacionárias da oposição de direita na Venezuela contra o governo da esquerda-burguesa bonapartista de Maduro. [656] A liderança da LIT foi ainda mais longe e elogiou o golpe militar egípcio do general Sisi em julho de 2013 como uma “segunda revolução” e aplaudiu o impeachment de Dilma Rousseff e a prisão de Lula pela burguesia reacionária no Brasil. [657]

Da mesma forma, os companheiros da FT sofrem de desorientação grosseira em eventos cruciais da luta de classe mundial. Eles caracterizam a Revolução Síria (assim como a luta de libertação nacional no Iêmen) como uma “*guerra civil reacionária*” entre “*o regime despótico de Bashar al-Assad*” e “*os chamados ‘rebeldes’*”. [658]

Na sua recente XIª Conferência, os camaradas da FT confirmaram essa avaliação. Eles explicitamente declararam em seu documento central de perspectivas mundiais: “*Do nosso ponto de vista, a revolta democrática contra Assad, que fazia parte da ‘Primavera Árabe’, já foi transformada em uma guerra civil totalmente reacionária há muito tempo*”. [659]

Observamos de passagem que a mesma recusa em apoiar a luta de libertação em curso do povo sírio é compartilhada por outros grupos menores, como a “*Liga pela Quinta Internacional*” (L5I) [660] ou o *Coletivo da Revolução Permanente* (CoReP). [661] Embora esses grupos sejam pelo menos capazes de reconhecer o caráter imperialista da Rússia e da China, eles capitulam para a islamofobia ocidental e usam como pretexto a liderança da luta popular contra a ditadura de Assad ser islamista para assumir uma posição abstencionista na Síria.

Esses camaradas, que negam o caráter imperialista da Rússia e da China, mas hesitam em tirar conclusões lógicas (pelo menos para os marxistas), isto é, equivocadamente pedir a vitória das Grandes Potências orientais contra seus rivais ocidentais, devem ter em mente a declaração programática da Oposição de Esquerda como formulada em sua plataforma contra a burocracia estalinista em 1927:

*“O slogan “Defesa da Pátria” seria um falso disfarce, servindo aos interesses do imperialismo em todos os países burgueses, exceto os países coloniais e semicoloniais que estão conduzindo uma guerra nacional revolucionária contra os imperialistas. Na União Soviética, o slogan “Defesa da Pátria” está correto, porque estamos defendendo uma pátria socialista e a base do movimento operário mundial.”* [662]

É uma coisa ou outra: se a China e a Rússia fossem realmente países semicoloniais, seria dever dos camaradas da LIT, UIT e FT se juntarem a eles contra os imperialistas ocidentais. Se eles não estão do lado da China e da Rússia, porque o seu instinto político lhes diz que isso seria errado, eles deveriam tirar a conclusão teórica e reconhecer que as Grandes Potências emergentes são imperialistas. Uma coisa ou outra!

## Notas de rodapé

653) Leon Trotsky: A Luta Anti-Imperialista é a chave para a libertação. Entrevista com Mateo Fossa (1938); em: Escritos de Leon Trotsky 1938-39, p. 34

654) Philippe Alcoy (FT na França), em: Rossen Djagalov: Nós perguntamos: Geopolítica e a Esquerda (Parte I: Rússia e Ocidente), LeftEast 19 de abril de 2018, <http://www.criticatac.ro/lefteast/we-perguntou-rusia-and-the-west/>

655) Para uma visão geral da análise sobre os eventos na Ucrânia e uma crítica da esquerda reformista e centrista, consulte nossos numerosos artigos sobre este assunto na subseção sobre a Europa em nosso site: <https://www.thecommunists.net/mundial/europe/>

656) Para obter uma visão geral da análise da CCRI sobre os eventos na Venezuela, consulte nossos numerosos artigos sobre esse assunto na subseção sobre a América Latina em nosso site: <https://www.thecommunists.net/worldwide/latin-america/>

657) Para uma visão geral da nossa crítica do LIT / PSTU, ver, e. CCRI: No despertar do PSTU / LIT-CI Split, que lições podem ser aprendidas? Carta Aberta aos Membros e Simpatizantes da International Workers League (Quarta Internacional), 11.7.2016, <https://www.thecommunists.net/rcit/open-letter-lit-qi/>

658) Claudia Cinatti: A Geopolítica da Guerra Civil na Síria, 14 de setembro de 2016, <http://www.leftvoice.org/The-Geopolitics-of-the-Civil-War-in-Syria>

659) Ver a resolução central adotada na recente conferência do FT citada acima.

660) Enquanto os camaradas da Liga para a *Quinta Internacional* (L5I) ficaram do lado da Revolução Síria por alguns anos, eles mais tarde abandonaram seu apoio e concluíram que *“há uma necessidade de reconhecer que a revolução síria foi derrotada”*. Eles declaram a A Revolução Árabe finalmente acabou: *“Agora, mesmo que a brutal guerra civil na Síria recomeça, com o Idlib e outras áreas libertadas remanescentes sob novos ataques, temos que reconhecer que a revolução síria, que começou há seis anos, sofreu uma estratégica derrota. De fato, podemos aplicar esse julgamento a toda a Primavera Árabe, dada a natureza reacionária das guerras civis na Líbia e no Iêmen. Foi derrotado por uma gama de forças contra-revolucionárias; bonapartistas militares, como el-Sisi ou Assad, monarquistas, como no Bahrein, ou salafistas-jihadistas que emergiram da resistência. A tarefa dos revolucionários no Oriente Médio e internacionalmente é enfrentar a verdade, não importa quão amarga, que eles agora enfrentam um período contra-revolucionário, cuja duração não pode ser conhecida, antes que haja uma reemergência das lutas de massas.”* (L5I : Resolução sobre a Síria, 02/03/2017, <http://www.fifthinternational.org/content/resolution-syria>) Que desafortunada adaptação oportunista à classe média esquerdista na Europa Ocidental que despreza as lutas de libertação dos supostos “atrasados” povos muçulmanos!

661) CoReP: O Comitê de Ligação dos Centristas capitula diante do islamismo, 2 de outubro de 2016, <http://www.revolucionpermanente.com/english/?p=250>. Nesta declaração bizarra, o grupo CoReP ataca os trotskistas, incluindo a CCRI, que continuam apoiando a luta de libertação na Síria, como “capituladores do islamismo”. De fato, este artigo é uma acusação condenatória da adaptação da liderança francesa do CoReP à opinião pública islamofóbica social-chauvinista da França imperialista!

662) A Plataforma da Oposição (1927), em: Leon Trotsky: O Desafio da Oposição de Esquerda (1926-27), pp. 367-368

## XXVIII. A Esquerda Enfrentando a Rivalidade das Grandes Potências : Sociais-Pacifistas Ecléticos

Nós elaboramos acima que existem várias organizações centristas como o *Comitê por uma Internacional dos Trabalhadores-CIT* de Peter Taaffe, a *Tendência Marxista Internacional-TMI* de Alan Woods e *Tendência Socialista Internacional-TSI* de Alex Callinicos que conseguiram caracterizar a Rússia e a China como “imperialistas”, pelo menos ocasionalmente. No entanto, como explicamos, trata-se de um “xingamento” bastante platônico, que não encontra expressão na análise política mundial dessas forças. Infelizmente, essa confusão teórica é combinada com uma falha em entender o programa leninista do derrotismo revolucionário e, portanto, a falha em aplicá-lo.

Em nosso livro *O Grande Roubo do Sul*, demonstramos que tanto o CIT quanto o TMI rejeitam abertamente a estratégia de derrotismo revolucionário de Lênin. [663] Vamos resumir brevemente nossa crítica neste ponto. Basicamente, essas duas organizações defendem uma interpretação oportunista, melhor dizendo, uma distorção da teoria de Lênin que serve para dar legitimidade à sua adaptação social-pacifista às Grandes Potências. (Notamos de passagem que, não acidentalmente, o CIT e o TMI também pregam a teoria reformista de que a classe trabalhadora poderia tomar o poder de maneira pacífica e via reformas parlamentares.)

Tal falsificação do leninismo é desesperadamente necessária pelo CIT e pelo TMI, pois eles têm que justificar sua traição repetida das legítimas lutas de libertação de países semicoloniais e oprimidos contra as Grandes Potências - em especial contra a Grã-Bretanha, onde essas correntes têm suas “matrizes”.

### **CIT /TMI: Recusa em Defender os Países Semicoloniais Contra o Imperialismo**

Como mostramos detalhadamente em outro lugar, o CIT /TMI - ainda estavam unidos em uma única organização na época - e se recusou a defender a Argentina semicolonial contra o imperialismo britânico durante a guerra das Malvinas em 1982, quando Londres enviava sua frota ao Atlântico Sul, a fim de manter suas posses coloniais nesta área. (O PST/TSI também se recusou a defender a Argentina nesta guerra. [664]) Esses centristas afirmaram que a posição de apoiar a Argentina seria “ultra-esquerdista” e, em vez disso, exigiram que “os governos trabalhistas travassem uma guerra socialista contra a Argentina!” Em um artigo publicado 25 anos depois, o CIT ainda defendia sua capitulação vergonhosa ao imperialismo britânico. “No entanto, as seitas ultra-esquerdistas de hoje, determinadas a demonstrar sua abordagem ‘marxista’ intransigente, continuam a

*promover slogans baseados em seu equívoco de 'derrotismo'.*" Estar ao lado da Argentina, proclama o CIT, só afastaria os trabalhadores britânicos (o que parece ser o critério mais importante para esses "internacionalistas"): "[as] chamadas "seitas", Ed.) acreditam que isso pode ser feito apoiando a Junta, quando a maioria dos trabalhadores tem um ódio instintivo pelo que eles veem como um regime "fascista", e um desejo compreensível de vê-lo derrotado. Os Tories (apelido membros do Partido Conservador Britânico), é claro, estão explorando cinicamente os sentimentos antifascistas dos trabalhadores; mas o apoio à Junta colocaria os marxistas além dos limites aos olhos dos trabalhadores, deixando os Conservadores livres hipocritamente para capitalizar a "luta contra o fascismo."

Além disso, é decisivo para que esses "anti-imperialistas" defendam os direitos do pequeno grupo de colonos britânicos que vivem nas Ilhas Malvinas, em frente à costa argentina: "Os pseudo-marxistas também acreditam, parece, que o apoio a um a oposição socialista à guerra pode ser vencida por meio de uma política que abandona os habitantes das Ilhas Falkland às ternas misericórdias da Junta, anulando seus direitos em favor da reivindicação legalista da Junta à terra sob seus pés."

Conseqüentemente, o CIT denunciou a aplicação da posição leninista de pedir a derrota da Marinha Britânica ("Força Tarefa"): "O absurdo mais monstruoso da posição das seitas", no entanto, é a ideia de que os trabalhadores podem ser ganhos a uma posição socialista na base de pedir a derrota da Força Tarefa, chamando literalmente - como representantes das seitas declararam em público - para "o naufrágio da frota"! Eles são a favor do massacre de trabalhadores nas fileiras da marinha e do exército e, com base nisso, ganharão apoio em massa da classe trabalhadora! Isso é uma farsa do marxismo que, na medida em que tenha qualquer efeito, só pode jogar nas mãos da direita dos conservadores e trabalhistas, permitindo-lhes retratar "marxistas" como idiotas que apoiam a junta argentina." [665]

O CIT e o TMI chegaram mesmo a recusar o fim da guerra britânica contra a Argentina ou a retirada da frota britânica ... porque "os trabalhadores não a teriam entendido"! Eles argumentaram: "Forçar a retirada da Força-Tarefa teria envolvido a organização de uma greve geral, que por si só colocaria a questão da chegada ao poder de um governo socialista. No entanto, no início da guerra, tal demanda não teria recebido nenhum apoio dos trabalhadores britânicos. (...) Nem o chamado para parar a guerra ou retirar a frota serviu de base para uma campanha em massa de manifestações, reuniões e agitação." [666]

Esta adaptação embaraçosa aos preconceitos sociais-imperialistas mais atrassados entre a aristocracia operária britânica não foi um deslize singular. É antes uma expressão do DNA político dessa corrente - seu método social-pacifista, centrada. Compare isso com a atitude dos bolcheviques no início da Primeira Guerra Mundial em 1914. Embora os bolcheviques tivessem que trabalhar sob condições de repressão e ilegalidade e ainda que o fato de que nessa guerra imperialista os marxistas não pudessem apoiar nenhum lado (em contraste Guerra das Malvinas em 1982), independentemente de tudo isso, os revolucionários russos nunca tomaram uma posição covarde e social-patriótica como o CIT /



TMI faz!

Como demonstramos acima no capítulo XVIII, os bolcheviques se tornaram febrilmente ativos em espalhar a agitação anti-guerra nas ruas e nas fábricas no início da Primeira Guerra Mundial. Eles publicaram folhetos em Petersburgo que proclamavam “*Abaixo a guerra!*” e “*Guerra contra a guerra!*” Que diferença para a posição pateticamente covarde do CIT e do TMI numa guerra imperialista!

Durante a guerra imperialista e a ocupação do Afeganistão desde 2001 - outra importante aventura militar da Grã-Bretanha - o CIT recusa-se fortemente a dar qualquer apoio à luta afegã contra os ocupantes e seus fantoches, liderada pelo movimento pequeno-burguês do Taleban.

Em um ensaio programático, o líder central do CIT, Peter Taaffe, comparou a política do CIT aos de anti-imperialistas de princípios como a nossa organização: *„Se, portanto, percebemos essa guerra como completamente reacionária por parte do imperialismo, isso significa que lançamos em nossa sorte, ainda que “criticamente”, com aqueles que supostamente “resistiram” à força dos EUA, a saber, bin Laden, sua al-Qaeda e o governo do Taleban? Inacreditavelmente, esta é a posição de alguns pequenos grupos trotskistas, como o Workers Power (nossa organização predecessora, Ed) e a Morenista LIT. Este último é amplamente baseado na América Latina. Sua abordagem não encontrará absolutamente nenhum eco entre a classe trabalhadora mundial, especialmente entre o proletariado nos países capitalistas desenvolvidos. No entanto, porque eles utilizaram alguns dos escritos do passado de Trotsky para justificar sua posição durante a guerra, eles poderiam, e em alguns casos, confundir alguns jovens e trabalhadores que entraram em contato com eles.”* [667]

Esta citação indica que Taaffe tem consciência de que a posição do CIT está em óbvia contradição com o método de Trotsky. Como mostramos acima, Trotsky convocou a defender até mesmo um Brasil “semi-fascista” contra o imperialismo britânico “democrático” ou a monarquia absoluta da Etiópia contra a Itália em 1935. Entretanto, o CIT afirma que a abordagem de Trotsky não seria mais válida hoje: *“É um absurdo sugerir, no entanto, como as organizações sectárias fazem citando estas observações de Trotsky, que a massa das populações na maioria dos países industrializados poderia tomar a mesma atitude hoje em relação a Bin Laden e o Talibã.”* [668]

Em suma, forças como o CIT, o TMI ou o TSI, recusam-se a defender países semi-coloniais e povos oprimidos porque, como alegam, os trabalhadores atrasados nas Grandes Potências imperialistas “*não entenderiam tal posição*”. Esta é a lógica clássica que a social democracia usou em 1914 para legitimar seu apoio à “defesa da pátria imperialista”. *“Os trabalhadores não teriam entendido se nos oporíamos à guerra”* - este foi o grito de guerra para Noske, Ebert e Kautsky no começo da Primeira Guerra Mundial! *“Os trabalhadores não entenderiam se ficássemos do lado liderado pelo Taleban ou pela junta militar argentina”* - este é o grito de guerra do CIT e do TMI hoje! Tempos diferentes, mas a mesma lógica social-pacifista!

Estes centristas ignoram o fato histórico de que a maioria da classe trabalhadora geralmente apoia a defesa de sua pátria imperialista no começo de uma grande guerra, como Lenin e Trotsky explicou repetidamente. Quando ele resumiu a experiência dos bolcheviques durante a Primeira Guerra Mundial, Lenin escreveu em 1922 sobre a política em relação ao movimento operário com respeito a uma guerra vindoura: *“Devemos nos esforçar especialmente para explicar que a questão da” defesa da pátria “inevitavelmente surgirá, e que a esmagadora maioria dos trabalhadores inevitavelmente decidirá em favor de sua burguesia.”* [669]

Trotsky também enfatizou essa ideia em seu Programa de Transição em 1938: *“No início da guerra, as seções da Quarta Internacional inevitavelmente se sentirão isoladas: toda guerra pega as massas nacionais de surpresa e as impele para o lado do aparato governamental. Os internacionalistas terão que nadar contra o riacho.”* [670]

É o mesmo método que leva o CIT a defender a existência de Israel - uma entidade colonizadora colonial imposta pelas potências imperialistas, expulsando a população árabe nativa. [671] Como disse Peter Taaffe, o CIT não pode apoiar a destruição do Estado israelense do Apartheid e sua substituição por um Estado palestino com direitos minoritários para os judeus israelenses porque *“os judeus israelenses se oporiam a isso”: “... a ideia de um Estado palestino com os direitos das minorias para os israelenses ainda aparece. Um slogan tão abstrato nunca seria aceito pela população israelense.”* [672]

Seguindo a mesma lógica de adaptação ao social-imperialismo, tanto o CIT quanto o TMI - assim como inúmeras outras forças centristas - abandonaram seu apoio à Revolução Síria há muito tempo. Desde há vários anos, ambas as organizações afirmam que a luta de libertação degenerou em uma *“guerra civil sectária”* sem nenhum lado digno de apoio:

*“As situações no Iraque e na Síria constituem, no momento, o epicentro da crise que envolve o Oriente Médio. A ordem herdada do legado do imperialismo está explodindo da maneira mais brutal, sob o efeito das lutas de poder pela influência que ocorre entre várias forças e regimes reacionários. (...) Na Síria, alguns membros da esquerda internacional erroneamente adotaram alguma variante de uma atitude “campista”, seja por meio do embelezamento dos rebeldes com maior poder jihadista que lutam contra Assad, seja pelo seu apologismo pelo último.”* [673]

*“Isso é fundamentalmente o resultado da contra-revolução que se desenrolou na Síria após uma genuína revolta de massas contra o governo de Assad em 2011, inspirada por movimentos revolucionários na Tunísia e no Egito. Na ausência de organizações da classe trabalhadora forte e unida e de uma liderança socialista, as forças sectárias e islâmicas puderam entrar no vácuo, ajudadas por reacionários do Golfo e da Turquia e por potências ocidentais. Isso levou à degeneração da revolta das massas em uma guerra civil viciosa e multifacetada.”* [674]

## TMI da Rússia: Nenhum Apoio ao “Separatismo Checheno”

Outro exemplo de tal adaptação ao social-chauvinismo é a posição do TMI e sua seção russa sobre a luta pela independência do povo checheno. Como dissemos acima, o povo checheno declarou um estado independente após o colapso da URSS em 1991/92 e defendeu heroicamente seus direitos nacionais em duas guerras contra a agressão militar da esmagadora Rússia. Hoje, é tarefa dos marxistas russos defender os chechenos contra a brutal opressão do capanga local de Moscou, o açougueiro Ramzan Kadyrov.

No entanto, o TMI assume um posicionamento diferente. Apesar do desejo explícito do povo checheno de ganhar seu próprio estado, o TMI se adapta ao social-chauvinismo russo. Denuncia o “separatismo” e chama os chechenos e outros povos oprimidos a permanecer na Rússia imperialista:

*“Assim, não há nada de errado em defender a integridade territorial contra o separatismo - seja na Rússia ou na Ucrânia. Naturalmente, isso não significa que não devamos nos opor a uma solução militar da questão, desde que seja possível. Isso não significa que não devemos nos opor às atrocidades dos militares burgueses, etc. Mas apoiar o separatismo sob o lema da luta das nações pela autodeterminação não é necessário, especialmente o separatismo, que tem o caráter de luta armada como em o Donbass, o Cáucaso ou o nordeste da Índia. Muitas vezes, esse separatismo não leva a nada, a não ser reduzir o desenvolvimento das forças produtivas na região. Aqui vale a pena separar tal separatismo da luta pela libertação das colônias. Os habitantes do Vietnã, da Argélia e da Palestina não eram cidadãos de seus países opressores. Portanto, a luta pela criação de um estado nacional nesses casos se funde com a luta pela igualdade. (...) Muitas vezes podemos ouvir que os estados nacionalmente homogêneos experimentarão uma mudança para os problemas de classe em vez dos nacionais. Talvez isso tenha ocorrido na primeira metade do século XX. No entanto, muitos impérios multinacionais já entraram em colapso e a Rússia moderna já é mais homogênea do que no início do século passado. Assim, não há necessidade de trazer homogeneidade ao absoluto. (...) Se separarmos os territórios habitados por pequenas nacionalidades de países, os imigrantes não desaparecerão em nenhum lugar. E o nacionalismo moderno é dirigido principalmente contra eles. Tudo isso leva à conclusão de que, no estágio atual de desenvolvimento do capitalismo, não há sentido em apoiar a luta para separar algumas nações de outras, especialmente as armadas. É melhor lutar contra as guerras que os governos burgueses estão travando e pela futura revolução socialista.” [675]*

Esta declaração dos camaradas do TMI russo revela uma acomodação grosseira ao social-chauvinismo! É totalmente errado contrapor as lutas de libertação nacional do povo vietnamita, argelino e palestino àquelas do povo da Chechênia ou Caxemira. É apenas uma diferença formal que eles podem ter o passaporte do seu estado de opressor. Certamente não foi o desejo voluntário dos chechenos ou caxemires de ter o passaporte de seu estado opressor, mas foi forçado a eles! Então, como esse fato pode ser usado pelos “marxistas” para recusar apoio à sua luta de libertação?

É certamente verdade que a Rússia “já é mais homogênea do que no começo do século passado”. Mas o que isso significa? O TMI sugere que Moscou tenha o direito de oprimir uma certa quantidade de pessoas, embora não tantas quanto no início do século 20? Não, os marxistas se opõem a cada caso individual de opressão nacional. Apoiamos a luta de libertação das nações oprimidas - independentemente de estar armada ou desarmada e independentemente de o Estado opressor subjugar uma, cinco ou dez pessoas menores!

Outro exemplo para a lógica social-chauvinista da política do CIT é seu apoio à greve dos “Empregos Britânicos para Trabalhadores Britânicos” em 2008. Naquela época, os trabalhadores britânicos da refinaria de petróleo de Lindsey queriam parar a contratação de trabalhadores imigrantes. Vergonhosamente, esta greve reacionária recebeu apoio da burocracia sindical e de várias organizações pseudo-trotskistas como o CIT e o TMI. Até o dia de hoje, a seção britânica do CIT orgulha-se orgulhosamente de que um de seus membros era um líder nessa greve!

É na mesma lógica que a liderança do CIT se opõe ao direito dos imigrantes de cruzar fronteiras sem qualquer controle de fronteira imperialista. Por quê? Bem, você sabe, “os trabalhadores não entenderão” (obviamente, o CIT só tem em mente os trabalhadores aristocráticos trabalhistas britânicos e não a massa dos trabalhadores do mundo que vivem e sofrem no Sul!) [676]

“É claro que temos que defender as seções mais oprimidas da classe trabalhadora, incluindo os trabalhadores imigrantes e outros imigrantes. Nós nos opomos firmemente ao racismo. Defendemos o direito ao asilo e defendemos o fim de medidas repressivas, como os centros de detenção. Ao mesmo tempo, dada a perspectiva da maioria da classe trabalhadora, não podemos propor um slogan de “fronteiras abertas” ou “sem controles de imigração”, o que seria uma barreira para convencer os trabalhadores de um programa socialista, tanto em questões de imigração quanto em outras questões. Tal demanda alienaria a vasta maioria da classe trabalhadora, incluindo muitos imigrantes de longa data, que a veriam como uma ameaça aos empregos, salários e condições de vida. Também não podemos cometer o erro de demitir trabalhadores que expressam preocupações com a imigração como “racistas”. Enquanto o racismo e o nacionalismo são claramente elementos no sentimento anti-imigrante, há muitos trabalhadores conscientemente anti-racistas que estão preocupados com a escala da imigração.” [677]

A adaptação do CIT ao social-chauvinismo também se reflete em seu apoio ao Brexit, ou seja, a Grã-Bretanha deixando a União Europeia. Como demonstramos num panfleto especial sobre esta questão, a liderança do CIT justifica esta afirmação alegando que o estado nacional (imperialista) é preferível à União Europeia (imperialista). [678]

Em contraste com esses oportunistas covardes, os marxistas constantemente lutam contra todas as formas de social-chauvinismo e agressão imperialista. Os revolucionários da CCRI que pensam da mesma maneira não se contentam com frases abstratas de “anti-imperialismo”, mas tomam o lado dos povos oprimidos que lutam contra uma Grande Potência imperialista. O critério decisivo

para os marxistas não é se esta ou aquela posição politicamente correta já é compartilhada pela maioria dos trabalhadores. É exatamente a tarefa de uma organização revolucionária de vanguarda suportar tal pressão e defender as posições baseadas no programa marxista. É nossa tarefa transmitir tais ideias corretas para a classe trabalhadora e não esperar que a maioria dos trabalhadores desenvolva tais posições por si mesmos!

Portanto, embora não apoiemos politicamente as forças não-revolucionárias no topo dessas lutas, não aceitamos nosso desacordo com essas visões como um pretexto para abandonar uma justa luta pela libertação. Não, os revolucionários devemos apoiar todas as lutas legítimas de libertação contra quaisquer Grandes Potências, mesmo que tal luta seja liderada por forças não-revolucionárias. Este foi o método dos bolcheviques e dos trotskistas e este é o nosso método hoje!

*“Quem direta ou indiretamente apoia o sistema de colonização e protetorados, a dominação do capital britânico na Índia, a dominação do Japão na Coreia ou na Manchúria, da França na Indochina ou na África, quem não luta contra a escravidão colonial, quem não apoia as insurreições das nações oprimidas e sua independência, quem defende ou idealiza o gandhismo, isto é, a política de resistência passiva em questões que só podem ser resolvidas pela força das armas, é, apesar das boas intenções ou más, um lacaios, um apologista, um agente dos imperialistas, dos senhores de escravos, dos militaristas, e os ajuda a preparar novas guerras em busca de seus antigos objetivos ou novos ” [679]*

## **Lenin “corrigiu” seu Programa de Derrotismo Revolucionário?**

Infelizmente, o revisionismo do CIT e do TMI vai tão longe que eles afirmam explicitamente que Lenin teria “exagerado” sua fórmula de derrotismo revolucionário e depois se corrigido. Com base em tal falsificação histórica, esses centristas buscam a justificação para abandonar o derrotismo e se adaptar ao social-imperialismo.

Em um longo ensaio programático, o líder central do TMI, Alan Woods, tenta argumentar tal caso:

*“A diferença entre a política abstrata e o método dialético é mostrada pela evolução da posição de Lênin sobre as táticas revolucionárias no período de 1914 a 1917. Em agosto de 1914, a divisão na 2ª Internacional criou uma situação inteiramente nova. À luz da traição sem precedentes da social-democracia, foi necessário reagrupar e re-educar internacionalmente as pequenas e isoladas forças do marxismo. Nesse período, Lênin enfatizou fortemente os princípios básicos do internacionalismo revolucionário, sobretudo a impossibilidade de retornar à antiga Internacional e a implacável oposição a todas as formas de patriotismo (derrotismo revolucionário). A fim de combater as dúvidas e as vacilações dos líderes bolcheviques, Lênin deu a mais clara expressão possível a essas ideias, como “transformar a guerra imperialista em guerra civil”, e “a derrota da própria burguesia é o mal menor”. É discutível que, na ocasião, ele exagerou [sic]. Não seria a primeira vez que, para “endireitar o bastão”, Lenin inclinou-se demais para a outra direção [sic]. Sobre as questões fundamentais, não há dúvida de que Lenine estava*

*certo. Mas a menos que entendamos seu método, não apenas o que ele escreveu, mas por que ele o escreveu, podemos terminar em uma bagunça completa.*

*Grupos ultra-esquerdistas e sectários sempre repetem as palavras de Lênin sem entender uma única linha. Eles tomam seus escritos sobre a guerra como algo absoluto, fora do tempo e do espaço. Eles não entendem que, neste momento, Lênin não estava escrevendo para as massas, mas para um punhado de quadros em um dado contexto histórico. A menos que entendamos isso, podemos cometer um erro fundamental. Para combater o chauvinismo e enfatizar a impossibilidade de qualquer reconciliação com a social-democracia, e especialmente com a esquerda (Kautsky e o “centro”), Lênin usou algumas formulações que sem dúvida foram exageradas [sic]. Tais exageros, por exemplo, levaram-no a caracterizar a posição de Trotsky como “centrismo”, que era totalmente incorreto. Confusões sem fim surgiram da interpretação unilateral da posição de Lênin sobre esse período.*

*Quando Lênin retornou à Rússia depois de março de 1917, ele modificou fundamentalmente sua posição [sic]. Não que sua oposição à guerra imperialista fosse menor ou sua oposição ao chauvinismo social menos implacável. Ele continuou a ser vigilante em relação a qualquer retrocesso por parte dos líderes bolcheviques sobre a questão da guerra. Mas aqui não era mais uma questão de teoria, mas do movimento vivo das massas. A posição de Lênin depois de março de 1917 tinha pouca semelhança com os slogans que ele havia avançado antes [sic]. Ele viu que, nas circunstâncias concretas, a massa dos operários e camponeses tinha ilusões na “defesa da Revolução”, como eles a entendiam. Era absolutamente necessário levar isso em conta, se os bolcheviques se conectassem ao verdadeiro humor das massas. Se Lênin tivesse mantido a posição antiga, teria sido meramente doutrinária. Teria cortado inteiramente os bolcheviques do movimento real dos trabalhadores e camponeses. Somente sectários e doutrinários sem esperança poderiam deixar de ver a diferença. (...) De fato, os slogans do “derrotismo revolucionário” não desempenharam nenhum papel na preparação das massas para a revolução de outubro.” [680]*

Difícilmente qualquer sentença desta longa citação faz sentido. Alan Woods, que ridiculariza as “seitas ultra-esquerdistas”, não entende a posição de Lênin e Trotsky nem os fatos históricos.

Woods afirma que Lênin “exagerou” o programa derrotista bolchevique contra a guerra imperialista. Então isso significaria que ele mais tarde retirou. De fato, como demonstramos acima, os bolcheviques, o Comintern e depois a Quarta Internacional confirmaram mais tarde todas as ideias e slogans essenciais levantados por Lênin em 1914.

O próprio Trotsky enfatizou a importância crucial dos princípios do derrotismo revolucionário no programa da Quarta Internacional: “O conteúdo fundamental da política do proletariado internacional será, conseqüentemente, uma luta contra o imperialismo e sua guerra. Nesta luta, o princípio básico é: “o principal inimigo está em seu próprio país” ou “a derrota do seu próprio governo (imperialista) é o mal menor”. (...) Será dever do proletariado internacional ajudar os países oprimidos na sua guerra contra os opressores. O mesmo dever aplica-se em relação a ajudar a URSS, ou qualquer outro governo de trabalhadores que possa surgir antes da guerra ou durante a

*guerra. A derrota de todo governo imperialista na luta contra o Estado operário ou com um país colonial é o mal menor.” [681]*

Rudolf Klement, outro líder da Quarta Internacional, repetiu a validade do programa leninista do derrotismo revolucionário: *“Na aplicação do derrotismo revolucionário contra a burguesia imperialista e seu estado, não pode haver diferença fundamental, independentemente de esta ser” amigável “. Ou hostil à causa apoiada pelo proletariado, seja na aliança traiçoeira com os aliados do proletariado (Stalin, a burguesia dos condados semicoloniais, os povos coloniais, o liberalismo antifascista), ou está conduzindo uma guerra contra eles. Os métodos do derrotismo revolucionário permanecem inalterados: propaganda revolucionária, oposição irreconciliável ao regime, a luta de classes desde a sua puramente econômica até sua mais alta forma política (a insurreição armada), a confraternização das tropas, a transformação da guerra na guerra civil.” [682]*

Alan Woods afirma que Lenin mudou de posição depois da Revolução de Fevereiro de 1917, quando retornou à Rússia. Isto é simplesmente uma invenção centrista! O que Lenin fez foi não abandonar a posição de derrotismo ou a necessidade da transformação da guerra na guerra civil. O que ele preferiu foi adaptar o mesmo programa às novas condições e explicá-lo pedagogicamente às massas. Isto não é uma mudança de posição, mas uma mudança de apresentação da mesma posição. Isso ficou evidente em um discurso que Lenin deu às delegações do Terceiro Congresso do Comintern em 1921:

*“No início da guerra, nós, bolcheviques, aderimos a um único slogan - o da guerra civil e o implacável da guerra. Marcamos como traidor todos que não apoiavam a ideia de guerra civil. Mas quando voltamos à Rússia em março de 1917, mudamos completamente nossa posição. Quando voltamos para a Rússia e falamos aos camponeses e trabalhadores, vimos que todos defendiam a defesa da pátria, é claro, em sentido bastante diferente dos mencheviques, e não poderíamos chamar esses trabalhadores comuns e camponeses canalhas e traidores. Nós descrevemos isso como “defensor honesto”. Eu pretendo escrever um grande artigo sobre isso e publicar todo o material. No dia 7 de abril publiquei minhas teses, nas quais pedi cautela e paciência. Nosso posicionamento original no início da guerra estava correto: era importante então formar um núcleo definido e resolutivo. Nosso apoio subsequente também estava correto. Partiu-se do pressuposto de que as massas tinham que ser conquistadas. Naquela época, já rejeitávamos a ideia da derrubada imediata do Governo Provisório. Escrevi: “Deveria ser derrubado, pois é um governo oligárquico e não do povo e é incapaz de fornecer paz ou pão. Mas não pode ser derrubado agora, pois está sendo mantido no poder pelos soviets dos trabalhadores e até agora desfruta da confiança dos trabalhadores. Nós não somos blanquistas, não queremos governar com uma minoria da classe trabalhadora contra a maioria “. Os cadetes, que são políticos perspicazes, notaram imediatamente a contradição entre nossa posição anterior e a nova e nos chamaram de hipócritas. Mas como, no mesmo fôlego, eles nos chamaram de espões, traidores, canalhas e agentes alemães, a antiga denominação não causou nenhuma impressão. A primeira crise ocorreu em 20 de abril. A nota de Milyukov sobre os Dardanelos mostrou ao governo o que era um governo imperialista. Depois disso, as massas armadas dos soldados se moveram contra o prédio do governo*

*e derrubaram Milyukov. Eles foram liderados por um homem não-partidário chamado Linde. Este movimento não foi organizado pelo partido. Nós caracterizamos esse movimento na época da seguinte forma: algo mais do que uma demonstração armada e algo menos que uma insurreição armada. Em nossa conferência de 22 de abril, a tendência da esquerda exigiu a imediata superação do governo. O Comitê Central, ao contrário, declarou contra o slogan da guerra civil, e instruímos todos os agitadores nas províncias a negar a mentira ultrajante sobre os bolcheviques querendo uma guerra civil. Em 22 de abril, escrevi que o slogan "Abaixo o governo provisório" estava incorreto, já que, se não tivéssemos a maioria das pessoas atrás de nós, esse slogan seria uma frase vazia ou um aventureirismo."* [683]

Assim, vemos que Lênin e os bolcheviques lutaram pelos mesmos objetivos estratégicos - transformando a guerra imperialista em guerra civil, lutando pela derrubada do governo burguês e pelo poder da classe trabalhadora - em todos esses anos. Eles primeiro tentaram ganhar a vanguarda para tal programa e depois as massas. Não poderia ser diferente, pois não se pode ganhar as massas sem antes vencer a vanguarda. Mas o CIT e o TMI nunca tentaram ganhar a vanguarda do derrotismo revolucionário, muito menos das massas. Eles se desculparam referindo-se ao problema de que "*os trabalhadores não entendem isso*". Como se o CIT e o TMI seriam confrontados com a tarefa de ganhar a maioria da classe trabalhadora! Eles nunca foram tão fortes quanto os bolcheviques estavam em sua fase mais fraca! Antes de discutir o desafio de conquistar a maioria da classe trabalhadora, eles deveriam tentar ganhar alguns milhares de trabalhadores de vanguarda pelo derrotismo revolucionário em uma guerra! Eles não fizeram e não puderam. Por quê? Porque eles próprios, os líderes e provavelmente muitos entre seus membros que foram treinados durante anos em oportunismo, não compartilharam uma posição marxista sobre a guerra imperialista! Esta é a verdade que os líderes do CIT e do TMI tentam esconder atrás de suas frases sobre o que os trabalhadores supostamente entendem e não entendem!

Como vemos, a interpretação do CMI e do TMI da posição marxista clássica sobre o derrotismo revolucionário é baseada na falsificação completa. No entanto, não é uma falsificação acidental. Toda a tradição de Ted Grant, que moldou tanto o CIT de Peter Taaffe quanto o TMI de Alan Woods, é marcada pela adaptação sistemática aos preconceitos ideológicos da burocracia reformista. Daí o absurdo CIT / TMI da transformação pacífica do capitalismo em socialismo, a estranha ideia da possibilidade de tal transformação através de uma "maioria socialista" no parlamento burguês, a caracterização de homens e mulheres policiais como "trabalhadores de uniforme" e em breve. [684] Este oportunismo de extrema-direita também encontra naturalmente sua expressão na questão das guerras imperialistas, que é uma das formas mais agudas de antagonismo de classe.

Não pode haver dúvida de que o CIT e o TMI são centristas inúteis no próximo período de rivalidade acelerada entre as Grandes Potências e as lutas de libertação do povo oprimido. Presos na lógica do social-imperialismo, não se pode aplicar um programa de derrotismo revolucionário em conflitos entre



Grandes Potências, nem lutar por um programa pró-liberacionista de apoio à luta dos oprimidos.

## O Movimento Socialista Russo-MRS: Ecletistas Confusos

Vamos finalmente tratar brevemente com outro grupo centrista na Rússia, que inclui vários membros da Quarta Internacional Mandelista. Para seu crédito, esta organização reconhece o direito dos povos à autodeterminação e se opõe à lei da linguagem que discrimina o povo não-russo. Da mesma forma, eles estão cientes do caráter imperialista da Rússia e se opõem às suas aventuras militares na Síria e na Ucrânia. A este respeito, eles contrastam favoravelmente com os grandes estalinistas russos à la Zyuganov et al. No entanto, eles também se sentem obrigados a declarar sua oposição a um Estado checheno independente! Tal eles escrevem em seu programa:

*“O MSR reconhece o direito dos povos à autodeterminação, porque entende que manter as nações dentro da Rússia de uma perspectiva histórica não levará a nada além de conflitos sangrentos e o colapso do país. Ao mesmo tempo, acreditamos que a separação da Chechênia ou de outras nações da Rússia não trará ao povo trabalhador desses povos uma genuína independência, paz ou prosperidade. A formação de estados pequenos e economicamente fracos inevitavelmente os transforma em semicolônias empobrecidas de países imperialistas, destinados à pilhagem e à instabilidade política.”* [685]

É certamente verdade que a prosperidade real só é possível através de uma revolução socialista da classe trabalhadora na Chechênia, na Rússia e internacionalmente. Mas por que diabos os chechenos prefeririam viver em uma colônia empobrecida em vez de uma semicolônia empobrecida, onde pelo menos não são humilhados e ameaçados todos os dias pelos soldados russos e seus lacaios locais? Ou o MSR quer negar o fato de que a Chechênia é uma colônia devastada sob as botas sangrentas de Putin e Kadyrov?!

Infelizmente, o MRS consegue combinar tais concessões ao chauvinismo russo com a pregação de ilusões bizarras no imperialismo europeu. O MSR propõe que “uma Rússia socialista deveria se unir à União Europeia”! Uma proposta tão idiota é combinada com o apoio da perspectiva reformista de reformar a UE. Mais uma vez, a MSR não se contenta em repetir este absurdo do *Partido da Esquerda Europeia*, mas vai mais longe e afirma que este seria o melhor caminho para uma “república mundial de soviets”!

*“Estamos otimistas quanto à possibilidade de a Rússia socialista se unir às estruturas da União Europeia e outras estruturas de integração sob a condição de que tal adesão não signifique nossa subjugação ao imperialismo internacional e a lógica da acumulação de capital. Apoiamos as propostas dos partidos e políticos europeus de esquerda para a desburocratização da UE e sua transformação da atual união de Estados de alto nível em uma única “nação política”. Talvez, tal cenário seja o melhor caminho para a república mundial dos soviets de hoje, com a qual sonhamos há cem anos em nosso país.”* [686]

Bem, na verdade, a UE sempre foi uma instituição imperialista e não pode ser diferente. Chamar para se unir a ela, “mas sem a subjugação imperialista”

é tão realista quanto unir um urso grisalho em sua caverna “sob a condição de que ele não toque em você”. Tendo uma ideia tão bizarra, os líderes da RSM também sugerem que a “*desburocratização da UE*” seria suficiente para torná-lo um instrumento de socialismo avançado! Nem na Rússia nem na Europa é possível uma revolução socialista pela “*desburocratização*”. Tal avanço só é possível expropriando a classe capitalista e destruindo o aparato estatal burguês!

Como os líderes da MSR chegam a essas conclusões imperialistas pró-UE? Poderia desempenhar um papel que alguns dos seus quadros estão próximos da *Universidade Europeia de São Petersburgo*, que é financiada pela UE? Ou poderia estar ligado a sua orientação aos líderes burocráticos dos sindicatos da CLR que promovem uma espécie de colaboração de classe à ILO?

### Notas de rodapé

663) Veja Michael Pröbsting: O Grande Roubo do Sul, Capítulo 13 (Sub-Capítulo: O Derrotismo Revolucionário é demais para a Classe Trabalhadora? Sobre o CIT e a Falsificação do Método de Lenine e Trotsky, pp. 357-365).

664) O SWP / IST proclama que na guerra entre a Grã-Bretanha e a Argentina em 1982 “[aqui] não era um campo progressista e reacionário” (Alex Callinicos: Marxismo e Imperialismo hoje, em: A. Callinicos, J. Rees, C Harman & M. Haynes: Marxismo e o Novo Imperialismo, Londres 1994, p. 51)

665) Partido Socialista (CIT): Guerra das Malvinas: que lições para o movimento trabalhista? In: Socialism Today, No 108, April 2007, <http://www.socialismtoday.org/108/falklands.html>

666) Peter Taaffe: A Ascensão do Militante, Londres 1995, Capítulo 20 “A Guerra das Malvinas”, <http://socialistalternative.org/literature/militant/>

667) Peter Taaffe: Afeganistão, Islã e a esquerda revolucionária (2002), <http://www.socialistworld.net/pubs/afghanistan/afghanchp1.html>

668) *ibid*

669) V.I. Lenin: Notas sobre as tarefas da nossa delegação na Haia (1922); em: LCW 33, p. 447

670) Leon Trotsky: A Agonia da Morte do Capitalismo e as Tarefas da Quarta Internacional. O Programa de Transição (1938); in: Documentos da Quarta Internacional, Nova York 1973, p. 200

671) Sobre a crítica da CCRI ao apoio reacionário do CIT para um estado israelense, ver Yossi Schwarz: Palestina ocupada / Israel: beco sem saída para a solução de dois estados. A Luta de Libertação da Palestina e a Adaptação Centrista do CIT ao Sionismo, 12.11.2015, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/palestine-and-cwi/>; Michael Pröbsting: O sionismo “socialista” do CIT e a luta pela libertação da Palestina. Uma resposta da CCRI, 15.9.2014, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/cwi-and-israel/>

672) Peter Taaffe: Um mundo socialista é possível - a história do CIT, 31.08.2004 <http://www.socialistworld.net/doc/4779>

673) CIT: Teses no Oriente Médio, dezembro de 2016, <http://workerssocialistparty.co.za/committee-for-a-workers-international/cwi-international-executive-committee-2016/cwi-international-executive-committee-2016-doc-3/>

674) Niall Mulholland: Trump ordena ataques com mísseis contra a base aérea de

- Shayrat, Comitê por uma Internacional dos Trabalhadores, A questão socialista 944, 12 de abril de 2017 [https://www.socialistparty.org.uk/keyword/Committee\\_for\\_a\\_Workers\\_International/Cwi/25244/12-04-2017/attacks-ratchet-up-syrian-conflict-and-fuel-tensions-between-powers](https://www.socialistparty.org.uk/keyword/Committee_for_a_Workers_International/Cwi/25244/12-04-2017/attacks-ratchet-up-syrian-conflict-and-fuel-tensions-between-powers)
- 675) TMI Rússia: Украина и национальный вопрос (Ucrânia e a questão nacional), <http://www.1917.com/XML/E3YCowmZXwKhYk2bWYgKwrZ-IZ4.xml> (nossa tradução)
- 676) Notamos, de passagem, que a rejeição de “fronteiras abertas” sob o pretexto de “posições progressivas” é um fenômeno não limitado ao CIT. Por exemplo, Angela Nagle publicou recentemente um ensaio “O Caso Esquerdo Contra as Fronteiras Abertas”, que foi aplaudido por chauvinistas de direita por razões óbvias. (American Affairs, Volume II, Número 4 (Inverno de 2018), pp. 17-30, <https://americanaffairsjournal.org/2018/11/the-left-case-against-open-borders/>). Alguns grupos como o CWG até conseguem legitimar sua oposição à abertura de fronteiras com argumentos “pseudo-trotskistas”. (Veja neste artigo Michael Pröbsting: Patriótico “Anti-Capitalismo” para os tolos. Mais uma vez sobre o apoio do CWG / LCC ao controle de imigração e controle dos “trabalhadores” nos EUA, 30.5.2017, <https://www.thecommunists.net/theory/cwg-lcc-us-protectionism/>; Michael Pröbsting e Andrew Walton: O slogan do controle de imigração dos trabalhadores: uma concessão ao social-chauvinismo, 27.3.2017, <https://www.thecommunists.net/theory> Michael Pröbsting e Andrew Walton: Uma defesa social-chauvinista do indefensável Outra resposta ao apoio do CWG / LCC ao controle de imigração “dos trabalhadores”, 14.5.2017, <https://www.thecommunists.net/theory/workers-immigration-control/>)
- 677) Partido Socialista: British Perspectives 2013 (Documento do Congresso), [http://www.socialistparty.org.uk/partydoc/British\\_Perspectives\\_2013:\\_a\\_Socialist\\_Party\\_congress\\_document/16413](http://www.socialistparty.org.uk/partydoc/British_Perspectives_2013:_a_Socialist_Party_congress_document/16413)
- 678) Veja neste exemplo Michael Pröbsting: A Esquerda Britânica e o Referendo da UE: As Muitas Faces do Social-Imperialismo pró-Reino Unido ou pró-UE (Capítulo II.2. SPEW / CWI: Os “Socialistas” Patrióticos Ocultos), agosto de 2015, <http://www.thecommunists.net/theory/british-left-and-eu-referendum/>
- 679) Leon Trotsky: Declaração ao congresso antiguerra em Amsterdã (1932), em: Escritos 1932, S. 153
- 680) Alan Woods: Marxismo e o Estado, Tendência Marxista Internacional, dezembro de 2008, <http://www.marxist.com/marxism-and-the-state-part-one.htm>
- 681) Leon Trotsky: A Agonia da Morte do Capitalismo e as Tarefas da Quarta Internacional, p. 200 (ênfase no original)
- 682) Rudolf Klement: Princípios e Táticas na Guerra
- 683) V. I. Lenin: O Terceiro Congresso da Internacional Comunista, Discursos em uma reunião de membros das delegações alemã, polonesa, checoslovaca, húngara e italiana, 11.7.1921, in: LCW vol. 42, p. 325
- 684) Veja por exemplo Michael Pröbsting: Cinco dias que abalaram a Grã-Bretanha, mas não acordaram à esquerda. A falência da esquerda durante a revolta de agosto dos oprimidos na Grã-Bretanha: Suas características, suas raízes e o caminho a seguir, em: Comunismo Revolucionário No. 1, pp. 30-31 (setembro de 2011), <http://www.thecommunists.net/theory/britain-left-and-the-uprising/sp-and-committee-for-a-workers-international>
- 685) Movimento Socialista Russo: Програма (Programa), <http://anticapitalist.ru/programm/> (nossa tradução)
- 686) Movimento Socialista Russo: Социализм и загадка наций (Não às políticas linguísticas imperiais!), 27.06.2016, <http://anticapitalist.ru/2016/06/27/337/>(nossa tradução)



*Parte 5:*

*A tarefa de organizar  
a luta anti-imperialista*

## XXIX: Construindo o Partido Revolucionário Mundial na Era da Rivalidades das Grandes Potências

Ninguém que seja capaz de ver pode negar que o mundo está caminhando para um período de catástrofes e convulsões profundas. A decadência do capitalismo empurra as Grandes Potências - as antigas e as novas - a lutar umas contra as outras e reforçar a exploração dos povos oprimidos. Isto provoca inevitáveis guerras comerciais, tensões diplomáticas e, em última análise, grandes guerras e uma guerra global entre as potências imperialistas. Resulta igualmente no inevitável esmagamento econômico dos países pobres pelas corporações multinacionais, assim como em um número crescente de intervenções militares para assegurar a dominação imperialista.

Tal desenvolvimento não é causado por indivíduos particularmente ruins. Se Trump vier a ser substituído por outra pessoa, os EUA poderão ter um presidente que envie menos mensagens no Twitter e que domine a gramática inglesa. Mas a dinâmica fundamental da política mundial não seria diferente. Pois é o capitalismo em sua decadência, e não os lunáticos individuais, que ameaçam levar o mundo ao abismo.

A salvação não vai *acontecer*. A salvação só pode ser *forçada*. Forçada *contra* os monopólios e governos imperialistas. Forçada pela *poderosa intervenção* da classe trabalhadora e dos povos oprimidos. Uma intervenção que não ocorrerá e que não pode ocorrer espontaneamente, mas que deve ser *planejada e organizada*. Não pode haver plano sem planejadores e organização sem organizadores. Em outras palavras, não pode haver intervenção consciente da classe trabalhadora e dos povos oprimidos sem um partido revolucionário. E nenhum partido revolucionário pode alcançar a existência sem a criação e respectiva construção anteriores de uma organização pré-partidária. [687] Tal partido deve ser capaz de elaborar um programa, uma perspectiva, um plano de luta. A tese explícita da Internacional Comunista não perdeu sua validade: "*O Partido Comunista é a arma principal e fundamental para a emancipação da classe trabalhadora.*" [688]

Leon Trotsky resumiu essa conclusão em 1924 em um de seus documentos fundamentais, *As Lições de Outubro*, com as seguintes palavras incisivas: "*A revolução proletária não pode triunfar sem o Partido, contra o Partido ou através dum sucedâneo dele. Este é o principal ensinamento dos últimos dez anos.*" [689]

Como o capitalismo existe, e só pode existir, como *sistema* mundial, a classe trabalhadora deve se organizar e lutar não apenas no território nacional, mas, simultaneamente, também no terreno internacional. É impossível lutar contra as potências imperialistas na América, Europa e Ásia com uma organização nacionalmente isolada. A centralidade no nacional está sempre errada. Mas isso se torna ainda mais devastador na era da rivalidade entre as Grandes Potências,

quando a classe trabalhadora precisa de uma organização que seja capaz de resistir às inevitáveis pressões nacionais e que possa elevar seu programa acima das fronteiras nacionais e acima de quaisquer interesses centrados no nacional.

Repetimos o que a CCRI já enfatizou muitas vezes: Desde o início, um partido verdadeiramente revolucionário ou organização pré-partidária deve ser uma *formação internacional*. Somente como uma organização internacional podemos desenvolver uma visão verdadeiramente internacionalista, internalizar a experiência internacional e trabalhar como revolucionários internacionalistas. Se um grupo existe por muito tempo como uma organização somente nacional, corre sério perigo de desenvolver uma experiência e uma perspectiva centradas na nação. E isso significa, em última análise, uma experiência e perspectiva não revolucionárias!

Além disso, o caráter internacional do partido corresponde à natureza do programa e da atividade revolucionária. Assim como o programa revolucionário só pode viver, respirar e se desenvolver em uma organização de militantes revolucionários, o programa internacional, bem como o internacionalismo proletário e a solidariedade, só podem existir em uma organização internacional. Sem isso, o centro nacional e, finalmente, os desvios nacionalistas são inevitáveis. Trotsky certa vez observou: *“Políticas marxistas” em um só país “são tão impossíveis quanto a construção de uma sociedade socialista” em um só país.* [690]

Tal concepção é verdadeira tanto para uma organização partidária quanto para uma organização pré-partidária, como explicou Trotsky em numerosos artigos e cartas:

*Desde seus primeiros passos, a Oposição deve, portanto, agir como uma facção internacional - como fizeram os comunistas nos dias da publicação do Manifesto Comunista, ou na Esquerda de Zimmerwald, no início da guerra. Em todos esses casos, os grupos eram, na maior parte, numericamente pequenos ou era uma questão de indivíduos isolados; mas eles, no entanto, agiram como uma organização internacional. Na época do imperialismo, tal posição é cem vezes mais imperativa do que nos dias de Marx.*

*Aqueles que acreditam que a Esquerda Internacional algum dia tomará forma como uma simples soma de grupos nacionais e que, portanto, a unificação internacional pode ser adiada indefinidamente até que os grupos nacionais “cresçam fortes”, atribuem apenas uma importância secundária ao fator internacional por esse motivo entram no caminho do oportunismo nacional.*

*É inegável que cada país tem suas próprias peculiaridades; mas em nossa época essas peculiaridades podem ser testadas e exploradas de maneira revolucionária apenas do ponto de vista internacionalista. Por outro lado, apenas uma organização internacional pode ser portadora de uma ideologia internacional.*

*Alguém pode acreditar seriamente que grupos nacionais opositores isolados, divididos entre si e deixados com seus próprios recursos, são capazes de encontrar o caminho correto por si mesmos? Não, este é um caminho certo para a degeneração nacional, o sectarismo e a ruína. As tarefas enfrentadas pela Oposição Internacional são extremamente difíceis. Só por estarem indissoluvelmente unidos, trabalhando em conjunto respostas*

a todos os problemas atuais, criando sua plataforma internacional, verificando mutuamente cada um dos seus passos, isto é, somente unindo-se em um único órgão internacional, os grupos nacionais da Oposição poderão realizar sua tarefa histórica.” [691]

## Mudanças nas Condições para Construir um Partido Revolucionário Mundial

Alguns críticos podem objetar que as condições para a construção de um partido revolucionário são muito diferentes dos tempos de Lênin. Claro, isto é verdade. Mas é preciso entender *onde exatamente* se situa a diferença. O desenvolvimento das forças produtivas certamente tem consequências importantes para o nível de educação, as habilidades, as tecnologias de comunicação, etc. Hoje, o nível de educação da classe trabalhadora é definitivamente muito maior hoje do que era no passado. Isso torna mais fácil para os revolucionários espalharem sua agitação e propaganda. Ferramentas como a Internet e o smartphone também mudam o modo de comunicação e facilitam muito a colaboração internacional. A matança também se tornou muito mais fácil para os exércitos usando metralhadoras modernas, drones e armas nucleares.

Mas todos esses desenvolvimentos tecnológicos não alteraram a essência do capitalismo e do imperialismo. A exploração da classe trabalhadora continua a existir, assim como a miséria dos camponeses pobres. As armas mudaram, mas o caráter reacionário das guerras imperialistas permaneceu o mesmo.

Isso não é negar que houve mudanças significativas que afetam o trabalho revolucionário. Como já elaboramos em *O Grande Roubo do Sul* e também brevemente neste livro, houve uma mudança significativa na produção capitalista e, consequentemente, da classe trabalhadora internacional desde os tradicionais países imperialistas alcançando a China e o Sul semi-colonial. Isso tem profundas consequências para as prioridades da construção de um Partido Revolucionário Mundial, pois que tal organização deve ter foco nos países onde hoje trabalha e luta 85% do proletariado internacional.

Cem anos atrás, quando  $\frac{3}{4}$  do proletariado mundial estava localizado na Europa e na América do Norte, existia uma certa justificativa de concentrar o trabalho revolucionário nessas regiões. No entanto, mesmo naquela época, os comunistas enfatizavam a importância do trabalho entre as populações dos países colonizados. No entanto, hoje, quando a relação de forças se inverteu e quando mais de  $\frac{4}{5}$  do proletariado mundial está localizado nos novos países imperialistas como a China e a Rússia, assim como no sul semicolonial, sob tais condições consideramos qualquer insistência inversa em concentrar a construção partidária ainda nos antigos estados imperialistas como um retrógrado *primeiro-mundismo*. Esse *primeiro-mundismo* é completamente reacionário e um obstáculo na construção do Partido Revolucionário Mundial!

Outra mudança que deve ser levada em conta é o fato de que os estados imperialistas se tornaram muito mais ricos. Isso significa que a classe dominante ganhou a oportunidade de construir uma superestrutura mais finamente tecida



para integrar e manipular a classe trabalhadora e a juventude. Da mesma forma, seus recursos para subornar e integrar a aristocracia trabalhista aumentaram.

Além disso, podemos observar o seguinte desenvolvimento altamente contraditório: nas últimas décadas da globalização, uma discrepância peculiar emergiu, e respectivamente foi reforçada. Por um lado, o mundo tornou-se “integrado” mais do que nunca - não apenas economicamente, mas também socialmente através do acesso à informação (internet, smartphone, etc.), migrações, viagens, etc. Por outro lado, a desigualdade social também aumentou substancialmente, tanto na relação entre os países, como dentro dos países.

Como resultado dessa combinação, um choque maior entre dois mundos está ocorrendo - entre os países ricos e pobres, entre os estratos superiores e os estratos mais baixos. Uma reflexão da direita desse desenvolvimento é a famosa tese de Samuel Huntington, *“O choque entre civilizações.”* 692 Tal choque empurra a classe média liberal e a aristocracia trabalhista a defender teimosamente seus privilégios contra os “plebeus” nas cidades do interior e nos subúrbios e contra os “bárbaros atrasados” do Sul. Isso encontra sua justificativa ideológica em ideologias como defender o secularismo burguês contra os *“muçulmanos fanáticos”* ou defender as instituições dominadas por *“pessoas instruídas”* contra as *“pessoas ignorantes e falsas manipuladas por notícias”*. É claro que a classe média e a aristocracia trabalhista também estão sofrendo na era da austeridade. Mas em comparação com a grande maioria da classe trabalhadora mundial - com a qual a classe média e a aristocracia trabalhista crescentemente entram em contato - elas ainda são altamente privilegiadas. Essa contradição é intensificada pelo fato de que, enquanto isso, a maior parte do valor capitalista global não é mais criada nos velhos países imperialistas.

Este é um fator importante, embora não o único [693], para a polarização crescente dentro das “assim chamadas” esquerdas nos países imperialistas e para a hostilidade de muitos reformistas e centristas contra as revoltas da juventude imigrante e contra a Revolução Árabe.

Em outras palavras, esses desenvolvimentos reforçam enormemente as tendências ao aristocratismo entre a esquerda reformista e centrista. Isso torna ainda mais urgente que os revolucionários lutem contra o aristocratismo e se orientem aos estratos mais baixos do proletariado e às massas populares no mundo semicolonial.

Finalmente, e mais importante, as forças revolucionárias são muito mais frágeis hoje e a consciência de classe do proletariado é mais atrasada do que era o caso há cem anos atrás. Ao mesmo tempo, a influência da burocracia reformista e das forças populistas pequeno-burguesas aumentou substancialmente.

Reconhecer tal desenvolvimento desvantajoso não equivale a ser pessimista e certamente não justifica o ceticismo e o cinismo tão difundidos entre a chamada esquerda.

Primeiro, não se deve esquecer que os principais fatores para o desenvolvimento da consciência das massas são os desenvolvimentos objetivos das contradições do sistema capitalista, assim como entre as classes e os estados. Em

primeiro lugar, não foi a pequena literatura clandestina dos bolcheviques que galvanizou a consciência dos trabalhadores e camponeses pobres, mas sim suas brutais condições de vida, assim como as guerras de 1904/05, e respectivamente, em 1914-17 - em especial quando a classe dominante sofreu derrotas severas e perdeu seu prestígio. Não pode haver dúvida de que o próximo período está cheio de catástrofes econômicas e ecológicas, crises políticas e desastres militares. Isso proporcionará aos marxistas amplas oportunidades de intervir nas lutas de classes e de explicar aos trabalhadores e oprimidos a necessidade de se organizar com base em um programa revolucionário.

Em segundo lugar, é verdade que os revolucionários de hoje são muito menores em números do que eram há cem anos. Mas a aceleração das contradições entre os estados e entre as classes inevitavelmente enfraquecerá e solapar o aparato reformista e populista e abrirá caminho para os autênticos marxistas. As ideias do social-imperialismo e do pacifismo serão expostas pela política reacionária das Grandes Potências e pela crise política. A linha de internacionalismo da classe trabalhadora baseada na não dependência de todas as Grandes Potências e no apoio a todas as lutas pela libertação ganhará atratividade.

Em nossa opinião, os revolucionários deveriam extrair as seguintes consequências de tal avaliação: a) unir as pequenas forças numa base de princípios é altamente urgente e b) que um novo partido só pode ser construído fundindo nosso programa com as novas camadas das classes operárias e jovens ativistas que estão ganhando experiência nas lutas. Eles podem ainda ser politicamente crus, mas são militantes e abertos a novas ideias. Este é o meio ao qual os revolucionários devem se orientar e com a ajuda deles será construído o Partido Revolucionário Mundial!

## **Orientação para os Novos Setores Militantes da Classe Trabalhadora e da Juventude**

Neste ponto, é útil chamar a atenção para o seguinte problema. Uma das principais linhas de divisão hoje entre o marxismo revolucionário e os vários tons de centrismo é a abordagem em relação as massas politicamente "atrasadas". Tais massas "atrasadas" poderiam ser os trabalhadores e os camponeses pobres fazendo manifestações contra as Grandes potências e contra seus ditadores locais com suas ideologias pequeno-burguesas plenas de inspirações religiosas, tais massas "atrasadas" podem ser um povo oprimido que lutam pela liberdade sob a bandeira do nacionalismo, a juventude migrante nos Banlieues ( bairros de subúrbios) em torno de Paris em 2005, a juventude negra e imigrante em Tottenham em 2011 ou as massas das periferias-urbanas que fazem manifestações em coletes amarelos na França em 2018.

Como já discutimos em numerosas ocasiões, os marxistas devem *apoiar* energeticamente essas lutas - apesar das suas lideranças pequeno-burguesas e apesar de uma consciência politicamente menos desenvolvida das massas. [694] Em contraste com vários centristas que arrogantemente olham por cima as massas

“atrasadas” e que assim preferem se afastar de suas lutas (ou até mesmo apoiar seus inimigos em nome do “secularismo” ou da “segurança pública”!), os revolucionários apoiam de todo o coração e se juntam a essas lutas de libertação dos trabalhadores e oprimidos. Os centristas dizem que tais massas estão irremediavelmente atrasadas e que se deve esperar até que elas evoluam e apenas nessa condição se poderá unir forças com elas. Em contraste, os marxistas insistem em se juntar às massas de combate já, agora, enquanto ainda seguem ideologias equivocadas, mas lutam contra seus opressores e, durante e no meio de tais lutas, os ajudaremos a aprender politicamente e a avançar em suas consciências.

Trotsky resumiu apropriadamente essas diferentes abordagens:

*“No entanto, a posição de Ledebour mesmo sobre essa questão não deixa os limites do centrismo. Ledebour exige que uma batalha seja travada contra a opressão colonial; ele está pronto para votar no parlamento contra os créditos coloniais; ele está pronto para assumir uma defesa destemida das vítimas de uma insurreição colonial esmagada. Mas Ledebour não participará da preparação de uma insurreição colonial. Tal trabalho ele considera golpismo, o aventureirismo bolchevismo. E aí está toda a essência da questão.*

*O que caracteriza o bolchevismo na questão nacional é que, em sua atitude para com as nações oprimidas, mesmo as mais atrasadas, as considera não apenas o objeto, mas também o sujeito da política. O bolchevismo não se limita a reconhecer seu “direito” à autodeterminação e aos protestos parlamentares contra o atropelo desse direito. O bolchevismo penetra no meio das nações oprimidas; levanta-os contra seus opressores; equipara a sua luta com a luta do proletariado nos países capitalistas; instrui os chineses, hindus ou árabes oprimidos na arte da insurreição e assume total responsabilidade por esse trabalho em face dos carrascos civilizados. Aqui o bolchevismo começa, isto é, o marxismo revolucionário em ação. Tudo o que não ultrapassa esse limite permanece centrista.”*

Isso está relacionado à diferença estratégica entre o marxismo e o centrismo, entre o bolchevismo e o menchevismo, sobre a questão em quais setores da massa trabalhadora deve se concentrar na construção partidária. Os mencheviques sempre se orientaram para a intelectualidade e as camadas superiores da classe trabalhadora, enquanto os bolcheviques se orientaram principalmente para as camadas mais baixas da classe trabalhadora (incluindo a juventude). Trotsky resumiu essa abordagem na fórmula bem redigida:

*“A força e o significado do bolchevismo consistem no fato de que apela às massas oprimidas e exploradas e não aos estratos superiores da classe trabalhadora.” [695]*

Essa diferença entre bolchevismo e menchevismo na construção partidária estava relacionada às diferenças nas linhas estratégicas da revolução. Os mencheviques consideravam a burguesia liberal como o aliado central do proletariado no futuro da revolução. Por outro lado, pensavam no campesinato como uma massa conservadora e atrasada que não poderia desempenhar nenhum papel progressivo na luta de classes. Em contraste, os bolcheviques consideravam a burguesia liberal como um inimigo central na luta revolucionária, enquanto viam as massas pobres do campesinato como o aliado mais importante da classe trabalhadora. Lênin resumiu essas diferenças na orientação estratégica como

esta:

*“A experiência da Revolução de 1905 e do subsequente período contra-revolucionário na Rússia nos ensina que em nosso país duas linhas de revolução poderiam ser observadas, no sentido de que havia uma luta entre duas classes - o proletariado e a burguesia liberal — pela liderança das massas. O proletariado avançou de maneira revolucionária e liderava o campesinato democrático em direção à derrubada da monarquia e dos latifundiários. Que o campesinato revelou tendências revolucionárias no sentido democrático foi provado em grande escala por todos os grandes eventos políticos (...) A primeira linha da revolução democrático-burguesa russa, como deduzida dos fatos e não da tagarelice “estratégica” foi marcada por uma luta resoluta do proletariado, que foi irresolutamente seguida pelo campesinato. Ambas as classes lutaram contra a monarquia e os latifundiários. A falta de força e decisão nessas classes levou à sua derrota (embora uma quebra parcial foi conseguida no edifício da autocracia).*

*O comportamento da burguesia liberal era a segunda linha. Nós, bolcheviques, sempre afirmamos, especialmente desde a primavera de 1906, que essa segunda linha era representada pelos cadetes e outubristas como uma única força. A década de 1905-15 provou a exatidão de nossa visão. Nos momentos decisivos da luta, os cadetes, juntamente com os outubristas, traíram a democracia e foram em auxílio do czar e dos latifundiários. (...)*

*Os bolcheviques ajudaram o proletariado a seguir conscientemente a primeira linha, a lutar com suprema coragem e a liderar os camponeses. Os mencheviques estavam constantemente entrando na segunda linha; desmoralizaram o proletariado, adaptando o seu movimento aos liberais (...) Só estas correntes - dos bolcheviques e dos mencheviques - manifestaram-se na política das massas em 1904-08 e, mais tarde, em 1908-14. Por que isso? Foi porque apenas essas correntes tinham raízes firmes de classe - a primeira no proletariado, a segunda na burguesia liberal.” [696]*

Naturalmente, a situação concreta no capitalismo mundial no início do século XXI difere da Rússia há um século. Mas as diferenças básicas na orientação de classe entre o oportunismo e o marxismo permaneceram as mesmas. Os reformistas orientam-se para uma aliança com um setor “progressista” da burguesia, ou com uma Grande Potência opondo-se ao imperialismo dos EUA, ou com a intelectualidade esclarecida, etc. Em contraste, desprezam as massas “primitivas”, as camadas mais baixas “não educadas”, os jovens imigrantes de mentalidade religiosa, o povo “fanático” do Sul gritando “*Allahu akbar*”, etc. Os centristas geralmente os seguem e preferem a companhia dos reformistas, dos “educados” nas universidades e das burocracias dirigentes dos trabalhadores do que aqueles que estão politicamente imaturos, do que a juventude imigrante dos subúrbios.

O bolchevismo do século XXI se opõe categoricamente a qualquer aliança com setores da burguesia imperialista ou com qualquer Grande Potência. Ao mesmo tempo em que aplicam a tática da frente única com as lideranças burocratas dos trabalhadores e acadêmicos progressistas sempre que necessário, a fim de mobilizar as massas, os revolucionários se concentram em trabalhar entre essas massas politicamente “atrasadas”. É impossível construir um partido revolucionário no século 21 sem entender completamente essa questão!

## Reformismo e Centrismo como Obstáculos

A luta contra o imperialismo e a guerra deve basear-se em dois princípios fundamentais e inter-relacionados:

- a) Lutar contra todas as Grandes Potências - tanto no Oriente como no Ocidente;
- b) Apoiar todas as lutas de libertação dos trabalhadores e povos oprimidos contra qualquer Grande Potência ou seu reacionário laicaio.

Sem basear sua política nesses dois princípios inter-relacionados, nenhuma organização pode implementar um programa anti-imperialista consistente. [697]

É evidente, e demonstramos isso em detalhes neste livro, que a luta para unir a classe trabalhadora contra o imperialismo e a guerra não ocorre no vácuo. De fato, o movimento operário oficial é dominado pelos sociais-imperialistas pró-ocidentais e pró-orientais. As várias forças centristas, vacilantes no meio, são prisioneiras de seus fracassos programáticos passados e de sua adaptação oportunista à burocracia reformista.

Assim, a luta de qualquer organização revolucionária para conquistar a vanguarda operária e, através da vanguarda operária, as massas proletárias, está inevitavelmente ligada à luta contra essas forças sociais-imperialistas e sociais-pacifistas.

Os marxistas têm repetidamente enfatizado que a classe dominante não conseguiu sustentar seu domínio por causa de sua força interior, mas por causa do apoio que recebe da burocracia trabalhista. James P. Cannon, o líder histórico do comunismo americano e do trotskismo, afirmou certa vez: *"A força do capitalismo não é em si mesma e suas próprias instituições; só sobrevive porque tem bases de apoio nas organizações dos trabalhadores. Como vemos agora, à luz do que aprendemos com a Revolução Russa e suas conseqüências, os noventa por cento da luta pelo socialismo são a luta contra a influência burguesa nas organizações operárias, incluindo o partido."* [698]

E, de fato, todas as forças sociais-imperialistas pró-ocidentais e pró-ocidentais são agentes de tal influência burguesa, já que elas ajudam esta ou aquela Grande Potência e, por isso, dividem e confundem a classe operária internacional.

Como demonstramos nos capítulos acima, as forças estalinistas, ex-estalinistas e semi-reformistas servem, aberta ou ocultamente, uma ou outra Grande Potência imperialista. Vários centristas são incapazes de compreender o verdadeiro caráter da Rússia e da China e, portanto, não reconhecem a natureza do atual período histórico como sendo de aceleração da rivalidade das Grandes Potências na qual os revolucionários devem lutar contra todos os estados imperialistas. Da mesma forma, muitos deles não apoiam consistentemente as lutas de libertação dos povos oprimidos contra uma ou outra Grande Potência.

É óbvio que essas forças reformistas e centristas são um obstáculo para a luta de libertação da classe trabalhadora internacional. Portanto, a luta para

conquistar a vanguarda dos trabalhadores por um programa anti-imperialista consistente não pode avançar sem a luta enérgica contra a influência dos social-imperialistas e social-pacifistas.

De fato, muitas dessas forças reformistas e centristas se tornaram tão podres que não se pode esperar que elas possam desempenhar algum papel progressivo na luta de classes pela frente. A CCRI considera um erro de vários revolucionários esperar por um tipo de processo de auto-cura de tais forças que estão se adaptando desde anos e décadas à ordem burguesa. Não, o futuro partido da revolução não será construído a partir de fragmentos de partidos reformistas ou centristas, mas das novas camadas militantes emergentes da classe trabalhadora e dos oprimidos. Esses novos elementos brutos fornecerão o material dinâmico e frutífero para construir um partido revolucionário com espírito saudável e dedicação militante à causa da luta de libertação.

Como dissemos acima, a luta *contra* o imperialismo é simultaneamente uma luta pela libertação dos trabalhadores e oprimidos. Uma organização revolucionária não pode travar tal luta como uma luta substituto do proletariado, mas somente com e através de fortes raízes entre as massas proletárias. As numerosas capitulações das forças reformistas e centristas nos países imperialistas à pressão chauvinista estão relacionadas ao seu fracasso em se basearem nas camadas mais baixas da classe trabalhadora, das massas oprimidas, dos imigrantes, das pessoas de diferentes grupos étnicos/raciais, etc. uma organização revolucionária deve esforçar-se para ter uma sociedade e liderança que não seja dominada por intelectuais e aristocratas trabalhistas, mas por ativistas dos estratos mais baixos e oprimidos da classe trabalhadora.

Da mesma forma, uma Internacional revolucionária hoje não deve ter sua base principal nas antigas metrópoles imperialistas na América do Norte e na Europa Ocidental. Em tempos em que a imensa maioria do proletariado mundial no século XXI - cerca de 85% - vive no Sul, ou seja, fora das antigas metrópoles imperialistas, qualquer partido revolucionário mundial deve se concentrar em construir entre essas massas.

Estamos plenamente conscientes de que as forças revolucionárias autênticas de hoje são fracas. Um novo partido mundial da revolução socialista não cairá do céu. Construir tal partido requer um processo mais longo de construção de raízes entre as massas, educação de quadros, testes práticos, etc. mas reconhecer as dificuldades e fraquezas não é motivo de desespero, mas antes um meio de abordar conscientemente os problemas existentes e de ir energicamente ao trabalho!

As palavras de Sêneca, o famoso filósofo romano, não perderam seu significado: *Fata volentem ducunt, nolentem trahunt* (O destino lidera quem quer se deixar guiar, arrasta quem não quer). Sem dúvida, o “destino” (ou seja, as leis da luta de classes) arrastará os revisionistas em um beco sem saída. Contudo, os revolucionários que estão dispostos a lutar e a aprender podem utilizar as próximas crises do capitalismo e as tempestades das lutas de classes para avançar

na construção de um instrumento poderoso para a luta de libertação!  
 Hoje, a CCRI é uma organização pré-partidária comprometida construir um partido mundial. Ainda somos uma pequena organização, mas ao longo dos últimos sete anos conseguimos construir uma organização internacional com seções e grupos fraternos em 18 países em todos os continentes. Entramos em contato com todas as organizações revolucionárias e ativistas em todo o mundo que concordam conosco sobre as questões mais importantes da luta de classes global. Vamos unir forças na construção de um Partido Revolucionário Mundial ! Vamos construir uma organização internacional conjunta que lute contra todas as Grandes Potências - tanto no Oriente quanto no Ocidente - e que apoie todas as lutas de libertação dos trabalhadores e povos oprimidos contra qualquer Grande Potência ou seu laiaio reacionário.

Junte-se a nós nessa luta! Junte-se à CCRI!

### Notas de rodapé

687) Na análise da CCRI sobre o partido revolucionário, ver por exemplo Michael Pröbsting: *Construindo o Partido Revolucionário em Teoria e Prática*. Olhando para trás e depois de 25 anos de luta organizada pelo bolchevismo, Viena 2014, <https://www.the-communists.net/theory/rcit-party-building/>

688) Internacional Comunista: Teses sobre o Papel do Partido Comunista na Revolução Proletária, aprovadas pelo Segundo Congresso Internacional (1920); em: John Riddell (Ed.): *Trabalhadores do mundo e povos oprimidos, unam-se!* (Volume 1), Anais e Documentos do Segundo Congresso da Internacional Comunista, 1920, p. 200

689) Leon Trotsky: *As lições de outubro* (1924); em: Leon Trotsky: *O Desafio da Oposição de Esquerda* (1923-25), Pathfinder Press, New Your 1975, p. 252

690) Leon Trotsky: *Unificando a Oposição de Esquerda* (1930); em: *Escritos 1930*, p. 99

691) Leon Trotsky: *Carta Aberta a Todos os Membros do Leninbund* (1930); em: *Escritos 1930*, pp. 91-92

692) Veja Samuel P. Huntington: *O Choque de Civilizações e a Remanescência da Ordem Mundial*, Simon & Schuster, Nova York 1996

693) Como razões para o fortalecimento dos desenvolvimentos reacionários entre setores significativos do meio reformista e centrista nos velhos países imperialistas deve-se acrescentar a) a crescente rivalidade entre as Grandes Potências e b) as derrotas políticas sofridas pelo movimento operário após 1968 assim como depois do colapso do estalinismo em 1989-91 e que se expressa em seu declínio político, ideológico e organizacional.

694) Veja neste exemplo da CCRI: França: Defenda o movimento “Coletes Amarelos” contra a repressão estatal! 03.12.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/france-defend-the-yellow-vests-movement-against-state-repression/> ; Nina Gunić e Michael Pröbsting: Estes não são “tumultos” - este é um levante dos pobres nas cidades da Grã-Bretanha! A tarefa estratégica: do levante à revolução !, 10.8.2011, <http://www.rkob.net/new-english-language-site-1/uprising-of-the-poor-in-britain/http://www.rkob.net/new-english-language-site-1/uprising-of-the-poor-in-britain/> ; Michael Pröbsting: Grã-Bretanha: “A esquerda” e a Revolta de agosto, 1.9.2011 , <https://www.thecommunists.net/theory/britain-left-and-the-uprising/>

695) Leon Trotsky: *Perspectivas e Tarefas no Oriente*. Discurso no terceiro aniversário da Universidade Comunista dos Trabalhadores do Oriente (21. abril 1924); em: Leon

Trotsky Speaks, Pathfinder 1972, p. 205

696) V. I. Lenin: Sobre as Duas Linhas na Revolução (1915), in: LCW Vol. 21, pp. 416-417

697) Encaminhamos os leitores aos documentos programáticos centrais do RCIT: “O Manifesto Comunista Revolucionário” (2012) e o “Manifesto pela Libertação Revolucionária” (2016). Ambos podem ser lidos on-line ou baixados em nosso site em <https://www.thecommunists.net/rcit-manifest/> e <https://www.thecommunists.net/rcit-program-2016/>.

698) James P. Cannon: E.V. Debs (1956); em: James P. Cannon: Os primeiros dez anos do comunismo americano, Pathfinder Press, New York 1962, p. 270



## **Apêndice: Teses Sobre o Derrotismo Revolucionário nos Estados Imperialistas**

*Resolução do Comitê Executivo Internacional da Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI), 8 de setembro de 2018*

1. A rápida aceleração da rivalidade entre as grandes potências imperialistas (EUA, UE, China, Rússia e Japão), que está sofrendo um agravamento qualitativo com o início da Guerra do Comércio Global, torna o programa do derrotismo revolucionário uma das questões mais importantes para todos os socialistas nos estados imperialistas.

2. O surgimento de novas potências imperialistas (China e Rússia) e a subsequente aceleração da rivalidade entre as Grandes Potências são características-chave do período histórico aberto em 2008, como a CCRI já explicou muitas vezes. Em tal período de crise histórica do capitalismo, as classes dominantes de todos os estados imperialistas lutam por:

- i) Intensificação da exploração da classe trabalhadora;
- ii) Intensificação da opressão e super-exploração dos imigrantes nesses países;
- iii) Intensificação da opressão e superexploração dos países semicoloniais;
- iv) Intensificação de intervenções militares e guerras de agressão no mundo semicolonial sob a hipócrita expressão “*Guerra ao Terror*” (especialmente no Oriente Médio e na África);
- v) Aumentar o uso de guerras comerciais e sanções contra os rivais;
- vi) Aceleração do armamento e propaganda militar contra os rivais (EUA e Japão vs. China, EUA e UE vs. Rússia, etc.).

3. Para estes propósitos, as classes dominantes dos estados imperialistas (representados pelas Administrações de Trump, Putin, Xi, etc) aceleraram massivamente o chauvinismo (entusiasmo excessivo pelo que é nacional, e menosprezo sistemático pelo que é estrangeiro) e o militarismo das Grandes Potências e inevitavelmente continuarão a fazê-lo. Tal belicismo (ou seja, de caráter militarista, chauvinista agressivo) é dirigido contra as Grandes Potências rivais e, principalmente, contra as nações e minorias oprimidas (ou seja, contra as pessoas nos países semicoloniais, bem como os imigrantes e as minorias nacionais nos estados imperialistas).

4. Se a classe trabalhadora não se mobilizar contra os beligerantes imperialistas e, eventualmente, derrubá-los, essas guerras comerciais e ameaças militaristas vão acabar resultando na Terceira Guerra Mundial. Embora isso não seja provável em um futuro próximo, a CCRI alerta a vanguarda dos trabalhadores para que compreendam plenamente os perigos históricos da rivalidade das Grandes Potências e se unam o quanto antes, com base em um programa revolucionário de luta.

5. É da maior importância que os revolucionários dos países imperialistas lutem incondicionalmente contra o chauvinismo e o militarismo imperialistas.

A CCRI se posiciona no programa clássico do nosso movimento, que geralmente foi resumido pela fórmula do *Derrotismo Revolucionário*. Basicamente, isso não significa outra coisa senão a aplicação do programa marxista e os métodos gerais da luta de classes ao terreno da luta anti-chauvinista e antimilitarista. Baseia-se na máxima de que a classe trabalhadora é, por sua própria natureza, uma classe *internacional*. Como tal, os seus interesses contrastam fortemente com os da burguesia imperialista. Assim como os trabalhadores de uma determinada empresa não têm interesses comuns com seu chefe, a classe trabalhadora também não tem interesses comuns com a classe dominante de um estado capitalista. Muito pelo contrário, como os trabalhadores querem enfraquecer, derrotar e finalmente expropriar os proprietários da corporação “deles”, os trabalhadores de um país capitalista desejam enfraquecer, derrotar e finalmente derrubar a classe dominante. (Por isso, historicamente, a categoria “derrotismo” surgiu da posição dos bolcheviques de exigir a derrota da classe dominante nas guerras imperialistas da Rússia.) Por estas razões, os trabalhadores utilizarão todos os conflitos em que seu inimigo de classe está envolvido, a fim de promover seus interesses e fortalecer seu poder de luta.

6. Nos casos de *conflitos entre estados imperialistas*, a CCRI convoca os trabalhadores e as organizações populares em todo o mundo a agir de forma decisiva com base nos princípios da *solidariedade internacional da classe trabalhadora*. Isso significa que eles não devem apoiar nenhum lado. Eles devem recusar-se a ficar do lado da sua própria classe dominante, assim como ao lado do campo imperialista oposto: *Abaixo todas as grandes potências imperialistas - sejam elas os EUA, a UE, o Japão, a China ou a Rússia!* Os socialistas rejeitam totalmente qualquer propaganda chauvinista da classe dominante. Em vez de apoiar sua própria classe dominante, eles propagam uma luta de classes irreconciliável (segundo a famosa frase de Karl Liebknecht na Primeira Guerra Mundial: “*O principal inimigo está em casa*”). Esta estratégia implica no caso da guerra, tal como formulada por Lênin e pelo Partido Bolchevique em 1914, que os revolucionários lutam pela “*transformação da guerra imperialista em guerra civil*”, isto é, o avanço da luta dos proletários pelo poder sob as condições de guerra. guerra. No mesmo espírito, defendemos a transformação da Guerra do Comércio Global em luta de classes política doméstica contra a elite dominante. Tal programa é a única maneira de unir a classe trabalhadora internacional em uma base *internacionalista* e romper qualquer unidade “*patriótica*” de *trabalhadores com a “burguesia imperialista”* deles, bem como com seus lacaios dentro do movimento operário. O programa do derrotismo revolucionário não é um programa que só começa a ser relevante uma vez que a guerra começa (se a gente começar a lutar por de forma atrasada, será tarde demais), mas terá de ser implementada a partir de agora.

7. Mais concretamente, a CCRI chama os socialistas a implementarem as seguintes táticas nos conflitos entre estados imperialistas:

i) Os socialistas opõem-se resolutamente a todas as formas de chauvinismo

imperialista que estão a espalhar o ódio de um povo contra o outro. Esse chauvinismo visa envenenar a consciência do povo trabalhador. Por isso, os socialistas devem lançar uma campanha determinada contra qualquer forma de apoio político ou ideológico para qualquer Grande Potência - seja sua própria burguesia imperialista ou estrangeira.

ii) É dever dos socialistas se oporem a todo tipo de sanções e medidas de guerras comerciais contra rivais imperialistas.

iii) Da mesma forma, os socialistas têm que lutar contra todas as formas de militarismo, de armamento e guerras entre os rivais das Grande Potências.

iv) Onde as organizações da classe trabalhadora têm representantes nos órgãos parlamentares, elas estão obrigadas a votar contra todas essas medidas chauvinistas. No entanto, a área crucial da luta de classes não é o parlamento, mas os locais de trabalho, os bairros, escolas, universidades e quartéis. É naqueles locais que os socialistas devem que distribuir sua propaganda e agitar por ações de luta de classes (por exemplo, manifestações, greves gerais, revoltas etc. - de acordo com as condições e a relação de forças).

v) É da maior importância para os revolucionários defenderem por declarações e atividades conjuntas além das fronteiras, de socialistas, de sindicatos, bem como outros trabalhadores e organizações populares de massas dos respectivos países imperialistas envolvidos no conflito. Tais medidas podem ser um forte e concreto sinal de solidariedade internacionalista da classe trabalhadora!

8. Em casos de *conflitos entre a burguesia imperialista e o povo oprimido*, a CCRI convoca os trabalhadores e organizações populares em todo o mundo a agirem decisivamente no espírito do *internacionalismo revolucionário anti-imperialista e operário*. Devem apoiar *incondicionalmente o povo oprimido contra os agressores imperialistas* e lutar pela derrota desses agressores. Eles devem aplicar a *tática da frente única antiimperialista* - isto significa tomar partido das forças que representam esses povos oprimidos sem dar apoio político às suas respectivas lideranças (geralmente nacionalistas pequeno-burgueses ou islamitas; às vezes até estados burgueses semicoloniais). Os socialistas nos países imperialistas são obrigados a lutar impiedosamente contra os apoiantes social-chauvinistas dos privilégios das Grandes Potências, bem como contra os centristas covardes que se abstêm de apoiar ativamente a luta dos oprimidos. Os socialistas devem apoiar o *patriotismo antiimperialista* dos oprimidos e os ajudam a desenvolver uma consciência socialista e internacionalista. *Somente com base em tal programa* será possível aos socialistas criar as condições para a confiança e unidade dos trabalhadores e camponeses pobres do povo oprimido com os trabalhadores progressistas nos países imperialistas. Somente com tal fundamento será possível unir a classe trabalhadora internacional numa base internacionalista.

9. Isso significa, mais concretamente, que a CCRI defende as seguintes táticas:

i) Nos casos de agressão não militar imperialista contra países semicoloniais

(por exemplo, sanções contra a Coreia do Norte, Irão, Zimbabué, Venezuela etc.), os socialistas devem opor-se a essa agressão e apoiar incondicionalmente as medidas para minar, quebrar e, se possível, eliminar a agressão. Enquanto lutamos por um mundo sem armas nucleares, rejeitamos fortemente qualquer agressão imperialista contra o país semicolonial que possui (ou se esforça para possuir) armas nucleares.

ii) Nos casos de guerras imperialistas e ocupações de países semicoloniais (por exemplo, EUA no Afeganistão desde 2001, no Iraque desde 2003, França no Mali desde 2013, Rússia na Síria desde 2015, o estado israelense ocupando a Palestina), os socialistas chamam pela derrota dos agressores imperialistas e pela vitória militar das forças que representam o povo oprimido. A mesma tática é necessária em casos de agressões por exércitos intermediários (fantoques) a serviço das Grandes Potências (por exemplo, forças da União Africana-UA na Somália, forças do G5 nos países do Sahel na África Ocidental).

iii) Da mesma forma, os socialistas se opõem incondicionalmente à opressão das minorias nacionais e apoiam plenamente o direito de autodeterminação nacional dos povos oprimidos (por exemplo, os chechenos e outros povos caucasianos na Rússia, os uigures e tibetanos na China, a Catalunha na Espanha). Isto significa apoiar todos os seus direitos nacionais, democráticos e culturais, incluindo o direito de ter um estado independente, se assim o desejarem. Da mesma forma, apoiamos o autogoverno local para minorias étnicas, como os ciganos, os nativos americanos nos EUA, etc.

iv) No mesmo espírito, os socialistas defendem os imigrantes e refugiados contra a opressão nacional e a discriminação racista. Essa defesa inclui a luta pela plena igualdade para os imigrantes (uso da língua nativa, direitos dos cidadãos, salários iguais, total solidariedade com os imigrantes muçulmanos contra o racismo islamofóbico, etc.). Também pedimos uma frente única para defender fisicamente os imigrantes e refugiados contra ataques racistas (grupos de autodefesa, etc.). Significa também lutar contra o controle racial da imigração nos Estados imperialistas e defender as “fronteiras abertas” para os refugiados. Exemplos reais para tais questões são as deportações em massa de imigrantes de Trump e sua “proibição muçulmana”, o regime racista Frontex da União Europeia-UE no Mar Mediterrâneo e nos Bálcãs, a discriminação da Rússia contra as pessoas do Cáucaso e da Ásia Central, etc.).

v) O objetivo estratégico é libertar a classe trabalhadora, o povo oprimido, de qualquer domínio das forças burguesas ou pequeno-burguesas e promover sua organização independente. Somente com base em tal independência política e organizacional a classe trabalhadora será capaz de conduzir as outras classes e camadas do povo oprimido à libertação do jugo do imperialismo e do capitalismo.

vi) Para avançar na luta por esses objetivos, os socialistas precisam fazer agitações nos locais de trabalho, nos bairros, nas escolas, nas universidades e nas trincheiras. Eles apoiarão todas as ações práticas que ajudem a avançar a luta dos

oprimidos para derrotar os agressores imperialistas. Tais atividades abrangem todas as formas de luta de classes (por exemplo, manifestações, greves gerais, revoltas, participação em guerras, etc. - de acordo com as condições e a relação de forças). Inclui também ações práticas que sabotem as agressões dos chefes imperialistas (greves seleccionadas contra o maquinário de guerra imperialista, recusa coletiva de trabalho que serve a opressão, ajuda aos refugiados a ultrapassar os muros bárbaros das fortalezas imperialistas, etc.). Além disso, os socialistas deveriam conduzir a agitação política entre os soldados dos exércitos imperialistas, a fim de enfraquecer o controle reacionário dos generais, para promover a deserção em massa, bem como fazer a confraternização com o “inimigo”, etc. Defendemos o direito dos povos oprimidos para obter ajuda militar e material de outros estados (incluindo estados imperialistas), desde que isso não conduza à subordinação política a esses estados. Um exemplo negativo disso é o YGP curdo pequeno-burguês na Síria, que se tornou representante do imperialismo dos EUA. Os trabalhadores nesses estados devem apoiar e não bloquear essa ajuda material para a luta de libertação.

vii) Houve casos raros na história recente em que as Nações Unidas (ou estados individuais) - sob a pressão de movimentos de massas progressistas - formalmente impuseram sanções a países especialmente reacionários (por exemplo, as sanções contra o Estado sul-africano do apartheid antes de 1994). Hoje muitos estados muçulmanos impõem sanções ao estado imperialista de Israel. Apoiamos criticamente as sanções impostas por países semicoloniais, apontando suas limitações. Mas no caso de estados imperialistas impondo tais sanções, estamos conscientes de que estas não são o mesmo que as sanções reacionárias dos estados imperialistas contra rivais ou contra as semi-colônias insubordinadas. No entanto, como marxistas, defendemos sanções dos trabalhadores e populares contra forças reacionárias como o estado sionista. Isso significa ações dos trabalhadores para interromper o comércio e ajuda militar para Israel, boicotar o consumo, etc. Por isso, apoiamos criticamente a campanha do BDS contra Israel, apesar de suas limitações.

viii) Da mesma forma, os revolucionários defendem por declarações e atividades conjuntas transfronteiriças de socialistas, de sindicatos e de outros trabalhadores e organizações populares de massa dos respectivos países imperialistas e semicoloniais.

10. Os dois aspectos fundamentais do *Derrotismo Revolucionário* - (i) a recusa em ficar ao lado de qualquer campo nos conflitos entre as Grandes Potências e (ii) apoio ativo à luta dos povos oprimidos para derrotar os imperialistas - *estão inextricavelmente ligados uns aos outros*. As tensões entre as Grandes Potências baseiam-se, em grande medida, no desejo de cada classe dominante de expandir sua esfera de influência ao sul, à custa de seus rivais. A opressão e a super-exploração do povo oprimido é determinada pelo impulso das Grandes Potências pelo domínio global. A oposição contra as Grandes Potências sem pleno apoio às lutas de libertação do povo oprimido é, na melhor das hipóteses,

“*anti-imperialismo platônico*” ou, no pior dos casos, “*social-imperialismo oculto*”. O apoio a esta ou aquela luta de libertação sem oposição firme contra *todas* as Grandes Potências envolve o risco de se aliar a um campo imperialista contra o outro e, portanto, de transformar uma força de libertação em um substituto para esta ou aquela Grande Potência.

11. A CCRI ressalta o fato de que recentes desenvolvimentos de contradições crescentes entre as Grandes Potências sublinham mais uma vez a verdade básica do marxismo de que o capitalismo em geral e o imperialismo em particular é um sistema *mundial* e só pode existir como tal. Portanto, a resposta socialista à miséria global não é o isolamento nacional - pois é inevitavelmente uma alternativa ilusória, resultando em pobreza e atraso, porque a natureza das forças produtivas modernas é internacional. Não, não estamos nem pela globalização imperialista nem pelo protecionismo imperialista - o caminho a ser seguido é a luta de classes internacional para a criação de uma *economia mundial socialista* e uma *federação mundial de repúblicas de trabalhadores e camponeses*. Tal programa requer um partido mundial, ou seja, uma organização internacional e não grupos nacionais isolados.

12. Disso decorre a urgência de reunir os numerosos movimentos contra este ou aquele ataque neoliberal, contra esta ou aquela guerra, etc., à escala *internacional*. No momento, todos esses movimentos são nacionalmente isolados. Na melhor das hipóteses, existem coordenações regionais. Mas em tempos de Guerras Comerciais Globais, de tensões globais entre as Grandes Potências, de agressões imperialistas em todo o mundo - nesses momentos é decisivo unir os trabalhadores e movimentos populares (incluindo os sindicatos) em um nível internacional. O dia global de ação contra a guerra do Iraque em 15 de fevereiro de 2003, com 15-20 milhões de pessoas participando, o movimento do fórum social mundial, as federações sindicais internacionais são exemplos de que a união internacional é possível. Mas precisamos de unidade internacional que dure mais que um dia, livre de manipuladores burocráticos e livre de libertários com mentes confusas indisciplinadas (tipo anarquistas, etc). *Precisamos de um novo movimento mundial de massa dos trabalhadores, de jovens e povos oprimidos!*

13. A CCRI denuncia o programa de *pacifismo pequeno-burguês*. O pacifismo pequeno-burguês difunde a ilusão de que seria possível superar a agressão imperialista sem a violência dos oprimidos. A história provou o contrário! Além disso, o foco dos pacifistas no simples fim de uma guerra, seja como for, para que a “paz” prevaleça não é de forma alguma progressista. Enquanto tal luta não for combinada com a derrubada revolucionária da burguesia imperialista, tal estratégia significa simplesmente defender a criação das condições pré-guerra da “paz” imperialista, ou seja, as mesmas condições que inevitavelmente levaram à guerra imperialista. Enquanto os revolucionários lutam intransigentemente contra os confusos profissionais pacifistas, eles têm que lidar pedagogicamente com o desejo de paz entre as massas comuns. O slogan da paz pode desempenhar um papel progressista se for integrado a um programa revolucionário de luta anti-militarista.

14. A CCRI chama a atenção para importantes desenvolvimentos sociais nos países imperialistas que ocorreram nas últimas décadas e que têm consequências cruciais para o programa do derrotismo revolucionário. Tais desenvolvimentos são, por um lado, o *aumento massivo da imigração* e, como resultado, a *alta proporção de imigrantes nas metrópoles imperialistas*. Estes imigrantes (incluindo as crianças de segunda e terceira gerações) são *sistematicamente oprimidos e super-explorados como minorias nacionais* e constituem *uma parte significativa da classe trabalhadora* nos países imperialistas. Esses migrantes são, portanto, de importância estratégica para a *construção de um partido operário revolucionário em geral e para a estratégia derrotista revolucionária em particular*. De facto, a política sobre imigrantes e refugiados é a preparação e um teste para cada organização progressista que demonstrará se será capaz de suportar as pressões de uma guerra imperialista. Embora haja alguns alpinistas sociais e colaboradores “super-patriotas” entre os imigrantes, a grande maioria deles tem uma identificação *substancialmente menor com sua nova “pátria” imperialista*, já que eles geralmente vêm de países mais pobres e semicoloniais. Isto é comprovado simbolicamente em cada partida de futebol entre um país imperialista e a pátria original dos imigrantes que vivem no estado imperialista em questão. Nesses casos, os imigrantes estarão sempre do lado entusiasta da sua pátria original e não do país de acolhimento imperialista (por exemplo, Alemanha ou Áustria vs. Turquia; França vs. Argélia, EUA vs. México). Em resumo, os revolucionários lutam pela *transformação do ódio chauvinista contra os imigrantes e da histeria sobre a chamada “crise dos refugiados” na criação da unidade internacional de trabalhadores e oprimidos de diferentes países*. Tal unidade pode ser alcançada com base nas *lutas conjuntas por demandas econômicas e políticas imediatas, pelos direitos democráticos dos imigrantes e pela solidariedade internacional com as lutas de libertação dos trabalhadores e oprimidos ao sul*.

15. Outro desenvolvimento importante do passado recente é que mais de  $\frac{3}{4}$ , isto é, a *grande maioria da classe trabalhadora internacional não está mais nos antigos estados imperialistas* (EUA, Europa Ocidental e Japão), mas nos países semicoloniais assim como na China. Portanto, a luta dos trabalhadores e oprimidos nesses países afeta diretamente a produção global do valor capitalista do qual o padrão de vida nos antigos países imperialistas depende.

16. Por outro lado, os imperialistas têm hoje uma *imensa rede de mídia capitalista* a seu serviço (TV, internet, mídias sociais, jornais gratuitos, etc.) que lhes permite um fluxo constante de manipulações chauvinistas sobre a classe trabalhadora e oprimida. Isto é utilizado com particular efeito para provocar um sentimento na sociedade de estar em permanente perigo de “ataques terroristas” e “ondas de refugiados chegando”. Da mesma forma, a burguesia também utiliza com frequência a mídia monopolizada para apoiar a redução dos direitos sociais e econômicos dos trabalhadores ou até mesmo para apoiar golpes de Estado em países semicoloniais como o Brasil em 2016. No entanto, também é verdade que a massiva disseminação da internet (incluindo mídias sociais) oferece aos trabalhadores e oprimidos oportunidades muito melhores

de trocar informações e mobilizar em escala global. É crucial que os socialistas incentivem a vanguarda dos trabalhadores a utilizar esses meios para avançar as vozes dos oprimidos.

17. Os desenvolvimentos econômicos e sociais das sociedades capitalistas criaram uma situação em que as classes dominantes *dependem mais do apoio político da classe trabalhadora e das massas populares em âmbito doméstico*. Isto levou à situação em que os imperialistas estão determinados a limitar tanto quanto possível as perdas de vidas entre seus exércitos. Isto é provado pelo fato de que os EUA foram forçados a retirar a maior parte de suas tropas do Afeganistão e do Iraque, apesar do fato de que suas perdas foram muito menores do que durante a Guerra do Vietnã ou a Guerra da Coréia de 1950-53. Da mesma forma, Israel perdeu sua guerra contra o Hezbollah no verão de 2006, com apenas 122 soldados mortos (de 30.000 soldados enviados). Em suma, as sociedades imperialistas decadentes, que são estados ladrões, podem absorver *muito menos golpes* do que as pessoas oprimidas que lutam por uma causa justa! Os revolucionários nos estados imperialistas podem utilizar disso para ajudar a luta dos oprimidos, enfraquecendo ainda mais a “moral” chauvinista entre o povo e defendendo a solidariedade internacionalista.

18. A tradição marxista sempre identificou as forças reformistas como *agentes da burguesia dentro do movimento operário e os centristas como oportunisticamente adaptados a esses reformistas*. Por causa do massivo aburguesamento dentro do movimento operário nos antigos países imperialistas, da crescente limitação dos partidos reformistas à aristocracia operária e da orientação primordial da maioria das forças centristas para o mundo pequeno-burguês dos círculos reformistas e acadêmicos - tudo isso resultou em *mais degeneração política* dessas forças em geral e em relação à sua abordagem ao imperialismo em particular.

19. O revisionismo de muitos reformistas e centristas contém as seguintes características:

i) *Recusa em reconhecer a rivalidade das Grandes Potências como uma característica chave do período presente e, relacionado a isto, recusa em reconhecer o caráter imperialista da China e da Rússia* (por exemplo, PSTU / LIT, PTS / FT, UIT, PO / CRFI, FLTI ); o *Partido da Esquerda Européia* de fato rejeita abertamente toda a concepção marxista do imperialismo; organizações como o CIT ou o IMT ocasionalmente reconhecem o caráter imperialista da Rússia e da China, mas não tiram conclusões disso; a maioria dos stalinistas e alguns centristas (por exemplo, PO / CRFI de Altamira, os chamados espartaquistas) até caracterizam a China como um estado “socialista” ou “deformado dos trabalhadores”. Consequentemente, muitas das forças reformistas e centristas se adaptam oportunisticamente às grandes potências ocidentais ou orientais (pró-ocidente e social-imperialismo pró-oriental). Exemplos disso são, entre outros, a posição pró-China do PC sul-africano; o apoio do SYRIZA da Grécia (que faz parte do *Partido da Esquerda Europeia*) a favor das sanções da UE contra a Rússia; o apoio do KPRF de Zyuganov, da UCP de Lakeev ou do RKRP de Tyulkin a favor da Rússia



imperialista na Ucrânia desde 2014; o apoio do PC japonês às reivindicações territoriais de Tóquio contra a China; a adaptação do CIT ao imperialismo ocidental (apoio disfarçado à Grã-Bretanha na Guerra das Malvinas de 1982, apoio ao sionismo, recusa em defender o Iraque ou o Afeganistão contra os EUA / Reino Unido) etc. Também vemos fenômenos de forças reformistas e centristas pregando pseudo-derrotismo que de fato é o *social-chauvinismo invertido*, isto é, a adaptação oportunista às grandes potências que estão em conflito com sua própria burguesia imperialista (exemplos históricos para isso são a posição pró-Aliada dos reformistas e centristas alemães, austríacos e italianos em 1933-45; os stalinistas flertaram com a Alemanha nazista em 1939-41). Hoje vemos vários stalinistas e centristas nos EUA e na Europa Ocidental apoiando o imperialismo russo e chinês. (Como uma nota lateral, chamamos a atenção para o fato de que esse “derrotismo” reacionário também é seguido por vários grupos ultra-reacionários e fascistas na Europa Ocidental, que subscrevem o *eurasianismo* de Dugin e se inclinam para o imperialismo russo.)

ii) *Recusa em apoiar as lutas de libertação nacional e democrática do povo oprimido contra os agressores imperialistas e seus lacaios locais no sul.* Vários stalinistas e centristas até apoiam guerras imperialistas desavergonhadas (por exemplo, o PCF francês apoiando, como partido do governo, as guerras contra a Iugoslávia em 1999 e o Afeganistão em 2001, bem como as intervenções militares em Mali em 2013 e no Iraque em 2014; exemplo é o apoio do KPRF, UCP, RKR e outros stalinistas a favor da guerra da Rússia na Síria). Esses stalinistas e vários centristas também estão do lado de ditaduras pró-imperialistas como Assad na Síria ou General Sisi no Egito (por exemplo, o WWP, PSL, ANSWER nos EUA; CPB, Counterfire e a Coalizão Stop the War (Parem a Guerra) na Inglaterra; Alan Woods IMT e a corrente Morenista LIT elogiou o golpe militar no Egito em julho de 2013 como uma “*Segunda Revolução*”).

iii) *Recusa em apoiar consistentemente a plena igualdade para os migrantes e em lutar por Fronteiras Abertas para refugiados* por quase todos os reformistas e centristas. O SYRIZA da Grécia, como um partido governamental, é totalmente co-responsável pelo ataque imperialista da UE aos refugiados (programa Frontex, etc.). Vários pseudo-socialistas apoiam as lutas social-chauvinistas pela exclusão dos imigrantes do mercado de trabalho (por exemplo, greve dos “*Empregos Britânicos para Trabalhadores Britânicos*” em 2009, apoiada pela burocracia sindical, o PCB stalinista, o centrista CIT e IMT, etc.). Outro exemplo de chauvinismo social é o apoio do PCF à campanha reacionária *Je suis Charlie* para a revista islamofóbica *Charlie Hebdo*, bem como o seu voto no parlamento para a declaração do estado de emergência pelo governo Hollande após o ataque terrorista (ambos em 2015).

20. Em resumo, a CCRI enfatiza a importância crucial do programa do *Derrotismo Revolucionário* para enfrentar os desafios do atual período histórico. Sem tal programa, é impossível para qualquer organização socialista encontrar uma orientação correta em um período marcado pela rápida aceleração da rivalidade entre as Grandes Potências, bem como pela incessante agressão dos

imperialistas e seus lacaios contra a classe trabalhadora e os povos oprimidos. A CCRI convoca todos os combatentes da libertação a juntarem-se a nós na luta pela construção de um *Partido Revolucionário Mundial* - um partido que lute consistentemente pela derrubada global do imperialismo e pela fundação de uma sociedade socialista sem opressão e exploração. Construir um partido mundial como esse requer, entre outras coisas, uma luta intransigente contra todos os social-imperialistas que se adaptem à sua própria Grande Potência ou a qualquer outra; Exige também um recuo sistemático de todos os revisionistas que se recusam a apoiar as lutas do povo oprimido contra as grandes potências e os seus regimes locais ao sul. Sem um partido mundial, é impossível lutar por um programa consistente contra o imperialismo e o militarismo em escala internacional.

21. Naturalmente, a construção de tal partido requer um longo processo de construção de raízes entre as massas, com educação de quadros, testes práticos, etc. Hoje, a CCRI é uma organização pré-partidária comprometida em construir um partido mundial desse tipo. Atualmente, somos apenas os núcleos desse futuro partido mundial. Mas tal partido mundial não cairá do céu por mágica! Ele não pode ser construído apenas em âmbito nacional, pois isso só resultará na criação de organizações centralizadas no país, com todas as inevitáveis deformações políticas. Não, o processo de construção de um partido mundial só pode ocorrer nas trincheiras da luta de classes internacional com base em um programa internacionalista. A CCRI chama todos os revolucionários de todo o mundo para se juntarem a nós nesta tarefa tão importante!

*Trabalhadores e Oprimidos: Lutem contra todas as Grandes Poderes do Oriente e do Ocidente!*

*Pela unidade internacional de luta contra todas as grandes potências - EUA, China, UE, Rússia e Japão!*

*Em Conflitos entre Grandes Poderes: O principal inimigo está em casa! Transformação da Guerra Global do Comércio na Luta de Classes contra a Elite Governante! Transformação da Guerra Imperialista na Guerra Civil Revolucionária!*

*Apoiar todas as Lutas de Libertação dos Trabalhadores e Oprimidos contra qualquer Grande Potência e seus Regimes locais no Sul! Mas nenhum apoio político para as lideranças não-revolucionárias dessas lutas!*

*Pela transformação do ódio chauvinista contra os imigrantes e da histeria sobre a chamada "crise dos refugiados" na criação da unidade internacional dos trabalhadores e oprimidos de diferentes países! Lutar juntos por demandas econômicas e políticas imediatas, pelos direitos democráticos dos imigrantes e pela solidariedade internacional com as Lutas das Libertações dos Trabalhadores e Oprimidos no Sul!*

*Trabalhadores e oprimidos de todos os países, unam-se!*

*Nenhum futuro sem Socialismo! Nenhum Socialismo sem Revolução! Nenhuma revolução sem um Partido Revolucionário Mundial!*

*Seguir em frente na construção da CCRI! Por um novo Partido Mundial da Revolução Socialista!*

## Bibliografia

Many works of Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Illich Lenin, Leon Trotsky and Rosa Luxemburg are available in the internet at [www.marxists.org](http://www.marxists.org).

Abraham Ascher: *The Revolution of 1905*. Vol. 1 and 2, Stanford University Press, Stanford 1992

Agence France-Presse: Chinese companies push out Japan on Fortune Global 500 list, July 9, 2012, <http://www.rawstory.com/rs/2012/07/09/chinese-companies-push-out-japan-on-fortune-global-500-list/>

— Russia says over 63,000 troops have fought in Syria, August 22, 2018, <https://www.yahoo.com/news/russia-says-over-63-000-troops-fought-syria-141424820.html>

Allen, Barbara C.: *Alexander Shlyapnikov, 1885-1937. Life of an Old Bolshevik*, Haymarket Books, Chicago 2015

Allison, Graham T.: *Destined for War: Can America and China Escape Thucydides's Trap?* Houghton Mifflin Harcourt, New York 2017; Graham Allison: *China and Russia: A Strategic Alliance in the Making*, December 14, 2018 <https://nationalinterest.org/feature/china-and-russia-strategic-alliance-making-38727>

— *The Thucydides Trap: Are the U.S. and China Headed for War?* Sep 24, 2015 *The Atlantic*, <https://www.theatlantic.com/international/archive/2015/09/united-states-china-war-thucydides-trap/406756/>

Alvaredo, Facundo, Lucas Chancel, Thomas Piketty, Emmanuel Saez, Gabriel Zucman: *World Inequality Report 2018*

Armstrong, Martin: *World Trade – Who is Really Hurt in the Trade War*, April 7, 2018

Arrighi, Giovanni and Beverly J. Silver: *Chaos and Governance in the Modern World System*, University of Minnesota Press, Minneapolis 1999

Arslanalp, Serkan and Takahiro Tsuda: *Tracking Global Demand for Emerging Market Sovereign Debt*, International Monetary Fund, Working Paper, March 2014

Astrow, W., A. Sleprow, J. Thomas (Eds): *Illustrierte Geschichte der Russischen Revolution 1917* (published in 1928, reprinted by Verlag Neue Kritik, Frankfurt am Main 1970)

Attard, Joe: *US-China trade dispute: Trump's recklessness deepens instability*, 17 May 2018 <https://www.marxist.com/us-china-trade-dispute-trump-s-recklessness-deepens-instability.htm>

Autorenkollektiv: *Studien zur Geschichte der Kommunistischen Internationale*, Dietz Verlag, Berlin 1974

Avrich, Paul: *Russian Rebels, 1600-1800*, Schocken Books, New York 1972

Babones, Salvatore: *American Tianxia, Chinese money, American power, and the end of history*, Policy Press, Bristol 2017

Bachtell, John: *A new era for building socialism with 'Chinese characteristics'*, June 14, 2018, <http://www.cpusa.org/article/a-new-era-for-building-socialism-with-chinese-characteristics/>

Bairoch, Paul and Richard Kozul-Wright: *Globalization Myths: Some Historical Reflections on Integration, Industrialization and Growth in the World Economy*, UNCTAD Discussion Papers No. 113, 1996

Balabanova, Angelica: *Die Zimmerwalder Bewegung 1914–1919*. Hirschfeld, Leipzig 1928

- Barber, John: *Soviet Historians in Crisis, 1928-32*, Macmillan Press, London 1981
- Baron, Samuel H.: Plekhanov, Trotsky and the Development of Soviet Historiography, in: *Soviet Studies*, Vol. 26 (1974), No. 3
- Barmin, Yury: *Russia and Israel: The Middle East vector of relations*, Russian International Affairs Council, Afro-Middle East Centre (AMEC) Briefing No. 13/2018 10 November 2018
- Bassin, Mark: *Imperialier Raum / Nationaler Raum*, in: *Geschichte und Gesellschaft* Vol. 28 (2002)
- Batsaikhan, Uuriintuya, Zsolt Darvas and Inês Gonçalves Raposo: *People on the move: migration and mobility in the European Union*, Bruegel Blueprint Series Volume XXVIII, Bruegel, Brussels 2018
- Battilossi, Stefano: *The Determinants of Multinational Banking during the First Globalization, 1870-1914*, Working Papers 114, Oesterreichische Nationalbank (Austrian Central Bank), 2006
- Bayerlein, Bernhard H.: *Der Verräter, Stalin, bist Du! Vom Ende der linken Solidarität 1939-1941. Komintern und kommunistische Parteien im Zweiten Weltkrieg*, Aufbau Verlag, Berlin 2009
- BBC: Xi Jinping: 'Time for China to take centre stage', 18 October 2017, <http://www.bbc.com/news/world-asia-china-41647872>
- Behrendt, Lutz-Dieter: M.N. Pokrovskij als Historiker der Großen Sozialistischen Oktoberrevolution, in: *Jahrbuch für Geschichte der sozialistischen Länder Europas*, Jg. 22, Berlin 1978
- Beiträge zur Marx-Engels-Forschung: David Borisovič Rjazanov und die erste MEGA. Beiträge zur Marx-Engels-Forschung. Neue Folge. Sonderband 1. Argument, Hamburg 1996
- Biffel, Gudrun: *Die Zuwanderung von Ausländern nach Österreich. Kosten-Nutzen-Überlegungen und Fragen der Sozialtransfers* (1997), WIFO
- Bishop, Bill: China wants to reshape the global order, in: *Axios China*, Jan 19, 2018, [https://www.axios.com/chinas-growing-global-aspirations-in-the-xi-jinping-era-1516305566-aa5be206-c156-4313-8229-cfa88af9b75a.html?utm\\_source=newsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=&stream=top-stories](https://www.axios.com/chinas-growing-global-aspirations-in-the-xi-jinping-era-1516305566-aa5be206-c156-4313-8229-cfa88af9b75a.html?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=&stream=top-stories)
- Bisovsky, Gerhard, Hans Schafranek und Robert Streibel (Ed.): *Der Hitler-Stalin-Pakt*, Verlag: Picus Verlag, 1990
- Blanco, Roberto Mansilla: *Russia in Latin America: Geopolitics and pragmatism*, November 28, 2018 <https://theglobalamericans.org/2018/11/russia-in-latin-america-geopolitics-and-pragmatism/>
- Bloomberg: *China Built a Global Economy in 40 Years. Now It Has a New Plan*, 16 December 2018, <https://www.bloomberg.com/news/features/2018-12-15/president-xi-jinping-s-next-moves-dictate-china-s-economic-future?srnd=premium-europe>
- Bond, Patrick: *BRICS and the tendency to sub-imperialism*, 2014-04-10, Pambazuka, Issue 673, <http://www.pambazuka.org/en/category/features/91303>
- \_\_\_\_\_ and Ana Garcia (Eds.): *BRICS – An Anti-Capitalist Critique*, Pluto Press, London 2015; Patrick Bond: *Towards a Broader Theory of Imperialism*, 2018-04-19, <http://roape.net/2018/04/18/towards-a-broader-theory-of-imperialism/>
- Bonham, Max: *On the Escalating Greek-Turkish Tensions*, Internationalist Socialist League (RCIT Section in Israel/Occupied Palestine), 30 April 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/escalating-greek-turkish-tensions/>
- Bonwetsch, Bernd: *Das ausländische Kapital in Rußland*, in: *Jahrbücher für Geschichte Osteuropas*, Vol. 22 (1974)

- Boston Consulting Group: The Global Workforce Crisis: \$10 Trillion at Risk, BCG Report, June 2014
- Boyd, Alan: Why the Quad can't get it together, November 20, 2018 <http://www.atimes.com/article/why-the-quad-cant-get-it-together/>
- Brar, Joti: The Drive to War Against Russia and China, CPGB(ML), Shakun Printers, Shahdara 2017
- Brenner, Richard, Michael Pröbsting, Keith Spencer: The Credit Crunch - A Marxist Analysis, London 2008
- Brügel, J.W.: Stalin und Hitler. Europaverlag, Wien 1973
- Buber-Neumann, Margarete: Als Gefangene bei Stalin und Hitler, Seewald Verlag, Stuttgart 1985
- Budd, Adrian: Rulers make ready for discontent, Socialist Review, Issue: October 2018 <http://socialistreview.org.uk/439/rulers-make-ready-discontent>
- \_\_\_ China: New strains on state capitalism, Socialist Review, Issue: May 2018, <http://socialistreview.org.uk/435/china-new-strains-state-capitalism>
- Bukharin, Nikolai: Toward a Theory of the Imperialist State (1915), in: Robert V. Daniel: A Documentary History of Communism, Vol. 1, Vintage Russian Library, Vintage Books, New York 1960, <https://www.marxists.org/archive/bukharin/works/1915/state.htm>
- \_\_\_ Ökonomik der Transformationsperiode. Mit Randbemerkungen von Lenin, Dietz Verlag, Berlin 1990
- \_\_\_ and Evgenii Preobrazhensky: The ABC of Communism (1920), published by the Communist Party of Great Britain, 1922
- Burkhard, Bud: D. B. Rjazanov and the Marx-Engels Institute: Notes toward further Research, in: Studies in Soviet Thought 30 (1985)
- Burnham, James: (John West): War and the Workers (1936), Workers Party Pamphlet, <https://www.marxists.org/history/etol/writers/burnham/1936/war/index.htm>
- \_\_\_ How to fight war – Isolation, Collective Security, Relentless Class Struggle? (1938), SWP Pamphlet
- Buzgalin, Alexander: «Российский капитал не пустили на рынки – и он начал драть-ся», 16.03.2018, <https://www.business-gazeta.ru/article/382298>
- \_\_\_ Why Does the West Hate Putin? – RAI with A. Buzgalin (10/12), July 25, 2018, <https://therealnews.com/stories/why-does-the-west-hate-putin-rai-with-a-buzgalin-10-12>
- Byrnes, Robert F.: Creating the Soviet Historical Profession, 1917-1934, in: Slavic Review, Vol. 50 (1991), No. 2
- Callinicos, Alex: Marxism and Imperialism today, in: A. Callinicos, J. Rees, C Harman & M. Haynes: Marxism and the New Imperialism, London 1994
- \_\_\_ Trump's trade war means chaos for the ruling class, 6 Mar 2018, Socialist Worker, Issue No. 2594 <https://socialistworker.co.uk/art/46224/Trumps+trade+war+means+chaos+for+the+ruling+class>
- \_\_\_ Trump gets serious, International Socialist Journal, Issue: 158 (2018), <http://isj.org.uk/trump-gets-serious/>
- \_\_\_ Darkening prospects, International Socialist Journal, Issue: 159 (2018), <http://isj.org.uk/darkening-prospects/>
- \_\_\_ The global trade war hasn't been resolved, 31 Jul 2018, Socialist Worker, Issue No. 2615, <https://socialistworker.co.uk/art/46986/The+global+trade+war+hasnt+been+resolved>
- Cannon, James P.: E.V. Debs (1956); in: James P. Cannon: The First Ten Years of American Communism, Pathfinder Press, New York 1962

- China Labour Bulletin: Migrant workers in China, 6 June, 2008, <http://www.clb.org.hk/en/node/100259>
- Chu, Daye and Zhang Dan: Results underpin economy amid downward pressure, *Global Times* 2019/1/17 <http://www.globaltimes.cn/content/1136176.shtml>
- Cinatti, Claudia: The Geopolitics of the Civil War in Syria, September 14, 2016, <http://www.leftvoice.org/The-Geopolitics-of-the-Civil-War-in-Syria>
- Clarke, Renfrey and Roger Annis: The myth of 'Russian imperialism': In defense of Lenin's analyses, *Links International Journal of Socialist Renewal*, February 29, 2016, <http://links.org.au/node/4629>
- Clausewitz, Carl von: *Vom Kriege* (1832), Hamburg 1963; in English: Carl von Clausewitz: *On War*, <http://www.gutenberg.org/files/1946/1946-h/1946-h.htm>
- Cohen, Michael, Samer Al-Atrush, Henry Meyer, and Margaret Talev: America's Moment of Truth in Africa: It's Losing Out to China, 14. Dezember 2018, <https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-12-14/-1-billion-a-month-the-cost-of-trump-s-tariffs-on-technology>
- Cohen, Stephen F.: *Soviet fates and lost alternatives: from Stalinism to the new Cold War*; Columbia University Press 2009
- Committee for a Workers International: *World Perspectives - New Period of Instability and Revolutions*, Thesis of the European Bureau of the CWI, May 6, 2011, <http://www.socialistalternative.org/news/article11.php?id=1590>
- \_\_\_ *World perspectives*, Thesis for the International Executive Committee (IEC) of the CWI 2013, 22/11/2013, <http://www.socialistworld.net/doc/6565>;
- \_\_\_ *World Perspectives: A turbulent period in history*, International Secretariat of the CWI, 27 November 2014 <http://www.socialistworld.net/index.php/other-topics/activities/6995-World-Perspectives--A-turbulent-period-in-history>
- \_\_\_ *CWI World Congress 2016 World Perspectives*, <http://www.socialistworld.net/index.php/other-topics/activities/7517-11th-CWI-World-Congress--World-Perspectives>
- \_\_\_ *Theses on Middle East*, December 2016, <http://workerssocialistparty.co.za/committee-for-a-workers-international/cwi-international-executive-committee-2016/cwi-international-executive-committee-2016-doc-3/>
- \_\_\_ *World Perspectives*, 08 December 2017, CWI International Executive Committee, <http://www.socialistworld.net/index.php/theory-analysis/9544-cwi-world-perspectives>
- Communist International: *A Manifesto to the Peoples of the East*, issued by the Congress of the Peoples of the East, Baku 1920, in: *Baku: Congress of the Peoples of the East*, New Park Publication 1977, online: [http://www.marxists.org/subject/arab-world/documents/ppls\\_of\\_east.htm](http://www.marxists.org/subject/arab-world/documents/ppls_of_east.htm)
- \_\_\_ *Theses on the Role of the Communist Party in the Proletarian Revolution*, approved by the Second Comintern Congress (1920); in: John Riddell (Ed.): *Workers of the World and Oppressed Peoples, Unite!* (Volume 1), *Proceedings and Documents of the Second Congress of the Communist International*, 1920
- \_\_\_ *Theses on the Fight against the War Danger* (1922), in: Jane Degras: *The Communist International 1919-1943. Documents Volume I 1919-1922*
- \_\_\_ *Theses on the Eastern Question*, Fourth Congress of the Communist International, December 1922, in: Jane Degras: *The Communist International 1919-1943. Documents. Volume I 1919-1922*, <http://marxists.org/history/international/comintern/4th-congress/eastern-question.htm>
- Communist Party of Great Britain (Marxist-Leninist): *Syria advances to liberation. The Syrian people are standing firm against all the plots and intrigues by which impe-*

- rialism hopes to cheat them of their victory, 10 July 2018, <https://www.cpgb-ml.org/2018/07/10/news/syria-advances-to-liberation/>
- Beware the drive to WW3 with Russia and China, Party statement of the CPG-B(ML) 8<sup>th</sup> Congress, 21 November 2018 <https://www.cpgb-ml.org/2018/11/21/news/beware-the-drive-to-ww3-with-russia-and-china/>
- US imperialism losing the plot in Syria. The imperialists are raging as strong diplomacy combined with military advances edge the Syrian people ever closer to their final victory, 9 December 2018, <https://www.cpgb-ml.org/2018/12/09/news/us-imperialism-losing-the-plot-in-syria-war/>
- Communist Party of Greece: Programme of the KKE, adopted at the 19th Congress of the KKE, 11-14 April 2013, <http://inter.kke.gr/en/articles/Programme-of-the-KKE/>
- The danger of the imperialist war and the stance of the Communists, Theses of the Communist Party of Greece (KKE) at the 12th International Conference “V.I. Lenin and the Contemporary World”, 20.04.2018, <https://inter.kke.gr/en/articles/THESES-OF-THE-COMMUNIST-PARTY-OF-GREECE-KKE-AT-THE-12TH-INTERNATIONAL-CONFERENCE-V.I-LENIN-AND-THE-CONTEMPORARY-WORLD/>
- On the agreement between Greece-FYROM, 14/6/2018, Press Office of the CC of the KKE, <http://www.solidnet.org/article/CP-of-Greece-On-the-agreement-between-Greece-FYROM/>
- Kommounistiki Epitheorisi (No. 2, 2018), quoted in SL: For a Socialist Federation of the Balkans! Greece: Chauvinist Frenzy over Macedonia, Part One, Workers Vanguard No. 1142, 19 October 2018, <https://www.icl-fi.org/english/wv/1142/macedonia.html>
- Communist Party of the Russian Federation: Party Programme (2008), <https://kprf.ru/party/program>
- Condemnation of the bombing of Syria by the USA, United Kingdom and France, 17 April 2018, <http://www.solidnet.org/portugal-portuguese-communist-party/portuguese-cp-condemnation-of-the-bombing-of-syria-by-the-usa-united-kingdom-and-france-en-fr-es-pt>
- Constitution of the People’s Republic of China, [http://www.npc.gov.cn/englishnpc/Constitution/2007-11/15/content\\_1372963.htm](http://www.npc.gov.cn/englishnpc/Constitution/2007-11/15/content_1372963.htm)
- Conte, Gregory and Richard Spencer: Stay Out Of Syria, April 14, 2018 <https://national-policy.institute/2018/04/14/stay-out-of-syria/>
- Coordinating Committee for the Refoundation of the Fourth International: Draft of programmatic thesis for the Congress for the Refoundation of the IV International, 2004, <http://www.progettocomunista.it/04BairesTesiProgrammaticheing.htm>
- Emergency Euro-Mediterranean Encounter Final Resolution: Fight imperialism and war with the international socialist revolution! Forward to the revolutionary International! Eretria, Greece, 25 July 2018, <http://redmed.org/article/emergency-euro-mediterranean-encounter-final-resolution-fight-imperialism-and-war>.
- CoReP: Down with the French imperialist intervention in Mali, <http://www.revolucion-socialiste.info/CoRePCCItMaliEV.htm>
- The Liaison Committee of Centrists capitulates in front of Islamism, 2 October 2016, <http://www.revolucionpermanente.com/english/?p=250>
- Craipeau, Yvan: Swimming Against the Stream. Trotskyists in German Occupied France, Merlin Press, Pontypool 2013
- Crawford, Neta C.: Human Cost of the Post-9/11 Wars: Lethality and the Need for Transparency, November 2018, Watson Institute for International and Public Affairs at the Brown University
- Credit Suisse Research Institute: Global Wealth Report 2013
- Getting over Globalization, 2017

- \_\_\_\_ Global Wealth Databook 2018, October 2018
- Crouzet, François: A History of the European Economy, 1000–2000, University Press of Virginia, 2001
- Cuba Congratulates China on Communist Party Congress, 18 October 2017 <https://www.telesurvtv.net/english/news/Cuba-Congratulates-China-on-Communist-Party-Congress-20171018-0029.html>
- Демидова Светлана Евгеньевна Особенности индикативного планирования в России // Вестник Псковского государственного университета. Серия: Экономика. Право. Управление. 2016. №3. URL: <https://cyberleninka.ru/article/n/osobnosti-indikativnogo-planirovaniya-v-rossii>
- Дневник комбрига. Алексей Мозговой, 22.06.2016, <http://rusdozor.ru/2016/06/22/dnevnik-kombriga-aleksej-mozgovoj/>
- Доходы Москвы от мигрантов превысили налоги с нефтяных компаний, 6.8.2016, [https://lenta.ru/news/2016/08/06/migrants\\_pay/](https://lenta.ru/news/2016/08/06/migrants_pay/)
- Dahlmann, Dittmar: Zwischen Europa und Asien. Russischer Imperialismus im 19. Jahrhundert, in: Wolfgang Reinhard (Ed): Imperialistische Kontinuität und nationale Ungeduld im 19. Jahrhundert, Fischer Taschenbuch Verlag, Frankfurt a.M. 1991
- Danos, Jaques, Marcel Gibelin: Die Volksfront in Frankreich. Generalstreik und Linksergierung im Juni '36, Junius Verlag, Hamburg 1982
- Dalvit, Paolo: Die Außenpolitik im Klassenkampf. Die Position von Marx und Engels zum Krimkrieg, in: Marx und Russland. Beiträge zur Marx-Engels-Forschung Neue Folge 2012, Argument, Hamburg 2014
- Dao, Mai Chi, Mitali Das, Zsoka Koczan, Weicheng Lian: Why is Labor Receiving a Smaller Share of Global Income? Theory and Empirical Evidence. IMF Working Paper, July 2017
- Davis, Donald E. and Walter S.G. Kohn: Lenin on Clausewitz, in: Soviet Armed Forces Review Annual, Vol. I, Academic International Press, 1977, Gulf Breeze, Florida
- Day, Richard B., Daniel F. Gaido (Eds): Discovering Imperialism: Social Democracy to World War I, Historical Materialism Book Series Vol. 33, Leiden 2012
- Deborin, Abram: Lenin als revolutionärer Dialektiker (1925); in: Nikolai Bucharin/Abram Deborin: Kontroversen über dialektischen und mechanistischen Materialismus, Frankfurt a.M. 1974
- Dessein, Bart: Faith and Politics: (New) Confucianism as Civil Religion, in: Asian Studies II (XVIII), 1 (2014)
- Dicken, Peter: Global Shift. Mapping The Changing Contours Of The World Economy (Sixth Edition), The Guilford Press, New York 2011
- Dimitroff, Georgi: The United Front. The Struggle Against Fascism and War, Proletarian Publishers, San Francisco 1975
- Djagalov, Rossen: We Asked: Geopolitics and the Left (Part I: Russia & the West), Left-East April 19 2018, <http://www.criticatac.ro/lefteast/we-asked-rusia-and-the-west/>
- Dölek, Levent: The Character of War in 21st Century: Are China and Russia a target or a side of the war? In: World Revolution / Revolución Mundial Issue 1 (Autumn 2018)
- Dollar, David: China's Rebalancing: Lessons from East Asian Economic History, The Brookings Institution, Working Paper Series, October 2013
- Donnert, Erich: Pokrovskijs Stellung in der sowjetischen Geschichtswissenschaft, in: Jahrbuch für Geschichte der sozialistischen Länder Europas, Jg. 7, Berlin 1963
- Draper, Hal: The Myth of Lenin's "Revolutionary Defeatism (1953/54), <http://www.marxists.org/archive/draper/1953/defeat/index.htm>
- Dugin, Aleksandr: The Fourth Political Theory, Arktos, Eurasian Movement, London



2012

- \_\_\_\_ Putin vs Putin – Vladimir Putin Viewed from the Right, Arktos, London 2014
- \_\_\_\_ Eurasian Mission: An Introduction to Neo-Eurasianism, Arktos, London 2014
- \_\_\_\_ Last War of the World-Island – The Geopolitics of Contemporary Russia, Arktos, London 2015
- Dunlop, John: Russia Confronts Chechnya. Roots of a Separatist Conflict, Cambridge University Press 1998
- Dzarasov, Ruslan: The Conundrum of Russian Capitalism. The Post-Soviet Economy in the World System, Pluto Press, London 2014
- Екатерина Коростиченко: «Изучение татарского превращается в муку для родителей», 8 сентября 2017, <https://vz.ru/society/2017/9/8/886257.html>
- Eastspring Investments: Trade and Tariffs, Lessons from History, 2018
- Economy, Elizabeth: The Third Revolution. Xi Jinping and the New Chinese State, Council on Foreign Relations, Oxford University Press, New York 2018
- Engdahl, William F: Target: China. How Washington and Wall Street Plan to Cage the Asian Dragon, Progressive Press, 2014
- \_\_\_\_ The Lost Hegemon. Who the Gods Would Destroy, mineBooks, Wiesbaden 2016
- \_\_\_\_ The Eurasian Century Is NOW Unstoppable, October 7, 2016, <http://www.4thmedia.org/2016/10/the-eurasian-century-is-now-unstoppable/>
- \_\_\_\_ Transformational Projects in Eurasia Land Space, 2016-09-10, <http://journal-neo.org/2016/09/10/transformational-projects-in-eurasia-land-space-3/>
- Eiermann, Karin-Irene: The Russian Concession in Wuhan (1896-1925) - Imperialism and Great Power Rivalry, in: COMPARATIV Vol. 15 (2005), No. 5/6
- Engels, Friedrich: The European War (1854), in: MECW 12
- \_\_\_\_ The Origin of the Family, Private Property and the State. In the Light of the Researches by Lewis H. Morgan (1884), in: MECW Vol. 26
- \_\_\_\_ Letter to Joseph Bloch (1890); in: MECW Vol. 49
- Enteen, George M.: Marxists versus Non-Marxists: Soviet Historiography in the 1920s, in: Slavic Review, Vol. 35 (1976), No. 1
- \_\_\_\_ Soviet Historians review their own Past: The Rehabilitation of Pokrovsky, in: Soviet Studies, Vol. 20 (1969), No. 3
- \_\_\_\_ The Soviet Scholar-Bureaucrat: M. N. Pokrovskii and the Society of Marxist Historians, Pennsylvania State University 1978
- \_\_\_\_ and Tatiana Gorn, and Cheryl Kern: Soviet Historians and the Study of Russian Imperialism, The Pennsylvania State University Press, 1979
- Escobar, Pepe: Liquid War Across Eurasia and the Asia-Pacific: Postcard from Pipelineistan, in: The Asia-Pacific Journal, Vol 21, May 23, 2009, <http://www.japanfocus.org/-Pepe-Escobar/3149/article.html>
- \_\_\_\_ The Geopolitical Earthquakes Reshaping Eurasia's Economy, May 19, 2014, <http://www.thenation.com/article/179916/geopolitical-earthquakes-reshaping-urias-economy>
- \_\_\_\_ Empire of Chaos. The Roving Eye Collection, Vol.1, Nimble Books 2014
- \_\_\_\_ What the BRICS plus Germany are really up to? February 27, 2015 <http://rt.com/op-edge/236219-russia-china-germany-trade-axis/>
- \_\_\_\_ The Eurasian Big Bang. How China and Russia Are Running Rings Around Washington, 23.7.2015, [http://www.huffingtonpost.com/pepe-escobar/the-eurasian-big-bang\\_b\\_7856614.html](http://www.huffingtonpost.com/pepe-escobar/the-eurasian-big-bang_b_7856614.html)
- \_\_\_\_ The Pivot to Eurasia, July 23, 2015, [http://www.tomdispatch.com/post/176026/tomgram%3A\\_pepe\\_escobar%2C\\_the\\_pivot\\_to\\_urasia/](http://www.tomdispatch.com/post/176026/tomgram%3A_pepe_escobar%2C_the_pivot_to_urasia/)
- \_\_\_\_ Eagle-meets-Bear and the Syria tug-of-war, July 5, 2018 <http://www.atimes.com/>

[article/eagle-meets-bear-and-the-syria-tug-of-war/](#)

- \_\_\_\_ Tariffs 'kick off 50-year trade war' with China; July 6, 2018 <http://www.atimes.com/article/tariffs-kick-off-50-year-trade-war-with-china/>
- \_\_\_\_ Trump, NATO and 'Russian aggression', July 13, 2018 <http://www.atimes.com/article/trump-nato-and-russian-aggression/>
- \_\_\_\_ Here's the real reason the US must talk to Russia, July 21, 2018 <http://www.atimes.com/article/heres-the-real-reason-the-us-must-talk-to-russia/>
- \_\_\_\_ How BRICS Plus clashes with the US economic war on Iran, July 28, 2018 <http://www.atimes.com/article/how-brics-plus-clashes-with-the-us-economic-war-on-iran/>
- \_\_\_\_ Economic war on Iran is war on Eurasia integration, August 14, 2018 <http://www.atimes.com/article/economic-war-on-iran-is-war-on-eurasia-integration/>
- \_\_\_\_ Here comes the 30-year trade war; September 23, 2018 <http://www.atimes.com/article/here-comes-the-30-year-trade-war/>
- \_\_\_\_ Pepe Escobar: Welcome to the G-20 from Hell, October 14, 2018 <http://www.atimes.com/article/welcome-to-the-g-20-from-hell/>
- \_\_\_\_ How the New Silk Roads are merging into Greater Eurasia, December 13, 2018 <http://www.atimes.com/article/how-the-new-silk-roads-are-merging-into-greater-eurasia/>
- \_\_\_\_ Chinese scholar offers insight into Beijing's strategic mindset. Essay by security expert Professor Zhang Wenmu gives a glimpse of China's geostrategic outlook, from the 'Western Pacific Chinese Sea' to the far side of the moon, January 5, 2019 <http://www.atimes.com/article/chinese-scholar-offers-insight-into-beijings-strategic-mindset/>
- \_\_\_\_ All under Heaven, China's challenge to the Westphalian system. Beijing is tweaking the rules of the Western order to reflect its revitalized geopolitical and economic power, but some Americans see this as a threat to their way of life, January 10, 2019 <http://www.atimes.com/article/all-under-heaven-chinas-challenge-to-the-westphalian-system/>
- Eurasia Group: Top Risks 2018
- Ex-Separatist Leader Launches Party Aimed at Restoring Russia's Empire, <https://web.archive.org/web/20160602041435/http://georgiatoday.ge/news/3927/Ex-Separatist-Leader-Launches-Party-Aimed-at-Restoring-Russia%E2%80%99s-Empire>
- Faiola, Anthony and Karen DeYoung: In Venezuela, Russia pockets key energy assets in exchange for cash bailouts, Washington Post, December 24, 2018, [https://www.washingtonpost.com/world/national-security/in-venezuela-russia-pockets-key-energy-assets-in-exchange-for-cash-bailouts/2018/12/20/da458db6-f403-11e8-80d0-f7e1948d55f4\\_story.html?noredirect=on&utm\\_term=.4c57edeb1009](https://www.washingtonpost.com/world/national-security/in-venezuela-russia-pockets-key-energy-assets-in-exchange-for-cash-bailouts/2018/12/20/da458db6-f403-11e8-80d0-f7e1948d55f4_story.html?noredirect=on&utm_term=.4c57edeb1009)
- Falletti, Sebastian: US trade war raises the specter of new Cold War, December 25, 2018 <http://www.atimes.com/article/us-trade-war-raises-the-specter-of-new-cold-war/>
- Ferre, Juan Cruz: 21st Century Economic Nationalism, March 26, 2018 <http://www.left-voice.org/21st-Century-Economic-Nationalism>
- Fickling, David: Globalists Will Love Trump's New Nafta Deal. Despite the fanfare, the agreement doesn't change much. 1. Oktober 2018, <https://www.bloomberg.com/view/articles/2018-10-01/globalists-will-love-trump-s-new-nafta-deal?srnd=premium-europe>
- Financial Times: Fortunes of Nigeria's banks tied to the oil price, 20.11.2018, <https://www.ft.com/content/370057c8-c71f-11e8-86e6-19f5b7134d1c>
- Fisher, Olga Hess, H.H. Gankin: The Bolsheviks and the World War; the Origin of the Third International, Stanford University Press, Stanford 1940

- Flemming, William: The Deportation of the Chechen and Ingush Peoples: A Critical Examination, in: Ben Fowkes (Ed.): Russia and Chechnia: The Permanent Crisis. Essays on Russo-Chechen Relations, Macmillan Press Ltd 1998
- Forbes Global 2000 List (2017), <https://www.forbes.com/global2000/list/45/#tab:overall>
- Fortune: Fortune Global 500 List 2018: See Who Made It, <http://fortune.com/global500/list/>
- Fourth International: The Evolution of the Comintern. Resolution of the First Conference for the Fourth International in July 1936, in: Documents of the Fourth International, New York 1973
- \_\_\_\_ A Manifesto against Imperialist War! The Executive Committee of the Fourth International (World Party of the Socialist Revolution) September 1938, in: Documents of the Fourth International, New York 1973
- \_\_\_\_ Imperialist War And The Proletarian World Revolution, Adopted by the Emergency Conference of the Fourth International, May 19-26, 1940; in: Documents of the Fourth International, The Formative Years (1933-40), Pathfinder Press, New York 1973, <http://www.marxists.org/history/etol/document/fi/1938-1949/emergconf/fi-emerg02.htm>
- Fracción Leninista Trotskista Internacional - Colectivo por la Refundación de la IV Internacional: Vienna Summit with US, Putin, Iranian Ayatollahs, the genocidal Al Assad, Zionism, Qatar, Turkey taking in its hand bourgeois generals of FSA, the chiefs of ISIS of Saudi Arabia, the Kurdish bourgeoisie... Under the command of Obama, all the executors of the revolutions in the Maghreb and the Middle East are meeting, 4.11.2015, [https://www.flti-ci.org/ingles/medio\\_orientenoviembre2015/proclama\\_viena03nov2015.html](https://www.flti-ci.org/ingles/medio_orientenoviembre2015/proclama_viena03nov2015.html)
- Franks, Don: Mali invaded in new 'scramble for Africa', February 2, 2013, <https://rdln.wordpress.com/2013/02/02/mali-invaded-in-new-scramble-for-africa/>
- French Communist Party : C'est le Mali qu'il faut reconstruire, (11.1.2013), <http://www.pcf.fr/33940>
- \_\_\_\_ L' intervention militaire française comporte de grands risques de guerre (12.1.2013), <http://www.pcf.fr/33977>
- Fukuyama, Francis: The End of History and the Last Man, Free Press, New York 1992
- Furtado, Celso: Economic Development of Latin America. Historical Background and Contemporary Problems, New York 1984
- Gan, Nectar: Make China great again: Communist Party seeks to seize 'historic' moment to reshape world order. High-profile comment piece urges country to rally around Xi and realise nation's global aspirations, 18 January, 2018, <http://www.scmp.com/news/china/policies-politics/article/2128711/make-china-great-again-communist-party-seeks-seize>
- Getzler, Israel: Lenin's Conception of Revolution As Civil War, in: The Slavonic and East European Review, Vol. 74, No. 3 (Jul., 1996)
- Geyer, Dietrich: Der russische Imperialismus. Studien über den Zusammenhang von innerer und auswärtiger Politik 1860-1914, Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen 1977
- \_\_\_\_ (Ed.): Wirtschaft und Gesellschaft im vorrevolutionären Rußland, Kiepenheuer & Witsch, Köln 1975
- Ghelli, Nathan: Russian Investment in Africa Contributes to Its Development, June 18, 2018 <https://www.borgenmagazine.com/russian-investment-in-africa/>
- Giannopoulou, Angelina: The Party of the European Left, Diem25 and the transnational campaign of Jean-Luc Mélenchon towards the European Elections in 2019, transform europe! 2018; Cécile Barbière: La France Insoumise wants to turn European

- elections into anti-Macron referendum, 3. Okt. 2018, <https://www.euractiv.com/section/eu-elections-2019/news/la-france-insoumise-wants-to-turn-european-elections-into-anti-macron-referendum/>
- Gilbert, Simon: Focus on China: Workers and the national question, Socialist Review, Issue: September 2018 <http://socialistreview.org.uk/438/focus-china-workers-and-national-question>
- China: A labour movement in the making, Socialist Review, Issue: April 2018, <http://socialistreview.org.uk/434/china-labour-movement-making>
- Gluckstein, Donny: The Paris Commune: A Revolution in Democracy, Bookmarks Publication, London 2006
- Gmundner, Hans: Straches Handlangerdienste, KPÖ, 10.11.07, [http://www.kpoe.at/index.php?id=23&tx\\_ttnews\[tt\\_news\]=105&tx\\_ttnews\[backPid\]=2&cHash=7fe484e968](http://www.kpoe.at/index.php?id=23&tx_ttnews[tt_news]=105&tx_ttnews[backPid]=2&cHash=7fe484e968)
- Godeiro, Nazareno: The validity of Lenin's imperialism theory, LIT-CL, International Courier, 09 October 2014, [http://www.litci.org/en/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2568:the-validity-of-lenins-imperialism-theory&catid=729:international-courier&Itemid=39](http://www.litci.org/en/index.php?option=com_content&view=article&id=2568:the-validity-of-lenins-imperialism-theory&catid=729:international-courier&Itemid=39)
- Godfrey, John: Capitalism at War: Industrial Policy and Bureaucracy in France, 1914-1918, Berg Publishers, Leamington Spa 1987
- Guarino, Arthur S.: The Economic Implications of an Aging Global Population, 02.08.2018, <https://www.focus-economics.com/blog/economic-implications-of-an-aging-global-population>
- Gunić, Nina: Gegen das Verhüllungsverbot! Für Religionsfreiheit und Frauenrechte! Kampf dem islamophoben Rassismus und der Diskriminierung muslimischer Frauen! <https://www.rkob.net/aktuell/kurzmeldungen/kurzmeldungen-september-1/>
- and Michael Pröbsting: These are not "riots" – this is an uprising of the poor in the cities of Britain! The strategic task: From the uprising to the revolution!, 10.8.2011, <http://www.rkob.net/new-english-language-site-1/uprising-of-the-poor-in-britain/>
- Guriev, Sergei and Andrei Rachinsky: Oligarchs: the past or the future of Russian capitalism? July 2004
- Guschanski, Alexander and Özlem Onaran: Why is the wage share falling in emerging economies? Industry level evidence, University of Greenwich, 2017
- Gysi, Gregor: Die Haltung der deutschen Linken zum Staat Israel, Vortrag von Dr. Gregor Gysi auf einer Veranstaltung „60 Jahre Israel“ der Rosa-Luxemburg-Stiftung am 14.4.2008, [http://www.juedische.at/TCgi/\\_v2/TCgi.cgi?target=home&Param\\_Kat=3&Param\\_RB=33&Param\\_Red=9722](http://www.juedische.at/TCgi/_v2/TCgi.cgi?target=home&Param_Kat=3&Param_RB=33&Param_Red=9722)
- An Internationalist Answer, Speech, President of the European Left, held at the Federal Party Congress in Leipzig, 9 June 2018, on the dispute on refugees and migration, <https://www.transform-network.net/blog/article/an-internationalist-answer/>
- Haberly, Daniel and Dariusz Wójcik: Tax havens and the production of offshore FDI: An empirical analysis (2013)
- Hagen, Manfred: Der Russische "Bonapartismus" nach 1906, in: Jahrbücher für Geschichte Osteuropas, Vol. 24 (1976), No. 3
- Hallgarten, G.W.F. : Das Schicksal des Imperialismus im 20. Jahrhundert. Drei Abhandlungen über Kriegsursachen in Vergangenheit und Gegenwart, Europäische Verlagsanstalt, Frankfurt a.M. 1969
- Hardach, Gerd: First World War, 1914-1918, Penguin Books, New York 1987
- Hardcastle, Edgar: Socialists and War (on Boris Souvarine), Socialist Standard, August

- 1932, [https://www.marxists.org/archive/hardcastle/1932/socialists\\_war.htm](https://www.marxists.org/archive/hardcastle/1932/socialists_war.htm)
- Hardy, Jane and Adrian Budd: China's capitalism and the crisis, *International Socialist Journal*, Issue: 133, 9th January 2012, <http://isj.org.uk/chinas-capitalism-and-the-crisis/>
- Haumann, Heiko: Staatsintervention und Monopole im Zarenreich - ein Beispiel für Organisierten Kapitalismus? in: *Geschichte und Gesellschaft* Vol. 5 (1979), No. 2
- Henry, James S.: *The Price of Offshore Revisited*. Tax Justice Network 2012
- Hiratuka, Celio: *Foreign Direct Investment and Transnational Corporations in Brazil: Recent Trends and Impacts on Economic Development*, April 2008
- History of the Communist Party of the Soviet Union (Bolsheviks): *Short Course*, Edited by a Commission of the C.C. of the C.P.S.U.(B.), International Publishers, New York 1939
- Heer, Jeet: Are We Witnessing the Fall of the American Empire? Trump's presidency is often compared to the decline of Rome, but the reality is much more complicated, March 7, 2018 <https://newrepublic.com/article/147319/witnessing-fall-american-empire>
- Heller, Pablo: China: El otro bonapartismo, March 9, 2017, *Prensa Obrera* # 1449 <http://www.prensaobrera.com/prensaObrera/1449/internacionales/china-el-otro-bonapartismo>
- A dónde va China. Entre la guerra comercial y la restauración capitalista, 26 de abril de 2018, <http://www.prensaobrera.com/prensaObrera/1499/internacionales/a-donde-va-china>
- Henehan, Kathleen: The £3.2bn pay penalty facing black and ethnic minority workers, 27 December 2018 <https://www.resolutionfoundation.org/media/blog/the-3-2bn-pay-penalty-facing-black-and-ethnic-minority-workers/>
- Hilferding, Rudolf: *Finance Capital. A Study of the Latest Phase of Capitalist Development* (1910), Routledge & Kegan Paul, London, 1981.
- Hobsbawm, E. J. : *The Age of Empire*, Vintage Books, New York 1989
- Hofmeister, Ulrich: Zwischen Kontinentalimperium und Kontinentalmacht. Repräsentationen der russischen Herrschaft in Turkestan, 1865–1917, in: Martin Aust and Julia Obertreis (Eds.): *Osteuropäische Geschichte und Globalgeschichte*, Franz Steiner Verlag, Stuttgart 2014
- Holland, Steve, Lesley Wroughton: U.S. to counter China, Russia influence in Africa: Bolton, December 13, 2018, <https://www.reuters.com/article/us-usa-trump-africa/u-s-to-counter-china-russia-influence-in-africa-bolton-idUSKBN1OC1XV>
- Hong Kong Trade Development Council: *Changing Global Production Landscape and Asia's Flourishing Supply Chain*, 3 October 2017
- Horwitz, Josh: China's Communist Party is all in on the power of technology, October 25, 2017, <https://qz.com/1102948/chinas-communist-party-is-all-in-on-the-power-of-technology-and-thats-tricky-for-its-tech-giants/?fbclid=IwAR3F7pagTdowL-CempaER6LSBBEUe4wN1P66YArkLh7SXXIA0gWy4GMUv3x4>
- Hoston, Germaine A.: *Marxism and the Crisis of Development in Prewar Japan*, Princeton University Press, Princeton 1986
- House of Lords (Britain): *Report - Economic Impact of Migration in UK* (2008)
- How Russia is boosting its role in Africa with weapons, investment and 'instructors', 14 August, 2018, <https://www.scmp.com/news/world/africa/article/2159622/how-russia-boosting-its-role-africa-weapons-investment-and>
- Huang, Yang: Perceptions of the Barbarian in Early Greece and China, in: *CHS Research Bulletin* 2, No. 1 (2013). [http://nrs.harvard.edu/urn-3:hinc.essay:HuangY.Perceptions\\_of\\_the\\_Barbarian\\_in\\_Early\\_Greece\\_and\\_China.2013](http://nrs.harvard.edu/urn-3:hinc.essay:HuangY.Perceptions_of_the_Barbarian_in_Early_Greece_and_China.2013)

- Huang, Yukon: Opinion: China's Trade War With U.S. Is About Technological Dominance, May 16, 2018 <https://www.caixinglobal.com/2018-05-16/opinion-chinas-trade-war-with-us-is-about-technological-dominance-101250670.html>
- Humbert-Droz, Jules: Der Krieg und die Internationale. Die Konferenzen von Zimmerwald und Kienthal, Wien 1964
- Huntington, Samuel P.: The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order, Simon & Schuster, New York 1996
- Hurun Global Rich List 2017, <http://www.hurun.net/EN/HuList/Index?num=8407ACF-CBC85>
- Hutt, David: Eye on US, Europe looks askance at Huawei, January 14, 2019 <http://www.atimes.com/article/eye-on-us-europe-looks-askance-at-huawei/>
- ING: Russia intensifies net foreign debt redemption in 3Q, 11.10.2018, <https://think.ing.com/snaps/russia-intensifies-foreign-debt-redemption-in-3q/>
- International Labour Organization: The Labour Share in G20 Economies, Report from the International Labour Organization and the Organisation for Economic Co-operation and Development with contributions from the International Monetary Fund and the World Bank Group, Report prepared for the G20 Employment Working Group, Antalya, Turkey, 26-27 February 2015
- \_\_\_\_ World Employment and Social Outlook – Trends 2015, Supporting Data
- International Bolshevik Tendency: A Note on the World Situation. Recent Departures & Line Change on Russia, 27.10.2018, [http://www.bolshevik.org/statements/ibt\\_20181019\\_world\\_situation.html](http://www.bolshevik.org/statements/ibt_20181019_world_situation.html)
- International Marxist Tendency: Perspectives for World Revolution 2014, 29 January 2014, <http://www.marxist.com/world-perspectives-2014.htm>
- \_\_\_\_ Crisis and Class Struggle: World Perspectives 2016, 26 March 2016 <https://www.marxist.com/crisis-and-class-struggle-world-perspectives-2016-part-one.htm>
- \_\_\_\_ World Perspectives 2016 – An update, 06 December 2016, <https://www.marxist.com/world-perspectives-2016-an-update.htm>
- \_\_\_\_ World perspectives: 2018 – a year of capitalist crisis, 05 April 2018 <https://www.marxist.com/world-perspectives-2018-a-year-of-capitalist-crisis.htm>
- IMT Russia: Украина и национальный вопрос (Ukraine and the national question), <http://www.1917.com/XML/E3YCowmZXwKhYk2bWYgKwrZ-IZ4.xml>
- International Meeting of Communist and Workers' Parties: Appeal of the 20th International Meeting of Communist and Workers' Parties, 29.11.2018, <http://www.solidnet.org/article/20-IMCWP-Appeal-of-the-20th-International-Meeting-of-Communist-and-Workers-Parties/>
- \_\_\_\_ Statement of Solidarity of Communist and Workers' Parties in Support of the Just Cause of the Workers' Party of Korea and the Korean People for an Independent and Peaceful Reunification of Korea and for Peace and Security on the Korean Peninsula, 20 IMCWP, Statement of Solidarity of Communist and Workers' Parties, November 25, 2018 Athens, Greece, <http://www.solidnet.org/article/20-IMCWP-Statement-of-Solidarity-of-Communist-and-Workers-Parties/>
- \_\_\_\_ 20 IMCWP, SUPPORT FOR KOSOVA AS AN INTEGRAL PART OF THE REPUBLIC OF SERBIA, 12/10/2018 <http://www.solidnet.org/article/20-IMCWP-SUPPORT-FOR-KOSOVA-AS-AN-INTEGRAL-PART-OF-THE-REPUBLIC-OF-SERBIA/>
- \_\_\_\_ 20 IMCWP, Informative note of Party of Labour of Austria, 11/19/2018 <http://www.solidnet.org/article/20-IMCWP-Informative-note-of-Party-of-Labour-of-Austria/>, <http://parteiderarbeit.at/?p=5020>
- International Monetary Fund: World Economic Outlook: Gaining Momentum? Washington, April 2017

- International Workers Unity – Fourth International: Global Policy Theses, discussed and voted at the Fourth Congress of the IWU-FI, Chapter “VI. China: Towards a new hegemonic power?”, <http://uit-ci.org/index.php/mundo/2018-04-05-19-24-25/1912-vi-china-towards-a-new-hegemonic-power>
- \_\_\_ We repudiate the imperialist shelling on Syria! No to Trump’s killer missiles! April 14, 2018, <http://uit-ci.org/index.php/news-a-documents/1985-we-repudiate-the-imperialist-shelling-on-syria-no-to-trumps-killer-missiles>)
- Internationalist Socialist League (RCIT Section in Occupied Palestine / Israel): On Trump’s attack on Syria, 15.04.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/on-trump-s-attack-on-syria/>
- Internationalist Group: Drive the Imperialists Out of the Middle East! U.S./NATO: Get Your Bloody Claws Off Syria! <http://www.internationalist.org/syriausnatobloody-hands1804.html>
- Iturbe, Alejandro: Certainties and questions raised by China’s economic crisis – Part 1, March 30, 2016 <https://litci.org/en/certainties-and-questions-raised-by-chinas-economic-crisis-part-1/>
- \_\_\_ Certainties and questions raised by China’s economic crisis – Part 2, March 22, 2016 <https://litci.org/en/certainties-and-questions-raised-by-chinas-economic-crisis-part-2/>
- \_\_\_ Capitalist Restoration in China, September 7, 2017 <https://litci.org/en/capitalist-restoration-in-china-special/>
- \_\_\_ Trump’s trade sanctions against China, March 29, 2018 <https://litci.org/en/trumps-trade-sanctions-against-china/>
- Jaimoukha, Amjad: The Chechens. A handbook, RoutledgeCurzon 2005
- Japanese Communist Party: The Senkaku Islands–Japanese Territory. Press Conference by Tomio Nishizawa, JCP Standing Presidium Member, Akahata, 31.3.1972; [http://www.japan-press.co.jp/modules/feature\\_articles/index.php?id=34](http://www.japan-press.co.jp/modules/feature_articles/index.php?id=34)
- \_\_\_ The Fifty Years of the Communist Party of Japan, published by the Publication Bureau of the Central Committee of the Communist Party of Japan, Tokyo 1973
- \_\_\_ JCP’s view on relationship between Constitution’s Article 9 and the Self-Defense Forces, September 30 2000, [https://www.jcp.or.jp/english/jps\\_weekly/e000930\\_03.html](https://www.jcp.or.jp/english/jps_weekly/e000930_03.html)
- \_\_\_ Program of the Japanese Communist Party, adopted on January 17, 2004 at the JCP 23rd Congress, [http://www.jcp.or.jp/english/23rd\\_congress/program.html](http://www.jcp.or.jp/english/23rd_congress/program.html)
- \_\_\_ How to solve the issue of the Senkaku Islands: Japan justifiably claims sovereignty; 20.9.2010, [http://www.japan-press.co.jp/modules/feature\\_articles/index.php?id=34](http://www.japan-press.co.jp/modules/feature_articles/index.php?id=34)
- \_\_\_ Takeshima issue should be solved through diplomacy: JCP chair; August 11, 2012, [http://www.jcp.or.jp/english/jps\\_2012/20120811\\_01.html](http://www.jcp.or.jp/english/jps_2012/20120811_01.html)
- \_\_\_ Calm diplomatic efforts needed to solve territorial issues: JCP Ichida; 21.8.2012, [http://www.jcp.or.jp/english/jps\\_2012/20120821\\_04.html](http://www.jcp.or.jp/english/jps_2012/20120821_04.html)
- \_\_\_ Not too late for Japan to join AIIB: Shii, April 2, 2015 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2015/04/20150402i.html>
- \_\_\_ Shii condemns terror attacks in Paris, November 15, 2015 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2015/11/20151115-shii-condemns-terror-attacks-in-paris.html>
- \_\_\_ Shii welcomes new UNSC sanctions on North Korea, March 4, 2016 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2016/03/20160304-shii-welcomes-new-unscc-sanctions-on-north-korea.html>
- \_\_\_ Shii protests North Korea’s missile launch, February 14, 2017 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/02/20170214-shii-protests-north-koreas.html>
- \_\_\_ Shii explains to press JCP proposal on North Korea issue, February 20, 2017 <http://>

- [www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/02/20170220-shii-explains-to-press.html](http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/02/20170220-shii-explains-to-press.html)
- \_\_\_\_ JCP Chair Shii issues statement to welcome the nuclear weapons ban treaty, July 9, 2017 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/07/20170709jcp-chair-shii-issues-statement.html>
- \_\_\_\_ Shii issues statement protesting against N. Korea's ballistic missile launch, May 22, 2017 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/05/20170522shii-issues-statement.html>
- \_\_\_\_ Shii issues statement welcoming draft N-ban treaty, May 24, 2017 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/05/20170524shii-issues-statement.html>
- \_\_\_\_ Shii issues statement condemning N. Korea's missile launch, August 30, 2017 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/08/20170830-shii-issues-statement.html>
- \_\_\_\_ JCP condemns North Korea's nuclear test and again calls for direct talks to defuse current crisis, September 4, 2017, <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/09/20170904-jcp-condemns-north-koreas-nuclear.html>
- \_\_\_\_ What is the JCP? A Profile of the Japanese Communist Party (November, 2017), [https://www.jcp.or.jp/english/2011what\\_jcp.html](https://www.jcp.or.jp/english/2011what_jcp.html)
- \_\_\_\_ Kazuo Shii: JCP strongly condemns North Korea's ballistic missile launch and again calls for immediate direct talks to overcome the current crisis, November 29, 2017 <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2017/11/20171129-jcp-strongly-condemns-north-koreas.html>
- \_\_\_\_ JCP opposes the Japan-U.S. trade negotiations which disregards Japan's economic sovereignty, September 28, 2018, <http://www.jcp.or.jp/english/jcpcc/blog/2018/09/20180928-jcp-opposes-the-japan-us-trade.html>
- Jeffreys, Alan, Patrick Rose (Eds): *The Indian Army, 1939-47: Experience and Development*, Ashgate Publishing Limited, Farnham 2012
- Jiang, Jingyi and Kei-Mu Yi: *How Rich Will China Become? A simple calculation based on South Korea and Japan's experience*, Federal Reserve Bank of Minneapolis, in: *The Region*, June 2015
- Jordan, Serge: *No to the bombing of Syria! Build a mass movement against the war*, CWI 12 April 2018 <http://www.socialistworld.net/index.php/international/middle-east/151-syria/9750-no-to-the-bombing-of-syria-build-a-mass-movement-against-the-war>
- Joll, James: *The Origins of the First World War*, Longman, New York 1984
- Kagarlitsky, Boris: *Empire of the Periphery. Russia and the World System*, Pluto Press, London 2008
- \_\_\_\_ *The Choices for the Left in the Age of Trump*, February 7, 2017, <http://www.counterpunch.org/2017/02/07/the-choices-for-the-left-in-the-age-of-trump/>
- \_\_\_\_ *Revolt of the Rich*, 06.10.2017, <http://rabkor.ru/columns/editorial-columns/2017/10/06/bunt-bogatih/>
- Kahanec, Martin and Martin Guzi: *How Immigrants Helped EU Labor Markets to Adjust during the Great Recession*, IZA – Institute of Labor Economics, Discussion Paper No. 10443, December 2016
- Kappeler, Andreas: *Rußland als Vielvölkerreich. Entstehung, Geschichte, Zerfall*. Beck, München 1992
- Karabarbounis, Loukas and Brent Neiman: *The Global Decline of the Labor Share*, NBER Working Paper 19136, June 2013
- \_\_\_\_ *The Global Decline of the Labor Share (And Follow-up Thoughts)*, University of Chicago, March 2014
- \_\_\_\_ *The Global Decline of the Labor Share*, *Quarterly Journal of Economics* (2014), Presented by Sergio Feijoo, March 29, 2017



- Kautsky, Karl: Der Imperialismus, in: Die Neue Zeit 32-II., 1914, in: English: Karl Kautsky: Selected Political Writings (edited and translated by Patrick Goode), The Macmillan Press, Hong Kong 1983, <http://www.marxists.org/archive/kautsky/1914/09/ultra-imp.htm>
- Kemp, Tom: Stalinism in France, New Park Publications, London 1984
- Khlebnikov, Alexey: 2018: A year of many challenges for Putin in the Middle East. If Russia fails to meet regional actors' expectations over Syria, Libya or Israel/Palestine, it will ruin its image as a credible partner, Middle East Eye, January 15, 2018, <http://www.middleeasteye.net/columns/russia-middle-east-2018-533160191>
- Kim, Kwan S.: The Korean Miracle (1962-1980) Revisited: Myths and Realities in Strategy and Development, Kellogg Institute at the University of Notre Dame, Working Paper #166, November 1991
- Kincaid, Sally: Women and China: what has changed? Socialist Review, Issue: June 2018, <http://socialistreview.org.uk/436/women-and-china-what-has-changed>
- Kimber, Charlie: Trump ramps up trade wars to boost his flagging support, 18 September 2018, Socialist Worker Issue No. 2622, <https://socialistworker.co.uk/art/47220/Trump+ramps+up+trade+wars+to+boost+his+flagging+support>
- Kipp, Jacob W.: Lenin and Clausewitz: The Militarization of Marxism, 1914-1921, in: Military Affairs Vol. 49, 1985
- Klare, Michael: Is a War With China on the Horizon? June 19, 2018, [http://www.tomdispatch.com/post/176438/tomgram%3A\\_michael\\_klare%2C\\_is\\_a\\_war\\_with\\_china\\_on\\_the\\_horizon/#more](http://www.tomdispatch.com/post/176438/tomgram%3A_michael_klare%2C_is_a_war_with_china_on_the_horizon/#more)
- Klein, Fritz (Ed.): Deutschland im ersten Weltkrieg, Vol. 1-3, Akademie-Verlag, Berlin 1968
- \_\_\_\_: Neue Studien zum Imperialismus vor 1914, Akademie-Verlag, Berlin 1980
- Klement, Rudolf: Principles and Tactics in War (1938); in The New International (Theoretical journal of the Socialist Workers Party, US-American section of the Fourth International), May 1938, Vol. 4, No. 5, <https://www.marxists.org/history/etol/revhist/backiss/vol1/no1/printact.html>
- Kolbl, Otto: Chinese development, <http://www.rainbowbuilders.org/china-entwicklung/>
- Kolo, Vincent: 'Belt and Road': Imperialism with Chinese characteristics. Gigantic Belt and Road infrastructure plan – spearhead for Chinese dictatorship's economic and geopolitical strategy, February 19, 2018 <http://chinaworker.info/en/2018/02/19/16985/>
- Kolonickij, Boris: 100 Jahre und kein Ende. Sowjetische Historiker und der Erste Weltkrieg, in: Osteuropa Jg. 64 (2014), Bd. 2-4
- Kowalewski, Zbigniew Marcin: Ukraine: Russian White Guards in the Donbass, 29 June, 2014, <https://www.nihilist.li/2014/07/25/russkie-belogvardejsy-na-donbasse/#english>
- Kowner, Rotem: The Impact of the Russo-Japanese War, Routledge, New York 2007
- Kozhemyako, Viktor: How to protect the Russian language? 15.06.2012, [https://kprf.ru/rus\\_soc/107254.html](https://kprf.ru/rus_soc/107254.html)
- Kreiner, Josef (Ed.): Der Russisch-Japanische Krieg (1904/05), V&R unipress, Göttingen 2005
- Kroeber, Arthur R.: China's Economy. What Everyone Needs To Know, Oxford University Press, New York 2016
- Kroll, Luisa and Kerry A. Dolan: Forbes 2017 Billionaires List: Meet The Richest People On The Planet, 20.3.2017, <https://www.forbes.com/sites/kerryadolan/2017/03/20/forbes-2017-billionaireslist-meet-the-richest-people-on-theplanet/#2084cc6362ff>
- Kuczynski, Jürgen: Studien zur Geschichte der Weltwirtschaft, Berlin 1952
- Kumaran Ira: French Left Front promotes war in Mali, WSWS, 22 January 2013, <https://>

[www.wsws.org/en/articles/2013/01/22/left-j22.html](http://www.wsws.org/en/articles/2013/01/22/left-j22.html)

- Kusber, Jan: Krieg und Revolution in Russland 1904-1906. Das Militär im Verhältnis zu Wirtschaft, Autokratie und Gesellschaft, Franz Steiner Verlag, Stuttgart 1997
- L'intervention jugée nécessaire par les députés, 16 Janvier, 2013, <https://www.humanite.fr/politique/l-intervention-jugee-necessaire-par-les-deputes-513009>
- Lademacher, Horst: Die Zimmerwalder Bewegung. Vol. 1 and 2, Den Haag 1967
- Landes, David S.: The Unbound Prometheus. Technological change and industrial development in Western Europe from 1750 to the present, Cambridge University Press, Cambridge 1969
- Laruelle, Marlene: Russian Eurasianism: An Ideology of Empire, Woodrow Wilson Center Press, 2008
- Laschitzka, Annelis: Zur Rolle des Zentrismus 1911/12. Ein Beitrag über den Zusammenhang von Imperialismus und Opportunismus, in: Fritz Klein (Ed.): Studien zum deutschen Imperialismus vor 1914, Berlin 1976
- Lavrov, P. L.: Die Pariser Kommune vom 18. März 1871, Verlag Klaus Wagenbach, Berlin 1971;
- Laverycev, Vladimir: Der staatsmonopolistische Kapitalismus in Rußland. Ergebnisse und Aufgaben der weiteren Forschung, in: Jahrbuch für Geschichte der sozialistischen Länder Europas, Jg. 29, Berlin 1985
- League for the Fifth International: Resolution on Syria, 02/03/2017, <http://www.fifthinternational.org/content/resolution-syria>
- League for the Revolutionary Communist International: The Degenerated Revolution: The Origin and Nature of the Stalinist States, <https://www.thecommunists.net/theory/stalinism-and-the-degeneration-of-the-revolution/>
- \_\_\_\_ Barbaric Trotskyism: a History of Morenoism (1992), Part 1 and 2, <https://www.thecommunists.net/theory/morenoism-part-1/> and <https://www.thecommunists.net/theory/morenoism-part-2/>
- \_\_\_\_ Russian Troops Out! Self-determination for Chechnya! Joint Statement of the LRCI and the Trotskyist Faction, 30.06.1996, <https://www.thecommunists.net/theory/freedom-for-chechnya/>
- Leckey, Colum: David Riazanov and Russian Marxism, in: Russian History/Histoire Russe, Vol. 22, N° 2 (1995)
- Lenin, Vladimir Illich: The Autocracy and the Proletariat (1904), in: Lenin Collected Works (LCW) Vol. 8, Progress Publishers, Moscow, 1960-1980
- \_\_\_\_ The Fall of Port Arthur (1905), in: LCW Vol. 8
- \_\_\_\_ Certain Features of the Historical Development of Marxism (1910); in: LCW 17
- \_\_\_\_ Word and Deed (1913); in: LCW 19
- \_\_\_\_ Conspectus of Hegel's Science of Logic (1914); in: Collected Works Vol. 38
- \_\_\_\_ The European War and International Socialism (1914); in: LCW 21
- \_\_\_\_ The War and Russian Social-Democracy (1914); in: LCW 21
- \_\_\_\_ The Position and Tasks of the Socialist International (1914), in: LCW Vol. 21
- \_\_\_\_ The European War and International Socialism (1914); in: LCW 21
- \_\_\_\_ Under A False Flag (1915); in: LCW Vol. 21
- \_\_\_\_ On the Question of Dialectics (1915); in: LCW Vol. 38
- \_\_\_\_ The revolutionary Proletariat and the Right of Nations to Self-Determination (1915); in: LCW Vol. 21
- \_\_\_\_ The Conference of the R.S.D.L.P. Groups Abroad (1915); in LCW 21
- \_\_\_\_ Preface to N. Bukharin's Pamphlet, Imperialism and the World Economy (1915), in: LCW Vol. 22
- \_\_\_\_ Opportunism and Collapse of Second International (1915), in: LCW 22

- \_\_\_ The Collapse of the Second International (1915), in: LCW Vol. 21  
 \_\_\_ On the Two Lines in the Revolution (1915), in: LCW Vol. 21  
 \_\_\_ On the Slogan for a United States of Europe (1915), in: LCW 21  
 \_\_\_ Social-Chauvinist Policy Behind A Cover Of Internationalist Phrases (1915); in: CW Vol. 21  
 \_\_\_ Imperialism and Socialism in Italy (1915), in: LCW Vol. 21  
 \_\_\_ The Defeat of one's own Government in the Imperialist War (1915); in: LCW 21  
 \_\_\_ The Junius Pamphlet (1916); in: LCW 22  
 \_\_\_ The Discussion on Self-Determination Summed Up (1916); in: CW Vol. 22  
 \_\_\_ German and Non-German Chauvinism (1916); in: LCW 22  
 \_\_\_ The Socialist Revolution and the Right of Nations to Self-Determination (1916); in: LCW Vol. 22  
 \_\_\_ Imperialism. The Highest Stage of Capitalism (1916); in: LCW Vol. 22  
 \_\_\_ Imperialism and the Split in Socialism (1916); in: LCW Vol. 23  
 \_\_\_ A Caricature of Marxism and Imperialist Economism (1916); in: LCW Vol. 23  
 \_\_\_ The Military Programme of the Proletarian Revolution (1916); in: LCW Vol. 23  
 \_\_\_ War and Revolution (1917), in: LCW 24  
 \_\_\_ The Impending Catastrophe and how to Combat it (1917); in: LCW Vol. 25  
 \_\_\_ The State and Revolution. The Marxist Theory of the State and the Tasks of the Proletariat in the Revolution (1917), in: LCW Vol. 25  
 \_\_\_ The Proletarian Revolution and the Renegade Kautsky (1918), in: LCW Vol. 25  
 \_\_\_ Report on the Review of the Programme and on Changing the Name of the Party, March 8 (1918), in: LCW Vol. 27  
 \_\_\_ The Heroes of the Berne International (1919); in: LCW 29  
 \_\_\_ Speech Closing The Debate On The Party Programme, Eight Congress of the R.C.P.(B.) March 18-23, 1919, in: LCW Vol. 29  
 \_\_\_ The Constituent Assembly Elections and the Dictatorship of the Proletariat, in: LCW 30  
 \_\_\_ The Third Congress of the Communist International, Speeches At A Meeting Of Members Of The German, Polish, Czechoslovak, Hungarian And Italian Delegations, 11.7.1921, in: LCW Vol. 42  
 \_\_\_ Notes on the Tasks of our Delegation at The Hague (1922), in: LCW Vol. 33  
 \_\_\_ On the Question of Imperialism, in: LCW 39  
 \_\_\_ Sämtliche Werke, Band XVIII (Der imperialistische Krieg 1914-15), Verlag für Literatur und Politik, Wien 1929  
 \_\_\_ Clausewitz' Werk 'Vom Kriege'. Auszüge und Randglossen, Verlag des Ministeriums für nationale Landesverteidigung, Berlin 1957  
 \_\_\_ and G. Zinoviev: Socialism and War. The Attitude of the R.S.D.L.P. toward the War (1915); in: LCW 21  
 Leonard, Jenny, Josh Wingrove, Jennifer Jacobs, and Andrew Mayeda: Trump Clinches Rebranded Nafta as Canada Joins Pact With Mexico, 1. Oktober 2018, <https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-10-01/u-s-canada-agree-to-nafta-replacement-that-will-include-mexico?srnd=premium-europe>  
 Lieven, D. C. B.: Russia and the Origins of the First World War, Palgrave Macmillan, London 1983  
 Linke, Horst Gunther: Das zarische Russland und der Erste Weltkrieg. Diplomatie und Kriegsziele 1914-1917, Wilhelm Fink Verlag, München 1982  
 LINKE: LINKE weist Antisemitismus-Vorwürfe zurück. Der Parteivorstand der LINKEN hat am 21. Mai 2011 ohne Gegenstimmen die folgende Erklärung verabschiedet: <http://www.die-linke.de/partei/organe/parteivorstand/parteivorstand20102012/>

[beschluesse/linkeweistantisemitismusvorwuerfezurueck/](#)

- \_\_\_\_ Parliamentary Group of the LINKE: Entschieden gegen Antisemitismus, 8. Juni 2011, <http://www.die-linke.de/nc/dielinke/nachrichten/detail/artikel/entschieden-gegen-antisemitismus>
- Lisan, Ivan: Weimar republic to Reich, 01.02.2016, <http://rabkor.ru/columns/debates/2016/02/01/weimar-republic-to-reich/>
- Lissagaray, Prosper: Geschichte der Kommune von 1871, Rütten & Loening, Berlin 1956
- Lo, Bobo: Russia and the new world order, Chatham House, London 2015
- Lopes, Tiago Camarinha: Marx and Marini on Absolute and Relative Surplus Value, on: International Critical Thought, Vol. 3, Issue 2 (2013)
- \_\_\_\_ and Mário Costa de Paiva Guimarães Júnior: Trotsky's Law of Uneven and Combined Development in Marini's Dialectics of Dependency, Fourth Annual Conference in Political Economy, July 9-11, 2013, The Hague, The Netherlands
- Longworth, Philip: Peasant leadership and the Pugachev revolt, in: The Journal of Peasant Studies, 2:2 (1975)
- Löw, Raimund: Der Zerfall der Kleinen Internationale: Nationalitätenkonflikte in der Arbeiterbewegung des alten Österreich (1889-1914), Europaverlag, Wien 1984
- Löwy, Michel: Marxists and the National Question, in: New Left Review 96, March-April 1976
- Ludeña, Miguel Perez: Adapting to the Latin American experience; in: EAST ASIA FORUM QUARTERLY, Vol.4 No.2 April-June 2012
- Luft, Paul: Strategische Interessen und Anleihenpolitik Rußlands im Iran, in: Geschichte und Gesellschaft Vol. 1 (1975), No. 3
- Luxemburg, Rosa: Peace Utopias (1911), in: Richard B. Day and Daniel F. Gaido (Eds): Discovering Imperialism: Social Democracy to World War I, Historical Materialism Book Series Vol. 33, Leiden 2012, online: <https://www.marxists.org/archive/luxemburg/1911/05/11.htm>
- Maddison, Angus: The World Economy: A Millennial Perspective, Vol. 1, 2001
- Maito, Esteban Ezequiel: The historical transience of capital. The downward trend in the rate of profit since XIX century, 2014
- Mandel, Ernest: Die EWG und die Konkurrenz Europa – USA, Europäische Verlagsanstalt, Frankfurt a.M. 1968
- \_\_\_\_ The Meaning of the Second World War, Verso, London 1986
- Mandelbaum, Kurt: Sozialdemokratie und Imperialismus (1928), in: Kurt Mandelbaum: Sozialdemokratie und Leninismus, Rotbuch Verlag, Berlin 1974
- Marini, Ruy Mauro: Brazilian Subimperialism, in: Monthly Review Vol. 23, No. 9 (February 1972)
- Marshall, Alex: The Caucasus under Soviet rule, Routledge, London 2010
- Martin, Neil A.: Marxism, Nationalism, and Russia, in: Journal of the History of Ideas, Vol. 29, No. 2 (April-June 1968)
- Martin, Simon Zamora: Neue Eskalationsstufe im Handelskrieg der USA gegen China, 19. Sep 2018, <https://www.klassegegenklasse.org/neue-eskalationsstufe-im-handelskrieg-der-usa-gegen-china/>
- Martow, Julius: Geschichte der russischen Sozialdemokratie (1918/26), Erlangen 1973
- Marx, Karl: The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte (1852), in: Marx Engels Collected Works, Vol. 11
- \_\_\_\_ The Civil War in France, in: MECW, Vol. 22
- \_\_\_\_ Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie; in: MECW, Vol. 29
- \_\_\_\_ Die Geschichte der Geheimdiplomatie des 18. Jahrhunderts. Über den asiatischen Ursprung der russischen Despotie, Berlin, Olle & Wolter, Berlin 1977

- \_\_\_\_ The Eastern Question. A Reprint of Letters written 1853-1856 dealing with the events of the Crimean War, Edited by Eleanor Marx Aveling and Edward Aveling, Swan Sonnenschein & Co, London 1897
- \_\_\_\_ and Frederick Engels: Manifesto of the Communist Party (1847), in: MECW Vol. 6
- \_\_\_\_ and Friedrich Engels: German Foreign Policy and the Latest Events in Prague (in: Neue Rheinische Zeitung 12 July 1848), in: MECW Vol. 7
- McCurry, Justin: Japan to get first aircraft carrier since second world war amid China concerns, 29 Nov 2018 <https://www.theguardian.com/world/2018/nov/29/japan-to-get-first-aircraft-carrier-since-second-world-war-amid-china-concerns>
- McKinsey Global Institute: Global growth: Can productivity save the day in an aging world? January 2015
- Merli, Francesco: Russian annexation of Crimea – What consequences for world relations? 21 March 2014 <https://www.marxist.com/russian-annexation-of-crimea-what-consequences-for-world-relations.htm>
- Meier, Manfred: Nachbeben des Brexit - Zur Rechtswende von L5I: das „JA“ zum Verbleib in der EU, August 2016, <http://www.thecommunists.net/home/deutsch/gam-brexit/>
- Meyer, Jürgen: »Maintenant le Peuple« (MLP, Jetzt das Volk): Spaltung der Europäischen Linken oder neue linke Sammlungsbewegung? 12. Juli 2018 <http://internetzeitung.eu/index.php/4839-%C2%BBmaintenant-le-peuple%C2%AB-mlp,-jetzt-das-volk-spaltung-der-europ%C3%A4ischen-linken-oder-neue-linke-sammlungsbewegung>
- Michael, Franz and Chung-li Chang: The Taiping Rebellion. History and Documents Vol.1, University of Washington Press, London 1966
- Mirovalev, Mansur: Russia's Communist Party turns to the Orthodox Church. After decades of militant atheism, Russian Communists turn to religious establishment to gain supporters, 2016-12-12, <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2016/12/russia-communist-party-turns-orthodox-church-161212075756966.html>
- Mitina, Darya: Comment on the Taliban in Afghanistan, Не думала, что доживу до такого позорища, November 10th, 2018, <https://kolobok1973.livejournal.com/4688030.html>
- Modrow, Hans, Manfred Sohn: Vor dem großen Sprung? Überblick über die Politik der Japanischen Kommunistischen Partei, GNN-Verlag, Schkeuditz 2000
- Moneta, Jakob: Die Kolonialpolitik der französischen KP, Hannover 1968
- Morena, Mariana: Sanciones cruzadas entre Estados Unidos y China: ¿Hacia una „guerra comercial global“? <http://www.uit-ci.org/index.php/noticias-y-documentos/crisis-capitalista-mundial/2071-2018-07-13-01-07-42>
- Morley, Daniel: China and the World Economy in 2016: “Sell Everything”, 12 January 2016 <http://www.marxist.com/china-world-economy-2016-sell-everything.htm>
- Motojirō, Akashi: Rakka ryusui: Colonel Akashi's Report on His Secret Cooperation with the Russian Revolutionary Parties during the Russo-Japanese War. O. Fält and A. Kujala (Eds.), Studia Historica 31, Helsinki, 1988
- Mottas, Nikos: Was werden die griechischen Kommunisten im Falle eines Krieges tun?; in: Einheit und Widerspruch (Theoretisches und Diskussionsorgan der Partei der Arbeit Österreichs), Heft 6, Juni 2018, [http://parteiderarbeit.at/?page\\_id=1915](http://parteiderarbeit.at/?page_id=1915)
- Mulholland, Niall: Trump orders missile strikes against Shayrat air base, Committee for a Workers' International, The Socialist issue 944, 12 April 2017 [https://www.socialistparty.org.uk/keyword/Committee\\_for\\_a\\_Workers\\_International/Cwi/25244/12-04-2017/attacks-ratchet-up-syrian-conflict-and-fuel-tensions-between-powers](https://www.socialistparty.org.uk/keyword/Committee_for_a_Workers_International/Cwi/25244/12-04-2017/attacks-ratchet-up-syrian-conflict-and-fuel-tensions-between-powers)
- Mutual interests strengthen South Africa-China relations, 2018-May-29, <http://www.sz->

[daily.com/content/2018-05/29/content\\_21019455.htm](http://daily.com/content/2018-05/29/content_21019455.htm)

- Münz, Rainer and Heinz Fassmann: *Migrants in Europe and their Economic Position: Evidence from the European Labour Force Survey and from Other Sources* (2004)
- Nagle, Angela: *The Left Case against Open Borders*, in: *American Affairs*, Volume II, Number 4 (Winter 2018), <https://americanaffairsjournal.org/2018/11/the-left-case-against-open-borders/>
- Nation, R. Craig: *War on War*, Duke University Press, Durham 1989
- Navarro, Peter: *The Coming China Wars – Where They Will Be Fought and How They Can Be Won*, Financial Times Press, New Jersey 2006
- Crouching Tiger: *What China’s Militarism Means for the World*, Prometheus Books, New York 2015;
- and Greg Autry: *Death by China: Confronting the Dragon – A Global Call to Action for the Western World*, Pearson Education, New Jersey 2011
- Nayyar, Deepak: *The South in the World Economy: Past, Present and Future*, UNDP Human Development Report Office, Occasional Paper 2013/01
- Nocera, Joe: *This Map Shows Why Trump Couldn’t Kill Nafta*, 1. Oktober 2018, <https://www.bloomberg.com/view/articles/2018-10-01/virginia-and-canada-forged-deals-through-nafta?srnd=premium-europe>
- Nussbaum, Helga: *Der europäische Wirtschaftsraum. Verflechtung, Angleichung, Diskrepanz*, in: Fritz Klein / Karl Otmar von Aretin (Eds): *Europea um 1900*, Akademie-Verlag, Berlin 1989
- OKDE: *Prespa Agreement – Referendum in neighboring Macedonia*, 24.9.2018, <https://www.thecommunists.net/forum/okde-greece-referendum-in-neighboring-macedonia/>
- Osborne, Peter: *How US sanctions on Iran could herald a profound global power shift*, 2 November 2018 <https://www.middleeasteye.net/columns/how-us-sanctions-iran-could-herald-profound-global-power-shift-538116542>
- Omissi, David: *The Sepoy and the Raj: The Indian Army, 1860–1940*, *Studies in Military and Strategic History*, Palgrave Macmillan UK, London 1994.
- Omura, Tomohiro: *The Maturity of Emerging Economies and New Developments in the Global Economy*, Mitsui Global Strategic Studies Institute Monthly Report, April 2017
- Pal, Adam: *Pakistan: The ever growing power of China*, 02 March 2017, <http://www.marxist.com/pakistan-the-ever-growing-power-of-china.htm>
- Parariga, Aleka (KKE General Secretary): *The Position of Greece within International Capitalism*, Article for “El Machete,” the Theoretical and Political Review of the CP of Mexico, <http://mltoday.com/the-position-of-greece-within-international-capitalism>
- Parslow, Kevin (Socialist Party, CWI in England & Wales): *CWI School 2018: 10 years after 2007/8 crisis, capitalism has solved nothing*, 08 August 2018 <http://www.socialistworld.net/index.php/192-cwi/9901-cwi-school-2018-world-perspectives>
- Partido Obrero: *Contribution to the international conference debate* (adopted by the National Committee of Partido Obrero), 21.3.2018, <http://www.prensaobrera.com/prensaObrera/online/en/partido-obrero-s-contribution-to-the-international-conference-debate>
- PT (Uruguay), DIP (Turkey), EEK (Greece): *Declaration of the International Conference*, 13.4.2018, <http://www.prensaobrera.com/prensaObrera/online/internacionales/declaration-of-the-international-conference>
- Pasha: *China: Deepening crisis and mass resistance*, *Socialist Action* (CWI in Hong Kong), 14 August 2018 <http://www.socialistworld.net/index.php/international/>

[asia/china/9905-china-deepening-crisis-and-mass-resistance\)](#)

- Pavlov, Dmitrii B.: Japanese Money and the Russian Revolution, 1904-1905, in: Acta Slavica Iaponica, No. 11 (1993)
- Pearce, Brian: Lenin and Trotsky on Pacifism and Defeatism, in: Labour Review, Vol. 6 (1961), No. 1, <http://www.whatnextjournal.co.uk/Pages/History/Pearce.html>
- Pei, Minxin: China's Crony Capitalism. The Dynamics of Regime Decay, Harvard University Press, Cambridge 2016
- The Sino-American cold war's collateral damage. October 19, 2018 <http://www.arabnews.com/node/1390641>
- Pentagon: Assessing and Strengthening the Manufacturing and Defense Industrial Base and Supply Chain Resiliency of the United States, Report to President Donald J. Trump by the Interagency Task Force in Fulfillment of Executive Order 13806, September 2018
- Perlez, Jane: Xi Jinping Extends Power, and China Braces for a New Cold War, 27 February 2018 NYT, <https://www.nytimes.com/2018/02/27/world/asia/xi-jinping-china-new-cold-war.html>
- Pesek, William: Abe's Japan tries a decidedly foreign concept, November 19, 2018 <http://www.atimes.com/article/abes-japan-tries-a-decidedly-foreign-concept/>
- Petrov, Ju.A. : Die Bourgeoisie Rußlands zu Beginn des 20.Jahrhunderts: Versuche einer politischen Konsolidierung, in: Berliner Jahrbuch für osteuropäische Geschichte, 1997
- Peters, Dorothea: Politische und gesellschaftliche Vorstellungen in der Aufstandsbewegung unter Pugačev (1773–1775). Wiesbaden, Berlin 1973
- Pinchuk, Denis, Maria Kiselyova: 'No miracles': labor shortage set to hit Russia's GDP, Reuters, October 3, 2017 <https://www.reuters.com/article/us-russia-labour-demography/no-miracles-labor-shortage-set-to-hit-russias-gdp-idUSKCN1C80CY>
- Plate, Alice: Der Pugačev-Aufstand: Kosakenherrlichkeit oder sozialer Protest, in: Heinz-Dietrich Löwe: Volksaufstände in Rußland. Von der Zeit der Wirren bis zur «Grünen Revolution» gegen die Sowjetherrschaft, Otto Harrassowitz Verlag, Wiesbaden 2006
- Platt, Stephen R.: Autumn in the Heavenly Kingdom: China, the West, and the epic story of the Taiping Civil War, Alfred A. Knopf, New York 2012
- Plucinska, Joanna, Anna Koper: Poland arrests two over spying allegations, including Huawei employee, January 11, 2019 / <https://www.reuters.com/article/us-poland-security/poland-arrests-two-over-spying-allegations-including-huawei-employee-idUSKCN1P50RN>
- Podkaminer, Leon: Has Trade Been Driving Global Economic Growth, Vienna Institute for International Economic Studies 2016, Working Paper 131
- Politsturm: Почему Путин помог Майдану победить? (Why Putin helped Maidan to win), 16.08.2018, <https://politsturm.com/pochemu-putin-pomog-majdanu-pobedit/>
- PONARS Eurasia: Russian Foreign Policy after Crimea – How To Understand And Address It, Policy Perspectives, September 2017
- M. N. Pokrovskii: Aus den Geheim-Archiven des Zaren. Ein Beitrag zur Frage nach den Urhebern des Weltkrieges, August Scherl, Berlin 1919
- Historische Aufsätze. Ein Sammelband, Verlag für Literatur und Politik, Wien und Berlin 1928
- Geschichte Russlands von seiner Entstehung bis zur neuesten Zeit, C.L.Hirschfeld Verlag, Leipzig 1929
- Russische Geschichte, Berlin 1930
- Vorwort des russischen Herausgebers, in: Otto Hoetzsch (Ed.): Internationale Bez-

- iehungen im Zeitalter des Imperialismus, Reihe 1, 1. Band, Verlag von Reimar Hobbing, Berlin 1931
- \_\_\_\_ Russia in World History; Selected Essays, Edited by Roman Szporluk, University of Michigan Press, Ann Arbor 1970
- Pouliopoulos, Pantelis: Communists and the Macedonian Question [May 1940], Republished in Spartakos No. 30, 1991, <https://www.marxists.org/archive/pouliop/works/1940/05/commac.htm>
- PravdaReport: Russia's gold reserves exceed 2,000 tons for the first time, 02 Nov 2018, [http://www.pravdareport.com/news/russia/economics/02-11-2018/141931-russian\\_gold-0/](http://www.pravdareport.com/news/russia/economics/02-11-2018/141931-russian_gold-0/)
- PricewaterhouseCoopers: The Long View. How will the global economic order change by 2050? February 2017
- Pröbsting, Michael: Der kapitalistische Aufholprozeß in Südkorea und Taiwan; in: Revolutionärer Marxismus Nr. 20 (1996). A shortened version of this article appeared as "Capitalist Development on South Korea and Taiwan" in: Trotskyist International No. 21 (1997), <http://www.thecommunists.net/theory/capitalism-in-south-korea-taiwan/>
- \_\_\_\_ Imperialism, Globalization and the Decline of Capitalism (2008), in: Richard Brenner, Michael Pröbsting, Keith Spencer: The Credit Crunch - A Marxist Analysis, London 2008, <https://www.thecommunists.net/theory/imperialism-and-globalization/>
- \_\_\_\_ Die Frage der Vereinigung Europas im Lichte der marxistischen Theorie. Zur Frage eines supranationalen Staatsapparates des EU-Imperialismus und der marxistischen Staatstheorie. Die Diskussion zur Losung der Vereinigten Sozialistischen Staaten von Europa bei Lenin und Trotzki und ihre Anwendung unter den heutigen Bedingungen des Klassenkampfes, in: Unter der Fahne der Revolution Nr. 2/3 (2008), <http://www.thecommunists.net/theory/marxismus-und-eu/>
- \_\_\_\_ Marxismus, Migration und revolutionäre Integration (2010); in: Der Weg des Revolutionären Kommunismus, Nr. 7, <http://www.thecommunists.net/publications/werk-7>. A summary of this study in English-language: Michael Pröbsting: Marxism, Migration and revolutionary Integration, in: Revolutionary Communism, No. 1 (English-language Journal of the RCIT), <http://www.thecommunists.net/oppressed/revolutionary-integration/>
- \_\_\_\_ Die halbe Revolution. Lehren und Perspektiven des arabischen Aufstandes, in: Der Weg des Revolutionären Kommunismus, Nr. 8 (2011), <http://www.thecommunists.net/publications/werk-8>
- \_\_\_\_ The August uprising of the poor and nationally and racially oppressed in Britain: What would a revolutionary organisation have done?, 18.8.2011, <http://www.rkob.net/new-english-language-site-1/august-uprising-what-should-have-been-done/>
- \_\_\_\_ Five days that shook Britain but didn't wake up the left. The bankruptcy of the left during the August uprising of the oppressed in Britain: Its features, its roots and the way forward, in: Revolutionary Communism No. 1 (September 2011), <https://www.thecommunists.net/theory/britain-left-and-the-uprising/>
- Greece: For a Workers' Government! Critical electoral support for SYRIZA and KKE! Workers: Organize and prepare yourselves for the struggle for power! 6.6.2012, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/greece-for-a-workers-government/>
- \_\_\_\_ After SYRIZA's victory in the Greek elections: The question of a Workers Government and the revolutionary way forward, June 2012, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/after-the-greek-elections/>



- \_\_\_\_ China's transformation into an imperialist power. A study of the economic, political and military aspects of China as a Great Power (2012), in: *Revolutionary Communism* No. 4, <http://www.thecommunists.net/publications/revcom-number-4>
- \_\_\_\_ No to chauvinist war-mongering by Japanese and Chinese imperialism! 23.9.2012, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/no-war-between-china-and-japan/>
- \_\_\_\_ Liberation Struggles and Imperialist Interference. The failure of sectarian "anti-imperialism" in the West: Some general considerations from the Marxist point of view and the example of the democratic revolution in Libya in 2011, Autumn 2012, <https://www.thecommunists.net/theory/liberation-struggle-and-imperialism/>
- \_\_\_\_ The Great Robbery of the South. Continuity and Changes in the Super-Exploitation of the Semi-Colonial World by Monopoly Capital. Consequences for the Marxist Theory of Imperialism, RCIT Books, Vienna 2013, <https://www.thecommunists.net/theory/great-robbery-of-the-south/>
- \_\_\_\_ On some Questions of the Zionist Oppression and the Permanent Revolution in Palestine", in: *Revolutionary Communism* Nr. 10 (June 2013), <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/permanent-revolution-in-palestine>
- \_\_\_\_ Cuba's Revolution Sold Out? The Road from Revolution to the Restoration of Capitalism, RCIT Books, Vienna 2013, <https://www.thecommunists.net/theory/cuba-s-revolution-sold-out/>
- \_\_\_\_ The Coup d'État in Egypt and the Bankruptcy of the Left's "Army Socialism", August 2013, <https://www.thecommunists.net/theory/egypt-and-left-army-socialism/>
- \_\_\_\_ The CWI's "Socialist" Zionism and the Palestinian Liberation Struggle. A Reply from the RCIT, 15.9.2014, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/cwi-and-israel/>
- \_\_\_\_ Russia as a Great Imperialist Power. The formation of Russian Monopoly Capital and its Empire – A Reply to our Critics, 18 March 2014, in: *Revolutionary Communism* No. 21, <http://www.thecommunists.net/theory/imperialist-russia/>
- \_\_\_\_ Lenin's Theory of Imperialism and the Rise of Russia as a Great Power. On the Understanding and Misunderstanding of Today's Inter-Imperialist Rivalry in the Light of Lenin's Theory of Imperialism. Another Reply to Our Critics Who Deny Russia's Imperialist Character, in: *Revolutionary Communism* No. 25, August 2014, <http://www.thecommunists.net/theory/imperialism-theory-and-russia/>
- \_\_\_\_ The CWI's "Socialist" Zionism and the Palestinian Liberation Struggle. A Reply from the RCIT, 15.9.2014, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/cwi-and-israel/>
- \_\_\_\_ The Uprising in East Ukraine and Russian Imperialism. An Analysis of Recent Developments in the Ukrainian Civil War and their Consequences for Revolutionary Tactics, 22.October 2014, <https://www.thecommunists.net/theory/ukraine-and-russian-imperialism/>
- \_\_\_\_ The China Question and the Marxist Theory of Imperialism, December 2014, <https://www.thecommunists.net/theory/reply-to-csr-pco-on-china/>
- \_\_\_\_ Building the Revolutionary Party in Theory and Practice. Looking Back and Ahead after 25 Years of Organized Struggle for Bolshevism, Vienna 2014, <https://www.thecommunists.net/theory/rcit-party-building/>
- \_\_\_\_ France: "Communist" Party fails to Vote in Parliament against Imperialist War in Iraq! 15.1.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/french-pcf-iraq-war/>
- \_\_\_\_ After the Paris Attack: Socialists must Join Hands with Muslim People Against Imperialism and Racism! Reformist and Centrist Forces try to derail the Workers

- Movement by Failing to Stand up for Solidarity with the Muslims and Against Imperialist War-Mongering! 17.1.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/france-defend-muslims/>
- The Racist Character of Charlie Hebdo and the pro-imperialist campaign “Je Suis Charlie”. Solidarity with Muslim People! NOT Solidarity with Charlie Hebdo! 17.1.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/racist-charlie-hebdo/>
- The British Left and the EU-Referendum: The Many Faces of pro-UK or pro-EU Social-Imperialism. An analysis of the left’s failure to fight for an independent, internationalist and socialist stance both against British as well as European imperialism, Revolutionary Communism Nr. 40, August 2015 <http://www.thecommunists.net/theory/british-left-and-eu-referendum/>
- Summary of our main differences with the UIT-CI, October 2015, <https://www.thecommunists.net/theory/critique-of-uit-ci/>
- Summary of Our Main Differences with the FLTI, October 2015, <https://www.thecommunists.net/theory/critique-of-flti/>
- China’s “Socialist” Billionaires, 16.11.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/asia/china-s-billionaires>
- Greece: A Modern Semi-Colony. The Contradictory Development of Greek Capitalism, Its Failed Attempts to Become a Minor Imperialist Power, and Its Present Situation as an Advanced Semi-Colonial Country with Some Specific Features, RCIT Books, Vienna 2015,, <https://www.thecommunists.net/theory/greece-semi-colony/>
- Migration and Super-exploitation: Marxist Theory and the Role of Migration in the present Period of Capitalist Decay, in: Critique: Journal of Socialist Theory (Volume 43, Issue 3-4, 2015)
- The Involuntary Self-Exposure of the WWSWS. A Brief Reply to a Lengthy Attack by David North’s WWSWS against the RCIT, 18.4.2016, <http://www.thecommunists.net/theory/reply-to-wsws-short/>
- Marxism and the United Front Tactic Today. The Struggle for Proletarian Hegemony in the Liberation Movement in Semi-Colonial and Imperialist Countries in the present Period, RCIT Books, Vienna 2016, <https://www.thecommunists.net/theory/book-united-front/>
- Capitalism Today and the Law of Uneven Development: The Marxist Tradition and its Application in the Present Historic Period, in: Critique: Journal of Socialist Theory, Volume 44, Issue 4, (2016), <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03017605.2016.1236483>
- Marxism, the European Union and Brexit. The L5I and the European Union: A Right Turn away from Marxism. The recent change in the L5I’s position towards the support for EU membership represents a shift away from its own tradition, of the Marxist method, and of the facts; August 2016, in: Revolutionary Communist No. 55, <http://www.thecommunists.net/theory/eu-and-brexite/>
- Does the EU Represent “Bourgeois Democratic Progress”? Once again, on the EU and the Tactics of the Working Class – An Addendum to our Criticism of the L5I’s Turn to the Right and Its Support for EU Membership, 16.09.2016, <https://www.thecommunists.net/theory/eu-brexite-article/>
- The Meaning, Consequences and Lessons of Trump’s Victory. On the Lessons of the US Presidential Election Outcome and the Perspectives for the Domestic and International Class Struggle, 24.November 2016, <https://www.thecommunists.net/theory/meaning-of-trump/>
- Is the Syrian Revolution at its End? Is Third Camp Abstentionism Justified? An essay on the organs of popular power in the liberated area of Syria, on the character

of the different sectors of the Syrian rebels, and on the failure of those leftists who deserted the Syrian Revolution, 5 April 2017, <https://www.thecommunists.net/theory/syrian-revolution-not-dead/>

\_\_\_\_ Patriotic “Anti-Capitalism” for Fools. Yet Again on the CWG/LCC’s Support for “Workers” Immigration Control and Protectionism in the US, 30.5.2017, <https://www.thecommunists.net/theory/cwg-lcc-us-protectionism/>

\_\_\_\_ Dialectics and Wars in the Present Period. Preface to Rudolf Klement’s Principles and Tactics in War, June 2017, <https://www.thecommunists.net/theory/dialectics-war/>

\_\_\_\_ The China-India Conflict: Its Causes and Consequences. What are the background and the nature of the tensions between China and India in the Sikkim border region? What should be the tactical conclusions for Socialists and Activists of the Liberation Movements? 18 August 2017, Revolutionary Communism No. 71, <https://www.thecommunists.net/theory/china-india-rivalry/>

\_\_\_\_ Michael Pröbsting: US Aggression against North Korea: The CWI’s “Socialist” Pacifism, 12.09.2017, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/cwi-and-north-korea/>.

\_\_\_\_ Catalunya’s Struggle for Independence and its Pseudo-“Left-Wing” Critiques, 27.10.2017, <https://www.thecommunists.net/theory/catalunya-s-struggle-for-independence-and-its-pseudo-left-wing-critiques/>

\_\_\_\_ World Perspectives 2018: A World Pregnant with Wars and Popular Uprisings. Theses on the World Situation, the Perspectives for Class Struggle and the Tasks of Revolutionaries, RCIT Books, Vienna 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2018/>

\_\_\_\_ Syria and Great Power Rivalry: The Failure of the „Left“. The bleeding Syrian Revolution and the recent Escalation of Inter-Imperialist Rivalry between the US and Russia – A Marxist Critique of Social Democracy, Stalinism and Centrism, 21 April 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/syria-great-power-rivalry-and-the-failure-of-the-left/>

\_\_\_\_ The Catastrophic Failure of the Theory of “Catastrophism”. On the Marxist Theory of Capitalist Breakdown and its Misinterpretation by the Partido Obrero (Argentina) and its “Coordinating Committee for the Refoundation of the Fourth International”, RCIT Pamphlet, May 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/the-catastrophic-failure-of-the-theory-of-catastrophism/>

\_\_\_\_ The Mad Man plays with fire, again. A Commentary on Trump’s Decision to Pull the U.S. out of the Iran Nuclear Deal, 9 May 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/trump-pulls-u-s-out-of-iran-nuclear-deal/>

\_\_\_\_ Where Do Socialists Stand in Face of the Looming Global Trade War? A Showcase of the Practical Consequences of the Assessment of the Class Character of the Chinese State, 17 June 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/where-do-socialists-stand-in-face-of-the-looming-global-trade-war/>

\_\_\_\_ The Global Trade War has Begun. What is its Meaning and what should be the Response of Socialists?, 13 July 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/the-global-trade-war-has-begun/>

\_\_\_\_ Again on Capitalist Restoration in North Korea, 12 June 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/again-on-capitalist-restoration-in-north-korea/>

\_\_\_\_ In What Sense Can One Speak of Capitalist Restoration in North Korea? Reply to Several Objections Raised by the Polish Comrades of “Władza Rad”, 21 June 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/north-korea-and-the-marxist-theory-of-capitalist-restoration/>

- \_\_\_ Has Capitalist Restoration in North Korea Crossed the Rubicon or Not? Reply to a Polemic of Władza Rad (Poland), 15 July 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/has-capitalist-restoration-in-north-korea-crossed-the-rubicon-or-not/>
- \_\_\_ 63,000 Troops. Russian Imperialist Forces back up the Reactionary Assad Regime in Syria, 27.08.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/63-000-russian-troops-in-syria/>
- \_\_\_ China: Defend the Muslim Uyghurs against Oppression! 18.10.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/china-defend-the-muslim-uyghurs-against-oppression/>
- \_\_\_ China: A Paradise for Billionaires. The latest UBS/PwC Report about the Global Super-Rich Delivers another Crushing Blow to the Stalinist Myth of China's "Socialism", 27.10.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/china-is-a-paradise-for-billionaires/>
- \_\_\_ The Global Super-Rich Get Even Richer. UBS/PwC Publish their latest Report about the World's Billionaires, 27.10.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/the-global-super-rich-get-even-richer/>
- \_\_\_ and Almedina Gunić: How the Pentagon Views the World Situation. A New Study by the US Military Confirms Marxists' Analysis of the Current Historic Period, 25 July 2017, <https://www.thecommunists.net/theory/pentagon-study/>
- \_\_\_ and Andrew Walton: The Slogan of "Workers'" Immigration Control: A Concession to Social-Chauvinism, 27.3.2017, <https://www.thecommunists.net/theory/workers-immigration-control/>
- \_\_\_ and Andrew Walton: A Social-Chauvinist Defence of the Indefensible. Another Reply to the CWG/LCC's Support for "Workers'" Immigration Control, 14.5.2017, <https://www.thecommunists.net/theory/cwg-immigration-control/>
- Pushkin, Alexander: Geschichte des Pugatschew'schen Aufbruchs, Stuttgart 1840
- Rabkor: Editorial: Russia and Crimea, 24.03.2014, <http://rabkor.ru/columns/editorials/2014/03/24/russia-and-crimea/>
- \_\_\_ Стрелков рассказал, что сейчас объединяет "красных" и "белых", 24.01.2015 <http://rabkor.ru/columns/events/2015/01/24/conference-novorossia/>
- Rachel, Lukasz and Thomas D Smith: Secular drivers of the global real interest rate, Bank of England, Staff Working Paper No. 571, December 2015
- Radek, Karl: Our Struggle against Imperialism (1912), in Richard B. Day and Daniel F. Gaido (Eds): Discovering Imperialism: Social Democracy to World War I, Historical Materialism Book Series Vol. 33, Leiden 2012
- Raeff, Marc: Pugachev's Rebellion, in: Robert Forster (Ed.): Preconditions of Revolution in Early Modern Europe, Johns Hopkins University Press, Baltimore 1970
- Rauch, Georg von: Rußland im Zeitalter des Nationalismus und Imperialismus (1856-1917), Kopernikus Verlag, München 1961
- RED\*LIBERATION (Bulletin of Socialists in the Labour Party): UK: No to Cameron's Trap: Neither YES nor NO to UK membership in the EU! For Abstention in the Referendum! We call on Momentum to create a "Third Camp" and to launch a socialist and internationalist campaign! For international Unity of the British, Migrant and European Workers! 25 February 2016, <https://redliberation.wordpress.com/2016/05/02/100/>
- Reinl, James: Is a US-China war in Asia inevitable? 2018-10-30 <https://www.aljazeera.com/news/2018/10/china-war-asia-inevitable-181029195111603.html>
- Reisberg, Arnold: Lenin und die Zimmerwalder Bewegung. Berlin 1966.
- Restrepo-Echavarria, Paulina and Maria A. Arias: Tigers, Tiger Cubs and Economic Growth, May 25, 2017 <https://www.stlouisfed.org/on-the-economy/2017/may/ti->

[gers-tiger-cubs-economic-growth](#)

- Revolutionary Communist International Tendency: Perspectives on the Greek Revolution, 10.11.2011, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/greece-revolution-or-tragedy/>
- \_\_\_ The Revolutionary Communist Manifesto, 2012, <https://www.thecommunists.net/rcit-manifesto/>
- \_\_\_ Victory! The Charge against RKOB Spokesperson and Palestine Solidarity Activist Johannes Wiener has been dropped! 10.1.2013, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/solidarity-with-wiener-won/>
- \_\_\_ No War against North Korea! Call for Protests on the Day when a War starts! 6.4.2013, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/no-war-against-north-korea/>
- \_\_\_ New Imperialist Threats in East Asia: Hands off North Korea! 12.3.2013, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/defend-north-korea/>
- \_\_\_ France after the Attacks in Paris: Defend the Muslim People against Imperialist Wars, Chauvinist Hatemongering, and State Repression! 9.1.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/statement-paris-attacks/>;
- \_\_\_ General Sisi, Hollande, Obama: Hands Off Libya! Defeat General Haftars' Imperialist Lackeys! Down with the Daash-Gang of Killers! For a Workers' and Popular Government! 26.2.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/hands-off-libya/>
- \_\_\_ Macedonia: Stop the Police Violence! Support the National Self-Determination of the Albanian Minority! For a Workers and Peasants Government! For a Socialist Federation of the Balkan People! 8.5.2015, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/macedonia-statement/>
- \_\_\_ Europe / North Africa: Storm the Gates of Rome! Open Borders for Refugees! Stop the Imperialist EU-War against Refugees! No to the Preparations for an Imperialist Aggression against Libya! 22.5.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/eu-war-against-refugees/>
- \_\_\_ Terror in Paris is the Result of Imperialist Terror in the Middle East! Stop France's and other Imperialist Powers' Warmongering! No Mobilization of the Army inside France! Defend the Muslim Peoples against Chauvinist Hatemongering and State Repression! 14.11.2015, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/terror-in-paris/>
- \_\_\_ Increasing Instability and Militarization in the European Union. On the Tasks of Revolutionaries in the New Political Phase which has Opened in Europe after the Terrorist Attack in Paris, 08.12.2015, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/militarism-in-eu/>
- \_\_\_ Stop the US Bombing of Libya! 23.2.2016, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/us-bombing-libya/>
- \_\_\_ Revolution and Counterrevolution in the Arab World: An Acid Test for Revolutionaries, <http://www.thecommunists.net/theory/theses-arab-revolution/>
- \_\_\_ and RCIT Britain: Boycott Cameron's Trap: Neither Brussels, nor Downing Street! For Abstention in Britain's EU-Referendum! For international Unity and Struggle of the Workers and Oppressed! Fight against both British as well as European Imperialism! Forward to the United Socialist States of Europe, 2 August 2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/eu-referendum-in-uk/>
- \_\_\_ Manifesto for Revolutionary Liberation, 2016, <https://www.thecommunists.net/rcit-program-2016/>
- \_\_\_ Advancing Counterrevolution and Acceleration of Class Contradictions Mark the

- Opening of a New Political Phase. Theses on the World Situation, the Perspectives for Class Struggle and the Tasks of Revolutionaries (January 2016), in: Revolutionary Communism No. 46, <http://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2016/>
- TEK YOL DEVRIM! Action Program for Turkey by Sınıf Savaşı (Section of the Revolutionary Communist International Tendency in Turkey), October 2016, <https://www.thecommunists.net/theory/program-turkey/>.
- After the BREXIT Vote – Stormy times ahead for the workers and oppressed in Britain, 24.6.2016, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/brexit-vote-results/>
- In the Wake of the PSTU/LIT-CI Split, What Lessons Can Be Learned? An Open Letter to Members and Sympathizers of the International Workers League (Fourth International), 11.7.2016, <https://www.thecommunists.net/rcit/open-letter-lit-qi/>
- Stop Judicial Prosecution for Solidarity with Palestine! A Call to the Austrian State to Drop Its Charges against Michael Pröbsting! <https://www.thecommunists.net/rcit/solidarity-proebsting/>
- The China–Pakistan Economic Corridor is a Project of Chinese Imperialism for the Colonialization of Pakistan! Joint Statement of the International Secretariat of the RCIT and the Revolutionary Workers Organization (Pakistani Section of the RCIT), 22.1.2017, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/pakistan-cpec/>
- North Korea: Stop the War Mongering of US Imperialism! 4 April 2017, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/us-aggression-vs-north-korea/>
- North Korea: Stop the American Warmongers! Defend North Korea against the Madman of US Imperialism! Down with the imperialist sanctions against North Korea! No political support for the Stalinist Kim Regime! 11 August 2017, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/stop-us-madman-threatening-north-korea/>
- Where does the RCIT Stand on Russia’s Occupation of Chechnya? <https://www.thecommunists.net/theory/russia-and-chechnya/>
- Global Trade War: No to Great Power Jingoism in West and East! Neither Imperialist Globalization nor Imperialist Protectionism! For International Solidarity and Joint Struggle of the Working Class and Oppressed People! 4 July 2018, <https://www.thecommunists.net/rcit/joint-statement-on-the-looming-global-trade-war/>
- US Sanctions against Russia, Iran, and North Korea are an Economic Declaration of War, 30 July 2017, <https://www.thecommunists.net/worldwide/north-america/us-sanctions-vs-russia-iran-north-korea/>
- Six Points for a Platform of Revolutionary Unity Today. A Proposal from the Revolutionary Communist International Tendency (RCIT), February 2018, <https://www.thecommunists.net/rcit/6-points-for-a-platform-of-revolutionary-unity-today/>
- Warmongering in the Middle East: Down with all Imperialist Great Powers and Capitalist Dictatorships! Joint Statement of the Revolutionary Communist International Tendency (RCIT), Alkebulan School of Black Studies (Kenya), Pacesetters Movement (Nigeria), Pan-Afrikan Consciousness Renaissance (Nigeria), Marxist Group ‘Class Politics’ (Russia), and Sınıf Savaşı (Turkey), 13 May 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/joint-statement-war-mongering-in-the-middle-east/>
- Has the Trump-Kim Summit Opened the Road to Peace in East Asia? 14.06.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/has-the-trump-kim-summit-opened-the-road-to-peace-in-east-asia/>
- Theses on Revolutionary Defeatism in Imperialist States, 8 September 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/theses-on-revolutionary-defeatism-in-imperialist-states/>

[www.thecommunists.net/theory/theses-on-revolutionary-defeatism-in-imperialist-states/](http://www.thecommunists.net/theory/theses-on-revolutionary-defeatism-in-imperialist-states/)

- Trump threatens to withdraw from INF Treaty: No to a New Imperialist Arms Race! The Acceleration of Rivalry between the Great Powers Increases the Risks of World War III, 25 October 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/trump-threatens-to-withdraw-from-inf-treaty/>
- Central America / Mexico / U.S.: Solidarity with the Migrants' Caravan! 01.11.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/latin-america/central-america-mexico-u-s-solidarity-with-the-migrants-caravan/>
- France: Defend the "Yellow Vests" Movement against State Repression! 03.12.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/france-defend-the-yellow-vests-movement-against-state-repression/>
- and MGKP (Russia): Military Escalation between Russia and Ukraine at the Kerch Strait. Down with the Reactionary Warmongering on Both Sides! 28 November 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/military-escalation-between-russia-and-ukraine-at-the-kerch-strait/>
- Revolutionary Communist Organization LIBERATION (Austrian Section of the RCIT): Bericht der RKOB-Delegation über ihren Aufenthalt in London 2011, <http://www.rkob.net/international/berichte-uprising-in-gb/>,
- Report on May Day 2016 in Austria: Joint Resistance against Racist Attacks. Forceful, militant, internationalist demonstration despite racist attacks, Report (with Pictures and Videos) on the multinational, internationalist demonstration in Vienna marking May Day 2016 organized by the Revolutionary Communist Organization LIBERATION, <https://www.thecommunists.net/rcit/report-may-day-2016-in-austria/>
- KPÖ schließt RKOB aus und macht den Weg frei für Frauenschläger der Anti-Nationalen Szene. Wiederholter körperlicher Angriff auf Genossin Gunić am Volkstimmefest, Bericht der Revolutionär-Kommunistischen Organisation BEFREIUNG zum Volkstimmefest 2016, 05.09.2016, <https://www.rkob.net/wer-wir-sind-1/rkob-aktiv-bei/bericht-vs-fest-2016/>
- Austria: "Left-Wing" Zionists Attack Arab Migrants at Demonstration in Solidarity with Refugees! Report (with Pictures and Videos) from the anti-racist Demonstration on 26 November in Vienna by the Austrian Section of the RCIT, 27.11.2016, <https://www.thecommunists.net/rcit/zionists-attack-rcit-austria/>
- Austria: Right-Wing Party Opens Parliamentary Inquiry against the RCIT Section. Biggest Opposition Party smears the Trotskyists for alleged "Left-Wing Extremism", "Antisemitism" and "Radical Islamism" and asks the Federal Ministry of the Interior to officially investigate them, 29.01.2017, <https://www.thecommunists.net/rcit/parliamentary-inquiry-against-rcit-section/>
- Public Prosecution Department in Vienna Stops Investigation against Michael Pröbsting, 09.02.2017, <https://www.thecommunists.net/rcit/investigation-vs-proebsting-stopped/>
- Austria: Islamophobic Racism on the Rise! Solidarity with the Muslim Brothers and Sisters! No to the Closure of 7 Mosques and the Expulsion of 40 Imams and their Families! 8. June 2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/islamophobic-racism-on-the-rise-in-austria/>
- Remnick, David: The Increasing Unfitness of Donald Trump. The West Wing has come to resemble the darkest realms of Twitter, in which everyone is racked with paranoia and everyone despises everyone else, January 15, 2018, <https://www.newyorker.com/magazine/2018/01/15/the-increasing-unfitness-of-donald-trump>

- Riddell, John: Lenin's Struggle for a Revolutionary International, New York: Pathfinder, 1984
- Riezler, Kurt (J. J. Ruedorffer): Grundzüge der Weltpolitik in der Gegenwart, Deutsche Verlags-Anstalt, Berlin 1914
- Rigault, Raoul: Why French troops are in Mali and why the French Communist Party supports the war, 26 February 2013 <https://www.marxist.com/why-french-troops-are-in-mali-and-why-the-french-supports-the-war.htm>
- Rjazanov, David Borisovič: Vorwort zur MEGA 1927, in: UTOPIE kreativ, H. 206 (December 2007)
- \_\_\_\_ Karl Marx über den Ursprung der Vorherrschaft Rußlands in Europa. Kritische Untersuchungen, in: Karl Marx, Die Geschichte der Geheimdiplomatie des 18. Jahrhunderts
- Roberts, James W.: Lenin's Theory of Imperialism in Soviet Usage, in: Soviet Studies Vol. 29, Nr. 3 (July 1977)
- Roberts, Michael: A world rate of profit. Globalisation and the world economy (2012), [http://thenextrecession.files.wordpress.com/2012/07/roberts\\_michael-a\\_world\\_rate\\_of\\_profit.pdf](http://thenextrecession.files.wordpress.com/2012/07/roberts_michael-a_world_rate_of_profit.pdf)
- \_\_\_\_ Imperialism, globalization and the profitability of capital, in: Rupture Magazine, Issue 1, <https://rupturemagazine.org/2018/01/25/imperialism-globalization-and-the-profitability-of-capital/>
- Rosdolsky, Roman: Studien über revolutionäre Taktik. Zwei unveröffentlichte Arbeiten über die II. Internationale und über die österreichische Sozialdemokratie, Verlag für das Studium der Arbeiterbewegung, West-Berlin 1973; in English: Imperialist War and the Question of Peace and can be read online here: <https://www.marxists.org/archive/rosdolsky/1978/impwarqpeace/index.htm>
- \_\_\_\_ Engels and the "Nonhistoric" Peoples: The National Question in the Revolution of 1848, Critique Books, Glasgow 1986
- Ross, John: The Asian and Chinese economic growth models - implications of modern findings on economic growth, 2009-09-08, <http://socialisteconomicbulletin.blogspot.com/>
- \_\_\_\_ Why Are China and India Growing So Fast? State Investment, August 29, 2016, [http://www.huffingtonpost.com/john\\_ross-/china-india-growth\\_b\\_11655472.html](http://www.huffingtonpost.com/john_ross-/china-india-growth_b_11655472.html)
- Ross, Robert: The End of U.S. Naval Dominance in Asia, November 18, 2018, <https://www.lawfareblog.com/end-us-naval-dominance-asia>
- Rothstein, Theodore: Beiträge zur Geschichte der Arbeiterbewegung in England, Vienna 1929
- Rowell, Alex: Small wonder: The global fascist love affair with the Assad regime, <https://pulsemedia.org/2017/08/20/small-wonder-the-global-fascist-love-affair-with-the-assad-regime/>
- Roy, Kaushik (Ed): The Indian Army in the Two World Wars, History of Warfare 70, Brill Academic Publishers, Leiden 2012
- Russia Total External Debt, <https://tradingeconomics.com/russia/external-debt>
- Russia to develop production facilities in Cuba, 21 Jun, 2016, Russia Today, <https://www.rt.com/business/347586-russia-cuba-facilities-development/>
- Russian companies get green light to mine gold in Venezuela, 26 Dec, 2018 <https://www.rt.com/business/447438-venezuela-russia-gold-exploration/>
- Russian Communist Workers' Party: On the death of comrade, 24.05.2015, <https://rkrp-rpk.ru/2015/05/24/%D1%83%D0%B1%D0%B8%D1%82-%D0%B0%D0%BB%D0%B5%D0%BA%D1%81%D0%B5%D0%B9-%D0%BC%D0%BE%D0%B7%D0%B3%D0%BE%D0%B2%D0%BE%D0%B9/>



- Against war! Against warmongering! 16.04.2018, <https://rkrp-rpk.ru/2018/04/16/%D0%BF%D1%80%D0%BE%D1%82%D0%B8%D0%B2-%D0%B2%D0%BE%D0%B9%D0%BD%D1%8B-%D0%BF%D1%80%D0%BE%D1%82%D0%B8%D0%B2-%D0%B2%D0%B0%D0%B3%D0%BD%D0%B5%D1%82%D0%B0%D0%B8%D0%B8%D0%BE%D0%B5%D0%BD%D0%BD/>
- Russian Socialist Movement: Программа (Program), <http://anticapitalist.ru/programm/>
- Социализм и загадка наций (No to Imperial language policies!), 27.06.2016, <http://anticapitalist.ru/2016/06/27/337/>
- Ryan, James: 'Revolution is War': The Development of the Thought of V. I. Lenin on Violence, 1899–1907, in: *The Slavonic and East European Review*, Vol. 89, No. 2 (April 2011)
- Safa, Henri: The Impact of Energy on Global Economy, in: *International Journal of Energy Economics and Policy*, Vol. 7(2017), No. 2
- Sanborn, Joshua A.: Russian Imperialism, 1914–2014: Annexationist, Adventurist, or Anxious?, in: *Revolutionary Russia*, Vol. 27 (2014), No. 2
- Schlarp, Karl-Heinz: Ursachen und Entstehung des Ersten Weltkrieges im Lichte der sowjetischen Geschichtsschreibung, Alfred Metzner Verlag, Hamburg 1971
- Schmidt, Gustav: Der europäische Imperialismus, R. Oldenburg Verlag, München 1985
- Schramm, Gottfried: Das Zarenreich: ein Beispiel für Imperialismus, in: *Geschichte und Gesellschaft* Vol. 7 (1981), No. 2
- Schularick, Moritz: A Tale of two 'Globalizations': Capital Flows from Rich to Poor in Two Eras of Global Finance, in: *International Journal of Finance and Economics* 11 (2006)
- Schwartz, Yossi: Egypt: The U.S. Support for the Military Coup and the Left's ignorance, 11.7.2013, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/egypt-us-support-for-military-coup/>
- Was the People's Democratic Republic of Yemen a Deformed Workers State? August 2015, <https://www.thecommunists.net/theory/south-yemen/>
- Occupied Palestine / Israel: Dead End for the Two-State Solution. The Palestinian Liberation Struggle and the CWI's Centrist Adaptation to Zionism, 12.11.2015, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/palestine-and-cwi/>
- Why Not to Vote for the Democratic Party in the Forthcoming US Elections Or At Any Other Time, 2.3.2016, <https://www.thecommunists.net/worldwide/north-america/no-vote-sanders/>
- Once Again: Opportunism of US Left Exposed. An Analysis of the US 2016 Elections Campaign, 14 August 2016, <https://www.thecommunists.net/worldwide/north-america/left-and-us-election/>
- Raqqa: Defeat the US Imperialist Offensive! An assessment of the US/SDF/YPG war against Daesh, April 2017, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/us-offensive-in-raqqa/>
- Israel's Attack on Iranian Forces in Syria, 14.5.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/israel-s-attack-on-iranian-forces-in-syria/>
- Capitalist Trade and the Looming 3rd World War, 15 July 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/capitalist-trade-and-looming-3rd-world-war/>
- Anti-Semitism and Anti-Zionism, 16 November 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/anti-semitism-and-anti-zionism/>
- Seidel, Jamie: President Xi tells military to 'concentrate preparation for fighting a war', October 29, 2018, <https://www.news.com.au/technology/innovation/military/pres->

ident-xi-tells-military-to-concentrate-preparation-for-fighting-a-war/news-story/e3929306705b623290b925cbba1fda9b

- Semyonov, Alexander: Russian Liberalism and the Problem of Imperial Diversity, in: Matthew Fitzpatrick (Ed): Liberal Imperialism in Europe, Palgrave Macmillan, New York 2012
- Senn, Alfred Erich: The Russian Revolution in Switzerland, 1914-1917, University of Wisconsin Press, London 1971
- Serge, Victor: New Aspects of the Problem of War (August 1926), <https://www.marxists.org/archive/serge/1926/08/war.htm>
- Sergeev, Evgeny: Russian Military Intelligence in the War with Japan, 1904–05. Secret operations on land and at sea, Routledge, New York 2007
- Sewell, Rob: “Trade wars are good” – Trump threatens fragile world economy, 12 March 2018 <https://www.marxist.com/trade-wars-are-good-trump-threatens-fragile-world-economy.htm>
- Shachtman, Max: Old Garbage in New Pails, in: New International, Vol.5 No.6, June 1939, <https://www.marxists.org/archive/shachtma/1939/06/garbage.htm>
- Shekhovtsov, Anton: Boris Kagarlitsky, a Kremlin’s mole in the leftist movement, <http://anton-shekhovtsov.blogspot.co.uk/2014/09/boris-kagarlitsky-kremlins-mole-in.html>
- Shen, Jianguang: China needs to prepare for long-term rivalry with the US even if trade deal is reached, Global Times, 2019/1/9 <http://www.globaltimes.cn/content/1135170.shtml>
- Sinitsina, Irina: Economic Cooperation Between Russia and Central Asian Countries: Trends and Outlook, 2012
- Shlyapnikov, Alexander: On the Eve of 1917 (1923), <http://www.marxists.org/archive/shliapnikov/1923/eve1917/index.html>
- Shukow, I. M. (Ed.): Weltgeschichte, VEB Deutscher Verlag der Wissenschaften, Berlin 1963, Vol. 1-10
- Singh, Ajit: China’s rise threatens U.S. imperialism, not American people, Monthly Review Online, Apr 09, 2018, <https://mronline.org/2018/04/09/chinas-rise-threatens-u-s-imperialism-not-american-people/>
- \_\_\_\_ A New Era for Socialist China, 24 October 2017, <https://www.telesurtv.net/english/opinion/A-New-Era-for-Socialist-China-20171024-0008.html>
- \_\_\_\_ India and China: Rivals or Potential Partners in Liberation? November 2nd, 2017, <http://www.hamptoninstitution.org/india-and-china.html>
- Slaughter, Cliff: Lenin and the Imperialist War of 1914-1918, in: Fourth International, Vol. 4, No. 3, November 1967
- Slavin, David H.: The French Left and the Rif War, 1924-25: Racism and the Limits of Internationalism, in: Journal of Contemporary History, Vol. 26, No. 1, January 1991
- Smith, David: Trump hails foreign policy shift on surprise visit to US troops in Iraq, 27 December 2018 <https://www.theguardian.com/us-news/2018/dec/26/trump-iraq-visit-us-troops-shutdown>
- Socialist Fight: Defend Syria and Russia: Imperialism out of the Middle East, 14/04/2018 <https://socialistfight.com/2018/04/14/defend-syria-and-russia-imperialism-out-of-the-middle-east/>
- Socialist Party (CWI): Falklands war: what lessons for the labour movement? In: Socialism Today, No 108, April 2007, <http://www.socialismtoday.org/108/falklands.html>
- \_\_\_\_ British Perspectives 2013 (Congress Document), [http://www.socialistparty.org.uk/partydoc/British\\_Perspectives\\_2013\\_a\\_Socialist\\_Party\\_congress\\_document/16413](http://www.socialistparty.org.uk/partydoc/British_Perspectives_2013_a_Socialist_Party_congress_document/16413)
- „Solidarität mit Serbien“: Jubel für Strache in Belgrad, Der Standard, 5. Mai 2008, <https://>

- [derstandard.at/3290627/Solidaritaet-mit-Serbien-Jubel-fuer-Strache-in-Belgrad](http://derstandard.at/3290627/Solidaritaet-mit-Serbien-Jubel-fuer-Strache-in-Belgrad)
- Sontag, Raymond James and James Stuart Beddie (Ed.): *Nazi-Soviet Relations, 1939-1941. Documents from the Archives of the German Foreign Office, Department of State, 1948*
- South China Morning Post: How Russia is boosting its role in Africa with weapons, investment and 'instructors', 14 August, 2018, <https://www.scmp.com/news/world/africa/article/2159622/how-russia-boosting-its-role-africa-weapons-investment-and>
- \_\_\_\_ China making two billionaires every week as world's super-rich become wealthier than ever before, report reveals, 26 October, 2018, <https://www.scmp.com/news/world/united-states-canada/article/2170348/china-making-two-billionaires-every-week-worlds>
- \_\_\_\_ China's private economy set for winter 'colder and longer than expected', warns billionaire tycoon, 28 December, 2018, <https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/2179762/chinas-private-economy-set-winter-colder-and-longer-expected>
- \_\_\_\_ China's state-owned companies enjoy record profits, even as private sector flounders, 18 January, 2019, <https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/2182552/chinas-state-owned-companies-enjoy-record-profits-even-private>
- Spector, Maurice: *Sanctions and the Coming War (1935)*, *New International*, Vol.2 No.7, December 1935, <https://www.marxists.org/history/etol/writers/spector/1935/12/sanctions.htm>
- Statement of the Communist and Workers Parties of Europe condemning the escalation of the imperialist aggressiveness in Syria, 13 April 2018, <http://www.solidnet.org/greece-communist-party-of-greece/cp-of-greece-statement-of-the-communist-and-workers-parties-of-europe-condemning-the-escalation-of-the-imperialist-aggressiveness-in-syria-en-ru-es-ar-fr-sq>
- Steinberg, John W., Bruce W. Menning, David Schimmelpenninck, Van Der Oye, David Wolff, Shinji Yokote (Eds.): *The Russo-Japanese War in Global Perspective. World War Zero, Vol. I and II*, Brill, Leiden 2005 and 2007
- Sterk, Andre and Robin van Daalen: *Immigration Holds Key to Labor Shortage*, *Wall Street Journal*, June 28, 2011, <https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702304314404576411362925170744>
- Stern, Johannes: Behind the designation of Russia and China as "imperialist": A case study in theoretical charlatanry, *WSWS*, 14 April 2016, <http://www.wsws.org/en/articles/2016/04/14/prob-a14.html>
- Stockholm International Peace Research Institute: *SIPRI Yearbook 2017 (Summary)*
- \_\_\_\_ *SIPRI Yearbook 2018 (Summary)*
- \_\_\_\_ *SIPRI Fact Sheet, Trends in World Military Expenditure, 2017*, May 2018
- \_\_\_\_ *SIPRI Yearbook 2018, Armaments, Disarmament and International Security*
- Strauß, Hanno: Von Engels' „Panslawismus“ zu Marx' „Geheimdiplomatie“. Eine Herleitung politischer Ambitionen, in: *Marx und Russland. Beiträge zur Marx-Engels-Forschung Neue Folge 2012*, Argument, Hamburg 2014
- Strickland, Patrick: Why do Italian fascists adore Syria's Bashar al-Assad? 14 Feb 2018, <http://www.aljazeera.com/news/2018/01/italian-fascists-adore-syria-bashar-al-assad-180125115153121.html>
- Strobel, Georg W.: *Quellen zur Geschichte des Kommunismus in Polen 1878-1918*, Verlag Wissenschaft und Politik., Köln 1968
- \_\_\_\_ Die Partei Rosa Luxemburgs, Lenin und die SPD. Der polnische ‚europäische‘ Internationalismus in der russischen Sozialdemokratie; Franz Steiner Verlag, Wies-

baden 1974

- Suchkov, Maxim A.: Can Russia, China cooperate on the Middle East? December 12, 2018 <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2018/12/russia-china-cooperation-syria-middle-east.html>
- Sugasti, Daniel: We repudiate Trump's threats on more attacks to Syria! LIT-CI, April 10, 2018 <https://litci.org/en/we-repudiate-trumps-threats-on-more-attacks-to-syria/>
- Sun, Irene Yuan, Kartik Jayaram, Omid Kassiri: Dance of the lions and dragons. How are Africa and China engaging, and how will the partnership evolve? McKinsey & Company, June 2017
- Sumner, B. H.: New Material on the Revolt of Pugachev, in: *The Slavonic and East European Review*, Vol. 7, No. 19 (June 1928)
- \_\_\_\_ New Material on the Revolt of Pugachev: II, in: *The Slavonic and East European Review*, Vol. 7, No. 20 (January 1929)
- Svensson, Niklas Albin: World trade: Trump sets his eyes on China, 29 March 2018 <https://www.marxist.com/world-trade-trump-sets-his-eyes-on-china.htm>
- \_\_\_\_ Trump's war on globalisation, 04 June 2018 <https://www.marxist.com/trump-s-war-on-globalisation.htm>
- \_\_\_\_ China: a trade war the bourgeois can get behind, 21 June 2018 <https://www.marxist.com/china-a-trade-war-the-bourgeois-can-get-behind.htm>
- \_\_\_\_ The real stakes in the Trump-China trade war, 08 October 2018 <https://www.marxist.com/the-real-stakes-in-the-trade-war-between-trump-china-trade-war.htm>
- Taaffe, Peter: *The Rise of Militant*, London 1995, Chapter 20 "The Falklands/Malvinas War", <http://socialistalternative.org/literature/militant/>
- \_\_\_\_ Afghanistan, Islam and the Revolutionary Left (2002), <http://www.socialistworld.net/pubs/afghanistan/afghanchp1.html>
- \_\_\_\_ A socialist World is possible - the history of the CWI, 31.08.2004 <http://www.socialistworld.net/doc/4779>
- Tarnovskij, K.N. : Probleme des russischen Imperialismus in der sowjetischen Geschichtsschreibung, in: *Jahrbuch für Geschichte der sozialistischen Länder Europas*, Jg. 27, Berlin 1983
- TASS: Russia lost 112 servicemen over three years of counter-terror operation in Syria – MP, September 30, 2018, <http://tass.com/defense/1023714>
- Thatcher, Ian D.: *Leon Trotsky and World War One August 1914–February 1917*, Macmillan Press Ltd, London 2000
- \_\_\_\_ *Late Imperial Russia*, Manchester University Press, Manchester 2005
- The Associated Press: Retired US General Says War With China Likely in 15 Years, Oct. 24, 2018 <https://www.nytimes.com/aponline/2018/10/24/world/europe/ap-eu-portal-us-china.html>
- The super-cycle lives: EM growth is key, Standard Chartered Bank, Special Report, 06 November 2013
- Trotsky, Leon: *Die Russische Revolution 1905*, Vereinigung Internationaler Verlagsanstalten, Berlin 1923 (republished in Leo Trotzki: *Ausgewählte Werke*, Vol. 1, Verlag Neuer Kurs, Berlin 1972)
- \_\_\_\_ Über den russischen Imperialismus (1916), in: Leo Trotzki: *Europa im Krieg*, Arbeiterpresse Verlag, Essen 1998
- \_\_\_\_ *Our Revolution. Essays on Working-Class and International Revolution, 1904-1917*, Henry Holt and Company, New York 1918 (Edited by Moissaye J. Olgin), <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1918/ourrevo/ch11.htm>
- \_\_\_\_ Speech at the Fourth Congress of the Communist International (1 December 1922), in: John Riddell (Ed.): *Toward the United Front. Proceedings of the Fourth Con-*

- gress of the Communist International, 1922, Historical Materialism Book Series, Brill, Leiden 2012
- \_\_\_\_ Perspectives and Tasks in the East. Speech on the third anniversary of the Communist University for the Toilers of the East (21. April 1924); in: Leon Trotsky Speaks, Pathfinder 1972
- \_\_\_\_ The Lessons of October (1924); in: Leon Trotsky: The Challenge of the Left Opposition (1923-25), Pathfinder Press, New York 1975
- \_\_\_\_ Perspectives of World Development (1924), <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1924/07/world.htm>
- \_\_\_\_ Where is Britain Going? (1925), in: Trotsky's Writings on Britain, Vol. 2, New Park Publications, London 1974
- \_\_\_\_ An Analysis of the Slogans and Differences, in: Leon Trotsky: The Challenge of the Left Opposition 1923-25, New York 1975
- \_\_\_\_ The Platform of the Opposition (1927), in: Leon Trotsky: The Challenge of the Left Opposition (1926-27)
- \_\_\_\_ 'Defeatism' and Clemenceau (1927); in: Leon Trotsky: The Challenge of the Left Opposition (1926-27)
- \_\_\_\_ The Third International After Lenin. The Draft Program of the Communist International: A Criticism of Fundamentals (1928), Pathfinder Press, New York 1970
- \_\_\_\_ The Permanent Revolution (1929), Pathfinder Press, New York 1969
- \_\_\_\_ Unifying the Left Opposition (1930); in: Writings 1930
- \_\_\_\_ An Open Letter to All Members of the Leninbund (1930); in: Writings 1930
- \_\_\_\_ History of the Russian Revolution (1930), Haymarket Books, Chicago 2008
- \_\_\_\_ To the Editorial Board of Prometeo (1930); in: Writings 1930
- \_\_\_\_ Declaration to the Antiwar Congress at Amsterdam (1932), in: Trotsky Writings 1932
- \_\_\_\_ A Discussion on Greece (Spring 1932), In: Writings of Leon Trotsky: Supplement (1929-33), Pathfinder, New York 1979
- \_\_\_\_ Philip Pomper (Editor): Trotsky's Notebooks, 1933-1935: Writings on Lenin, Dialectics and Evolutionism, Columbia University Press, New York 1986
- \_\_\_\_ War and the Fourth International (1934), in: Trotsky Writings 1933-34
- \_\_\_\_ Once Again the ILP (1935); in: Trotsky Writings 1935-36
- \_\_\_\_ Who Defends Russia? Who Helps Hitler? (1935); in: Trotsky Writings 1935-36
- \_\_\_\_ Open Letter To A British Comrade (1936); in: Trotsky Writings 1935-36
- \_\_\_\_ Leo Trotsky: Whither France? New Park Publications, London
- \_\_\_\_ The Revolution Betrayed (1936), Pathfinder Press 1972
- \_\_\_\_ Resolution on the Antiwar Congress of the London Bureau (1936), in: Documents of the Fourth International, New York 1973
- \_\_\_\_ Ultralefts in General and Incurable Ultralefts in Particular (A Few Theoretical Considerations), 1937, in: Leon Trotsky: The Spanish Revolution (1931-39), Pathfinder Press, New York 1973, <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1937/1937-ultra.htm>
- \_\_\_\_ On the Threshold of a New World War (1937); in: Trotsky Writings 1936-37
- \_\_\_\_ How to Struggle against War (1937), in: Trotsky Writings 1937-38
- \_\_\_\_ Defeatism vs. Defensism (1937), in: Trotsky Writings 1937-38
- \_\_\_\_ The Death Agony of Capitalism and the Tasks of the Fourth International. The Transitional Program (1938); in: Documents of the Fourth International, New York 1973
- \_\_\_\_ The Chinese Revolution (Introduction to Harold R. Isaacs, The Tragedy of the Chinese Revolution, London 1938), in: Fourth International [New York], Vol.6 No.10

- (Whole No.59), October 1945, <http://www.marxists.org/archive/trotsky/1938/xx/china.htm>
- \_\_\_ Learn to Think: A Friendly Suggestion to Certain Ultra-Leftists (1938); in: Trotsky Writings 1937-38
- \_\_\_ Anti-Imperialist Struggle is Key to Liberation. An Interview with Mateo Fossa (1938); in: Writings of Leon Trotsky 1938-39
- \_\_\_ Fight Imperialism to Fight Fascism (1938); in: Writings of Leon Trotsky, Vol. 1938-39
- \_\_\_ Petty-Bourgeois Democrats and Moralizers (1938-39); in: Writings of Leon Trotsky, Supplement 1934-40
- \_\_\_ For A Courageous Reorientation (1939), in: Writings of Leon Trotsky, 1938-39
- \_\_\_ Lenin on Imperialism (February 1939), in: Writings of Leon Trotsky, Vol. 1938-39, Pathfinder Press, New York 1974
- \_\_\_ Progressive Paralysis. The Second International on the Eve of the New War (1939), in: Writings of Leon Trotsky, 1939-40
- \_\_\_ A step towards social patriotism (1939), in: Writings of Leon Trotsky, 1938-39
- \_\_\_ The "Tanaka Memorial" (1940), in: Trotsky Writings 1939/40, <http://www.marxists.org/archive/trotsky/1940/01/tanaka.htm>
- \_\_\_ and G. Zinoviev, Yevdokimov: Resolution of the All-Russia Metal Workers Union (1927); in: Leon Trotsky: The Challenge of the Left Opposition (1926-279)
- Trotskyist Faction: XI Conferencia De La FT: Tensiones económicas e inestabilidad política. Documento sobre situación internacional discutido en la XI Conferencia de la FT, 22.3.2018, 2018, <http://www.laizquierdadiario.com/Tensiones-economicas-e-inestabilidad-politica>
- \_\_\_ Die Welt im Jahr 2018 (Teil 1): Wirtschaftliche Spannungen und politische Instabilität, <https://www.klassegegenklasse.org/die-welt-im-jahr-2018-teil-1-wirtschaftliche-spannungen-und-politische-instabilitaet/>
- \_\_\_ Stop Bombing Syria! Nothing good can come of this bombing or any other imperialist military intervention, April 14, 2018 <http://www.leftvoice.org/Stop-Bombing-Syria>
- Tyulkin, Viktor: Some words on the Russian imperialism, 09.10.2017, <https://trkrp-rpk.ru/2017/10/09/%D0%BD%D0%B5%D1%81%D0%BA%D0%BE%D0%B-B%D1%8C%D0%BA%D0%BE-%D1%81%D0%BB%D0%BE%D0%B2-%D0%BE-%D1%80%D0%BE%D1%81%D1%81%D0%B8%D0%B9%D1%81%D-0%BA%D0%BE%D0%BC-%D0%B8%D0%BC%D0%BF%D0%B5%D1%80%D0%B8%D0%B0%D0%BB/>
- UK foreign secretary warns of 'First World War risk' in Middle East, 20 November 2018 <https://www.middleeasteye.net/news/britains-hunt-warns-another-first-world-war-middle-east-2121358881>
- Union Bank of Switzerland / PricewaterhouseCoopers: New visionaries and the Chinese Century. Billionaires insights 2018
- \_\_\_ UBS/PwC Billionaires Report 2018: Total billionaire wealth grows 19 percent to a record USD 8.9 trillion, 26 October 2018, <https://www.ubs.com/global/en/ubs-news/r-news-display-ndp/en-20181026-billionaires-report-2018.html>
- United Communist Party (Russia): UCP commentary about destruction of statues in Palmira, [https://vk.com/wall-9225\\_48085](https://vk.com/wall-9225_48085)
- \_\_\_ Заявление Президиума ЦК ОКП: Мы отвергаем территориальные уступки, осуществленные против воли трудящихся, 21 Дек. 2016 <http://ucp.su/category/news/683-my-otvergaem-territorialnye-ustupki-osushestvlyenny/> (Statement of the Presidium of the CC OKP: We reject territorial concessions made against the will of

- the working people, 21 December 2016)
- United Nations Department of Economic and Social Affairs: The World Population Situation in 2014. A Concise Report, United Nations, Department of Economic and Social Affairs, New York, 2014
- \_\_\_\_ Population 2030. Demographic challenges and opportunities for sustainable development planning, United Nations, Department of Economic and Social Affairs, New York, 2015
- \_\_\_\_ World Population Prospects, The 2017 Revision. Key Findings and Advance Tables, United Nations Department of Economic and Social Affairs, Population Division, New York, 2017
- United Nations: International Migration Report 2017, Highlights, Department of Economic and Social Affairs of the United Nations, New York 2017
- UNCTAD: World Investment Report 1994
- \_\_\_\_ Trade and Development Report 2016, New York and Geneva, 2016
- \_\_\_\_ Trade and Development Report 2017, New York and Geneva, 2017
- \_\_\_\_ Trade and Development Report 2018, New York and Geneva, 2018
- \_\_\_\_ World Investment Report 2018
- UNICEF: Results of the 1999 Iraq Child and Maternal Mortality Surveys, Federation of American Scientists, [fas.org/news/iraq/1999/08/990812-unicef.htm](https://fas.org/news/iraq/1999/08/990812-unicef.htm)
- UNIDO: Industrial Development Report 2002/2003. Competing through Innovation and Learning
- \_\_\_\_ Industrial Development Report 2013
- \_\_\_\_ Industrial Development Report 2018. Demand for Manufacturing: Driving Inclusive and Sustainable Industrial Development
- U.S. Bureau of Labor Statistics, Real GDP per Capita in the Republic of Korea (South Korea), retrieved from FRED, Federal Reserve Bank of St. Louis; <https://fred.stlouisfed.org/series/KORRGDPC>, September 17, 2018
- U.S. Department of Defense: Casualty Status as of 10 a.m. EST Nov. 21, 2018, <https://dod.defense.gov/News/Casualty-Status/>
- U.S. to blame if any South China Sea clash: Chinese researcher, January 9, 2019, <https://www.reuters.com/article/us-china-usa-military/u-s-to-blame-if-any-south-china-sea-clash-chinese-researcher-idUSKCN1P31CK>
- Vagenas, Elisseos: The Military-Political Equation in Syria, (Extensive excerpts from the article published in "Kommounistiki Epitheorisi", the political-theoretical journal of the CC of the KKE, issue 1 of 2016), <https://inter.kke.gr/en/articles/THE-MILITARY-POLITICAL-EQUATION-IN-SYRIA/>
- Vargas-Silva, Carlos: Global International Migrant Stock: The UK in International Comparison (2011), [www.migrationobservatory.ox.ac.uk](http://www.migrationobservatory.ox.ac.uk)
- Velde, Dirk Willem te: Foreign Direct Investment and Development. A historical perspective, 30 January 2006, Background paper for 'World Economic and Social Survey for 2006', Overseas Development Institute
- Velychenko, Stephan: The Size of the Imperial Russian Bureaucracy and Army in Comparative Perspective, in: Jahrbücher für Geschichte Osteuropas, Vol. 49 (2001), No. 3
- Villain, Jean: Die großen 72 Tage. Ein Report von Jean Villain über die Pariser Kommunarden, Verlag Volk und Welt, Berlin 1981
- Vogel, Steffen: Linke Sammlungsbewegung: Falsches Vorbild Mélenchon, aus: »Blätter« 3/2018, <https://www.blaetter.de/archiv/jahrgaenge/2018/maerz/linke-sammlungsbewegung-falsches-vorbild-melenchon>
- Vogt, Gabriele: Bevölkerungsentwicklung in Japan: Fokus Migration, Berlin-Instituts für Bevölkerung und Entwicklung, 2008

- Wagenknecht, Sahra: "Offene Grenzen für alle - das ist weltfremd", Interview mit Sahra Wagenknecht, erschienen im FOCUS am 10.02.2018, <https://www.sahra-wagenknecht.de/de/article/2713.offene-grenzen-f%C3%BCr-alle-das-ist-weltfremd.html>
- Wang, Ban (Ed.): Chinese Visions of World Order. Tianxia, Culture, and World Politics, Duke University Press, Durham and London 2017
- Wang, Brian: China development compared to Japan, South Korea and Taiwan, March 31, 2014 <https://www.nextbigfuture.com/2014/03/china-development-compared-to-japan.html>
- Wang, Gungwu and Zheng Yongnian: China and the New International Order, Routledge, New York 2008;
- Wang Mingming: All under heaven (tianxia). Cosmological perspectives and political ontologies in pre-modern China, in: HAU: Journal of Ethnographic Theory 2 (1)
- Watts, Gordon: Hope springs eternal for a China-US trade deal, November 9, 2018 <http://www.atimes.com/article/hope-springs-eternal-for-a-china-us-trade-deal/>
- Meng arrest and Huawei claims illustrate China's high-tech dilemma, December 12, 2018 <http://www.atimes.com/article/meng-arrest-and-huawei-claims-illustrate-chinas-high-tech-dilemma/>
- Weir, Fred: Kremlin frets as Russia's once restive Islamist region takes up political Islam, September 20, 2017 <https://www.csmonitor.com/World/Europe/2017/0920/Kremlin-frets-as-Russia-s-once-restive-Islamist-region-takes-up-political-Islam>
- Westwood, J. N.: Russia against Japan, 1904-1905: A New Look At the Russo-Japanese War, State University of New York, 1986
- WFTU on the Situation in S.E. Mediterranean, 12 Apr 2018, <http://www.wftucentral.org/wftu-on-the-situation-in-s-e-mediterranean/>
- White House Office of Trade and Manufacturing Policy: How China's Economic Aggression Threatens the Technologies and Intellectual Property of the United States and the World, June 2018
- Why Communist China Is Home to So Many Billionaires, November 29, 2018, <http://fortune.com/2018/11/29/communist-china-billionaires-jack-ma/>
- Wiener, Johannes: In Response to the Self-Proclaimed "Leadership" of the World Socialist Movement. A Reply to the Recent Polemic of the ICFI/WSWS against the RCIT, 30 April 2016, <https://www.thecommunists.net/theory/reply-to-wsww-long/>
- and Ime Berisha: Freedom and Self-Determination for Kosova! Down with the Government of Isa Mustafa Hashim Thaçi, Lackeys for the Rich and Imperialism! 31.01.2015, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/freedom-for-kosova/>
- Wijk, Rob de: Power Politics. How China and Russia Reshape the World, Amsterdam University Press B.V., Amsterdam 2015; Robert Ross: Naval superpower race: China 'to overtake US in 15 years'. November 28, 2018 <http://www.atimes.com/article/naval-superpower-race-china-to-overtake-us-in-15-years/>
- Wikipedia: Fortune Global 500, [https://en.wikipedia.org/wiki/Fortune\\_Global\\_500](https://en.wikipedia.org/wiki/Fortune_Global_500)
- Wilkins, Mira: The History of Foreign Investment in the United States, 1914-1945, Harvard University Press, Cambridge 2004
- Williams, Brian Glyn: Inferno in Chechnya, University Press of New England 2015
- Who Owns Russia: 32 Largest Business Groups Make 51% of GDP, Emerging Markets Venue, July 12, 2010, [http://www.emergingmarketsvenue.com/2010/07/12/russian\\_business\\_groups/](http://www.emergingmarketsvenue.com/2010/07/12/russian_business_groups/)
- Wolter, Heinz: Die Alternativkonzeption der Sozialdemokratie zum außenpolitischen Kurs Bismarcks nach 1871, in: Ernst Engelberg (Ed.): Diplomatie und Kriegspolitik vor und nach der Reichsgründung, Akademie-Verlag, Berlin 1971



- Woods, Alan: Marxism and the State, International Marxist Tendency, December 2008, <http://www.marxist.com/marxism-and-the-state-part-one.htm>
- Wolfe, Bertram: War Comes to Russia, in: The Russian Review Vol. 22 (1963), No. 2
- Wong, Lawrence: China and nationalism, Letters, Socialist Review, Issue: October 2018 <http://socialistreview.org.uk/439/china-and-nationalism>
- World Bank, Development Research Center of the State Council, the People's Republic of China: China 2030. Building a Modern, Harmonious, and Creative High-Income Society, Washington 2013
- World party leaders congratulate China on CPC congress, 2012/11/08, <http://dm.china-embassy.org/eng/zt/sbd/t987943.htm>
- World Trade Organization: World Trade Report 2017. Trade, technology and jobs  
 \_\_\_\_\_ World Trade Statistical Review 2018
- Wright, Logan, Daniel Rosen: Credit and Credibility – Risks to China's Economic Resilience, Center for Strategic and International Studies, October 2018
- Wygodski, S.L.: Der gegenwärtige Kapitalismus (1969), Berlin 1972
- Xi inspects PLA Southern Theater Command, stresses advancing commanding ability, Xinhua, 2018-10-26 [http://www.xinhuanet.com/english/2018-10/26/c\\_137561097.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2018-10/26/c_137561097.htm)
- Xie, Jun: China's social net wealth second highest, while imbalances need attention, Global Times, 2018/12/27 <http://www.globaltimes.cn/content/1133892.shtml>
- Xinhua: Roundup: Venezuelan analysts say Communist Party of China's leadership remarkable, 2016-07-11, [http://www.xinhuanet.com/english/2016-07/11/c\\_135504402.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2016-07/11/c_135504402.htm)
- Xinhua: CPC newspaper says China should "grasp historic opportunity", 15.01.2018, [http://www.xinhuanet.com/english/2018-01/15/c\\_136897189.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2018-01/15/c_136897189.htm)
- Yamanouchi, Akito "Internationalized Bolshevism" : The Bolsheviks and the International, 1914-1917, in: Acta Slavica Iaponica Vol.7 (1989)
- Yanfei, Wang: China should reduce restrictions on foreign capital, senior economists say, China Daily, 2017-09-25, [http://www.chinadaily.com.cn/business/2017-09/25/content\\_32448925.htm](http://www.chinadaily.com.cn/business/2017-09/25/content_32448925.htm)
- Yaresh, Leo: The "Peasant Wars" in Soviet Historiography, in: American Slavic and East European Review, Vol. 16, No. 3 (October 1957)
- Yu, Au Loong: Strength and Contradictions of the Chinese Economy: An Interview With Au Loong Yu, September 13, 2018, <http://www.leftvoice.org/Strength-and-Contradictions-of-the-Chinese-Economy-An-Interview-With-Au-Loong-Yu>
- Zhe, Zhan Dou and Dan Morley: Where is China going: back to the planned economy or strengthening capitalism? 30 November 2017 <https://www.marxist.com/where-is-china-going-back-to-the-planned-economy-or-strengthening-capitalism.htm>
- Zheng Yongnian (Ed.): China and International Relations. The Chinese view and the contribution of Wang Gungwu, Routledge, New York 2010
- Zhu, Wenqian: Beijing listed as billionaire capital of world once again, China Daily, 2017-03-08, [http://www.chinadaily.com.cn/business/2017-03/08/content\\_28470987.htm](http://www.chinadaily.com.cn/business/2017-03/08/content_28470987.htm)
- Zinoviev, Gregory: Die russische Sozialdemokratie und der russische Sozialchauvinismus (1915); in: W. I. Lenin/G. Sinowjew: Gegen den Strom. Aufsätze aus den Jahren 1914-1916, Hamburg 1921
- \_\_\_\_\_ Pazifismus oder Marxismus (Böse Folgen einer Losung.), in: G. Sinowjew / V. I. Lenin: Gegen den Strom, Verlag der Kommunistischen Internationale, Hamburg 1921 (In English: Pacifism or Marxism (The Misadventures of a Slogan), in: Spartacist English edition No. 64, Summer 2014, <http://www.icl-fi.org/english/esp/64/zinoviev.html>)

- \_\_\_\_ Der ‚Defaitismus‘ früher und heute (1916); in: Lenin/Sinowjew: G. Sinowjew / V. I. Lenin: Gegen den Strom, Verlag der Kommunistischen Internationale, Hamburg 1921
- \_\_\_\_ Der Krieg und die Krise im Sozialismus, Verlag für Literatur und Kritik, Wien 1924
- Zucman, Gabriel: The Missing Wealth of Nations: Are Europe and the U.S. Net Debtors or Net Creditors? in: The Quarterly Journal of Economics (2013)
- Zyuganov, Gennady: The crisis in Ukraine and its deep roots, September 2014, <http://cprf.ru/2014/09/1108/> CPRF \_\_\_\_ Президент Сирии Башар Асад высоко оценил помощь КППФ и ее лидера Г.А. Зюганова, 25.10.2015, <https://kprf.ru/dep/gosduma/activities/147743.html>
- \_\_\_\_ Сирия: Так было и так будет! 17.04.2018, <https://kprf.ru/party-live/opinion/174882.html>
- Зюганов попросил признать Донбасс территорией России (Zyuganov asked to recognize the Donbass as territory of Russia), dp.ru, 11.09.2018, <https://www.msn.com/ru-ru/news/featured/%D0%B7%D1%8E%D0%B3%D0%B0%D0%B-D%D0%BE%D0%B2-%D0%BF%D0%BE%D0%BF%D1%80%D0%BE%D1%81%D0%B8%D0%BB-%D0%BF%D1%80%D0%B8%D0%B7%D0%B-D%D0%B0%D1%82%D1%8C-%D0%B4%D0%BE%D0%B-D%D0%B1%D0%B0%D1%81%D1%81-%D1%82%D0%B5%D1%80%D1%80%D0%B8%D1%82%D0%BE%D1%80%D0%B8%D0%B5%D0%B9-%D1%80%D0%BE%D1%81%D1%81%D0%B8%D0%B8/ar-BBN8FXU> (our translation)

## Sobre o autor

Michael Pröbsting nasceu em Viena (Áustria) em 1967. Tornou-se politicamente ativo aos 14 anos e é um militante trotskista organizado desde os 16 anos. Após cinco anos como membro do *Secretariado Unificado da Quarta Internacional* de Ernest Mandel, ingressou na *Liga para uma Internacional Comunista Revolucionária* (mais tarde renomeada para *Liga para a Quinta Internacional*) em fevereiro de 1989. Serviu nos órgãos de liderança da seção austríaca desde 1989 e do LICR / LQI desde 1994, até que ele e seus camaradas de luta foram expulsos pela maioria desta organização em abril de 2011. Logo depois disso, eles fundaram a Organização Comunista Revolucionária para a Libertação na Áustria e a Corrente Comunista Revolucionária Internacional, que tem seções, ativistas e organizações fraternas em 18 países em todos os países. continentes. Ele atua como Secretário Internacional da CCRI.

Como parte de seu trabalho político internacional, Michael Pröbsting passou longos períodos na Palestina Ocupada (Israel) em 1985, na Alemanha Oriental durante o processo político revolucionário de 1989-91, na Grã-Bretanha em 1994 e durante o período revolucionário na Argentina em 2002. Em além disso, ganhou experiência em movimentos operários e anti-imperialistas durante visitas a vários países da América Latina, Oriente Médio, África, Europa e América do Norte.

Michael Pröbsting é autor de muitos artigos e panfletos em alemão e inglês, dos quais vários foram traduzidos em outros idiomas. Seus livros são:

\* *Rosa Luxemburg – "Ich bin ein Land der unbeschränkten Möglichkeiten"* (Co-Author, 1999)

\* *The Credit Crunch – A Marxist Analyses* (Co-Author, 2008)

\* *Marxismus, Migration und revolutionäre Integration* (2010)

\* *Die halbe Revolution. Lehren und Perspektiven des arabischen Aufstandes* (2011)

\* *The Great Robbery of the South. Continuity and Changes in the Super-Exploitation of the Semi-Colonial World by Monopoly Capital Consequences for the Marxist Theory of Imperialism* (2013)

\* *Cuba's Revolution Sold Out? The Road from Revolution to the Restoration of Capitalism* (2013)

\* *Building the Revolutionary Party in Theory and Practice* (2014)

\* *Greece: A Modern Semi-Colony. The Contradictory Development of Greek Capitalism* (2015)

\* *Marxism and the United Front Tactic Today* (2016)

\* *World Perspectives 2018: A World Pregnant with Wars and Popular Uprisings* (2018)

\* *Anti-Imperialism in the Age of Great Power Rivalry* (2019)









No *anti-imperialismo na Era da Rivalidade das Grandes Potências*, Michael Pröbsting analisa a acelerada rivalidade entre as Grandes Potências imperialistas - EUA, China, UE, Rússia e Japão. Ele mostra que as disputas diplomáticas, sanções, guerras comerciais e tensões militares entre essas Grandes Potências não são acidentais ou causadas por um louco na Casa Branca. Essas disputas estão bastante enraizadas nas contradições fundamentais do sistema capitalista. Essa rivalidade é uma característica fundamental do atual período histórico e pode, em última instância, resultar em guerras de grande escala entre essas Grandes Potências.

*Anti-imperialismo na Era da Rivalidade das Grandes Potências* demonstra a validade da análise marxista do imperialismo moderno. Usando material abrangente (incluindo 61 tabelas e quadros), Michael Pröbsting analisa que um entendimento correto da ascensão da China e da Rússia como novas Grandes Potências é crucial para avaliar o caráter da atual rivalidade inter-imperialista.

No *anti-imperialismo na Era da Rivalidade das Grandes Potências* Michael Pröbsting discute criticamente a análise do imperialismo moderno por vários partidos de esquerda (social-democratas de esquerda, estalinistas, trotskistas e outros). É demonstrado que a maioria dessas organizações não entende a natureza da rivalidades das Grandes Potências e, conseqüentemente, não é capaz de assumir uma postura internacionalista e revolucionária.

O autor analisa como é a abordagem das principais figuras marxistas como Lenin, Trotsky e Luxemburgo para os problemas da rivalidade das Grandes Potências e da agressão imperialista contra os povos oprimidos. Ele descreve para o período atual um programa marxista que é essencial para quem quer mudar o mundo e alcançar um futuro socialista.



Michael Pröbsting é um ativista revolucionário há mais de 35 anos. É autor de muitos artigos e panfletos em inglês e alemão. Publicou vários livros que tratam de questões do capitalismo moderno e da luta de classes, da história do movimento operário, assim como sobre questões da teoria marxista. Michael Pröbsting é o Secretário Internacional da *Corrente Comunista Revolucionária Internacional*.